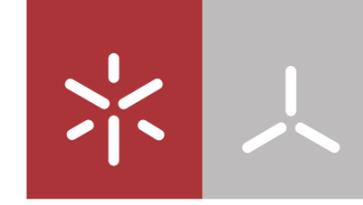




Atlas Manuel Botelho
Processo de reconhecimento da obra, do acervo e do autor
[Volume II]

UMinho | 2022



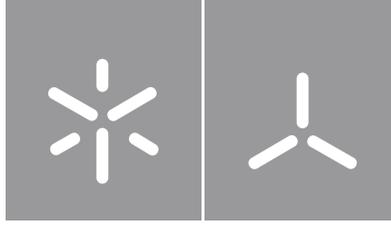
Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Bruno Miguel Pinto Castro

Atlas Manuel Botelho
Processo de reconhecimento da obra, do acervo e do autor

[Volume II]

janeiro de 2022



Universidade do Minho

Escola de Arquitetura, Arte e Design

Bruno Miguel Pinto Castro

Atlas Manuel Botelho

Processo de reconhecimento da obra, do acervo e do autor

[Volume II]

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitetura
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Carlos Alberto Maia Dominguez

SIGLAS E ACRÓNIMOS

FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

LAB2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território

EAAD - Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho

FIMS - Fundação Instituto Marques da Silva

Arq. to - arquiteto

P - projeto

M - mesa

C - cadeira

Mo - móvel

E - espelho

Ca - candeeiro

Ac - acessório de wc e cozinha

Cr - caixa de relógio de mesa

B - biombo

I - Insígnias Episcopais

Es - escultura

T - texto

A - aula

AP – apresentação de projeto

ÍNDICE

Siglas e Acrónimos

Índice

Índice detalhado

0. Nota introdutória	12
I. Curriculum Vitae	18
II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos	34
III. Textos Manuel Botelho + Textos outros autores + Teses sobre a obra do arquiteto Manuel Botelho + Poemas pseudónimo Vergílio	324
IV. Apresentação de projeto	678
V. Aulas	698
Referências	835
Lista e Créditos de Imagens	836

ÍNDICE DETALHADO

0. Nota Introdutória	12
I. CURRICULUM VITAE	18
1.1. Dados Biográficos	19
1.2. Atividade Pedagógica	20
1.2.1. Atividade docente	20
1.2.2. Acompanhamento de alunos na Prova Final do Curso	21
1.2.3. Arguências em Provas Finais do Curso	23
1.2.4. Relatório de estágio	23
1.2.5. Participação na Gestão Democrática	23
1.2.6. Extensão Universitária	24
1.3. Atividade Científica	24
1.3.1. Preparação do Doutoramento	24
1.3.2. Intervenções em Congressos e Seminários	24
1.4. Participação em Exposições	25
1.5. Trabalhos Premiados	25
1.6. Nomeações para Prémios de Arquitetura	26
1.7. Prémios e distinções	26
2. Formação em Itália	27
II. PROJETOS, DESENHO DE MOBILIÁRIO E OUTROS OBJETOS	34
2A. Projetos	36
P1. Remodelação da Capela do Seminário Maior de Lamego	36
P2. Capela de São José	38
P3. Casa do Povo de Moimenta da Beira	42
P4. Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento	44
P5. Mercado Municipal de Moimenta da Beira	47
P6. Igreja de Nossa Senhora de Loures	52
P7. Casa Dr. Lima Teles	54
P8. Casas em Vila de Rua	56
P9. Casa Dr. Barroso Pires	58
P10. Centro Social de Vila de Rua	61
P11. Capela Mor da Igreja de Penajóia	63
P12. Casa José Pereira Lopes	66
P13. Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire	68
P14. Casa Ricardo Noronha Lima Teles	70
P15. Casa Dr. João Machado	74
P16. Centro Cívico de Nespereira	78
P17. Casa Eng.º Nunes de Sousa	82
P18. Concurso para as Novas Instalações da FEUP	86
P19. Reorganização da Igreja Matriz de Ovar	88
P20. Igreja dos Congregados Braga	90
P21. Casa e Farmácia Silva Rocha	92
P22. Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira	97
P23. Casa Eng. José Maria Mendes Cardoso	101
P24. Quatro Casas em Valadares	103
P25. Centro de Talassoterapia	106

P26. Lar de Idosos e Convento de A-De-Barros	109
P27. Casa Maia Ribeiro	111
P28. Hipermercado <i>Feira Nova</i>	115
P29. Recuperação da Casa própria	118
P30. Concurso de ideias para Conjunto de habitação social em Leça da Palmeira	121
P31. Remodelação de uma casa em Lisboa	123
P32. Arranjo da Praça de Touros de Póvoa de Varzim e Envolvente	125
P33. Casas Eng.º Matos de Almeida_e_Eng.º A. Pina	127
P34. Projeto de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro	131
P35. Concurso para a elaboração de um relatório - diagnóstico e proposta de reorganização funcional da Igreja e mosteiro de Grijó	138
P36. Recuperação da cobertura de casa em Cascais	142
P37. Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa	145
P38. Concurso para a elaboração do projeto das Instalações do Centro de Saúde de Cinfães	149
P39. Arranjo de um apartamento na Avenida Fernão de Magalhães	153
P40. Arranjo Capela de Nossa Senhora da Conceição	156
P41. Casa Dr. Adão Sequeira	162
P42. Concurso para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja	165
P43. Farmácia em Nespereira	167
P44. Remodelação da Capela Mor da Sé do Porto	170
P45. Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição	173
P46. Concurso de Ideias para o Centro Turístico –Comercial da Régua	176
P47. Concurso Internacional para o Centro de Ciência e Tecnologia do Mar	179
P48. Casa Dr. Paulo Pires	181
P49. Concurso Público de adaptação da Fábrica dos Leões para Residência Universitária da Universidade de Évora	186
P50. Casa Paroquial de Vila de Rua	188
P51. Arranjo de um local exterior para Celebrações litúrgicas na Paróquia de São Mateus – Ilha do Pico	190
P52. Casa Natividade	194
P53. Recuperação e adaptação da Casa do Poço para Museu e Arquivo Diocesanos	197
P54. Jazigo Família Botelho	200
P55. Escola Profissional Agrícola de Lamego	203
P56. Casa de S. José	207
P57. Remodelação da Capela do Paço Episcopal	208
P58. Concurso para o Projeto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da Universidade de Coimbra	212
P59. Concurso Internacional para elaboração do Projeto de Remodelação do Cine-Teatro Constantino Nery	215
P60. Remodelação de Instalação Sanitária	219
P61. Habitação Sr. Orlando Maia	221
P62. Remodelação e ampliação da casa da Família Botelho	223
P63. Casa Dr. Américo	226
P64. Remodelação de um apartamento nas Antas	228
P65. Concurso para o Projeto do Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora	230
P66. Remodelação de cozinha em apartamento em Lisboa	250

2B. Desenho de mobiliário e outros objetos

252

2.1. Mesas	252
M1. Credência	252
M2. Mesa de parede	254
M3. Mesa	255
M4. Mesa I	256
M5. Mesa II	257
2.2. Cadeiras	258
C1. Banco	258
C2. Cadeira	259

C3. Cadeira estofada a cabedal	261
2.3. Móveis	262
Mo1. Arca de madeira	262
Mo2. Carrinho de apoio	263
Mo3. Contador	264
Mo4. Móvel de quarto	265
Mo5. Estante com mesa de trabalho	266
Mo6. Móvel de casa de banho	267
Mo7. Vitrine	268
2.4. Espelhos	270
E1. Espelho de parede	270
E2. Espelho com prateleira	271
E3. Espelho	272
2.5. Candeeiros	273
Ca1. Candeeiro de mesa de bilhar	273
Ca2. Candeeiro de embutir na parede	274
Ca3. Candeeiro de parede	275
Ca4. Candeeiro de pé alto	276
Ca5. Candeeiro de teto	277
Ca6. Suporte de candeeiro	278
2.6. Acessórios de w.c. e cozinha	279
Ac1. Apoio de prateleira de lavabo	279
Ac2. Apoios lavatório I	280
Ac3. Apoios lavatório II	281
Ac4. Barra de cozinha	282
Ac5. Acessórios de W.C.	283
Ac6. Saboneteira	284
Ac7. Toalheiro de argola	285
2.7. Caixa de relógio de mesa	286
Cr1. Caixa de relógio de mesa	286
2.8. Biombo-porta	288
B1. Porta biombo	288
2.9. Insignias Episcopais-Armas, Báculo, Anel, Cruz Peitoral e Mitra	289
I1. Báculo D. António Rafael - Bispo de Bragança-Miranda	289
I2. Báculo D. Jacinto Botelho - Bispo de Lamego	291
I3. Báculo D. Francisco Alves - Arcebispo de Évora	294
I4. D. António Francisco dos Santos - Bispo do Porto	297
I5. D. António Couto - Bispo de Lamego	300
I6. D. António Azevedo - Bispo de Vila Real	304
I7. D. António Taipa - Bispo Auxiliar do Porto	309
I8. D. Manuel Linda - Bispo do Porto	310
2.10. Escultura	311
Es1. "A tentação do desvio tangencial"	311

III. Textos Manuel Botelho e de outros autores **324**

3A. Textos Manuel Botelho **326**

T1. Aprender Arquitetura? O Como e o Quê?	326
T2. Charles Batteux	332
T3. Vitruvius- Alberti- "De Architectura-De Re edificatoria"	335
T4. "Espaço da Vida" (A necessidade da habitação é ininterrupta_Walter Benjamin)	339
T5. Hegel	340
T6. "Interioridade do espaço"	345
T7. Kant	347
T8. "Método do projeto em Arquitetura"	351

T9. “Para não cairmos na ilusão de Nietzsche”	353
T10. “A Arquitetura de Palladio”	356
T11. Rotura, Continuidade e memória na cidade em transformação	359
T12. Arquitetura e Identidade	365
T13. Como se organiza o espaço para a celebração	367
T14. Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética	377
T15. Espaço e materiais da construção sacra. Ambiência celebrativa	386
T16. Parecer	397
T17. Linguagens de Arquitectura e Destinatários	399
T18. Comunicação sobre Arquitectura Sacra	402
T19. Reorganização Do Espaço Litúrgico Da Sé Catedral Do Porto	406
T20. Da Projectualidade Em Arquitetura	410
T21. O Pavilhão Carlos Ramos não é só um pavilhão...	412
T22. Apresentação de duas casas na Faculdade de Arquitectura de Módena	417
T23. Da Poética na Arquitetura	423
T24. Uma Casa Unifamiliar Em Castelo Da Maia	432
T25. Primeiras Obras, Prémios Nacionais de Arquitectura 1988	436
T26. JA n° 157	446
T27. Relatório do trabalho de investigação do Arq. Manuel Tomás de Carvalho Botelho em ordem ao Doutoramento	453
T28. Pequeno texto sobre casa da Maia	455
T29. Guião de visita com alunos do 1º ano às casas - Possui pequeno texto de enquadramento das casas da Maia, da Régua e de Alvarenga	461
T30. Pequeno Texto de apresentação do Quartel sede dos Bombeiros de Nespereira	468
T31. Pequeno Texto de apresentação da Casa Eng.º Nunes de Sousa, Porto	469
T32. Pequeno Texto de apresentação da Farmácia de Caíde	470
T33. Memória Descritiva da Candidatura para o arranjo do Bairro do Lagarteiro	471
T34. Manuscrito ditado por Manuel Botelho de Carta a enviar pelo comandante dos Bombeiros ao empreiteiro	479
T35. Aprender a Projetar Arquitetura	483
T36. O Corpo do Mundo	487
T37. Parecer - uso de ocupação da quinta da barroca no plano de urbanização de Lamego	489
T38. Apontamentos para a apresentação da prova final	492
T39. Sobre a arquitectura de Pitágoras 4	495
T40. Casa do Poço- Renovação e Memória	499
T41. Sobre a construção da Sé - Catedral de Bragança	517
T42. Apontamentos da Conferência na Livraria Almedina	518

3B. Textos do Arq.to Manuel Botelho e outros autores, onde são referidos os projetos do arquiteto Manuel Botelho

521

T43. Em Torno das Primeiras Obras	521
T44. O Simulacro do Risco	525
T45. Case in Portogallo: 1	528
T46. Casas atlânticas, Galicia y norte de Portugal	534
T47. Pontos de referência: A exposição de Arquitectura na Europália	540
T48. Algumas notas sobre o trabalho do Júri, Prémio Secil 1996	543
T49. Casa Eng. Nunes de Sousa – Porto	553
T50. Revista de los Colegios Oficiales de Castilla y Leon Este, Leon, Castilla la Mancha y Cantabria	561
T51. Habitações Contemporâneas	565
T52. Guia da Arquitectura Moderna - Casa Eng. Nunes de Sousa – Porto	569
T53. in Páginas Brancas, esbap / faup, 1986	573
T54. in Páginas Brancas II, aefaup, 1992	580
T55. AA. VV., Prémio Sécil de Arquitectura 2002, Ordem dos Arquitectos, Lisboa	587
T56. Casa no Castelo da Maia	590
T57. Casas + Interiores Norte	592

T58. Architettura portoghese: la generazione recente	599
T59. Casa Luis Barroso Pires, Ponte Da Barca	602
T60. Dois Báculos para Dois Bispo	619
T61. Carta sobre o Báculo de Dom Jorge Ortiga	620
T62. Aniversário do Douro Vinhateiro na Régua	624
T63. Construções no Douro sob o Olhar do IPPAR	625
T64. Câmara Municipal do Porto. D.S.U.- Divisão da Carta da Cidade	626
T65. Arquitecto Manuel Botelho vence primeiras obras	627
T66. Arquitetura	628
T67. Vivenda premiada a nível nacional	629
T68. Alunos de Arquitetura embelezam estações CP	630
T69. Prémio de Arquitetura	631
T70. Prémios de Arquitetura	632
T71. Arquitecto Manuel Botelho vence primeiras obras	633
T72. Primeiras obras SNBA	634
T73. Prémios para arquitetos	635
T74. Vivenda de Ponte da Barca conquista Prémio Nacional	636
T75. Vivenda no Minho ganha Prémio Nacional de Arquitetura	637
T76. Exposições - Prémios de Arquitetura	638
T77. Prémio à primeira	639
T78. Ponte da Barca - Vivenda ganha prémio nacional	640
T79. Prémio Nacional de Arquitetura para uma vivenda de Ponte da Barca	641
T80. Arquitetura premiada em Ponte da Barca	642
T81. Casa Paulo Pires	643
T82. 10 anos Prémio Arquitetura do Douro	644

3C. Teses sobre a obra do Arquitecto Manuel Botelho **646**

T83. Manuel Botelho Casas	646
T84. Contributos para o (re)conhecimento da obra de Manuel Botelho	650
T85. Dos ' Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea '	654

3D. Poemas pseudónimo Vergílio (Manuel Botelho) **657**

T86. Morro-Me	657
T87. Beijo	658
T88. Saudade	659
T89. Riscar palavras	660
T90. Palimpsesto	661
T91. Os deuses	662
T92. Canto de Primavera	663
T93. Onde estás? (homenagem a Aquila)	664
T94. Viagem	665
T95. Beijo Triste	666
T96. De olhos fechados	667
T97. Pesadelo	668
T98. Ser livre	669
T99. Ausência	670
T100. Sentir A Luz	671
T101. Deserto	672
T102. Páscoa	673
T103. O teu perfume	674

IV. Apresentação de projeto **678**

V. Aulas **698**

A1. 14/10/2009	700
A2. 21/10/2009	702
A3. 25/11/2009	704
A4. 02/12/2009	706
A5. 27/01/2010	708

A6. 03/02/2010	710
A7. 21/04/2010	712
A8. 19/05/2010	714
A9. 15/06/2010	716
A10.11/11/2019	719
A11. 23/03/2011	720
A12. 24/05/2013	723
A13. 24/05/2013	726
A14. 24/05/2013	729
A15. 24/05/2013	732
A16. 10/05/2011	738
A17. 05/06/2013	741
A18. 05/06/2013	743
A19. 07/02/2014	747
A20. 28/02/2007	748
A21. 18/05/2010	752
A22. 07/10/2009	754
A23. 13/10/2010	756
A24. 14/10/2009	758
A25. 20/10/2009	760
A26. 20/10/2009	762
A27. 20/10/2009	763
A28. 25/11/2009	765
A29. 27/01/2010	767
A30. 03/02/2010	769
A31. 01/02/2012	771
A32. 25/11/2010	772
A33. 02/12/2009	774
A34. 21/04/2010	776
A35. 15/06/2010	778
A36. 15/06/2011	781
A37. 19/05/2010	785
A38. 01/11/2011	787
A39. 01/11/2011	789
A40. 21/04/2010	790
A41. 19/10/2015	792
A42. 06/06/2012	793
A43. 14/01/2009	796
A44. 27/01/2009	798
A45. 21/06/2015	799
A46. 02/12/2009	802
A47. 14/01/2009	804
A48. 27/01/2009	806
A49. 30/01/2007	807
A50. 25/11/2009	808
A51. 21/04/2010	810
A52. 25/11/2009	812
A53. 02/12/2009	814
A54. 18/05/2010	815
A55. 24/01/2008	817
A56. 06/10/2010	818
A57. 20/10/2010	820
A58. 25/11/2010	821
A59. 15/06/2011	823
A60. 06/10/2010	827
A61. 02/12/2008	829
A62. 02/12/2008	831

Referências 835

Lista e Créditos de Imagens 836

“Eu gosto de desenhar com traços grossos, com lápis 6B, com mina mole. Acho bonito, dão expressão. (...) E descubro ali coisas que estão lá escondidas. Eu não sei se era o Miguel Ângelo ou Rafael que dizia que olhar para as manchas das paredes era inspirador, porque podemos descobrir imagens fantásticas.”¹

1- Entrevista realizada pelo Arquiteto Jorge Reis, Abril de 2016, no âmbito da dissertação de Mestrado “Manuel Botelho Casas”.



Cortesia Manuel Botelho

0.

Nota introdutória

Estrutura da dissertação

A estrutura desta dissertação encontra-se dividida em dois volumes distintos: num primeiro volume pretende-se descrever o processo de trabalho e tratamento do acervo do Arquiteto Manuel Botelho; num segundo volume, mais denso e complexo, procura-se reproduzir rigorosamente todas as informações existentes até à data sobre o Arquiteto. Este segundo volume tem por base as três dimensões de Manuel Botelho: a dimensão mais pessoal e biográfica; a dimensão mais profissional; e uma outra dimensão mais relacionada com a sua atividade enquanto docente.

No primeiro volume faz-se uma descrição detalhada, acompanhada por imagens, de todo o processo de trabalho desde o primeiro contacto com a Obra e o *Mundo* do Arquiteto, até ao momento da realização das iniciativas propostas inicialmente. Esta descrição é feita por ordem cronológica de acontecimento, permitindo a existência de um fio condutor entre os diversos momentos de abordagem.

Por sua vez, o segundo volume, está subdividido em cinco capítulos: I- Biografia; II- Projeto; III- Textos; IV- Entrevistas; V- Aulas, seguindo esta divisão através das três dimensões do Arquiteto. A primeira dimensão, uma dimensão mais descritiva da pessoa, Manuel Botelho, o **capítulo I- Biografia**.

Uma segunda dimensão, mais profissional, **capítulo II- Projetos**, onde estão todos os projetos, peças de mobiliário e Insígnias Episcopais, acompanhados sempre que possível, com desenhos, memórias descritivas e outras informações pertinentes. Ainda nesta mesma dimensão mais profissional, temos o **capítulo III- Textos**, onde se pode encontrar os textos escritos pelo próprio Arquiteto e outros Arquitetos, e pessoas, sempre fazendo referência, a um ou mais projetos de Manuel Botelho. Este capítulo também integra uma outra faceta do Arquiteto, o seu pseudónimo Vergílio, através do qual escreve vários poemas. No **capítulo IV- Apresentação de projeto**, é transcrita, na totalidade, a intervenção do Arquiteto Manuel Botelho na exposição do Habitar Portugal 12/14, com o projeto da Capela do Paço Episcopal de Lamego.

Por fim, temos a dimensão mais pedagógica, **capítulo V- Aulas**, onde é possível consultar muitas das suas aulas, acompanhadas por slides recolhidos de diversas pessoas, entre elas, ex-colegas de profissão e ex-alunos.

Todas estas informações foram organizadas de forma cronológica, o que permite perceber a evolução do próprio Arquiteto ao longo dos tempos, nas diferentes dimensões.

Antes de cada capítulo colocou-se uma nota onde é explicada com legendas a organização do *layout* e informações sobre cada elemento escrito. Para além desta nota, é colocada uma fotografia e citação que representam o capítulo descrito posteriormente.

O primeiro volume deve ser visto como um complemento ao segundo volume, e vice-versa. Pretende-se que exista uma separação de fases de trabalho, mas tendo como elemento unificador a Obra do Arquiteto Manuel Botelho. O segundo volume é o resultado de todo o processo realizado, e descrito no primeiro volume, e analisando ambos em simultâneo, torna-se mais perceptível algumas das opções adotadas ao longo da dissertação.

De forma a diferenciar o que são elementos realizados, exclusivamente para esta dissertação, do que são elementos recolhidos sobre a Obra do Arquiteto, optou-se por colocar uma cor de página diferente. Isto permite e facilita a leitura contínua do trabalho, ao mesmo tempo que se evidencia o que são os elementos originais do Arquiteto, das informações realizadas no âmbito da dissertação.

“É verdade que os espaços de liberdade individual são muito mais amplos, mas os espaços livres da nossa personalidade são cada vez mais curtos.”²

² Manuel Botelho (1995), in Encontro de arquitetos Portugueses e Galegos



Cortesia Duarte Belo

I. Curriculum Vitae

1.1. Dados Biográficos

- Manuel Tomaz de Carvalho Botelho, filho de João Alexandre Botelho e de Maria José Tomaz de Carvalho Botelho, nasceu a 29 de dezembro de **1939** Na Vila de Rua, Concelho de Moimenta da Beira, distrito de Viseu;
- Frequentou o ensino básico na Escola primária de Vila de Rua até à sua conclusão em **1950**, altura em que se muda da casa dos pais para ir viver com a sua tia-avó, na cidade do Porto, permitindo-lhe que continue os seus estudos no Liceu D. Manuel II;
- Fez o exame do 7º Ano do Liceu, alínea f, no Liceu D. Manuel II da cidade do Porto;
- *“Aí permanece durante os sete anos correspondentes ao Ensino Liceal e no qual opta, talvez por influência da tia-avó - uma das primeiras mulheres formadas em Medicina na cidade do Porto - por seguir a área das “ciências”. Após o término do Ensino Secundário Liceal, em **1957**, Manuel Botelho não prossegue com o Ensino Superior Oficial e candidata-se em vez disso ao Seminário Maior de Lamego onde é admitido com as equivalências correspondentes aos anos de estudo já concluídos. À prévia formação científica seguiram-se sete anos de formação humanística e teológica que, em conjunto e confronto, assumiram um papel estruturante na formação do pensamento do arquiteto.”* (Dissertação de mestrado, “Manuel Botelho_Casas”, Jorge Reis, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2018);
- Não obstante o excelente percurso ao longo da sua formação religiosa, foi crescendo dentro dele uma crise vocacional, por um lado, por desejar corresponder às expectativas criadas na família, quer por acontecimentos dentro do seminário, que o iam instigando à prática do sacerdócio;
- No ano de **1964**, dá por terminados os sete anos do Ensino Eclesiástico, do qual obtém o título de sacerdote, mas esses sete anos não o clarificaram relativamente à sua verdadeira vocação. Nesta fase da sua vida, Manuel Botelho, foi experienciando diferentes funções, sempre na procura da sua verdadeira vocação: no seminário foi auxiliar de sacerdote e de professor de latim e matemática (**1964**), no Colégio João de Deus no Porto foi professor de matemática (**1965**), em Lamego era explicador de matemática (**1966/67**);
- Em **1968**, já em Itália, e ainda ligado ao seminário, frequenta o curso de Filosofia da Faculdade Gregoriana de Roma (*Pontificia Universitas Gregoriana*). Manuel Botelho encontrou neste curso uma forma de se afastar da comunidade religiosa a que fazia parte, mas este seu longo percurso, introspetivo e solitário, na procura do discernimento vocacional só terminaria a **7 de novembro de 1972**, altura em que dá por finalizada a licenciatura em Teologia Sacra pela *Pontificia Universitas Gregoriana*, e decide avançar com o pedido de dispensa das “obrigações sacerdotais”;
- No decorrer do ano de **1971**, e ainda em Roma, com 32 anos decide inscrever-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade La Sapienza. Durante os anos em que frequentou o curso de arquitetura, a sua estadia na cidade também foi sofrendo alterações. Numa primeira fase esteve hospedado no Palazzo Alberini, antiga sede do Colégio Português, sendo os custos da estadia suportados pela instituição religiosa à qual

- pertencera; esta foi uma época marcada pelo abandono do estado clerical, o que levou a que Manuel Botelho tenha sentido algumas dificuldades para sustentar a sua estadia em Roma. Depois de ter mudado diversas vezes de casa, e mesmo recebendo a ajuda financeira da família, teve que arranjar trabalhos para que fosse possível continuar os seus estudos em Roma. Tempo mais tarde encontra acolhimento numa instituição de freiras luteranas, zona próxima do Vaticano, lugar que passou a ser a sua residência até finalizar o curso de arquitetura;
- Durante a sua estadia em Roma, reservava os tempos livres para visitar a cidade, e aproveitava os fins-de-semana para ir às cidades mais próximas. No verão fazia viagens às cidades italianas mais longínquas, e sempre que possível viajava até outros países, entre eles Alemanha, mais propriamente Berlim no verão de 1973, à Grécia em 1974 e a Angola nos meses de julho, agosto e setembro de 1972;
 - Obteve a 7 de novembro de **1979**, com a classificação máxima, a *Laurea in Architettura* pela Università *degli Studi di Roma – La Sapienza*;
 - Obteve a equivalência ao Curso de Arquitetura pelas Escolas Superiores de Belas-Artes Portuguesas por decisão do Júri, previsto no nº2 do Artº10 do Decreto-Lei nº 555/77 de 31 de dezembro;
 - **Entre 1980 e 1984** trabalha como colaborador da empresa Tecnopor-Consultores Técnicos, exercendo a profissão liberal, num escritório próprio, a **partir de 1984**.
 - Desde 1984, até **2010**, ano em que dá por encerrado o seu escritório, realizou aproximadamente 60 projetos, entre projetos construídos e concursos.

1.2. Atividade pedagógica

1.2.1. Atividade docente

- 1980-1982 (anos letivos 1980/81 e 1981/82) Assistente Estagiário de Projeto V, na Escola Superior de Belas Artes do Porto, sob a regência do Arq.to Pedro Ramalho;
- 1982-1985 (anos letivos 1982/83, 1983/84 e 1984/85) Assistente de Iniciação ao Projeto, na Escola Superior de Belas Artes do Porto, sob a regência do arq.to Sérgio Fernandez;
- 1985-1990 (anos letivos 1985/86, 1986/87, 1988/89, 1889/90) Assistente de Iniciação ao Projeto, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Sérgio Fernandez;
- 1987-1988 (ano letivo 1987/88) Assistente de Teoria Geral da Organização do Espaço, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Fernando Távora;
- 1990-1991 (anos letivos 1990/91, 1991/92) Assistente de Iniciação ao Projeto, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Alfredo Matos Ferreira;

- 1990-1992 Assistente de Projeto I, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, com arq. Alfredo Matos Ferreira;
- 1994-1995 (ano letivo 1994/95) Assistente de Projeto III, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Pedro Ramalho;
- 1995-1996 (ano letivo 1995/96) Assistente de Projeto I, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Sérgio Fernandez;
- 1997-1998 (ano letivo 1997/98) Assistente de Projeto I, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do arq.to Alfredo Matos Ferreira;
- 1999-2000 (ano letivo 1999/2000) Regente da cadeira de Métodos e Linguagens da Arquitetura Contemporânea, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
- 2000-2004 (ano letivo 2000/01, 2001/02, 2002/03 e 2003/04) Co-Regente com o arq.to José Salgado da cadeira de Métodos e Linguagem da Arquitetura Contemporânea;
- 2004-2006 (ano letivo 2004/05 e 2005/06) Assistente de Projeto III, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob a regência do Prof. Dr. Luís Soares Carneiro;
- 2007-2010 Regente de Projeto I, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em co-regência com o arq. José Manuel Soares.

1.2.2. Acompanhamento de alunos na Prova Final do Curso

- Luís Fernando Santos Pereira, sobre “Teoria do Projeto de Francesco Venezia.” (1992/93);
- Helena L.Townsend C. Gomes, sobre “ A arquitectura Religiosa so século XX” (1999/00);
- António Júlio Caseiro Moreira, sobre “Reabilitação Urbana no C. H. P”. (1999/00);
- Alexandra Sá Torrão, sobre “A linguagem da arquitectura”. (1999/00);
- Paulo Alexandre Marques Dias de Oliveira, sobre “Reabilitação Urbana”. (1999/00);
- Luísa Isabel da Costa Ferreira Rosas, sobre “O que será sempre foi. Pensamento de Louis Kahn na arquitetura moderna “. (2000/01);
- Maria Inês Coutinho de Seabra Castel-Branco, sobre o tema “Nos Espaços de Intersecção entre Liturgia e Teatro”. (2000/01);
- João César N. Vieira, sobre “Arquitectura e Música, Intersecções e Afinidades”. (2000/01);
- Luís Teixeira Pereira Viana, sobre “Peter Zumthor – a Poética dos Materiais”. (2000/01);
- Maria Helena de Oliveira Limas, sobre “Reciprocidades – Arte, Arquitectura”. (2000/01);
- Susana Souto, sobre “Minimum- entre a Ética e a Estética”. (2000/01);
- Hugo Machado Martins sobre “Do Método, entre Gesto e Pensamento: Arquitectura como Poética do Eu”. (2001/02);
- Ye Xuan Yong, sobre “Um Corpo em Movimento: Cumplicidades entre a Arte e a Arquitectura”. (2002/03);
- Susana Braga C. de Sá Leuschner sobre “Da Importância do Espaço Público”. (2002/03);
- Francisco Koehler, sobre “Experiências da Arquitetura: Linguagens Contemporâneas”. (2003/04);

- Ana S. Reis sobre “Os Parâmetros Espaço, Tempo e Lugar na Arquitectura”. (2003/04);
- Jocélia Marina Gonçalves dos Santos sobre “Memória e o Neo-nomadismo do Homem Contemporâneo”. (2003/04);
- Joanna Eloise Jago sobre “Arquitectura: Crescimento ou Crise?”. (2003/04);
- Inês da Silva Pimentel, sobre “Mogadouro: pretexto para uma reflexão sobre a Arquitectura, a Cidade e o Território”. (2002/04);
- Mariana Soares Martins de Carvalho, sobre “Coderch: A poética da Casa”. (2002/04);
- Marilda Cláudia da Silva Baptista, “Arquitectura e Escultura. Os limites diluem-se.” (2003/05);
- Co-orientador da Prova de Mestrado em Design Industrial da FEUP e ESAD, do Arq.to João Duque Carreira, sobre o tema “Contributos para uma Arquitectura Transitória no Litoral da Região do Porto”;
- Joana Isabel de Sousa Barata, sobre “Entre o construído e o vivido”. (2005);
- Maria Sofia Santos, sobre “Arquitectura em exposição: os museus da arte contemporânea”. (2006);
- Isabel M. Pires, sobre “Considerações sobre o símbolo na arquitetura religiosa de Luiz Cunha”. (2006);
- Joana Nascimento Marques, sobre “Descobrir o invisível: a procura da essência do espaço sagrado no edifício de culto católico”. (2006);
- Tânia Fátima M. Dias, sobre “Popular e erudito: contributo da dimensão popular na arquitetura portuguesa da modernidade”. (2006);
- João Francisco Gouveia, sobre “Arquitectura e comunicação”. (2007);
- Joana Laranjeira Barros, sobre “A mesa branca de Alvar Aalto”. (2007);
- Jéssica Maria de Freitas de Sousa, sobre “Considerações sobre a arquitetura religiosa em Portugal, a partir do século XX”. (2008);
- Jorge Cruz, sobre “Ausência do lugar”. (2008);
- Margarida Carvalho, sobre “Instrumentos do sagrado: da significação universal à construção do espaço de culto”. (2008);
- Joana Paulino Torres, sobre “O ser do estar”. (2009);
- Ana Paula Andrade do Fundo, sobre “Carlo Scarpa: desenho e desígnio”. (2009);
- Sérgio Daniel Freitas de Carvalho, sobre “Reflexos: desconstrução de evidências”. (2009);
- Carlos Cristiano Aguiar, sobre “A experiência da obra-prima”. (2009);
- Paulo Ricardo Casal Moreira, sobre “Construir com uma evidência: o contributo da madeira”. (2010);
- Jorge Luís de Menezes M. A. Figueiredo, sobre “Arquitectura religiosa contemporânea: a essência do espaço sagrado no século XX”. (2010);
- Mariana Sousa Ferreira da Costa, sobre “Confronto da memória da arquitetura com a experiência do presente”. (2015);

1.2.3. Arguências em Provas Finais do Curso

Arguente nas Provas Finais do Curso de:

- António Fernandes da Silva sobre a teoria da Arquitetura, 1983;
- Marta Cabral sobre o papel dos traçados reguladores na Composição, 1984;
- José António Nobre sobre a Reflexão de projectos à luz do pensamento de L. Kahn, 1985;
- João Paulo Baptista sobre Bracara Augusta, 1986;
- Miguel Sá sobre a Romanização dos castros, 1986;
- Carlos Henrique de Moura Rodrigues Martins sobre a Roma e a Arquitetura, 1986;
- Paula Petiz sobre AEMINIUM, 1986;
- Isabel Sereno sobre o Espaço Termal Romano do Freixo, 1986;
- H. Marinheiro sobre a Utopia e a cidade do Porto, 1987;
- António Pestana sobre a Teoria da Arquitetura, 1987;
- Maria Madalena Ferreira sobre a atividade no G.T.L. de Santa Maria da Feira, 1988;
- Hélder António Figueiredo Salvado, Uma intervenção em Unhais da Serra, 1989;
- José Manuel Loureiro de Melo, Uma intervenção em Unhais da Serra, 1989;
- Paulo Lima Santos sobre uma intervenção em Foz Coa, 1990;
- Jorge Carvalho sobre o QUÊ e o COMO da arquitetura, 1990;
- Maria Teresa N. Brandão de Andrade, Ordenação do espaço de La Sagera- Barcelona, 1991;
- Francisco Manuel Ferreira, sobre áreas de Nova Centralidade em Barcelona, 1991.

1.2.4. Relatórios de estágio

- Relatório de estágio de Manuel Luís Vilhena Roque, 1993;
- Relatório de estágio de José Alexandre Senra Lopes da Cunha, 1994;
- Relatório de estágio de Carlos Alberto Maia Dominguez, 1995;
- Relatório de estágio de Maria Helena da Mota e Costa Beselga, 1995;
- Relatório de estágio de António Luís Pereira da Silva Neves, 1996.

1.2.5. Participação na gestão democrática

- Eleito para a Assembleia Constituinte que aprovou os Estatutos da FAUP;
- Eleito para a Assembleia de Representantes da FAUP nas eleições de 1990, 1992, 1994, 1998, 2000, 2002 e 2004;
- Eleito para a Assembleia da Universidade do Porto nas eleições de 1992, 1994, 2000, 2002 e 2004;
- Eleito para o Senado da Universidade do Porto nas eleições de 1992, 1994 e 1998;
- Eleito como vogal do Conselho Diretivo da FAUP para o mandato de 1990 a 1992;

1.2.6. Extensão Universitária

- Nomeado pela Comissão Instaladora da FAUP para participar na Equipa de Redação do Projeto de Estatutos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;
- Convidado para a Equipa de Redação da Revista RA;
- Participou no 1º Seminário Internacional de Projeto, promovido pela FAUP, dedicado ao tema: “Renovar Matosinhos Sul”;
- Convidado a dar uma Aula na Faculdade de Arquitetura de Módena, extensão universitária da Faculdade de Arquitetura de Milão;

1.3. Atividade Científica

1.3.1. Preparação do Doutoramento

- Sob a orientação do Professor Arquiteto Alfredo Matos Ferreira prepara o Doutoramento de acordo com o relatório apresentado ao Conselho Científico da FAUP;
- Redige um texto, sob a orientação do Prof. Arq.to Nuno Portas, que de certo modo reproduz e sintetiza a investigação realizada e que aborda o problema da “Projectualidade em Arquitetura”;
- Redige textos preparatórios em ordem à redação do texto de Doutoramento;

1.3.2. Intervenções em Congressos e Seminários

- 1995- Intervenção na Mesa Redonda “Arquitetura e Identidade” no Encontro de Arquitetos Galegos e do Norte de Portugal em Santiago de Compostela;
- Apresentação em junho de 1995, em Santander, de Obras e Projetos, no Ciclo sobre A Arquitetura do Arco Atlântico- “El Arco Atlântico Próximo: de Burdeos a Oporto”, promovido pela Comissão de Cultura do Colégio de Arquitetos de Cantabria;
- Comunicação sobre o “Espaço Litúrgico”, no Curso de Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria- Fátima;
- Comunicação sobre “Espaço e Materiais da Construção Sacra. Ambiência Celebrativa” - 1995, na III Semana de Estudos Teológicos, promovida pela Faculdade de Teologia de Braga, da U.C.P., publicada na Theologica, Revista da Faculdade de Teologia, Braga, 1995;
- Intervenção no Terceiro Seminário do Docomomo Ibérico, em 2001, no Porto;
- Apresentação da casa Maia Ribeiro na ESAP a 5 de junho de 2002;
- Comunicação sobre “A Arquitectura Sacra”, no Seminário sobre Liturgia, organizado pela Diocese do Porto em dezembro de 2004;
- Conferência intitulada “Da Poética na Arquitectura” na Livraria Almedina, inserida no Ciclo de Conferências sobre Arquitectura “Olhares à Descoberta”;
- Apresentação do Projeto da Capela do Paço Episcopal no “Habitar Portugal 12-14- Obras Norte II”; Viseu, 2016.

1.4. Participação em exposições

- Projetos do Concurso das Novas Instalações da Faculdade de Engenharia da U. P. Faculdade de Engenharia- 1988;
- Exposição de Projetos dos Docentes da Faculdade de Arquitetura
- Primeira Bienal de Arquitetura de Coimbra- 1989;
- Exposição dos Concorrentes ao Prémio Nacional de Arquitetura, Primeiras Obras Lisboa, Associação Nacional dos Arquitetos- 1989;
- Exposição de Arquitetura Portuguesa- Anos Sessenta/ Anos Oitenta
- Fundação de Serralves- 1991;
- Arquitetura Contemporânea Portuguesa- Europalia- 1991
- Bruxelas- 1991;
- 2ª Exposição Nacional de Arquitetura- Anos 80, Associação Nacional dos Arquitetos- 1989;
- Exposição dos Projetos do Concurso do Centro de Ciências do Mar de Matosinhos, Câmara de Matosinhos- 1999;
- Exposição dos Projetos do Concurso de Ideias do Centro Turístico- Comercial da Régua
- Antigo Teatro da Régua- 1999;
- Projetos do Concurso de Adaptação da Fábrica dos Leões para a Residência Universitária Universidade de Évora- 1999;
- Projetos do Concurso de Adaptação da Fábrica dos Leões para a Residência Universitária Universidade de Évora- 1999;
- Exposição dos Projetos do Concurso de Arquitetura da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja- 2002;
- Exposição dos Projetos do Concurso de Arquitetura da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da Universidade de Coimbra- 2003;
- Habitar Portugal 12-14 (Participação com a Remodelação da Capela do Paço Episcopal) - 2016;
- Exposição Fragmentos Arqueológicos da Arquitetura Portuguesa 1987-2006 (CCB-Garagem Sul) – 2021/2022.

1.5. Trabalhos premiados

- Prémio Keil do Amaral, atribuído à Casa Dr. Luís Barroso Pires no Concurso Nacional: “Primeiras Obras” – 1989;
- Menção Honrosa no Concurso do Convento dos Dominicanos (realizado em co-autoria com o Arq.to Manuel Mendes) – Lisboa;
- Menção Honrosa no Concurso de Ideias do Centro Turístico-Comercial da Régua;
- Proposta de atribuição de Menção Honrosa no Concurso do Centro de Ciências e Tecnologias do Mar de Matosinhos. Concurso anulado;
- 2º Prémio no Concurso de Arquitetura da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja- 2002.
-

1.6. Nomeações para prémios de Arquitetura

- 1994- Nomeação da Casa Eng.º Nunes de Sousa para o Prémio Mies van der Rohe Pavilion, da Fundação Mies van der Rohe - Barcelona;
- 1996- Nomeação da Casa Eng.º Nunes de Sousa para o Prémio Secil de Arquitetura- (foi um dos finalistas);
2002- Nomeação para o Prémio Sécil de Arquitetura, com a Casa Maia Ribeiro, Maia- (foi um dos finalistas);
- 2014 – Nomeação para o Prémio de Arquitetura no Douro, com a Casa Dr. Paulo Pires.

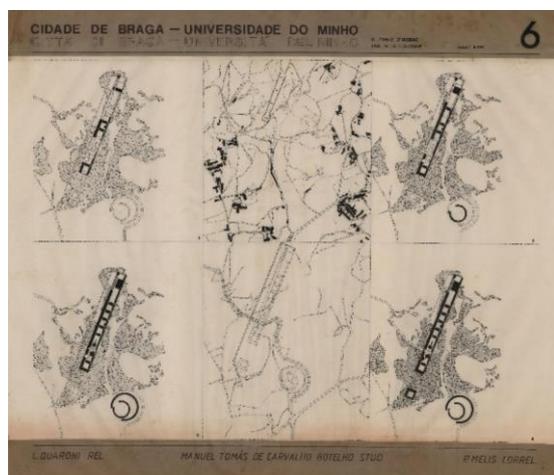
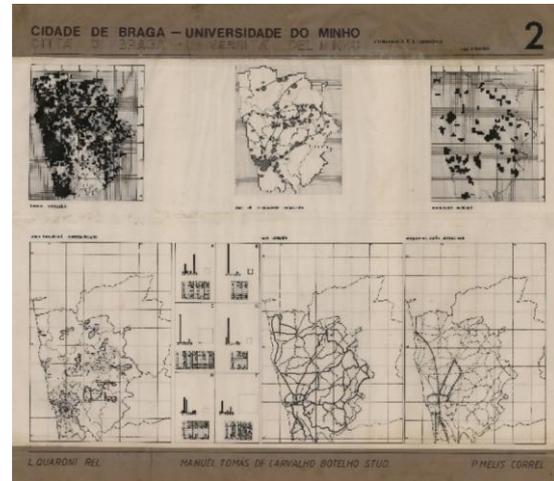
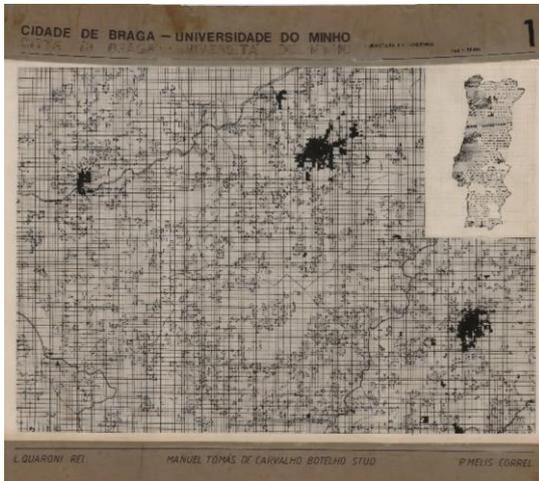
1.7. Prémios e distinções

- 1988 – Menção Honrosa no Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa, em coautoria com o arq. Manuel Mendes;
- 1989 - Prémio Nacional de Arquitetura Keil do Amaral (Primeiras Obras), Casa Dr. Barroso Pires, Ponte da Barca;
- 1992 – Primeiro Lugar no Concurso para o Centro de Talassoterapia de Póvoa de Varzim, em coautoria com o arq. Manuel Mendes;
- 1996 – Primeiro Lugar no Concurso para o Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro;
- 1999 – Menção Honrosa no Concurso internacional para o Centro de Ciência e Tecnologia do Mar em Matosinhos (concurso posteriormente anulado);
- 1999 - Menção Honrosa no Concurso de Ideias para o Centro Turístico – Comercial da Régua;
- 2002 – Segundo Lugar no Concurso para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja;
- 2006 – Menção Honrosa no Prémio de Arquitetura no Douro, com a Remodelação da Casa do Poço, Lamego;

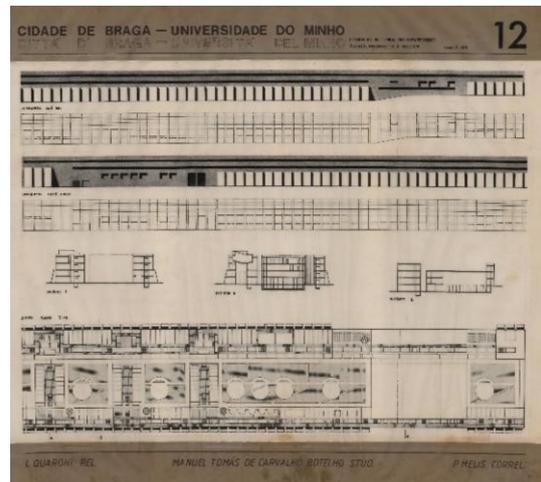
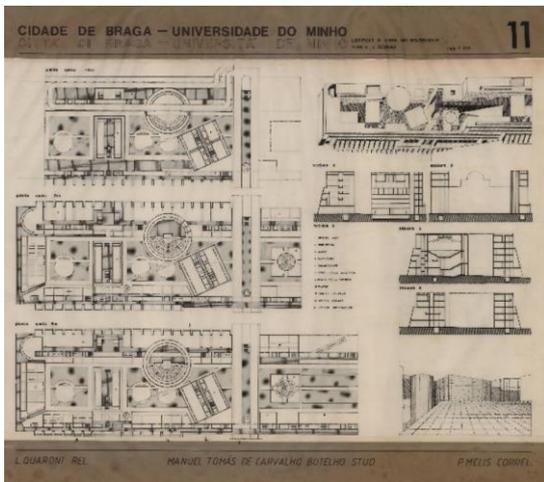
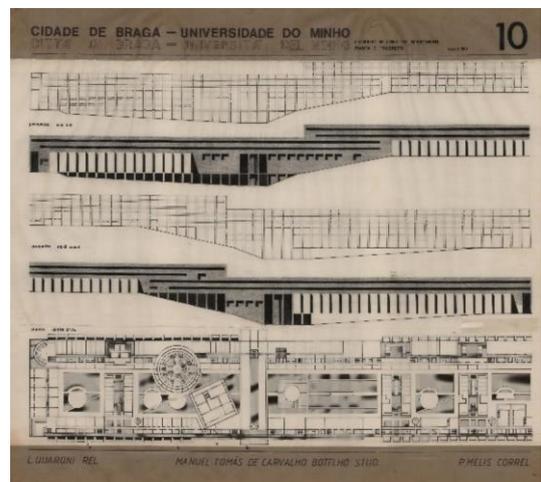
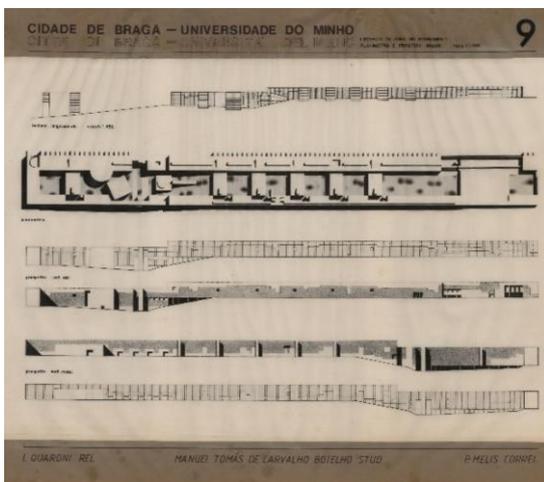
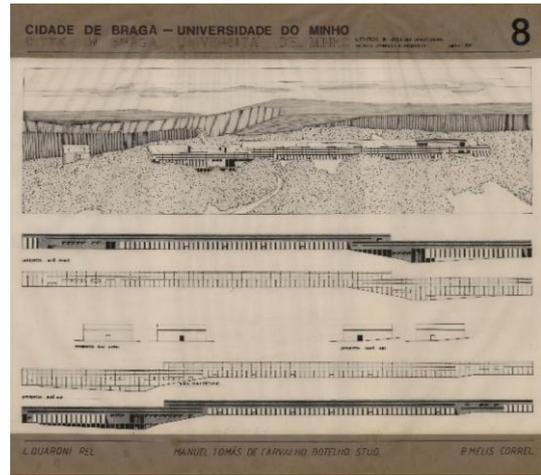
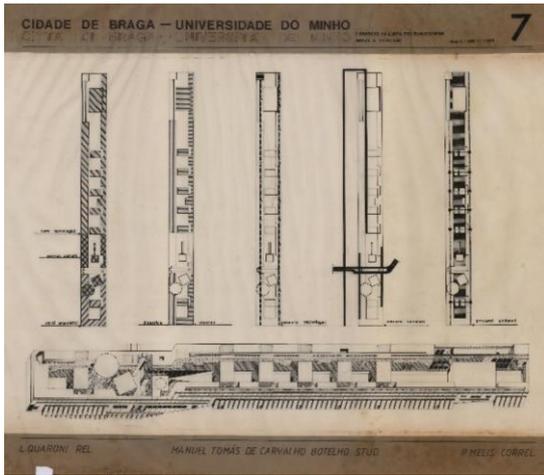
2. Formação Itália

Trabalho de final de curso *in Architettura* pela Università *degli Studi di Roma – La Sapienza*, sob a orientação de Ludovico Quaroni e Paolo Melis.

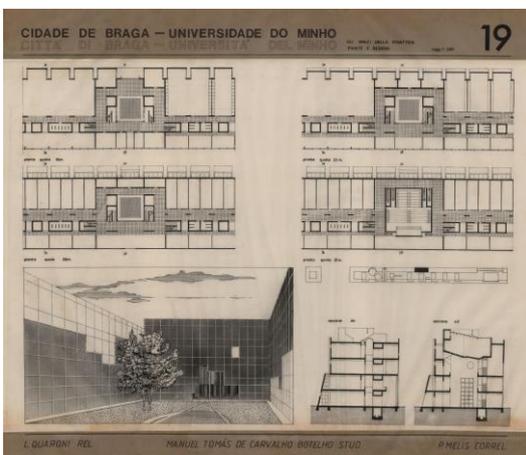
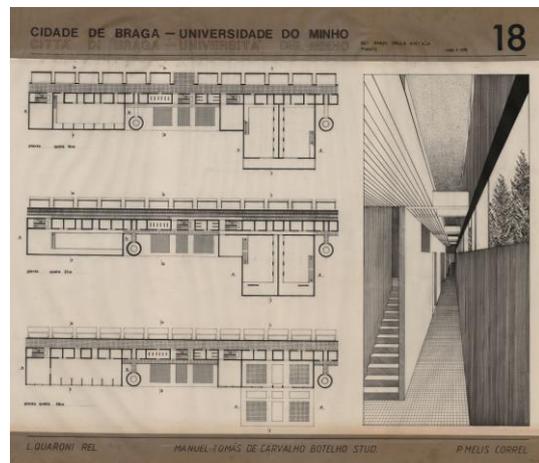
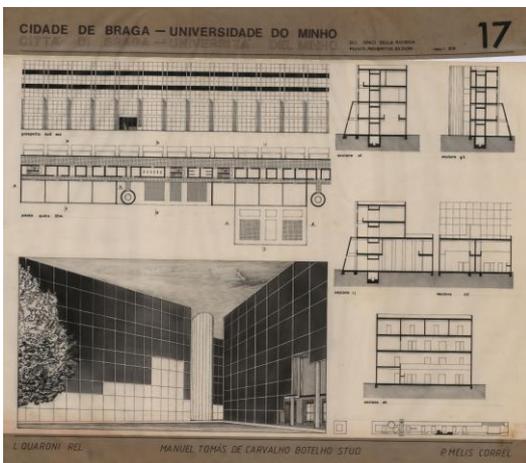
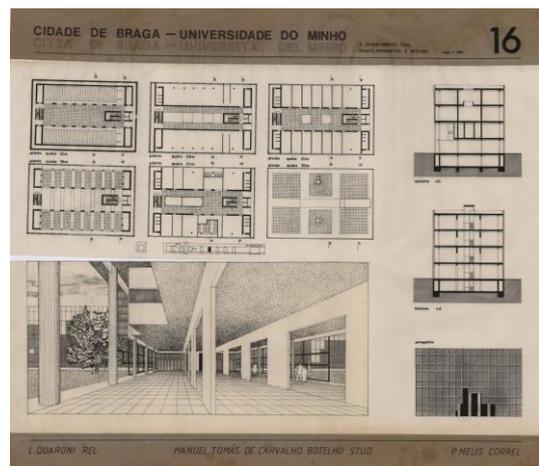
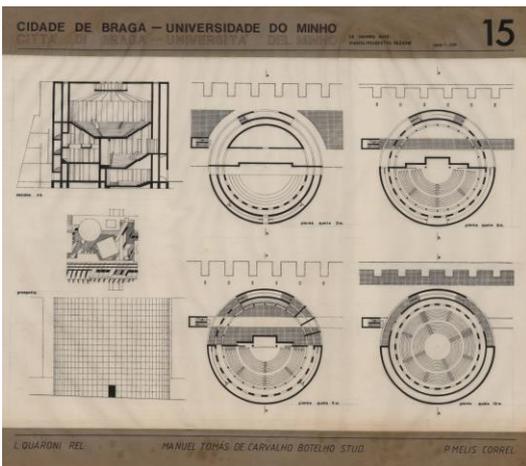
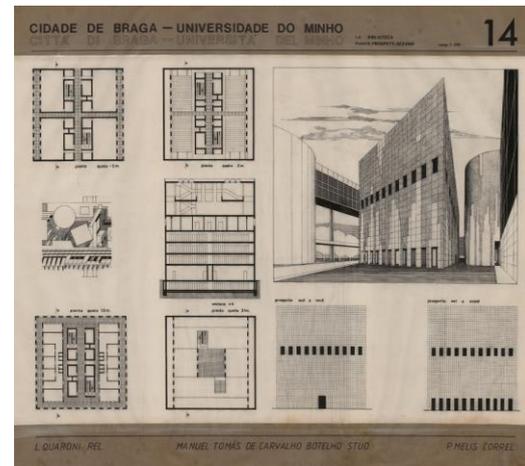
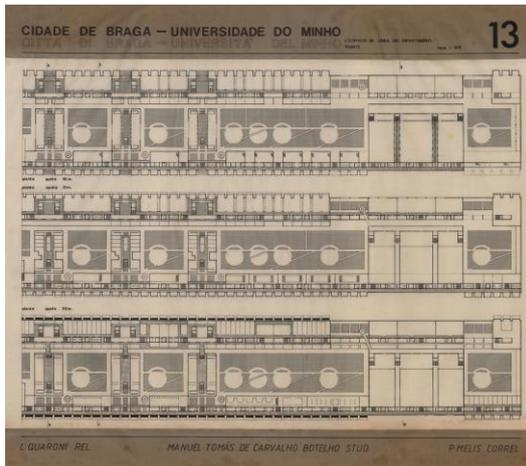
CITTÀ DI BRAGA – UNIVERSITÀ DEL MINHO (*L'Università E Il Territorio*)



Trabalho Final de Curso - CITTÀ DI BRAGA – UNIVERSITÀ DEL MINHO. FIMS_MB_F4



Trabalho Final de Curso - CITTÁ DI BRAGA - UNIVERSITÁ DEL MINHO. FIMS_MB_F4



Trabalho Final de Curso - CITTÀ DI BRAGA - UNIVERSITÀ DEL MINHO. FIMS_MB_F4

*(...)” nos meus projetos procuro uma arquitetura que só poderá responder às realidades do mundo e da vida, na síntese de opostos, que concilia racionalidade com intuição, lógica com sentimento, disciplina com fantasia, na atmosfera de bom-senso que não renega, contudo, o lugar da poesia. (...) Uma arquitetura que responde às necessidades renovadas do homem e sente o pulsar de quotidianos.”*³

3- BOTELHO, Manuel. “Sobre o Ser da Arquitectura” in Ciclo de Aulas Abertas ‘Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea’ (org. Viegas, L, Cardoso, R. A.), FAUP, 19 de abril de 2017



Cortesia Manuel Botelho

II.

**Projetos, Desenho de mobiliário e Outros
Objetos**

Nota capítulo II

Nº de referência/Nº Obra atribuído (organizado cronologicamente) ----- **P**

Nome do projeto, atribuído pelo Arquiteto ----- **Nome:**

Localização do projeto ' ----- **Local:**

Data do início do projeto ----- **Data:**

Estado atual do projeto ----- **Estado:**

Arquiteto ' ----- **Arquitetura:**

Colaboradores no projeto de arquitetura ----- **Colaboração:**

Colaboradores no projeto de engenharias ----- **Engenharias:**

Proprietário do projeto ' ----- **Cliente:**

Cota das peças desenhadas existentes no arquivo da FIMS ----- **PD_FIMS:**

Imagem localização do projeto -----
(construído)



Da memória descritiva ----- Memória descritiva do projeto

2A. Projetos

P1

Nome: Remodelação da Capela do Seminário Maior de Lamego

Local: Rua de S. Lázaro, Lamego

Data: 1961

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

Cliente: Fábrica da Igreja Catedral- Diocese de Lamego

PD_FIMS:



Figura 1 Vista aérea, Capela do Seminário Maior de Lamego

Da memória descritiva



Figuras 2/3/4/5/6/7/8/9 Fotografias do estado atual, Capela do Seminário Maior de Lamego

P2

Nome: Capela de São José

Local: Estrada Dom Miguel, N° 719, São Cosme, Gondomar

Data:1980

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to José Maria Corte Real,
Arq.to Guilherme Páris Couto, Arq.to João Duque Carreira, Arq.to António Simões.

Engenharias: Eletricidade: Eng.º José Maria Vigário Martins

Cliente: Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de São Cosme de Gondomar

PD_FIMS: FIMS/MB/02-pd0001 _ FIMS/MB/02-pd0146 (146 peças desenhadas)



Figura 10 Vista aérea, Capela de São José

Da memória descritiva: “No projeto da Igreja de S. José da freguesia de S. Cosme de Gondomar, com referências claras da sequência: adro, nártex e nave, não se repetiram nostálgica e mecanicamente espaços de outros tempos, numa espécie de transição gradual do profano para o sagrado, mas entendeu-se que esses espaços que se adequavam a uma complexidade de programa como elementos capazes de permitir convivências ou de serem lugares de encontro.

O estudo planimétrico da nave exprime de algum modo a dimensão cristológica da comunidade eclesial onde a Eucaristia constitui a finalização de toda a via sacramental da Igreja. Deste pensamento surgiu o percurso lateral da nave, para onde se abrem os espaços necessários à realização dos sacramentos e outros sacramentais: zona penitencial, batistério e capela do Santíssimo.

Este percurso dinâmico junta-se cadência rítmica das colunas que sucessivamente vão sofrendo uma rotação em direção ao altar, constituindo-se um crescendo que o torna centro de todo o espaço arquitetónico.

A luz zenital inundará de luz o a zona do “Santuário” e contribuirá também para aquela convergência.

O lugar do Sacrário foi pensado em ordem à devoção coletiva e privada ao Santíssimo. Ocupa um lugar privilegiado e possibilita a intimidade e o recolhimento da devoção individual.

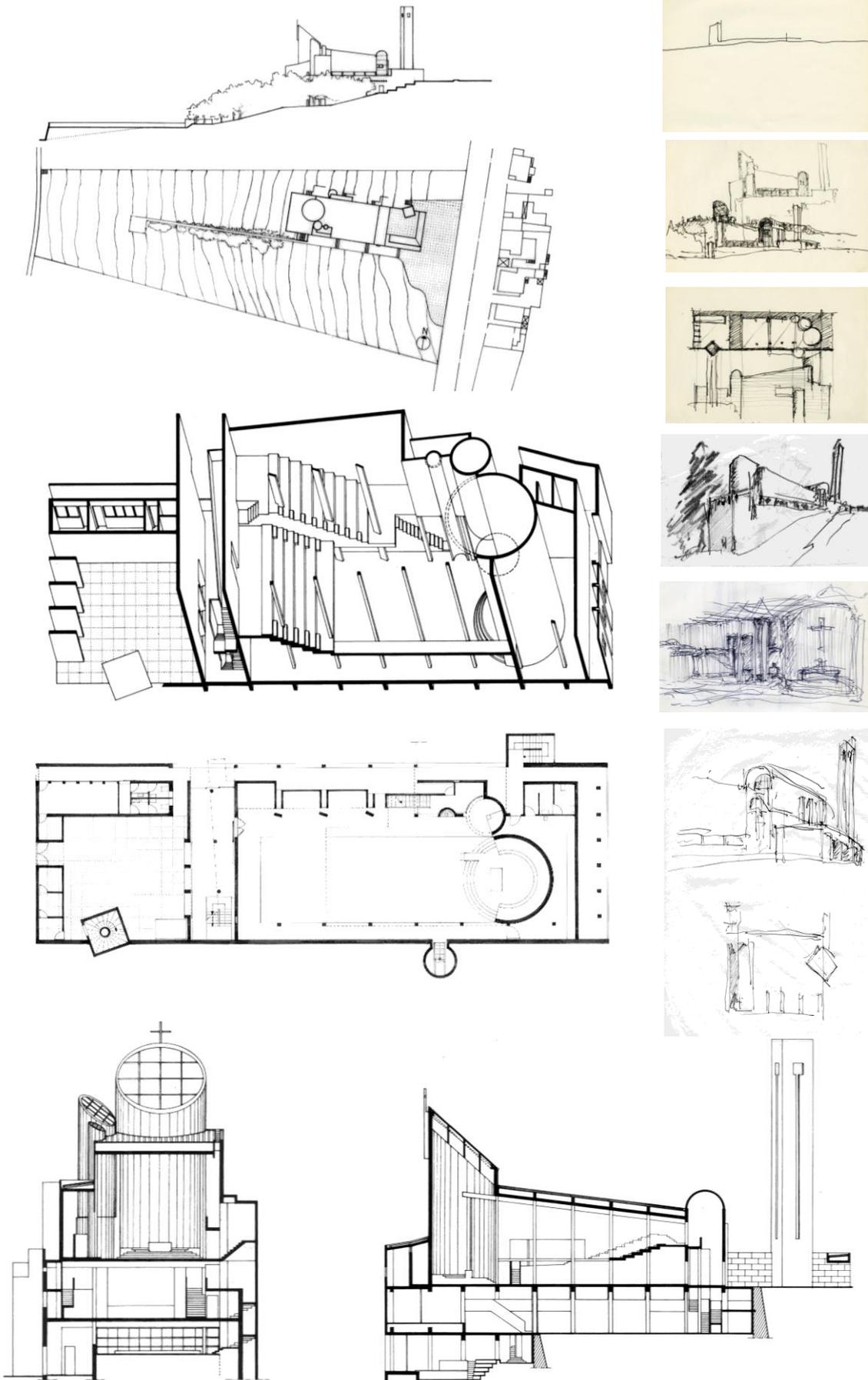
O percurso lateral exterior à Igreja, que serve o “cartório paroquial”, a nave, a capela do santíssimo, a sacristia e termina numa varanda sobre a extraordinária vista da cidade do Porto, não é uma solução funcional de serventia dos variados espaços servidos, mas expressa o valor do profano por si mesmo.

O declive do terreno permitiu uma solução de cripta e sub-cripta.

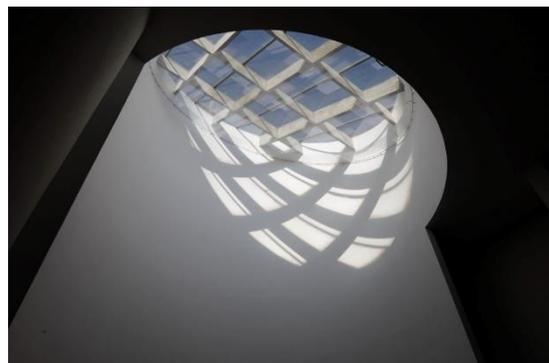
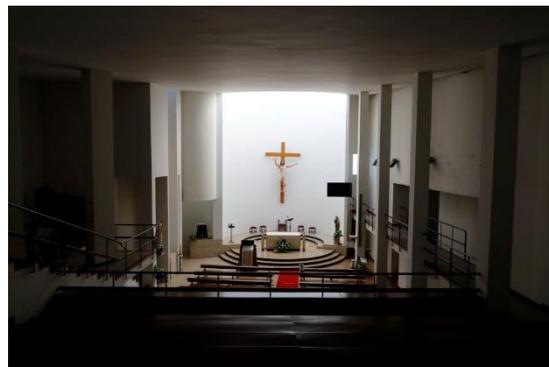
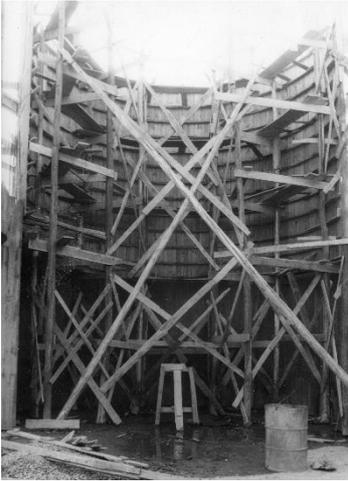
A cripta constitui um espaço polivalente que tanto pode funcionar como grande salão ou ser dividida em salas mediante portas telescópicas. Permite ainda o funcionamento de uma de uma pequena biblioteca com sala de leitura. É servido por um foyer equipado com um pequeno bar que tem ligação direta com o espaço do nártex.

A sub-cripta é fundamentalmente ocupada por um pequeno anfiteatro que se julga ser sugestivo em equipamentos deste género.

A implantação da torre no pequeno claustro, com uma rotação de 30° que surge da direção entre os baricentros dos dois templos, expressa ainda uma relação com a envolvente.”



Desenhos do projeto, Capela de São José. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 11/12/13/14/15/16/17/18 Fotografias das diferentes fases do projeto da Capela de São José

P3

Nome: Casa do Povo de Moimenta da Beira

Local: Moimenta da Beira

Data: 1981

Estado: Estudo prévio

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

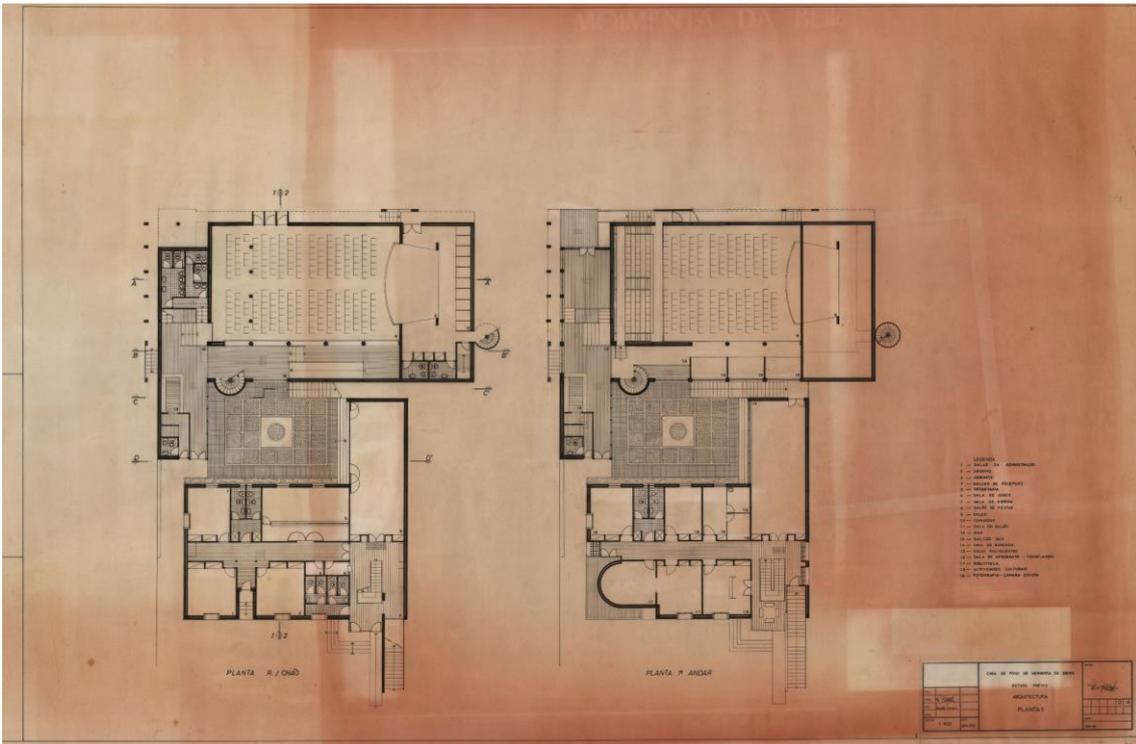
Colaboração:

Engenharias:

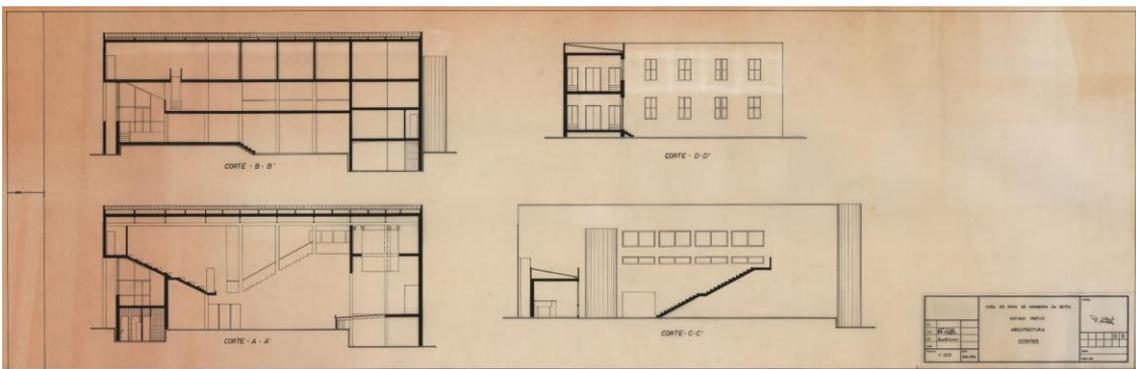
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/03-pd0001 _ FIMS/MB/03-pd0008 (8 peças desenhadas)

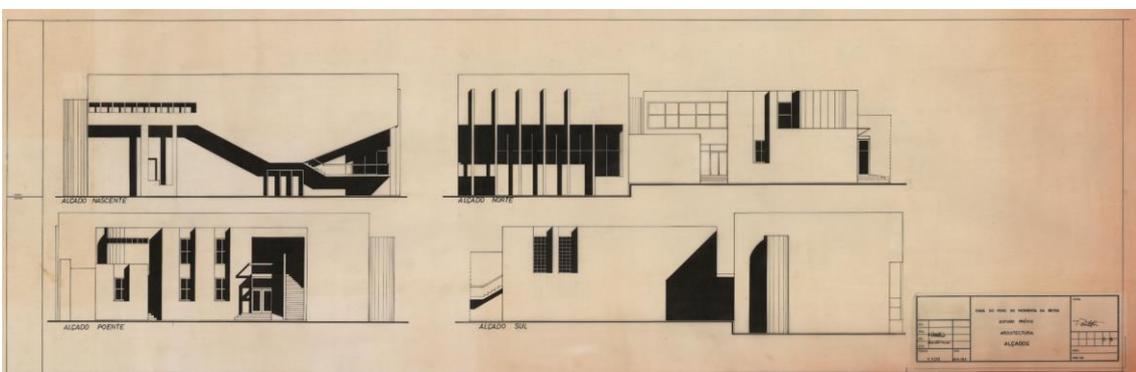
Da memória descritiva



Desenho do projeto, Casa do Povo de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0003_pd0003



Desenho do projeto, Casa do Povo de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0003_pd0005



Desenho do projeto, Casa do Povo de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0003_pd0007

P4

Nome: Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento

Local: Rua Monsenhor Fonseca Soares, N° 147, Massarelos, Porto

Data: Projeto 1ª fase: 1982; 2ª fase: 1986

Construção: Iniciada e concluída em 1985

Estado: Construído (parcialmente)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to José Maria Corte Real,
Arq.to Guilherme Páris Couto, Arq.to João Carreira.

Engenharias: Estabilidade e estruturas: Eng.º Gaspar Bessa d'Orey
Eletricidade: Eng.º António José Machado Rodrigues Gomes

Cliente: Fábrica da Igreja Paroquial do Santíssimo Sacramento

PD_FIMS: FIMS/MB/04-pd0001 _ FIMS/MB/04-pd0075 (75 peças desenhadas)



Figura 19 Vista aérea, Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento

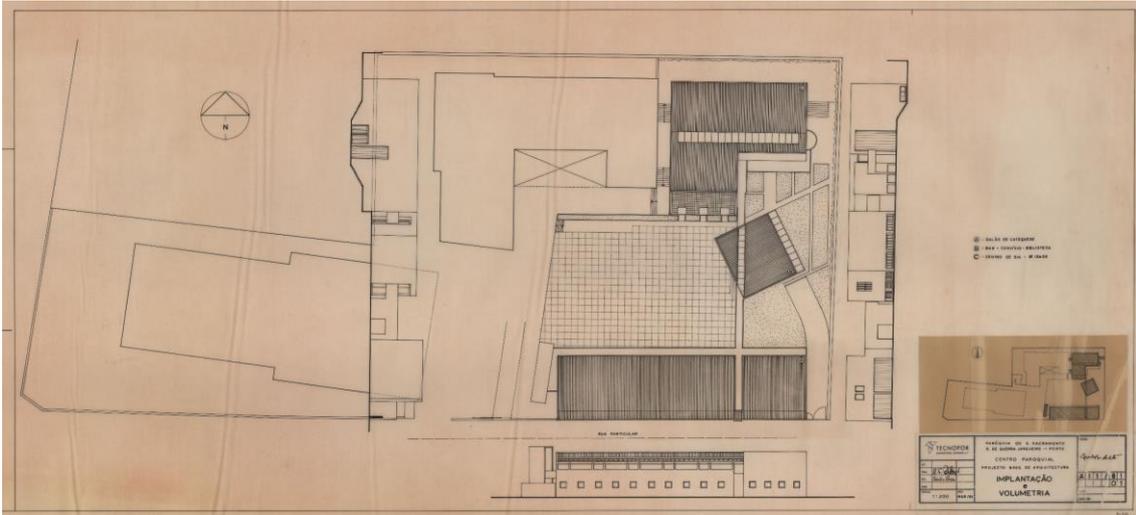
Da memória descritiva: “A solução do Projeto do Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento é constituída fundamentalmente pela organização de um pátio interior organizado por três volumes e uma “passerelle” que constitui o elemento arquitetónico unificador do conjunto.

A Poente do terreno encontrava-se já edifícios pertencentes à Paróquia: a Igreja e os respetivos anexos, o Patronato, e o Salão Paroquial. A Norte, e tomando como referência o alinhamento do edifício existente localizou-se o edifício destinado ao Centro de Dia da Terceira Idade; a Sul e com a mesma orientação implantou-se o edifício destinado ao ensino da catequese e reuniões da juventude.

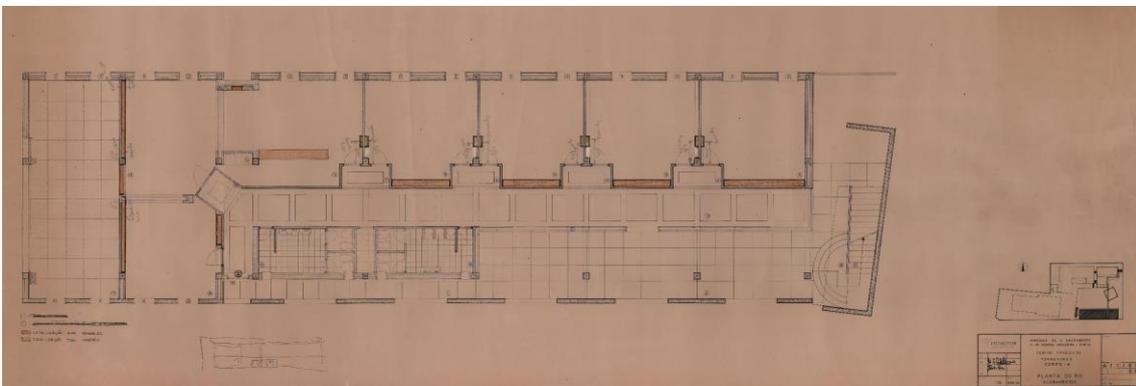
Um terceiro edifício a Nascente, entre os dois, de planta quadrada destinado a bar/convívio e sala de leitura constitui uma espécie de polo onde novos e mais velhos se encontram sublinhando o aspeto social da comunidade que ali se encontra.

A cêrcea dos três edifícios é constante à do Salão Paroquial.

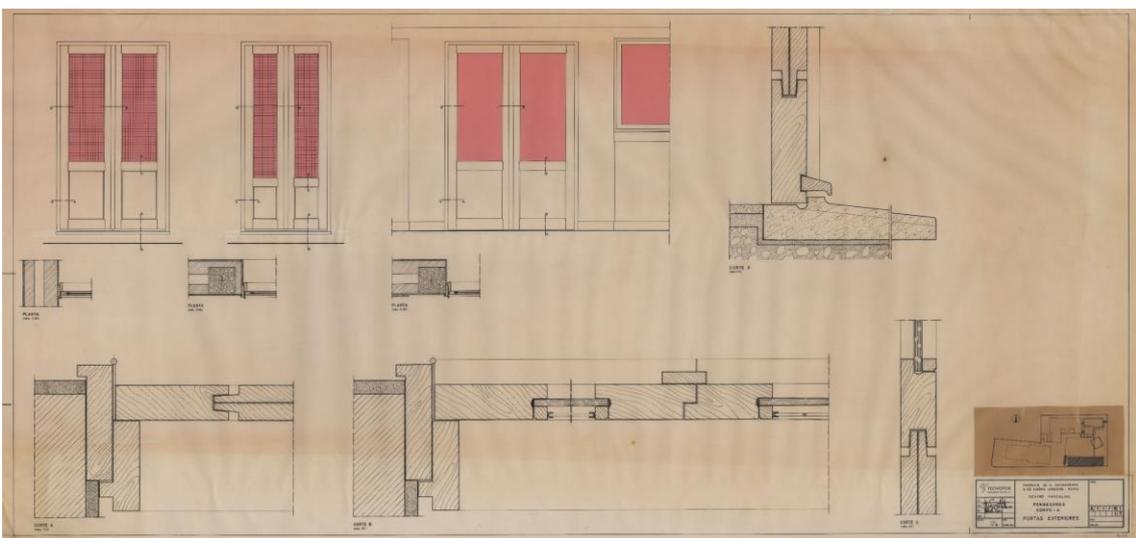
No edifício já construído, realça-se a localização das escadas inseridas numa espécie de corpo adicionado na extremidade que estabelece a relação de continuidade com o volume da Igreja e anexos. Neste edifício os alçados caracterizam-se pela sobriedade. O da rua pela horizontalidade das janelas e o do lado Norte pela construção da “passerelle” que constitui o elemento unitário do conjunto, como já se afirmou, e evoca a memória de ambientes claustrais.”



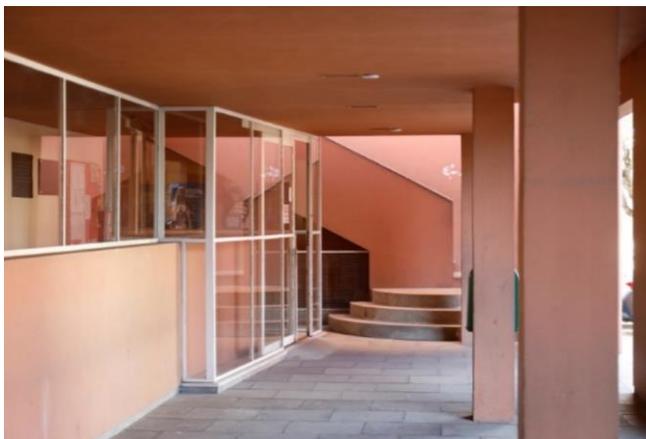
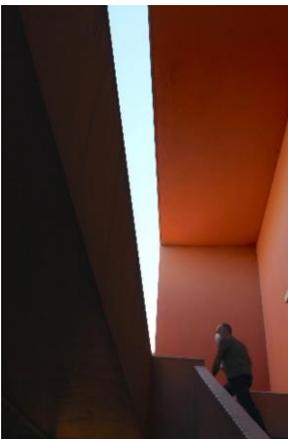
Desenho do projeto, Centro Paroquial do Santissimo Sacramento. FIMS_MB_0004-pd0039



Desenho do projeto, Centro Paroquial do Santissimo Sacramento. FIMS_MB_0004-pd0045



Desenho do projeto, Centro Paroquial do Santissimo Sacramento. FIMS_MB_0004-pd0055



Figuras 20/21/22/23/24/25/26/27 Fotografias das diferentes fases do projeto do Centro Paroquial do Santissimo Sacramento

P5

Nome: Mercado Municipal de Moimenta da Beira

Local: Rua Mercado Municipal, Moimenta da Beira

Data: Projeto iniciado em 1982 e concluído em 1986

Construção 1983

Estado: Construído (alterado)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to Guilherme Páris Couto,

Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias: Estabilidade e estruturas: Eng.º João Dias Ferreira

Águas e saneamento: Eng.º Nunes

Ciente: Câmara Municipal de Moimenta da Beira;

PD_FIMS: FIMS/MB/05-pd0001 _ FIMS/MB/05-pd0089 (89 peças desenhadas)



Figura 28 Vista aérea, Mercado Municipal de Moimenta da Beira

Da memória descritiva: “A Câmara Municipal de Moimenta da Beira encomendou-me o Projeto do Mercado Municipal para ser construído no Largo das Tílias onde mensalmente se realiza a feira.

O Largo das Tílias, adjacente ao edifício dos Paços do Concelho, encontra-se a uma cota elevada em relação à rua. A Poente era delimitado por dois socalcos que constituíam o remate de uma encosta rude onde pontuam afloramentos graníticos.

Do programa constava um mercado com espaços de talho, de peixaria, bancas de produtos hortofrutícolas, alguns estabelecimentos de pequeno comércio, e ainda um restaurante, um bar e um pequeno auditório para 200 pessoas.

Tentei preservar o Largo das Tílias, não por motivos nostálgicos, mas por ser um largo acolhedor, onde as pessoas podiam sentar-se a descansar fora dos dias movimentados de feira.

Os socalcos que existiam a Poente indicaram um caminho de projeto. O muro de suporte do primeiro socalco coincide com o que hoje sustenta a plataforma superior do Mercado, e o segundo muro coincide com o limite Poente do conjunto.

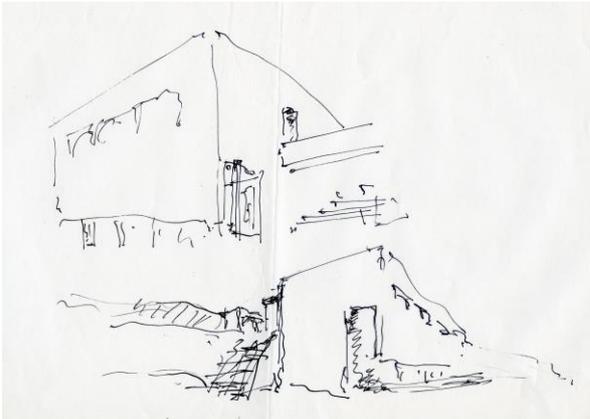
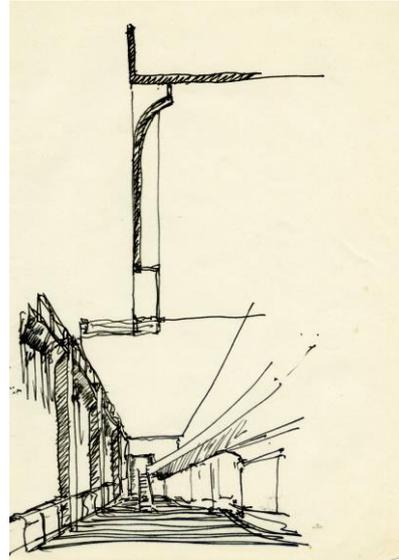
Escolheu-se a tipologia de rua, um espaço de circulação linear ladeado por passeios, para a organização do Mercado. Do lado nascente localizaram-se os espaços dos talhos e peixarias, do lado Poente, sob um coberto, as bancas para venda de produtos hortofrutícolas. No primeiro destes edifícios, servida a partir da rua, uma galeria de pequenos estabelecimentos comerciais.

À cota do Largo das Tílias localizaram-se o restaurante, o bar e o auditório.

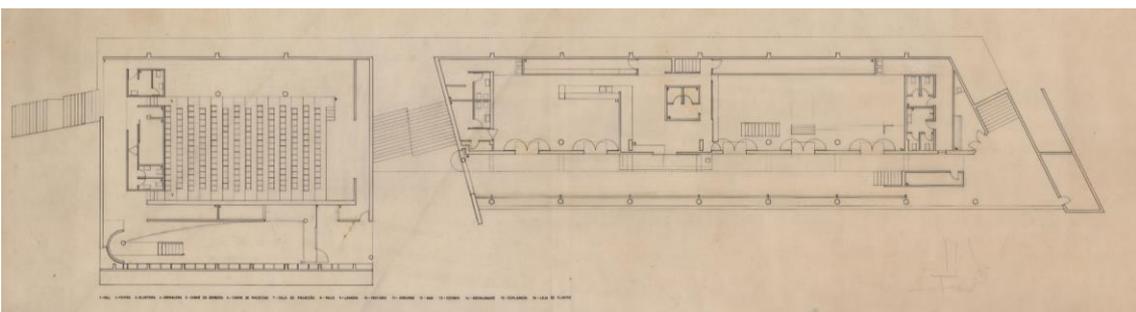
Desenharam-se umas escadas que da Praça permitem o acesso ao Mercado. O restaurante e o café continuam-se para o exterior através de um espaço protegido por cobertura e envidraçados de modo a garantir esplanadas mesmo durante o Inverno.

O auditório tem um foyer que se relaciona também com a Praça através de uma superfície refletora de água à cota do pavimento onde assenta uma banda envidraçada com a altura de 1,20m.

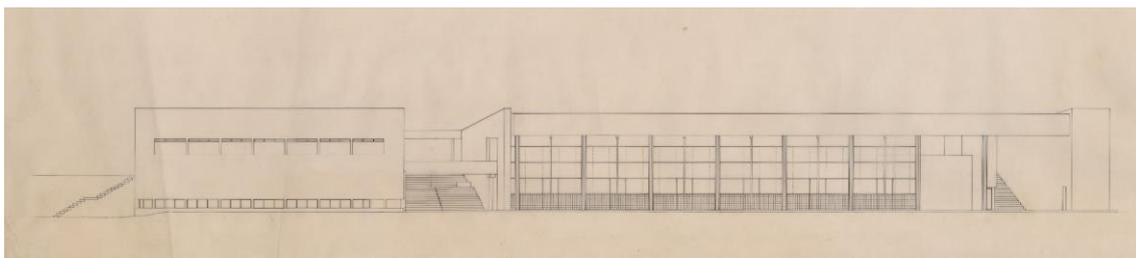
A Câmara Municipal, no final da construção, vendeu os espaços do bar e do restaurante à Caixa Geral de Depósitos, para aí instalar uma dependência, e parte dos trabalhos de instalação do auditório não foram executados.”



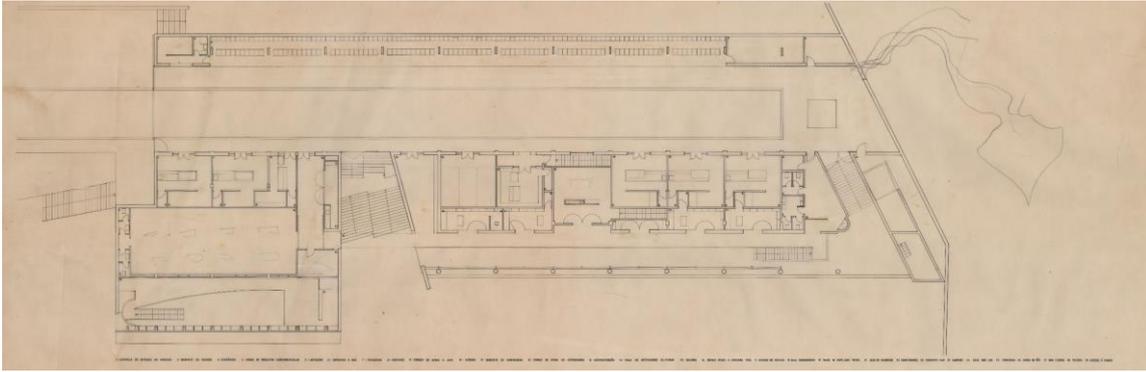
Esquissos do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. Acervo Manuel Botelho



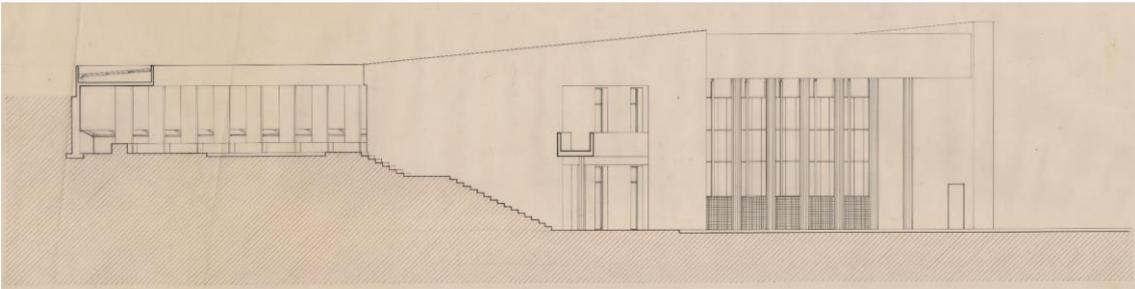
Desenho do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0005-pd0006



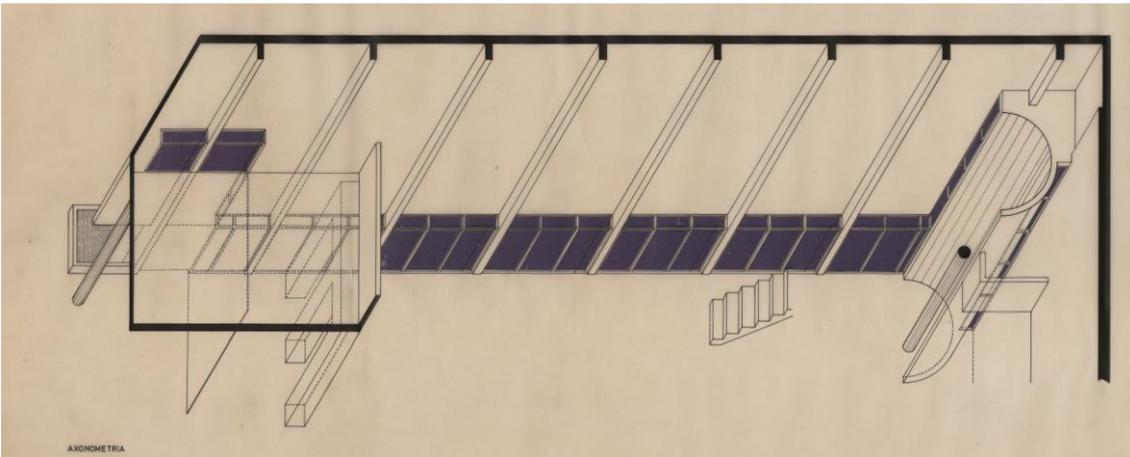
Desenho do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0005-pd0005



Desenho do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0005-pd0011



Desenho do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0005-pd0014



Desenho do projeto, Mercado Municipal de Moimenta da Beira. FIMS_MB_0005-pd0016



Figuras 29/30/31/32/33/34/35/36/37 Fotografias das diferentes fases do projeto do Mercado Municipal de Moimenta da Beira

P6

Nome: Igreja de Nossa Senhora de Lourdes

Local:

Data: 1982

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

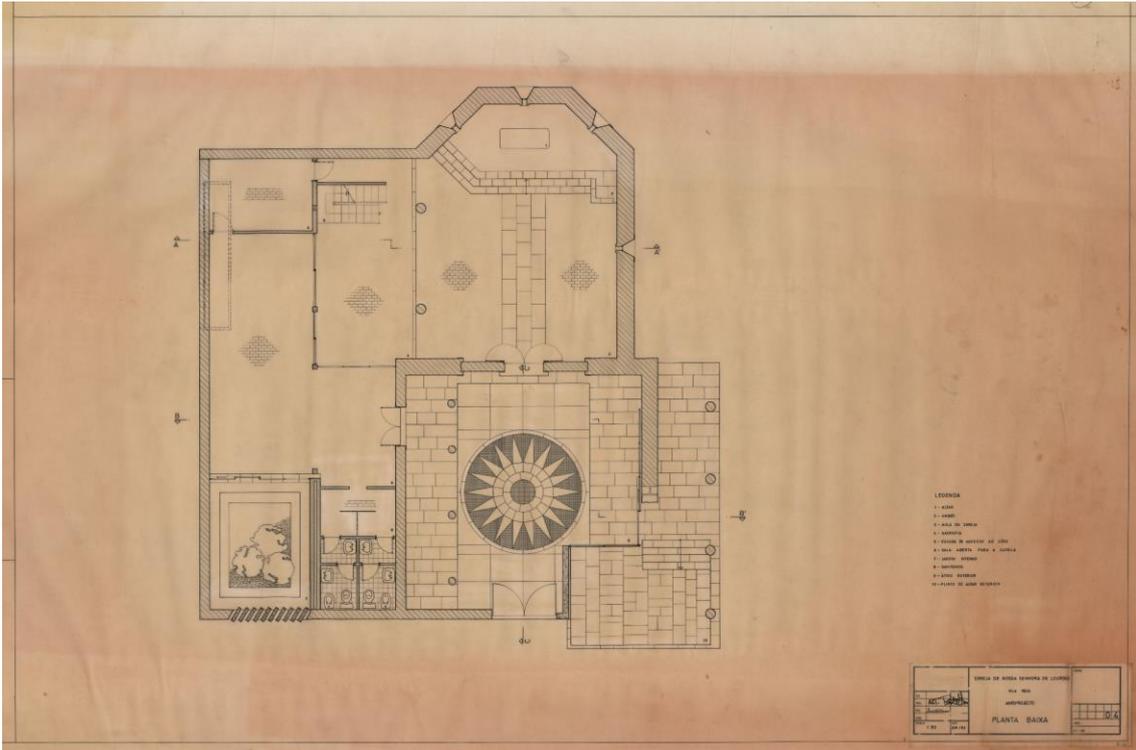
Colaboração:

Engenharias:

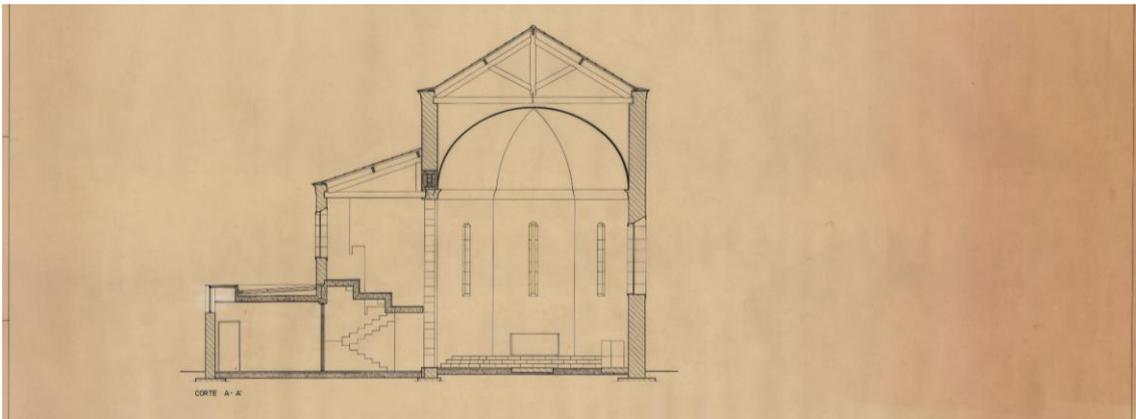
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/06-pd0001 _ FIMS/MB/06-pd0010 (10 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. FIMS_MB_0006_pd0004



Desenho do projeto, Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. FIMS_MB_0006_pd0006



Desenho do projeto, Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. FIMS_MB_0006_pd0009

P7

Nome: Casa Dr. Lima Teles

Local: Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia

Data: 1983

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

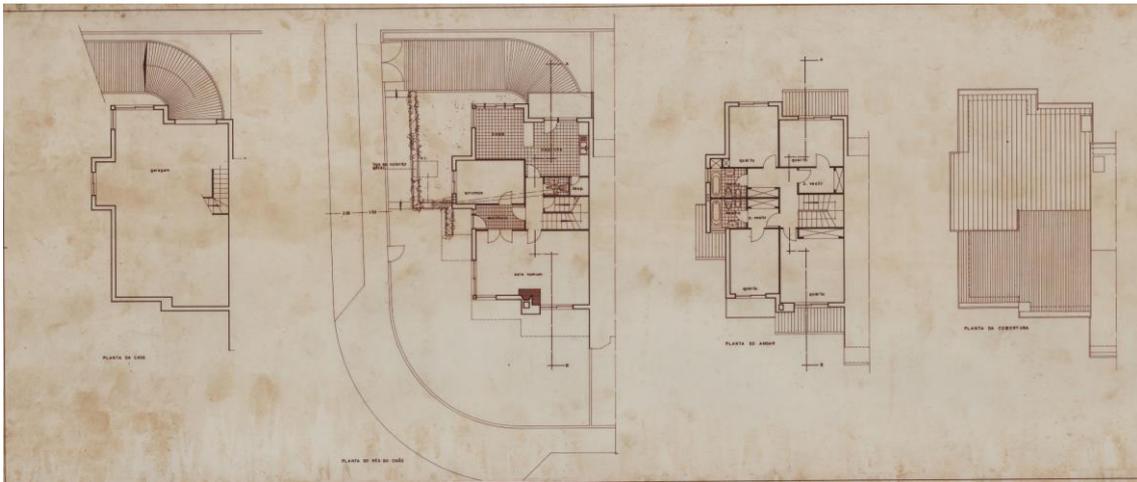
Colaboração:

Engenharias:

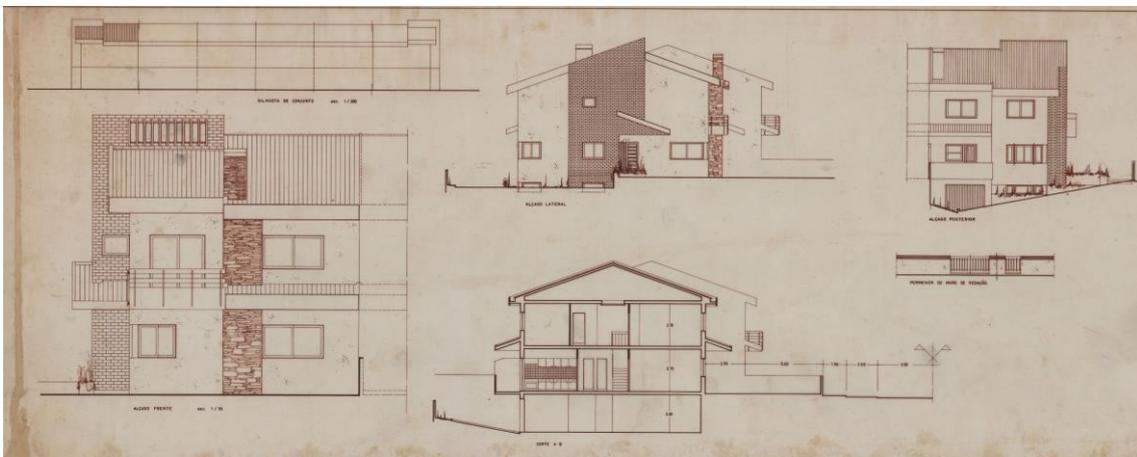
Cliente: Dr. Lima Teles

PD_FIMS: FIMS/MB/07-pd0001 _ FIMS/MB/07-pd0002 (2 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Casa Dr. Lima Teles. FIMS_MB_0007_pd0001



Desenho do projeto, Casa Dr. Lima Teles. FIMS_MB_0007_pd0002

P8

Nome: Casas em Vila de Rua

Local: Vila de Rua, Moimenta da Beira

Data: 1983

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

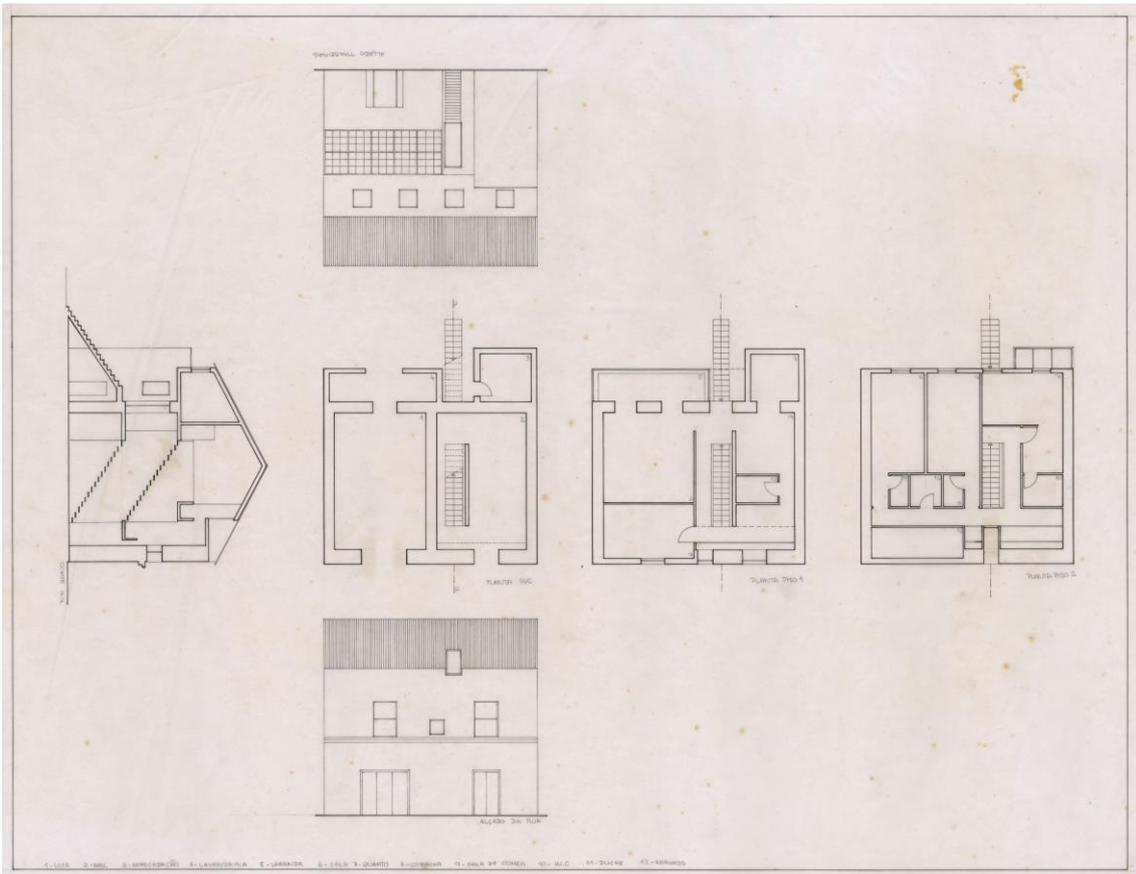
Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/08-pd0001 (1 peça desenhada)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Casa Dr. Lima Teles. FIMS_MB_0008-pd0001

P9

Nome: Casa Dr. Barroso Pires

Local: Bairro Corisca 8, Ponte da Barca

Data: Projeto iniciado em 1983 e concluído em 1985;
Construção iniciada em 1985 e concluída em 1987

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Carreira.

Engenharias: Estruturas: Eng.º Telmo de Carvalho Ferreira; Águas e Saneamento: Eng.º A. Matos de Almeida;

Eletricidade: Eng.º J. Gomes Senra; Construtor: Baptista e Carpinteira, Lda

Cliente: Dr. Luís Barroso Pires; Dra. Aida Pires

PD_FIMS: FIMS/MB/09-pd0001 _ FIMS/MB/09-pd0113 (113 peças desenhadas)

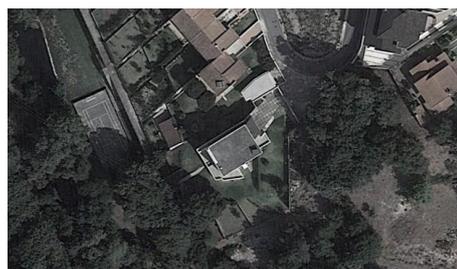


Figura 38 Vista aérea, Casa Dr. Barroso Pires

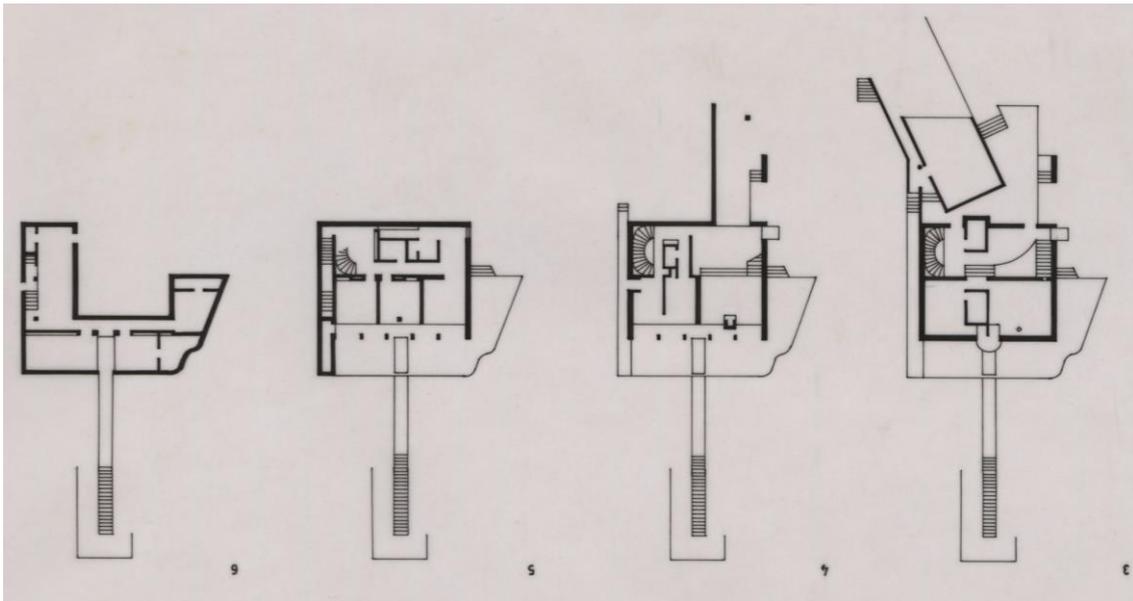
Da memória descritiva: “Esta habitação foi projetada para um lote de terreno de forte pendente, situado na margem direita do rio Vade afluente do rio Lima. Quando se iniciou o projeto. Na existia no loteamento nenhuma construção, pelo que ele terá sido marcado pelo forte bucolismo do vale, com a encostas frontal povoada, povoada por centenas de esteios de pedra, alinhados de modo quase religioso, com o rio a correr pacato lá no fundo.

O programa era o de casa com três quartos mais dois: um para hóspedes e outro para a empregada doméstica; uma sala comum, um escritório com alguma independência e uma sala polivalente (sala de jogos, de música, etc.), naturalmente com os serviços necessários.

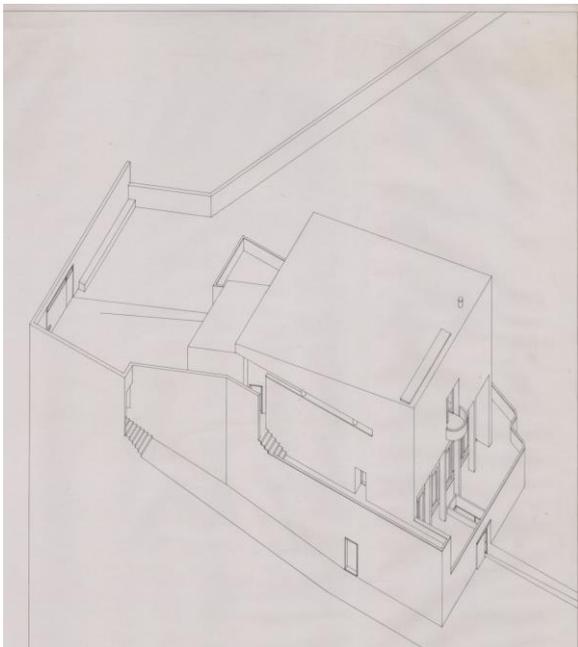
A casa foi pensada como um espaço que desce para o rio. Apresenta-se com um único piso do lado da entrada e com quatro do lado oposto. É uma casa que se destaca com força na encosta, em diálogo e confronto com a natureza. O terreno está sempre presente nos vários espaços da casa; na plataforma que continua para o exterior a sala, no terraço dos quartos que se alarga à procura do terreno e na porta poente aberta para um sulco rasgado na terra que conduz ao forno e tanque implanto mais abaixo, a meia encosta.

Os dois pisos, o dos quartos a cota inferior e o das salas, marcados pelo grande envidraçado voltado a poente, absorvem o quotidiano do habitar, destinando-se o piso superior ao escritório e quarto de hóspedes e o inferior à sala polivalente e serviços.

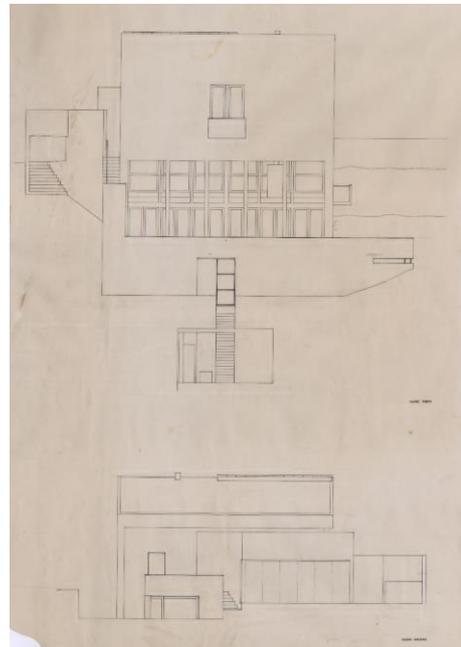
Os envidraçados recuados a que já se aludiu, protegidos por toldos que permitem o controlo da insolação, e dum modo geral a forma e tipo de janelas destacam-se da fenestração corrente, mas no geral trata-se de uma construção habitual com estrutura porticada de betão e de paredes exteriores rebocadas.”



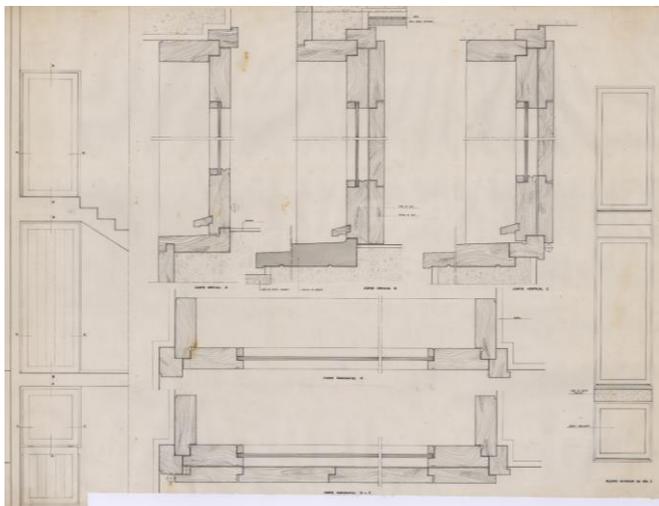
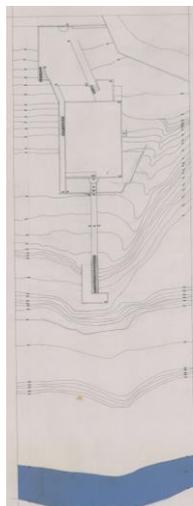
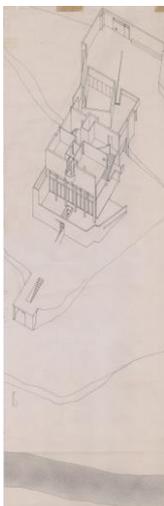
Desenho do projeto, Casa Dr. Barroso Pires. FIMS_MB_0009-pd0043



Desenho do projeto, Casa Dr. Barroso Pires. FIMS_MB_0009-pd0043



FIMS_MB_0009-pd0044



Desenhos do projeto, Casa Dr. Barroso Pires. FIMS_MB_0009-pd0003; FIMS_MB_0009-pd0042; FIMS_MB_0009-pd0049



Figuras 39/40/41/42/43/44/45/46/47/48 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Dr. Barroso Pires

P10

Nome: Centro Social de Vila de Rua

Local: Moimenta da Beira

Data: 1985

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Carreira.

Engenharías:

Cliente:

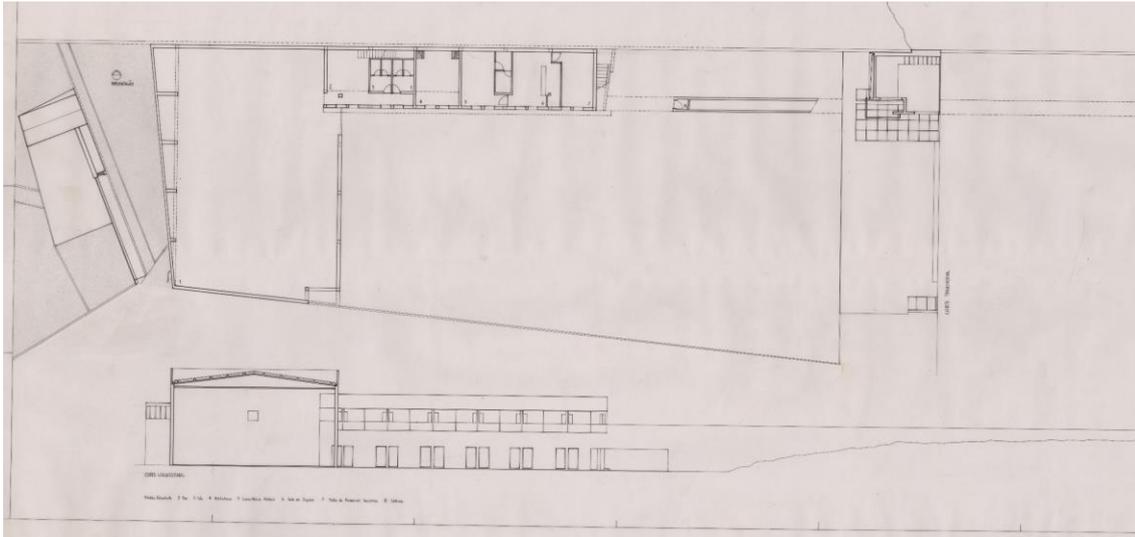
PD_FIMS: FIMS/MB/10-pd0001 _ FIMS/MB/10-pd0012 (12 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “Um edifício com três destinos de usos diferentes, a saber:

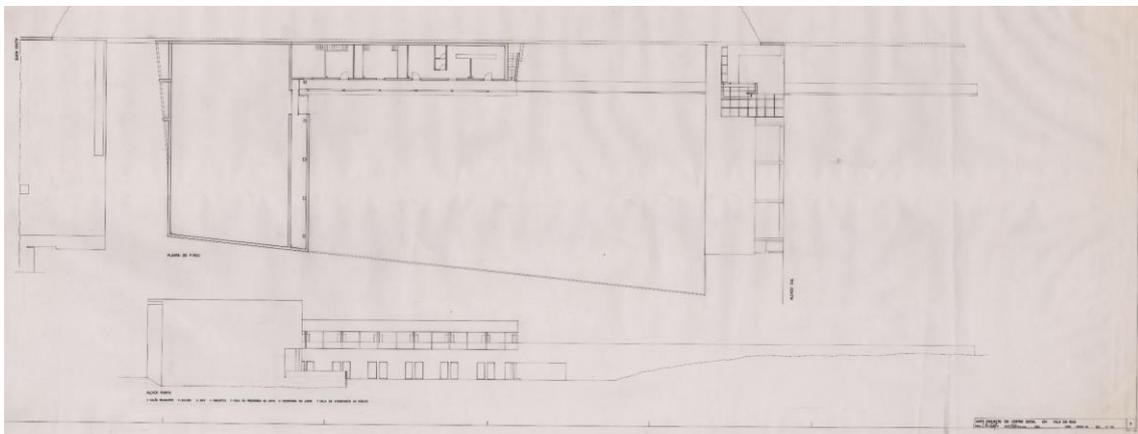
Junta de Freguesia, Centro de Saúde e Salão Polidesportivo conduziu a dois edifícios ortogonais, um destinado ao salão polidesportivo, e o outro, à Junta de Freguesia e Centro de Saúde.

Os dois usos diferentes deste último têm acessos diferenciados a partir de um longo percurso integrado na topografia do terreno que contribui a definição do Largo resultante dos dois edifícios. Este largo propício a diversas convivências que poderão tornar menos desgastantes as horas de espera das desagradáveis deslocções a repartições públicas, permite ainda outros usos como o de reuniões festivas, típicas de comunidades rurais, muito embora estas comunidades estejam a transformar-se profundamente.”

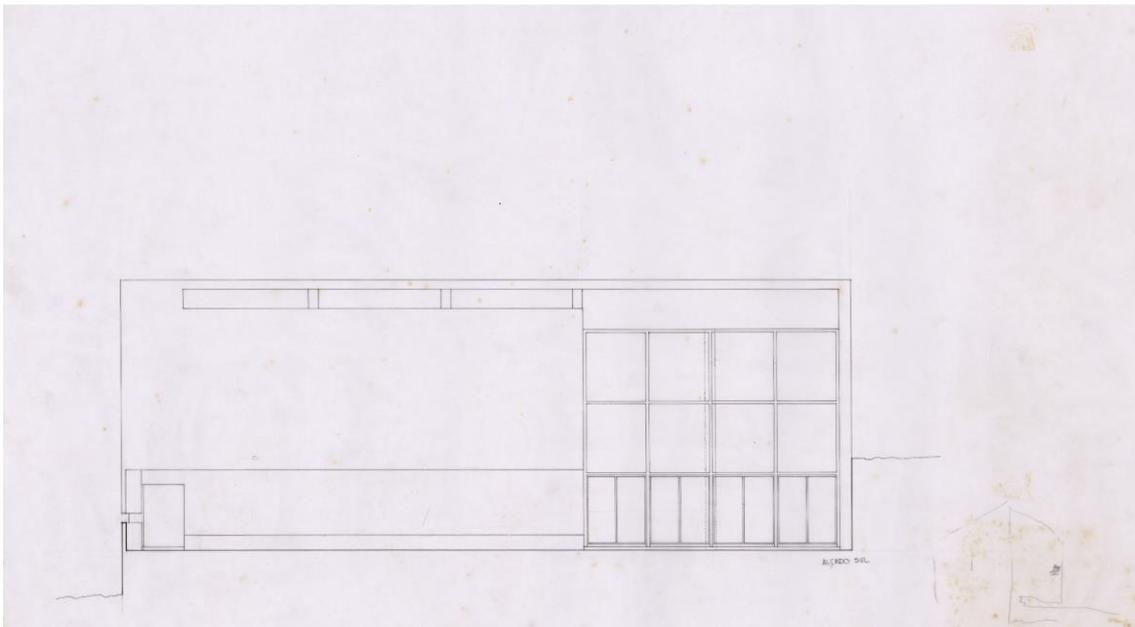
II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenho do projeto, Centro Social de Vila de Rua. FIMS_MB_0010_pd0010-1



Desenho do projeto, Centro Social de Vila de Rua. FIMS_MB_0010_pd0012



Desenho do projeto, Centro Social de Vila de Rua. FIMS_MB_0010_pd0005

P11

Nome: Capela Mor da Igreja de Penajóia

Local: Penajóia-Lamego

Data: 1985

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/11-pd0001 _ FIMS/MB/11-pd0008 (8 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “Para a adaptação da igreja às normas litúrgicas emanadas do Concílio Vaticano II, organizou-se o Presbitério demolindo o enorme fundo de madeira, que havia sido construído provisoriamente encostado a um altar de pedra.

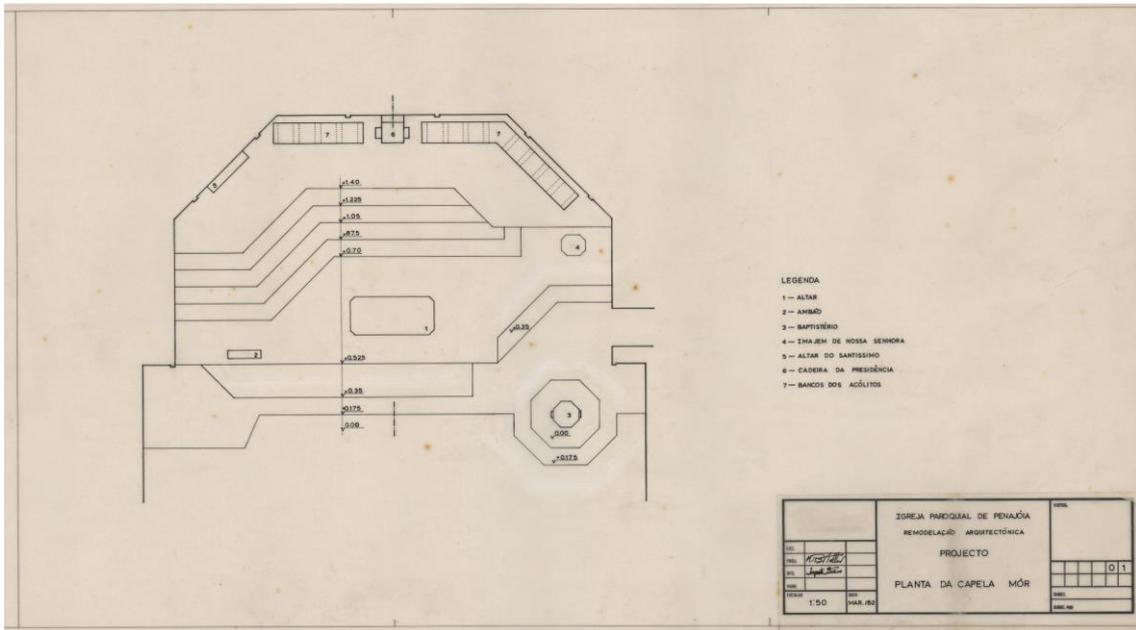
Teve-se em conta o desenho planimétrico da capela-mor.

Utilizaram-se materiais nobres de uso no local: pavimento, base de bancos, plinto de imagem, ambão, batistério, cadeira da presidência e altar são de granito.

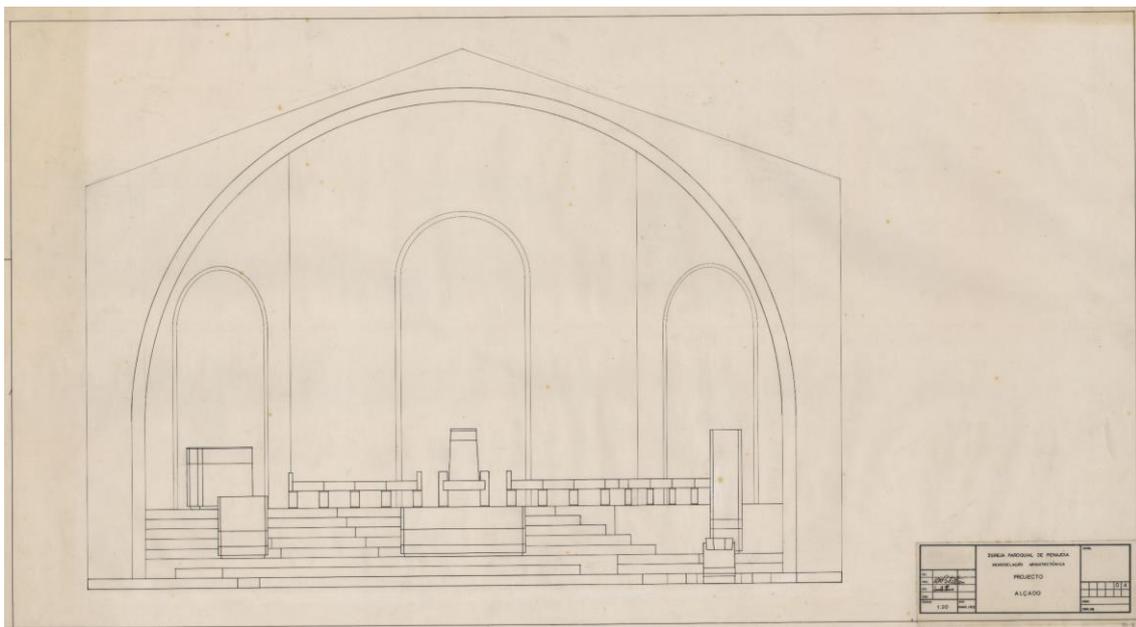
O preenchimento por granito dos três panos de parede, no interior de arcos existentes, deveriam constituir uma espécie de tríptico em negativo, tendo em conta a pintura mural das restantes áreas das paredes da capela-mor.

Utilizou-se também a cerâmica, com motivos que fazem referência ao trabalho agrícola da povoação.

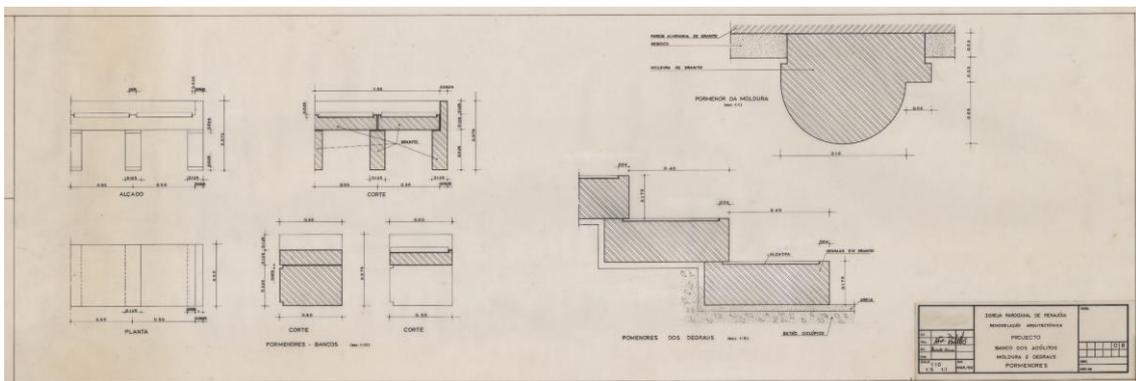
Para o tabernáculo utilizaram-se elementos de granito já existentes, incluindo algumas pedras lavradas, e esculpiu-se uma porta de bronze.”



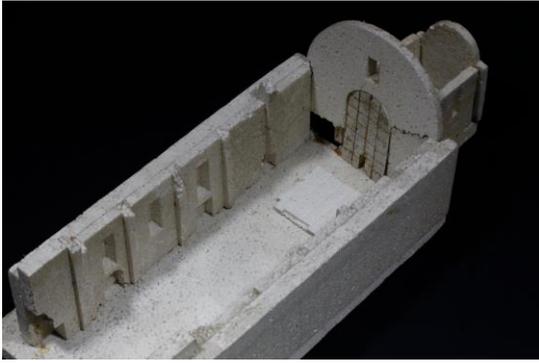
Desenho do projeto, Capela Mor da Igreja de Penajóia. FIMS_MB_0011-pd0001



Desenho do projeto, Capela Mor da Igreja de Penajóia. FIMS_MB_0011-pd0003



Desenho do projeto, Capela Mor da Igreja de Penajóia. FIMS_MB_0011-pd0007



Figuras 49/50/51/52 Fotografias da maquete do projeto da Capela Mor da Igreja de Penajóia

P12

Nome: Casa José Pereira Lopes

Local: Lugar de Prados de Cima, Vila Rua, Moimenta da Beira

Data: 1985

Estado: Construído (Obra não assumida pelo arquiteto)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

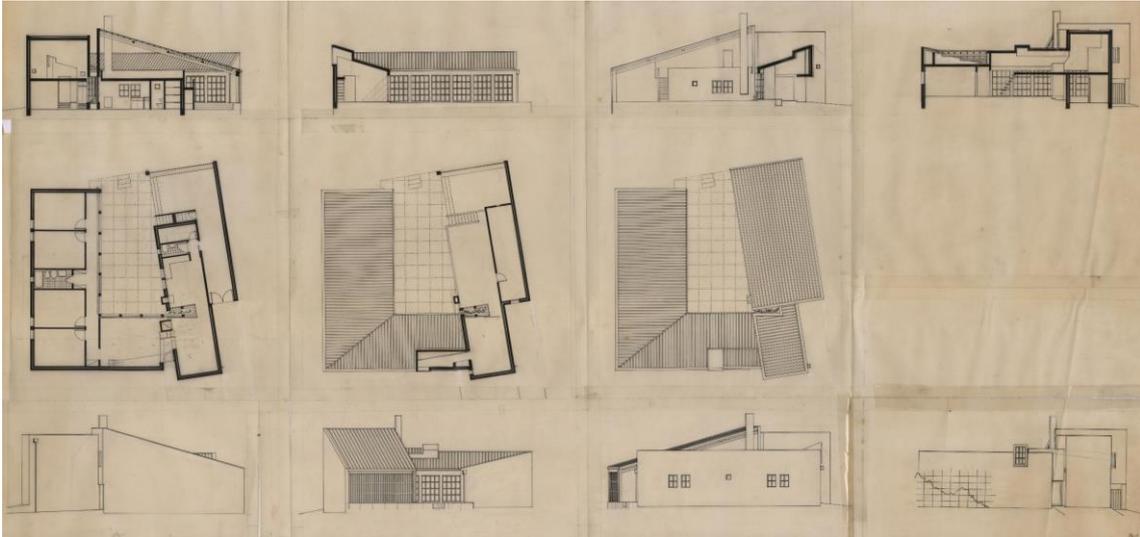
Cliente: José Pereira Lopes

PD_FIMS: FIMS/MB/12-pd0001 _ FIMS/MB/12-pd0003 (3 peças desenhadas)

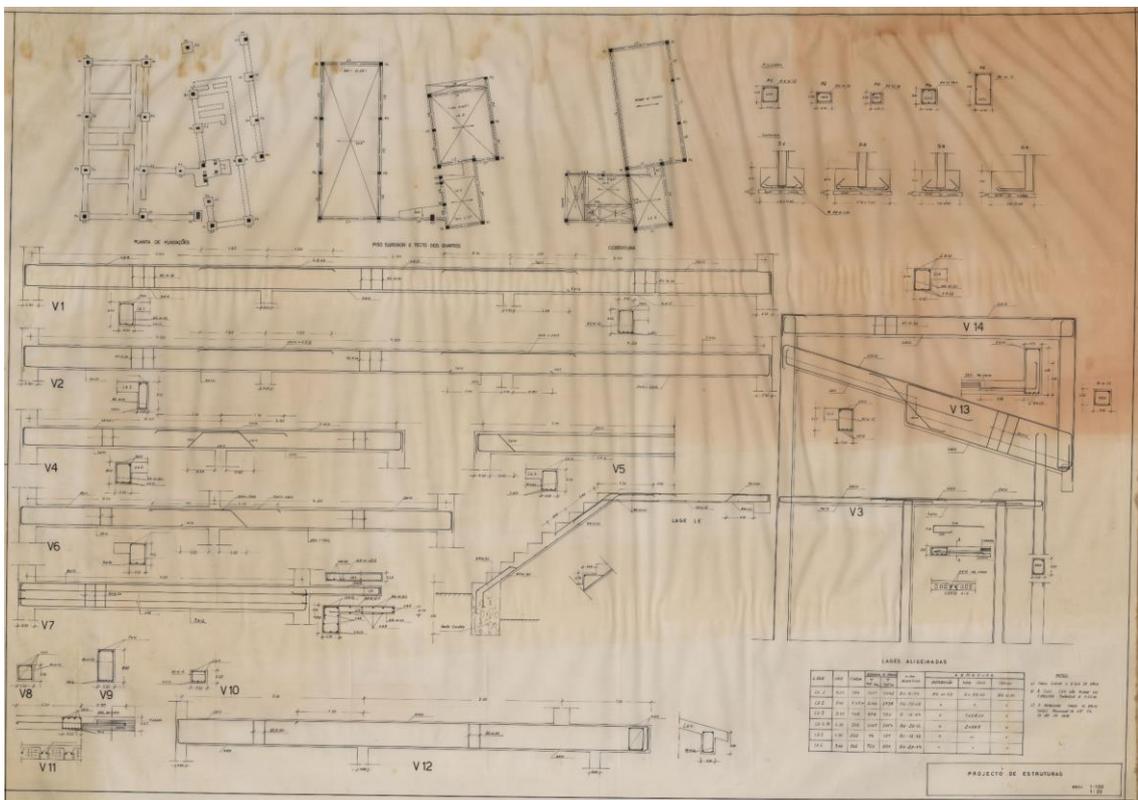


Figura 53 Vista aérea, Casa José Pereira Lopes

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Casa José Pereira Lopes. FIMS_MB_0012-pd0001



Desenho do projeto, Casa José Pereira Lopes. FIMS_MB_0012-pd0003

P13

Nome: Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire

Local: Castro Daire

Data: 1986

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias:

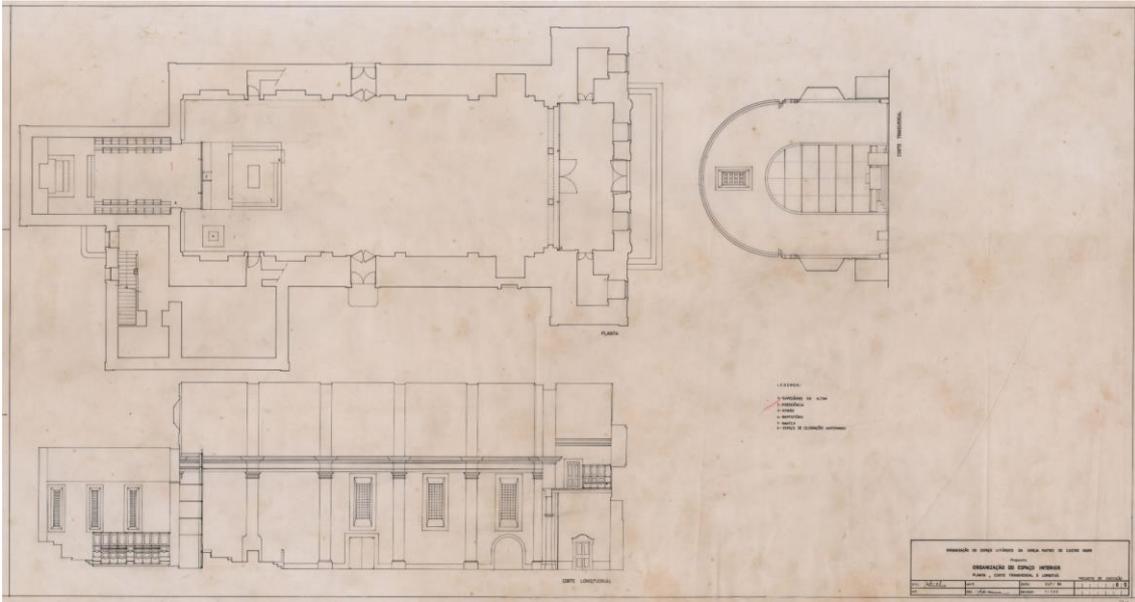
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/13-pd0001 _ FIMS/MB/13-pd0015 (15 peças desenhadas)

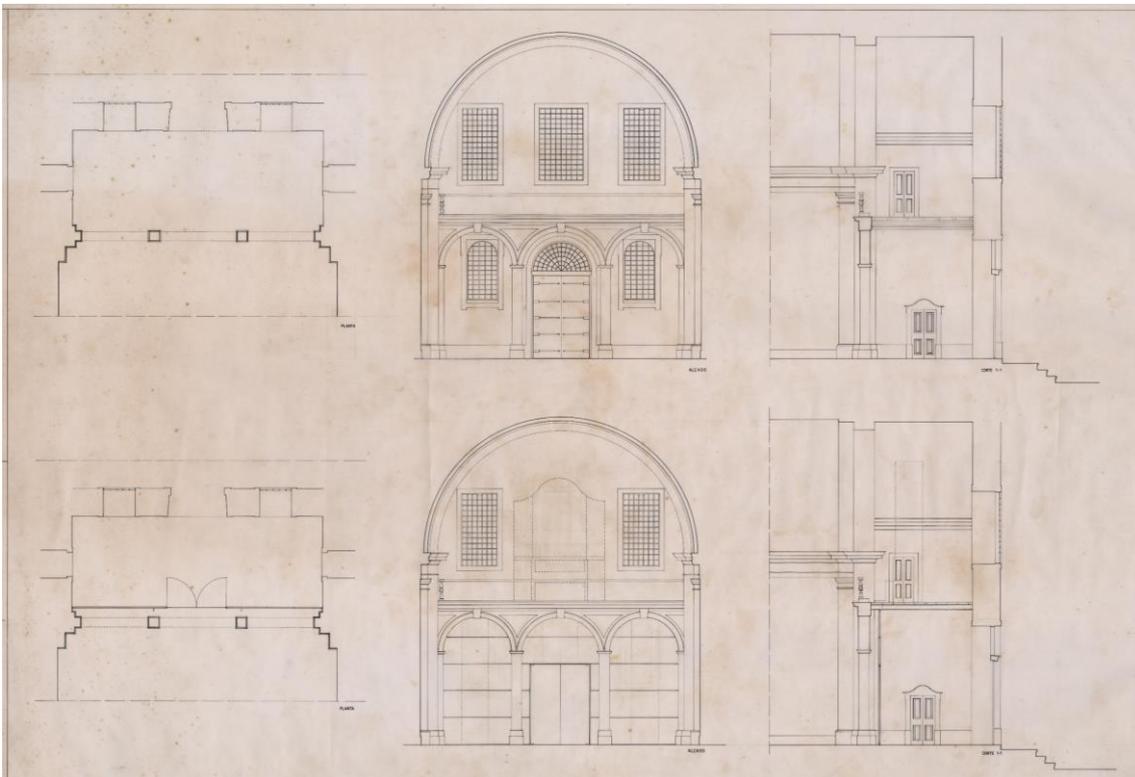
Da memória descritiva “A desproporção da nave e capela-mor, levaram a pensar e projetar uma estrutura desmontável de ferro e placas de granito que permitisse assim a formação de dois espaços: o da capela-mor destinado a celebrações semanais e a nave destinada às grandes celebrações dominicais.

Com outro painel desmontável de ferro e granito organizou-se uma espécie de nártex.

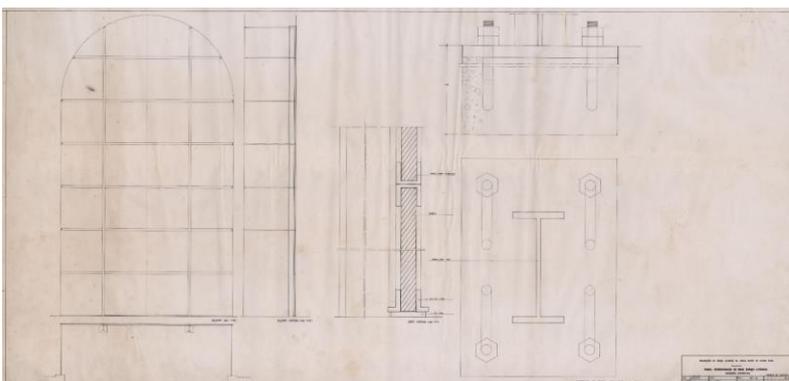
Fez-se um levantamento de espaços existentes na periferia da Igreja e estudou-se a organização de um pequeno espaço museológico.”



Desenho do projeto, Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire. FIMS_MB_0013-pd0003



Desenho do projeto, Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire. FIMS_MB_0013-pd0005



Desenho do projeto, Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire. FIMS_MB_0013-pd0005

P14

Nome: Casa Ricardo Noronha Lima Teles

Local: Rua do Comércio, Lugar de Feira, Nespereira, Cinfães

Data: Projeto iniciado em 1987 e concluído em 1991

Construção iniciada em 1988 e concluída em 1991

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias: Estruturas: Eng.º A. Matos de Almeida. Águas e Esgotos: Eng.º A. Matos de Almeida.

Construtor: Construções do Ardena.

Cliente: Ricardo Noronha Lima Teles

PD_FIMS: FIMS/MB/14-pd0001 _ FIMS/MB/14-pd0065 (65 peças desenhadas)



Figura 54 Vista aérea, Casa Ricardo Noronha Lima Teles

Da memória descritiva: “A casa “Ricardo Teles” situa-se na freguesia de Nespereira do Concelho de Cinfães.

Nespereira desenvolve-se a meia encosta do vale do rio Ardena, afluente do rio Paiva, este, por sua vez, afluente do Rio Douro.

O elemento estruturante dos vários aglomerados rurais ou dos Lugares que compõem a freguesia é um caminho fortemente condicionado pela topografia acidentada, que foi perdendo importância com o aparecimento da E.N. n.º 225, esta com um carácter diferente de ligação regional. Algumas vezes, os traçados coincidem ou seguem um andamento paralelo; outras vezes, afastam-se, e quando a estrada recente encontra aglomerados residenciais está cada vez mais a assumir, de uma forma estranha e quase anárquica, o carácter de rua urbana.

O talhão de terreno de pequenas dimensões, onde a casa foi implantada, constitui uma plataforma à cota intermédia dos dois caminhos que naquele ponto se encontram com um desfasamento altimétrico de cerca de 4 metros.

À entrada da casa pode chegar-se ou a partir do caminho mais antigo à cota inferior, subindo umas escadas a céu aberto, localizadas no rasgamento que atravessa o volume compacto do edifício e se lê do exterior; ou descendo outras que da Estrada Nacional conduzem ao vão da entrada, estudado como espaço escavado no volume e valorizado pela presença de um poço ali existente e que foi conservado.

À cota mais baixa da casa que correspondente à do caminho mais antigo, situa-se uma cave enterrada destinada exclusivamente a arrumos.

Numa cota intermédia relativamente à dos caminhos, está o piso de entrada, onde se sucedem à volta dos três lados do pátio de forma retangular: o vestíbulo, o acesso ao piso superior, a sala, a cozinha e, ainda, do outro lado do pátio: uma lavandaria, a garagem e um forno tradicional de lenha.

No piso superior, os quartos abrem-se mais para o exterior e são servidos por um corredor que se articula com espaços mais polivalentes, como são uma sala de pequenos trabalhos domésticos ou de leitura e varandas debruçadas sobre o pátio ou para o exterior, a céu aberto ou encerradas.

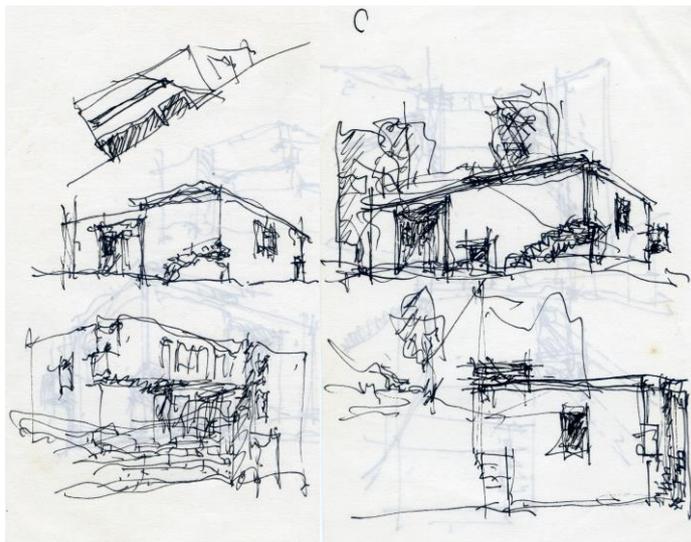
A articulação de escadas exteriores com o pátio do piso de entrada e as varandas do piso dos quartos contrapõem uma riqueza de espaços intimistas à definição seca da volumetria exterior. A volumetria compacta da casa esconde uma articulação de espaços interiores, muito rica, à volta de um pequeno pátio, coração da casa, que permite ainda uma “domesticação” da luz que invade os variados espaços.

Enfiamentos visuais, que o vazio do pátio interior torna mais densos, qualificam e contextualizam os vários espaços da casa, denunciando uma atenção cuidadosa prestada à envolvente.

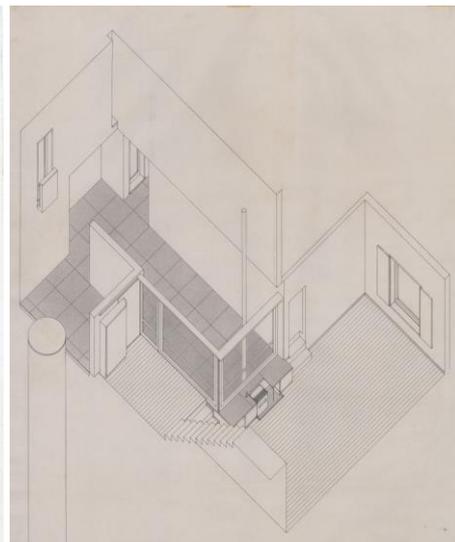
Exploraram-se características metamórficas em elementos variados da arquitetura, como por exemplo: o chão de ardósia que se transforma em tampo de móvel, o tampo de ardósia que se transforma em banco, o móvel que se transforma em fogão, a parede que se transforma em móvel, os reflexos que criam ambientes de sonho e espaços quase virtuais, etc.

A simplicidade de formas e o uso de materiais comuns repõem a aproximação de vida.

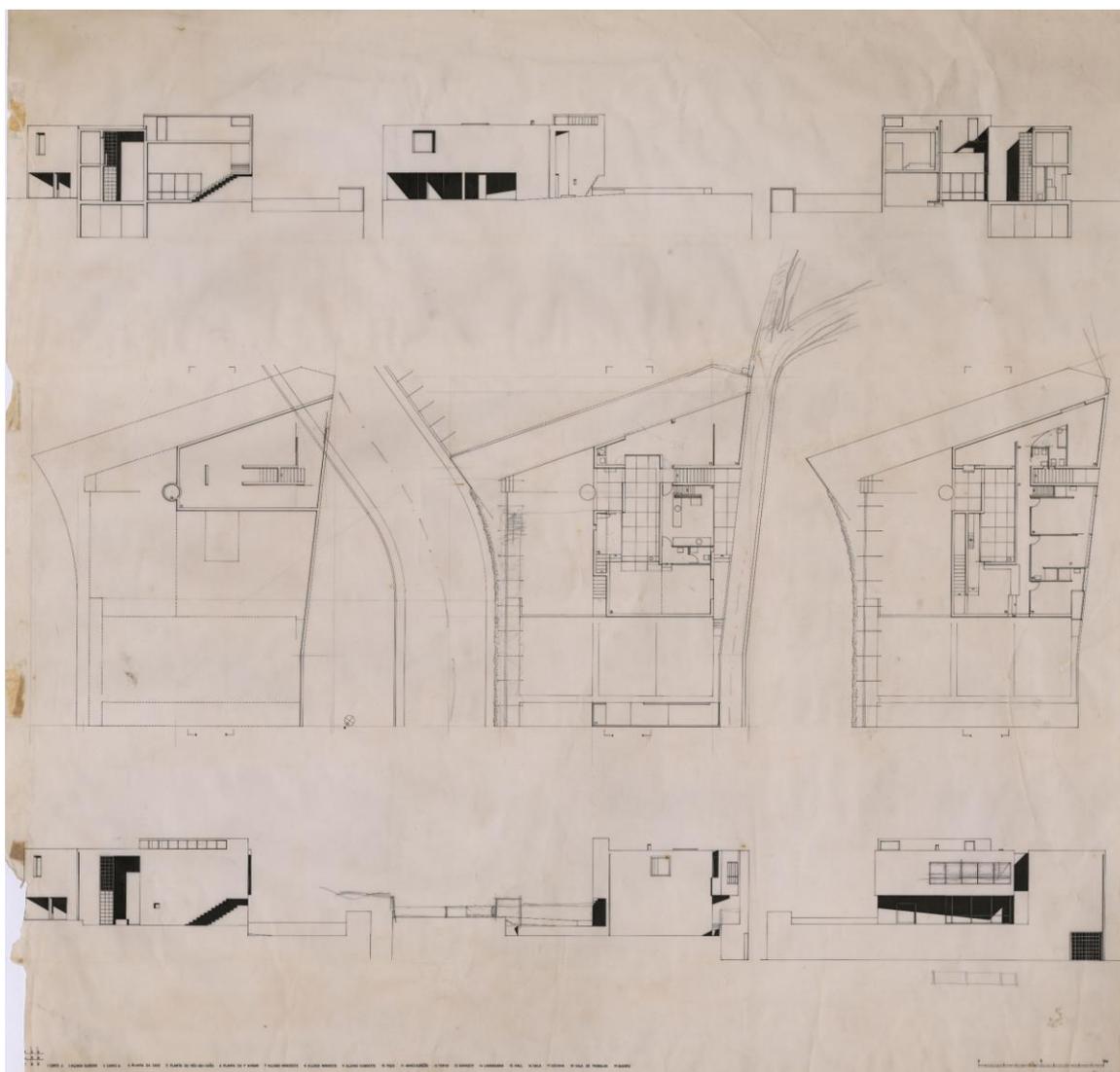
Os rebocos, as madeiras e as ardósias, que eram tradicionais nas construções da região, respondem a caracterização de espaços simples que não incomodem a vida e capazes de permitir quotidianos ricos de vivências que de algum modo memorizam aspetos da apreensão arcaica do espaço.”



Esquissos do projeto, Casa Ricardo Noronha Lima Teles. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



FIMS_MB_0014-pd0064



Desenho do projeto, Casa Ricardo Noronha Lima Teles. FIMS_MB_0014-pd0065



Figuras 55/56/57/58/59/60/61/62/63/64 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Ricardo Noronha Lima

P15

Nome: Casa Dr. João Machado

Local: Rua da Boavista, 504, Cepelos, Amarante

Data: Projeto-1987; Fim da construção-1989

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias: Estabilidade e estruturas: Eng.º Paulo Machado

Águas e Esgotos: Eng.º A. Matos de Almeida

Cliente: Dr. João da Silva Machado

PD_FIMS: FIMS/MB/15-pd0001 _ FIMS/MB/15-pd0052 (52 peças desenhadas)



Figura 65 Vista aérea, Casa Dr. João Machado

Da memória descritiva: “Neste projeto estuda-se a ampliação de uma moradia construída nos finais dos anos 30.

Os proprietários desejavam possuir um espaço de convívio mais amplo, uma sala destinada a jogos e seis quartos de dormir.

A casa era constituída por um rés-do-chão destinado a arrumos e um primeiro piso a habitação.

Inicialmente pensou-se que utilizando o rés-do-chão seria possível responder ao programa. Verificou-se depois que sem uma ampliação não era possível responder adequadamente às exigências do programa até porque parte do rés-do-chão está semienterrado e não dispõe de iluminação natural numa das fachadas.

Optou-se então por localizar no rés-do-chão da casa existente todos os espaços de estar e trabalho: cozinha, sala de jantar, sala de estar e receção. Articularam-se estas zonas com as duas destinadas a quartos, uma no piso superior, outra na ampliação que partindo da casa se desenvolve linearmente para nascente. Em todos os quartos prevê-se um banho privativo e os construídos de raiz dispõem ainda de um pequeno espaço exterior próprio.

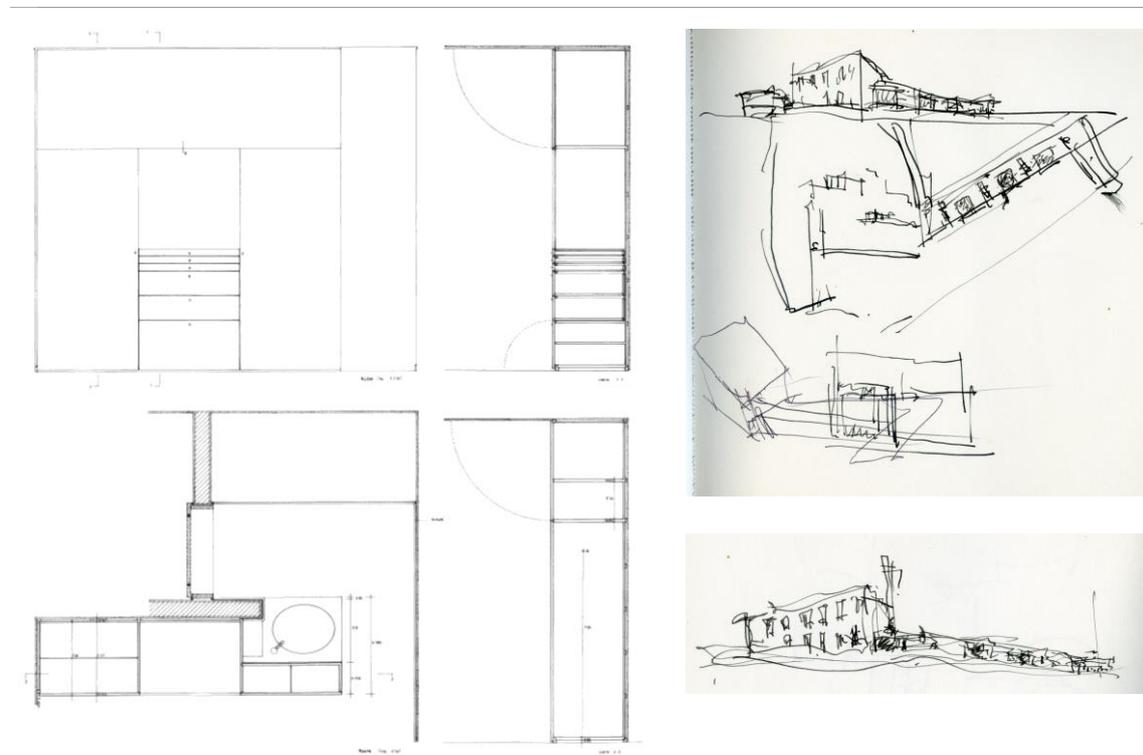
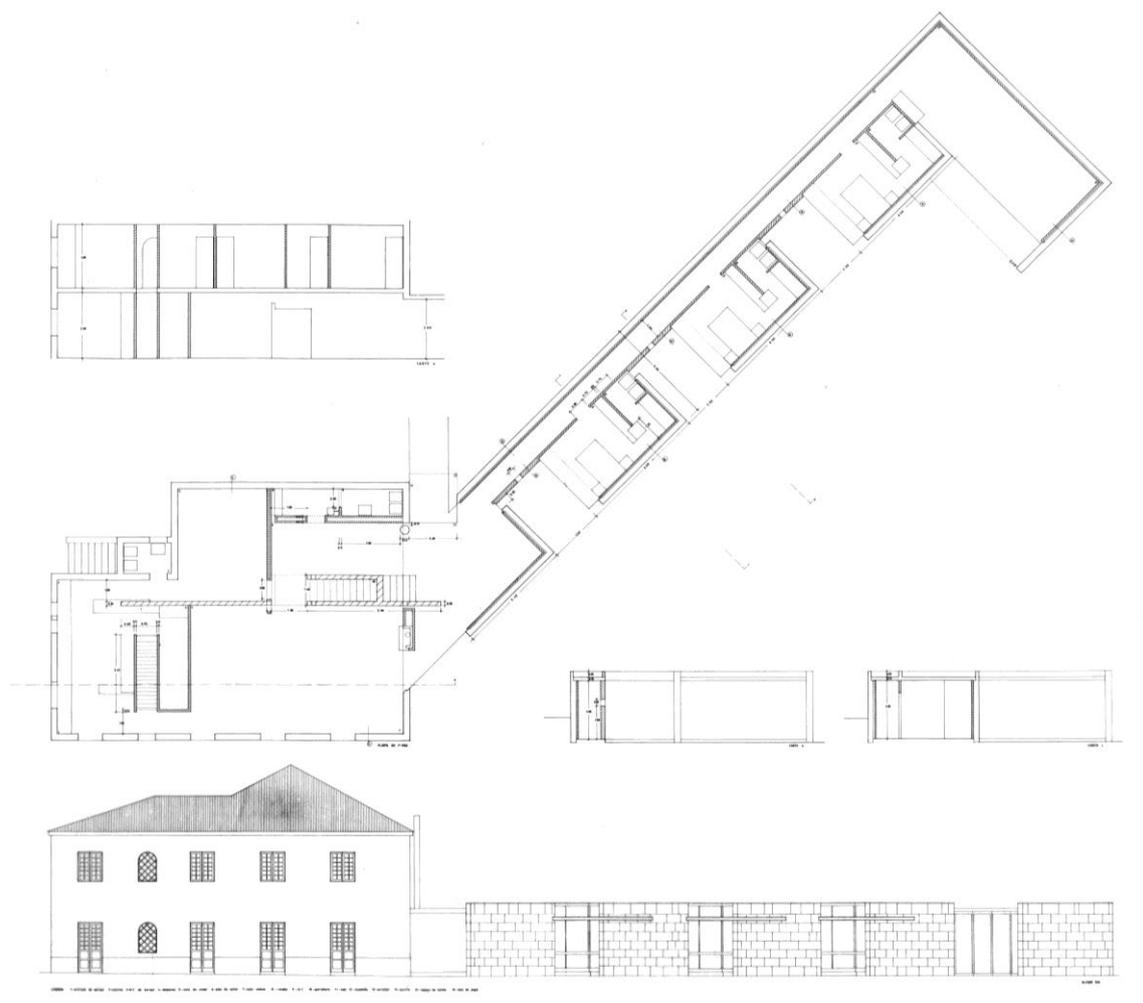
Impunha-se encontrar uma nova entrada principal para a moradia, por a primitiva ser feita por escadas exteriores de granito que conduziam ao primeiro piso. Localizou-se a nova entrada na conjugação do edifício existente com o novo onde um hall, com pé-direito duplo, confere unidade às duas entradas.

O novo corpo apresenta uma linguagem propositadamente diferente, abrindo-se para pequenos pátios e criando deste modo uma sequência rítmica de paredes e vazios.

Os próprios materiais – paredes de granito – demarcam-se dos rebocos existentes e o mesmo se deve dizer da volumetria que é de um piso com cobertura plana, na parte nova, em confronto com os dois pisos da casa existente que se apresenta com telhados.

A implantação da nova construção, que do lado Noroeste se lê apenas como um muro, ajuda a criar na propriedade uma interioridade vocacionada para espaços de habitar.

Tendo em conta a diferença de número de pessoas que ao longo do ano ali habita, encontrou-se uma solução, através de painéis móveis, que permite o alargamento ou a diminuição dos espaços de convívio.”



Desenhos do projeto, Casa Dr. João Machado. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 66/67/68/69/70/71/72/73 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Dr. João Machado

P16

Nome: Centro Cívico de Nespereira

Local: Rua/Largo Padre Bernardino Ribeiro Fernandes, Nespereira, Guimarães

Data: Projeto iniciado e concluído em 1987

Construção 1ª fase: 1992; 2ª fase: 1997; concluída em 2001

Estado: Construído (alterado)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to Francisco Cunha, Arq.to Guilherme Páris Couto, Arq.to João Duque Carreira, Arq. ta Helena Beselga, Arq.to Manuel Roque, Arq.to António Simões,

Arq.to Arménio Teixeira; Arq. ta Rita Mazedo, Arq. to Carlos Maia.

Engenharias: Estruturas: Eng.º Paulo Pimenta. Águas e Saneamento: Eng.ª Fátima Pimenta. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos. Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Vasco Freitas.

Cliente: Fábrica da Igreja Paroquial de Nespereira

PD_FIMS: FIMS/MB/16-pd0001 _ FIMS/MB/16-pd0115 (115 peças desenhadas)



Figuras 74 Vista aérea, Centro Cívico de Nespereira

Da memória descritiva: “O Projeto do Centro de Dia da Terceira Idade e Centro Cultural da Juventude de Nespereira em Guimarães, consiste na recuperação de um conjunto de construções rurais construídas em épocas diferentes, atualmente pertencentes à Paróquia local, que apresentam uma organização em pátio e constituem um exemplo notável de arquitetura orgânica vernacular.

Alguns edifícios apresentavam-se em estado de degradação devido a intervenções pouco criteriosas e outros em situação de quase ruína.

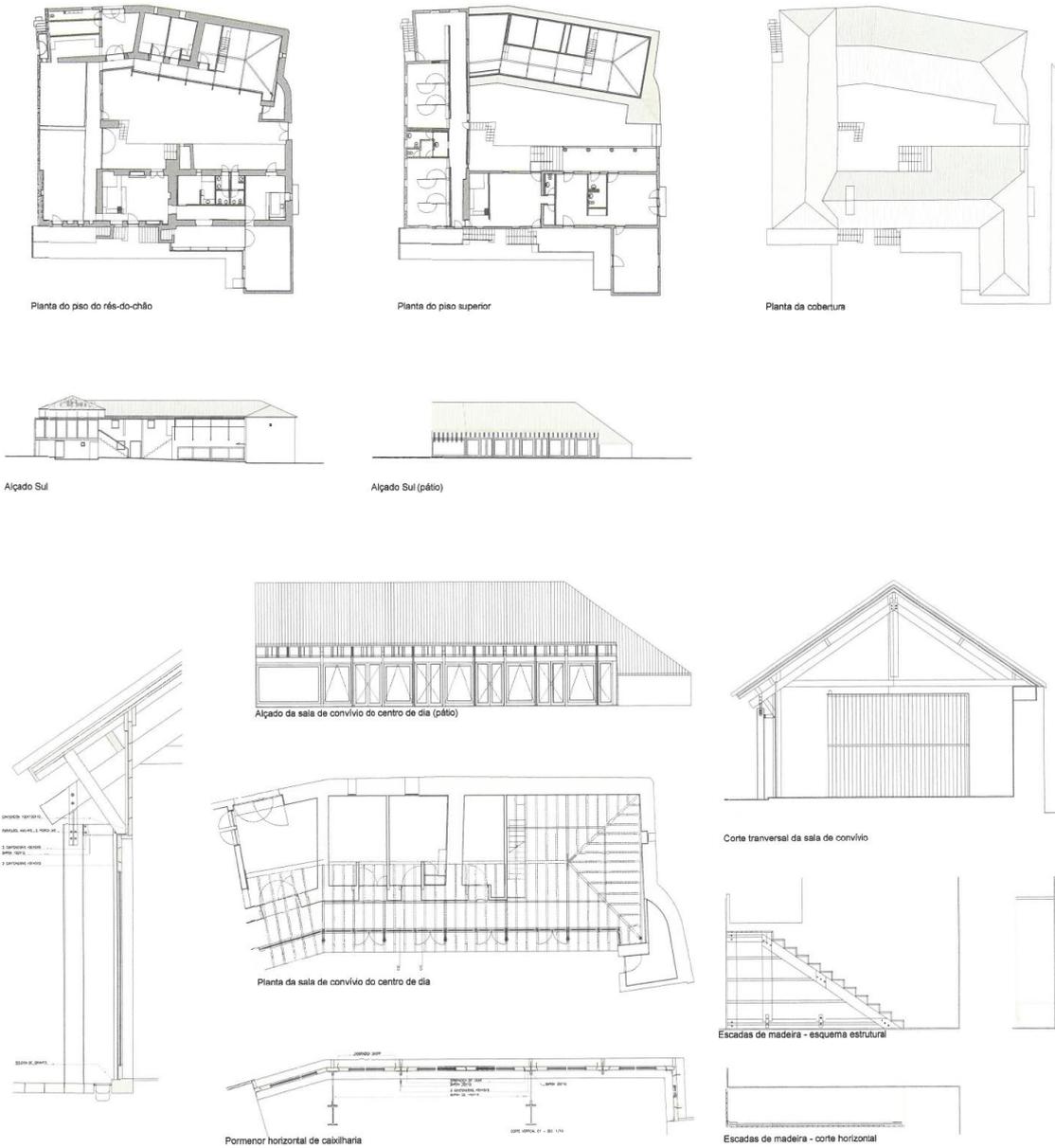
Manteve-se a volumetria existente, dado o seu inegável valor plástico, embora se tornasse evidente a necessidade de uma nova compartimentação interior que os novos usos exigiam. A cobertura que teve de ser refeita foi otimizada com o conveniente isolamento térmico.

Destinou-se o rés-do-chão ao Centro de dia da Terceira Idade onde um bar, uma biblioteca, um refeitório e uma sala de convívio se sucedem à volta do pátio existente que constitui o polo aglutinador de todos os espaços. O Centro Cultural da Juventude ocupa o primeiro piso.

Existe uma independência de sectores, mas todos comunicam com o pátio interior. Para cada um dos espaços encontrou-se uma linguagem moderna e atual, mas conservou-se a memória da Arquitetura Popular Rural.

A ala Norte, que antigamente era destinada ao abrigo de animais domésticos, sofreu as maiores transformações, mas mantém inequívoca memória de espaços rurais, conseguida sobretudo através da madeira das caixilharias, que imprime uma atmosfera vernacular ao conjunto sem cair em mimetismos fáceis.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Centro Cívico de Nespereira. Acervo Arquitecto Manuel Botelho



Figuras 75/76/77/78/79/80/81/82 Fotografias das diferentes fases do projeto do Centro Cívico de Nespereira

P17

Nome: Casa Eng.º Nunes de Sousa

Local: Rua Escritor Nuno de Bragança, N° 107, Ramalde, Porto

Data: Projeto iniciado em 1987

Construção: Primeira fase - 1992; Segunda Fase – 1994

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

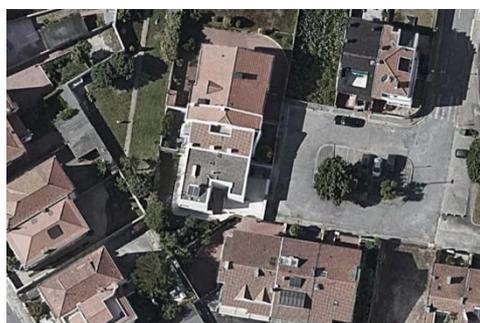
Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq. ta Jane Considine, Arq.to Arménio Teixeira, Arq.to António Simões, Arq.to Rui Jorge, Arq.to Manuel Roque, Arq. ta Helena Beselga, Arq. ta Cecília Delgado, Arq.to David Hartigan.

Engenharias: Estruturas: Eng.º Paulo Pimenta. Águas e Saneamento: Prof. Eng.º Vasco Freitas.

Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos. Construtor: Hernâni Andrade.

Cliente: Eng. Luís Nunes de Sousa

PD_FIMS: FIMS/MB/17-pd0001 _ FIMS/MB/17-pd0097 (97 peças desenhadas)



Figuras 83 Vista aérea, Casa Eng.º Nunes de Sousa

Da memória descritiva: “A casa Nunes de Sousa localiza-se num loteamento recente, efetuado no interior dum quarteirão de desenho urbano quase inexistente, limitando-se a uma resposta funcionalista de serventia dos lotes e a definir alinhamentos e cérceas da mancha construída.

Em 1989 iniciei o estudo desta casa quando já havia três habitações construídas com a linguagem ambígua da fusão da “vivenda urbana” com elementos de arquitetura rural.

Senti a vontade de construir um projeto que traduzisse a feitura dum fragmento de saguão. E a imagem de saguão induzia-me a pensar em massa e articulação de volumes, em contínuos de construção e escavados, em contrapontos de luz e sombra. O andamento irregular do limite Sul do lote, sugeria-me também uma perturbação na planimetria do edifício... um dobrar de paredes, que sublinhasse a articulação volumétrica da construção.

A solução veio a concretizar-se no pequeno pátio aberto a Sul que permitiu um tipo de fenestração capaz de evidenciar a densidade da massa construída e de permitir a leitura, a partir da Rua, de um segundo plano de construção no Alçado Sul.

Integrei na volumetria do edifício a plataforma que estabelece a ligação da Rua com o lote (três metros mais baixo), acentuando o "rés compacta" da Arquitetura (Alberti). Este mesmo propósito originou que a vedação do lote para a via pública fosse de alvenaria espessa com a caixa metálica reduzida à volumetria simples de paralelepípedo, destinada à instalação de infraestruturas de água, gás e eletricidade.

A Entrada na casa faz-se por uma porta lateral a que se tem acesso por um vazado que permite a leitura do pátio, para quem chega à casa. É este pátio que estabelece a relação do interior com o pequeno jardim, controla a luz nos envidraçados das salas e, com o vão das escadas, forma um poço onde se misturam a "luz do Céu e da Terra".

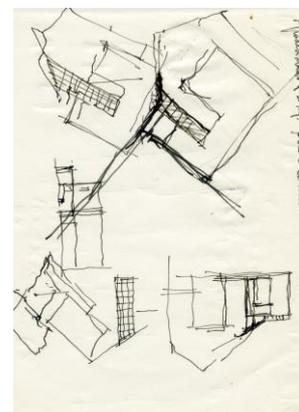
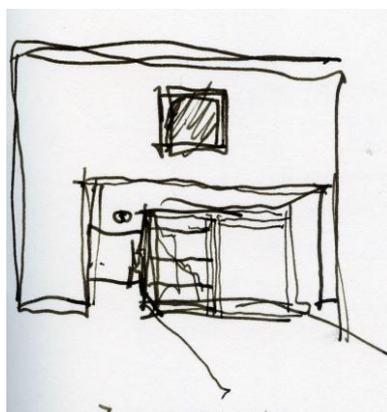
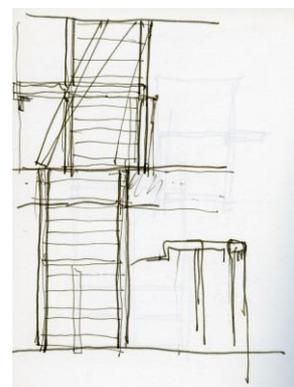
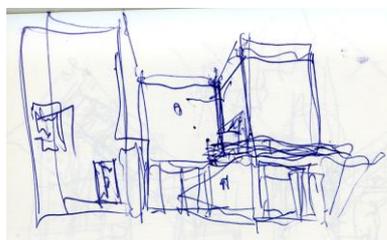
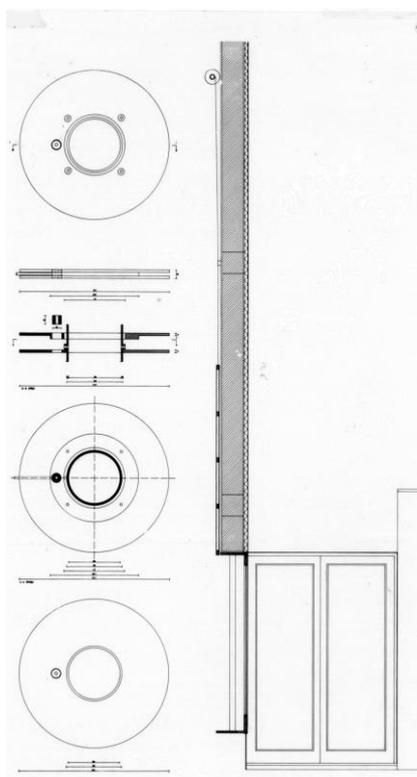
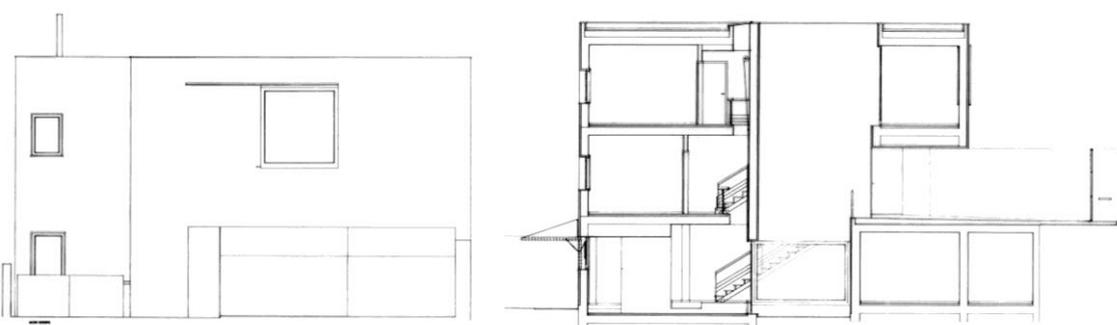
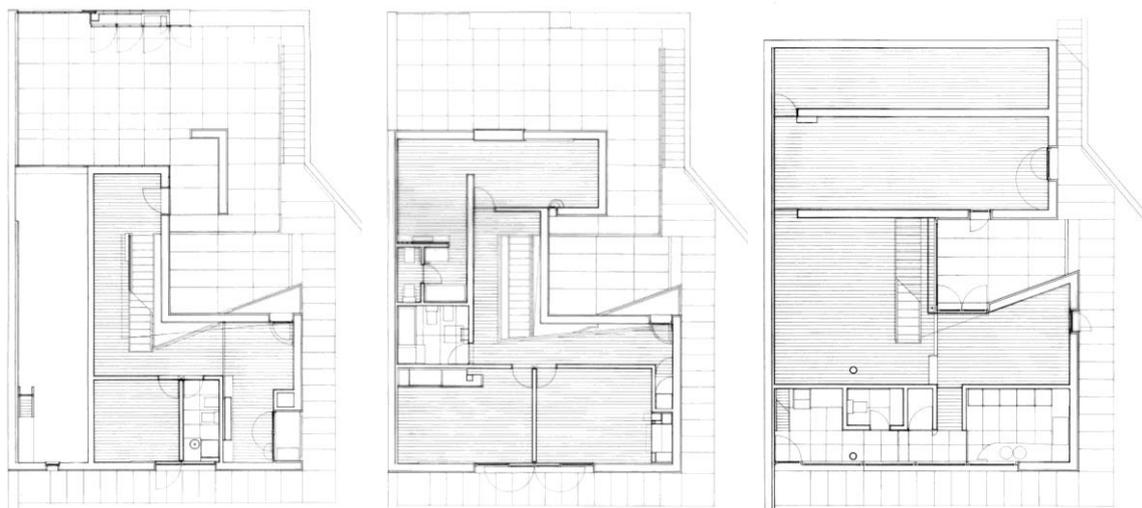
A casa desenvolve-se em três pisos: o inferior de diálogo mais estreito com o jardim, destina-se à localização das salas, cozinha e lavandaria; o intermédio, à cota da Rua, é preenchido por espaços de receção, escritório e garagem e o mais elevado, pelos três quartos de dormir.

Com o fim de evitar uma estratificação horizontal da casa, estudaram-se, para o vão de escadas, elementos de ferro e madeira que atuam ora como contenção ora como expansão do espaço.

Utilizaram-se materiais correntes: pavimentos de pinho e calcário, caixilharias de madeira e rebocos. O desenho da caixilharia e dos móveis, que tem em conta o trabalho artesanal, revela a preocupação em obter, também por esta via, o carácter intimista do espaço adequado a vivências do quotidiano.

Alguns painéis móveis no plano vertical ou horizontal - painel do escritório e dos envidraçados da sala - permitem recriações de ambientes diferentes, tornando-se o utilizador participe do processo criativo do espaço.

A estrutura resistente do edifício consiste num porticado de betão armado, perceptível pelo pilar visível na sala e num dos quartos. O desenvolvimento das paredes que contornam o pátio, desligadas da estrutura resistente do edifício para permitir a luz zenital da cobertura e a dos vãos junto ao solo, concretizou-se na solução de uma "viga parede" de betão armado.



Desenhos do projeto, Casa Eng.º Nunes de Sousa. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 84/85/86/87/88/89/90/91/92/93 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Eng.º Nunes de Sousa

P18

Nome: Concurso para as Novas Instalações da FEUP

Local: Porto

Data: Projeto 1988

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com Arq.to José Manuel Soares.

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias:

Cliente:

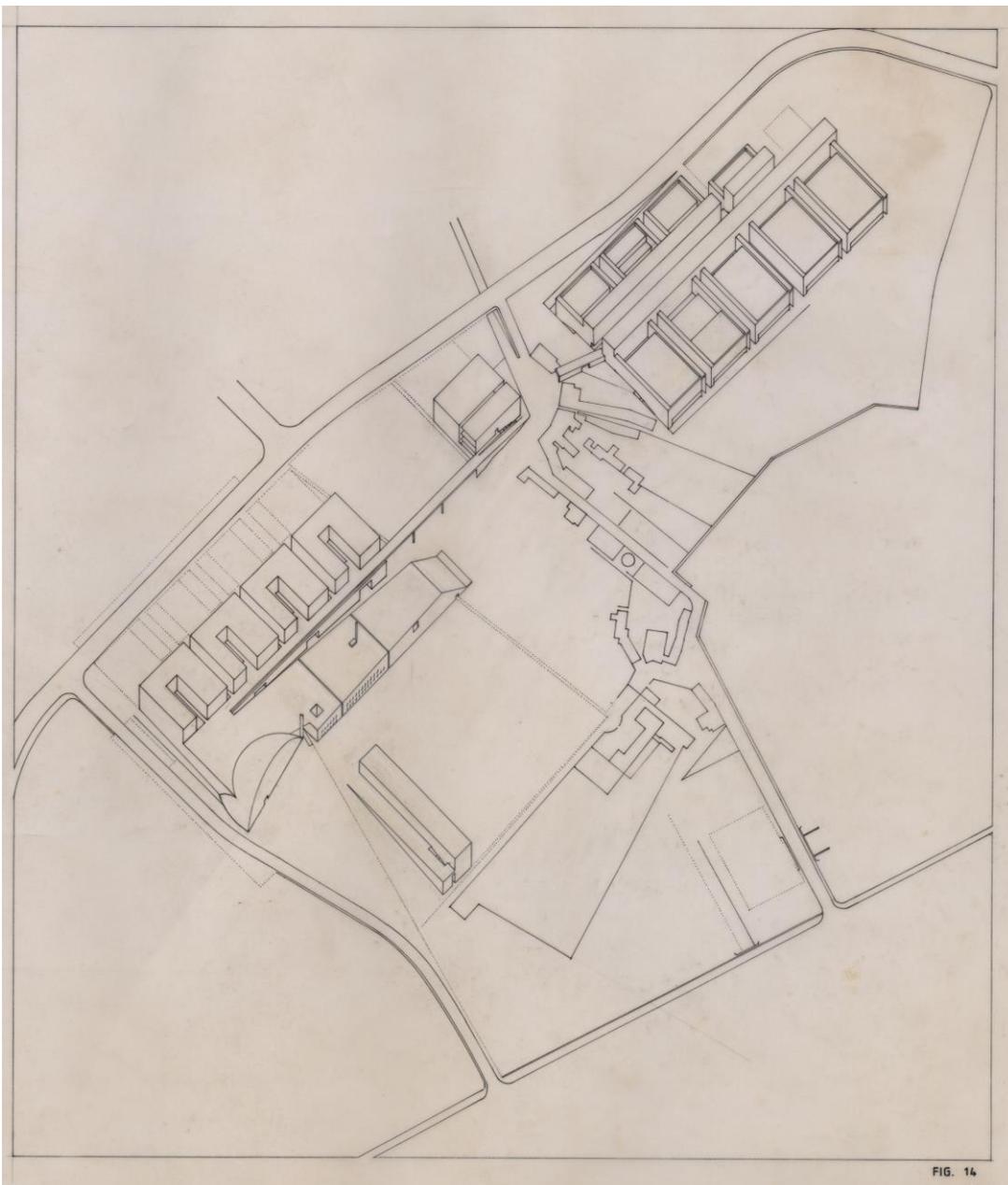
PD_FIMS: FIMS/MB/18-pd0001 _ FIMS/MB/18-pd0014 (14 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “O programa preliminar da FEUP traduz a dialética entre conceções diferentes de faculdade, a saber: Faculdade organizada por departamentos, e Faculdade organizadas por unidades orgânicas, que no caso da FEUP, se traduz na soma dos departamentos de Civil, Mecânica, Eletrotécnica, Química, Metalurgia, Minas e Propedêuticas....

Esta dialética constituiu para nós um desafio: não quisemos organizar uma Faculdade por departamentos (...) para não contribuir para a acentuação do isolamento de cada um deles, e também não quisemos orientar-nos pela simples divisão orgânica para não tornar impossível a gestão normal da Faculdade.”



Desenho do projeto, Concurso para as Novas Instalações da FEUP. FIMS_MB_0018-pd0006



Desenho do projeto, Concurso para as Novas Instalações da FEUP. FIMS_MB_0018-pd0004

FIG. 14

P19

Nome: Reorganização da Igreja Matriz de Ovar

Local: Ovar, Aveiro

Data: 1988

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

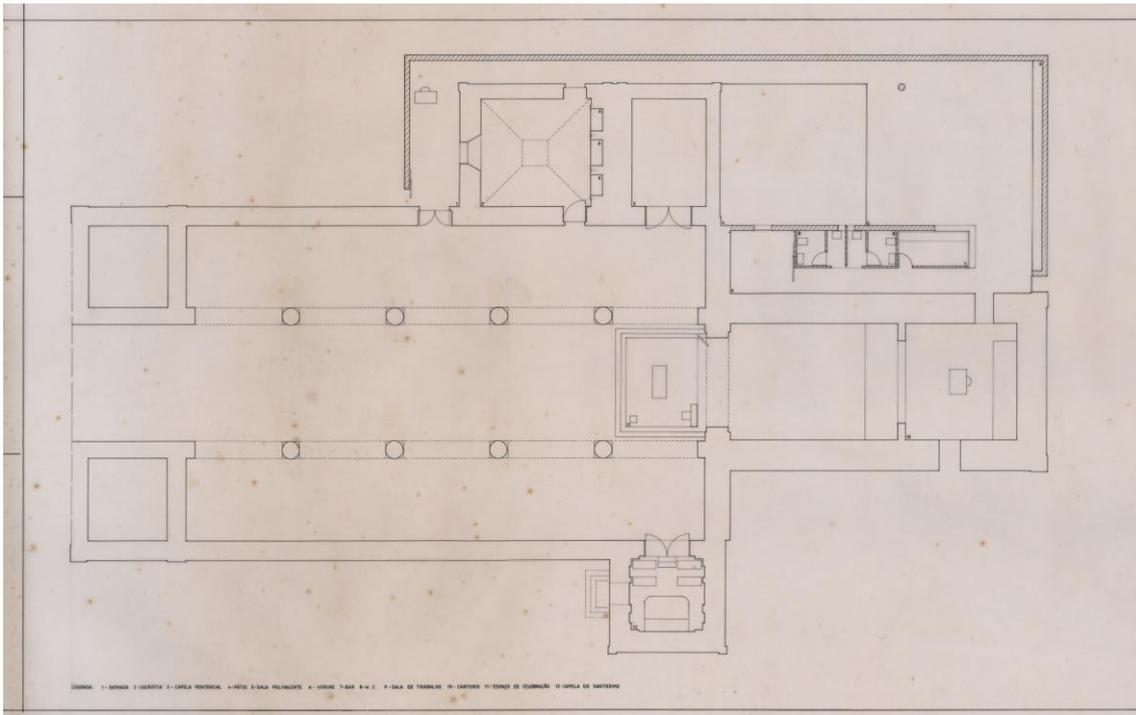
Colaboração:

Engenharias:

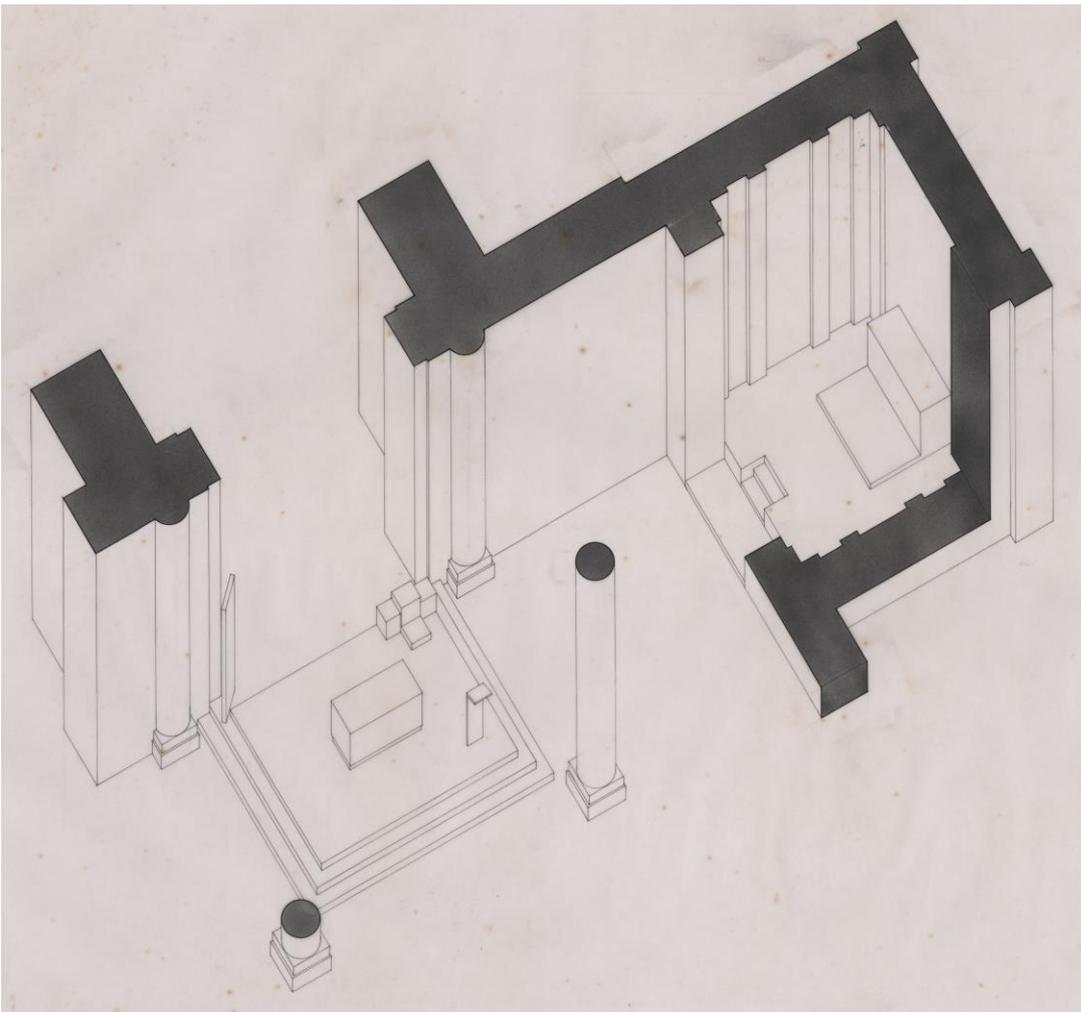
Cliente: Paróquia de São Cristóvão

PD_FIMS: FIMS/MB/19-pd0001 _ FIMS/MB/19-pd0003 (3 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Reorganização da Igreja Matriz de Ovar. FIMS_MB_0019-pd0001



Desenho do projeto, Reorganização da Igreja Matriz de Ovar. FIMS_MB_0019-pd0003

P20

Nome: Igreja dos Congregados Braga

Local: Av. Central 98, São José de São Lázaro, Braga

Data: 1988

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

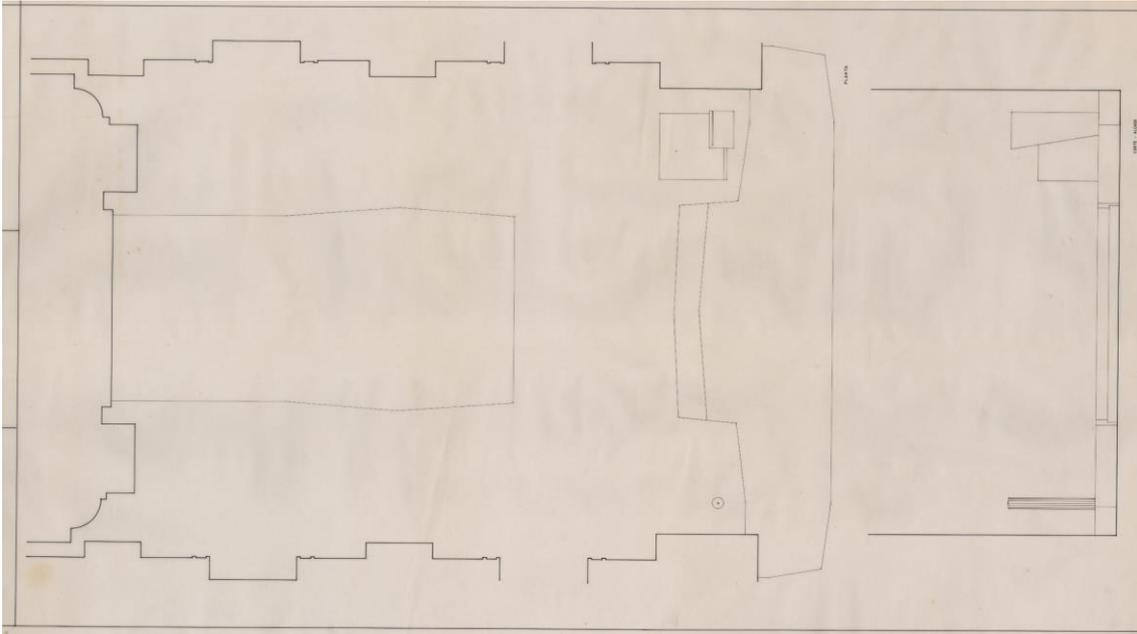
Colaboração:

Engenharias:

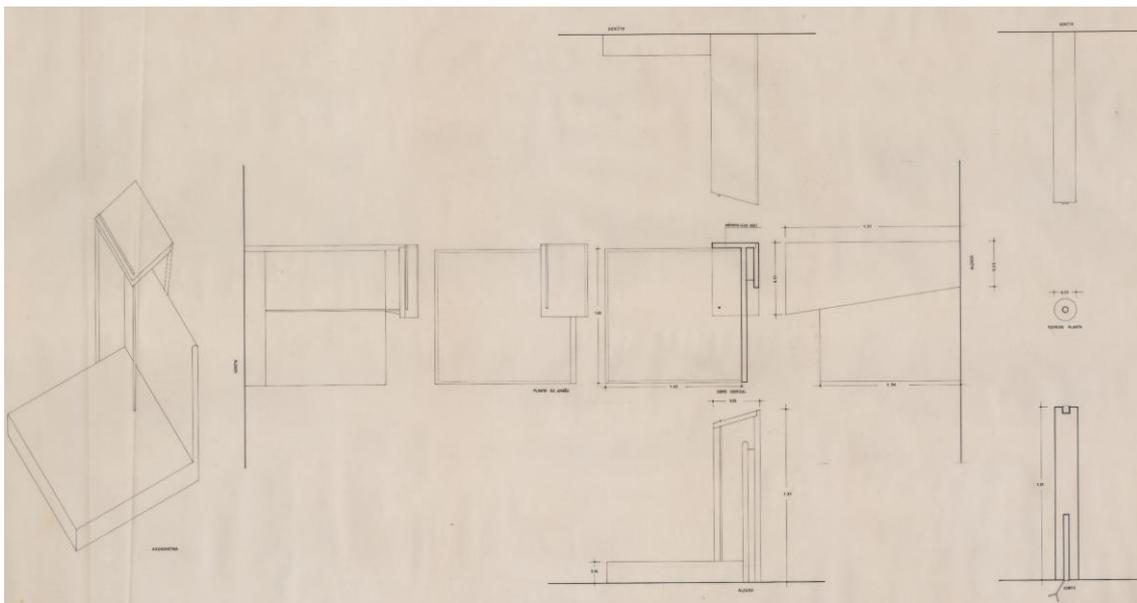
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/20-pd0001 _ FIMS/MB/20-pd0002 (2 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Igreja dos Congregados Braga. FIMS_MB_0020-pd0001



Desenho do projeto, Igreja dos Congregados Braga. FIMS_MB_0020-pd0002

P21

Nome: Casa e Farmácia Silva Rocha

Local: Lousada, Avenida S. Pedro, N° 925, Caíde de Rei, Lousada

Data: Projeto iniciado em 1990 e concluído em 1992

Construção: Iniciada e concluída em 1996

Estado: Construído (só a farmácia)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to Miguel Sá, Arq. ta Jane Considine,

Arq. ta Sílvia Namorado, Arq.to António Simões, Arq.to Arménio Teixeira, Arq. ta Cristina Roque.

Engenharias: Estruturas (1º fase): Eng.º Matos de Almeida. Estruturas (2ª fase) Eng.º J. Mateus Gomes.

Águas e Saneamento: Eng.º A. Matos e Almeida. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos.

Cliente e contacto: Dra. Arminda Maria Magalhães Silva Rocha

PD_FIMS: FIMS/MB/21-pd0001 _ FIMS/MB/21-pd0067 (67 peças desenhadas)



Figura 94 Vista aérea, Casa e Farmácia Silva Rocha

Da memória descritiva: “Quando me foi encomendado o projeto de uma casa com um rés-do-chão destinado a farmácia e visitei o local, encontrei um edifício existente construído em granito que, não sendo uma obra notável, pela sua localização e proporções merecia ser conservado com a necessária remodelação do espaço interior para um novo uso.

Convenci os Donos da Obra a instalarem a Farmácia no edifício existente, que tinha sido uma pequena casa de habitação, e a construírem a habitação nova nas traseiras desta construção com independência da Farmácia e com melhores condições tanto de exposição solar como de privacidade.

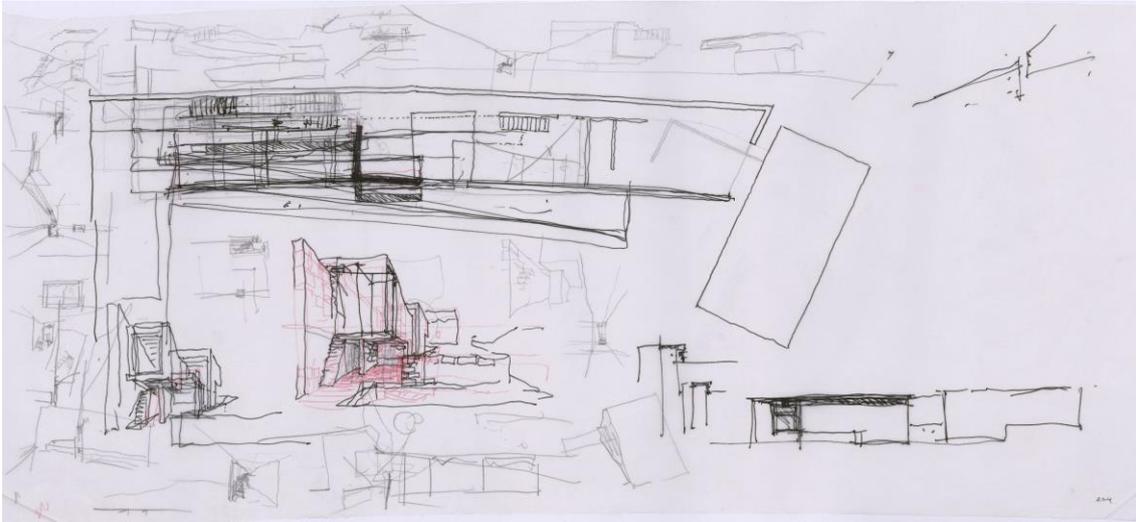
O edifício da Farmácia foi estudado como uma pequena nave com dois níveis e um balcão de atendimento na direção do eixo longitudinal.

O laboratório, o espaço de apoio a este e as instalações sanitárias, sucedem-se por detrás dos armários da Farmácia que tradicionalmente constituem o elemento marcante destes espaços, evitando o uso de corredores de serviço.

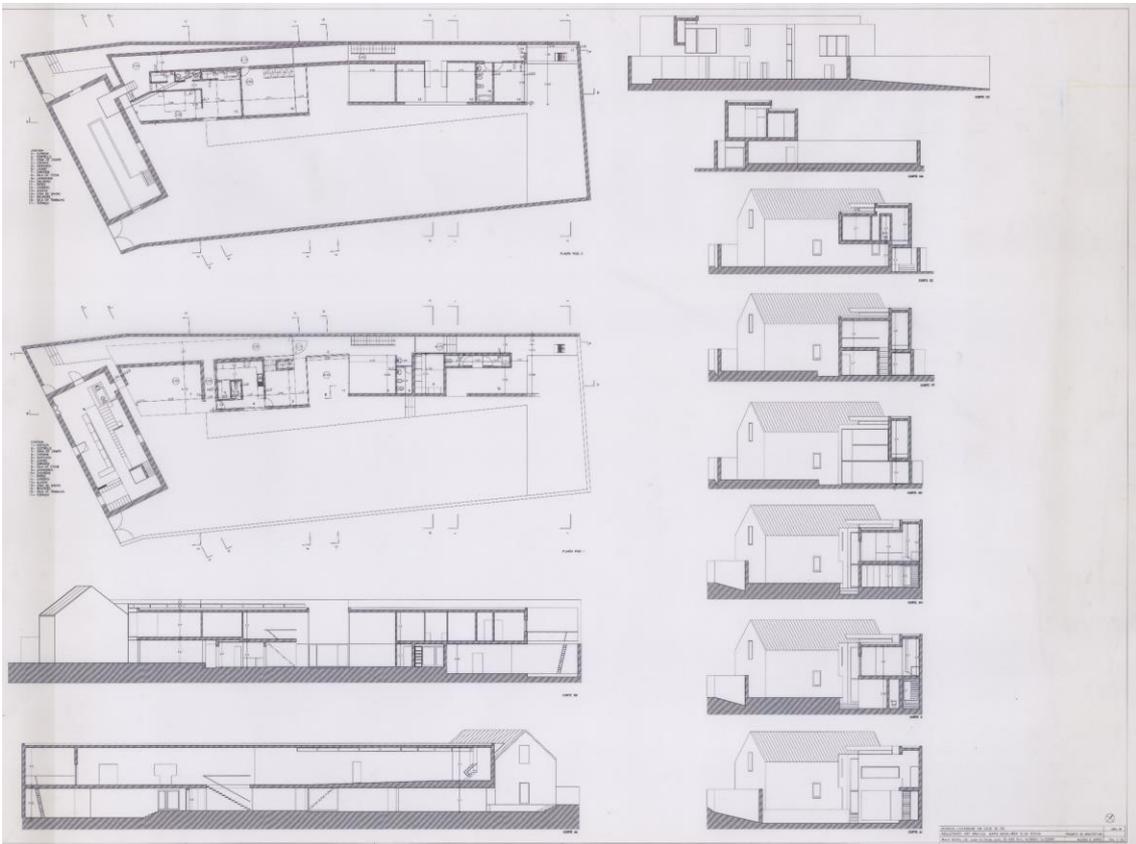
Utilizou-se a lousã, conotada com as bancadas da experimentação científica, nos espaços laboratoriais. As paredes revestidas a calcário traduzem o sentido higiénico próprio destes espaços intimamente relacionados com a saúde.

O rasgamento longitudinal da laje do piso superior confere ao espaço uma dimensão mais ampla e confortável. Por motivos funcionais, o piso superior é servido por escadas e também por equipamento mecânico.

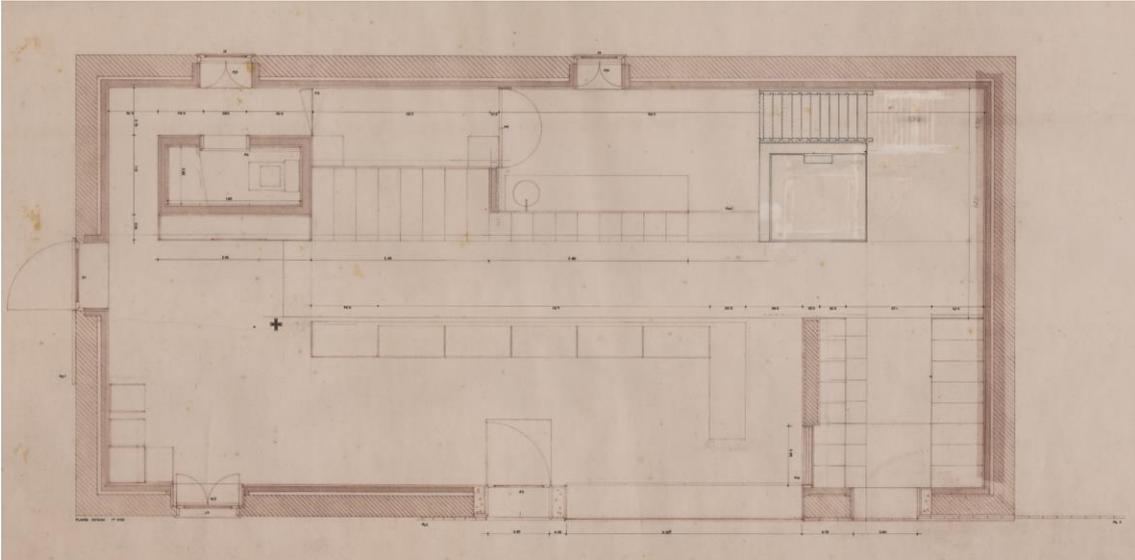
A casa desenvolve-se ao longo do limite Norte do terreno e é pensada como um grosso muro escavado para receber os vários espaços da habitação. A cozinha e salas ocupam o rés-do-chão e abrem-se para um enorme vazio comum. No primeiro piso localizam-se os quartos.”



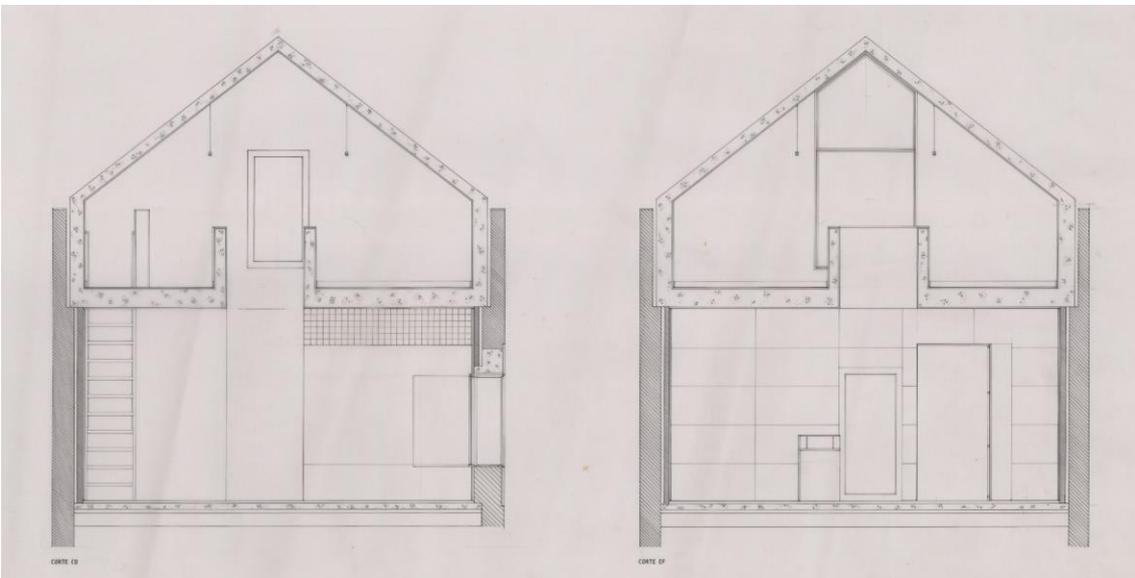
Desenho do projeto, Casa e Farmácia Silva Rocha. FIMS_MB_0021pd0004



Desenho do projeto, Casa e Farmácia Silva Rocha. FIMS_MB_0021pd0067



Desenho do projeto, Casa e **Farmácia** Silva Rocha. FIMS_MB_0021pd0033



Desenho do projeto, Casa e **Farmácia** Silva Rocha. FIMS_MB_0021pd0049



Figuras 95/96/97/98/99/100/101/102 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa e Farmácia Silva Rocha

P22

Nome: Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira

Local: Avenida Bombeiros Voluntários, N° 412, Lugar de Freira Franca, Nespereira, Cinfães

Data: Projeto 1ª fase: 1990; 2ª fase: 1993

Construção iniciada em 1990

Estado: Construído (parcialmente)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Maria José Casanova, Arq. ta Jane Considine,
Arq.to Manuel Roque, Arq.to Rui Jorge, Arq.to António Simões, Arq.to José Cunha.

Engenharias: Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas, ESL.
Águas e Saneamento: Eng.ª Fátima Pimenta. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos.

Cliente e contacto: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Nespereira

PD_FIMS: FIMS/MB/22-pd0001 _ FIMS/MB/22-pd0154 (154 peças desenhadas)



Figura 103 Vista aérea, Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira

Da memória descritiva: “O projeto do Quartel-Sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Nespereira de Cinfães, reflete o condicionamento a que o terreno obrigou.

Trata-se agora de um terreno com 5319,25 m², com pendentes notáveis da ordem de 30%, uma forma irregular, que possui a maior dimensão na direção Nascente-Poente e é atravessado por uma linha de água, que se dirige, do vértice lateral direito, na direção Nordeste-Sudoeste

Era servido por uma rampa com seis metros de largura a Poente e permitia a possibilidade de um novo acesso, a partir da E.N.285, a Norte.

Inicialmente foi feito um outro projeto que se mostrou inadequado ao novo terreno.

A organização do quartel-sede responde às exigências do programa base oficialmente fornecido e adapta-se aos vários condicionamentos topográficos.

A opção de corpos autónomos, do sector Operacional e Associativo, permitiria uma construção faseada dos diversos sectores que se afigurava oportuna por motivos de carácter financeiro. Neste momento está apenas construído o sector operacional

A circulação automóvel que constitui a maior dificuldade, num terreno com características topográficas tão adversas, impôs um trabalho prévio de grande movimento de terras.

Fazendo uma leitura da implantação proposta, aparece-nos um eixo de simetria entre o sector operacional e associativo, sucedendo, a partir do Norte:

- um primeiro corpo articulado com um volume de cércea maior, destinados às instalações dos vários serviços do corpo Operacional;

- um complexo, constituído por um corpo de cércea igual à do sector operacional, um amplo pátio e um salão polivalente, destinado ao sector associativo.

No sector operacional, o vão de escadas atravessa verticalmente todo o volume e facilita a articulação dos vários serviços do quartel definidos com rigor no programa oficial do Serviço Nacional de Bombeiros.

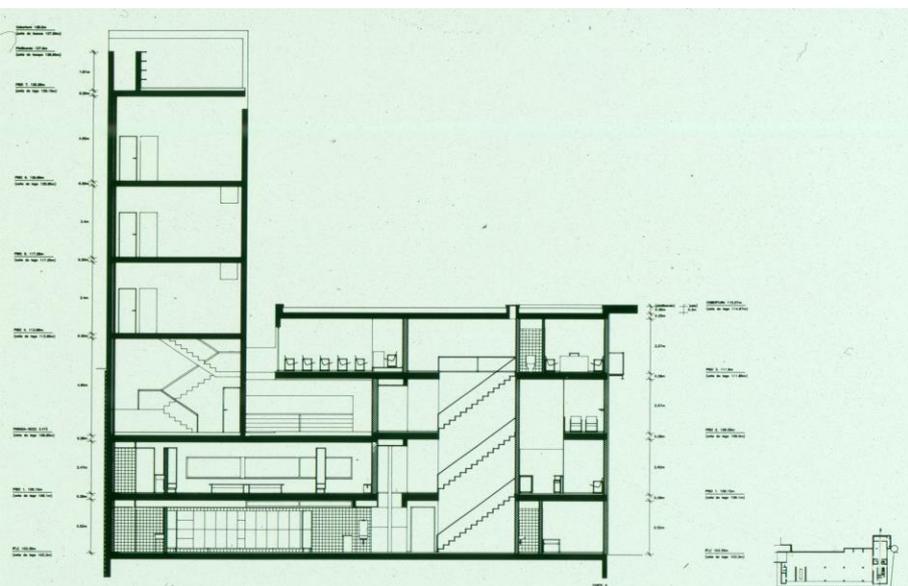
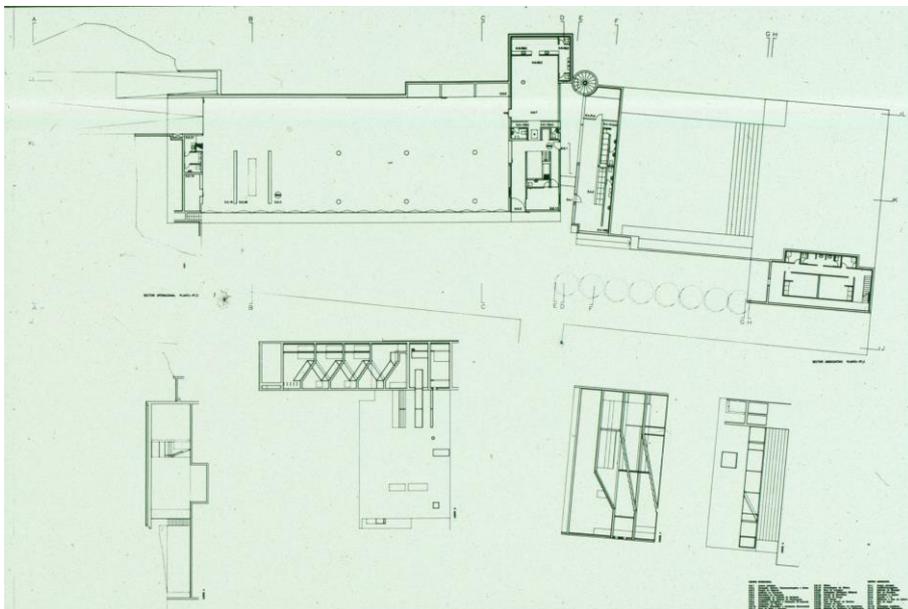
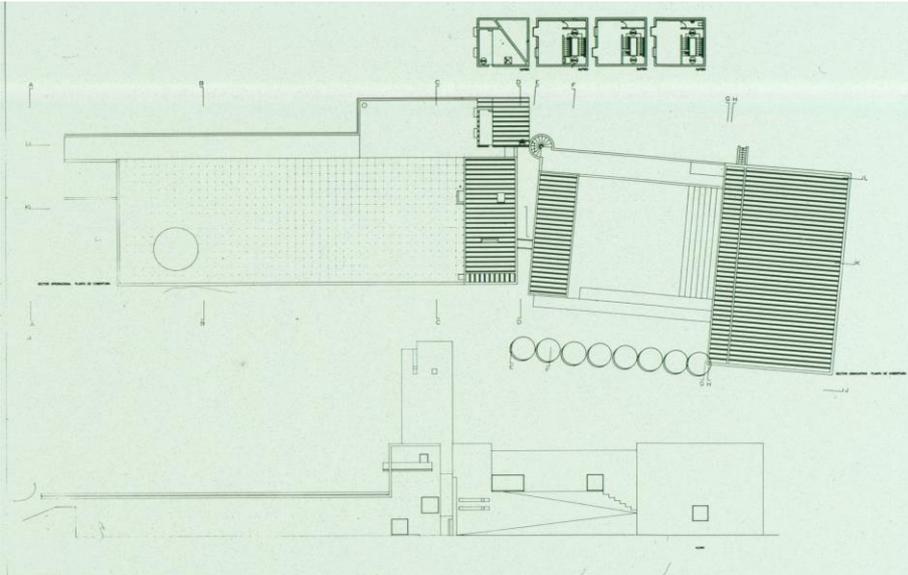
A parada de 726 m² coincide com a cobertura do parque de viaturas, constituindo uma plataforma retangular, que eventualmente é utilizada pelo serviço de helicópteros.

Os espaços do Sector Associativo apresentam-se organizados em torno dum pátio a que se chega por rampas, justificado pelas características do terreno e pelo seu carácter comunitário.

Este pátio apresenta-se como anfiteatro aberto para o envidraçado do salão polivalente.

No corpo alongado com a direção quase paralela ao corpo do Sector Operacional, serão instalados: no R/C, uma sala de reuniões e a secretaria; no 1º piso, uma pequena biblioteca; nos 2º e 3º pisos, um bar e sala de jogos.

A casa escola – torre – localizada na junção dos dois sectores assume-se como polo de toda a composição arquitetónica e um sinal marcante no território. “



Desenhos do projeto, Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 104/105/106/107/108/109/110/111/112/113 Fotografias das diferentes fases do projeto do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira

P23

Nome: Casa Eng. José Maria Mendes Cardoso

Local: Canelas, Vila Nova de Gaia

Data: 1991

Estado: Estudo Prévio

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

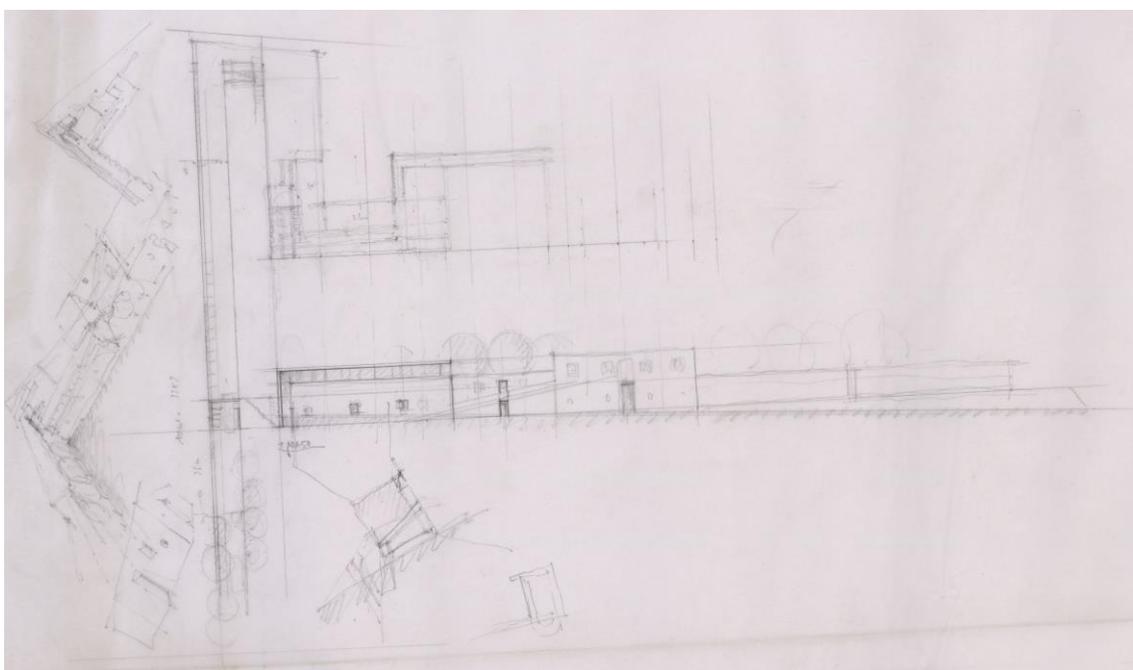
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/23-pd0001 _ FIMS/MB/23-pd0009 (9 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenho do projeto, Casa Eng. José Maria Mendes Cardoso. FIMS_MB_0023-pd0009



Desenho do projeto, Casa Eng. José Maria Mendes Cardoso. FIMS_MB_0023-pd0008

P24

Nome: Quatro Casas em Valadares

Local: Valadares, Vila Nova de Gaia

Data: Projeto de 1992

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com Arq. ta Maria José Casanova.

Colaboração: Arq.to António Simões e Arq.to Arménio Teixeira.

Engenharias:

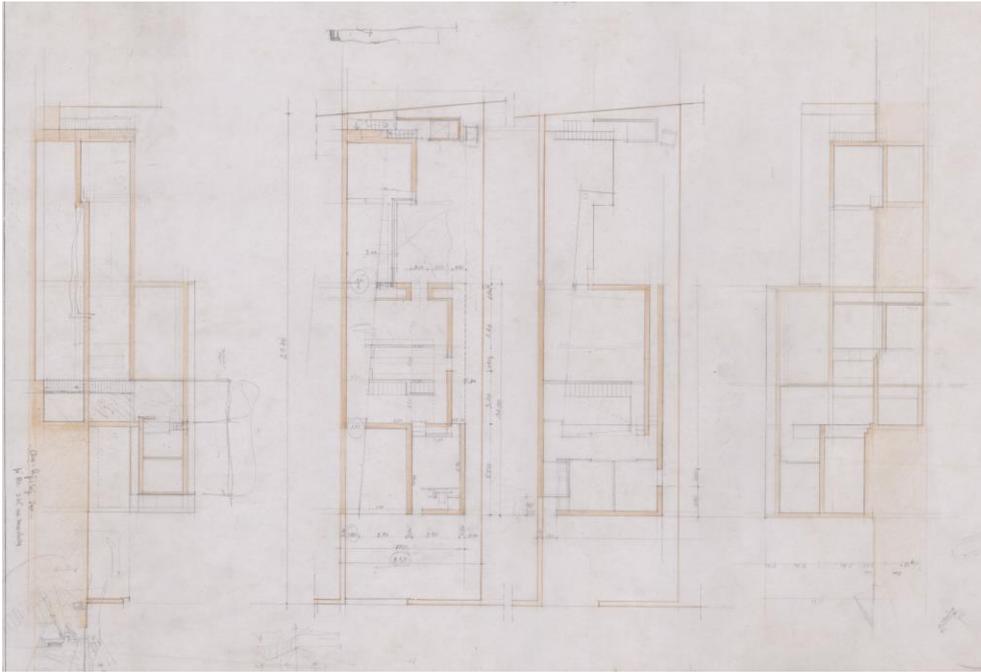
Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/24-pd0001 _ FIMS/MB/24-pd0055 (55 peças desenhadas)

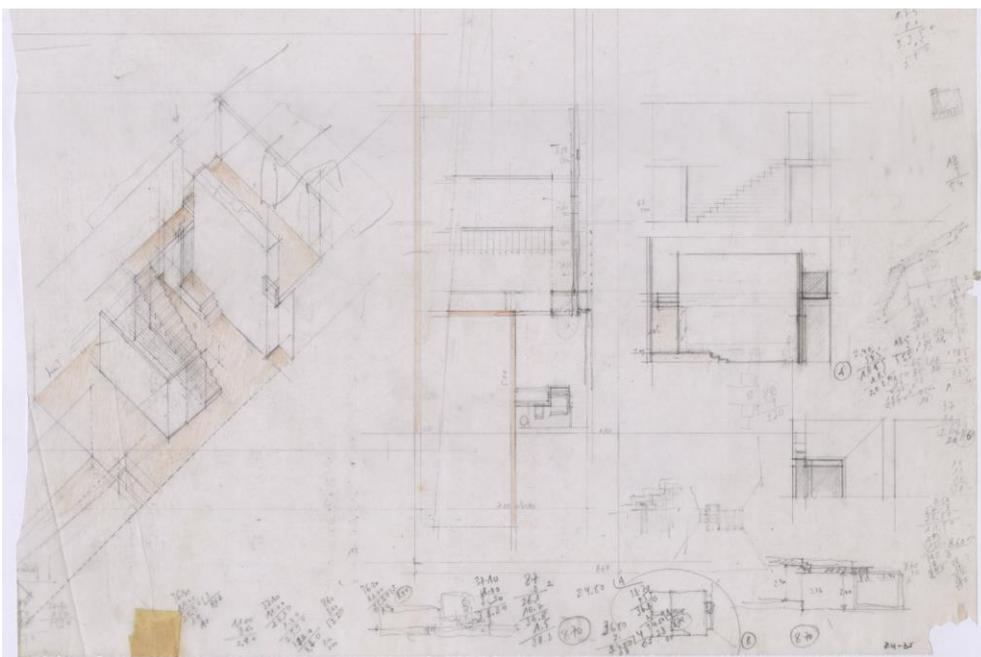
Da memória descritiva: “Quatro moradias unifamiliares iguais, justapostas, permitem a formação de pequenos pátios interiores, para onde se abrem os espaços mais sociais das casas e ao mesmo tempo garantem uma sequência. urbana, de que se sente tanto a carência em urbanizações da periferia, e que afirmando a individualidade de cada casa, garantem também a unidade de um todo.

A moradia desenvolve-se na profundidade no lote, evocando modelos e tipologia da tradição.

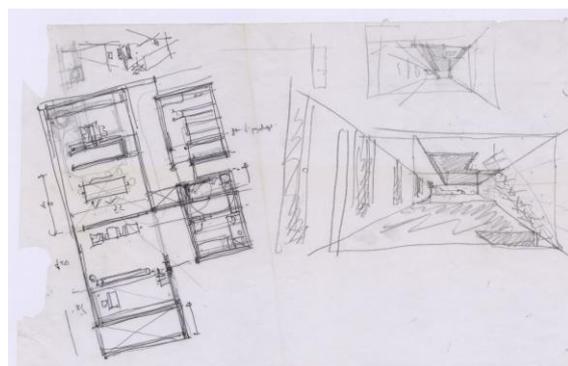
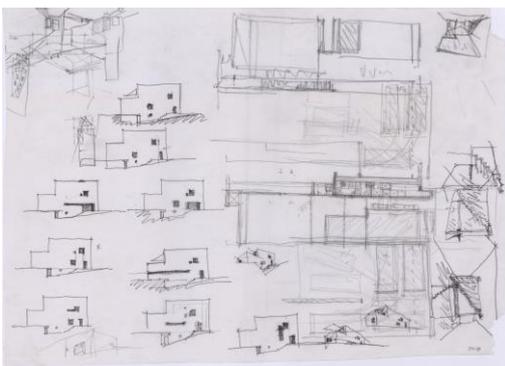
Procurou-se a simplicidade da linguagem marcada pela repetição de volumes iguais, que, no entanto, permite uma riqueza variada de espaço interiores.”



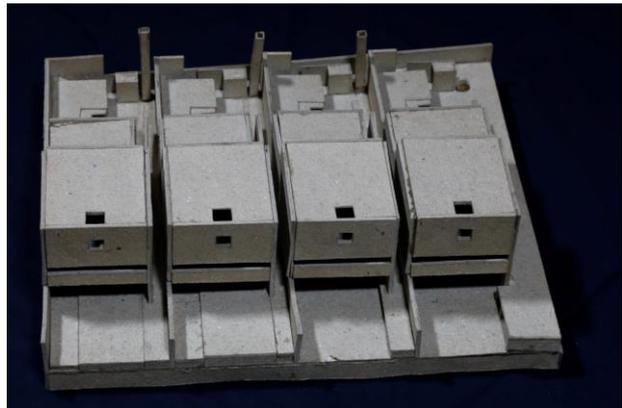
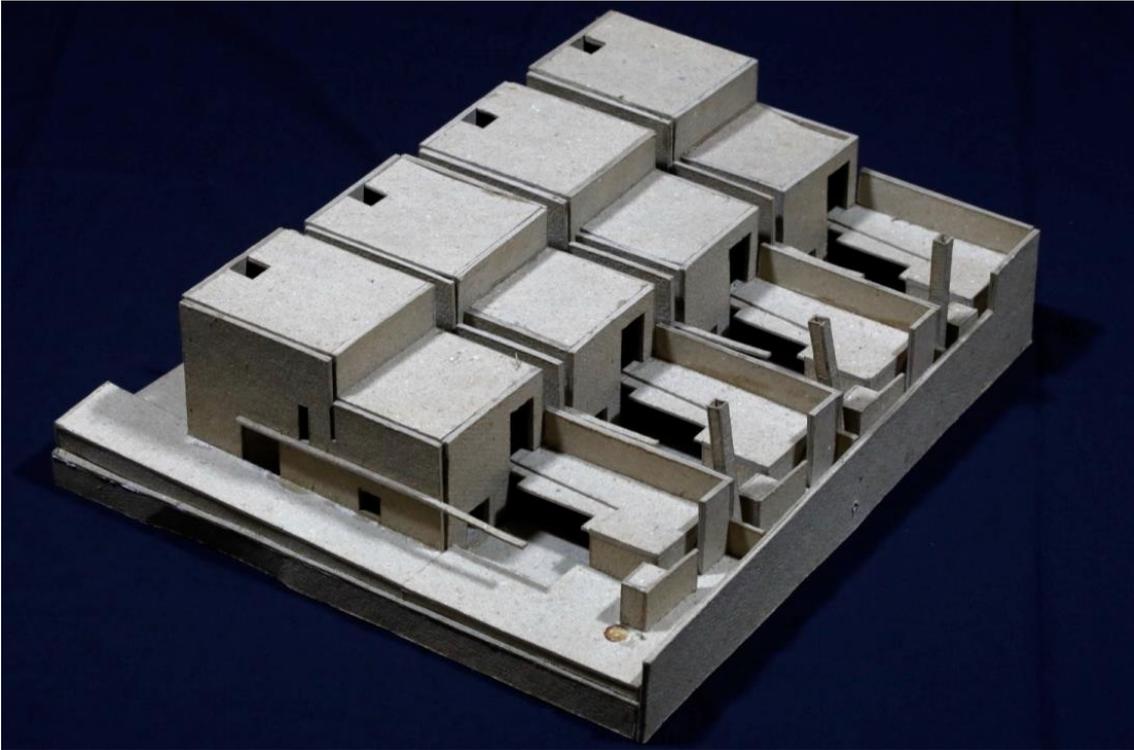
Desenho do projeto, Quatro Casas em Valadares. FIMS_MB_0024-pd0045



Desenho do projeto, Quatro Casas em Valadares. FIMS_MB_0024-pd0035



Desenho do projeto, Quatro Casas em Valadares. FIMS_MB_0024-pd0038; FIMS_MB_0024-pd0037



Figuras 114/115/116 Fotografias das maquetes, realizadas pelo Arquiteto Manuel Botelho, para o projeto das Quatro Casas em Valadares

P25

Nome: Centro de Talassoterapia

Local: Póvoa de Varzim

Data: Projeto de 1993

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com o Arq.to Manuel Mendes.

Colaboração: Arq. ta Jane Considine, Arq.to António Simões,

Arq.to Arménio Teixeira, Arq.to Manuel Roque, Arq.to Rui Jorge, Arq. ta Helena Beselga.

Engenharias: Fundações e Estruturas: Eng. Paulo Pimenta; Rede e Instalações de Águas e Águas Residuais: Eng. Fátima Pimenta; Rede e Instalações de Eletricidade e Telecomunicações: Eng. Raul Serafim; Instalações Mecânicas: Eng. Silva Teixeira; Comportamento Térmico: Prof. Eng. Vasco Freitas.

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/25-pd0001 _ FIMS/MB/25-pd0127 (127 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “Constitui também objetivo do Projeto do Centro de Talassoterapia da Póvoa de Varzim dignificar o Largo Maresia de modo a poder constituir-se num espaço com a animação da vida urbana intensa, seja como remate urbano da Avenida dos Banhos, seja considerando-o como uma “sala de receção” para quem chega à Póvoa pela variante.

O Maresia é um largo descaracterizado frontal ao mar. Com este projeto é enriquecido com um bar-esplanada e com a articulação de percursos para as praias, o parque de estacionamento e o Centro de Talassoterapia.

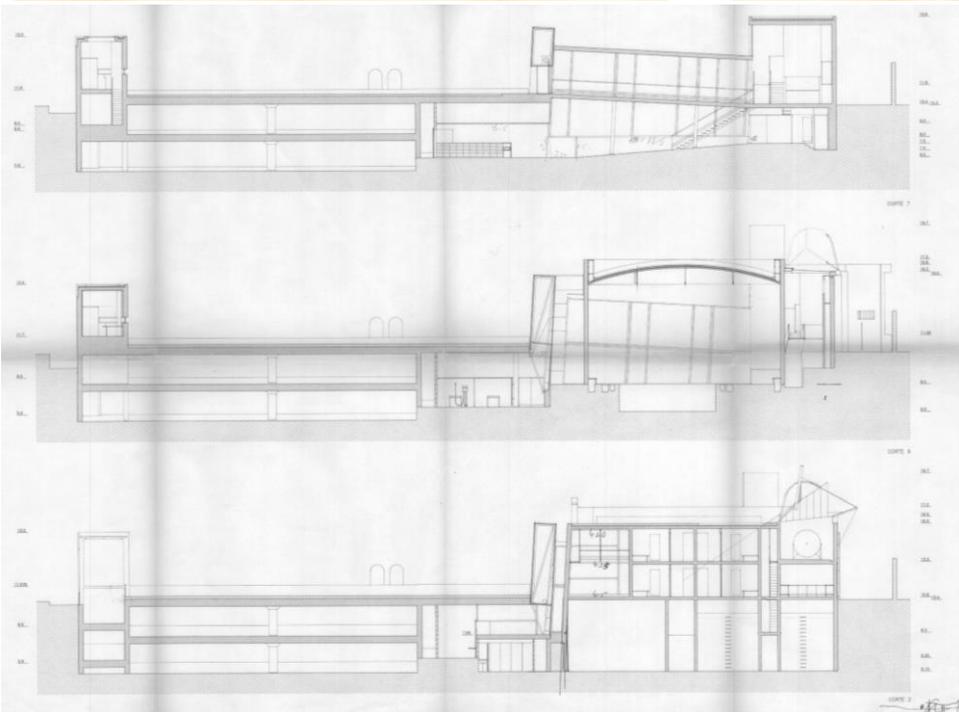
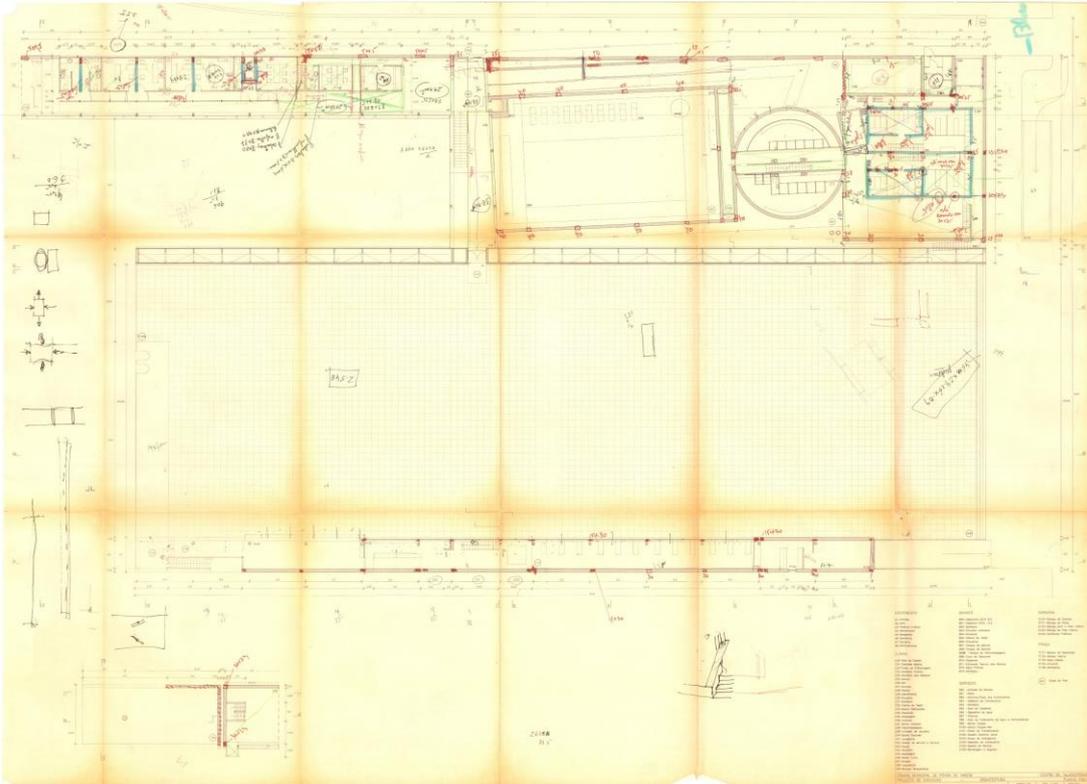
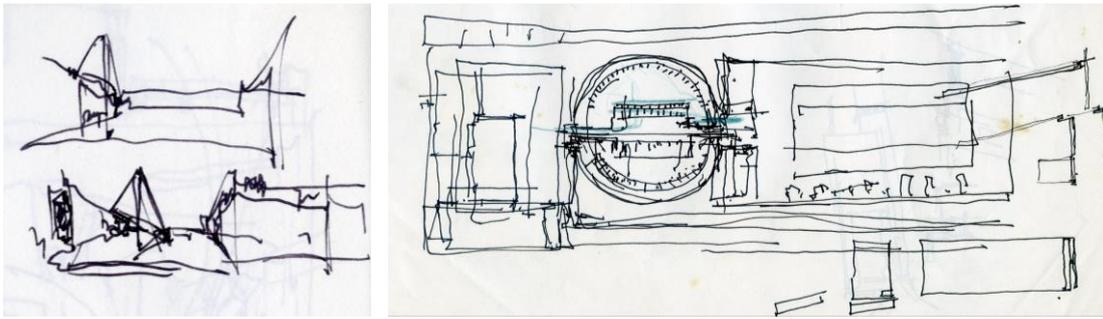
O Centro apresenta o desenho planimétrico de um U alongado, aberto para o mar.

A ala Sul é só uma claraboia que ilumina a área clínica dos banhos privados; a ala Norte alberga a receção, a administração, os consultórios médicos, um solário e um bar.

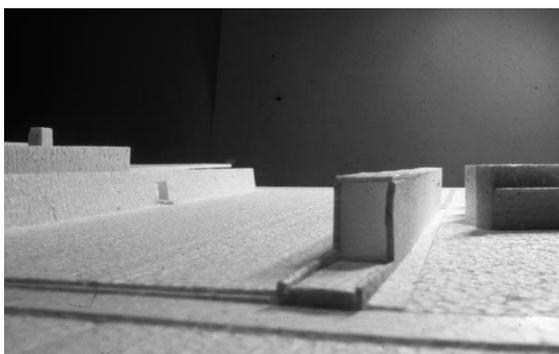
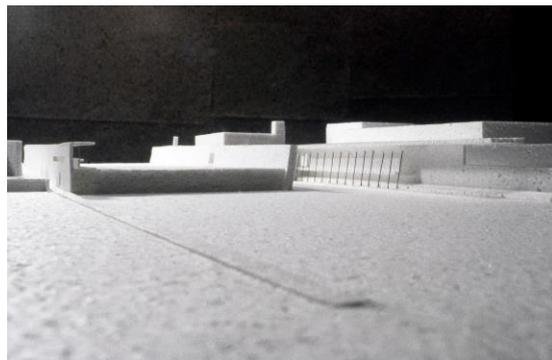
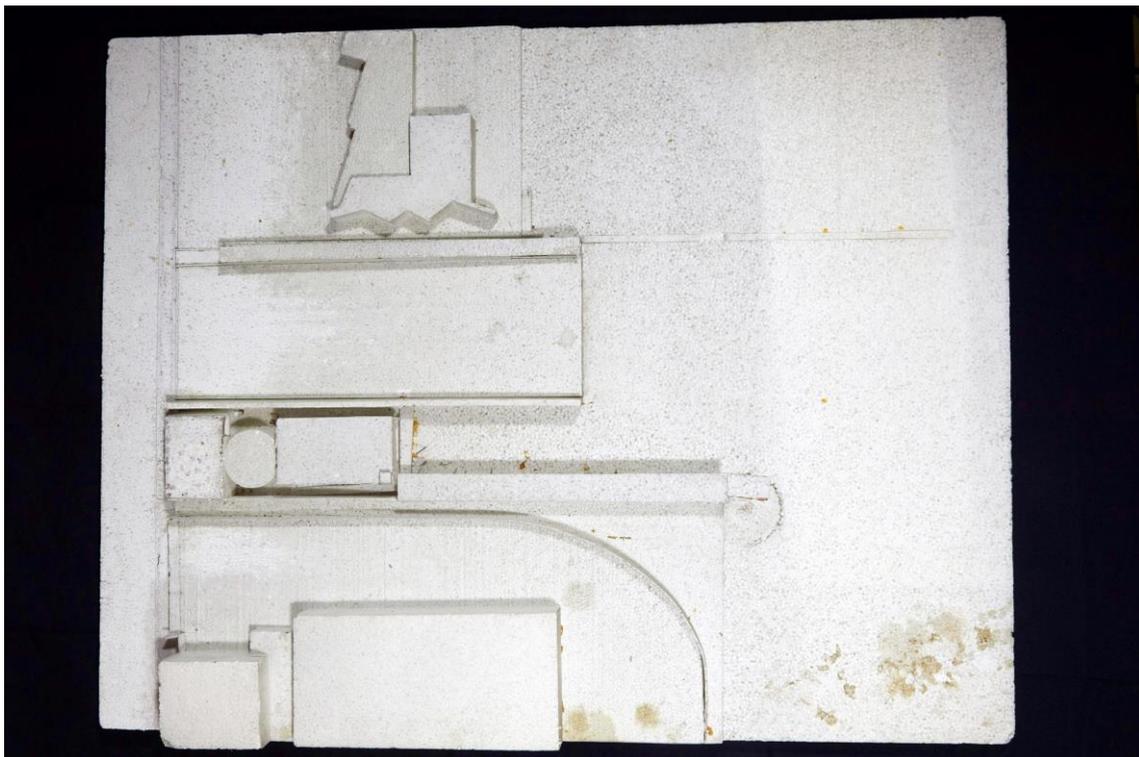
As nascentes, entre as duas alas, sucedem-se três corpos: o primeiro destinado a um tanque de banhos, o segundo a vestiário e o terceiro à instalação dos equipamentos técnicos.

E neste encontro da terra e do mar, sempre cheio de mistérios, a vida pode acontecer.

A solução formal traduz imagens que apelam ao imaginário mítico do mar.”



Desenhos do projeto, Centro de Talassoterapia. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 117/118/119/120 Fotografias da maquete do projeto do Centro de Talassoterapia

P26

Nome: Lar de Idosos e Convento de A-De-Barros

Local: A-De-Barros, Sernancelhe

Data: Projeto de 1994

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to João Duque Carreira, Arq.to José Cunha, Arq.to António Simões

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “No projeto do Centro Social de Nossa Senhora da Lapa, constituído por um lar da 3ª idade e a sede duma comunidade religiosa feminina, abordou-se o tema da arquitetura conventual, não tanto na linha das tipologias tradicionais, mas evocando memórias destes espaços, como são por exemplo a importâncias do(s) corredor(es), a presença visual da capela, reforçada pelo longo percurso exterior entre muros. o contraponto do jardim da clausura e do jardim

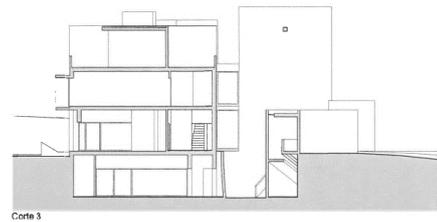
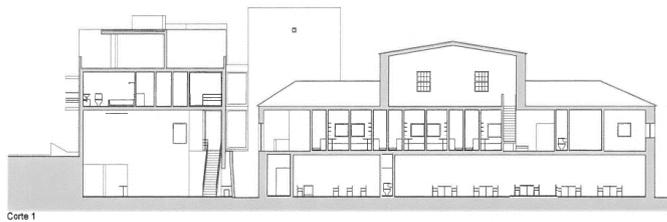
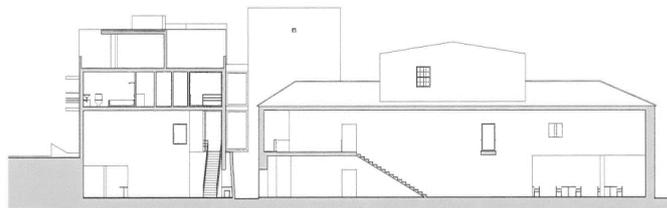
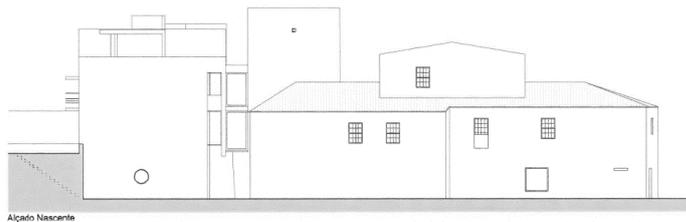
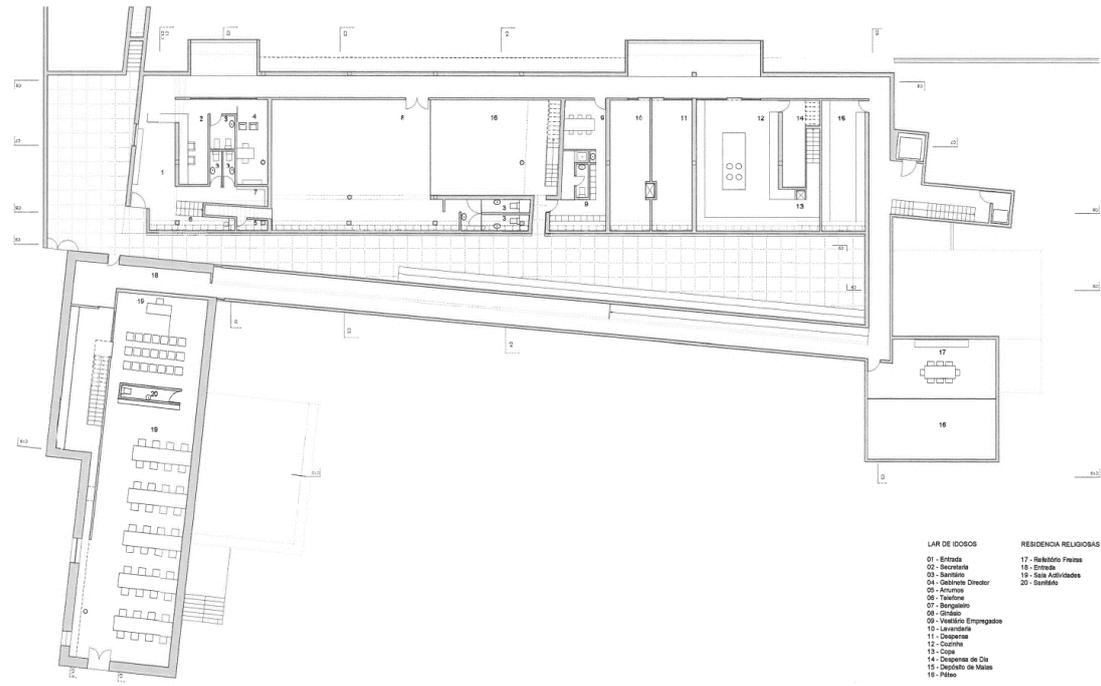
Seria construído numa propriedade, denominada Quinta dos Álamos na povoação de A- De-Barros da freguesia de Penso do Concelho de Sernancelhe.

O espaço do convento ocupa o espaço de uma casa existente, restaurada e adaptada ao novo uso.

O Lar de 3ª idade desenvolve-se num corpo alongado na direção nascente poente, com uma ótima exposição solar.

Tentei, com uma articulação de corredores, rampas, volumes e vazios evocar o diferente ou o sagrado, mas ao mesmo tempo aproximar-me do mundo de quotidianos da vida comuns.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Lar de Idosos e Convento de A-De-Barros. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P27

Nome: Casa Maia Ribeiro

Local: Rua José Frederico Ulrich, N° 541, Gemunde, Castelo da Maia, Maia

Data: Projeto iniciado em 1994 e concluído em 1996

Construção iniciada em 1994 e concluída em 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to João Duque Carreira, Arq. ta Ana Cristina Roque,

Arq.to António Simões, Arq.to José Cunha, Arq.to António Neves.

Engenharias: Estruturas, Águas e Saneamento e Comportamento Térmico: Eng.º França Monteiro.

Construtor: Delfim Azevedo.

Cliente: Dr. João Leite Ribeiro e Dra. Ângela Maia

PD_FIMS: FIMS/MB/27-pd0001 _ FIMS/MB/27-pd0014 (14 peças desenhadas)



Figura 121 Vista aérea, Casa Maia Ribeiro

Da memória descritiva: “A casa Maia Ribeiro, da Rua Frederico Ulrich, foi construída num talhão de 2400 m² com a forma de um quadrilátero irregular alongado na direção Norte-Sul.

À época da construção, aquele talhão, com uma frente de 27 m para a Rua, encontrava-se povoado de eucaliptos.

A Rua Frederico Ulrich coincide com um troço da estrada municipal n.º 536 perpendicular à E. N. n.º 14, 250 metros a norte da Estação de Caminho de Ferro de Castelo da Maia.

Existe um agregado construído mais antigo, nas imediações da Estação, mas a presença de estradas e caminhos municipais foram dando origem a construções de moradias a eles adjacentes. Mais recentemente assiste-se a intervenções com outra escala, de loteamentos com edifícios de habitação coletiva.

As estradas e caminhos municipais vão-se transformando em ruas urbanas, onde convivem pequenas fábricas, edifícios de 6 e mais pisos, vivendas e pequenas quintas rurais.

Na nova moradia, dois corpos alongados paralelos entre si e perpendiculares à Rua Frederico Ulrich, ligados por uma ponte na extremidade Norte e articulados com um terceiro volume semienterrado

destinado a garagem, traduzem alinhamentos e geometrias que os edificios vizinhos criam e garantem, a privacidade do espaço ex(in)terior do habitar.

O jardim interior resultante, favorecido pela topografia, assumida esta como seu elemento importante, permite vivências polivalentes de quotidianos familiares diversos, sejam eles de lazer, de descanso, de trabalho, de estudo, etc.

No rés-do-chão da ala destinada à habitação propriamente dita, um percurso longitudinal, ritmado por sequências de diferentes intensidades luminosas serve o vestibulo de entrada, a sala de estar, a sala de jantar, a copa, a cozinha, a lavandaria e a sala de jogos, gozando esta de uma relação privilegiada com a piscina exterior.

No primeiro piso, um corredor onde um traço de luz se vai deslocando ao longo do dia, permite o acesso aos quartos de dormir: o de casal, o de hóspedes e o dos dois filhos.

A outra ala, é um corredor estante com uma sala de leitura. Cobre o percurso exterior, cavado no terreno, que conduz a um pequeno consultório de psicologia.

A ponte entre as duas alas, se não fosse a pequena claraboia, constituiria um quase não lugar, fora do tempo e da história

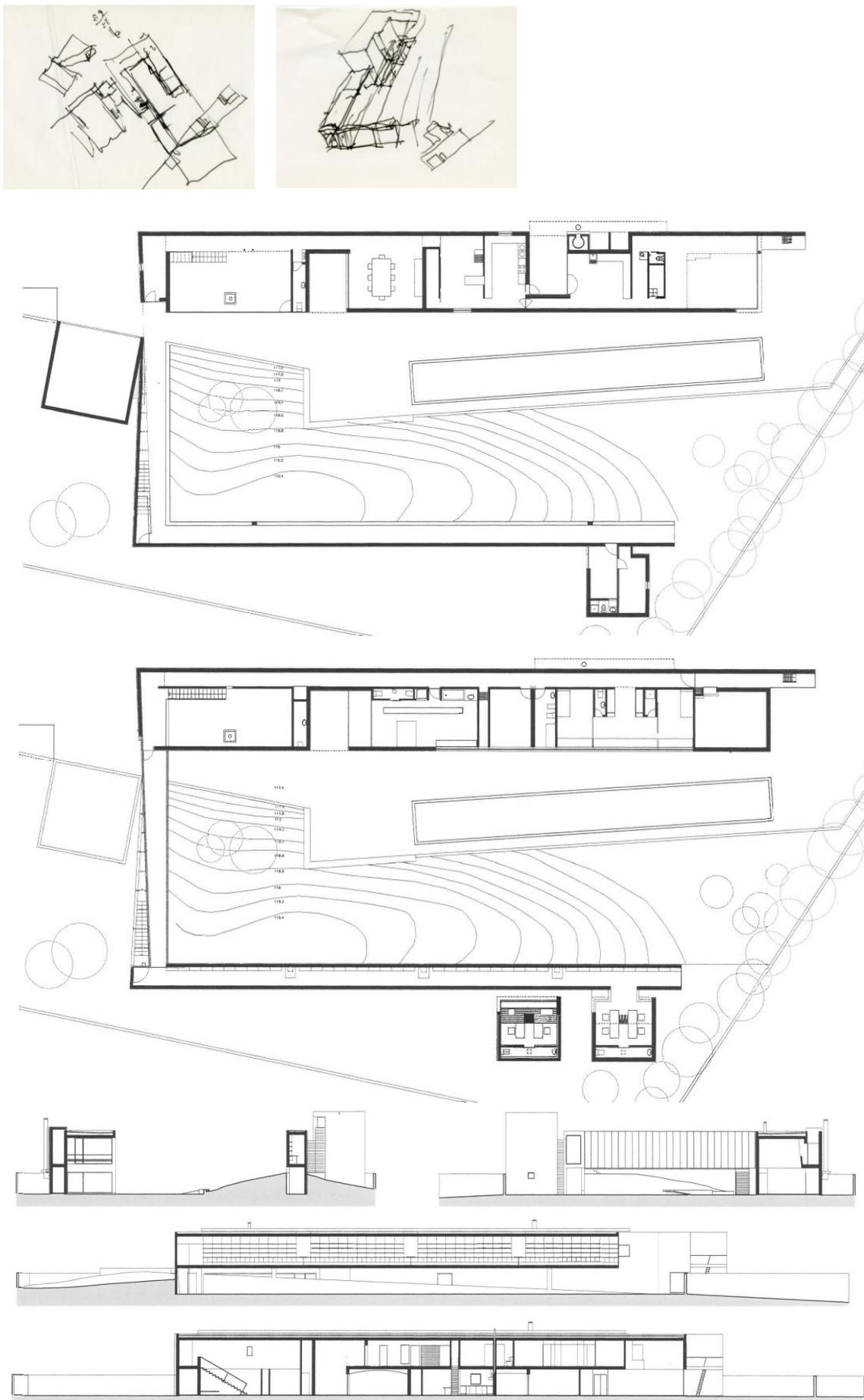
As casas de banho, quase sempre projetadas ao modo de grossos muros vazados e com desproporções significativas, assumem um peso relevante na composição.

Para alguns místicos, a casa chega a ser “templo doméstico” e certa tradição racionalista considera-a “máquina de habitar”. De conceitos tão dispares nascem proposições dialéticas onde o racional e o poético se encontram.

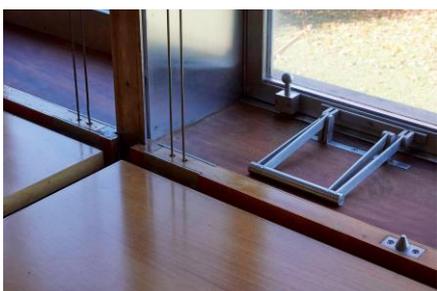
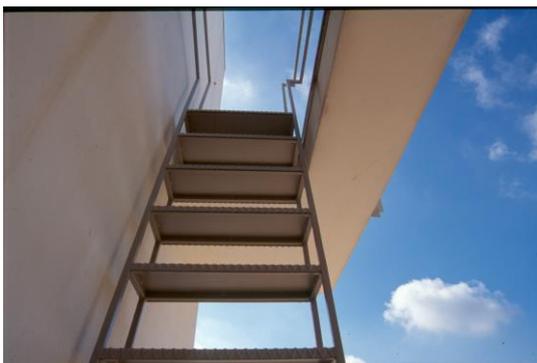
Poder afirmar-se que a casa Maia Ribeiro evoca memórias da tradição arquitetónica vernacular portuguesa, da tradição conventual e até de edificios fabris.

No pressuposto de que a vida não se confina à sucessão cíclica do trabalho e do descanso, e de que o espaço de habitar ultrapassa de longe a resposta ao pragmático, a caracterização espacial dos vários ambientes da casa e da sua relação com o exterior foi-se consolidando na descoberta de “essências espaciais” mais importantes do que as suas adjectivações e do que o “aturado trabalho de pormenorização”.

O espaço construído reflete a procura da valorização de conteúdos e problemáticas do habitar, discutidos em inúmeras conversas de fim de semana com o casal de psicólogos que encomendou esta casa.”



Desenhos do projeto, Casa Maia Ribeiro. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 122/123/124/125/126/127/128/129/130/131/132 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Maia Ribeiro

P28

Nome: Hipermercado *Feira Nova*

Local: Lugar Da Gandara, Argivai, Póvoa de Varzim

Data: Projeto de 1994

Estado: Construído (alterado)

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq. ta Maria José Casanova, Arq. ta Cristina Roque, Arq.to João Carreira, Arq.to José Cunha, Arq.to António Simões, Arq. ta Helena Beslga, Arq.to Carlos Maia, Arq.to António Neves.

Engenharias: Estruturas: Eng. Paulo Pimenta; Instalações de Águas e Esgotos: Eng.^a Fátima Pimenta; Comportamento Térmico e Acústico: Prof. Eng. Vasco Freitas; Arquitetura Paisagística: Arq. Agostinho Pizarro.

Cliente: Câmara Municipal de Póvoa de Varzim

PD_FIMS: FIMS/MB/28-pd0001 _ FIMS/MB/28-pd0023 (23 peças desenhadas)

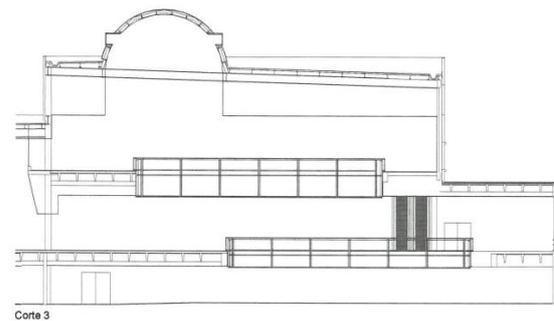
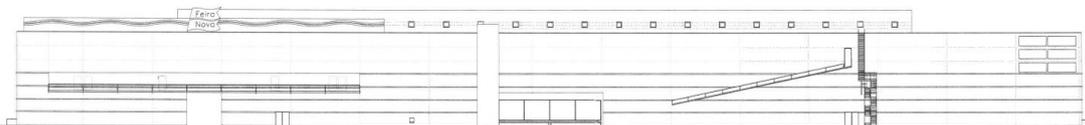
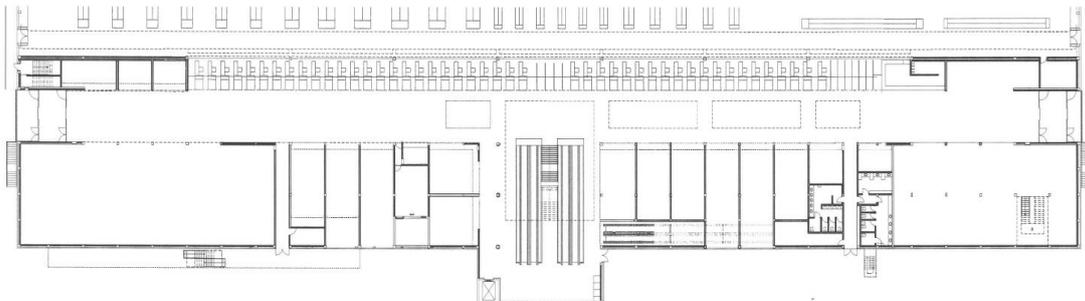
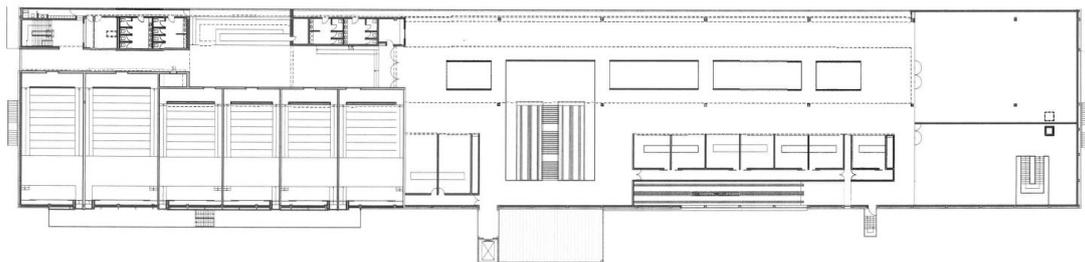
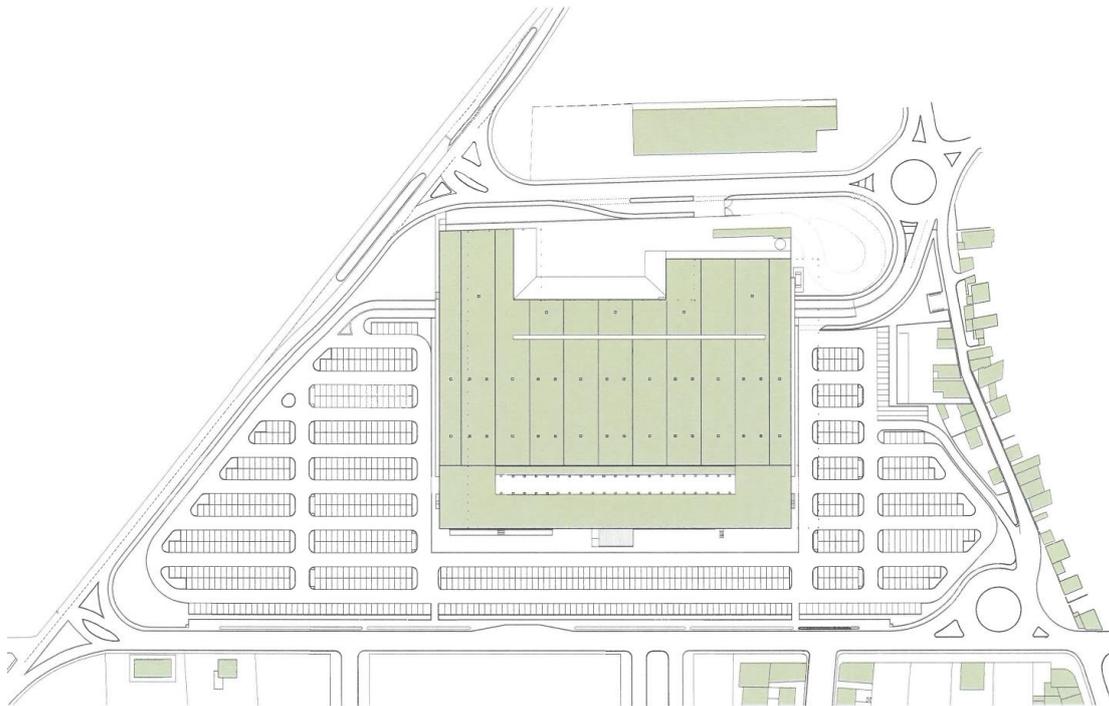


Figura 133 Vista aérea, Hipermercado Feira Nova

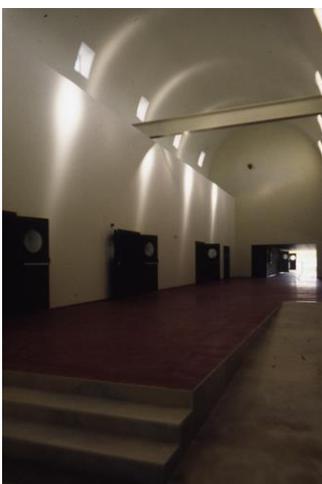
Da memória descritiva: “No projeto de Arquitetura do hipermercado Feira Nova, foram tidos em consideração os pareceres da CCRN e do Gabinete do Plano da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

O projeto do edifício, que teve em conta os vários regulamentos em vigor, pautou-se pela seguinte metodologia:

- 1- Para responder funcionalmente às exigências que um edifício desta natureza apresenta, dada a multiplicidade de atividades que nele se desenvolvem, optou-se por um esquema distributivo simples;
- 2- Para obter clareza distributiva dos espaços projetaram-se percursos planimetricamente claros;
- 3- Para imprimir o caráter de dignidade aos vários espaços, escolheu-se uma linguagem racionalizada recorrendo à aplicação sóbria dos materiais;
- 4- Para caracterização de edifício, optou-se pela clareza volumétrica e sobriedade das fachadas: lajetas de betão com pigmentação incorporada de ocre claro e caixilharias de ferro de cor branca.”



Desenhos do projeto, Hipermercado Feira Nova. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 134/135/136/137/138/139/140/141/142/143 Fotografias das diferentes fases do projeto do Hipermercado Feira Nova

P29

Nome: Recuperação da Casa própria

Local: Rua de Júlio Ramos, N° 5, Campo Lindo, Porto

Data:1994

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

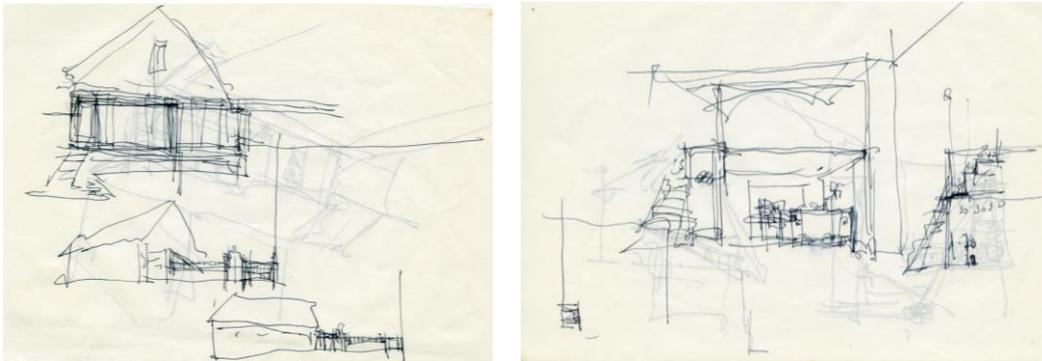
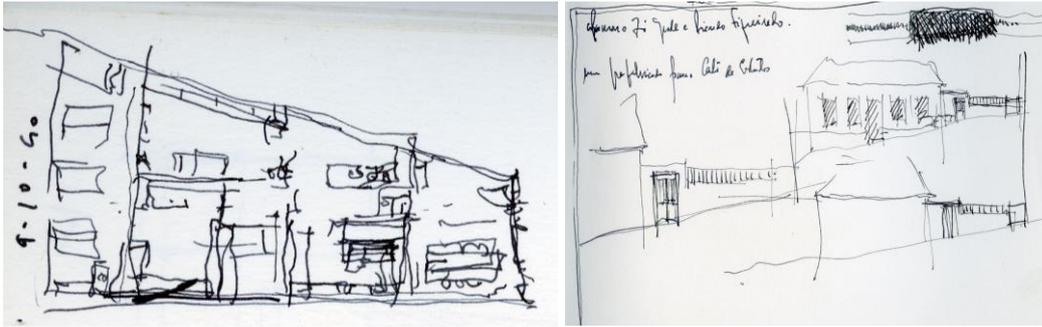
Cliente: Manuel Botelho

PD_FIMS: FIMS/MB/29-pd0001 _ FIMS/MB/29-pd0021 (21 peças desenhadas)

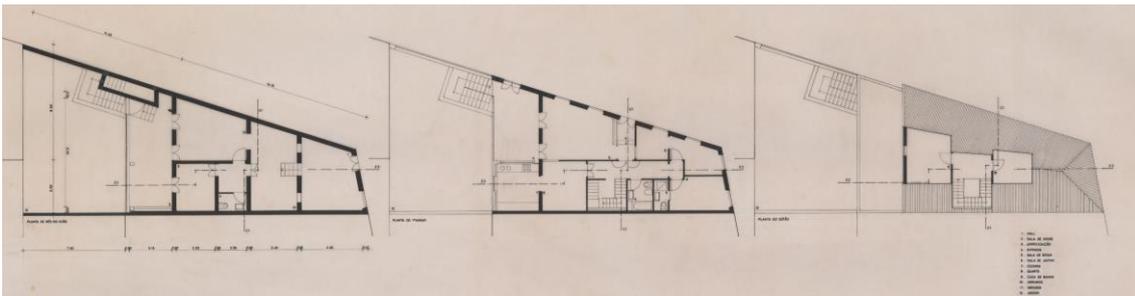


Figura 144 Vista aérea, Recuperação da Casa própria

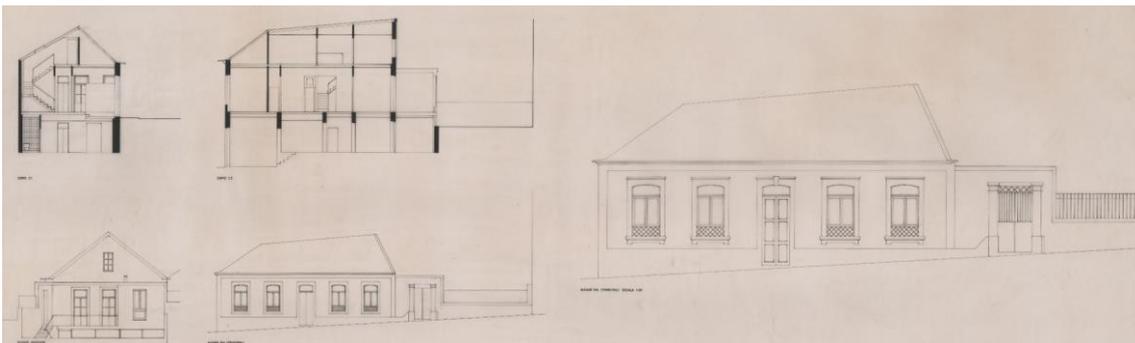
Da memória descritiva:



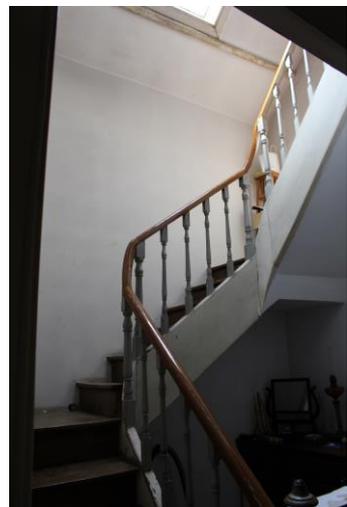
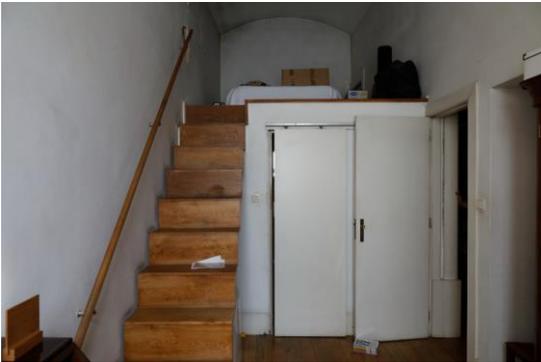
Esquissos do projeto, Recuperação da Casa própria. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Desenho do projeto, Recuperação da Casa própria. FIMS_MB_0029-pd0001



Desenho do projeto, Recuperação da Casa própria. FIMS_MB_0029-pd0002



Figuras 145/146/147/148/149/150/151/152/153 Fotografias das diferentes fases do projeto de Recuperação da Casa própria

P30

Nome: Concurso de ideias para Conjunto de habitação social em Leça da Palmeira

Local: Leça da Palmeira - Matosinhos

Data: Projeto de 1994

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José Casanova

Colaboração: Arq. ta Cristina Roque, Arq.to João Duque Carreira, Arq.to António Simões,

Arq. ta Helena Beselga, Arq.to Carlos Maia, Arq.to António Neves.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “O local apresenta ainda características de terreno agrícola, embora só cultivado de modo rudimentar em algumas parcelas da extremidade mais a Norte.

A Norte e Poente existe um núcleo de habitações com origem clandestina, com todas as características de espaço urbano não consolidado, que denota uma clara desorganização urbana.

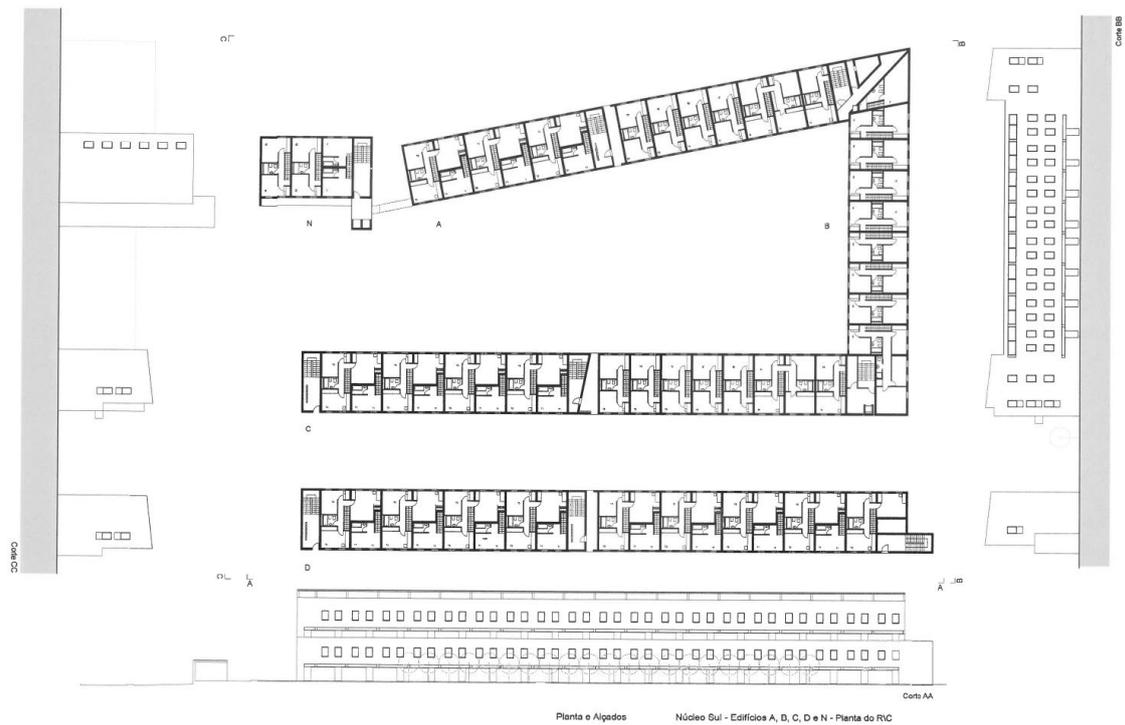
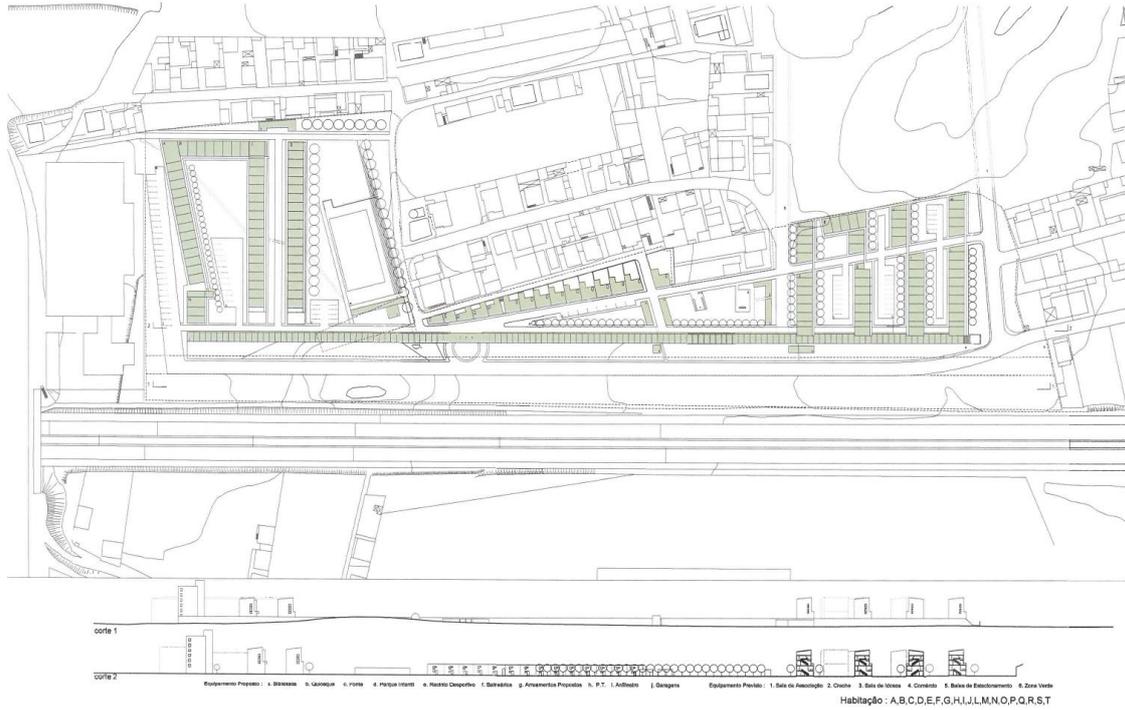
Este conjunto apresenta características difíceis de descrever, a que poderei chamar “aldeamento rural sem referente”.

(...) julgámos ser necessário introduzir no local uma nova ordem urbana que, sem destruir a realidade existente, seja capaz de clarificar a organização daquele território.

Tivemos a preocupação de estabelecer referências urbanas claras mediante a utilização de tipologias diferenciadas de agregação de edifícios, formando ruas ou pátios.

Edifícios de equipamento urbano como o destinado a uma sala de convívio de idosos, a uma creche, a pequenas lojas comerciais, a bares, à sede da Comissão de Moradores, articulados com zonas verdes, permitirão a animação de vida urbana ao longo dum passeio que do Norte a Sul se desenvolve entre os edifícios de residência e um corpo de garagens.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Concurso de ideias para Conjunto de habitação social em Leça da Palmeira. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P31

Nome: Remodelação de uma casa em Lisboa

Local: Lisboa

Data: 1994

Estado:

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

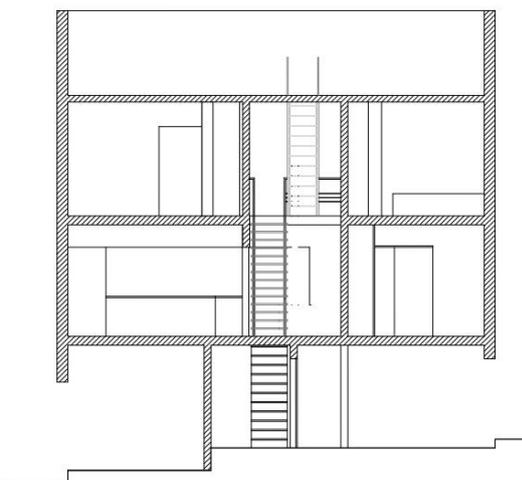
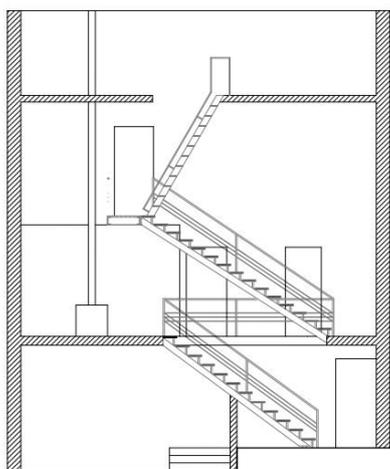
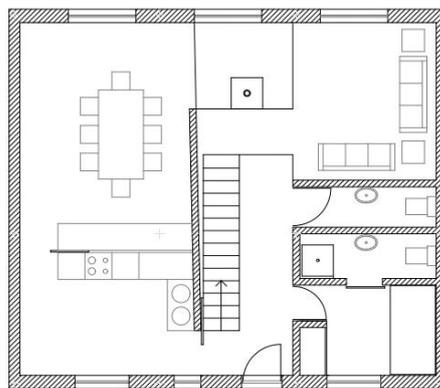
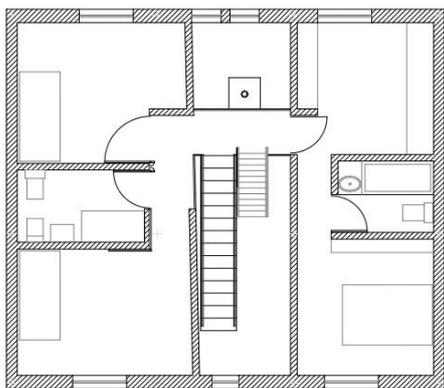
Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva



Desenhos do projeto, Remodelação de uma casa em Lisboa. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P32

Nome: Arranjo da Praça de Touros de Póvoa de Varzim e Envolvente

Local: Póvoa de Varzim

Data: Projeto base de 1995

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho.

Colaboração: Arq. ta Cristina Roque, Arq.to António Simões,

Arq. ta Helena Beselga, Arq.to Carlos Maia, Arq.to António Neves.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “Entendemos que qualquer arranjo da Praça de Touros da Póvoa de Varzim é insustentável sem um estudo cuidado da envolvente.

Trata-se de uma zona urbana de palpável desqualificação, não só pela injustificável densidade de ocupação, como também pela ausência completa de espaços públicos com um padrão mínimo de qualidade.

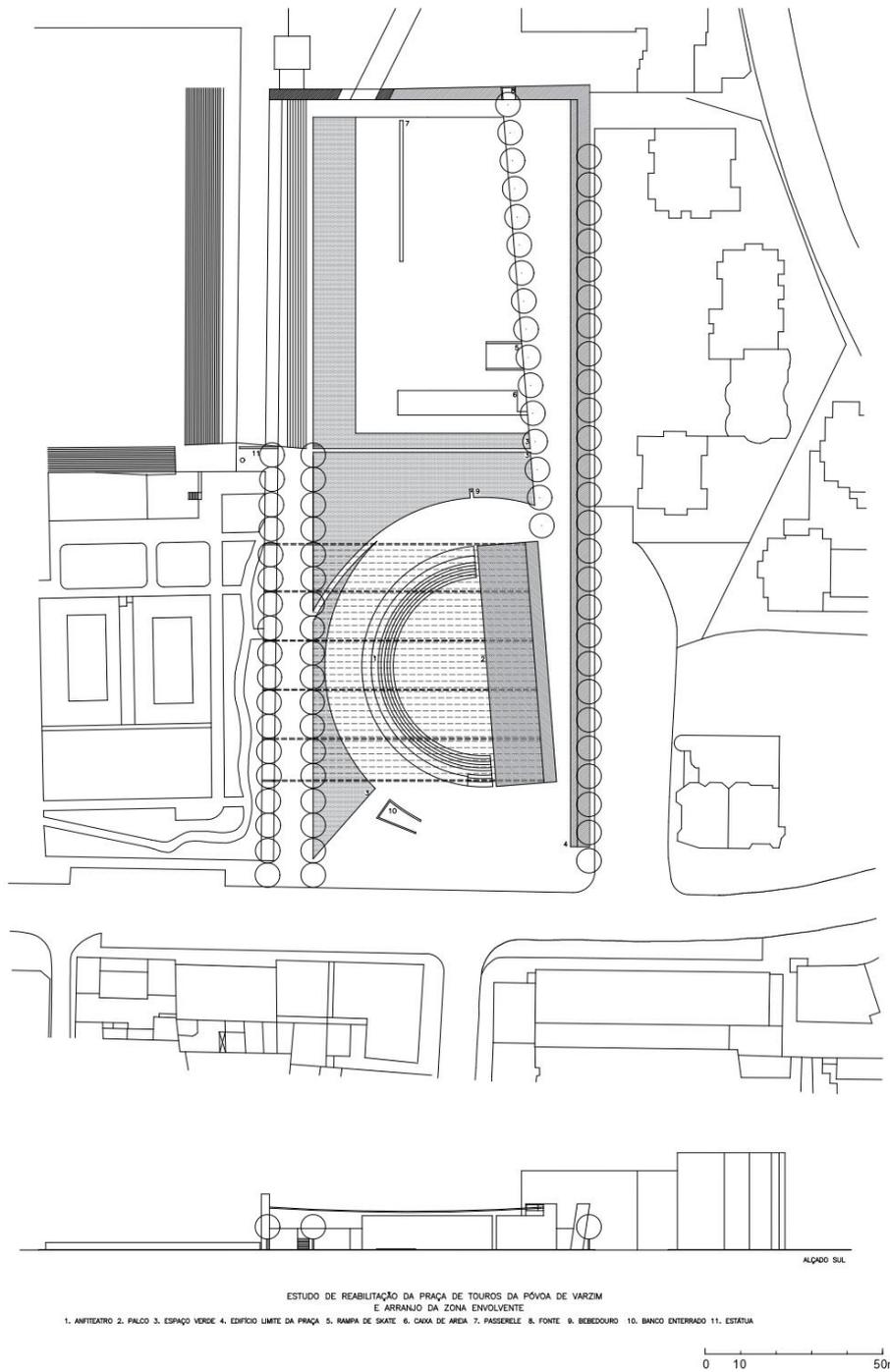
O arranjo da praça de touros poderia constituir em nosso entender a ocasião para dotar esta zona de um lugar público de interesse.

Dadas as características existentes, entendemos que qualquer intervenção na zona deverá pautar-se por uma clareza de desenho urbano, que se demarque com força expressiva da envolvente próxima.

Assim propomos a transformação da Praça de Touros num anfiteatro com uma cobertura ligeira, articulado com um volume depurado - galeria - de forma laminar que constituiria a fronteira nascente da praça.

Alguns elementos que constituem o equipamento tradicional dos espaços públicos, tais como uma fonte, um bebedouro, bancos de jardim, cabine telefónica, uma caixa de areia para instalação de um parque infantil de jogos, uma pista de skates, articulados com manchas verdes e passeios, contribuirão para a possibilidade de animação urbana deste espaço.

Tivemos a preocupação de estabelecer um relacionamento forte entre a praça e a Rua, através de um corredor de serviços, que albergaria um departamento de Finanças, Um Cartório Notarial. uma estação de correios, uma Agência Bancária”.



Desenhos do projeto, Arranjo da Praça de Touros de Póvoa de Varzim e Envolve. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P33

Nome: Casas Eng.º Matos de Almeida_e_Eng.º A. Pina

Local: Vila Nova de Gaia, Avenida Junqueira - Vereda 2, Números 32 e 14 (respetivamente)

Data: Projeto de 1995

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho.

Colaboração: Arq. ta Maria José Casanova, Arq. ta Cristina Roque,
Arq.to António Simões, Arq. ta Helena Beselga, Arq.to Carlos Maia, Arq.to António Neves, Arq. ta
Rita Mazedá.

Engenharías:

Cliente: Eng. Augusto José de Almeida Nunes e Pina; Eng. António Acácio Matos de Almeida

PD_FIMS: FIMS/MB/33-pd0001 _ FIMS/MB/33-pd0010 (10 peças desenhadas)

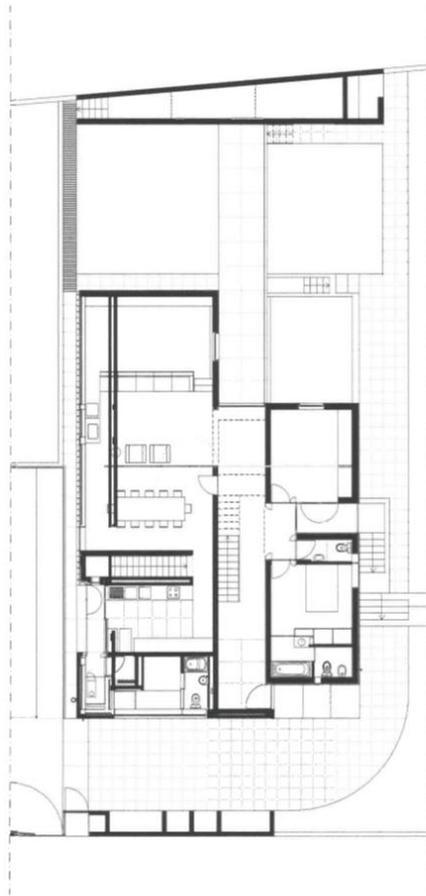


Figura 154 Vista aérea, Casas Eng.º Matos de Almeida_e_Eng.º A. Pina

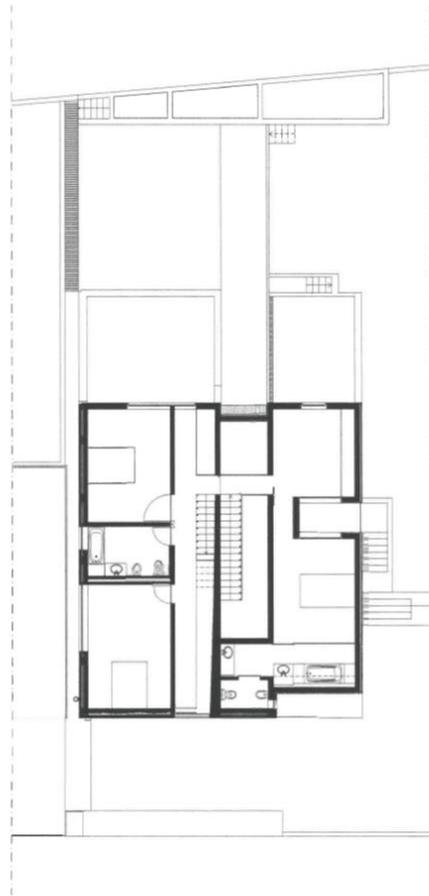
Da memória descritiva: “Do ponto de vista compositivo, a moradia projetada organiza-se segundo um eixo que as atravessa longitudinalmente, dando origem a um corredor de distribuição, com um pé-direito a toda a altura do edifício, que serve duas alas retangulares, uma à sua direita e outra à sua esquerda.

A cêrcea será igual à das moradias dos lotes 21 e 23 tendo em conta a cobertura plana prevista para esta moradia e o R/C elevado em relação ao terreno naquelas, conforme se dá indicação no desenho do Alçado de rua e se documenta com fotografias.

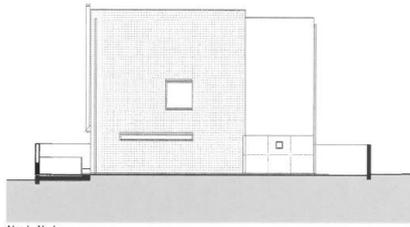
Para além dos muros de vedação, no extremo Sul do lote, um outro muro com a mesma altura, como se indica na planta do R/C, permite a contenção de uma pequena área destinada a estendal de roupa.”



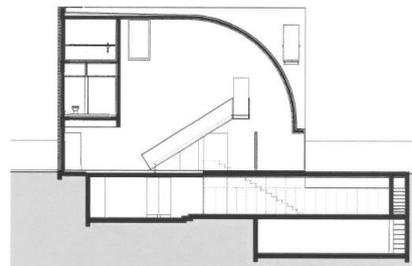
Planta do R/C



Planta do Piso 1



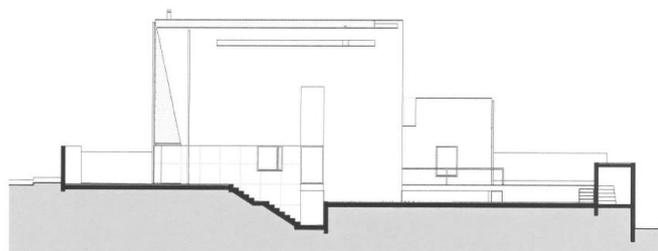
Alçado Norte



Corte

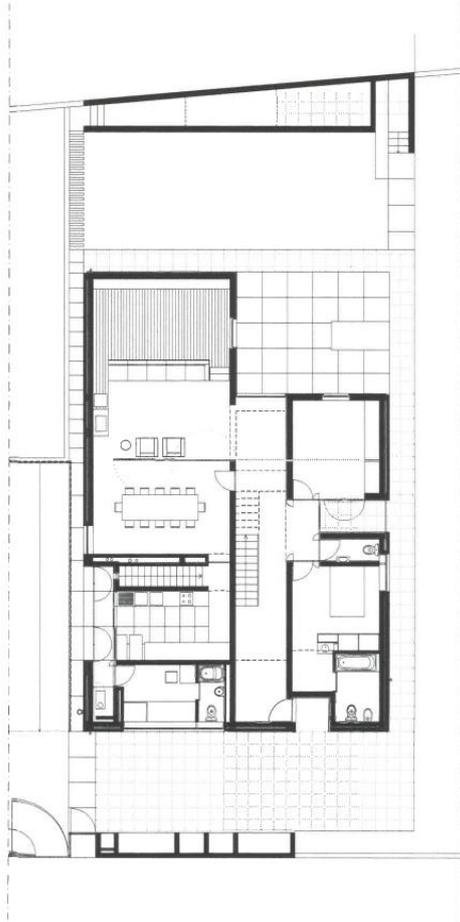


Corte

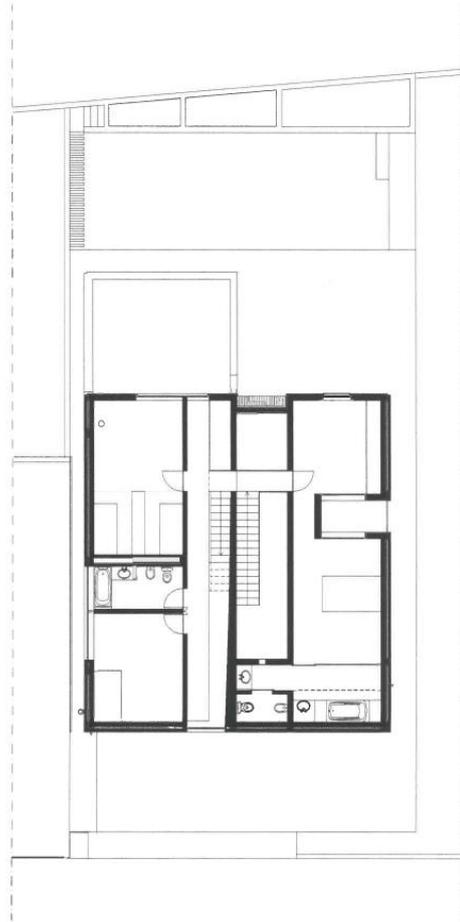


Alçado Poente

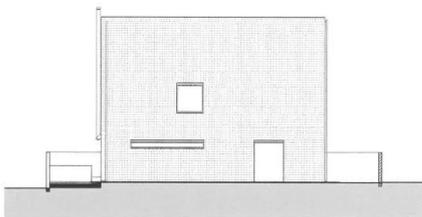
Desenhos do projeto, Casas Eng.º Matos de Almeida_e_Eng.º A. Pina. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



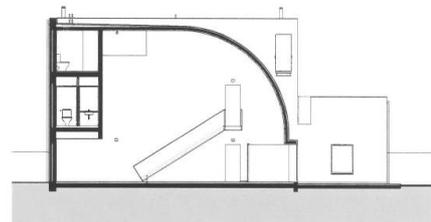
Planta do R/C



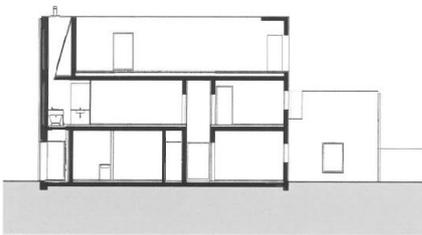
Planta do Piso 1



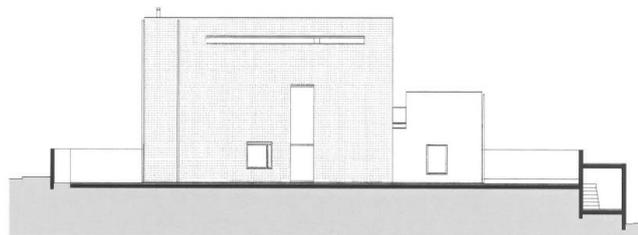
Alçado Norte



Corte

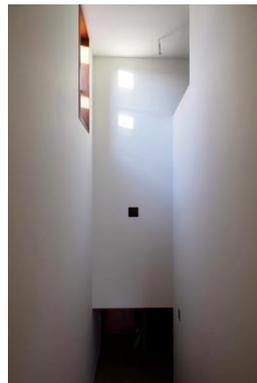


Corte



Alçado Poente

Desenhos do projeto, Casas **Eng.ª Matos de Almeida**_e_Eng.º A. Pina. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 155/156/157/158/159/160/161/162/163/164/165/166/167/168/169 Fotografias das diferentes fases do projeto das Casas Eng.º Matos de Almeida_e_Eng.º A. Pina

P34

Nome: Projeto de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro

Local: Lagarteiro, Campanhã, Porto

Data: Projeto base de 1995

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José.

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq.to António Neves,

Arq.to Carlos Maia, Arq. ta Alexandra Sá Torrão.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/33-pd0001 _ FIMS/MB/33-pd0027 (27 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “Foi-nos pedido o estudo do arranjo urbano do Bairro do Lagarteiro, quase no pressuposto de que se poderia esgotar num desenho novo do espaço verde público, com a dotação de mobiliário e equipamento urbanos julgados necessários.

Pensamos que isto não é suficiente, e que o arranjo urbano, para ser eficaz e autêntico, envolverá necessariamente a recuperação dos próprios edifícios habitacionais, denotando, alguns evidentes sintomas de patologia, como seja a deficiência da rede de saneamento que conduz a situações inexplicáveis de águas negras a escorrerem por paramentos de fachadas ou a correr a céu aberto, em pendentes de espaços exteriores.

Temos consciência de que os problemas encontrados ultrapassam o desenho urbano. Os problemas sociais e culturais em causa são vastos e envolvem outros campos disciplinares. Mas gostaríamos de sublinhar que o desenho urbano deve ajudar a desfazer “ghettos” dentro da cidade.

A nossa proposta baseia-se fundamentalmente na procura de “des-ghetização” do bairro, através duma eficaz clara e afirmativa relação com o exterior e pelo enriquecimento dos seus espaços urbanos próprios, que permitam a quem vive no Bairro do Lagarteiro ter consciência de habitante da cidade de pleno direito.

Propõe-se pequenos equipamentos para as zonas de fronteira de modo a permitir fusão de vizinhanças atualmente completamente estanques.

Entendemos, portanto, que o arranjo urbano envolve necessariamente a conveniente recuperação de todos os edifícios, nomeadamente com a reparação das rede e equipamentos das infraestruturas de água e saneamento.

Também não se compreende, por exemplo, qual o uso dado aos espaços que foram projectados para pequenas lavandarias domésticas ventiladas por tijolo vazado, algumas das quais se apresentam hoje vedadas do exterior por cartões, plásticos e até argamassas.

A recuperação tipológica do edifício e da habitação, integra-se também no processo de recuperação urbana.

PROGRAMA

O programa apresentado obrigou-nos a deslocar-nos a várias localidades. Das visitas que fizemos, ressaltou um sentido de marginalidade urbana como característica do bairro do Lagarteiro.

Temos consciência que os problemas encontrados ultrapassam o desenho urbano. Os problemas sociais e culturais em causa são vastos e envolvem outros campos disciplinares. Mas gostaríamos de sublinhar que o desenho urbano deve ajudar a desfazer “ghettos” dentro da cidade.

O programa, porque muito parcializado, levantou-nos dúvidas que nem a resposta de 30 de Outubro dissipou completamente.

A nossa proposta baseia-se fundamentalmente na procura de “des-ghetização” do bairro, através duma eficaz clara e afirmativa relação com o exterior e pelo enriquecimento dos seus espaços urbanos próprios, que permitam a quem vive no Bairro do Lagarteiro ter consciência de habitante da cidade de pleno direito.

A relação com o exterior é traduzida com a localização e implantação do mercado de levante a sul, com a sequência de serviços e equipamentos propostos para a extremidade norte do Bairro e com a proposta do miradouro a nordeste, enfatizado com a rua envolvente, que desenhamos também com o sentido de estabelecer ligação com a Rua da Aldeia.

A riqueza do seu espaço exterior próprio é obtida pela racionalidade de percursos e pela organização de zonas de estar e espaços verdes que a seguir expomos.

PROPOSTA

1. PAVIMENTO EXTERIOR E JARDINS

O programa contém um item sobre jardins e nele se afirma que deverá ser feito um “estudo para a realização do tipo de jardim mais adaptado ao local, procurando integrar nele os pequenos jardins existentes e tratados pelos moradores”.

Em nosso entender, o tipo de jardim mais adequado a esta situação deve caracterizar-se pela existência de manchas arbóreas de modo a constituir uma volumetria de copas com impacto, e espécies agrupadas de modo a obter conjuntos harmónicos, tendo em conta a cor, a densidade da folhagem, a época de floração etc.; e duma plantação de arbustos agrupados em áreas de 3 a 5 por m² de modo a garantir a harmonia de cor e equilíbrio de floração. Estes arbustos ocuparão em alguns casos o extrato inferior das árvores com a densidade média de 3 pés por m², o que garantirá uma vedação da terra a curto prazo. Haverá a preocupação de escolher espécies pouco exigentes na sua manutenção, de modo a conseguir uma resposta realista e eficaz para situações deste tipo, garantindo, todavia, uma boa solução de impacto ambiental.

Mas, em nosso entender, deverá ser reduzida a área verde existente, para evitar a situação degradada do verde ocupado aleatoriamente por “estendais” de roupa a que se junta ainda o lixo disseminado em recantos menos acessíveis com a conseqüente destruição da área verde, pela sua utilização incorreta.

Entendemos que será de toda conveniência um desenho mais funcional de acesso às habitações.

A nossa proposta assenta num percurso de peão ao largo dos edifícios, o que levanta algum conflito com os pequenos jardins tratados pelos moradores e que não permitem nenhuma solução de integração no espaço público atendendo à sua configuração. Pense-se no arame farpado que os protege.

Julgamos poder superar este conflito com uma efectiva riqueza de espaço público e de serviços oferecidos. e assim, nos edifícios a poente - edifícios 3, 4 e 5 - definimos dois amplos pátios destinados à vida colectiva.

Para o largo definido pelos edifícios 1, 2, 7 e 8, apresentamos um desenho em que nos preocupamos com a sua clareza, mudando a implantação e volumetria do posto de polícia, de modo que o largo adquira uma maior qualidade de vivências comunitárias.

Fizemos recurso a um elemento arquitectónico mais forte para estabelecer a relação do sector sul com o sector norte do Bairro do Lagarteiro, hoje quase dividido em dois:

A volumetria de rampas e de uma caixa em parte incrustada na pendente e destinada a uma área coberta de jogos de mesa constituirá um elemento emblemático desta ligação.

A filosofia de organização do espaço verde e dos percursos de peão será a mesma no sector norte.

Na cartografia apresentada não é indicado de modo algum o limite Norte do Bairro, a não ser pela implantação dos edifícios 12 e 13. No entanto, a implantação do edifício 13 sugere um espaço exterior urbano a pertencer ao bairro, actualmente ocupado com um conjunto de barracas de habitação clandestina, que confere ao local a degradação social inerente e só de algum modo “disfarçada” pela presença dos pinheiros no interior deste local de clandestinos.

Apresentamos na nossa proposta uma rua que de algum modo constitui um limite do Bairro do Lagarteiro com a intenção de estabelecer, ainda, novas relações com a envolvente, sejam ela o futuro Parque Oriental da Cidade ou a ainda existente Rua da Aldeia, carregada de memórias rurais pelas características do seu traçado e da tipologia de alguns edifícios ainda existentes que a definem.

E permitimo-nos um comentário sobre a Rua da Aldeia: seria interessante que a Rua da Aldeia continuasse a ter as características de rua de aldeia e não se transformasse em rua de subúrbio como parece sugerir a implantação da mancha existente na cartografia fornecida.

O Bairro do Lagarteiro que da Circunvalação se apresenta como o culminar da paisagem bucólica do vale de Campanhã, que da ponte de pedra se vai erguendo por orgânicas composições de habitações rurais e uma riqueza notável de vegetação, bem mereceria recolher no seu interior esta memória da encosta capaz de o transformar num espaço residencial de qualidade.

2-MOBILIÁRIO URBANO

O programa indicava algum tipo de mobiliário urbano como por exemplo local para jogos de mesa, bancos de jardim, parques infantis e etc.

Satisfizemos este pedido como indica o desenho sumário que apresentamos.

Existe actualmente um parque infantil na pendente entre os edifícios 10 e 12, que curiosamente, em todas as visitas que efetuamos ao local nunca estava a ser utilizado por crianças.

Com a proposta a que já aludimos, das rampas e da existência de uma zona de estar coberta destinada a jogos de mesa para idosos, tivemos a intenção de potencializar este parque infantil, de que definiremos o equipamento em projeto.

Apresentamos para a envolvente do ringue existente um desenho diferente, de modo a conseguir outro parque infantil, este directamente ao serviço do Jardim de Infância, que entendemos dever ser instalado no rés-do-chão do edifício 8.

Como mobiliário urbano devem ser entendidos os fontanários, os diversos bancos que propusemos em situações diferenciadas do bairro, as pistas de skate e patins propostas a norte e até o miradouro que é projectado como um remate urbano.

3-SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS

No programa referiam-se quiosques, mercado do levante e recanto desportivo como equipamentos necessários ao bairro.

Entendemos estes equipamentos como necessários, mas não são suficientes.

Julgamos não ser inoportuno frisar a característica de “ghetto” que o bairro apresenta e que deveria ser ultrapassado.

Daí, a importância da localização dos equipamentos pedidos e propostos.

Mercado de Levante - localizamo-lo numa zona que nas plantas vem indicada como destinada a uma ligação viária do bairro do Lagarteiro à Rua da Aldeia.

Imprimimos ao mercado a intencionalidade de ligação com a cidade e é, ainda, o traçado do mercado que vai permitir a organização do espaço exterior do bairro com a implantação do edifício que destinamos a café-esplanada. Desejariamos que este mercado servisse não só o Bairro do Lagarteiro, mas também os habitantes da rua da Aldeia e de ver no interior do bairro pessoas que habitam outros ambientes urbanos.

O conjunto de equipamentos que propomos no limite norte tem a mesma intenção. Poderão ser usados por habitantes do bairro, mas também por outras pessoas que no futuro venham ao parque urbano oriental.

O próprio desenho de um mirante sobre a cidade do Porto, a que conferimos quase um sinal mítico urbano, localizado na convergência dos edifícios 9, 10, 12 e ainda do equipamento proposto para lavadouro, constitui ainda a tentativa de relacionar o Bairro do com o exterior, sublinhada pela via do limite norte.

O pequeno anfiteatro destina-se a ocasiões mais festivas que constituem referentes na vida destas comunidades.

Junto do anfiteatro propomos uma sala que estará ao serviço de festas mais privadas e que os espaços interiores destas habitações tornam quase impossíveis - festas de anos de crianças, casamentos e etc.

Localizamos quatro quiosques junto a espaços preparados para vivência de encontro, embora sintamos a necessidade de uma caracterização mais precisa do seu programa para elaboração eficiente do seu projecto.

O posto de polícia actual é um exemplo de um mau equipamento urbano. O seu desenho e implantação, tiram a dignidade que um equipamento do género deveria possuir e nada contribui para a qualificação daquele espaço urbano.

É este o motivo do novo local de implantação e também neste caso aguardamos um programa mais específico para o desenvolvimento do seu projecto.

O pequeno café-esplanada é um equipamento que preenche e está presente em toda a cidade. Viver num espaço residencial que não possui um café é já por si só um “atestado” de marginalidade. Entendemos que o rapaz-rapariga do Lagarteiro tem o direito de tomar o café na mesa da esplanada como qualquer outro jovem.

Propomos ainda um lavadouro-lavandaria e fazemo-lo porque nas visitas ao local sentimos por parte de alguns habitantes a vontade de possuírem um equipamento deste género.

Entretanto o espaço exíguo das casas faz transbordar para o espaço público trabalhos domésticos como o da secagem de roupa. E talvez não seja desajustado um equipamento deste género. A desorganização destes estendais disseminados pelo verde público levou-nos a propor espaços organizados para estendais secagem da roupa de que apresentamos um esquema. Para os edifícios 7, 8 e 11 que habitualmente se apresentam com a roupa a secar nas fachadas, estudamos um elemento que permite mais dignidade para esta função e confere ao recinto de jogos um envolvimento mais acolhedor e agradável.

O campo de jogos existente apresenta-se com um piso de betonilha que não é o mais apropriado para os jogos mais usuais.

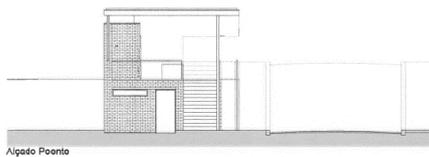
Por isso, propomos para este recinto um pavimento de borracha preparada para uso exterior, que tornará muito mais convidativa a prática desportiva.

O talude a nascente poderá com facilidade ser adaptado a uma pequena bancada sempre útil e agradável neste tipo de actividades.

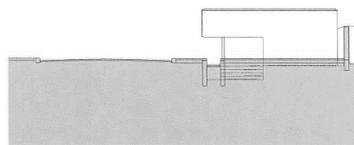
De qualquer modo julgamos que a prática desportiva com alguma assiduidade exigirá uns balneários que, conforme resposta de 30 de outubro, seriam instalados no rés-do-chão do edifício 7. As plantas estruturais do edifício serão necessárias para o conveniente projecto destes balneários, bem como todos os elementos referentes à rede de infraestruturas de água, esgotos e eletricidade existentes.

Destinamos o piso térreo do edifício 8 para a instalação do Jardim de Infância.

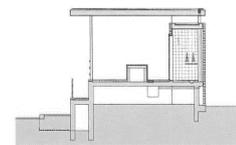
As dimensões actuais deste serviço são extraordinariamente exiguas e apresenta-se com a pior das exposições, ou seja, a norte. Para este projecto necessita-se de um conveniente levantamento do espaço existente e de todas as informações necessárias aos projectos de especialidades.”



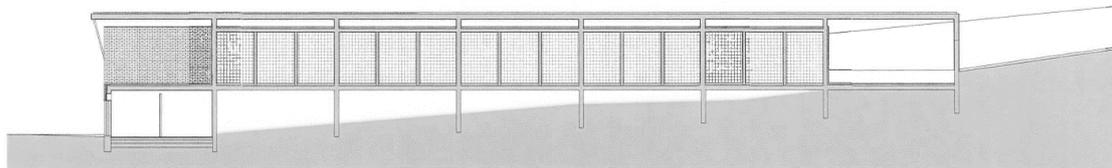
Alçado Poente



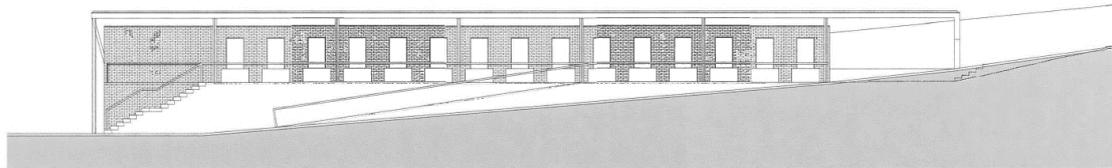
Alçado Nascente



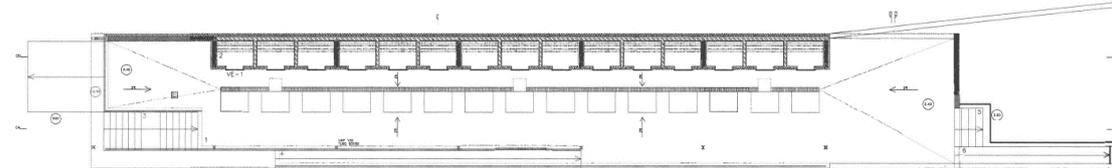
Corte Transversal



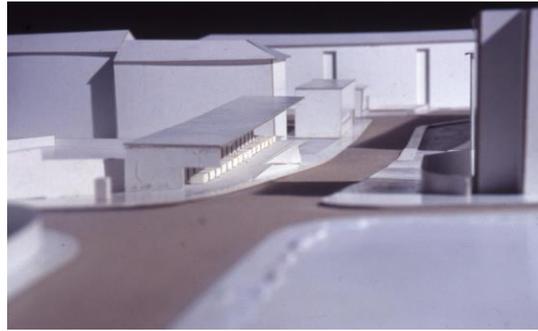
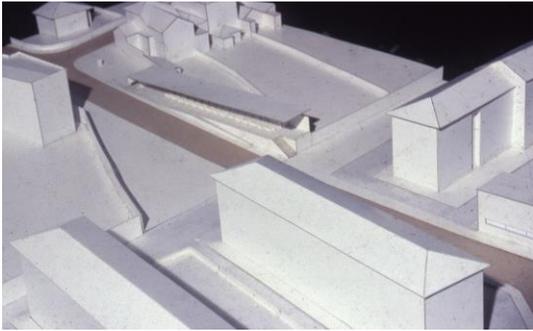
Corte Longitudinal C5



Alçado Sul



Desenhos do projeto, Projeto de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 170/171/172/173/174/175 Fotografias das maquetes do projeto de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro

P35

Nome: Concurso para a elaboração de um relatório- diagnóstico e proposta de reorganização funcional da Igreja e mosteiro de Grijó

Local: Grijó, Vila Nova de Gaia

Data: 1996

Estado: Relatório

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharías: Eng. Victor Carlos Trindade Abrantes Almeida; Estabilidade e Estrutura: Eng. Rui Humberto Costa de Fernandes Póvoas

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva:

“CANDIDATURA PARA A ELABORAÇÃO DE UM RELATÓRIO-DIAGNÓSTICO E PROPOSTA DE REORGANIZAÇÃO FUNCIONAL DA IGREJA E MOSTEIRO DE GRIJÓ

METODOLOGIA

É pedido um relatório-diagnóstico com a proposta de reorganização funcional da Igreja e Mosteiro de Grijó.

Começando pela segunda parte, - Reorganização Funcional - entendemos que no Restauro de um Monumento, mormente quando ao serviço de uma comunidade, não é possível uma reorganização funcional autêntica sem a adesão à vontade latente da comunidade.

Se a etimologia da palavra monumento nos conduz à ideia de morte, (monumenta - sepulturas), o conceito mais actual de restauro de monumentos, e já de há mais de uma década, é o de o trazer á vida.

Por este motivo consideraremos na proposta de reorganização funcional, a hipótese da implantação da capela mortuária para além dos limites apresentados na planta fornecida, até porque, segundo a informação do Pároco, existe a possibilidade de cedência de terrenos anexos e, apresentada esta hipótese ao IPPAR, não foi levantada qualquer objecção.

Quanto ao relatório diagnóstico do “estado de conservação do imóvel com identificação das patologias, análise das suas causas e propostas de soluções alternativas com a estimativa dos respectivos custos parcelares”, quero deixar claro que é convicção da equipa ser tarefa impossível para o tempo disponível.

São evidentes algumas patologias existentes na Igreja e Mosteiro de Grijó: fissuras e desagregações em muros resistentes , deformações em abóbadas e arcos, cedimentos em fundações e

em pavimentos, humidades de ascensão capilar, infiltrações em paramentos exteriores, degradação generalizada de rebocos, etc.,etc.

Mas já se torna muito difícil estabelecer relações de causa e efeito entre estas patologias, tarefa impossível sem acurado trabalho de laboratório e de reflexão sobre os dados obtidos, impensável num prazo de 15 dias.

Seja-me permitido um exemplo: é quase evidente a existência de cedimentos das fundações, mas já é difícil definir se se trata de cedimentos de translação vertical, horizontal, inclinada ou até de rotação em torno de um eixo.

Mais, para chegarmos a uma conclusão sobre o tipo e consistência das fundações de um edifício antigo, de que rarissimamente temos desenhos da construção inicial e muito menos das características construtivas das suas fundações, não existe outro método que não seja o de fazer o levantamento directo da estrutura da fundação, no que diz respeito às suas dimensões, características construtivas e seu estado de conservação, o que naturalmente implica a feitura de escavações verticais ou poços.

Sabe-se que para ajuizar da estabilidade de uma fundação, é preciso ter conhecimento das características dos estratos do terreno que as suportam, e daí a necessidade de amostragens do terreno no estado natural (amostras indisturbadas), feitas por sondagem.

E, mutatis mutandis, o que dizemos sobre as fundações poderíamos dizer de estruturas murais, deformações em abóbadas, degradação de rebocos, etc.

No nosso relatório será tentada uma hipótese de relação de patologias. Tentaremos responder a perguntas como:

As humidades existentes serão causa ou efeito de deformações mecânicas? Será prioritária a reparação de rebocos ou a solução de anomalias mecânicas?

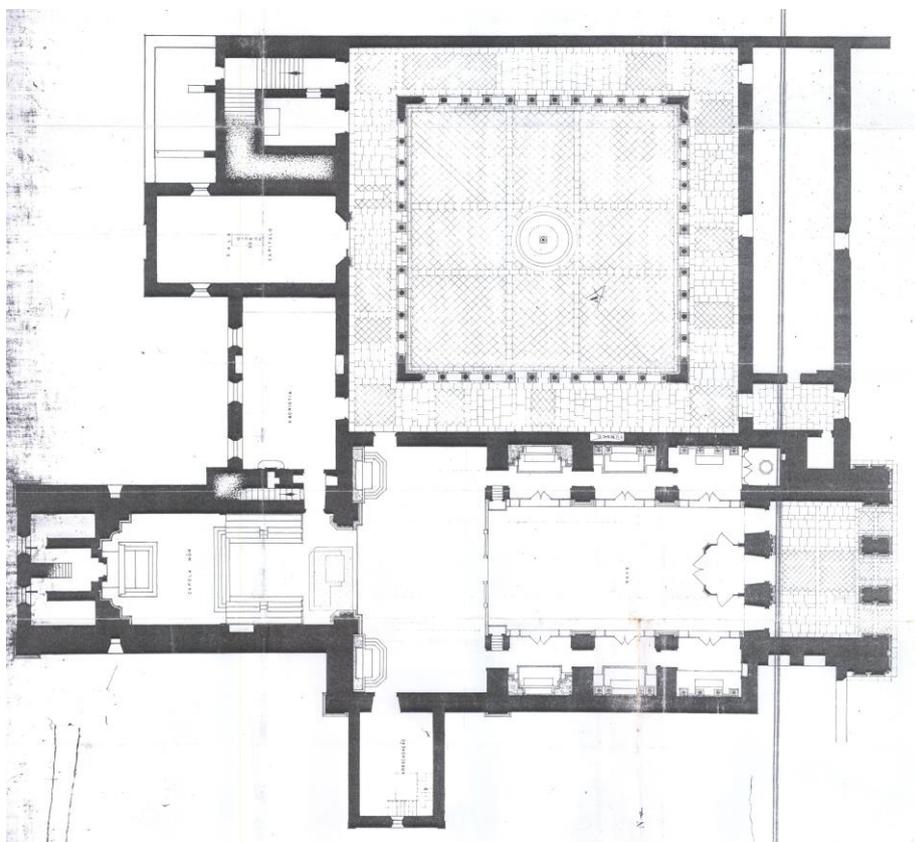
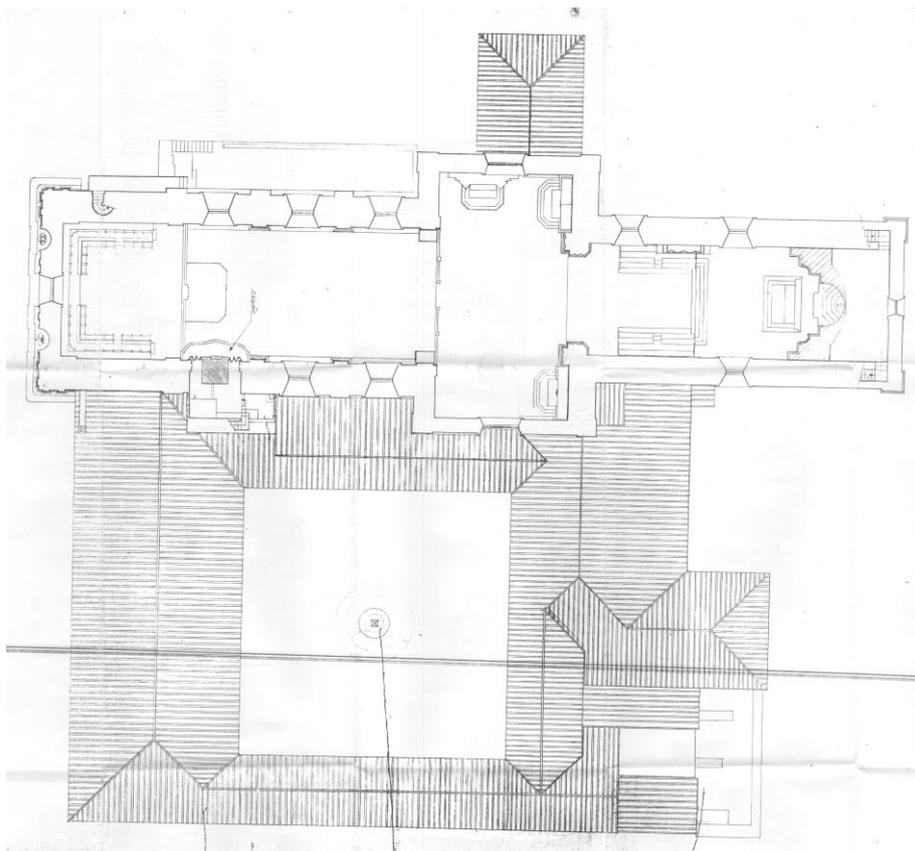
Faremos

1º - Uma listagem ordenada de todas as patologias, com recurso a fotografias, algumas das quais cedidas pelo Pároco;

2º - Uma primeira análise das causas e propor, nalguns casos, uma metodologia de análise in situ;

3º - Algumas propostas de solução, que eventualmente virão a ser corrigidas pelas sondagens futuras

Em nosso entender, é impossível propor soluções definitivas, e estimativas de custos parcelares ou totais.”



Desenhos do projeto, Concurso para a elaboração de um relatório- diagnóstico e proposta de reorganização funcional da Igreja e mosteiro de Grijó. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 176/177/178 Fotografias da Igreja e mosteiro de Grijó

P36

Nome: Recuperação da cobertura de casa em Cascais

Local: Rua D. Francisco de Avilez, Cascais

Data: 1996

Estado: Caderno de Encargos

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharías:

Cliente: D^a Maria Branca Gonçalves Aguiar Mange

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “O telhado com cerca de 140 m² da moradia da Sr. D^a Maria Branca Gonçalves Aguiar Mange, situada num talhão de terreno servido pela Rua D. Francisco de Avilez apresenta elevado grau de degradação de telhas (Telha Lusa, da Fábrica Lis de Leiria), que justificam a sua substituição.

Actualmente existem no mercado diversas marcas deste tipo de telha, embora a Fábrica Lis de Leiria neste momento apenas se dedique ao fabrico da chamada antiga telha portuguesa.

Este facto conduzirá, quase obrigatoriamente, à substituição do ripado existente, porque dificilmente se encontrará no mercado telhas com a mesmas dimensões.

De qualquer modo, para lá destas circunstâncias de marcas e medidas de telha, existem outros aspectos que poderiam conduzir também à substituição do ripado do telhado.

Penso justificar-se um isolamento térmico da cobertura, que conferiria à moradias condições de maior conforto.

São possíveis várias soluções, que passam sempre pela introdução duma camada isolante, entre a armação de madeira e o telhado.

Em qualquer dos casos seria necessário a substituição do ripado.

Apresento desenhos esquemáticos de duas opções de isolamento pelo exterior da estrutura.

- Num caso utiliza-se o ROOFMATE TG, em que o forro é facultativo, desde que o vão entre apoios não exceda metade do comprimento das placas. Neste caso, uma vez que as placas medem 2,50m de comprimento, o vão máximo será de 1,25m. Não disponho de elementos dimensionais da estrutura, mas suponho que estaremos dentro das medidas exigidas pelo bom comportamento do material.

Seria aconselhável uma impermeabilização de manga plástica semi-esticada entre os caibros e o ROOFMATE TG, tendo o cuidado de garantir sobreposições e um correcto escoamento de águas junto ao beirado, conforme o desenho de pormenor apresentado.

- Num segundo caso, utilizando um outro material isolante, o ROOFMATE PT, exige-se obrigatoriamente um suporte contínuo, ou seja: de um forro de madeira ou qualquer outro material que

suporte o peso de um homem. O forro poderá ser impermeabilizado através de uma pintura de emulsão betuminosa, tela asfáltica de 2Kg, ou até uma simples membrana de polietileno. Quando for utilizado ripado de madeira, esta solução torna desnecessária a utilização de contra ripado, uma vez que o ripado se encontra ventilado pelos canaletes do ROOFMATE PT, que deverão ser colocados perpendiculares à cumeeira.

A execução de um ripado de argamassa é possível, colocando os canaletes paralelos à cumeeira.

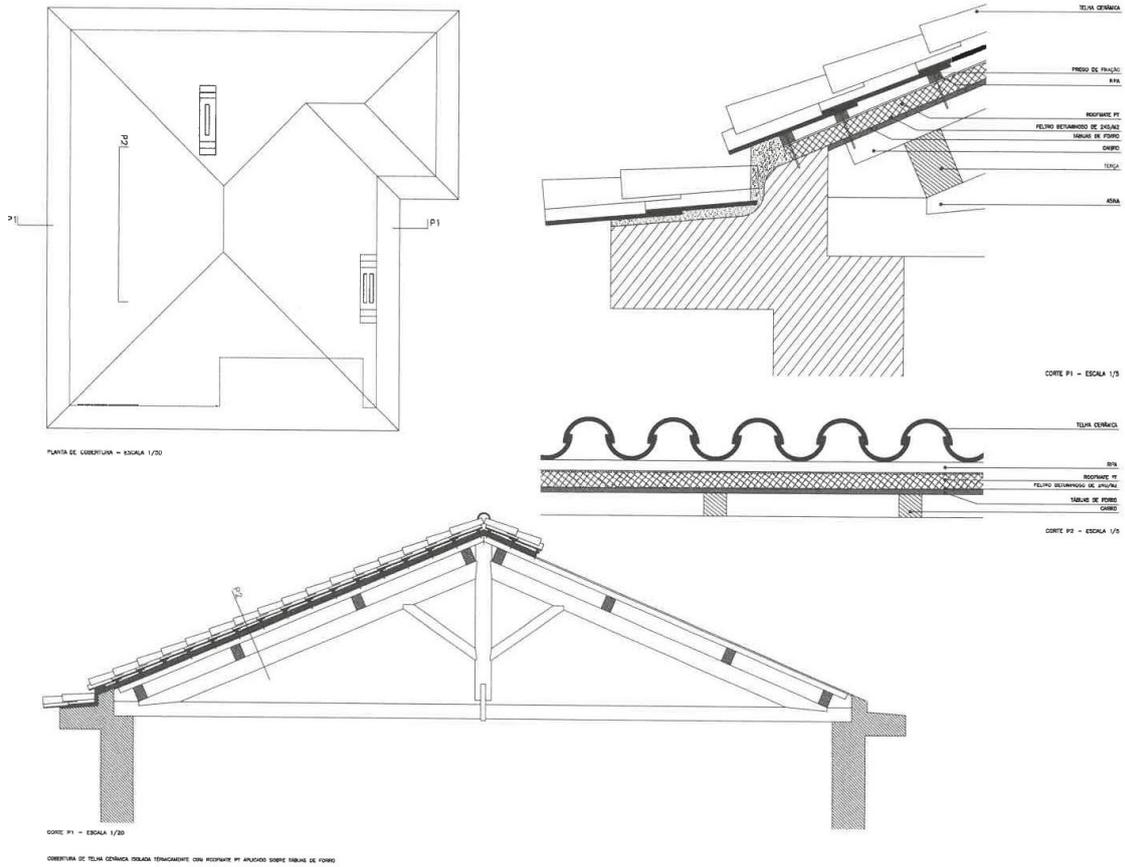
Na execução dos trabalhos, uma vez feita a desmontagem do telhado, e do ripado, proceder-se-á a uma cuidadosa verificação do estado de conservação da armação, sendo substituídas todas as peças em mau estado, com madeira de pinho tratado em autoclave. Deverá então proceder-se a uma rega de pulverização de toda a estrutura com xilofene. As ripas, também de pinho tratado deverão ser regadas com xilofene antes de aplicadas.

Haverá o cuidado de escolher o mesmo tipo de telha que o existente e optar por uma marca que tenha acessórios de remate, tanto de cumeeira como de angulo.

A presença de chaminés obrigará a ter os cuidados necessários ao conveniente remate de telhados com as paredes das chaminés, mediante rufos em chapa de zinco nº14.

A solução com tecto contínuo será a melhor, mas também a mais cara, porque exige para além do isolamento térmico, a aplicação de um tecto de madeira.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Recuperação da cobertura de casa em Cascais. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P37

Nome: Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa

Local: Lisboa

Data: Projeto 1998

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com Arq.to Manuel Mendes.

Colaboração: Arq. ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/37-pd0001 _ FIMS/MB/37-pd0033 (33 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “O projeto do convento liga-se à tipologia tradicional do claustro, mas a rua semipública entre a igreja e o convento permite o acesso às zonas sociais e de serviços, faz-lhe adquirir uma dimensão urbana nova.

O mesmo se pode dizer para o lado da igreja a que se tem acesso através de rampas e de escadas.

O claustro não constitui o espaço do grande silêncio à moda cisterciense, mas permite vivências de hóspedes e visitantes.

É de realçar a construção do corpo com vigas-parede que imprimem uma linguagem diferente à tipologia conventual.”

MEMÓRIA DESCRITIVA

... Com todas as incertezas urbanísticas", relativas a traçados viários e até ao uso dos solos, para a envolvente Norte e Nascente, foi-se-nos tornando claro que o talhão em causa se relaciona preferencialmente com a actual rua dos Soeiros, elemento estrutural urbano mais forte da zona, que com a estação do Metropolitano do Alto dos Moínhos possui características de nó no "interface" de comunicações citadinas.

... E assim que a nossa proposta começa com a ocupação do terreno, mesmo a partir do seu limite poente, onde a implantação da Igreja, pelas suas dimensões, constituirá um importante equipamento urbano de cariz religioso.

... A solução pode sintetizar-se como sobreposição e interpenetração de duas organizações arquitectónicas: uma, mais orgânica, em estreita comunhão com a topografia do terreno, constituída pelo desenvolvimento dos espaços destinados às actividades; outra, mais racional, constituída pelos edifícios em claustro.

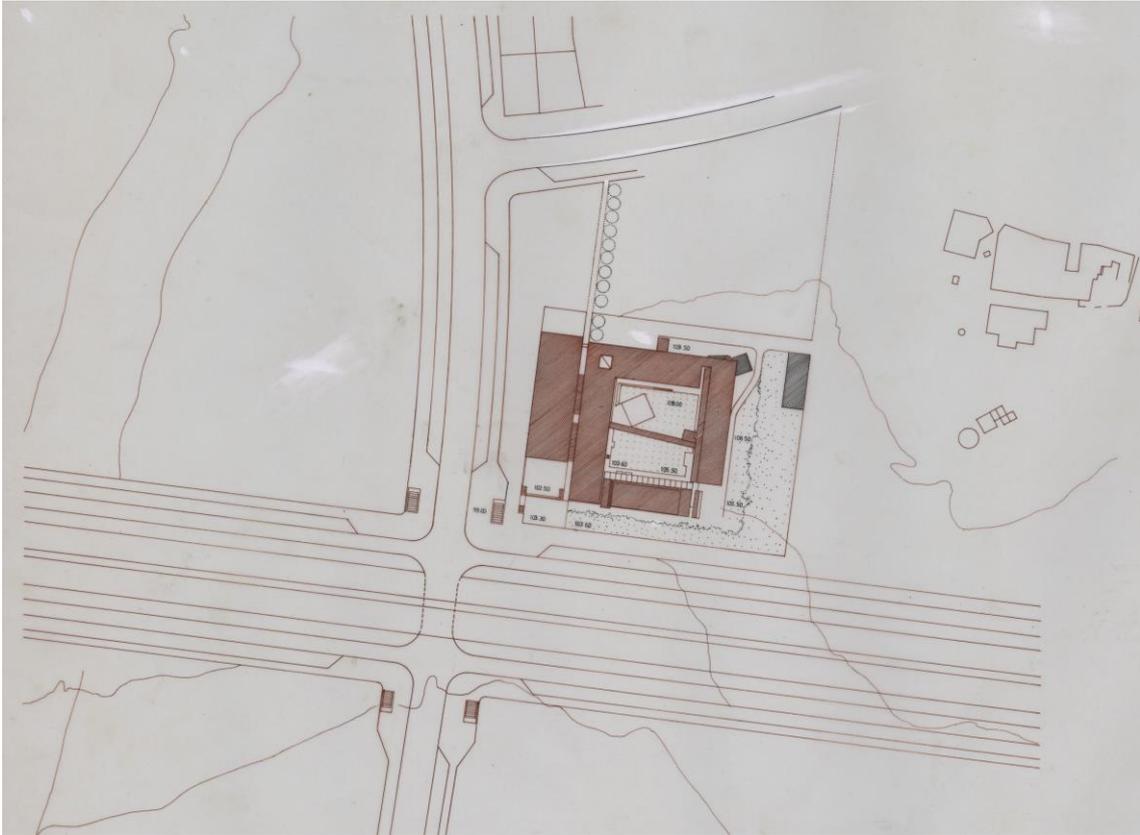
Em síntese, traduz-se na ocupação do terreno a partir do limite poente, com a implantação da Igreja, seguida duma rua interior, que parte de uma praça situada no ângulo sudoeste e cujo alçado poente constitui também o alçado poente do Convento.

...A imagem final, apresenta-se como um todo, mas a articulação das duas ordens arquitectónicas, acaba por desmultiplicá-la e descodificá-la, em múltiplos espaços de pendur humanista. A solução só aparentemente é monolítica.

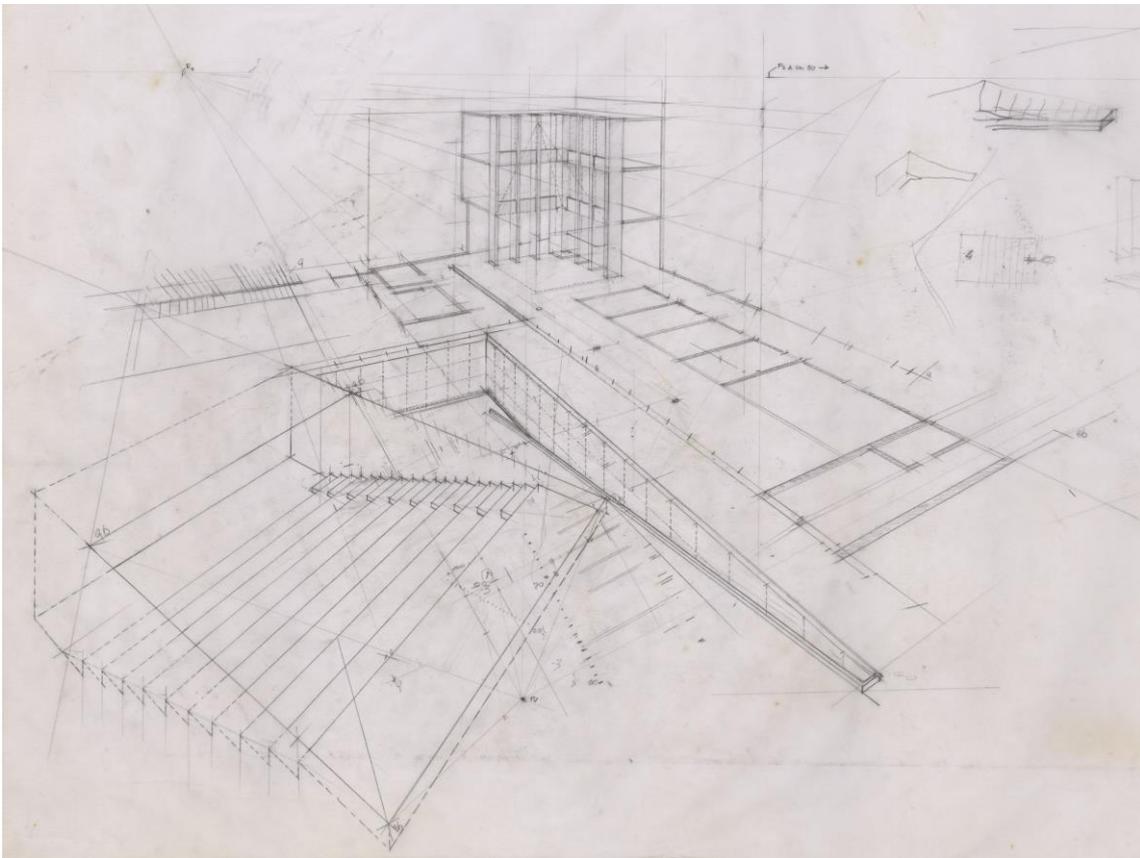
... Para além do acesso de peões pela rua interior, que propomos continue, a norte, até ao arruamento novo, representado na planta fornecida para o concurso, prevemos duas alternativas de acesso automóvel, em ambos os casos, a norte do terreno. Num caso e noutro houve a preocupação de se permitir uma organização urbana racional da envolvente.

... No revestimento exterior do edifício, com elementos cerâmicos e de calcário, dada a dimensão da obra, estudar-se-á uma solução individualizada, a partir de soluções industriais existentes

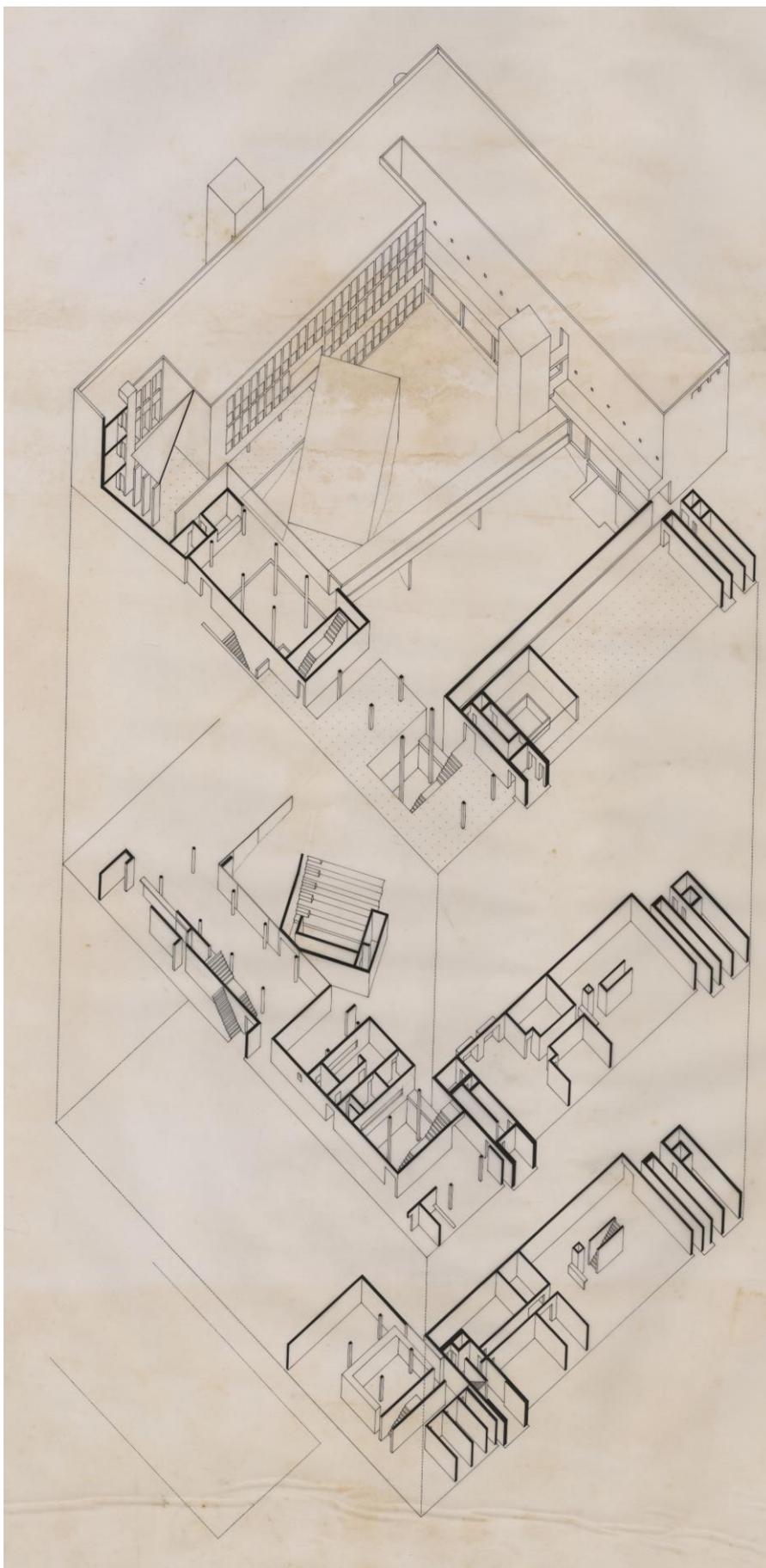
... A Igreja de desenvolvimento longitudinal é caracterizada por um percurso perimetral; a nascente definido por uma sequência de pórticos estruturais, e poente por uma parede que irá permitir a resolução planimétrica da Capela Penitencial e Capela do Santíssimo, estabelecendo a continuidade do presbitério apenas sinalizado pela materialização desta parede. O espaço "essencialmente Sagrado" é conseguido pela relação das proporções métricas das suas dimensões.



Desenho do projeto, Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa. FIMS_MB_0037-pd0001



Desenho do projeto, Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa. FIMS_MB_0037-pd0027



Desenho do projeto, Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa. FIMS_MB_0037-pd0017

P38

Nome: Concurso para a elaboração do projeto das Instalações do Centro de Saúde de Cinfães

Local: Rua Capitão Salgueiro Maia, Vila de Cinfães

Data: Projeto de 1998

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq.to António Neves.

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “A elaboração do estudo para o Centro de Saúde de Cinfães apresentado neste concurso, assenta em dois pontos essenciais: o primeiro traduz-se no respeito pelas características específicas do terreno e o segundo pela resposta escrupulosa ao programa funcional do Concurso.

1. O terreno destinado ao Centro de Saúde é constituído por um conjunto de parcelas, com diferentes proprietários, segundo a indicação da planta cadastral, apresentado no rosto do caderno do programa do concurso.

A poente e a Sul é limitado pela E.N. 222 e a recente variante que liga a Castro Daire; a Norte, o limite coincide com a linha tracejada da planta fornecida com o programa do concurso e continua segundo a direção dum muro existente. É ainda um muro que define o seu limite, a Nascente.

Na carta fornecida com o programa do Concurso e no levantamento topográfico fornecido pela Câmara Municipal de Cinfães, o terreno apresenta uma área de cerca de 12.800 m², que aliás vem expressa na já referida planta cadastral. Por lapso no ponto 1.6 intitulado - “Localização” - indica-se uma área de cerca de 8 000m².

Este terreno integra-se numa das múltiplas colinas multiformes, com desenho de belo recorte, da bacia hidrográfica do Douro. Apresenta-se com socalcos quase sempre definidos por muros, socalcos que lhe conferem uma pendente considerável de Nascente para Poente.

Entre os pontos mais a poente e nascente existe uma diferença de cota de 15 metros.

Goza duma localização privilegiada, ocupando o centro geométrico dum arco de estrada que constituiu a espinha de desenvolvimento urbano da Vila de Cinfães.

Para melhor compreensão do terreno foi feita uma maquete do mesmo à Esc. 1:200, que evidencia a sua morfologia complexa.

Das várias soluções possíveis, foi abandonada a hipótese de construir uma plataforma que permitisse a implantação compacta de um edifício com cerca de 2 000m². Optou-se antes por uma implantação de corpos separados a cotas mais adaptadas á topografia do terreno, servidos por um “muro-corredor” que liga todos os corpos de fábrica e estabelece a continuidade funcional e espacial das várias cotas de implantação.

Em nosso entender garante-se deste modo um melhor impacto visual do futuro Centro de Saúde, impacto com grande relevância, tendo em conta a visão da área em questão a partir de vários pontos do conjunto urbano da Vila de Cinfães, visão cujo impacto se potencializa dada a cota de observação muito mais elevada em relação ao terreno, como o demonstram as fotografias apresentadas.

Corpos de fábrica de volumetria mais reduzida integram-se melhor num ambiente rural despido de outras construções, embora não seja nossa intenção qualquer veleidade mimética e romântica de sabor rural. Desejamos, sem hesitação, marcar afirmativamente a presença deste novo equipamento urbano.

O “muro-corredor” constitui a chave de toda a composição e assume-se como memória dos múltiplos muros que fazem os extraordinários socacos da bacia do Douro. O braço maior deste “muro” assenta até no traçado dum muro existente que atravessando o terreno na direção Sudeste-Noroeste se dirige para uma eira com um canastro que assume o significado de coração de todo-o-terreno.

2. O programa funcional é garantido por aquele “muro-corredor” que liga todos os corpos e estabelece a continuidade espacial das várias cotas de implantação. Seguiram-se rigorosamente as orientações do caderno de encargos.

Os corpos de fábrica que albergam os vários sectores do Centro de Saúde organizam-se a partir de um esquema muito claro de corredor-sala e manifestam com clareza as subunidades:

- Entrada / Recepção,
- Prestação de Cuidados de Saúde,
- Meios complementares de Diagnóstico e Terapêutica,
- Atendimento Permanente,
- Sector de Direção, Coordenação e Formação,
- Saúde Pública e Ambiental,
- Apoios Gerais.

A entrada principal, localizada curiosamente quase no local da antiga eira, relaciona-se mais diretamente com o sector da Prestação dos Cuidados de Saúde, garantindo, contudo, um acesso fácil e claro aos sectores dos Meios Complementares de Diagnóstico e da Saúde Pública e Ambiental, que dado o seu carácter ocupa um extremo do complexo.

O sector dos Meios Complementares de Diagnóstico e Terapêutica ocupa um espaço baricêntrico entre os espaços de Prestação do cuidado de Saúde e o Atendimento Permanente.

Apenas dois corpos de fábrica se apresentam com dois pisos: No piso inferior ao dos Meios Complementares de Diagnóstico e Terapêutica localizam-se os espaços de Direção, Coordenação e Formação, em contacto direto com o terreno e no do Atendimento Permanente alojam-se os Apoios Gerais.

A solução apresentada é dinâmica, permitindo facilmente futuras expansões e curiosamente reproduz o esquema de desenvolvimento da própria Vila de Cinfães ao longo da estrada, transformada em espinha estruturante urbana.

Pensamos que os 250 m² do corredor se justificam pela flexibilidade que transmitem a todo o complexo.

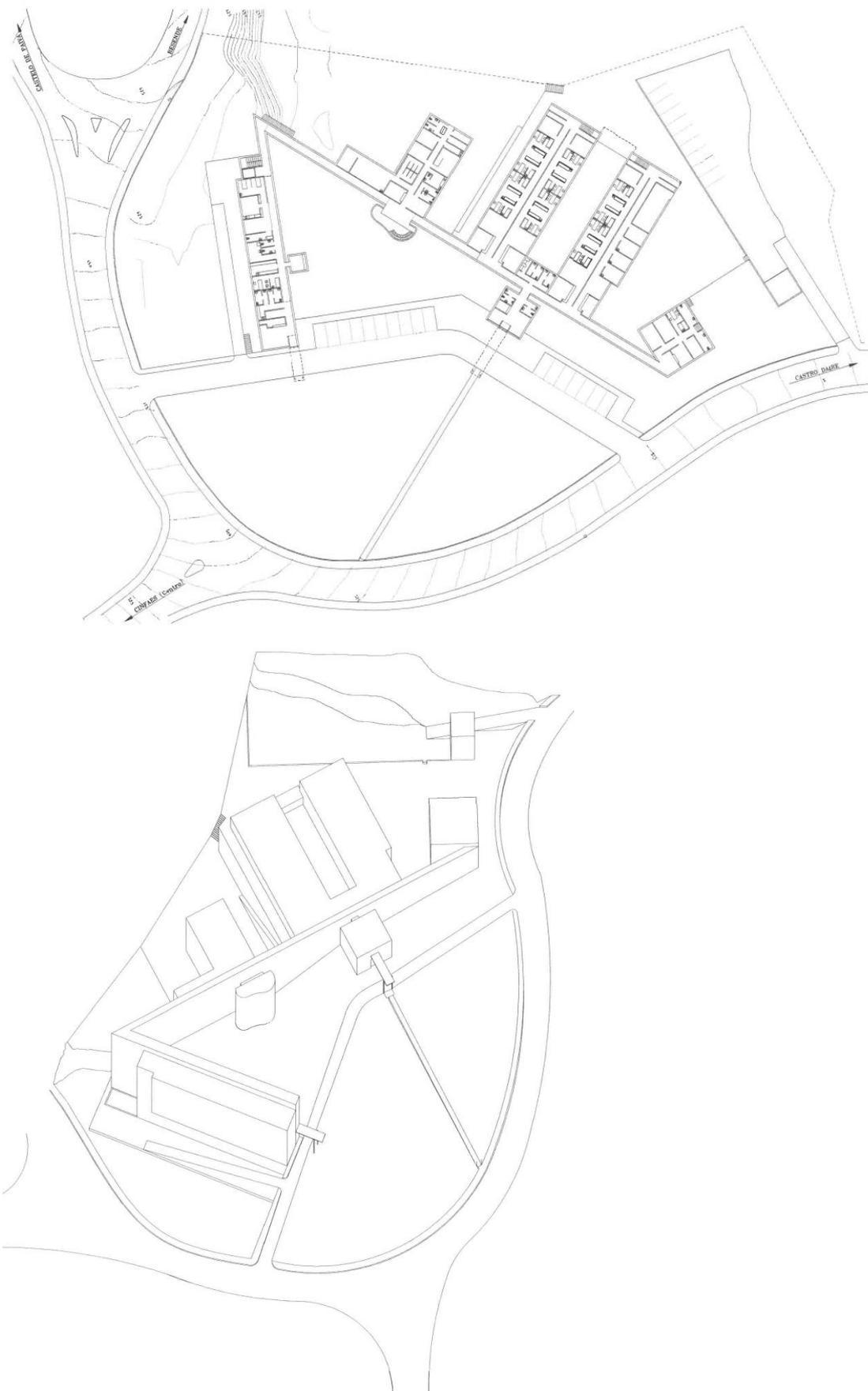
Os arruamentos internos caracterizam-se também pela simplicidade. Prevê-se um atravessamento de Nascente para Poente, inserido na Variante de Cinfães, de modo a garantir a visibilidade indispensável, com um só sentido de trânsito a servir a Entrada Principal e o Sector de Atendimento Permanente.

Um ramal serve os Apoios Gerais, salvaguardando-se os acessos exteriores previstos no Programa Funcional.

A garagem e um pequeno parque de estacionamento é servida por uma rampa diretamente a partir da variante.

O percurso pedonal proposto justifica-se pela futura presença da Central de Camionagem prevista para a vertente frontal da encosta do Hospital Cinfães e do Escadório que o P.G.U. prevê em direção à Praça 25 de Abril.

Em termos construtivos os edifícios assentam numa quadricula que permitirá uma estrutura porticada de betão armado económica. As paredes periféricas serão de alvenaria dupla com tijolo á vista pelo exterior, material que dialoga bem com o betão descoberto do muro-corredor. As caixilharias serão de alumínio lacado, e, de um modo geral, como se lê do mapa de acabamentos, teve-se como critério fundamental de opções a fácil manutenção dos materiais.”



Desenhos do projeto, Concurso para a elaboração do projeto das Instalações do Centro de Saúde de Cinfães. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P39

Nome: Arranjo de um apartamento na Av. Fernão Magalhães

Local: Rua Dom Agostinho de Jesus e Sousa, porta 49-9ºA, Porto

Data: Projeto de 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq.to António Neves.

Engenharias:

Cliente: Maria Teresa Botelho

PD_FIMS: FIMS/MB/39-pd0001 _ FIMS/MB/39-pd0004 (4 peças desenhadas)



Figura 179 Vista aérea, Arranjo de um apartamento na Av. Fernão Magalhães

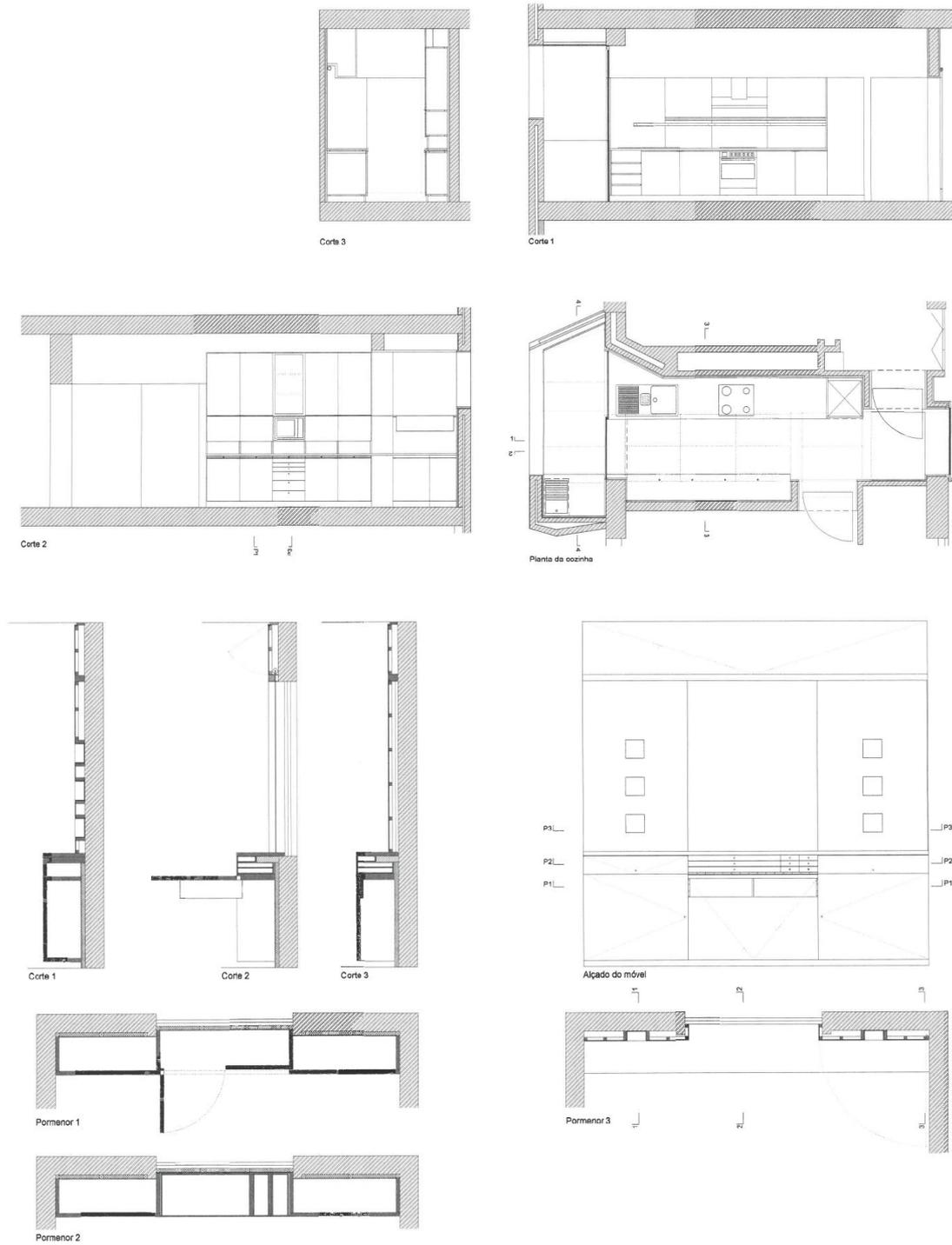
Da memória descritiva: “Recuperar um edifício, faz-nos pensar nas suas capacidades metamórficas e, assim, o projeto constituiu uma descoberta de espaços novos potencialmente escondidos em edifícios mais antigos sem a necessidade de decorrer a obras de grande porte.

O desgaste normal de infraestruturas, exigiu uma recuperação naturalmente obrigatória ao fim de 25 anos.

Assim se projetaram cozinha e casas de banho novas.

Deu-se à cozinha aquele ar vivências familiares, que caracterizou de modo admirável as casas portuguesas. A presença das madeiras, dos vidros e das transparências com os inevitáveis reflexos, dá ao espaço um ambiente acolhedor e plurifacetado.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Arranjo de um apartamento na Av. Fernão Magalhães. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 180/181/182/183/184/185/186 Fotografias das diferentes fases do projeto de Arranjo de um apartamento na Av. Fernão

P40

Nome: Arranjo Capela de Nossa Senhora da Conceição

Local: Rua da Constituição, N° 379, Porto

Data: Projeto de 1998

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazedo

Engenharías:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “Paróquia da Senhora da Conceição do Marquês dispõe de uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que apresenta a particularidade de se encontrar implantada num “condomínio privado” aberto para a Rua da Constituição.

É nesta capela que a Paróquia tem instaladas as Capelas Funerárias.

Como espaço urbano, este condomínio tem aspetos interessantes, sobretudo pela presença duma Igreja no seu interior, que é afinal a capela-mor duma Igreja nunca concluída.

A arquitetura destes espaços mortuários é desagradável devido à sua organização planimétrica elementar, às proporções desinteressantes dos espaços e à utilização incoerente de materiais ditos de “decoreção”. Não se pode dizer que seja símbolo do “CULTO DOS MORTOS” que o Cristianismo anuncia como perenidade da vida para além da morte.

Exteriormente, a volumetria da capela-mor, com o equilíbrio dos vãos sublinhados pelas sóbrias molduras de granito que se enquadram bem nas cornijas das empenas, mesmo em contraste com o volume das pequenas moradias envolventes, transmite uma dimensão poética que já não encontramos no acrescento feito à capela-mor, onde alguns elementos de composição clássica assumem quase o carácter de caricatura.

A fachada voltada para a Rua da Constituição apresenta, em altura, um suceder-se de episódios incapazes de resolver compositivamente o Alçado.

Entendemos a Arquitetura como possuidora de um “ser”, que denuncia uma “substância própria, nunca decorrente duma possível roupagem decorativa”.

A exiguidade do espaço disponível sugere a organização de só uma capela mortuária servida por uma sala mais ampla destinado ao encontro mais informal das pessoas que acorrem a estes acontecimentos.

O pavimento exterior deste condomínio apresenta-se em estado de degradação, pelo que se propõe uma repavimentação. Sugere-se mesmo uma possível hipótese de pavimentos. Deverão ainda executar-se drenos no perímetro exterior da Capela para a eliminação da humidade de capilaridade existente nas paredes.”

Manuel Botelho, Lda
arquitectura
Largo do Campo Lindo, 58 4200 - 142 Porto

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Arranjo da Capela Funerária da Senhora da Conceição

Memória descritiva

A Paróquia da Senhora da Conceição do Marquês dispõe de uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que apresenta a particularidade de se encontrar implantada num “condomínio privado” aberto para a Rua da Constituição.

É nesta capela que a Paróquia tem instaladas as Capelas Funerárias.

Como espaço urbano, este condomínio tem aspectos interessantes, sobretudo pela presença duma Igreja no seu interior, que é afinal a capela-mor duma Igreja nunca concluída. O tecto é em abóbada de berço, de estuque, ornado com pinturas a fresco. O arco cruzeiro é perceptível do interior da capela-mor, e os seus contrafortes do exterior.

De maneira menos feliz, foi acrescentado um corpo, a modo de coro alto que ao nível do R/C se apresenta dividido em dois espaços destinados a capelas mortuárias, separados por um corredor central de acesso ao Templo e abertos para um espaço de dimensões tão reduzidas sem outras funções que as de simples acesso.

A arquitectura destes espaços mortuários é desagradável devido à sua **organização planimétrica elementar**, às **proporções desinteressantes** dos espaços e à **utilização incoerente de materiais ditos de “decoração”**. Não se pode dizer que seja símbolo do “**CULTO DOS MORTOS**” que o Cristianismo anuncia como perenidade da vida para além da morte.

A capela-mor com outras proporções e outros materiais, tem a dignidade de espaço sagrado, muito embora algumas fragilidades devam ser corrigidas, como, por exemplo: **a solução do altar e ambão**, desenquadrados do contexto, a vedação do Arco Cruzeiro com madeiras pintadas e a solução do coro alto.

Exteriormente, a volumetria da capela-mor, com o equilíbrio dos vãos sublinhados pelas sóbrias molduras de granito que se enquadram bem nas cornijas das empenas, mesmo em contraste com o volume das pequenas moradias envolventes, transmite uma dimensão poética que já não

Manuel Botelho, Lda
arquitectura
Largo do Campo Lindo, 58 4200 - 142 Porto

encontramos no acrescento feito à capela-mor, onde alguns elementos de composição clássica assumem quase o carácter de caricatura.

A fachada voltada para a Rua da Constituição apresenta, em altura, um suceder-se de episódios incapazes de resolver compositivamente o Alçado.

Entendemos a Arquitectura como possuidora de um “ser”, que denuncia uma “substância própria, nunca decorrente duma possível roupagem decorativa.

Projectar uma Capela Mortuária é **projectar espaços onde se encontram pessoas vivas.**

A reflexão sobre a história deste templo sugeriu uma possível solução de projecto: **A interrupção do templo como metáfora da interrupção da vida.**

É neste sentido que se propõe uma separação clara entre a capela-mor e o acrescento mais recente.

O arco cruzeiro com seus contrafortes revestidos com chapas cor-ten, adquire um significado novo e acentua a metáfora da morte-vida ao abrir-se para o espaço de transição, entre o das capelas mortuárias e o da celebração litúrgica.

Um pequeno **coberto** estabelece o diálogo do pavimento exterior com o vestíbulo da entrada, ou dito doutro modo, a inserção simbólica da capela no ambiente urbano da Rua da Constituição, sem desfazer o carácter de privacidade adquirido com a passagem do tempo.

Respeita-se a implantação do corpo acrescentado à antiga capela-mor, mas estuda-se uma nova fachada. A inserção duma fonte a eixo vertical do Alçado Norte, justifica a entrada axial que em forma de alameda parte da Rua da Constituição. O portão de entrada da Rua da Constituição é alargado por o actual ser demasiado apertado.

A exiguidade do espaço disponível sugere a organização de só uma capela mortuária servida por uma sala mais ampla destinado ao encontro mais informal das pessoas que acorrem a estes acontecimentos.

Entendo que este espaço deve ter os equipamentos considerados normais nos espaços públicos de encontro.

Deverá prever-se o aquecimento e a ventilação da capela-mor e restantes ambientes.

Desenharam-se sanitários novos, localizados sob as escadas do coro, dada a falta de dignidade dos existentes, admitindo-se, no entanto, por não se não dispor dum levantamento correcto, a possibilidade de outra solução.

Manuel Botelho, Lda. Sociedade por cotas: Capital Social 400 000€00. Número de Identificação 503227870. Inscrita na Conservatória do Registo Comercial do com o nº 51305
Tel. 02 - 5098961 Fax 02 - 5025880

Manuel Botelho, Lda
arquitectura
Largo do Campo Lindo, 58 4200 - 142 Porto

Propõem-se pavimentos de material mais digno e de fácil manutenção, como por exemplo o calcário, que só deverá ser aplicado após a prévia impermeabilização do laje térrea.

A sua aplicação implica trabalhos que permitirão observar com exactidão o que se passa a nível mais inferior, perceber a origem do salitre depositado nas paredes, fazer o diagnóstico preciso sobre a solução a adoptar para a eventual conduta de água que atravessa o edifício e encontrar ainda a solução correcta, a nível de pavimentos, para a perfeita conservação e restauro do edifício.

Propõe-se um lambril de calcário, para capela mortuária e sala de apoio por ser um material digno e fácil manutenção. Os bancos poderão obter-se com a conjugação de elementos de calcário e couro. Oportunamente será estudada o tipo de iluminação.

Justifica-se a substituição do pavimentos de madeira do piso superior por uma laje de betão, para perfeita travação de paredes, mas eventualmente deverá fazer-se recurso a um eventual tecto falso para alojamento de condutas de ventilação.

Num corte esquemático indico o princípio orientador da intervenção.

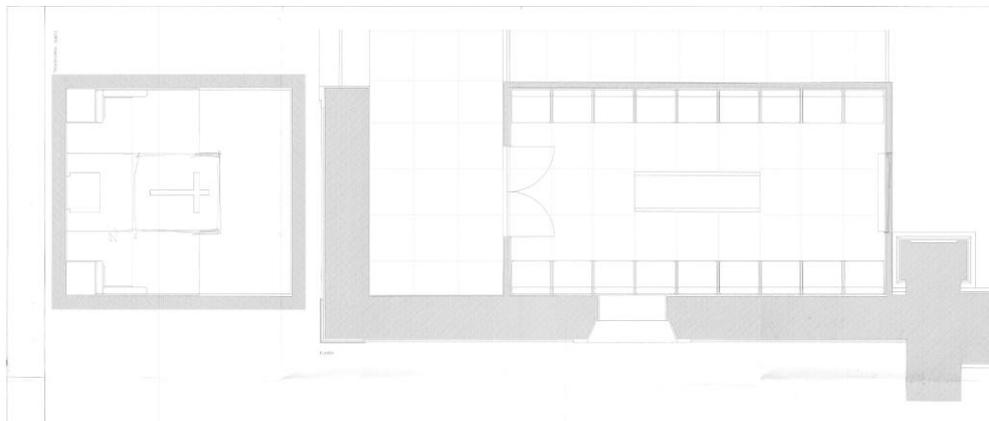
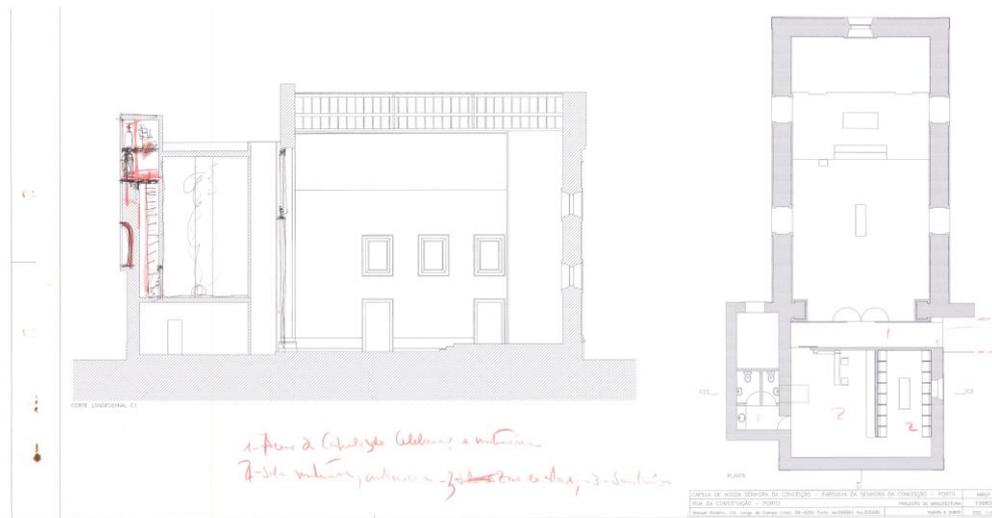
Uma visita à Capela, poucos dias depois de chuvas intensas, permitiu-me, numa análise sumária, perceber que existiam infiltrações de água pelo telhado, nomeadamente junto ao arco cruzeiro. Estas infiltrações devem ser eliminadas com toda a urgência, mesmo recorrendo a processos provisórios, e justificam um estudo criterioso e exaustivo do estado de conservação da armação do telhado, dos rufos e de todas as situações de remates da cobertura de modo a tomar as medidas julgadas convenientes para evitar a continuação daquela humidade.

O pavimento exterior deste condomínio apresenta-se em estado de degradação, pelo que se propõe uma repavimentação. Sugere-se mesmo uma possível hipótese de pavimentos.

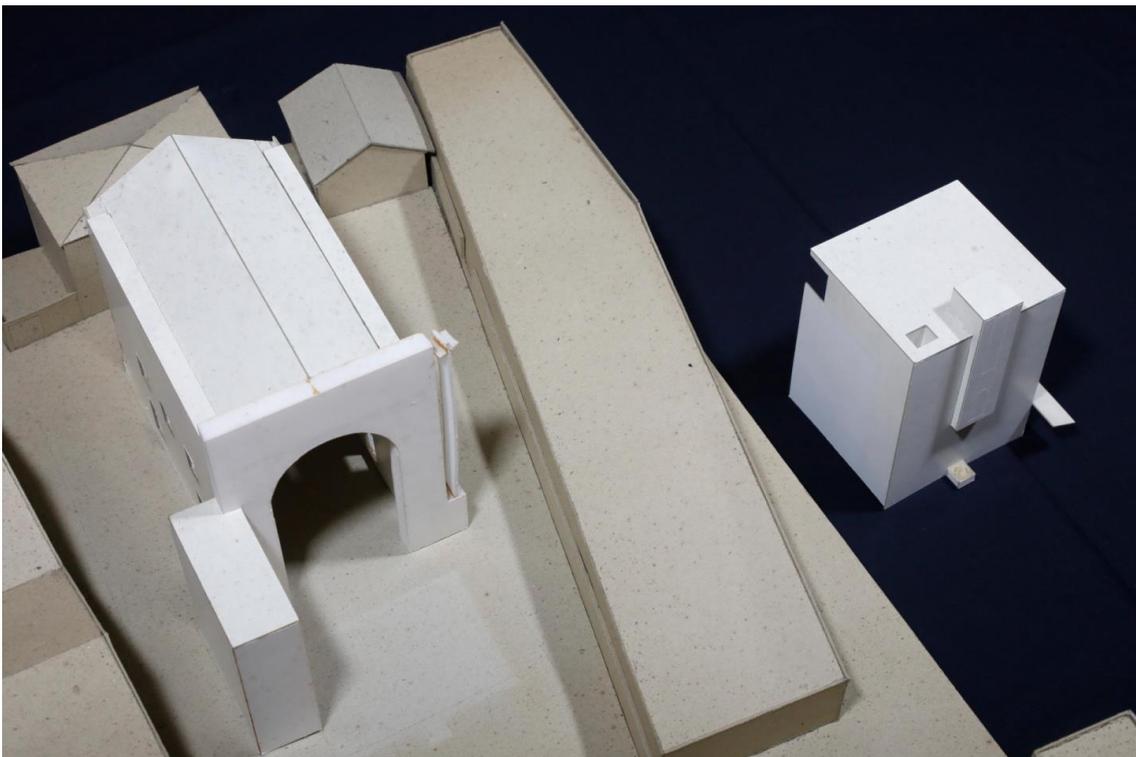
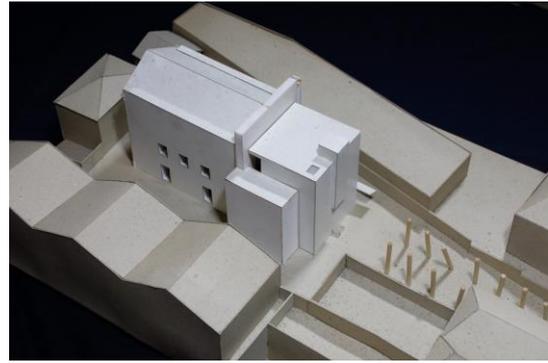
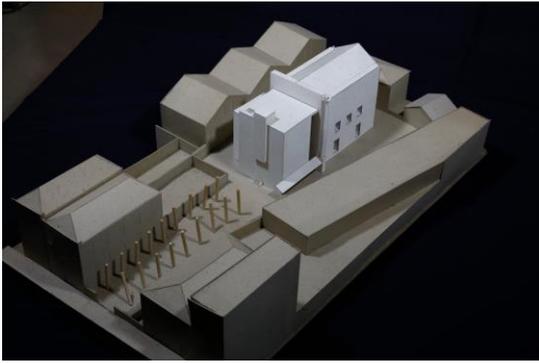
Deverão ainda executar-se drenos no perímetro exterior da Capela para a eliminação da humidade de capilaridade existente nas paredes.

Porto, 5 de Maio de 1999

Arq. Manuel Tomás de Carvalho Botelho



Desenhos do projeto, Arranjo Capela de Nossa Senhora da Conceição. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 187/188/189/190/191 Fotografias da maquete do projeto de Arranjo Capela de Nossa Senhora da Conceição

P41

Nome: Casa Dr. Adão Sequeira

Local: Rua José Frederico Laranjo, N° 452, Senhora da Hora, Matosinhos

Data: Projeto de 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazed

Engenharias: Instalações Elétricas e Telecomunicações: Eng. Raul Serafim; Eng. Luís Camarinho;
Eng. Paulo Graça

Cliente: Dr. Adão Sequeira; Dr. Adão Sequeira

PD_FIMS:



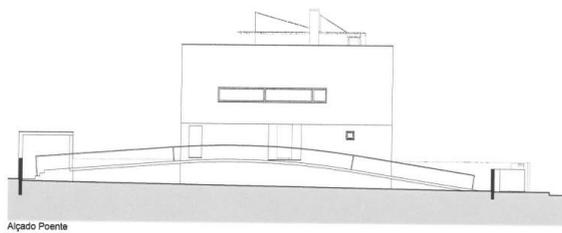
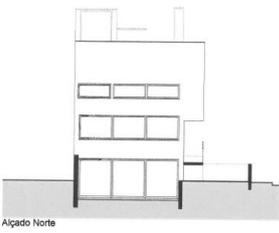
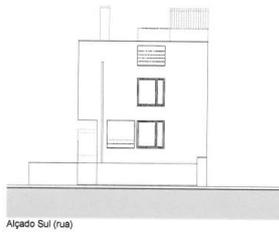
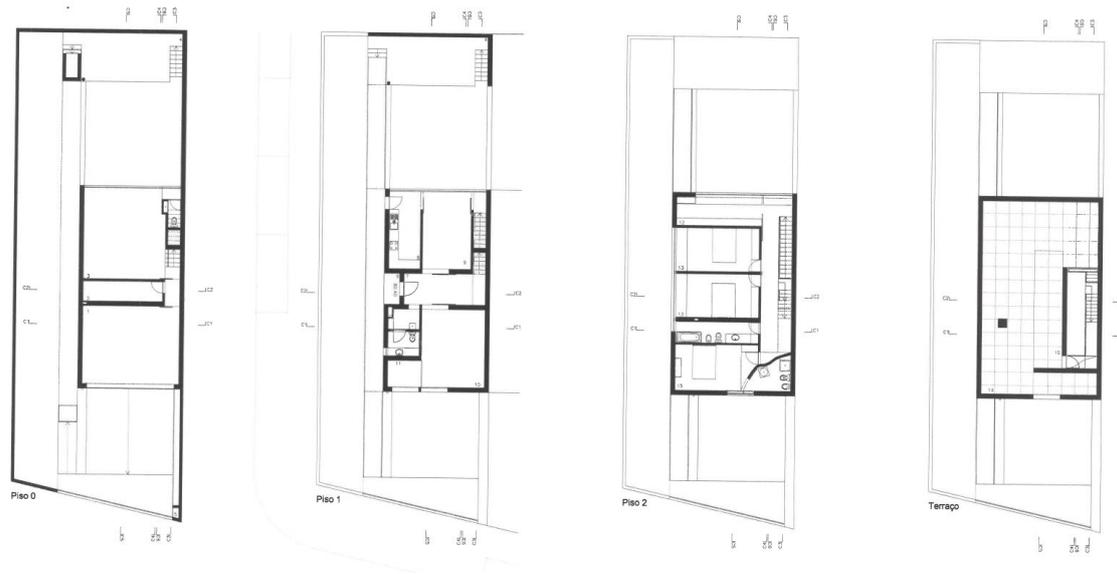
Figura 192 Vista aérea, Casa Dr. Adão Sequeira

Da memória descritiva: “Do ponto de vista compositivo, a moradia projetada organiza-se segundo um eixo transversal que ao atravessar o R/C, origina um corredor de distribuição que serve: à direita, uma sala de estar com varanda e um W.C. de serviço com antecâmara; à esquerda, a sala de jantar e cozinha, e ao fundo, uma caixa de escadas de acesso ao 1º piso e terraço.

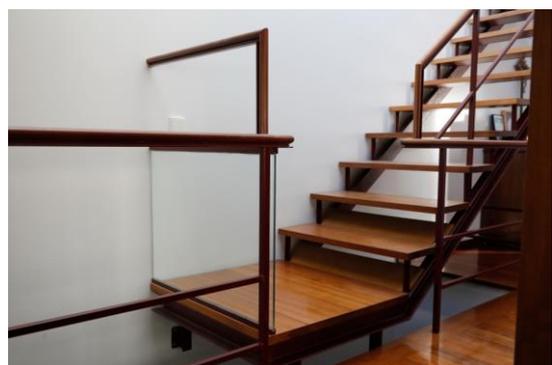
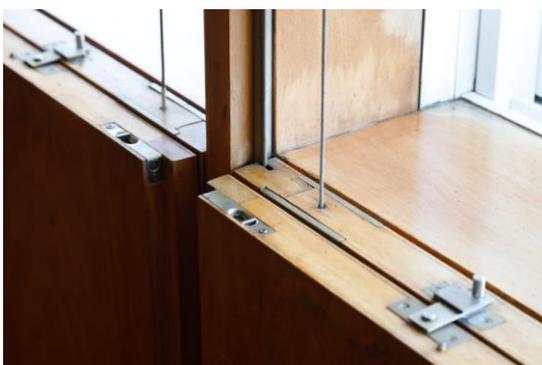
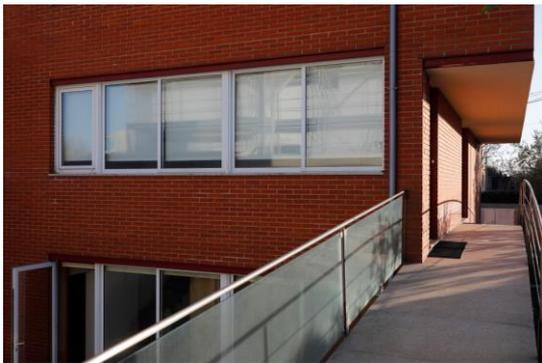
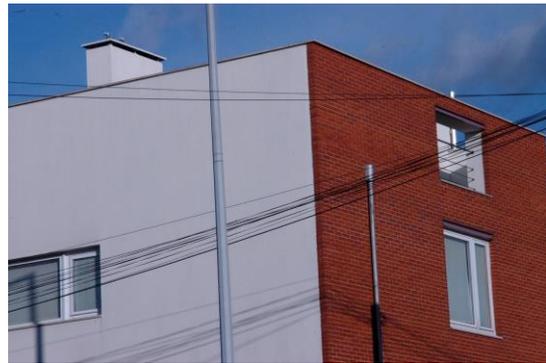
Optou-se por uma solução de cobertura plana acessível, embora resguardada por muros tapa vistas de acordo com o nº 2 do Artigo 10 do Regulamento de Ocupação de Solos do Município de Matosinhos.

Entendeu-se que a solução adotada se adequa melhor à situação de gaveto.

A articulação com os planos inclinados da cobertura da casa adjacente é conseguida pela inclinação do telhado em shed.”



Desenhos do projeto, Casa Dr. Adão Sequeira. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 193/194/195/196/197/198/199/200 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Dr. Adão Sequeira

P42

Nome: Concurso para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja

Local: Beja

Data: Projeto de 1998

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq.to Miguel Costa.

Engenharias: Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas; Eng. Alfredo Pereira; Comportamento Acústico: Prof. Eng. Vasco Freitas;

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/42-pd0001 _ FIMS/MB/42-pd0009 (9 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “Uma Escola Superior constitui um elemento urbano importante na cidade e, como microcosmos que é, assume-se quase como modelo de construção urbana.

Sentiu-se a necessidade de encontrar um modo de fazer chegar a cidade à nova Escola.

Na proposta, o vazio urbano da Rua prolonga-se para o interior do talhão destinado à ESTIG, traduzindo uma hierarquia de espaços urbanos, que de Rua Pública se transformam em Praça, articulada com uma outra ainda mais privada, que se constitui em vestibulo da Escola e faz aparecer o grande eixo de composição, traduzido por uma sequência de praças, anfiteatro e jardim central encerrado.

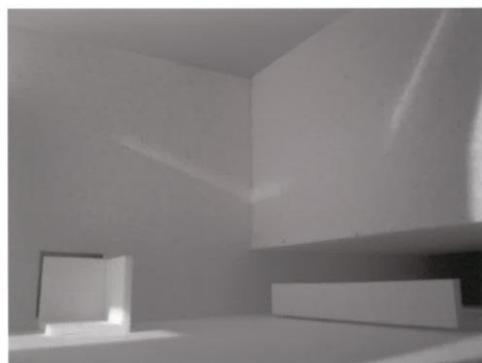
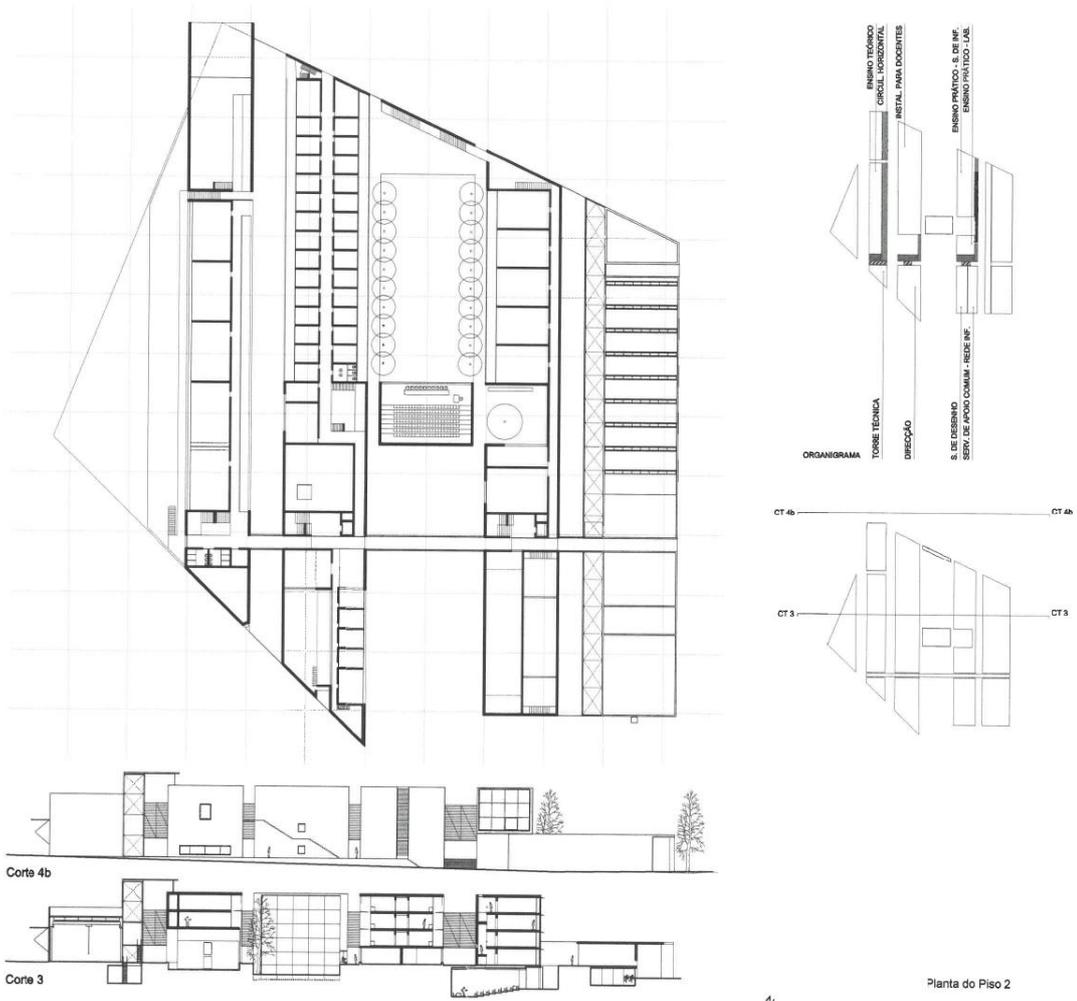
A “primeira” praça, definida por um percurso elevado que atravessa a Escola, dois edifícios implantados no alinhamento da Rua Pedro Soares, e o conjunto de portadas que permite o seu encerramento a Norte, explica a estrutura arquitetónica da Escola, na medida em que contém implícito o esquema da organização em pente que se pode esquematizar em gráfico.

Os dois pavilhões implantados no alinhamento das frentes da Rua Pedro Soares estão na génese duma escola organizada segundo pavilhões, com usos precisos que se vão implantando paralelamente e se articulam com um percurso transversal que os atravessa

Paralelamente a estes pavilhões, sucedem-se outros: o do lado direito assume características especiais por se tratar da nave industrial; o do lado esquerdo destina-se às aulas teóricas. Entre estes pavilhões surgem uma espécie de ruas privadas que nalguns casos se alargam originando pequenas praças, ou conduzem a cobertos propícios ao convívio.

A esta sequência de pavilhões deve ainda acrescentar-se um edifício de planta triangular destinado à associação de estudantes, integrado volumetricamente no conjunto da Escola, mas com autonomia. E deve falar-se ainda do edifício central a que já se aludiu que constitui o pano de fundo da praça mais íntima da entrada e se destina ao anfiteatro, projetando-se e para o exterior através dum jardim encerrado.

A sequência de pavilhões não traduz, no entanto, um somatório de edifício, mas constituiu um todo, que no seu conjunto faz frentes de rua e traduz até composições geométricas mais complexas, a partir de um retângulo de ouro, como se mostra em desenhado.”



Desenhos e maquete do projeto, Concurso para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P43

Nome: Farmácia em Nespereira

Local: Rua do Comércio, N° 447, Lugar de Feira, Nespereira, Cinfães

Data: Projeto de 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Jocélia Santos.

Engenharias:

Cliente: Dra. Maria Emília

PD_FIMS:

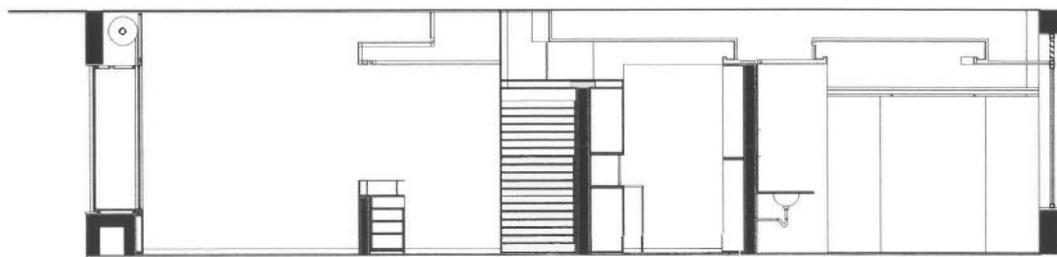
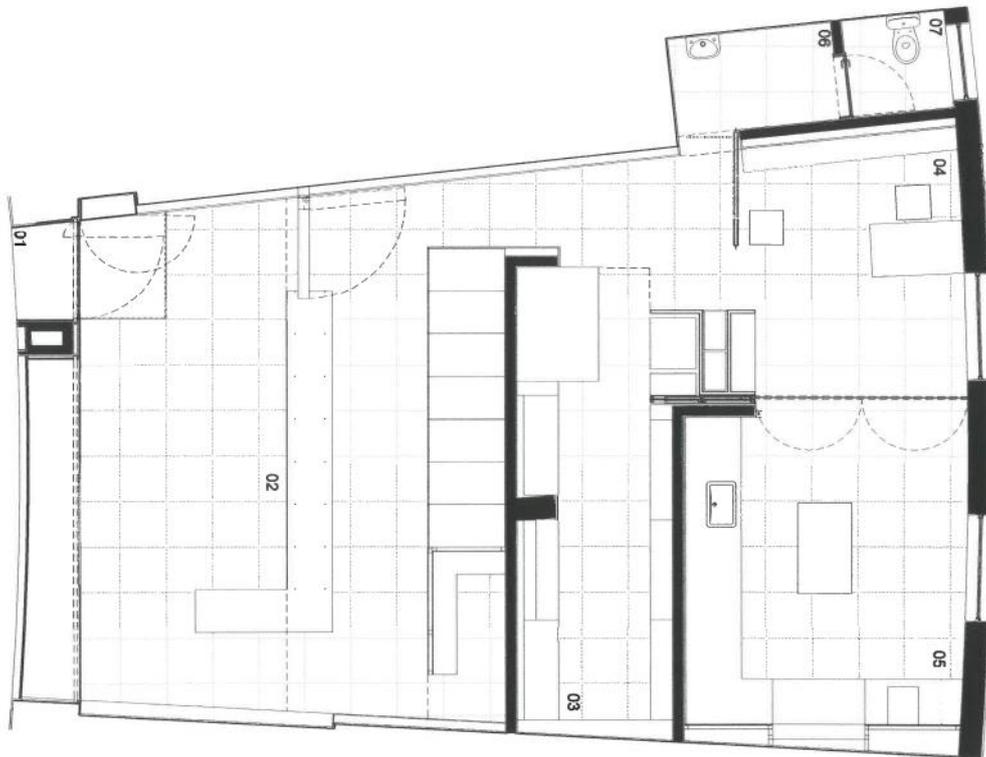
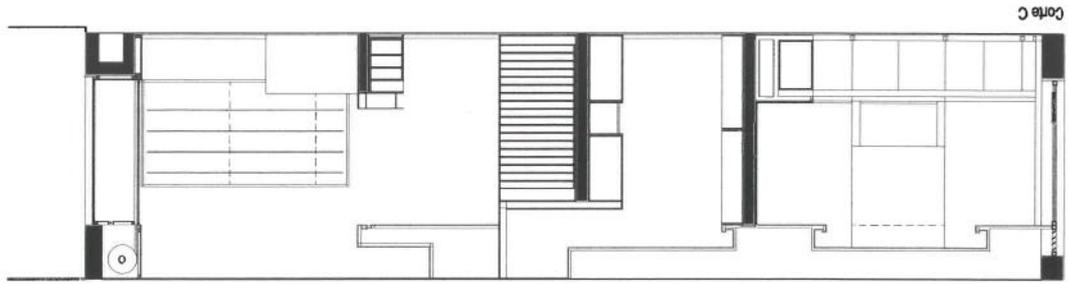


Figura 201 Vista aérea, Farmácia em Nespereira

Da memória descritiva: “A farmácia foi organizada através de um percurso no enfiamento da porta de entrada que serve de Nascente para Poente: o espaço de atendimento ao Público, o armazém, o espaço de laboratório e o escritório.

As instalações sanitárias que em planta aparecem como “anexo”, abrem-se para um pequeno vestíbulo também servido pelo mesmo percurso.

Evocam o espírito das pequenas farmácias da aldeia, embora se utilizem materiais e equipamentos atuais... “



Desenhos do projeto, Farmácia em Nespereira. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 202/203/204/205/206/207/208/209/210 Fotografias das diferentes fases do projeto da Farmácia em Nespereira

P44

Nome: Remodelação da Capela Mor da Sé do Porto

Local: Terreiro da Sé, Porto

Data: Projeto de 1998

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Jocélia Santos.

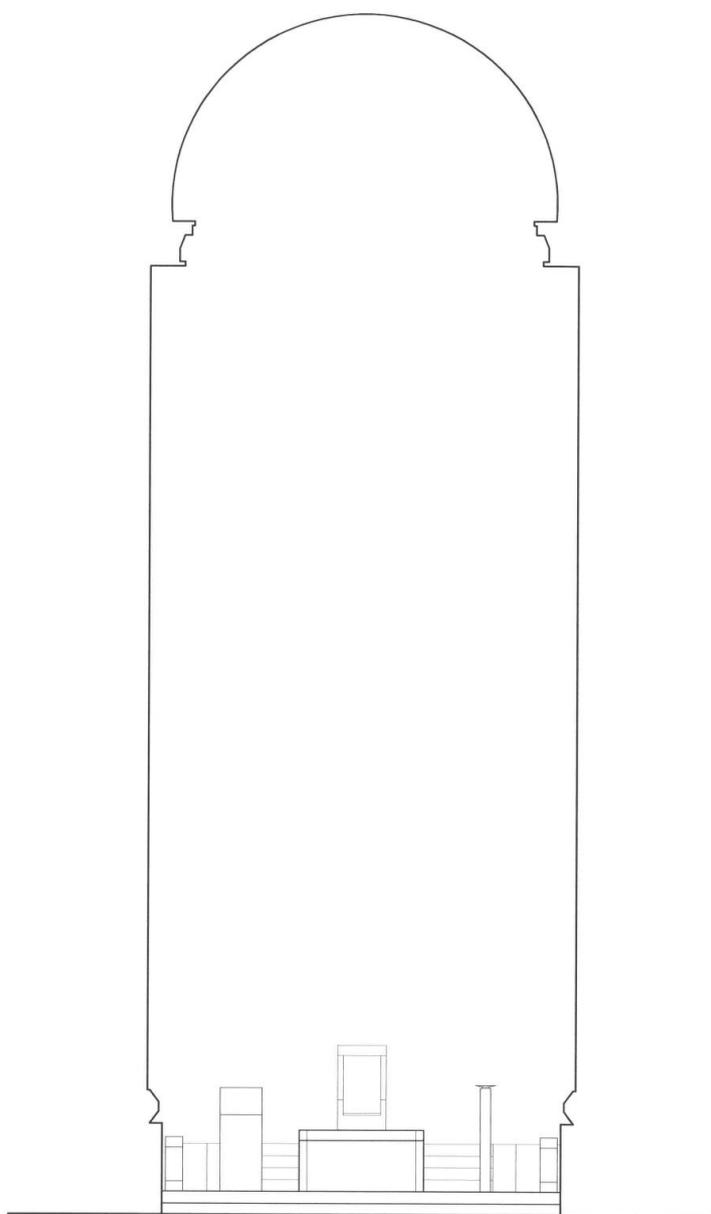
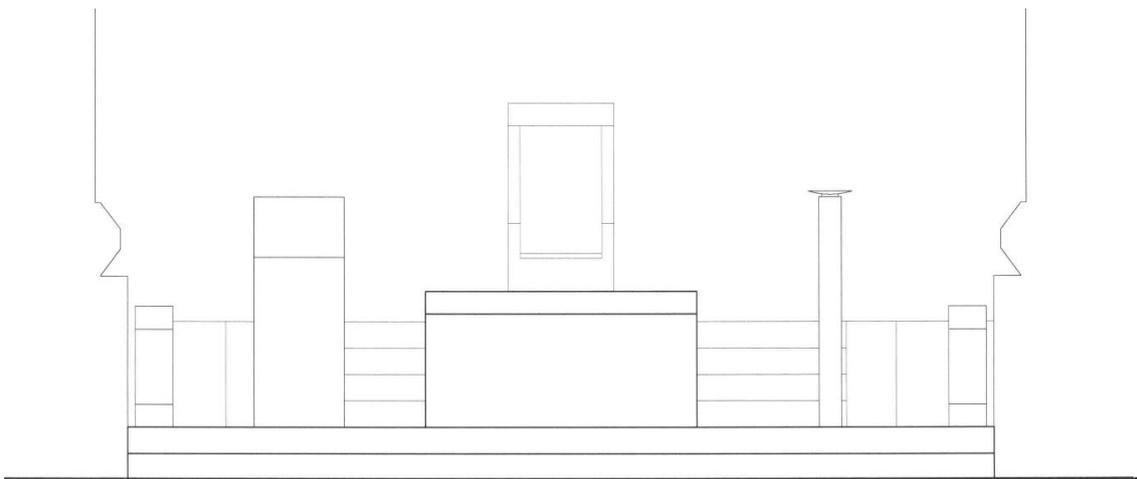
Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “De acordo com o relatório apresentado anteriormente (ver T19 - “REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO LITÚRGICO DA SÉ CATEDRAL DO PORTO”), elaborou-se o Estudo Prévio da organização do espaço da celebração da Sé Catedral do Porto, que consta das seguintes peças desenhadas:

Planta e corte longitudinal da Sé e planta do Coro. “



Desenhos do projeto, Remodelação da Capela Mor da Sé do Porto. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Apontamento escultórico para a mesa do Altar

Fotografias da maquete do apontamento escultórico para a mesa do Altar da Sé do Porto

P45

Nome: Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição

Local: Rua Dom António Meireles 16, 9ºD, Porto

Data: Projeto de 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazedo

Engenharias:

Cliente: Ana Maria

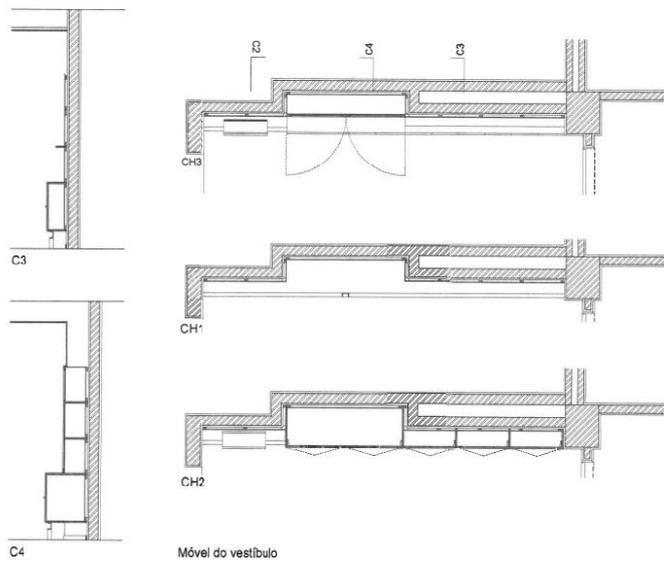
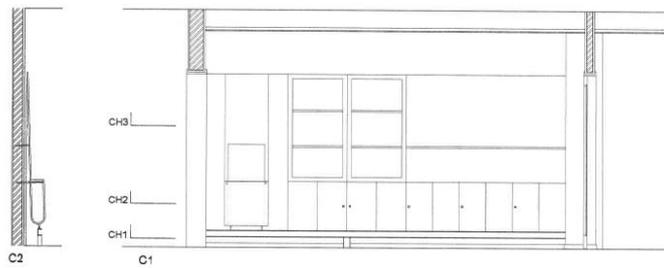
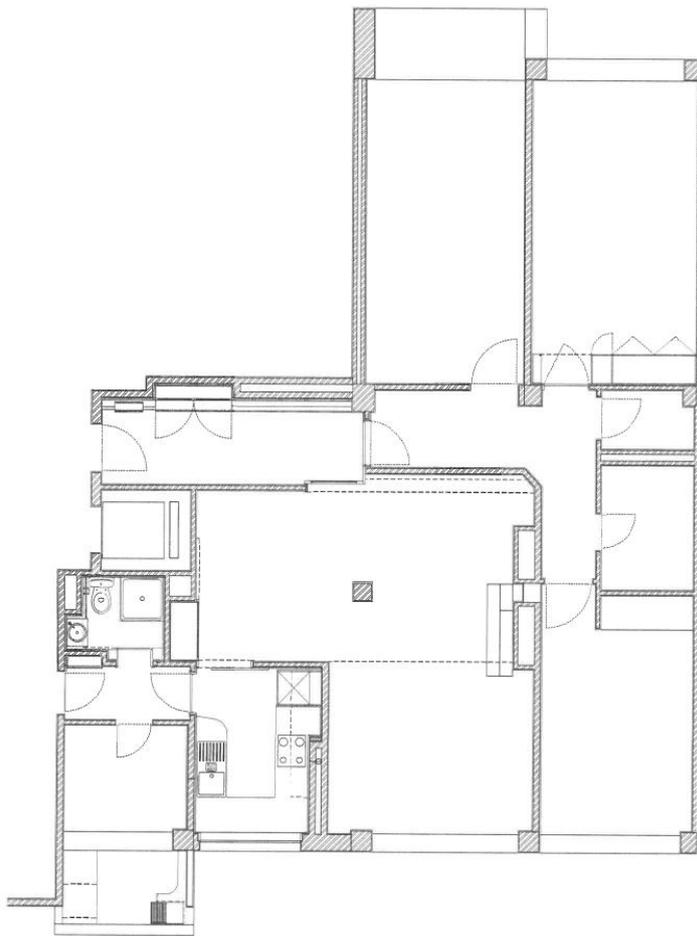
PD_FIMS:



Figura 211 Vista aérea, Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição

Da memória descritiva: “A necessidade de substituir infraestruturas, possibilitou uma nova disposição do apartamento, nomeadamente na relação da sala com a cozinha.

O desenho despojado dos móveis confere ao espaço um carácter leve, como convém nos espaços de habitar.”



Desenhos do projeto, Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 212/213/214/215/216/217/218/219/220 Fotografias das diferentes fases do projeto do Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição

P46

Nome: Concurso de Ideias para o Centro Turístico–Comercial da Régua

Local: Régua

Data: Projeto de 1999

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José Casanova.

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazedo

Engenharías:

Cliente:

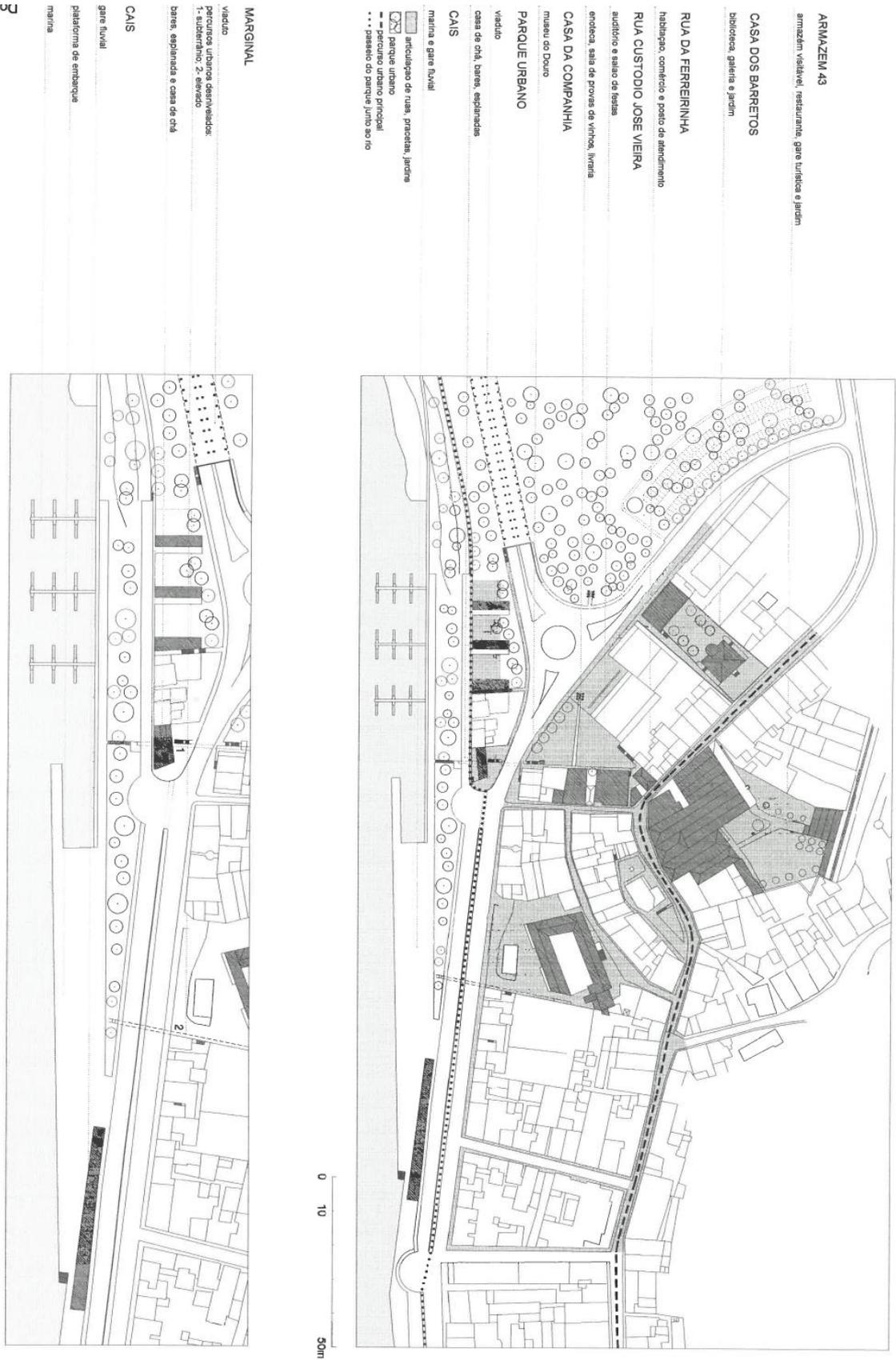
PD_FIMS:

Da memória descritiva: “O CTCR enquadra-se numa perspetiva de revitalização urbana onde cabe o Restauro Urbano, entendido como conservação do Património existente, a reutilização traduzida no uso novo dado a espaços existentes e ainda como introdução do novo.

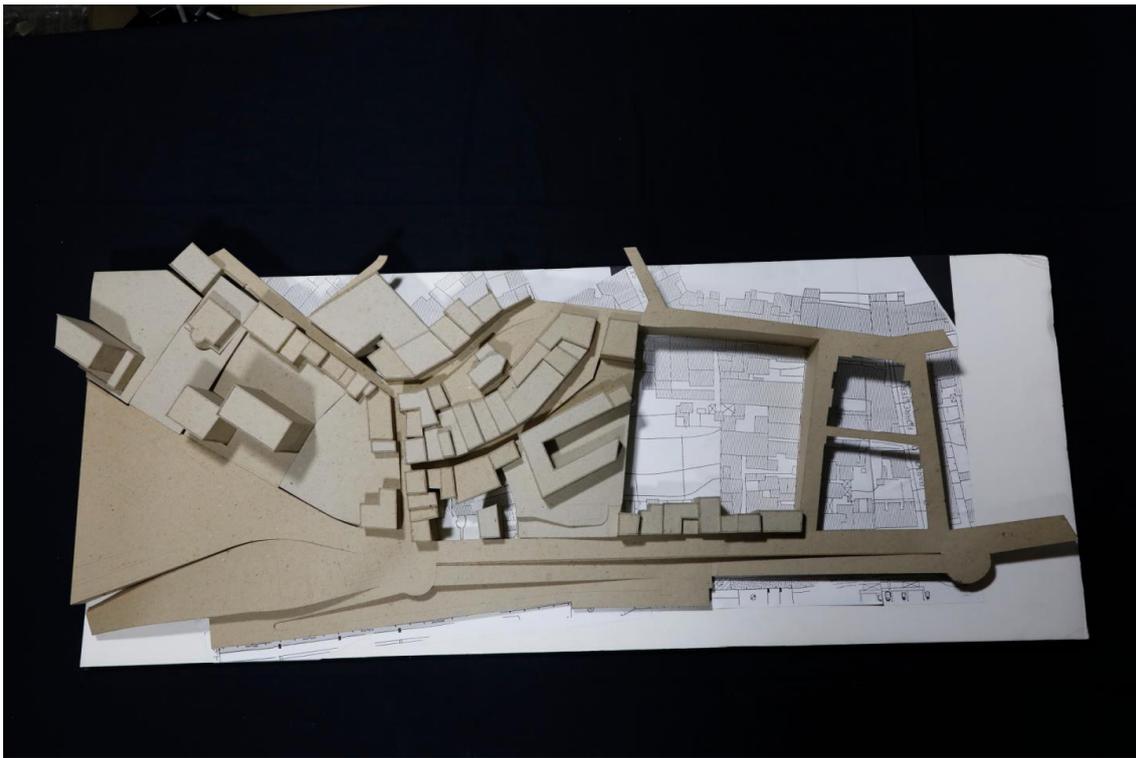
Na Régua Pombalina existe uma relação clara dos edifícios com a Rua, na tradição da construção da edificação clássica da cidade.

Mantemos na nossa proposta esta relação de modo a garantir o contínuo tipológico da construção urbana e o contínuo físico de espaço público que serve e dialoga com o espaço privado.

Defendemos que a renovação urbana não pode contentar-se com a simples mudança de imagem exterior. Constituiu uma preocupação decisiva na opção que apresentamos a recuperação da relação da cidade e o Rio Douro, que foi porventura o maior protagonista do desenvolvimento da Régua ao longo dos tempos.”



Desenhos do projeto, Concurso de Ideias para o Centro Turístico-Comercial da Régua. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 221/222 Fotografias da maquete do Concurso de Ideias para o Centro Turístico-Comercial da Régua

P47

Nome: Concurso Internacional para o Centro de Ciência e Tecnologia do Mar

Local: Matosinhos

Data: Projeto de 1999

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José Casanova.

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Nazeda, Arq.to Carlos Maia

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “Mantemos o corpo maior da Real Vinícola, de forte presença urbana e caracterizado pelo seu desenvolvimento linear, pontuado por dois torreões nos extremos e um ao centro.

Cria-se um espaço propício à convivência urbana que gostaríamos de ver continuado para Sul.

O Edifício mais marcante da Real Vinícola foi destinado aos espaços de Ensino e Investigação. Apresenta uma tipologia interessante de dois grandes armazéns sobrepostos e um desenho de alçados de cunho mais urbano.

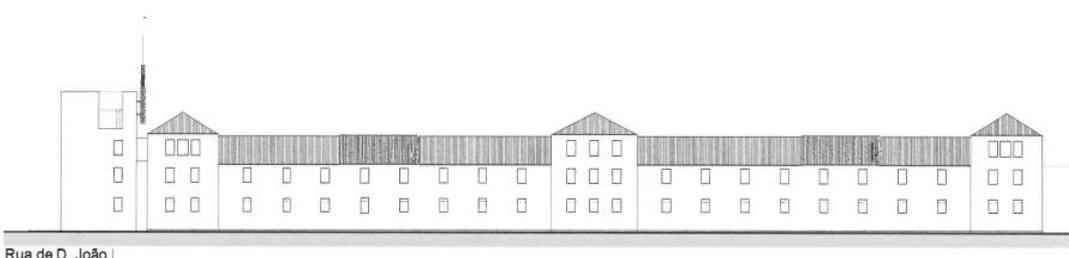
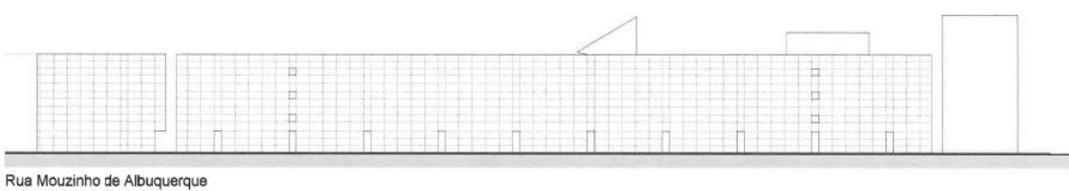
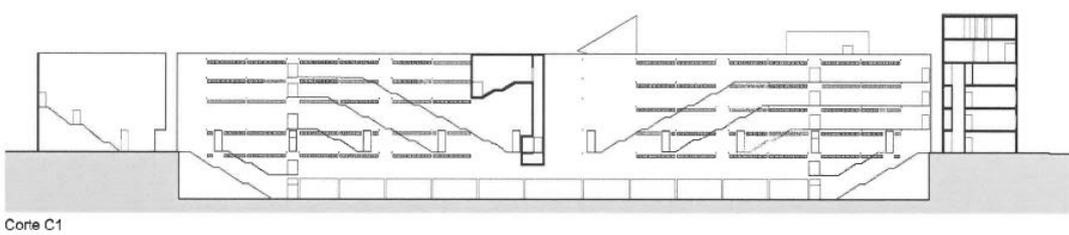
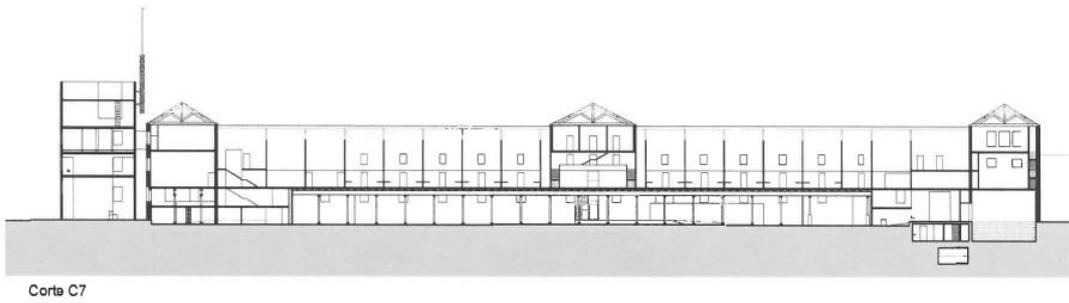
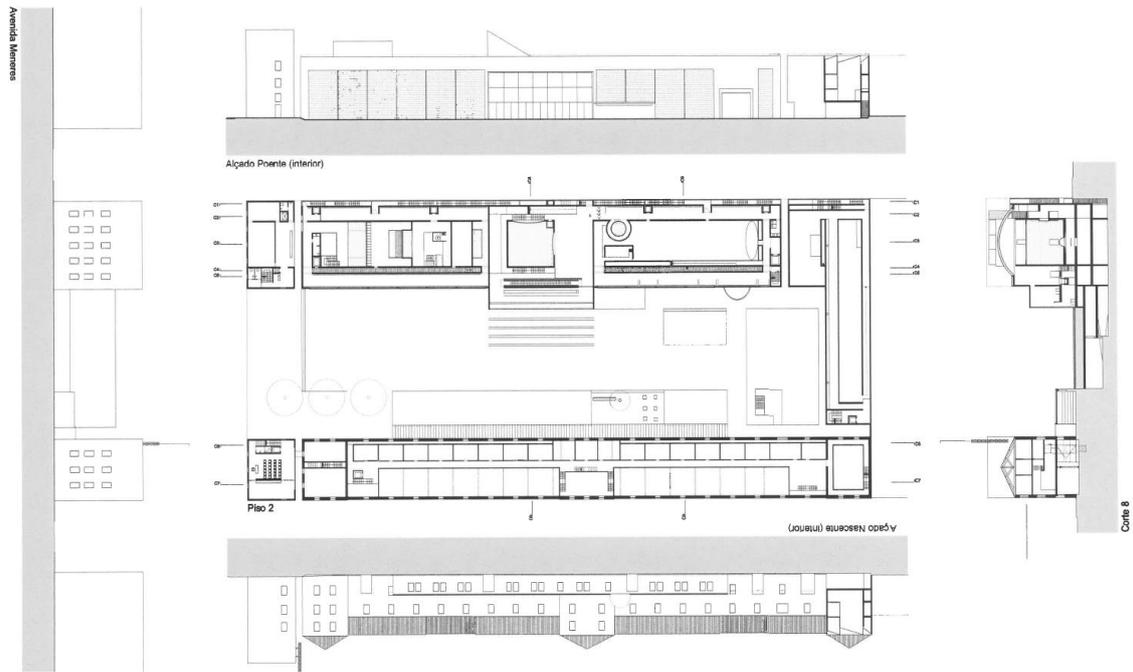
A grande nave do R/C, que constitui um belo exemplo de nave de armazém e a nosso ver deve ser preservada, destina-se na primeira fase ao espaço de Exposições Temporárias e de futuro poderá constituir um espaço de museu científico ligado ao departamento do ICBAS.

O edifício das exposições organiza-se longitudinalmente ao longo de dois muros estruturais com o afastamento de 10m, que organizam um núcleo interior onde se sucedem em plano e em altura salas com vários aquários, servidas por espaços técnicos, e na sua periferia permitem corredores expositivos que complementam a informação das salas dos aquários.

Uma galeria técnica, onde correm as redes gerais de infraestruturas, sejam elas de redes de água doce ou salgada, elétricas, de som, ou de imagem, com pavimentos em gradil de molde a facilitar a renovações naturais de ar e que pode funcionar como uma grande chaminé, acompanha estes muros.

Encontrou-se assim um sistema extraordinariamente flexível, de que apresentamos um esquema de organização, que pode adaptar-se a várias hipóteses de exposição conferindo a este edifício uma durabilidade de manifesto interesse prolongado no tempo.”

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Concurso Internacional para o Centro de Ciência e Tecnologia do Mar. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P48

Nome: Casa Dr. Paulo Pires

Local: Quinta Vale de Locaia, Cambres, Lamego

Data: Projeto de 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão,

Arq. ta Rita Mazedo, Arq.to Ye Xuan Yong, Arq. ta Jocélia Santos

Engenharías:

Cliente: Eng. Paulo José Maria Pires; Dra. Manuel Pires

PD_FIMS: FIMS/MB/48-pd0001 _ FIMS/MB/48-pd0016 (16 peças desenhadas)



Figura 223 Vista aérea, Casa Dr. Paulo Pires

Da memória descritiva: “A meia encosta, numa área sem cultura, um afloramento rochoso de xisto, localizado entre taludes, assume a forma de quase um promontório sobre o rio.

Ali que se implantou a moradia, em parte enterrada na encosta, mas afirmando-se volumetricamente de modo incisivo na paisagem, dando origem a uma plataforma mais definida na continuidade do terreno existente à cota mais alta do talude.

Trata-se dum edifício que em grande parte refaz a escavação feita no terreno, donde resultam perfis da colina não muito diferentes dos existentes.

A solução arquitetónica desta casa inspira-se na tipologia paisagística dos delicados socacos do Douro.

Vista do rio, a sua presença integra-se nos múltiplos muros de suporte de terras das plataformas em escada da vertente Norte da encosta.

1. Introdução

Estuda-se neste projecto uma moradia unifamiliar que o Sr. Eng. José Maria Pires pretende construir na Quinta de Vale de Locaia de que é seu legítimo proprietário. Tendo em conta a localização desta Quinta, na margem Sul do Rio Douro, houve especial cuidado no estudo da sua integração na envolvente tão rica e delicada do Vale do Douro.

2. Implantação

A Quinta do Vale de Locaia desenvolve-se na encosta da margem Sul do rio Douro, sobranceira à cidade da Régua, com pendentes para Nascente, Poente e Norte.

A meia encosta, numa área sem cultura, um afloramento rochoso de xisto, localizado entre taludes, assume a forma de quase um promontório sobre o rio. Ali que se implantou a moradia, em parte enterrada na encosta, mas afirmando-se volumetricamente de modo incisivo na paisagem, dando origem a uma plataforma mais definida na continuidade do terreno existente à cota mais alta do talude. Trata-se dum edifício que em grande parte refaz a escavação feita no terreno, donde resultam perfis da colina não muito diferentes dos existentes.

3. Solução arquitetónica

A casa desenvolve-se em forma de um **U** aberto para o caminho que desce do alto da colina entre a vinha e que ao chegar ao edifício se transforma numa sequência de plataformas em escada que desce para o pátio criado no interior do edifício em **U**. A ala Poente deste **U**, por ser a de melhor exposição solar, destina-se a quartos de dormir e desenvolve-se em dois pisos. No piso superior localiza-se o quarto de casal e um outro de hóspedes e no inferior três quartos individuais, estes abertos e com comunicação para uma plataforma onde se localiza o tanque da piscina. Na extremidade Sul desta ala localiza-se o quarto da empregada, quarto com um desenvolvimento a cotas diferentes. A ala Nascente destina-se prevalentemente à instalação de serviços a saber: cozinha, copa, sala de tratamento de roupa, espaços de arrumos e garagem. O corpo que fecha o U constitui a grande sala da casa e subdivide-se em três zonas: uma de receção, outra de estar e uma terceira destinada a refeições. A relação da sala com o exterior é feita pelos vãos nas paredes Nascente e Poente que privilegiam uma relação com o vale em profundidade, e as zonas mais bucólicas do Rio a Poente do vale e a imponência das pontes a Nascente. A parte central da sala continua-se visualmente para o pátio interior e comunica com outra sala situada a uma cota inferior destinada a escritório e biblioteca. Esta última sala goza de vistas diretas para a Régua.

4. Enquadramento Paisagístico do Edifício

A solução arquitetónica desta casa inspira-se na tipologia paisagística dos delicados socalcos do Douro. Vista do rio, a sua presença integra-se nos múltiplos muros de suporte de terras das plataformas em escada da vertente Norte da encosta, muito embora se afirme volumetricamente e realce a presença do “*promontório*” já existente sobre o rio. A plataforma da cobertura do edifício acentua esta ideia apresentando-se como a continuação do terreno onde será possível proceder a enrelvamento. As fotomontagens apresentadas, os perfis transversais do vale, o alçado da vertente Norte da encosta e o estudo do movimento de terras (desenhos nº 9 e nº 10) demonstram o cuidado posto no enquadramento paisagístico desta casa. Os materiais utilizados - pedra nas paredes exteriores e verde nas superfícies horizontais integram-se no contexto dos vinhedos do Douro.

5. Aspetos Construtivos

Construtivamente optou-se por uma estrutura resistente porticada de betão armado e paredes em alvenaria de tijolo, como acontece com a maioria das actuais construções. Os paramentos exteriores no interior do pátio serão em alvenaria de tijolo revestido com reboco ligeiro de cor branca sobre isolamento térmico e com placagem de pedra de xisto nas paredes da periferia exterior do volume construído. Paredes interiores e os tectos serão prevalentemente estucados, com excepção das paredes da cozinha e casas de banho que terão um revestimento de azulejo. Os pavimentos serão de madeira, embora na casa de banho e cozinha se prevejam pavimentos cerâmicos. A cobertura será do tipo invertida com isolamento térmico sobre a impermeabilização. Um estudo cuidadoso de drenagem de águas pluviais permitirá o seu tratamento superficial com terra vegetal e enrelvamento constituindo-se como plataforma. Em fase de construção será

projectado o tipo de guardas de protecção. A rede de saneamento será ligada a uma fossa séptica de se apresentará o estudo no respectivo Projecto de especialidade da Rede de Águas e Saneamento. Todos os sanitários serão dotados de um sistema de ventilação que garanta 10 renovações / hora.

Outros aspectos mais específicos da construção constituem objecto dos projectos de especialidade que se enumeram a seguir:

Projecto de Fundações e Estruturas

Projecto de Rede Águas e Saneamento

Projecto de Comportamento Térmico

Projecto de Rede de Gás

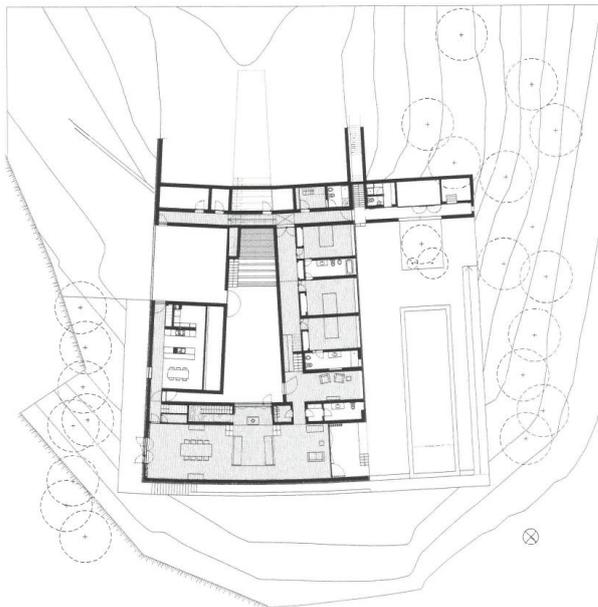
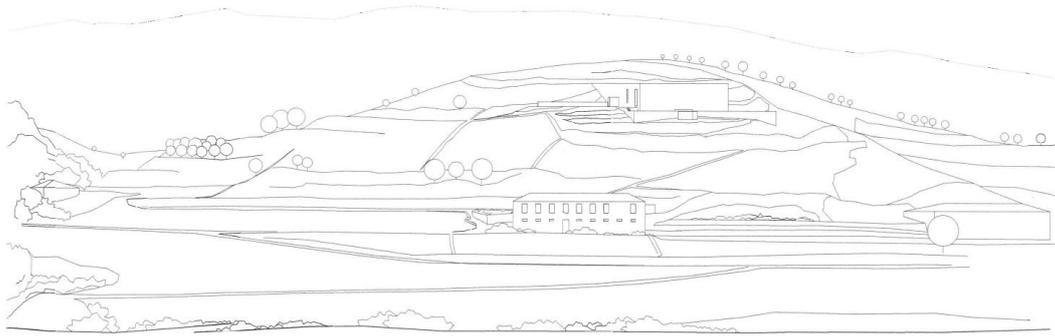
Fichas Electrotécnicas

Projecto RITA

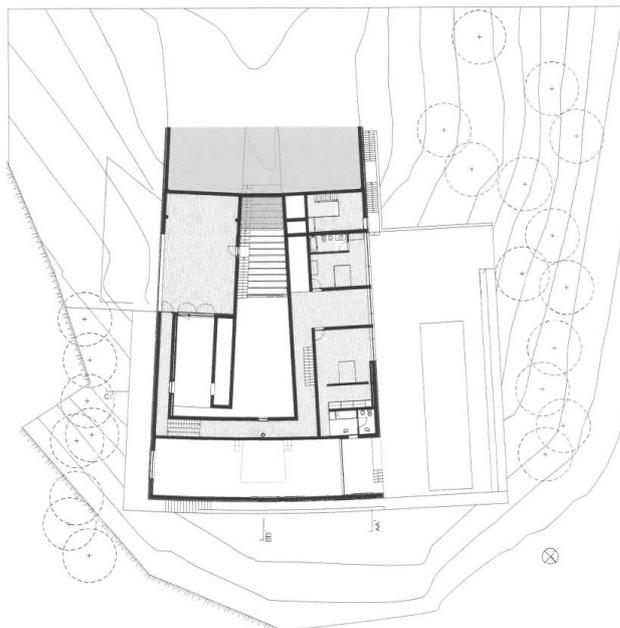
Projecto de Ventilações e de Exaustão de Fumos e Gases.

6. Arranjos Exteriores

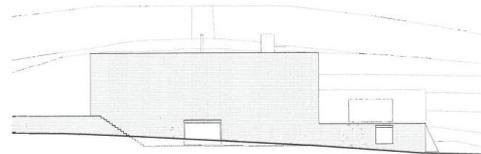
Para além dos muros de suporte de terras necessários para a execução das plataformas previstas prevê-se um maciço arbóreo adjacente à plataforma da entrada. O pátio interior, obtido por escavação do terreno e em comunicação visual com a sala principal da casa, de acordo com as cotas apresentadas em desenho, destina-se prevalentemente a área verde. Na plataforma mais baixa situa-se a piscina que terá o seu equipamento de manutenção em locais de cave, servidos diretamente do exterior. O desenho planimétrico da piscina traduz também a preocupação de enquadramento na encosta.”



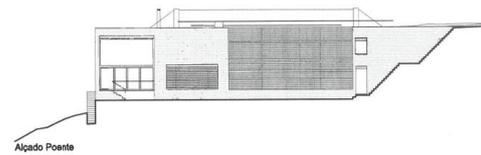
Planta à cota 111.68



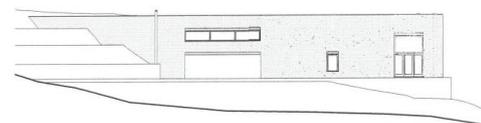
Planta à cota 114.20



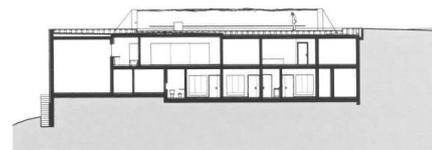
Alçado Norte



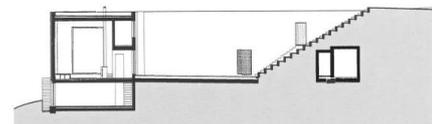
Alçado Poente



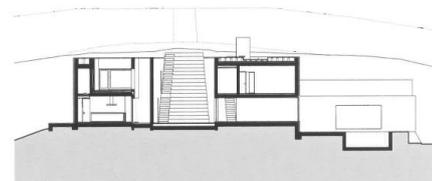
Alçado Nascente



Corte pelos quartos AA'



Corte pelo pólo de acesso à casa BB'



Corte Transversal CC'



Figuras 224/225/226/227/228/229/230/231/232/233/234/235 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Dr. Paulo Pires

P49

Nome: Concurso Público de adaptação da Fábrica dos Leões para Residência Universitária da Universidade de Évora

Local: Évora

Data: Projeto de 1999

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José Casanova.

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazedo.

Engenharías:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/49-pd0001 (1 peça desenhada)

Da memória descritiva: “Nos países de tradição anglo-saxónica, onde a Residência fazia parte essencial da Universidade, os estudantes começavam a questionar o seu alojamento em residências universitárias, porventura numa situação de conforto mais cómoda, mas também mais marginal e tendiam a transferir-se para a cidade onde encontravam sistematizações menos cómodas, mas mais livres e ricas de contactos variados.

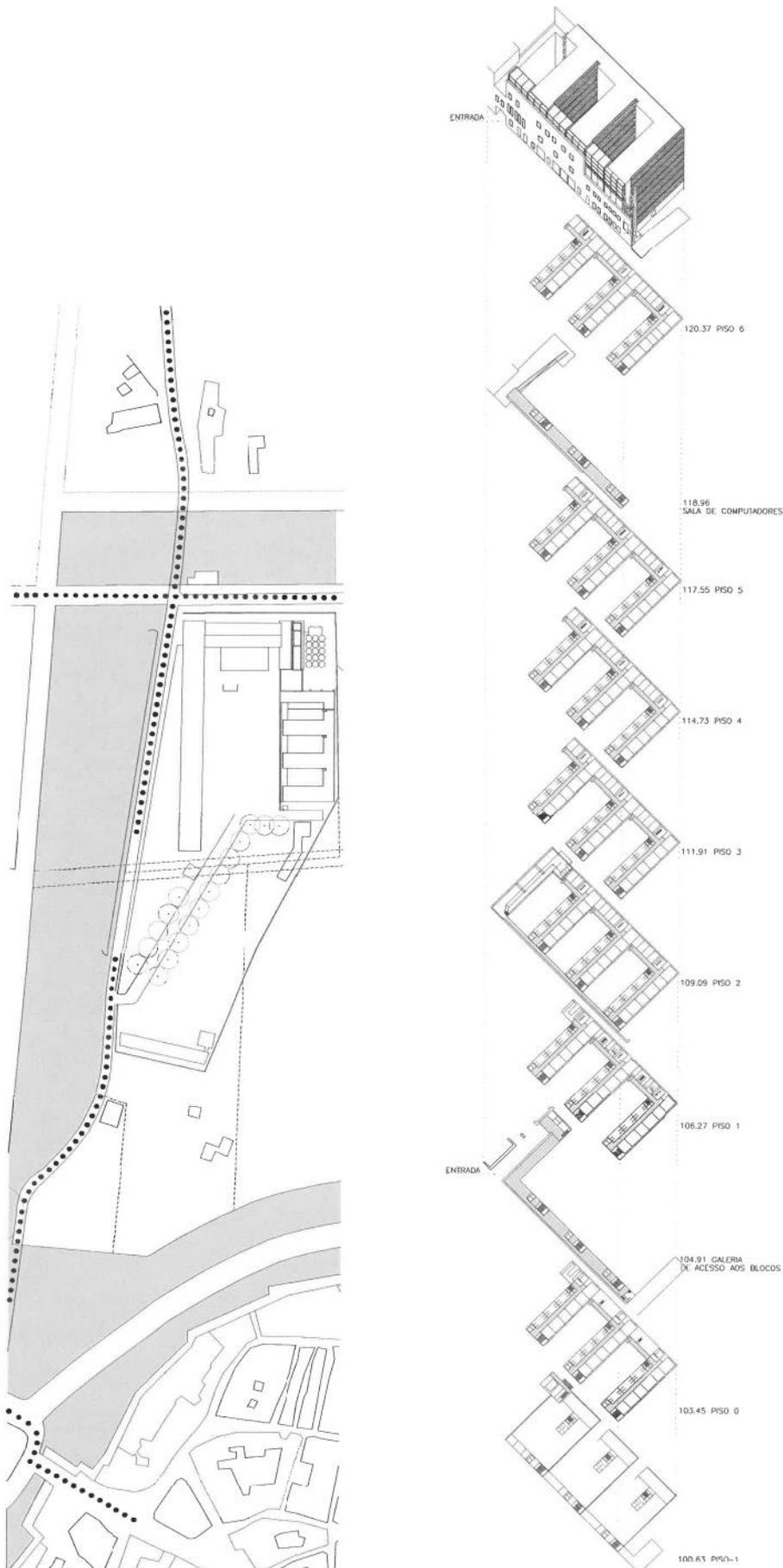
Em Portugal, com a criação recente de novas Faculdades, verifica-se uma tendência prevalentemente contrária.

Já quando se afirma no ponto 2.1 que “a futura residência da Fábrica dos Leões, ficará implantada na área para onde se irão transferir cursos, que hoje funcionam em edifícios arrendados na cidade intramuros e cuja funcionalidade e capacidade de adaptação se encontram limitadas pela a sua natureza, e onde se vão instalar novas licenciaturas, mantendo deste modo a orientação de disponibilizar alojamento sempre que possível nas proximidades das instalações de ensino”, parece oportuno fazer algumas considerações:

1- O plano de Urbanização de Évora deverá ser abordado de modo crítico pela própria Universidade, para não se correr o risco de a Fábrica dos Leões e demais equipamentos universitários, se isolar do contexto urbano em manifesta contradição com os objetivos antes apontados:

2 - O projeto de uma Universidade é impensável sem um plano claro de objetivos que no mínimo, permita saber quais as atividades que vão interessar um edifício universitário...

3 - Sublinha-se ainda, a contradição entre o pedido feito no ponto 3.6 do Caderno de Encargos e os elementos constantes no Anexo A, a que se referem as respostas, R5, R9, R19, R20, R32, R40, R46, R50, R55, R61, R62, R65, R75, R81, R84, R85, R89, que, não só descontextualiza a intervenção, negando as relações com a envolvente, e o carácter de organismo que a Fábrica dos Leões constitui como um todo, como sugere ainda (R89) um uso inadequado de estacionamento para o seu pátio interior, porventura o elemento arquitetónico mais interessante da Fábrica, vocacionado no novo contexto de uso para zona privilegiada de convivência.”



Desenhos do projeto, Concurso Público de adaptação da Fábrica dos Leões para Residência Universitária da Universidade de Évora. Acervo Arquitecto Manuel Botelho

P50

Nome: Casa Paroquial de Vila de Rua

Local: Vila de Rua, Moimenta da Beira

Data: 1999

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

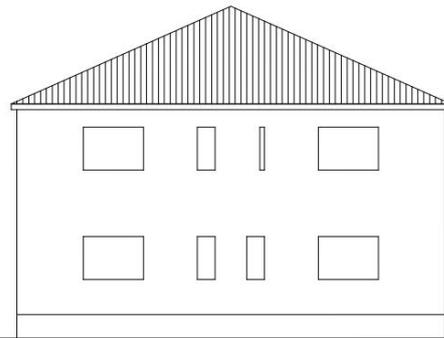
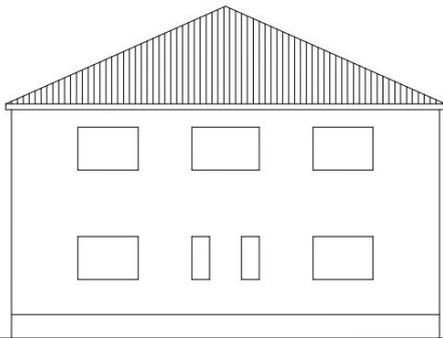
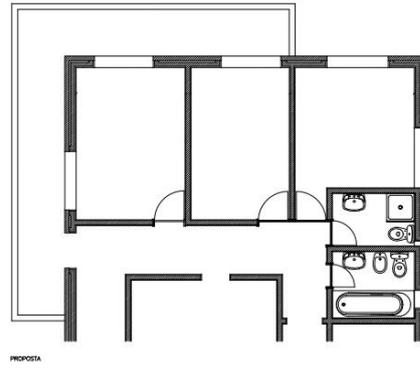
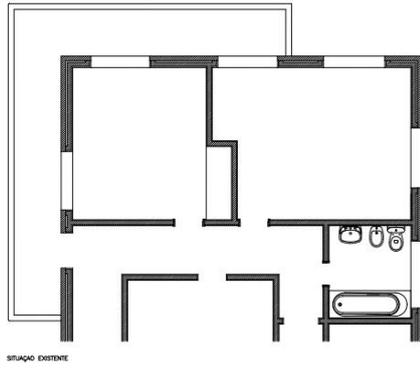
Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva



Desenhos do projeto, Casa Paroquial de Vila de Rua. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P51

Nome: Arranjo de um local exterior para Celebrações litúrgicas na Paróquia de São Mateus-Ilha do Pico

Local: Ilha do Pico, Açores

Data: 2000

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq. ta Rita Mazedo.

Engenharías:

Cliente: Paróquia de São Mateus- Ilha do Pico

PD_FIMS: FIMS/MB/51-pd0001 _ FIMS/MB/51-pd0002 (2 peças desenhadas)

Da memória descritiva: “A Igreja de S. Mateus, declarada Santuário Jubilar do Ano 2000 e em situação de degradação física, na sequência dum terramoto, necessita dum espaço ao ar livre para as celebrações que ali se realizarão ao longo do ano.

Inicialmente foi-me proposto para estudo o espaço existente entre o salão paroquial e o adro, que sempre me pareceu inadequado, sobretudo pela presença das duas árvores existentes que roubariam a visibilidade ao espaço de celebração. De qualquer modo estudou-se uma cobertura na continuidade da do salão paroquial que protegesse o espaço destinado às celebrações litúrgicas.

Esta solução em termos arquitectónicos poderia justificar-se mesmo de futuro como alpendre do salão paroquial e teria a virtude de não se sobrepor à geometria complexa do adro actual. Reconhece-se que este espaço de celebração seria extremamente precário e só justificável como solução provisória e circunstancial.

Foi-me proposto depois que estudasse a hipótese da extremidade Norte do adro fronteiro à Igreja de S. Mateus para a localização dum espaço exterior de celebração.

O adro apresenta-se com um desenho compositivo pouco claro, nomeadamente quanto a linhas de força dos percursos. A própria marcação do caminho orientado para a porta da Igreja encerra algum desconforto. A visão oblíqua que se tem do Alçado da Igreja e o desenvolvimento planimétrico dos degraus também não contribuem para a valorização nem do Templo nem da frontaria que na sua sobriedade contem a nobreza da essencialidade construtiva.

O adro funciona ainda como acesso à residência paroquial, ao salão paroquial e ao Império.

Entendo que a esta complexidade compositiva não deverão ser acrescentados outros vectores que tornarão ainda menos organizado o adro existente. A presença dum altar exterior com carácter definitivo “dirigirá de maneira forte” o adro para um polo em confronto com o Santuário e tornará de mais difícil leitura os percursos existentes.

“Quem se apresenta à entrada dum adro deverá sentir-se hóspede, bem-vindo e esperado, do espaço da assembleia. E no caso em estudo não se deve esquecer a carga simbólica deste templo na tradição popular das comunidades locais da Ilha.”

A organização clara do adro constitui assim a sua qualidade primordial, sem menosprezar outras como a de torná-lo acolhedor. Deverá ser um espaço onde a permanência é agradável, destinando-se à ambientação inicial e à conclusão das celebrações e reuniões pastorais e a encontros e diálogos quotidianos da comunidade.

Deve acrescentar-se ainda que o local em causa não é desafogado. Do vértice Norte da Torre da Igreja vão cerca de 5 m até à extrema do adro na direcção Sul - Norte e cerca de 16,5 m na direcção Nascente-Poente, espaço que não deverá ser "atravancado" com a presença de outros elementos perturbadores.

Não se deve esquecer que nesta zona do adro se situa a servidão de acesso à residência paroquial.

Um local para celebrações campais necessita de um fundo, de uma ambiência e de dimensões apropriadas que possam garantir a dignidade do espaço de celebração.

Falo de um espaço de celebração com o carácter definitivo, que por si só é símbolo da realidade tangível que nele se realiza, isto é, da comunhão com Deus.

Num lugar de celebração, mesmo num lugar de celebrações campais, não se pode esquecer a linguagem a que a liturgia recorre - a palavra, o silêncio, o gesto, o movimento, a música, o canto. O espaço e tempo são envolvidos na celebração do mistério salvífico de Cristo e contribuem com a sua linguagem específica para potenciar e unificar a sinfonia das linguagens em que é rica a liturgia. Este espaço, assume caracteres novos e originais, uma forma específica, a ponto de se poder falar dele como "ícone".

Teria um significado diferente uma solução que resolvesse a situação circunstancial deste ANO 2000 e a grande peregrinação anual do Santuário.

Tratar-se-ia de resolver situações excepcionais, sem comprometer a organização actual de adro no dia a dia.

Apresenta-se o estudo duma solução que responde ao carácter excepcional deste ano 2000 e que, com facilidade, pode ser montada e desmontada para o dia da grande peregrinação anual.

SOLUÇÃO CONSTRUTIVA

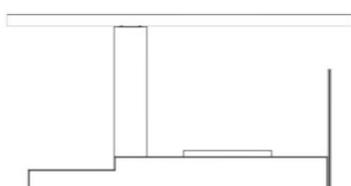
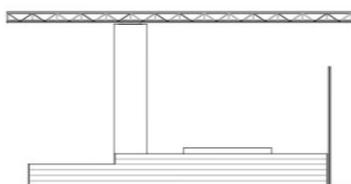
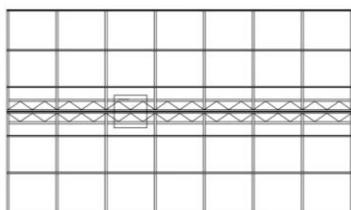
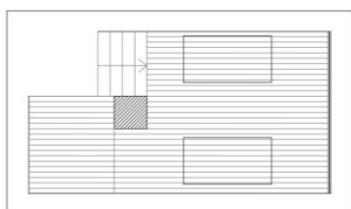
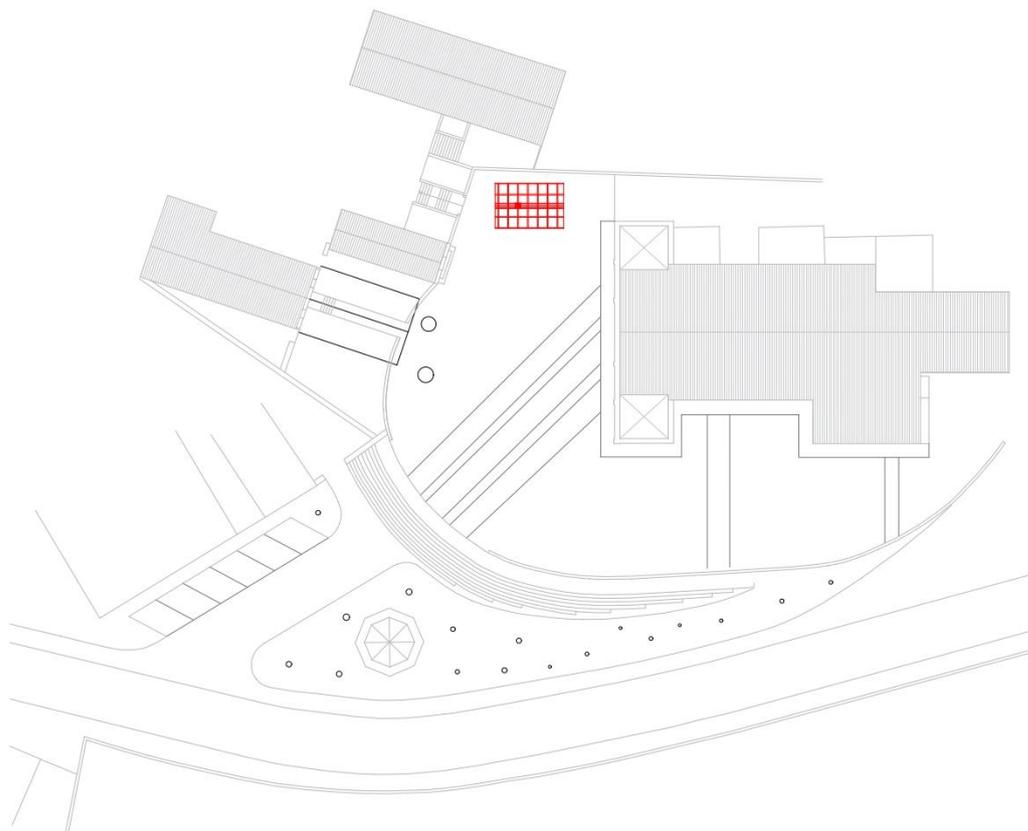
Trata-se duma estrutura mista formada por um suporte permanente de betão armado e duma estrutura metálica ligeira de suporte a um toldo de cobertura. Na própria estrutura de suporte - pilar de betão - deverá deixar-se um dispositivo - um guincho - que facilite a montagem e desmontagem da cobertura.

A plataforma do pavimento é assegurada por estrados de madeira desmontáveis e a protecção dos ventos de Nascente por uma caixilharia em acrílico, com estrutura de ferro fixada directamente ao pavimento, de fácil montagem e desmontagem.

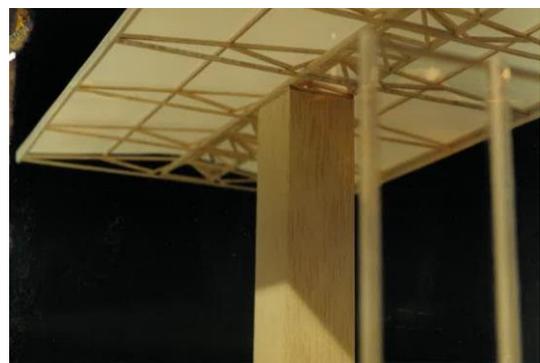
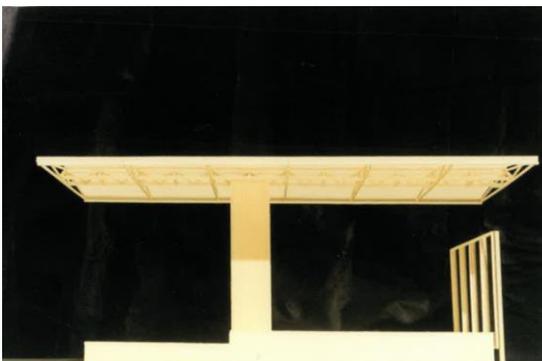
O suporte isolado de betão, uma vez desmontada a cobertura, assumiria o carácter de padrão comemorativo da passagem do milénio. Seria de betão aparente, (betão descoberto) com a impressão do logotipo do Jubileu.

Esta presença permanente do padrão não constituiria uma estrutura espacial "pesada" na já complexa organização do adro, nem impediria o seu normal funcionamento dado as suas dimensões diminutas. Assumiria sim, o sinal delicado da passagem do milénio.

Estudou-se uma estrutura marcada pela simplicidade no intuito de não comprometer a dignidade exigível a um espaço de celebrações litúrgicas. "



Desenhos do projeto, Arranjo de um local exterior para Celebrações litúrgicas na Paróquia de São Mateus-IIha do Pico. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 236/237/238/239/240/241/242 Fotografias da localização e maquete do projeto do Arranjo de um local exterior para Celebrações litúrgicas na Paróquia de São Mateus-Ilha do Pico

P52

Nome: Casa Natividade

Local: Lugar de Carvalhais, Alvarenga, Arouca

Data: Projeto de 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo.

Engenharias:

Cliente e contacto: Carlos Alberto de Sousa Amorim; Natividade Amorim

PD_FIMS:

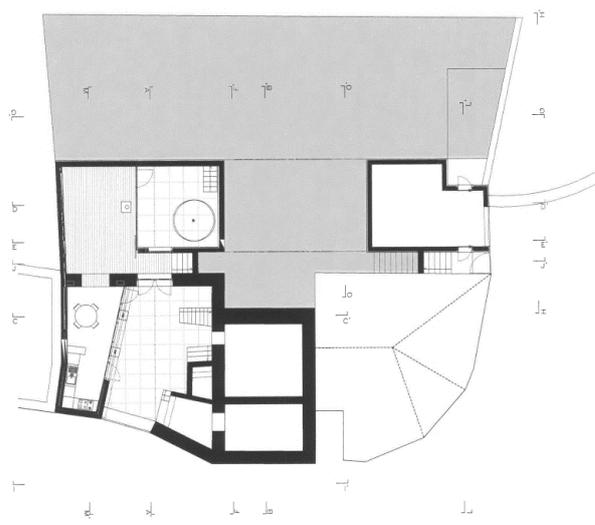


Figura 243 Vista aérea, Casa Natividade

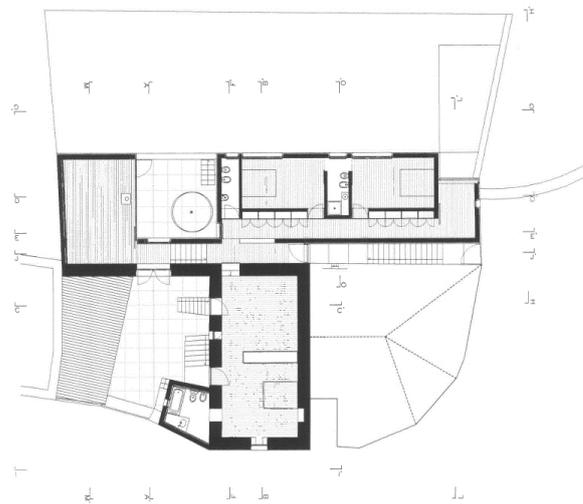
Da memória descritiva: “A casa existente apresentava-se em estado avançado de degradação, com um núcleo mais antigo, construído em granito com as características típicas da arquitetura popular da região, e com sucessivas ampliações, que revelavam grandes debilidades construtivas, onde por exemplo paredes simples de tijolo de 7 eram consideradas como paredes resistentes

Pareceu mais racional a opção de recuperar o núcleo primitivo de granito, respeitando a sua linguagem e demolir os sucessivos acrescentos para construir de raiz a zona da sala de estar e quartos

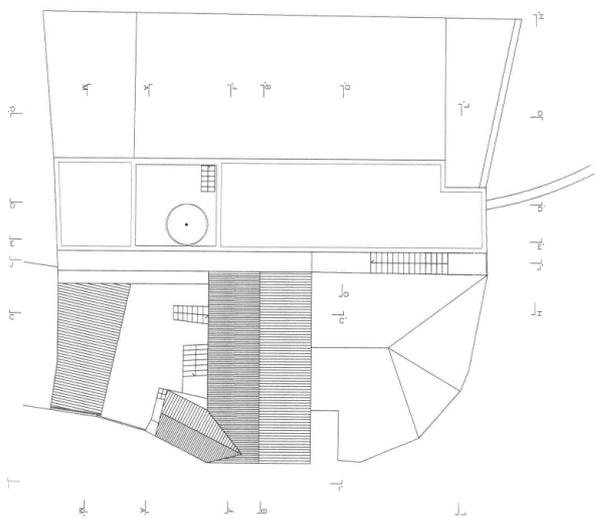
A parte nova com uma linguagem atual apresenta uma implantação e volumetria que respeita a preexistência. As construções antiga e nova articulam-se mediante pátios, um preexistente e outro construído agora.”



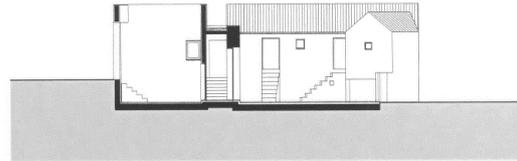
Planta Piso 0



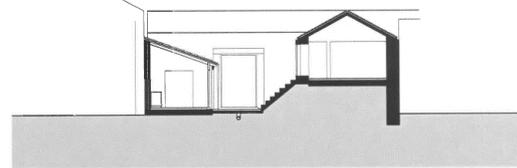
Planta Piso 1



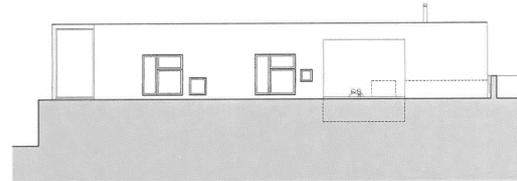
Planta de Cobertura



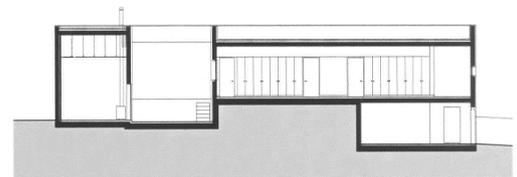
Corte AA'



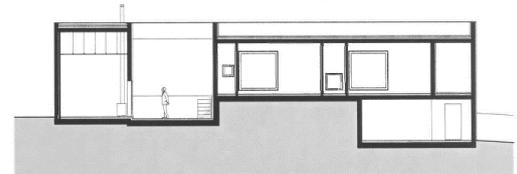
Corte CC'



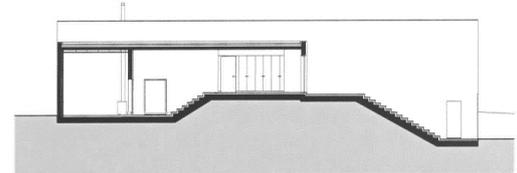
Alçado Sul GG'



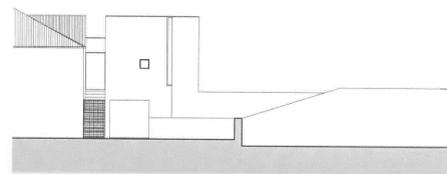
Corte EE'



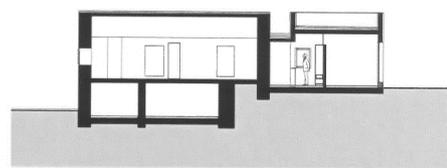
Corte DD'



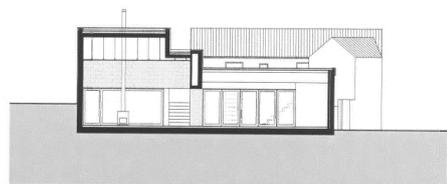
Corte JJ'



Alçado Poente HH'

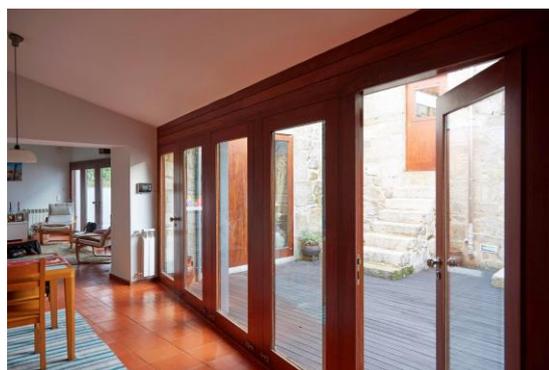
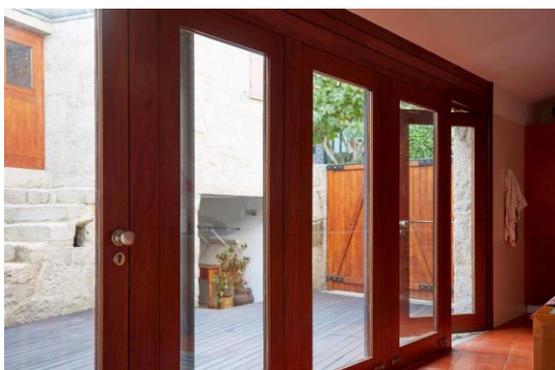


Corte BB'



Corte MM'

Desenhos do projeto, Casa Natividade. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 244/245/246/247/248/249/250/251/252/253/254 Fotografias das diferentes fases do projeto da Casa Natividade

P53

Nome: Recuperação e adaptação da Casa do Poço para Museu e Arquivo Diocesanos

Local: Largo da Sé, Lamego

Data: Projeto de 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazeda, Arq. ta Alexandra Sá Torrão,

Arq. to Miguel Borges da Costa, Arq. ta Jocélia Santos

Engenharias: Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas; Eng. Costa Pereira; Eng. Vasco Peixoto de Freitas;

Cliente: Fábrica da Igreja Catedral- Diocese de Lamego

PD_FIMS:



Figura 255 Vista aérea, Recuperação e adaptação da Casa do Poço para Museu e Arquivo Diocesanos

Da memória descritiva: “A Diocese da Lamego dispõe desde 1921 de um edifício, conhecido pela Casa do Poço, situado em pleno Centro Histórico da Cidade de Lamego, mesmo no quarteirão frontal à Sé Episcopal.

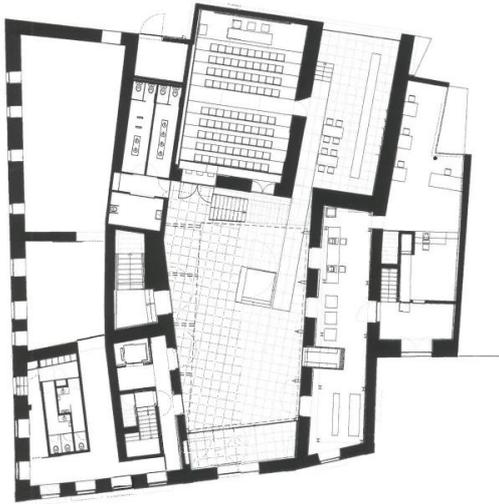
Trata-se de um edifício com uma longa história, com elementos arquitetónicos de grande interesse, como são por exemplo as janelas geminadas, aberta para a Rua dos Loureiros decoradas ao gosto românico-gótico.

Do valor cultural deste edifício fala a sua imagem.

O notável contexto urbano em que se encontra implantado aumenta-lhe ainda o significado cultural, pelo que a todos os títulos se impõem uma recuperação cuidada, capaz de valorizá-lo e valorizar a cidade.

A Diocese de Lamego, consciente do valor patrimonial em causa, quer proceder à sua recuperação, pretendendo adaptá-lo a Arquivo Diocesano e Museu de Arte Sacra.

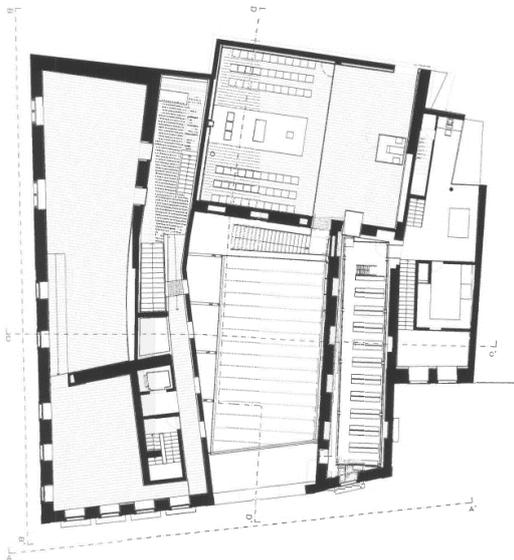
Como metodologia de projeto, mesmo tendo em conta o novo programa de usos, será dada toda a atenção ao levantamento rigoroso do existente e às possíveis intervenções anteriores menos avisadas; haverá a sensibilidade para elementos novos que possam aparecer no decorrer dos trabalhos e contribuam para o esclarecimento da história do edifício; e constituirá ainda fator decisivo de qualquer opção a leitura atenta do rico contexto urbano em que se insere.”



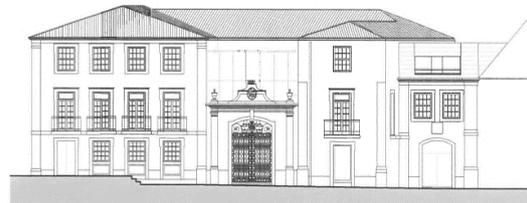
Planta Piso 0



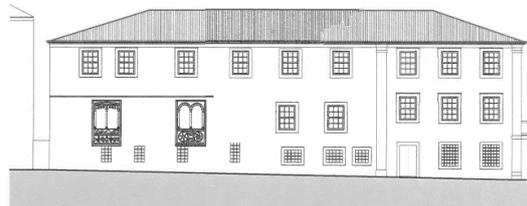
Planta de Localização



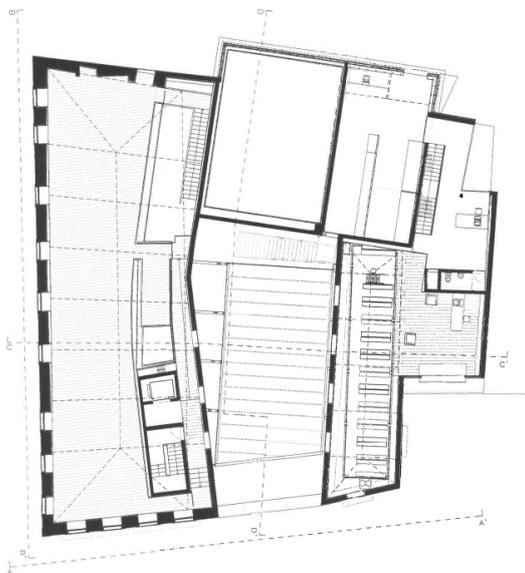
Planta Piso 1



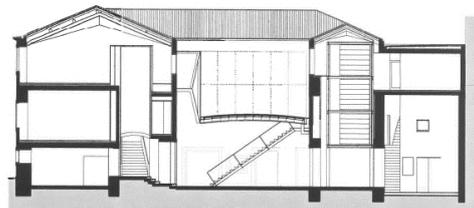
Alçado Nascente AA'



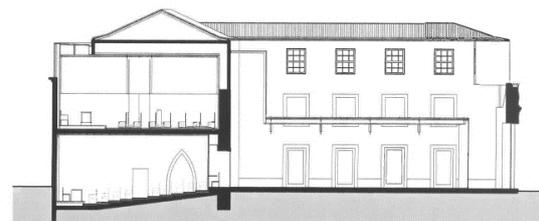
Alçado Sul BB'



Planta Piso 2

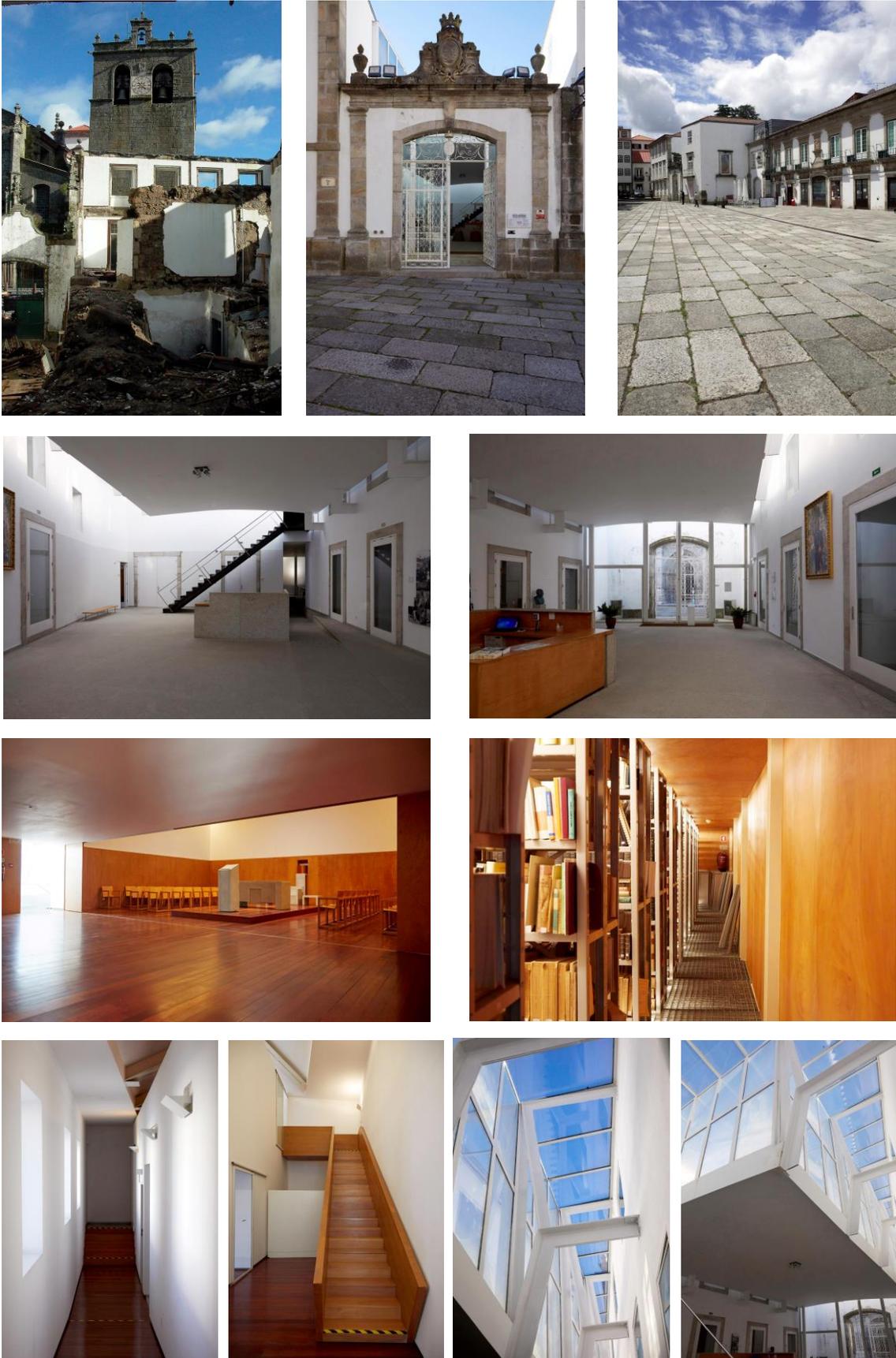


Corte CC'



Corte DD'

Desenhos do projeto, Recuperação e adaptação da Casa do Poço para Museu e Arquivo Diocesanos. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 256/257/258/259/260/261/262/263/264/265/266 Fotografias das diferentes fases do projeto da Recuperação e adaptação da Casa do Povo para Museu e Arquivo Diocesanos

P54

Nome: Jazigo Família Botelho

Local: Vila da Rua, Moimenta da Beira

Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

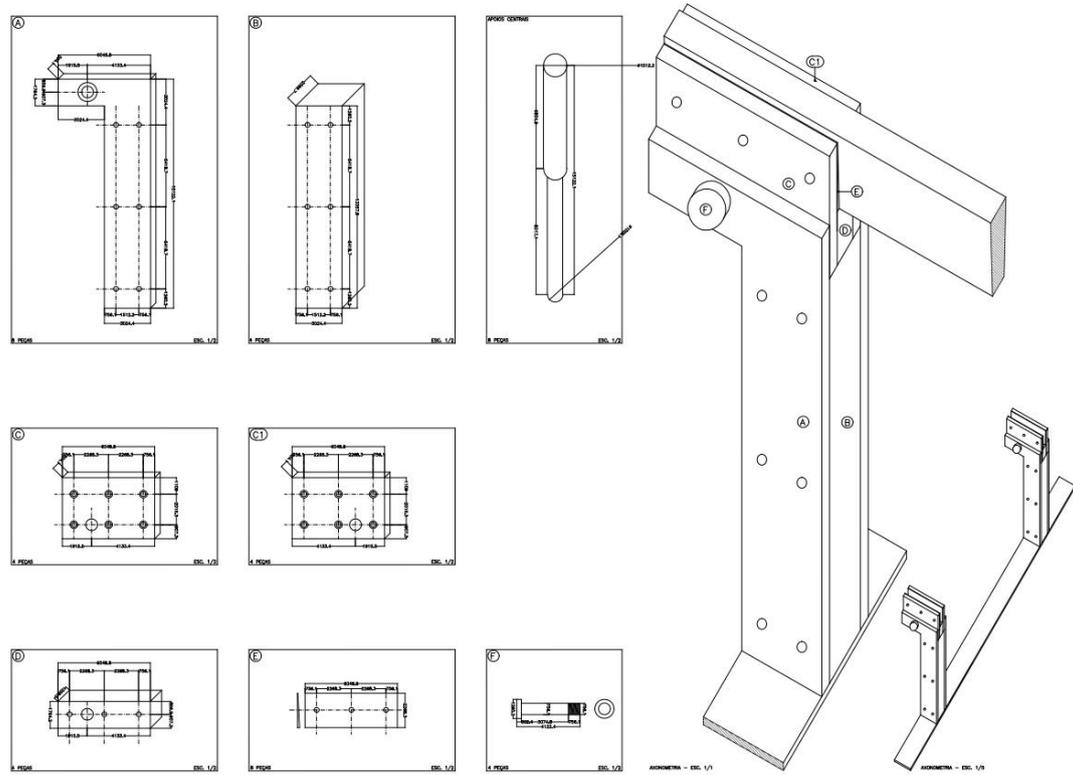
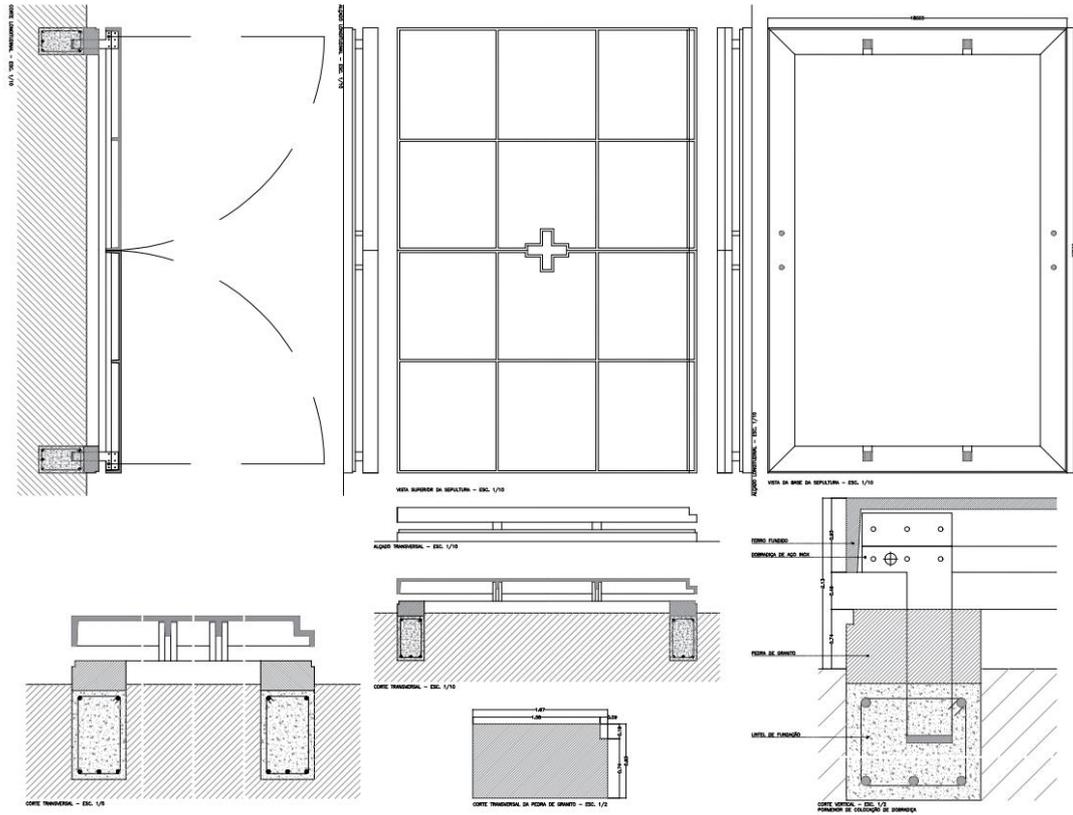
Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva



Desenhos do projeto, Jazigo Família Botelho. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 267/268 Fotografias do projeto da Recuperação e adaptação do Jazigo Família Botelho

P55

Nome: Escola Profissional Agrícola de Lamego

Local: Rua de São Lázaro, Rina, Lamego

Data: Projeto de 2001

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo,

Arq.to Miguel Costa, Arq. ta Chiara Dorigatti, Arq.to Ye Xuan Yong, Arq. ta Jocélia Santos.

Engenharías:

Cliente: Centro de Promoção Social Rural de Lamego

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “A escola localiza-se numa quinta que se desenvolve em declive na direção Poente e Norte, com os vários socalcos característicos da bacia do Douro.

Possui alguns edificios destinados outrora à atividade agrícola ou à habitação de trabalhadores, alguns dos quais, convenientemente recuperados, serão integrados na Escola como locais complementares da mesma, num espírito de respeito pelo património rural construído, mas sem nenhuma nostalgia de outros tempos e, portanto, a sua adaptação pautar-se-á também por um verdadeiro sentido de modernidade. Uma plataforma existente entre dois grupos de construções pertencentes à quinta, um mais a Sul que alberga, entre outras coisas, um lagar de vinho notável pelas suas dimensões, e um outro mais a Norte, destinado prevalentemente a habitações, goza das características necessárias à implantação da futura Escola.

Trata-se duma plataforma servida por um caminho público, que parte da Rua da S. Lázaro e atravessa a quinta em direção ao lugar de Alvelos. É a partir deste caminho público que se faz o acesso à escola, para o qual se prevê um alargamento de modo a dotá-lo de características urbanas e torná-lo capaz de servir convenientemente este equipamento de ensino.

Procurou-se que a construção da nova Escola se integrasse no terreno e nas construções existentes, de forma a constituir um todo coerente e claro. As salas de aula recebem luz Sul e os laboratórios prevalentemente a luz Norte. A ventilação da cozinha, será objeto de estudo cuidadoso no respetivo projeto de especialidade, recorrendo-se, caso seja necessário, a ventilação mecânica.

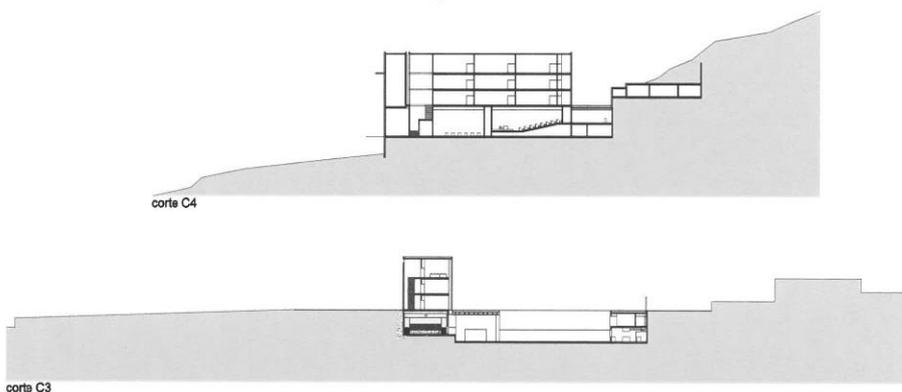
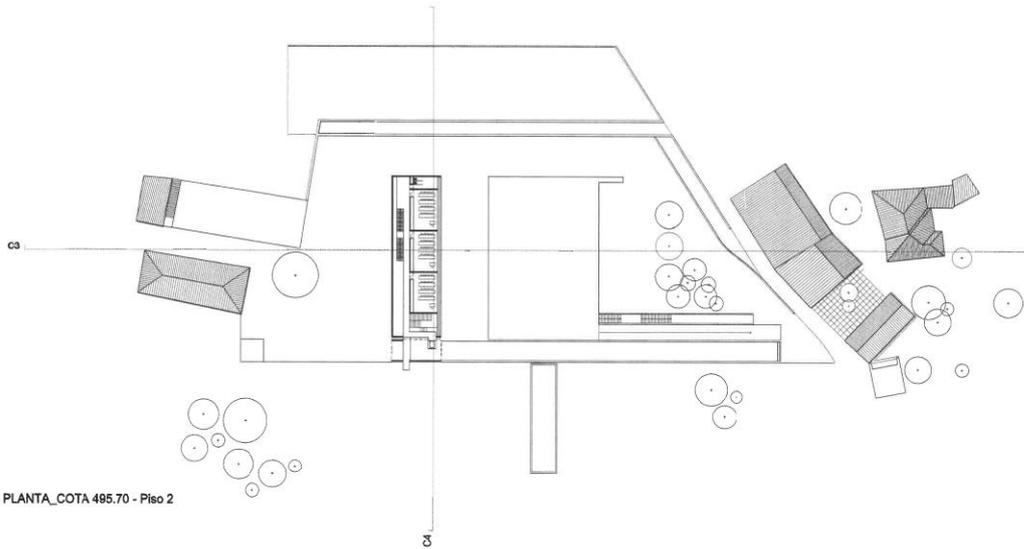
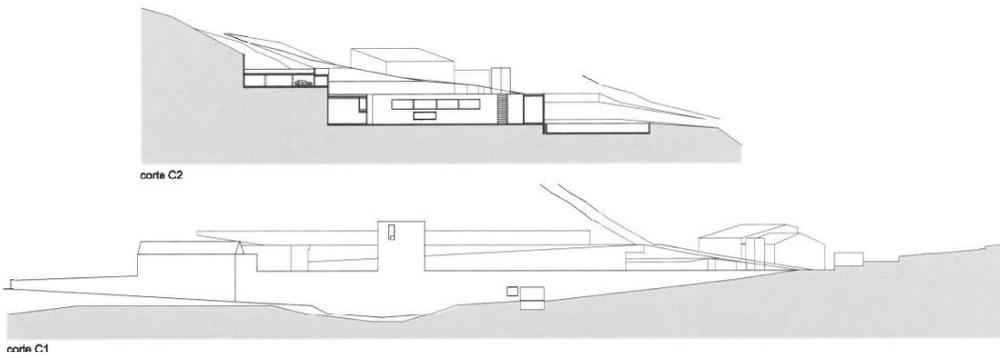
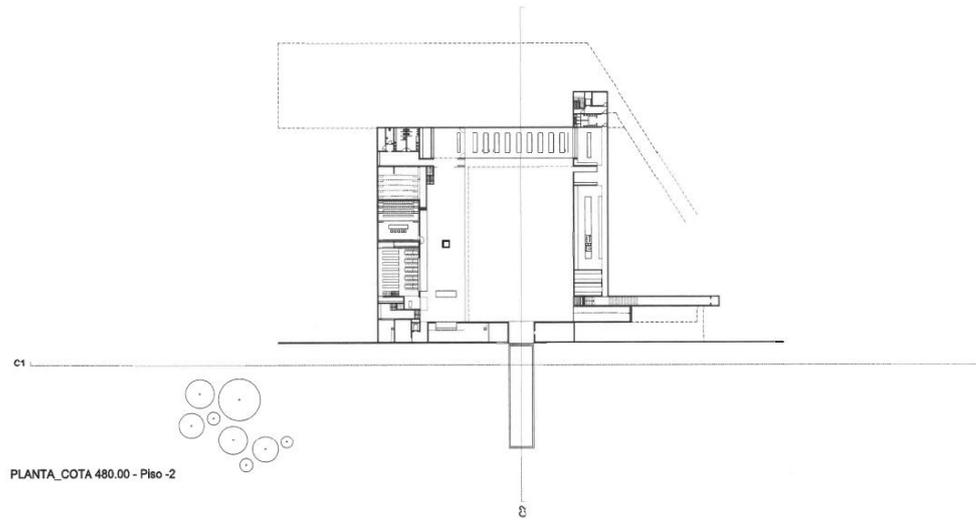
Prevê-se a localização, no piso de receção, de instalações sanitárias, adaptadas a deficientes motores e garantindo as dimensões mínimas regulamentares.

O núcleo central da Escola é constituído por um pátio retangular de 28mx37m, com os espaços circundantes destinados à Mediateca, Auditório, Secretaria, Administração, Direção, Gabinetes de professores, Espaços de Convívio dos alunos, Refeitório e Cozinha, constituindo-se um lugar de encontro, quase como coração da escola e servindo as salas de aula e laboratórios a partir de escadas, rampa e ascensor.

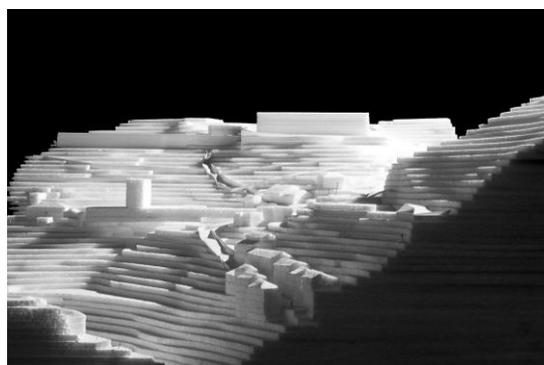
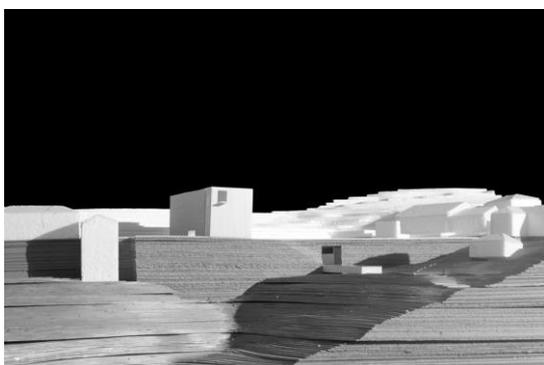
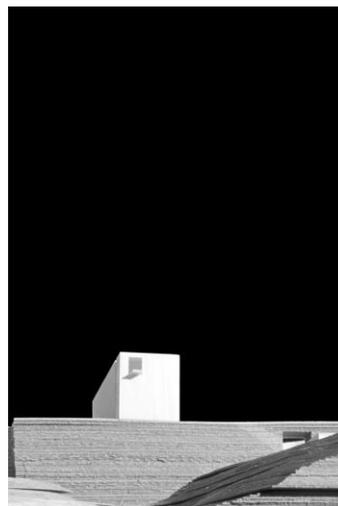
O edificio construído de raiz e com maior cércea, destina-se às salas de aula; um outro de menor área desenvolve-se em dois pisos para albergar laboratórios. Um grande vão, articulado com um espelho

de água, deixa entrever do pátio central da Escola cidade com a pacata Rua de São Lázaro, em primeiro plano.

Para a realização do espelho de água, aproveita-se a existência de uma poça que abastece a quinta, que carece de uma racionalização em ordem ao seu máximo aproveitamento e otimização, que será objeto de estudo no respetivo projeto de especialidade. Os edifícios existentes poderão assumir outras valências como a de a de constituir pequenos laboratórios, instalação da Associação de Estudantes e outros espaços de carácter quase museológico da atividade agrícola como por exemplo o belo edifício do lagar.”



Desenhos do projeto, Escola Profissional Agrícola de Lamego. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 269/270/271/272/273/274 Fotografias da localização, implantação e maquete do projeto da Escola Profissional Agrícola de Lamego

P56

Nome: Casa de S. José

Local: Lamego

Data: 2001

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

Cliente: Manuel Pinto de Almeida

PD_FIMS:

Da memória descritiva: “Encontrou-se para o coberto uma solução, realizada em materiais ligeiros, a través de uma estrutura metálica e chapas de aço lacadas a quente.

A estrutura de perfis metálicos em I, formariam um esquadro ancorado na estrutura do edificio existente e em sapatas de cimento realizadas no terreno, de acordo com os desenhos, ou na parede da garagem.

Haveria todo o cuidado em não danificar a impermeabilização da garagem.

Esta solução garantiria uma montagem rápida em obra e a quase ausência de estaleiro no local da mesma, de modo a garantir o normal funcionamento da Casa de S. José, mesmo com presença de hóspedes, sem os incómodos e as perturbações que as obras de construção civil habitualmente acarretam, quando realizadas com materiais pesados do tipo de beato armado.”

P57

Nome: Remodelação da Capela do Paço Episcopal

Local: Rua das Cortes, Lamego

Data: Projeto de 2002

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo,

Arq. ta Alexandra Sá Torrão, Arq.to Ye Xuan Yong.

Engenharias: Eng. Costa Pereira;

Cliente: Diocese de Lamego

PD_FIMS: FIMS/MB/57-pd0001 _ FIMS/MB/57-pd0021 (21 peças desenhadas)



Figura 275 Vista aérea, Remodelação da Capela do Paço Episcopal

Da memória descritiva: “Com a simplicidade de formas e a nudez dos materiais traduz-se o apelo ao “diferente”, que caracteriza os espaços sagrados. O mesmo material – o estuque (gesso cartonado) – reveste todo o espaço: paredes e teto. O pavimento terá uma textura próxima da das paredes e do teto, conseguida pela aplicação dum pavimento autonivelante. A capela tem a forma dum paralelepípedo e organiza-se segundo um eixo definido pela presidência, altar e ambão. O tabernáculo e cruz constituem as extremidades desse eixo. A centralidade do altar, reforçada pela presença da luz natural zenital mesmo na sua vertical, é total. A janela é de algum modo desmaterializada através de planos de madeira pintada. O altar, feito de bronze e mármore, transmite a ideia de mesa sóbria e sólida.

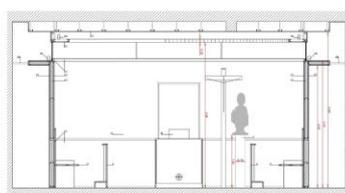
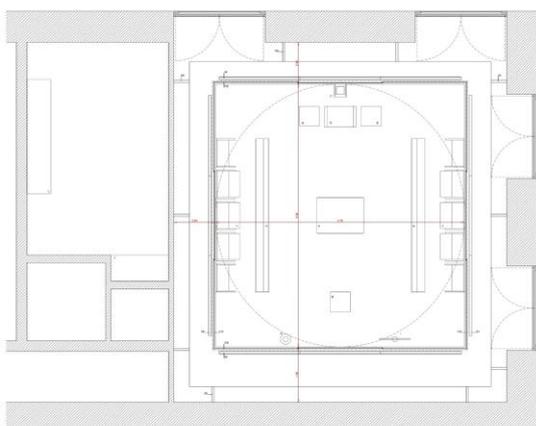
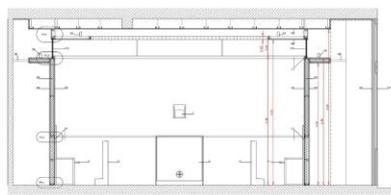
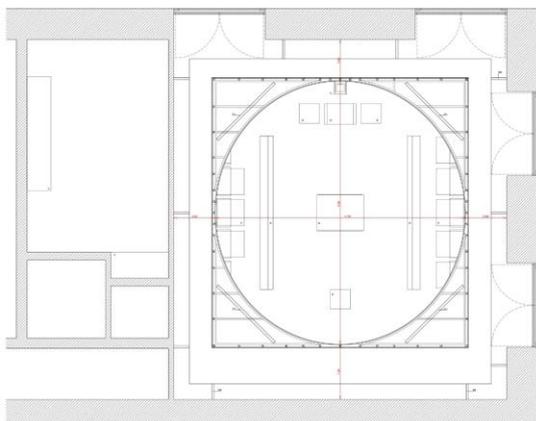
O ambão, do mesmo material do altar, relaciona-se diretamente com o altar e a presidência.

Dois bancos paralelos entre si servem a assembleia disposta à maneira de coro voltado para o altar, sublinhando o sentido da unidade do espaço.

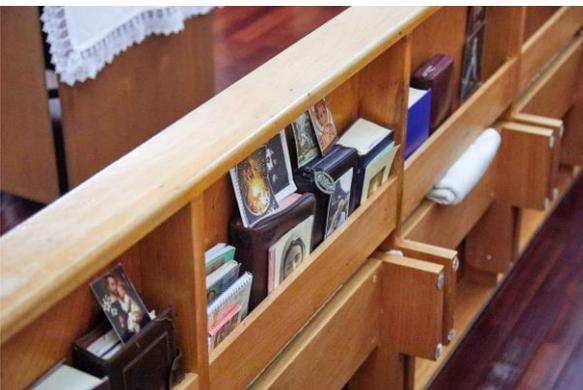
O sacrário, constituído por uma pequena caixa de madeira (pau rosa), forrada interiormente com prata, está colocado num nicho de parede no extremo do eixo organizador do espaço, adquirindo dignidade sem prejuízo da intimidade característica da devoção particular.

Uma imagem de Nossa Senhora colocada sobre uma delicada coluna de mármore situada na direção de um dos bancos faz “entender” a presença de Maria no mistério eucarístico da Igreja. A

colocação do altar de talha da antiga capela é absolutamente impossível na nova, pela ausência de pé direito necessário. Uma possível colocação poderia ser a do patamar das escadas do corredor da capela, sendo feito um acerto daquele patamar, eliminando o degrau atualmente ali existente. Num pequeno percurso, que serve também a sacristia, a entrada da capela é anunciada pelo curvar da parede e pela pia inserida no muro. Já no corredor exterior se dá relevo à porta da capela, tanto pelo desenho da própria porta onde se reproduz um caprino das gravuras de Foz Côa, como pela diferenciação do pé direito.”



Desenhos do projeto, Remodelação da Capela do Paço Episcopal. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 276/277/278/279/280/281/282/283/284/285 Fotografias atuais do projeto da Remodelação da Capela do Paço Episcopal

P58

Nome: Concurso para o Projeto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da Universidade de Coimbra

Local: Coimbra

Data: Projeto de 2002

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões. Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Mariana Carvalho.

Engenharías:

Cliente:

PD_FIMS:

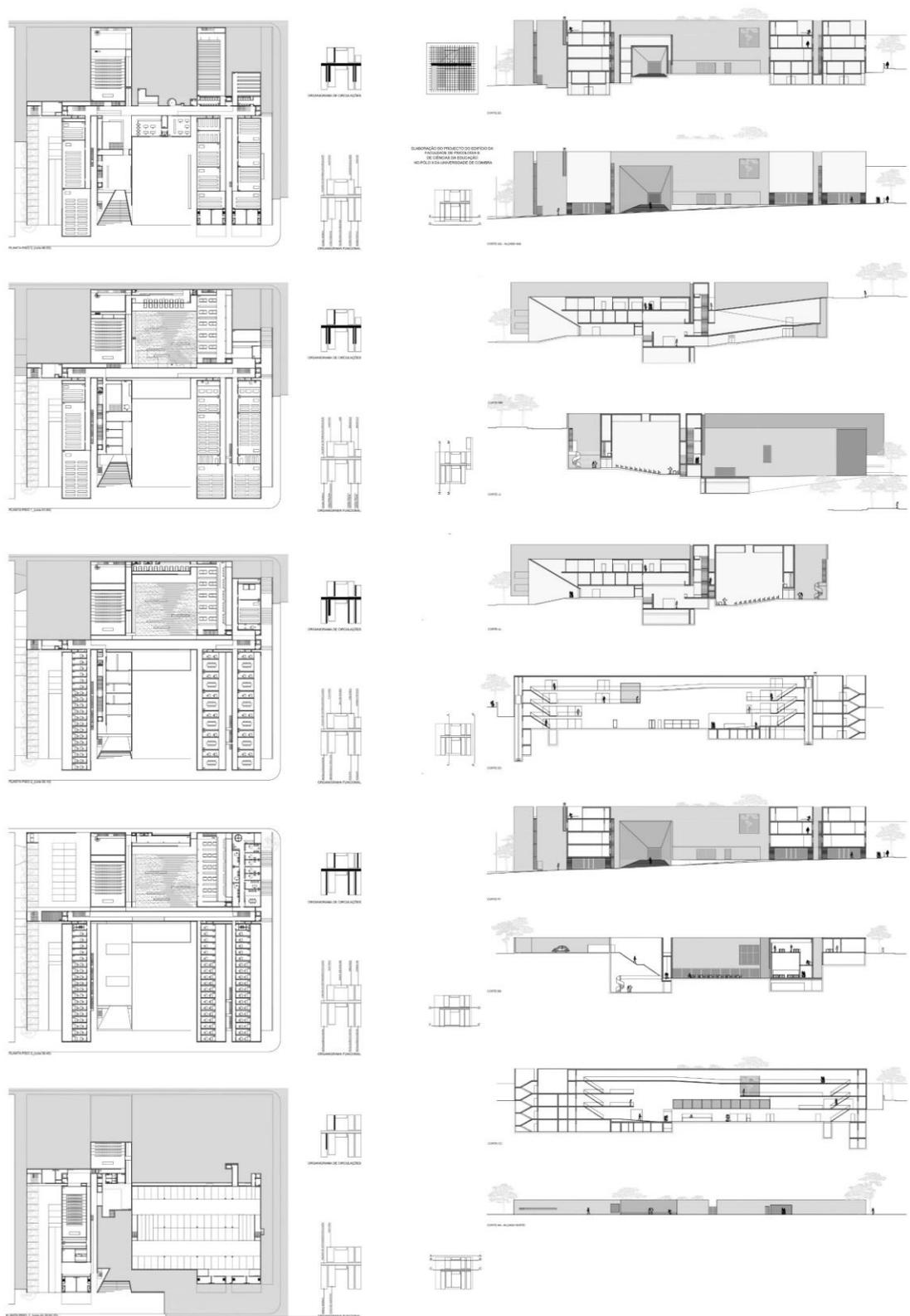
Da memória descritiva: “Entendemos uma escola como um organismo, que natural ou artificialmente, tem como fim último a sua sobrevivência num determinado contexto. E este fim é possível enquanto esse o organismo é capaz de se autorregular ou adaptar, mantendo íntegras as próprias capacidades e assumindo as variações do meio ambiente condicionando-as numa determinada direção.

Quando isto não se verifica, então é inevitável a degradação do próprio organismo.

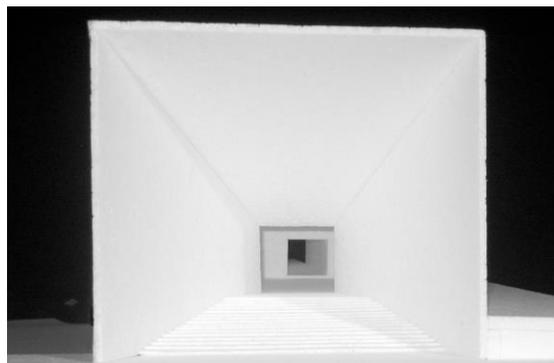
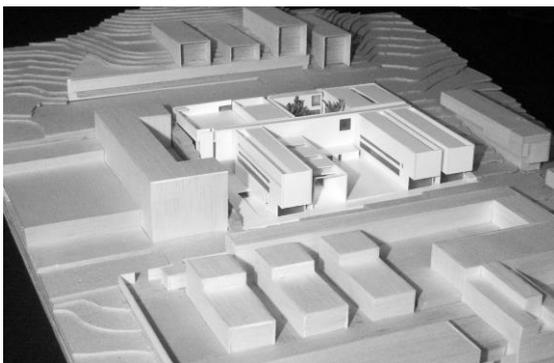
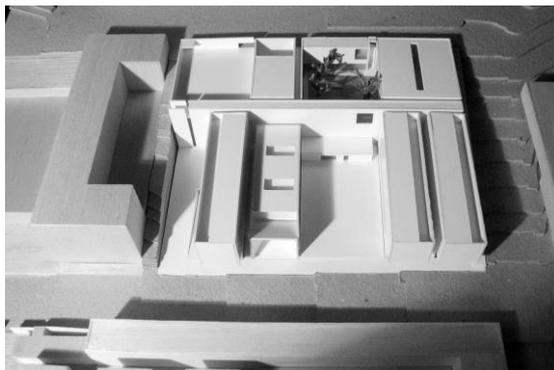
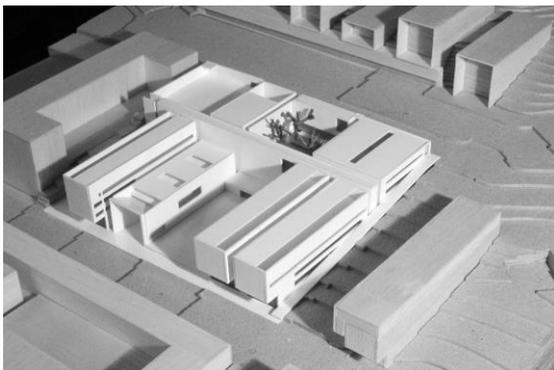
A Universidade, no seu conjunto e nas suas articulações disciplinares, pode comparar-se a um organismo inserido num contexto, que neste caso é o contexto social da comunidade coimbrã onde se insere.

O sistema universitário deve, portanto, configurar uma estrutura complexa de entes capazes de perceber a realidade contextual e de lhes reagir, operando sobre ela e prosseguindo objetivos culturais e sociais que, no tempo e lugar, vão sendo diferentes. As faculdades e os departamentos são órgãos “disciplinares” que investigam sobre saberes orientados para as exigências comunitárias específicas de cada momento histórico.

Este conceito de universidade ultrapassa as barreiras da didática e da investigação e implica uma relação osmótica, entra a comunidade universitária e a sociedade. Em Portugal as instituições do ensino superior, encerram alguma ambiguidade porque nem constituem um “Campus” com a sua individualidade, nem se integram no tecido urbano. A solução apresentada para a Faculdade de Psicologia de Coimbra, assenta no modelo organizativo em pente, de edifícios que correspondem a unidades funcionais. Esta organização em pente apoia-se numa galeria que serve os três pavilhões implantados a Sul destinados à atividade didática e mais um destinado à receção, administração e gestão da Escola e os pavilhões implantados a Norte destinados cada um a auditório, biblioteca e consultas externas.”



Desenhos do projeto, Concurso para o Projeto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da Universidade de Coimbra. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 286/287/288/289/290/291 Fotografias da maquete do Concurso para o Projeto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da Universidade de Coimbra

P59

Nome: Concurso Internacional para elaboração do Projeto de Remodelação do Cine-Teatro
Constantino Nery

Local: Av. Serpa Pinto 242, Matosinhos

Data: 2003

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho em co-autoria com a Arq. ta Maria José Casanova e Arq. to
José Manuel Fonseca

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Alexandra Sá Torrão

Engenharias: Estruturas e Fundações: Prof. Eng. Rui Póvoas. Instalações e Equipamentos
Elétricos: Eng. Raul Silva. Instalações e Equipamentos Mecânicos (AVAC) Eng. Raúl Bessa. Águas
e Saneamento: Prof. Eng. Vasco Freitas. Projeto de Segurança Integrada: Eng. Alexandre
Martins. Comportamento Térmico: Prof. Eng. Vasco Freitas. Comportamento Acústico: Prof. Eng.
Vasco Freitas.

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva:

“Abordagem Crítica ao Programa Preliminar (de acordo com 1.3.2.a) do Caderno de Encargos)

A implementação das artes do espectáculo pressuporia uma política nacional definidora das grandes directrizes de uma rede nacional de teatros e/ou auditórios, onde, de pleno direito, teria assento o poder local e onde caberia naturalmente a recuperação de tantos pequenos teatros hoje em grande parte abandonados ou em ruínas.

Na ausência dessa política, o Município de Matosinhos supletivamente entendeu, e bem, recuperar um destes teatros locais, o Cine-Teatro Constantino Nery.

Deve, portanto, entender-se que a recuperação do Cine-Teatro Constantino Nery se situa num âmbito cultural que ultrapassa a recuperação arquitectónica de um edifício e traduz uma política, para além de uma arqueologia de pedras, que pretende atingir uma diversidade de acções propiciadoras do desenvolvimento global das pessoas.

A iniciativa da Câmara de Matosinhos em restituir o edifício Cine-Teatro Constantino Nery à cidade é meritória. Porém, neste reencontro com a história, deve promover-se outra realidade presente na “Instituição Cultural” que ele representa, como parece querer afirmar o programa quando diz que “o edifício deverá recuperar o protagonismo perdido”. Um edifício desta natureza pressupõe uma “Instituição” a quem competirá não só a gestão do espaço físico e equipamento como também a programação cultural suficientemente atractiva e coerente, capaz de criar dinâmicas enraizadas na comunidade local.

Parece-nos, portanto, e na lógica da superação da citada arqueologia de pedras, dever ser, desde já, equacionado o problema da sua gestão futura.

Neste sentido e porque entendemos menos claros os motivos e objectivos da intervenção tecem-se algumas considerações que no fundo se prendem com a identidade, significado e programa deste projecto.

Fala-se de “homenagem à memória...”

Se é verdade que o “Constantino” teve durante muitos anos um indiscutível protagonismo na vida de Matosinhos é importante referir o tipo de eventos que albergou e, sobretudo, ter uma visão objectiva da sua história.

Será preciso pensar-se que na altura da sua instalação, no início do século, ele cumpria, tanto fisicamente como numa perspectiva sócio-cultural um papel muito diferente daquele que chegou depois a desempenhar.

Vivia-se o tempo da instalação de uma média burguesia que necessitava de instituições para afirmar e cimentar o seu recente e ainda instável estatuto, no qual, os tempos de lazer já ocupavam uma importante parcela.

O teatro que sempre preencheria a tensão humana entre o “sério” e o “divertido”, o trágico e o cómico, o religioso e o profano, a lei e o crime, a excepção e a norma, e que tantas vezes detonara momentos grandiosos do génio humano em obras que sendo eruditas também foram populares, passou a ser, neste início de século, de um modo geral, o “entretenimento”, a “diversão”, o “pretexto” para o encontro social, mundano e frívolo.

O “Constantino” começou por responder às necessidades de uma burguesia local, num tempo em que o Porto ficava longe porque os automóveis eram raros...

Chegou o Cinema. E a estupefacção de ver uma realidade supostamente idêntica à real, ainda que muda, a preto e branco e em diferido, foi de tal modo forte que obrigou à reformulação dos espaços teatrais.

Quase todos os teatros passaram a Cine-Teatros. O “Constantino” também.

A pequena burguesia começou a encher as galerias e os lugares mais incómodos das salas. O “Constantino” fez obras. Distinguiu plateia e balcão.

O foyer do balcão passou a ter grandes cartazes com as estrelas do celulóide, alguns ainda europeus. No rés-do-chão as paredes apresentavam pequenos cartazes com cenas dos filmes que passariam a seguir.

Entretanto o Porto estava mais próximo e tinha muitos cine-teatros, cada vez com mais filmes e menos peças. O “Constantino” ainda resistiu, com enchentes que renunciavam o seu fim. Amareleciam os sorrisos de Cary Grant, de James Stewart, de Jean Gabin, da Laureen Bacall, da Rita Hayworth, da Gina Lollobrigida, envoltos em nuvens de fumo, de um ar fétido e húmido de assistências ululantes que nos intervalos cuspiam para o chão, bebiam “minis” e insultavam os “maus”, conseguindo o prodígio de exaltar o “artista” entre três grunhidos e cinco palavrões! Vertiginosas passaram as cow-boyadas de John Wayne e as gargalhadas de Totó... Em breve as paredes inferiores passaram a encher-se de cenas de Kung-Fu até ao abandono final.

Importa saber ler a história bem como os sinais do tempo.

Homenagear a memória é ter capacidade de ultrapassar a história, não se deixando tentar por qualquer sentimento nostálgico e saudosista.

E “àqueles que sentem hoje necessidade de um espaço cultural que complemente uma área essencialmente animada pela restauração” deve responder-se sem qualquer ambiguidade que este espaço renovado se deve afirmar por si próprio como valor cultural, ultrapassando inequivocamente o papel de complemento.

Defendemos até esta intervenção como um valor simbólico da Arquitectura na cidade com inevitáveis repercussões no próprio desenho/plano urbano.

Parece existir também alguma fragilidade quando por exemplo se associa o “carácter inovador em termos formais e funcionais” e “uma polivalência que permitirá as mais variadas manifestações artísticas” à “assistência alargada”.

Por um lado, as mais das vezes, a polivalência máxima corresponde à valência mínima.

A legítima ambição de uma assistência alargada depende mais da definição do público-alvo e do trabalho rigoroso da sua fidelização do que da polivalência ou do carácter inovador em termos formais e funcionais do espaço.

Hoje a tecnologia disponível permite uma flexibilidade tão grande que um espaço de teatro pode até materializar-se num grande contentor equipado com dispositivos capazes de o transformar de molde a responder às mais variadas solicitações. Questiona-se é se a flexibilidade constitui um objectivo em si mesmo, sem falar nos custos de manutenção que estas soluções comportam.

É por isso que, em nosso entender, o carácter inovador carece de justificação e não deve constituir-se como um valor em si.

Ao pensarmos numa sala de espectáculo, onde o plano do proscénio estabelece uma barreira de dois mundos: dos que assistem e dos que actuam, ou da realidade e do ilusório se se quiser implantar uma actividade cultural empenhada de grupos que não se satisfazem a assistir a espectáculos e desejam ser mais participativos em debates com os actores, encenadores, músicos, etc. então o espaço arquitectónico anti polar de sala e palco transformar-se-á num outro onde o palco se assume como espelho da plateia.

Este é um exemplo de como uma opção poderá obrigar a soluções construtivas espaciais e inovadoras, mais ou menos complexas, mais ou menos custosas, capazes de responder eficazmente a solicitações diferentes, nunca autojustificáveis.

Tanto um espectáculo como a sala onde ele se realiza podem ser lidos e entendidos de muitos modos. No entanto, no essencial, eles reduzem-se a duas vertentes: a do público e a dos actores.

Nesta ordem de ideias...

Porque não pensar em protocolos a estabelecer com Escolas, ou com Instituições juvenis e outras?

Porque não promover a revitalização do Cineclube que teria todas as possibilidades para efectuar ciclos temáticos ou de autores?

Porque não associar o Constantino aos excelentes e já notáveis programas de música que a Câmara Municipal tem vindo a promover há largos anos?

Porque não promover a formação de um grupo de Dança ou Teatro Amador?

Porque não associá-lo a eventos importantes das numerosas colectividades culturais e recreativas do Concelho?

Poderá objectar-se que é fácil apresentar estas sugestões e que o programa prevê a possível inclusão de todas estas hipóteses, mas o seu carácter vago e generalista dificulta o desenvolvimento do projecto e traduz uma ausência já atrás referida da falta da “Instituição”, considerada pertinente.

A previsão de dois espaços com usos diferentes, um vocacionado para as artes de palco e outro “voltado para a restauração” encerra alguma ambiguidade de funções que acabam por se traduzir em ambiguidades substanciais.

De resto a função de complementaridade da área de restauração atribuída ao espaço de espectáculo e de complementaridade da sala de espectáculos atribuída ao recinto vocacionado para a restauração cria uma engenharia complexa de complementaridades que não esclarece o programa e retira valor essencial ao objectivo primeiro.

Matosinhos tem tido o seu destino, isto é, tem cumprido a sua história numa íntima ligação com a pesca. O peixe tem sido a sua alma.

O mau cheiro da sua farinha e a concentração fabril das suas conservas (e a consequente constituição do tecido social) explicam, em parte, a preservação do seu território à invasão dos interesses imobiliários que, mal se deram conta das alterações aromáticas, têm atacado em força e já quase preenchem a totalidade da área de Matosinhos-Sul.

Mas antes das grandes empresas de construção foram os grandes, médios e pequenos restaurantes, adegas e casas de pasto que mantiveram Matosinhos no mapa, com a qualidade das suas caldeiradas, dos seus mariscos, do seu peixe. Um bom jantar faz mais pelo reconhecimento de uma terra do que complicadas campanhas promocionais com sofisticados experts em engenharia turística.

A justificação apresentada para o recinto voltado para a restauração de “dar ocupação permanente ao edifício” parece traduzir alguma inflexão no carácter meritório da iniciativa da Câmara em promover o protagonismo perdido do Constantino, quando se considera a restauração como a actividade diária mais importante.

Não se adianta qualquer caracterização do público-alvo nem do tipo de restaurante pretendido e

não se apresenta uma lotação para este “recinto Restaurante/Café –Concerto”, opção mais difícil de compreender ao lado da indicação dos 250 lugares para a sala de espectáculos embora também sem qualquer justificação.

Se, como diz Vittorio Gassman, duas pessoas são o mínimo para fazer uma assistência que, por essência, exige a dimensão colectiva no acto de assistir, trata-se é de saber se 250 lugares traduz a capacidade mais adequada à sustentabilidade da sala.

Porquê 250 pessoas? Porque não 400 ou 150? E porque não uma indicação de capacidade para o café-concerto?

A leitura do programa sugere um espaço de restauração que se impõe como entidade própria e como restaurante de referência.

Julga-se que se pode satisfazer substancialmente este serviço com um equipamento do tipo cafetaria (que serve refeições ligeiras) de claro apoio à sala de espectáculos, aberto ao público exterior e que, dotado duma organização espacial conveniente, propicie a possibilidade da realização dos pequenos espectáculos previstos no Programa Preliminar.

Sintetizando:

A ideia central desta abordagem pretende acentuar o carácter de uma intervenção de matriz assumidamente urbana que transmita uma ideia identitária forte, capaz de constituir o (re)construído como referente signifiante de arquitectura na cidade.”

P60

Nome: Remodelação de Instalação Sanitária

Local: Parede, Cascais

Data: 2003

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

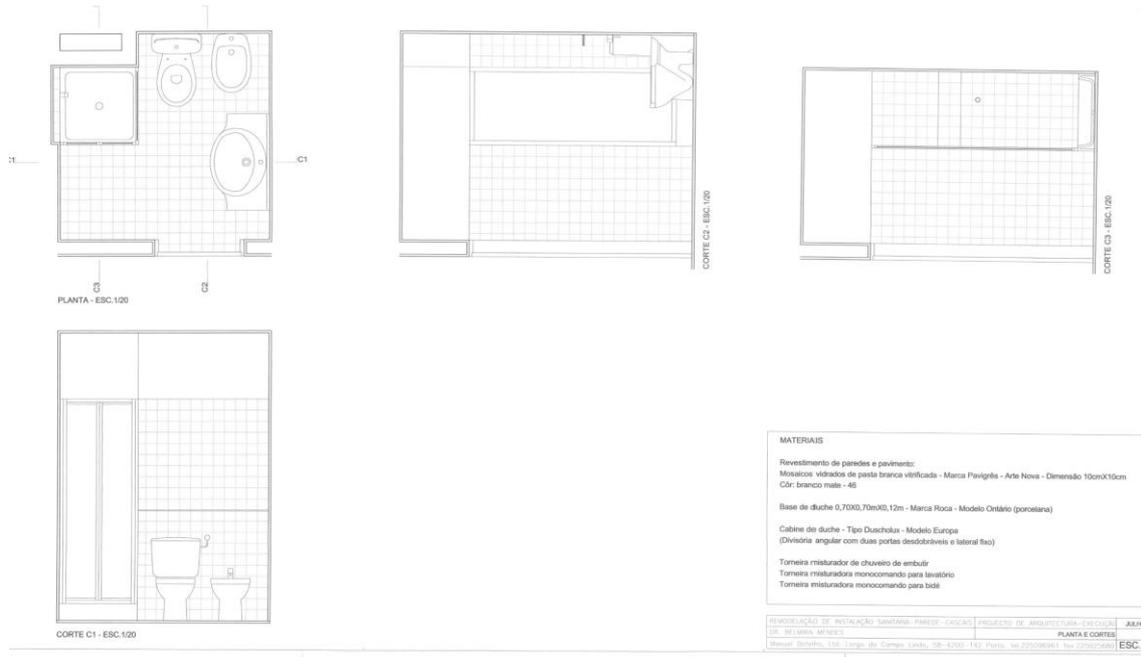
Engenharias:

Cliente: Dra. Belmira Mendes

PD_FIMS:

Da memória descritiva

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Remodelação de Instalação Sanitária. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P61

Nome: Habitação Sr. Orlando Maia

Local: Moimenta da Beira

Data: 2003

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

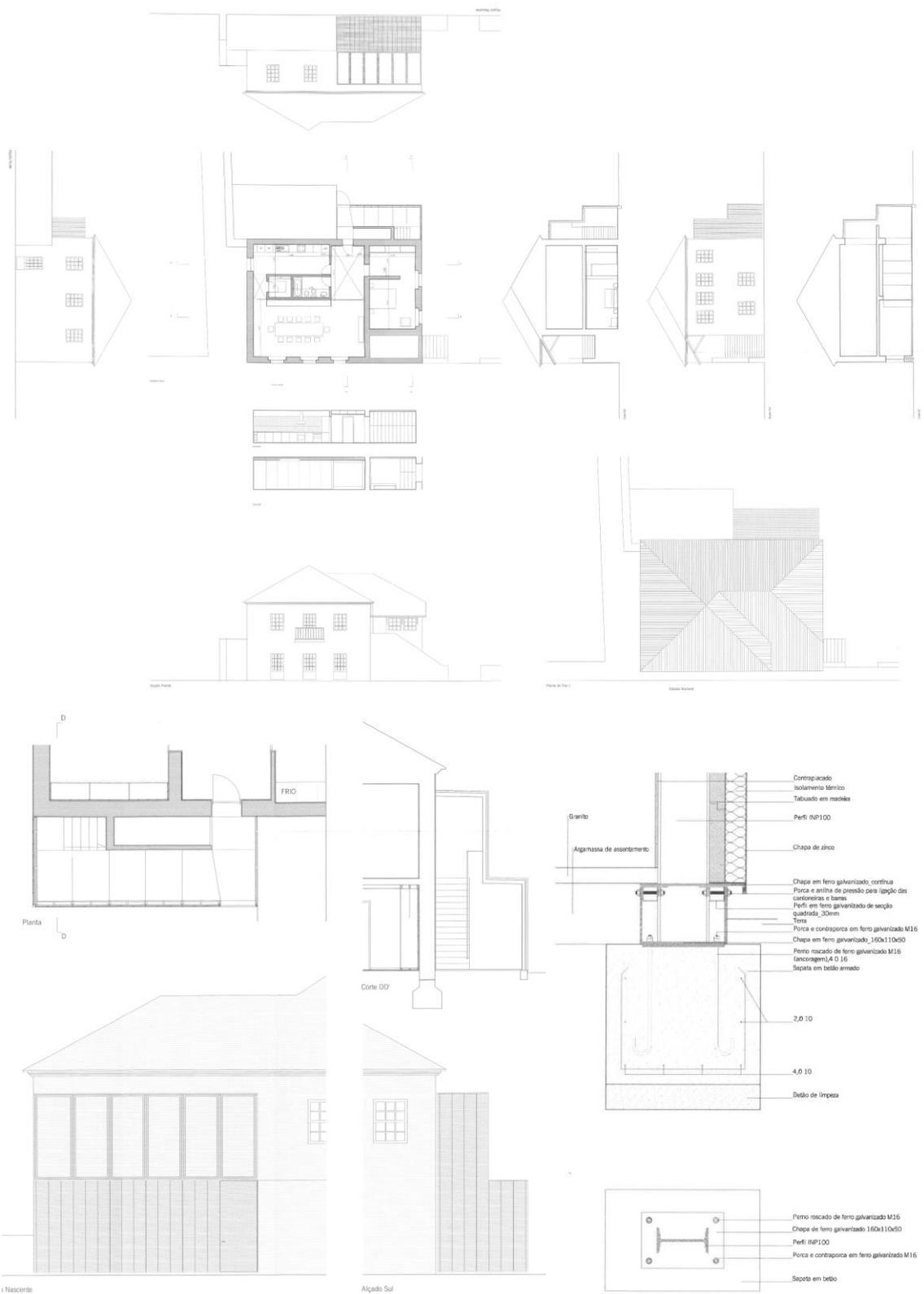
Engenharias:

Cliente: Orlando Maia

PD_FIMS:

Da memória descritiva

II. Projetos + Desenho de mobiliário e outros objetos



Desenhos do projeto, Habitação Sr. Orlando Maia. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P62

Nome: Remodelação e ampliação da casa da Família Botelho

Local: Rua Dr. Jorge Botelho, Lugar de Prado de Cima, Vila de Rua, Moimenta da Beira

Data: 2007

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

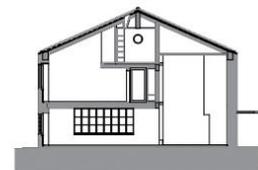
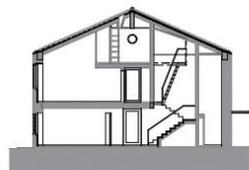
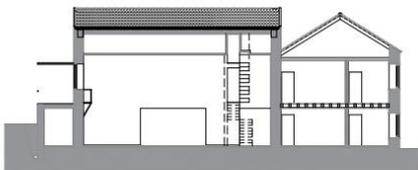
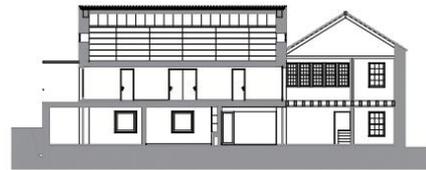
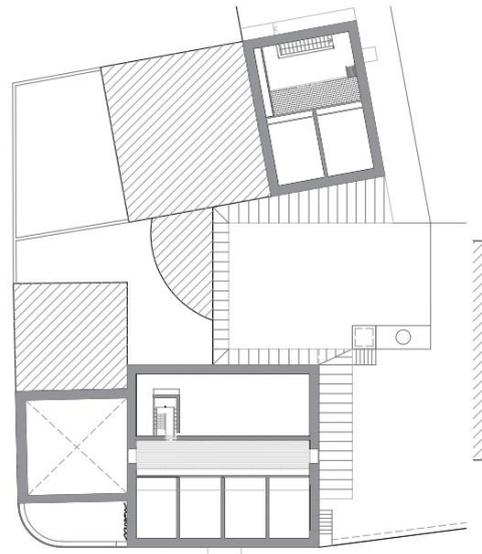
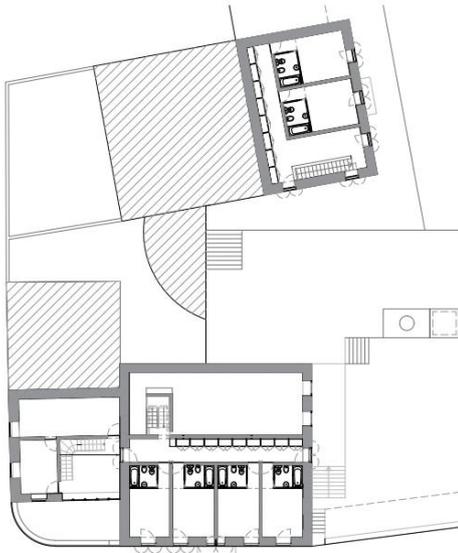
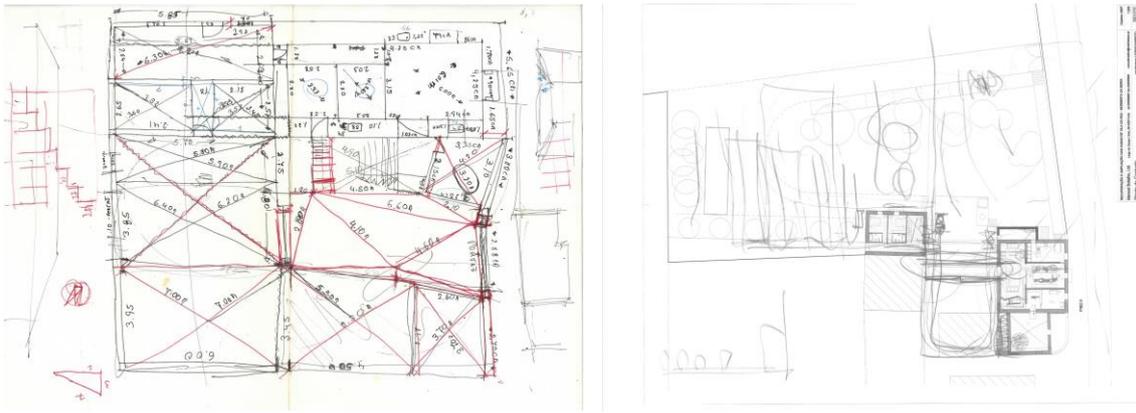
Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Joana Jago

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS: FIMS/MB/62-pd0001 _ FIMS/MB/62-pd0015 (15 peças desenhadas)

Da memória descritiva



Desenhos do projeto, Remodelação e ampliação da casa da Família Botelho. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 292/293/294/295/296 Fotografias da casa da Família Botelho

P63

Nome: Casa Dr. Américo Pais

Local: Vila da Rua, Moimenta da Beira

Data: 2007

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva: A casa existente reflete uma compartimentação rígida de espaços muito definidos, como era característico da época em que foi construída.

Hoje a maior flexibilidade dos espaços tende a diminuir corredores exíguos e meramente funcionais.

Uma simplificação na divisão da casa proporcionaria uma maior dignidade aos espaços garantindo áreas mais generosas e a hierarquia dos mesmos.

Entende-se que fazendo a entrada da casa pelo compartimento que, na planta inicial, era denominado por “sala”, a entrada seria mais digna. Este espaço, em ligação com a sala comum e os espaços de serviço, poderia ter outras valências eventuais como, por exemplo, a de leitura, de ouvir música, etc.

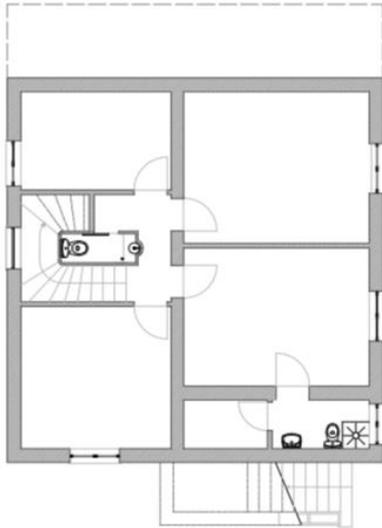
A sala comum adquiriria também maior dignidade com a demolição dos dois panos de parede ainda existentes e não exigia nenhum trabalho complicado para a manutenção da parede superior existente. Será fácil encontrar a solução técnica adequada.

Esta sala retangular expandia-se para o exterior através de varandas nos extremos, conferindo-lhe um carácter de continuidade aprazível de espaço interior- exterior.

Verificou-se que é possível localizar um quarto de banho de serviço com independência adequada, central a todos os espaços, servindo-os de modo correto sem atravessamentos pouco racionais. Verificou-se também que se garante o acesso ao piso inferior com um desenvolvimento planimétrico de escadas ligeiramente alterado, que permite a manutenção da porta exterior existente no “alçado lateral esquerdo”.

Entende-se que o critério de simplificação valoriza a casa como espaço de viver e este critério é válido para todos os pisos.

Um raciocínio semelhante pode ser feito para o piso da cave onde é possível também localizar uma casa de banho semelhante.



Planta do piso da semi-cave



Planta do piso de Rés-do-chão



Planta do primeiro piso

P64

Nome: Remodelação de um apartamento nas Antas

Local:

Data: 2008

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

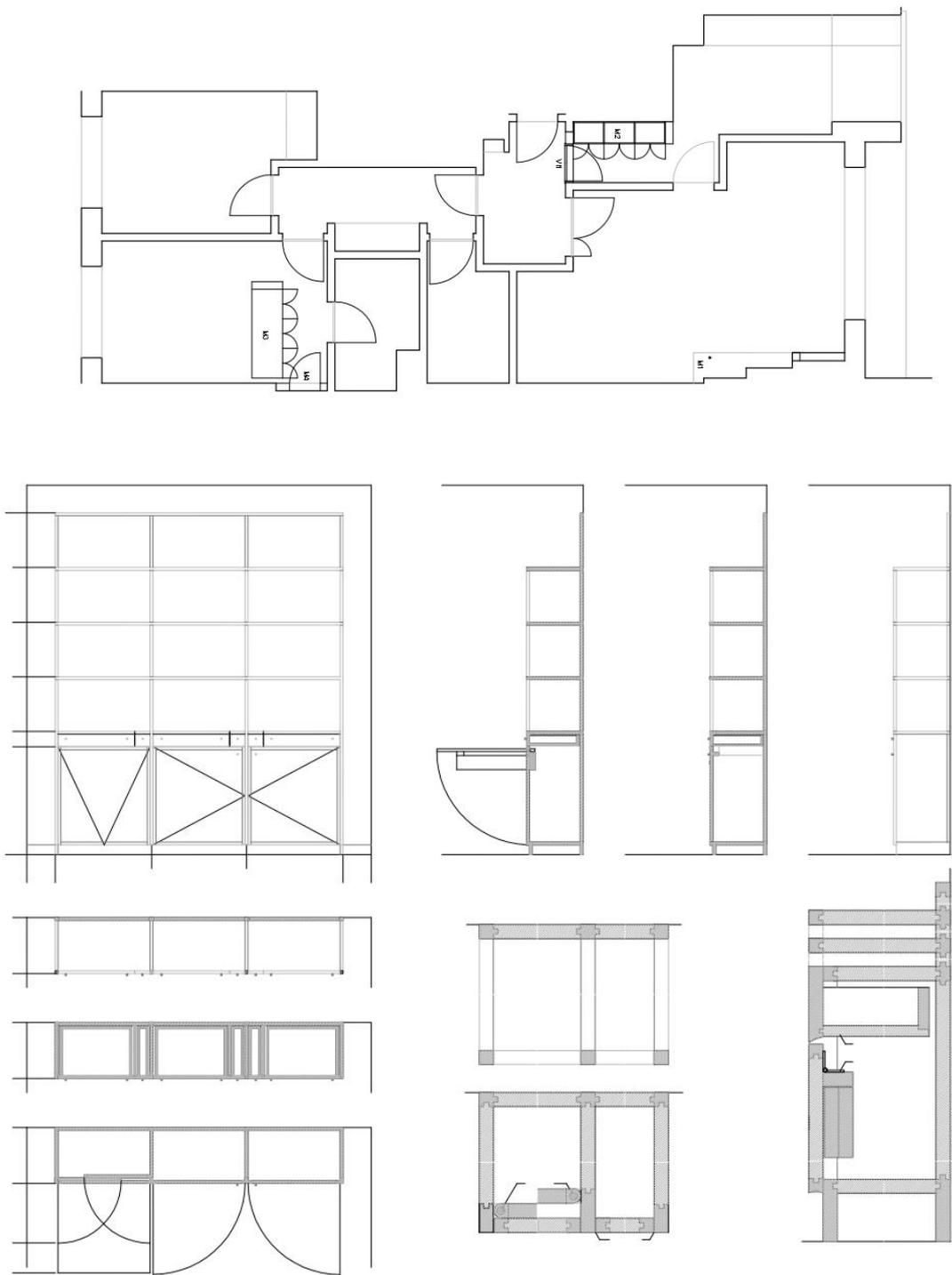
Colaboração:

Engenharias:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva



Desenhos do projeto, Remodelação de um apartamento nas Antas. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

P65

Nome: Concurso para o Projeto do Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora

Local: Vagos

Data: 2008

Estado: Concurso

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Simões, Arq. ta Rita Mazedo, Arq. ta Mariana Carvalho, Arq.to Rui Quaresma

Engenharías:

Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva:

“1 - PROJECTO de ARQUITECTURA

1 - Implantação e Envolvente

Uma escola, na sua realidade física, constitui por si mesma, uma mensagem cultural, enquanto expressão da cultura de um tempo. Por esta via transmite valores que ultrapassam os saberes específicos dos programas escolares, saberes mais abrangentes, mas igualmente essenciais.

Num CENTRO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DO PRIMEIRO CICLO DE EDUCAÇÃO DO ENSINO BÁSICO, a aprendizagem da sociabilidade é fundamental.

A Escola instituição não é uma ilha isolada. Ao lado de outras instituições, constrói a sociedade.

Isto significa que o seu espaço físico ou a sua Arquitectura deverá abrir-se a relações espaciais amplas, num diálogo com o espaço urbano, quase como metáfora de uma cidadania que se aprende e se consciencializa nas vivências quotidianas dos seus espaços utilizados.

A escola, como edifício, faz cidade.

A integração urbana do CENTRO ESCOLAR DA GAFANHA DA BOA Hora constituiu sempre motivo de reflexão fundamental na busca da ideia orientadora do projecto.

O talhão que lhe é destinado, com a forma aproximada de trapézio recto, apresenta um declive suave de nascente para poente. Sendo actualmente uma área de pinhal onde se sente a abundante areia dunar, não faz pensar em ambientes urbanos e os próprios edifícios próximos deixam a nostalgia de desconforto, que a ausência de relações e da regra normalmente provocam.

Mas os dois lados perpendiculares maiores daquele trapézio, aparecem adjacentes a duas ruas quase perpendiculares nas direcções nascente-poente e norte-sul, no PLANO DE PORMENOR DA GAFANHA

DA BOA-HORA/ FLORESTA, ruas que por sua vez desenham também. a sul, um espaço rectangular urbano a que poderemos chamar praça.

Desde o início se pensou numa Escola que constituísse parte integrante daquela Praça, com uma frente clara de edifício público marcada pela entrada principal da Escola, por se entender que o binómio de Escola e Praça traduz os termos da relação cultura e sociedade. Apresentamos até numa implantação à escala de 1:500, uma sugestão de organização possível daquele espaço urbano, com a hipótese de um acesso ao Cemitério, a partir de uma zona mais distante do Centro Escolar, na tentativa de conferir àquela praça, uma riqueza de valências que as edificações circundantes poderão proporcionar.

Mas o talhão destinado a uma ocupação urbana, inserindo-se na margem duma área da REN é quase síntese do urbano e do rural, pois se por um lado se prevê a sua relação com uma praça de matriz urbana, por outro ele liga-se a um mundo diferente de floresta.

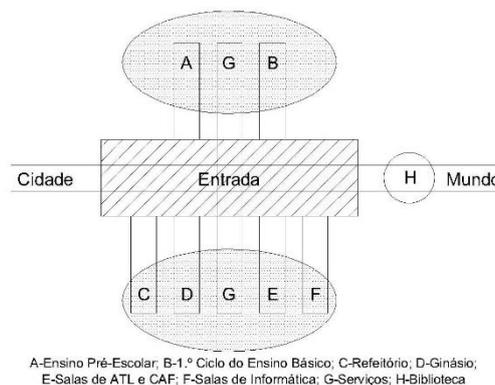
E também se procurou aproximar a Escola deste mundo, do que esta área significa, tentando aproximar o edifício do terreno natural, evitando agressividades construídas, fazendo sentir o espaço natural como um bem do mundo que merece respeito.

Esta vontade conduziu à implantação do Centro em duas plataformas a cotas diferentes que se aproximam da topografia local. A norte do edifício, a concordância das duas plataformas é feita com uma sequência de outras destinadas a hortas pedagógicas, inseridas delicadamente no terreno, e a Sul, mantêm-se a da topografia natural do terreno, num diálogo salutar do natural e construído.

Surgiu assim um Centro Escolar organizado em dois pátios a convergir para um centro de entrada que explicamos na sua organização funcional

2 - Organização Funcional.

O Centro escolar da Gafanha da Boa Hora, desenvolve-se a partir de um núcleo central que engloba a entrada e o átrio de modo claro, criando um ambiente propício a solicitações múltiplas, que pode ser traduzido no esquema apresentado a seguir.



Falamos de ambiente por se sentir a atmosfera de transição, muito marcada pela cobertura leve de policarbonato que o percorre.

Quem chega à escola sente-se convidado a entrar e a descobrir percursos que conduzem ao átrio, às salas de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico ou às salas de actividades da Educação Pré-Escolar, aos pátios internos de recreio livre, à biblioteca ou ao ginásio, dada a presença da variedade de mundos ali existente, que, no entanto, fazem um todo.

O núcleo central (Átrio/Entrada) é um ambiente de comunicação com todos os sectores da Escola, também com os espaços comuns, como são as salas de ATL e CAV, o ginásio, a biblioteca, o refeitório.

Serve tanto os espaços destinados ao 1º Ciclo do Ensino Básico como à Educação Pré-Escolar, apesar de implantados a cotas diferentes, mas que uma rampa coberta, integrada no arranjo dos espaços exteriores, liga numa continuidade espacial.

3 - Organização Funcional

A Escola organiza-se em dois núcleos: um edifício em **U** de dois pisos aberto para o nascente da entrada: e um outro edifício em banda

Os dois edifícios formam pátios: o primeiro, naturalmente dada a sua planimetria, o segundo, com o auxílio do volume resultante do revestimento exterior da rampa que une as duas plataformas a que já se aludiu.

A arquitectura dos dois pátios, ambos com a função de recreio livre com parte coberta, constituem pela sua interioridade o coração da escola. Cada vez mais se sabe que se aprende nas horas de recreio, horas tão importantes como as das aulas mesmo na sua quantificação horária, como o atestam estudos reconhecidos. Os dois pátios dialogam entre si, sendo um deles, o da Educação Pré-escolar, uma espécie de varanda sobre o outro. Ambos participam do espaço de entrada, como que a significar uma Escola aberta ao exterior e não isolada em si mesma. O pavimento do recreio no interior dos pátios será feito com uma betonilha com endurecedor, onde poderão ser instalados sistemas de jogos que requerem este tipo de pavimentos, recoberto por uma manta flexível de borracha, mas haverá sempre alguma vegetação e árvores plantadas em caldeiras feitas para esse fim.

4 - Salas de Aula e de Actividades

As salas de aula ocupam os dois pisos da ala sul do edifício em U e as salas de actividades, o edifício em banda, implantado a uma cota superior e no enfiamento da ala Sul do primeiro edifício

Estas salas gozam da exposição otimizada pela exposição a Sul, com janelas protegidas exteriormente por lâminas horizontais orientáveis. São dotadas de ventilação natural, possível mesmo em dias de chuva. As paredes divisórias, podem ser de construção seca, mas garantirão sempre o isolamento acústico regulamentar. Esta possibilidade aparece traduzida nos desenhos através de uma espessura menor.

O lambrim das salas será feito por um revestimento fenólico, que minimizará custos de manutenção.

Será dada especial atenção ao pavimento e tecto em ordem a satisfazer os regulamentos acústico, como se pode ver do pormenor à esc. 1:20.

O revestimento de pavimentos será do tipo vinílico.

As salas polivalentes respondem às exigências das salas normais de aula ou de actividades, mas localizam-se estrategicamente. A do 1º Ciclo do Ensino Básico, está situada no angulo sul-poente, a da Educação Pré-escolar destaca ao deslocar-se para o interior do pátio.

5 - Laboratórios

Posicionados no piso elevado do 1º Ciclo do Ensino Básico, no fim dos corredores alternativos que os servem à esquerda e à direita, permitem o isolamento conveniente neste tipo de espaços de expressão plástica, sem interferências na actividade didáctica da escola.

6 - Salas de Informática

As salas de informática ocupam o R/C da ala poente, numa zona mais isolada da sala de aula, do mesmo que acontece com os laboratórios, como parece ser conveniente em aulas de expressão plástica. Nestas salas, também como nas dos laboratórios, as lâminas exteriores serão verticais.

7 - Salas dos Serviços Comuns

As salas de ATL e CAF, localizam-se no piso do átrio da escola, garantindo o acesso fácil a todos os possíveis utentes.

Os alunos da Educação Pré-escolar têm acesso fácil através de rampa e corredor da ala norte, não comprometendo o normal funcionamento do 1º Ciclo do Ensino Básico.

As salas de informática localizadas no piso elevado do edifício em **U** no extremo poente da ala norte, respondem à exposição indicada no caderno de encargos e garantem um acesso facilitado aos alunos da Educação pré-escolar, que não terão a necessidade de mudar de piso.

8 - Refeitório

O refeitório está na ala poente do edifício em **U**. É servido por um corredor que contorna interiormente o edifício que consideramos da maior importância, por facilitar o acesso, com percursos alternativos aos espaços comuns da escola, a partir da ala Sul ou Norte, como já se afirmou.

O refeitório tem um pé direito mais elevado, dada a sua área e a eventual elevada presença de pessoas naquele local, mas garante-se também a ventilação natural.

O seu posicionamento, muito embora nas proximidades do átrio, garante uma certa independência do espaço escolar, o que lhe confere características de flexibilidade, como convém a este tipo de espaços. A cozinha tem acesso independente e é servida do exterior pela entrada de serviços. A janela da cozinha tem uma protecção em chapa micro-perfurada, de modo a garantir privacidade a partir do recreio exterior de jogos.

9 – Ginásio

Pelas suas dimensões poderia assumir proporções volumétricas pouco simpáticas no conjunto escolar, revelando uma volumetria agressiva numa urbanização onde a cêrcea máxima admissível é de dois pisos

A sua localização a uma cota abaixo do solo existente, resolve este problema.

Mas nem por isso se torna menos presente. O janelão aberto para o pátio da entrada confere-lhe a centralidade que ele merece para significar a importância da educação física na globalidade da aprendizagem escolar.

Acede-se ao ginásio a partir do átrio, por escadas e do coberto exterior, por rampa, tornando possível o seu eventual uso por parte da comunidade exterior à escola, sem a Escola ser devassada.

A ventilação natural é garantida como se explica em desenhos e na memória específica.

10 – Biblioteca

A imagem da biblioteca é a que mais se aproxima do imaginário infantil: imagem duma casa simples a que eventualmente apenas falta a chaminé. As próprias cores da Escola – o azul, o amarelo e o vermelho -nos transportam para imaginários da criança.

A biblioteca constitui um espaço autónomo. Está no fim do percurso de entrada e afirma-se pela forma e cor. Mas é na biblioteca que de certo modo se materializa a essência da escola, porque na biblioteca descobrem-se saberes, descobrem-se mundos. Ali, de modo muito íntimo, nasce o conhecimento e a vontade saber mais, realizando-se a síntese do ensino e investigação.

A sua autonomia, remate do eixo de entrada, tem o significado forte de símbolo.

11 – Acessos

O acesso principal da Escola é feito pela rua paralela ao Cemitério existente. É feito a partir da Praça que o plano prevê. A entrada terá uma faixa para paragem de viaturas, interrompendo o estacionamento previsto ao longo da rua.

Existe outra entrada de serviço, a partir da rua perpendicular a esta, que não interfere com o normal funcionamento da Escola.

O estacionamento interno de viaturas é feito, mais a nascente, a partir da primeira rua, não interferindo com a entrada principal.

12 - Imagem Exterior e Significado

Utilizam-se cores de uso tradicional na zona, com o cuidado de não cair na tentação fácil da mimese dos “palheiros” de Vagos.

A utilização de chapa lacada no exterior manifesta a preocupação de encontrar uma solução de manutenção fácil e económica, mas também de encontrar uma linguagem moderna de materiais actuais. Também o interior do pátio revestido a placas de policarbonato, associa uma imagem de modernidade ao conforto nos dias frios ou quentes, dada a possibilidade de ventilação.

Afirmou-se que a biblioteca era o edifício que mais se aproximava do imaginário infantil pelas cores e pela forma. A utilização do azul, do amarelo e do vermelho, curiosamente ligados a imaginários infantis, são também as cores das máquinas industriais.

Fecha-se assim um ciclo, desde o imaginário da infância ao desenvolvimento tecnológico, que pode entender-se como modernidade que respeita a memória e a tradição, modernidade que respeita o mundo e os sítios, modernidade que respeita o significado último das coisas.

2 - PROJECTO de ARRANJOS EXTERIORES

Os espaços verdes envolventes ao edifício escolar da Gafanha da Boa Hora em vagos têm funções e tipologias diferentes. Assim os espaços verdes terão as funções de enquadramento do edifício e de controlo bioclimático, de sombreamento do espaço de recreio central, de sombreamento da área de estacionamento automóvel e educação ambiental com a criação de hortas pedagógicas.

O estacionamento automóvel será sombreado com liquidambares (*Liquidambar styraciflua*) e a área de recreio com plátanos (*Platanus hybrida*). As árvores de enquadramento colocadas a Sul e a Poente serão bétulas (*Betula celtiberica*), dado que são semipermeáveis à visão, caducifólias, com um bom ritmo cromático anual, o que permite uma boa percepção da mudança das estações do ano por parte da população escolar.

Como revestimento de solo no espaço de enquadramento, será coberto com heras (*Hedera helix*) e uma sebe de piracantas (*Pyracantha coccinea*) junto ao gradeamento de vedação, que impede a saída ou entrada, dada a sua estrutura lenhosa. O pavimento exterior circundante à escola será prevalentemente poroso, muito embora o campo de jogos tenha um revestimento de manta elástica.

Segundo o arquitecto norte-americano Henry Sanoff, investigador da Universidade de Berkeley, na Califórnia, cada escola tem diferentes necessidades, razão pela qual esta deverá ter em conta as particularidades do meio. Esta escola deve ser uma segunda casa para os alunos, onde todos se sintam confortáveis, com zonas que exigem a dedicação das crianças, com a dinamização de exposições, com a plantação de hortas pedagógicas ou a manutenção de espaços verdes.

Da nova escola esperava-se que dê resposta às necessidades actuais, em termos também dos espaços exteriores e conforto ambiental, para um melhor aproveitamento escolar dos alunos e das condições de trabalho de professores e funcionários.

Esta escola foi pensada em termos ambientais, com espaços verdes, com árvores e com espaços diversificados com o poder de estimular as relações sociais e promover diferentes tipos de aprendizagem extracurriculares, ao nível da conservação da natureza, das culturas agrícolas e da jardinagem.

Pretende-se complementar o espaço de recreio com equipamento estimulante da aprendizagem, desenvolvido na Universidade da Lapónia, com uma estação informatizada e vários postes com sensores,

em que se pretende fazer do recreio um espaço de aprendizagem divertido e abrangente que envolva o corpo como um todo. Segundo Pirkko Hyvönen, gestora de projectos desta universidade, “a melhor maneira das crianças apreenderem é interactivamente, através de brincadeiras e jogos com os outros.”

Neste projecto a arquitectura e os espaços verdes articulam-se entre si, com a implementação de soluções arquitectónicas global que permite a articulação das condições ecológicas e ambientais e o espaço construído. O espaço de intervenção é planeado de acordo com as exigências técnicas e estéticas actuais, mas também com uma relação e escala humana, de modo a reunir condições de bem-estar para os alunos, docentes e funcionários.

O ajustamento das actividades humanas com o ambiente e o meio envolvente permite encontrar soluções de equilíbrio para um desenvolvimento sustentado. Assim, há lugar à intervenção paisagista, para a diminuição da poluição atmosférica, aquífera, sonora e visual. A utilização de vegetação permite minimizar muito os problemas de poluição, melhorar o valor cénico do local e criar conforto bioclimático.

3 - PROJECTO de MOVIMENTO GERAL de TERRAS

1. Objecto e Princípios Básicos

A presente memória descritiva refere-se ao estudo do movimento geral de terras no âmbito do projecto do Centro Escolar da Gafanha da Boa Hora.

A implantação do Centro Escolar indicada no estudo de Arquitectura fornecido implica a intervenção ao nível da topografia existente de forma a criar as condições necessárias para a implantação do edifício, do parque de estacionamento e dos arranjos exteriores.

2. Princípios de Intervenção

A intervenção de movimentos de terra terá por base o levantamento topográfico da zona.

Depois de definidas as cotas de fundação e de implantação dos edifícios, será determinado o volume de escavação e aterro a realizar. Dependendo das condições determinadas pela prospecção geológica, será determinada a forma de tratamento da envolvente da implantação dos edifícios. Em princípio a envolvente será trabalhada em taludes com inclinação adequada à sua estabilidade e pequenos muros de espera.

3. Trabalhos a realizar

De uma maneira geral, os trabalhos a executar são:

- Limpeza geral do terreno.
- Realização dos taludes com inclinação adequada a garantir a sua estabilidade e segurança ou dos muros de suporte necessários à moldagem do terreno.
- Escavação e aterro até às cotas de implantação definidas no projecto de arquitectura. Serão eliminados todos os troncos, raízes e materiais inconvenientes. As escavações serão executadas para cumprir o projecto de fundação e as cotas de fundo de caixa dos pavimentos térreos e ter-se-á especial atenção à eventual existência de solos incoerentes, argilas, lodos ou entulhos.
- Transporte dos produtos provenientes da escavação.
- Transporte e colocação das terras de empréstimo necessárias aos aterros.
- Compactação das zonas de aterro com solos seleccionados devidamente regadas e compactadas por meios mecânicos.

4. Equipamentos

A definição dos equipamentos necessários à execução dos trabalhos dos movimentos de terra será definida posteriormente

4 - PROJECTO de FUNDAÇÕES, CONTENÇÕES e ESTRUTURAS

1. Objecto e princípios básicos

A presente memória descritiva refere-se à concepção das soluções estruturais para o Centro Escolar da Gafanha da Boa Hora, Vagos, Aveiro.

A solução pretende responder aos seguintes pressupostos comuns:

Adequação ao projecto de arquitectura, optando-se por soluções estruturais estudadas em conjunto, com o objectivo de um bom desempenho das soluções.

- Utilização de materiais e métodos construtivos que garantem elevados padrões de qualidade e durabilidade ao longo do tempo de vida útil dos edifícios, com reduzida manutenção.
- Racionalização dos esquemas estruturais e optimização do dimensionamento dos vários elementos, permitindo a economia da solução global.
- Cumprimento de rigorosos critérios de segurança e bom comportamento estrutural de todas as componentes dos edifícios, não só em termos de “estados limite últimos de resistência”, mas ainda de funcionamento em “condições de serviço”, seja pelo controle da fissuração em elementos de betão armado, seja pela limitação dos valores de vibrações e deformações.
- Utilização de soluções passíveis de serem executadas com métodos construtivos correntes de forma a minorar o custo da Obra, a possibilidade de erros e os riscos de acidentes de trabalho.

2. Concepção e soluções adoptadas

A solução de Arquitectura concebida prevê uma edificação com três corpos dispostos ao longo de três cotas diferentes.

O edifício com a forma de U, tem dois pisos e cerca de 37m por 32m de desenvolvimento. A estrutura será integralmente em betão armado, com pilares e paredes que apoiam lajes aligeiradas de funcionamento fungiforme.

A resistência da estrutura às acções horizontais – vento, sismo será assegurada pelas paredes de betão.

O edifício do pavilhão gimnodesportivo será executado em estrutura metálica constituída por terças, madres e asnas que por sua vez apoiam em pilares, que descarregam em sapatas de fundação directa.

3. Acções de dimensionamento

Em termos de acções de dimensionamento, para além do peso próprio dos vários elementos estruturais, serão consideradas as acções variáveis, de acordo com a legislação em vigor.

A acção do vento (embora não condicionante) aplica-se às fachadas expostas e cobertura do edifício, com os coeficientes de forma regulamentares.

Quanto à acção sísmica, relativamente pouco relevante nesta zona, será quantificada por métodos dinâmicos, com consideração dos modos de vibração.

4. Fundações

As fundações serão dimensionadas tendo como pressuposto é um terreno arenoso, a confirmar após a abertura dos caboucos.

Será dada especial atenção às condições hidrogeológicas, uma vez que esta zona é caracterizada por níveis freáticos elevados.

5. Contenção periférica

Não se prevê a realização de contenção periférica uma vez que as condições de fronteira para execução dos muros de suporte não o justificam.

5 - PROJECTO de INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS, TELECOMUNICAÇÕES E SEGURANÇA

A presente memória descritiva refere-se às instalações eléctricas, de telecomunicações e segurança (activa e passiva) para um edifício escolar.

Pretendemos conceber instalações técnicas ecológicas e económicas do ponto de vista da construção e da sua manutenção. Os sistemas aplicados serão concebidos com segurança, tendo em consideração a sua disponibilidade, o conforto, a funcionalidade, a operacionalidade e manutenção, tendo em consideração que se trata de uma escola.

As instalações a considerar em fases posteriores serão as que a seguir se enumeram.

Electricidade - Rede de alimentação de quadros eléctricos e quadros eléctricos; Iluminação normal e de segurança (interior e exterior); sinalização de saída; Tomadas de usos gerais e força, Alimentação de equipamentos; alimentação de energia de emergência; Protecção contra descargas atmosféricas, Rede de terras, Sistema de chamada para WC de Menos Válidos; Instalações de relógio mãe e campainhas. Calhas de rodapé e esteiras metálicas;

Telecomunicações (ITED) - Instalações telefónicas gerais, Instalações de rede de cablagem estruturada (para voz e dados) e Instalações de recepção e distribuição de sinais TV/R;

Segurança Activa – Sistema automático de Detecção de Incêndio (SADI), Sistema Automático de Detecção de Intrusão (SADIR), Circuito Fechado de Televisão (CCTV), nos compartimentos a indicar pelo Dono de Obra;

1. Instalações eléctricas

A alimentação de energia será projectada a partir de um Posto de Transformação, privado.

Para alimentação, em caso de falha e/ou abaixamento da tensão da rede normal, da generalidade do equipamento de telecomunicações, informático e de parte do equipamento de segurança, propõe-se a instalação de equipamentos dotados de fontes de alimentação autónomas (UPS).

Para as instalações de Iluminação de Segurança propõe-se a instalação de um grupo Gerador.

As instalações eléctricas serão dimensionadas em função das necessidades específicas de cada sala e/ou espaço conforme programa do concurso. Os critérios de dimensionamento das secções dos condutores e das protecções das canalizações eléctricas serão os prescritos nas RTIEBT (Regras Técnicas das Instalações Eléctricas de Baixa Tensão), tendo em atenção as condições de queda de tensão, de aquecimento e de sobre-intensidades (sobrecargas e curto-circuitos). No cálculo das redes de distribuição aplicar-se-á o critério de determinação da secção mais económica para os condutores.

A concepção da iluminação procurará soluções que obedeça ao critério do Arquitecto responsável de forma a obter-se um ambiente coerente com a linguagem da arquitectura e com o ambiente próprio de cada um dos espaços, tendo sempre como base os índices de iluminação recomendados no programa do concurso para os diferentes locais e na falta de indicação serão adoptados os índices de iluminação recomendados para os diferentes tipos de espaços nas tabelas luminotécnicas internacionais (CIE), assim como a Norma EN 12464-1 de 2002.

A alimentação da iluminação de segurança nas componentes circulação e sinalização, será assegurada através do emprego de kit's de emergência a instalar nas armaduras de iluminação normal e por intermédio de blocos autónomos (letreiros de saída), dotados de sinalética adequada e visível de qualquer ponto interior do edifício, por forma a facilitar a evacuação rápida e segura das pessoas, em caso de emergência. Em complemento esta iluminação desempenhará ainda a função de iluminação de vigília, permitindo a movimentação, com segurança, do pessoal responsável pela vigilância do edifício nos

períodos em que este se encontre encerrado. Em todos os casos será garantido o funcionamento desta iluminação por um período não inferior a uma hora em caso de falha de energia da rede normal.

Para conseguir um baixo consumo de energia, a otimizar-se o rendimento luminoso das lâmpadas, a sua vida útil e a evitar o efeito estroboscópico., as armaduras de iluminação e candeeiros serão equipados, maioritariamente, com lâmpadas economizadoras PL, fluorescentes tubulares e balastros electrónicos (silenciosos), se aplicável. Nos locais de circulação técnica, depósitos, arrumos, etc. a iluminação será por intermédio de armaduras equipadas com lâmpadas economizadoras PL, fluorescentes tubulares, apliques e projectores. Pontualmente poderão ser empregues projectores equipados com lâmpadas de descarga ou de halogéneo.

No que respeita aos comandos de iluminação interior, estes serão instalados à entrada de cada compartimento, sempre a uma altura não inferior a 1,5m do pavimento nas salas de aula, e salas de pessoal, já que se trata de uma escola, e centralizado nos quadros eléctricos, ou em quadros específicos de comando de iluminação só acessíveis ao pessoal, no caso dos espaços comuns, tais como cantinas, espaços polivalentes, corredores, átrios, etc. Soluções com detectores de presença, nomeadamente para os compartimentos dos balneários, e sensores de luminosidade para exterior serão ainda contempladas.

Para alimentação de equipamentos será prevista a instalação de tomadas para usos gerais, que em qualquer caso, serão instaladas a uma cota de cerca de 1,6m do pavimento, sempre dotadas de dotadas de alvéolos protegidos, atendendo a que estamos na presença de uma escola com utilização feita por crianças. Para equipamentos específicos, de outras especialidades, nomeadamente hidráulicas e mecânicas, serão previstas alimentações nos locais a indicar pelas respectivas especialidades.

Para protecção de descargas atmosféricas, e se o Guia Técnico de Pára-Raios da DGE assim o indicar, será projectado pára-raios constituído por hastes de Franklin.

Serão projectadas redes de terras de protecção e serviço necessárias, sendo constituídas por emalhados de cabos de cobre nu, a instalar durante a execução das fundações do edifício. Pretende-se que estas redes sejam de eficazes na protecção de pessoas, considerando que a resistência de terra seja baixa, de tal forma que possa provocar a actuação dos aparelhos sensíveis à corrente de defeito para tensões de contacto muito baixas. Para garantir a protecção de pessoas contra contactos indirectos, serão ligados à terra de protecção, todas as massas metálicas das instalações.

2. Instalações de telecomunicações – ited

As Instalações telefónicas a projectar contemplarão uma rede privada com base num PPCA-D destinado ao serviço de voz. A esta rede ligarão os transmissores de alarme das instalações de segurança (intrusão e incêndio) e os telefones públicos a instalar.

Para além da instalação telefónica propõe-se uma rede de cabeleagem estruturada da categoria 6, destinada ao suporte das comunicações de voz, dados e imagem, com pontos de acesso nos locais especificados no programa do concurso e outros.

A instalação de recepção e distribuição de sinal de radiodifusão sonora e televisiva que se propõe destina-se a alimentar tomadas de TV e rádio nos locais assinalados no programa de concurso.

6 - PROJECTO de AVAC (SISTEMA de ENERGIA SOLAR)

A presente memória descritiva refere-se às instalações e equipamentos mecânicos de aquecimento e ventilação destinadas ao centro escolar em Gafanha da Boa Hora.

O Centro Escolar será dotado de um sistema de aquecimento central constituído por uma caldeira para a produção de água quente, e unidades terminais do tipo radiadores e unidades de tratamento de ar novo. Apesar de vir referido no caderno de encargos que sendo a zona climática II não ser necessário

aquecimento, no nosso entender, para garantir uma temperatura não inferior de 20°C é necessário ter um sistema de Aquecimento.

O edifício será dotado de um sistema de aquecimento central, constituído por unidades terminais do tipo radiadores a 2 tubos. Todos o edifício será igualmente dotado de um sistema de renovação de ar, através de uma unidade de tratamento de ar novo, equipada com módulo de ventilação, módulo de filtragem, módulo de aquecimento e recuperação de calor. A bateria de água quente será alimentada por água proveniente da fonte térmica centralizada, referida anteriormente, Caldeira.

A recuperação de calor através da unidade de tratamento de ar novo, apenas funcionará na estação de aquecimento dado que na estação de arrefecimento o ar novo é admitido de forma natural nos respectivos espaços. A recuperação de calor, na estação de aquecimento, permite que se reduza substancialmente a potência necessária para aquecimento do ar novo a insuflar nas respectivas salas de aula e afins.

A cozinha será dotada de um sistema de renovação de ar, através da unidade de tratamento de ar novo (UTAN), já referida.

A cozinha será ainda munida de uma hotte de exaustão compensada, com um sistema de filtragem de cheiros, e em que o ar compensado será aquecido através de uma bateria de água quente acoplada um ventilador de insuflação. A extracção da hotte será feita pelo ventilador de extracção.

A hotte da cozinha será equipada através de um sistema de extinção de incêndio com recurso a agente extintor que consiste num líquido, próprio para extinção de fogos que se desenvolvam em gorduras, com um elevado efeito residual para prevenir reignições, tendo a propriedade de saponificar em contacto com a gordura. O agente de extinção deverá ser essencialmente composto por uma solução aquosa de sais orgânicos e potássio com um valor de pH reduzido, nomeadamente o ANSULEX.

O refeitório será infra estruturado com um sistema de climatização constituído por uma unidade de tratamento de ar, equipada com módulos de ventilação (insuflação/retorno), módulo de filtragem, modulo de 3 vias, módulo de aquecimento e modulo de recuperação de calor por placas.

O Ginásio serão infra-estruturado com um sistema de climatização constituído por uma unidade de tratamento de ar, equipada com módulos de ventilação (insuflação/retorno), módula de filtragem, módula de 3 vias e módulo de aquecimento.

O ginásio será ainda dotado de um sistema de desenfumagem passiva constituído por ventiladores estáticos (clarabóias) e respectiva central de desenfumagem.

Para além da função de desenfumagem, será aproveitado o sistema para utilização em função de ventilação natural, pelo que será associado uma botoneira de ventilação e um sensor de chuva para fecho automático em caso de condições climatéricas desfavoráveis.

O sensor de chuva terá prioridade sobre o comando manual de ventilação e a botoneira de emergência terá prioridade sobre o sensor de chuva.

O baixo valor de coeficiente de transferência de calor (u), associado a uma elevada inércia térmica, do edifício, possibilitam um baixo consumo de combustíveis para aquecimento dos espaços interiores. O baixo valor de transferência de calor evita deste modo que se tenham perdas exageradas de calor pala envolvente do edifício.

A boa qualidade da caixilharia proposta permite que se evitem elevadas infiltrações, desnecessárias e responsáveis por um elevado aumento das necessidades de aquecimento.

Na época de arrefecimento um conjunto de factores possibilita que se evite o recurso a unidades de arrefecimento. A elevada inércia térmica do edifício associada a uma ventilação natural dedicada, com recurso a grelhas de alhetas reguláveis colocadas estrategicamente nas fachadas exteriores, permite que o pico de maior calor no interior do edifício seja desfasado relativamente à hora de ocupação do mesmo.

As protecções solares existentes nos vãos envidraçados evitam de igual modo o sobreaquecimento das respectivas salas de aula e restantes espaços em geral.

Os ganhos solares são aproveitados ao longo de todo o ano para aquecimentos das águas quentes sanitárias, utilizando deste modo um conjunto de painéis solares, orientados Sul, associados a um depósito de acumulação.

No presente projecto optou-se como combustível o gás natural, principalmente devido ao seu elevado poder calorífico, 10.5kWh/m³, além de um custo em €/kWh, mais baixo que o gasóleo ou gás propano. Possibilitada assim uma elevada redução de custos com o aquecimento central.

7 - PROJECTO de REDES de ABASTECIMENTO de ÁGUA e de DRENAGEM de ÁGUAS RESIDUAIS e PLUVIAIS

1 – Introdução

Refere-se a presente memória ao estudo das redes de Abastecimento de Água, Extinção de Incêndios e Drenagem de Águas Residuais Domésticas e Pluviais do Centro Escolar da Gafanha da Boa Hora.

Passamos a descrever os aspectos referentes às diversas redes, âmbito do presente estudo.

2 - Rede de abastecimento de água

2.1 – Descrição Geral

A alimentação de água aos equipamentos será feita a partir de um reservatório, no caso da rede pública ser insuficiente. A necessidade de um grupo hidropressor dependerá das condicionantes de localização do reservatório.

O contador será instalado em armário próprio.

Existe também a necessidade de dimensionamento de uma rede de águas quentes sanitárias para serviço do refeitório e balneários.

2.2 - Dimensionamento das condutas

O dimensionamento da rede de água fria e de água quente será feito com base nos caudais unitários atribuídos aos diferentes dispositivos de utilização

Será adoptado o método apresentado no "Regulamento Geral dos Sistemas Prediais Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Residuais", onde o caudal de cálculo de cada troço da rede é calculado a partir da soma dos caudais instantâneos dos aparelhos sanitários servidos. Este método é baseado numa curva de consumos para um nível de conforto médio que nos dá estatisticamente o caudal de cálculo.

Obtidos os caudais de cálculo de cada troço da rede, a fixação dos respectivos diâmetros terá em vista a obtenção de velocidades de escoamento que não fossem excepcionalmente baixas que permitissem a formação de depósitos nas canalizações e conseqüentemente de incrustações, nem demasiado elevadas que conduzam a vibrações geradoras de incomodidade acústica.

2.3 – Materiais

No interior do edifício a tubagem de distribuição será em tubo PEAD.

A tubagem desenvolve-se suspensa junto ao tecto quando assume um carácter de distribuição e passará a ser embebida nas paredes divisórias quando entrar nas instalações sanitárias e/ou na alimentação aos dispositivos de utilização. Todas as instalações serão seccionadas através de uma válvula localizada na entrada da água para cada instalação sanitária.

3 – Rede de extinção de incêndios

3.1 - Descrição Geral

Serão instaladas colunas secas que alimentará bocas-de-incêndio de carretel localizadas de modo a garantir que, com mangueiras de 25 m, seja possível a intervenção dos utilizadores em toda a área de construção. A alimentação à rede é realizada através de uma válvula siamesa instalada junto da entrada principal do edifício.

3.2- Critérios de Dimensionamento

A rede de incêndio será dimensionada de acordo com os critérios definidos na legislação em vigor.

3.3 - Materiais

No interior dos edifícios toda a rede de extinção de Incêndio será em ferro galvanizado e será sempre instalada à vista (em tecto falso quando aplicável).

As bocas-de-incêndio serão equipadas com mangueiras semi-rígidas que permitem que mesmo parcialmente enroladas debitem o caudal necessário. A sua instalação será em caixa metálica.

4 - Rede de drenagem de águas residuais domésticas

4.1 - Descrição Geral

A drenagem residual doméstica será concebida na forma de um sistema de drenagem gravítica dos efluentes.

A rede de esgotos terá uma ventilação secundária constituída pela introdução de colunas de ventilação até à cobertura. Em todas as mudanças de direcção bem como nas extensões muito grandes serão instaladas bocas de limpeza.

4.2 – Dimensionamento

O dimensionamento dos diferentes ramais de descarga e ramais de ligação entre caixas de visita será feito através do método apontado pelo "Regulamento das Redes de Abastecimento de Água e Drenagem de Águas Residuais". Neste método os caudais de cálculo são determinados a partir do somatório dos caudais instantâneos dos aparelhos servidos. Em seguida será feito o dimensionamento dos tubos de queda e o cálculo dos ramais de ligação. A capacidade de transporte dos colectores é obtida através da fórmula de Manning Strickler.

4.3 - Materiais

4.3.1 - Ramais de descarga, Tubos de Queda e Ramais de Ligação

Os ramais de descarga e tubos de queda serão previstos em PVC rígido de classe de resistência a especificar.

4.3.2 - Caixas de visita

As caixas de visita serão localizadas em cada mudança de direcção, inserção ou cruzamento de tubagens. Estas caixas serão enterradas, e serão construídas em blocos maciços de betão assentes com argamassa de cimento e areia, sobre fundação adequada. Interiormente será efectuado um reboco hidrófugo de cimento e areia bem queimado à colher e sem arestas vivas. No fundo das caixas haverá as meias canas (ou caleiras) para encaminhamento do esgoto, também bem queimadas à colher (estanhadas). As soleiras serão em lajes de betão ciclópico, destinadas também a servir de fundação às paredes. A cobertura será em betão armado, sendo as tampas e aros em ferro fundido com vedação hidráulica e serão eventualmente rebaixadas para permitir o mesmo acabamento do piso onde estão inseridas.

4.3.3 - Colectores Prediais

Os colectores prediais enterrados e suspensos serão em PVC rígido. Serão previstas juntas de dilatação para se conseguirem neutralizar os efeitos das variações térmicas quer do betão, quer da tubagem. Para as redes suspensas serão previstas abraçadeiras de fixação e/ou de passagem.

5 - Rede de drenagem de águas pluviais

5.1 - Descrição geral

A rede de águas pluviais engloba a drenagem e condução das águas afluentes às coberturas e pátios até às infra-estruturas existentes.

No caso de coberturas planas, será considerada a concordância de pendentes de forma a encaminhar as águas pluviais para descidas pontuais através de ralos de pinha. As águas pluviais são recolhidas em tubos de queda que as conduziram até ao nível do solo. No fim dos tubos de quedas serão previstas caixas de visita que fazem a ligação à rede de recolha de águas pluviais do solo. Esta, por sua vez, fará a ligação à rede de drenagem pública ou a um reservatório de recolha para posterior utilização na lavagem de pavimentos, rega de zonas verdes e rede de abastecimentos dos sanitários.

Será também prevista uma rede de drenagem de muros de suporte e outra rede para eventual rebaixamento do nível freático.

5.2 - Dimensionamento

O dimensionamento da rede será feito de acordo com o estipulado no "Regulamento Geral de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Residuais".

Para a determinação dos caudais afluentes será considerado os coeficientes de escoamentos e a intensidade de precipitação de acordo com as condições definidas para a região. O tempo de retorno do cálculo será de 5 anos.

5.2.1 - Tubos de queda

Os tubos de queda serão dimensionados em função dos parâmetros atrás referidos, pelo método apresentado no "Regulamento Geral de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Residuais". Neste método a capacidade de transporte depende da carga hidráulica sobre o tubo de queda e da configuração da boca de entrada na cobertura.

5.2.2 - Caudais de cálculo

O caudal de escoamento dos ramais de ligação entre caixas será determinado para cada secção pelo Método Racional. Os colectores, de secção circular, serão dimensionados pela fórmula de Manning-Strickler.

5.3 - Materiais

Os tubos de queda serão em PVC rígido devendo os tubos que fazem a transição entre coberturas ser em aço inox.

Os colectores suspensos serão em PVC rígido e serão instaladas bocas de limpeza em todas mudanças de direcção.

Os ramais de ligação entre câmaras de visita são em PVC. Os drenos dos muros de suporte serão em PVC corrugado perfurado.

8 - PROJECTO de REDE de GÁSA presente memória descritiva refere-se à rede interna de gás.

A rede de gás será dimensionada para gás natural e irá servir a cozinha e a caldeira.

Esta deverá cumprir todos os regulamentos em vigor.

9 - PROJECTO de REDE de SEGURANÇA INTEGRADA

Segurança contra incêndio e intrusão

1. Medidas de segurança contra os riscos de incêndio

Os critérios gerais de dimensionamento das medidas de segurança contra os riscos de incêndio serão baseados nas prescrições e regulamentos aplicáveis - DL 414/98 de 31 de Dezembro (Regulamento de Segurança Contra Riscos de Incêndio em Edifícios Escolares), nas regras técnicas do Instituto de Seguros de Portugal, nas normas portuguesas aplicáveis, ou na falta destas em normas europeias.

1.1 Medidas passivas

No âmbito das medidas passivas, em função da altura do edifício, das ocupações e da classificação dos riscos presentes em cada local, serão considerados os aspectos seguintes:

- Condições de acesso ao edifício (vias de acesso e pontos de entrada dos bombeiros);
- Resistência ao fogo dos elementos estruturais;
- Medidas de compartimentação corta-fogo, isolamento e protecção no interior do edifício (e de cada sector de compartimentação) dos locais que apresentem riscos especiais ou agravados;
- Medidas de isolamento de canalizações e condutas;
- Medidas de protecção dos vãos de comunicação;
- Características de reacção ao fogo dos materiais de acabamento interiores, mobiliário e decoração;
- Características de resistência e reacção ao fogo das paredes exteriores e coberturas e dos elementos de obturação dos vãos respectivos;
- Concepção dos espaços interiores, tendo em atenção os riscos presentes em cada local, com vista à definição e dimensionamento dos caminhos de evacuação (acessibilidade das saídas, seu número, localização e limitação das distâncias a percorrer) de forma a garantir a rápida evacuação de todas as pessoas que estejam no local;
- Critérios a aplicar no controlo dos fumos nos diferentes compartimentos corta-fogo, vias de evacuação protegidas, pátios interiores e locais com riscos especiais;

1.2 Medidas activas

Relativamente às medidas activas, em função da legislação em vigor, serão estabelecidos os critérios de segurança a que devem obedecer as instalações técnicas, os meios alarmes e de extinção seguintes:

- Condições a respeitar pelos equipamentos eléctricos de potência e locais de instalação respectivos e as instalações eléctricas de segurança;
- Condições a respeitar pelas instalações de iluminação normal e de segurança (ambiente, circulação e de sinalização de saídas) em função dos riscos presentes em cada local;
- Condições a respeitar pelas instalações de ventilação, aquecimento e de tratamento de ar;
- Condições a respeitar pelas instalações de confecção de alimentos;
- Condições a respeitar pelas instalações de detecção, alarme e alerta de incêndio (SADI);
- Determinação dos meios de extinção exigíveis (para primeira intervenção e para intervenção dos bombeiros) e indicação das condições a respeitar pelas instalações de extintores portáteis, da rede de incêndio armada, hidrantes exteriores e meios de extinção para locais com riscos especiais;
- Condições a respeitar por outras instalações técnicas, nomeadamente instalações de armazenamento e utilização de líquidos e ou gases combustíveis e as instalações de pára-raios;
- Condições a respeitar pelas instalações mecânicas de desenfumagem (activa).

1.2.1. Sistema automático de detecção de incêndio - SADI

Propõe-se um sistema de detecção e alarme de incêndio (SADI) constituído por quadro de comando e sinalização, sensores automáticos de fumos e temperatura, pontuais, para a generalidade dos compartimentos e circulações, botões de alarme manual, para as circulações e junto das saídas de piso e

do edifício, e transmissor de alarme ao Corpo de Bombeiros local e/ou responsável pela segurança contra incêndio. Este sistema deverá ser ainda dotado dos dispositivos necessários ao comando de portas corta-fogo, registos corta-fogo e ascensores. Este sistema será dimensionado de acordo com a RT4 do ISP, tendo ainda em atenção as normas portuguesas aplicáveis e a norma europeia EN54.

2. Medidas de segurança contra os riscos de intrusão - sair

2.1 Medidas passivas

As medidas passivas a adoptar, essencialmente do âmbito da arquitectura, terão em atenção os níveis de segurança pretendidos pela escola e serão asseguradas pelas barreiras arquitectónicas a estabelecer entre o exterior e o interior do edifício e, no interior deste, entre locais de acesso livre e os locais de acesso restrito.

Assim, para além das características de resistência às acções de arrombamento dos elementos de obturação dos vãos a proteger (portas, janelas, lanternins, etc.), será estabelecido um plano de mestragem de chaves e acessibilidades.

2.2 Medidas Activas

Estas medidas, para além de dissuasivas, complementam as medidas passivas e terão como objectivo principal detectar (o intruso), avisar (o vigilante) e alertar (policia ou empresa de segurança) de qualquer intrusão ou tentativa de intrusão o mais precocemente possível.

Será projectada uma Central de Alarmes que, em caso de intrusão, fará soar um alarme bem como permitirá a transmissão deste alarme a PSP.

Os sistemas acima mencionados referem-se ao sistema de detecção volumétrica e ao sistema de circuito fechado de televisão (CCTV).

Para controlo das entradas em compartimentos específicos, a indicar pelo dono de obra, será previsto um sistema de controlo de acessos activado por cartão ou código, e com possibilidade de registo das entradas

10 - (PROJECTO) de CONDICIONAMENTO ACÚSTICO

1 - Introdução

A presente Memória Descritiva e Justificativa refere-se ao Estudo Prévio Simplificado de Comportamento Acústico relativo ao Concurso Público para a elaboração do Projecto do Centro Escolar da Gafanha da Boa Hora, de que é contratante o Município de Vagos. Apresentam-se nesta fase os requisitos acústicos regulamentares aplicáveis aos edifícios escolares e as implicações construtivas dessas mesmas exigências na proposta de projecto.

2 - Requisitos acústicos – exigências regulamentares

O Regulamento Geral do Ruído (RGR), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de Janeiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 18/2007, de 16 de Março, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 278/2007, de 1 de Agosto, estabelece o regime de prevenção e controlo da poluição sonora, visando a salvaguarda da saúde humana e o bem-estar das populações. Na elaboração dos projectos de condicionamento acústico aplica-se o Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios (RRAE), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 129/2002, de 11 de Maio e alterado pelo Decreto-Lei n.º 96/2008, de 9 de Junho.

Aos edifícios escolares são aplicáveis os requisitos definidos no Artigo 7.º do Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios (RRAE), que incluem:

- Isolamento sonoro entre o exterior do edifício (emissão) e o interior (recepção) – Quadro 1;
- Isolamento sonoro entre espaços no interior dos edifícios:

- - Isolamento a sons de condução aérea – Quadro 2;
- - Isolamento a sons de percussão – Quadro 3.
- Propagação do som no interior de espaços fechados dos edifícios (condicionamento acústico interior) – Quadro 4;
- Limitação do ruído associado ao funcionamento de equipamentos colectivos dos edifícios:
- - Ruído propagado para espaços no interior dos edifícios – Quadro 5;
- - Ruído propagado para o exterior.

Quadro 1 – Isolamento sonoro entre o exterior do edifício (emissão) e o interior (recepção)

Local de emissão	Local de recepção	Exigência regulamentar
Exterior do edifício	Salas de aula, de professores, administrativas, bibliotecas e salas polivalentes	D2 m, nT, w ≥ 33 dB (1)

(1) De acordo com o Artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 96/2008, de 9 de Junho, nos projectos acústicos que sejam submetidos à aprovação até à data da classificação das zonas sensíveis e zonas mistas, tal como acontece neste caso, dever-se-á observar os valores do índice de isolamento sonoro a sons de condução aérea, padronizado, D2 m, nT, w, entre o exterior do edifício e os compartimentos interiores, referenciados para zonas mistas.

Quadro 2 – Isolamento sonoro a sons de condução aérea entre espaços no interior dos edifícios

Local de emissão	Local de recepção	Exigência regulamentar
Salas de aula, de professores, administrativas	Salas de aula, de professores, administrativas, bibliotecas e salas polivalentes	DnT, w ≥ 45 dB
Salas de aula musical, salas polivalentes, refeitórios, ginásios e oficinas	Salas de aula, de professores, administrativas	DnT, w ≥ 55 dB
	Bibliotecas	DnT, w ≥ 58 dB
	Salas polivalentes	DnT, w ≥ 50 dB
Corredores de grande circulação (considerando que haverá porta de comunicação com os locais receptores) (1)	Salas de aula, de professores, administrativas	DnT, w ≥ 30 dB
	Bibliotecas	DnT, w ≥ 35 dB
	Salas polivalentes	DnT, w ≥ 30 dB

(1) Caso não exista porta de comunicação com os locais receptores, os valores indicados são acrescidos de 15 dB.

No interior dos compartimentos identificados como locais de recepção no Quadro 3, o índice de isolamento sonoro a sons de percussão, $L'_{nT, w}$, proveniente de uma excitação de percussão normalizada sobre os pavimentos de outros locais do edifício (emissão), deverá satisfazer os seguintes limites máximos.

Quadro 3 – Isolamento sonoro a sons de percussão entre espaços no interior dos edifícios

Local de emissão	Local de recepção	Exigência regulamentar
Corredores de grande circulação, ginásios, refeitórios e oficinas	Salas de aula, de professores, administrativas, bibliotecas e salas polivalentes	$L'_{nT, w} \leq 60$ dB
Salas de aula e salas polivalentes		$L'_{nT, w} \leq 65$ dB

Quadro 4 – Condicionamento acústico interior

Compartimento	Exigência regulamentar
Salas de aula, bibliotecas, salas polivalentes e refeitórios	$T \leq 0,15 V^{1/3}$ (1)
Ginásios sem sistema de difusão pública de mensagens sonoras	
Ginásios dotados de sistema de difusão pública de mensagens sonoras	$T \leq 0,12 V^{1/3}$ (1)
Átrios e corredores de grande circulação	$A \geq 0,25 \times S$ (2)

(1) Tempo de reverberação (T), correspondente à média aritmética dos valores obtidos para as bandas de oitava centradas nas frequências de 500 Hz, 1000 Hz e 2000 Hz, sendo V o volume interior do espaço. Os compartimentos devem ser considerados mobilados normalmente e sem ocupação.

(2) Área de absorção sonora equivalente (A) do paramento interior da envolvente dos espaços, correspondente à média aritmética dos valores obtidos para as bandas de oitava centradas nas frequências de 500 Hz, 1000 Hz e Hz, sendo S a área em planta do espaço.

Quadro 5 – Limitação do ruído associado ao funcionamento de equipamentos colectivos dos edifícios

Compartimento	Exigência regulamentar
Salas de aula, de professores, administrativas e salas polivalentes	$L_{A,r,nT} \leq 40$ dB (A), se o funcionamento do equipamento for intermitente
	$L_{A,r,nT} \leq 35$ dB (A), se o funcionamento do equipamento for contínuo
Bibliotecas	$L_{A,r,nT} \leq 35$ dB (A), se o funcionamento do equipamento for intermitente
	$L_{A,r,nT} \leq 30$ dB (A), se o funcionamento do equipamento for contínuo

Exige-se ainda, de acordo com o RGR, que as emissões sonoras para o exterior do edifício, associadas ao funcionamento dos equipamentos nele instalado, deverão respeitar:

Os valores limite de exposição definidos no RGR para as zonas não classificadas, ou seja, $L_{den} \leq 63$ dB(A) e $L_n \leq 53$ dB(A);

O critério de incomodidade, definido como a diferença entre o valor do indicador LAeq do ruído ambiente determinado durante a ocorrência do ruído particular em avaliação e o valor do indicador LAeq do ruído residual, diferença que não pode exceder 5 dB(A) no período diurno, 4 dB(A) no período do entardecer e 3 dB(A) no período nocturno, nos termos do Anexo I do RGR.

3 - Soluções construtivas a implementar na proposta de projecto

Na proposta de projecto apresentada serão cumpridas as exigências regulamentares aplicáveis, o que implicará, nomeadamente que:

Os vãos envidraçados (caixilharias e vidros) e aberturas exteriores nas fachadas têm um contributo decisivo para o isolamento sonoro aos sons aéreos da envolvente exterior, pelo que, a sua selecção terá em consideração as correspondentes características acústicas;

As paredes interiores serão realizadas com divisórias leves, constituídas por paramentos multicamada fixos a duas estruturas metálicas paralelas independentes, confinando um espaço total ou parcialmente preenchido com isolamento acústico;

As portas interiores deverão ser seleccionadas tendo em consideração as correspondentes características acústicas (portas pesadas com tratamento do contorno);

Os pavimentos deverão incorporar uma lajeta flutuante em betão armado sobre uma membrana flexível, ou um revestimento resiliente, de modo a controlar a transmissão de ruídos de percussão entre espaços;

Os tectos das salas de aulas, da biblioteca, das salas polivalentes, refeitório, ginásio, átrios e corredores de grande circulação deverão ser dotados de revestimentos de elevada absorção sonora;

O gerador de emergência e o P.T. ficarão num corpo estruturalmente separado do restante edifício, cuja envolvente deverá ser convenientemente isolada (realização de pavimento flutuante, paredes e cobertura de elevada massa superficial, revestimentos interiores de elevada absorção sonora, tratamento das aberturas de entrada e saída de ar, etc.);

Sempre que possível, deverá optar-se pelos equipamentos que apresentem menores emissões sonoras, evitar ligações rígidas com a construção e seleccionar criteriosamente a sua localização relativamente aos compartimentos mais sensíveis do edifício.

11 - (PROJECTO) VERIFICAÇÃO REGULAMENTAR das CARACTERÍSTICAS de COMPORTAMENTO

TÉRMICO e dos SISTEMAS ENERGÉTICOS de CLIMATIZAÇÃO de EDIFÍCIO

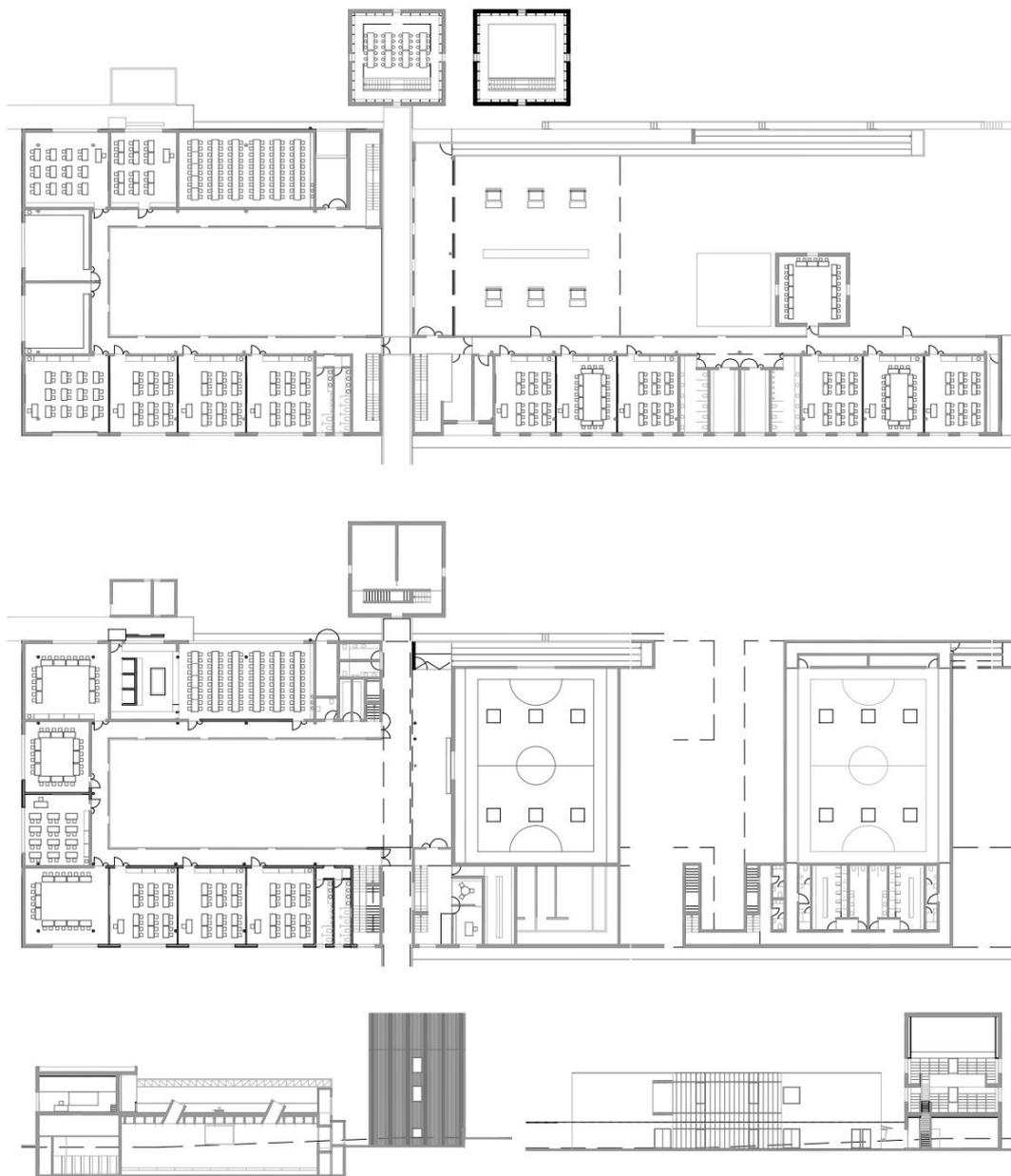
Será feita a análise da envolvente de forma a verificar o cumprimento dos requisitos mínimos do RCCTE.

Será realizado a verificação dos requisitos energéticos e de qualidade do ar interior, bem como o cálculo do IEE (indicador de eficiência energética) para cumprimentos do RSECE.

12 - COORDENAÇÃO de SEGURANÇA e SAÚDE em FASE de PROJECTO E FORNECIMENTO do PLANO de SEGURANÇA e SAÚDE

Na Coordenação de Segurança e de Saúde na fase de Projecto, serão tidos em conta as seguintes alíneas:

- a) – Será feita a definição de Política de Segurança e Saúde do empreendimento.
- b) –Serão apresentados os conteúdos a serem incorporados no caderno de encargos e elementos de concurso no que concerne à segurança e saúde.
- c) – Será dada orientação de clausulado contratual no âmbito desta especialidade.
- d) – Será Prestada a Assistência técnica.
- e) – Será Elaborado o Plano de Segurança e Saúde (fase de projecto).
- f) – Elaborada a Compilação Técnica (fase de projecto).”



Desenhos do projeto, Concurso para o Projeto do Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora. Acervo Arquiteto Manuel Botelho



Figuras 297/298/299 Fotografias da maquete do Concurso para o Projeto do Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora

P66

Nome: Remodelação de cozinha em apartamento em Lisboa

Local:

Data: 2009

Estado: Projeto

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

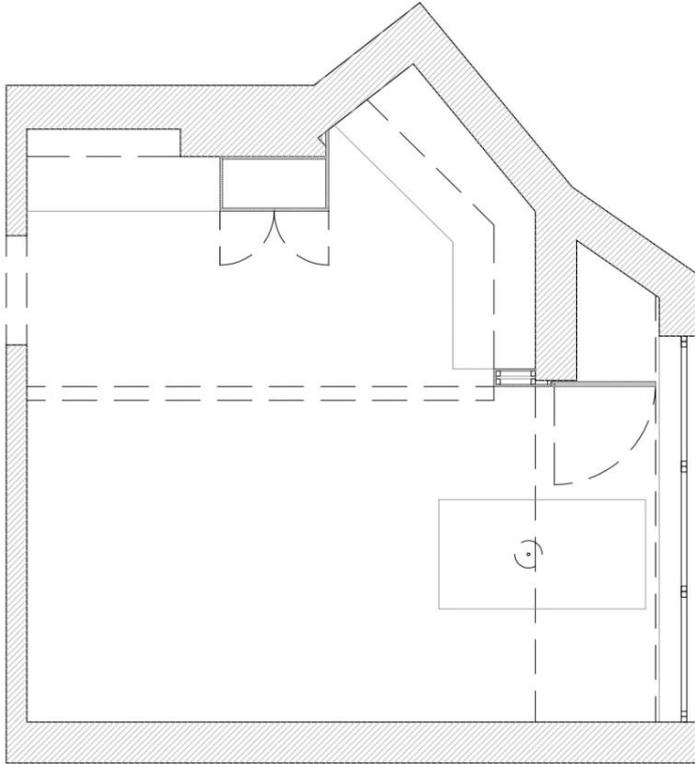
Colaboração:

Engenharias:

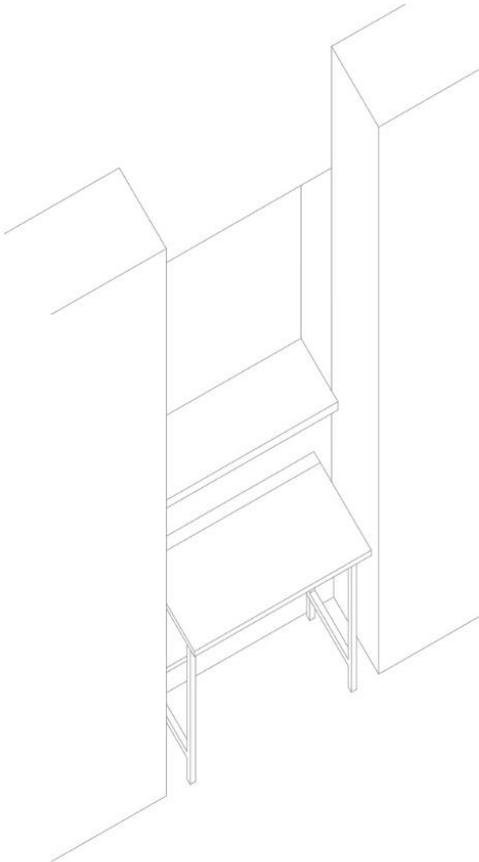
Cliente:

PD_FIMS:

Da memória descritiva



PLANTA



VISTA AXONOMÉTRICA DA MESA - esc. 1/20
mesa na posição aberta

Desenhos do projeto, Remodelação de cozinha em apartamento em Lisboa. Acervo Arquiteto Manuel Botelho

2B. Desenho de Mobiliário e outros Objetos

2.1 Mesas

M1

Nome: Credência

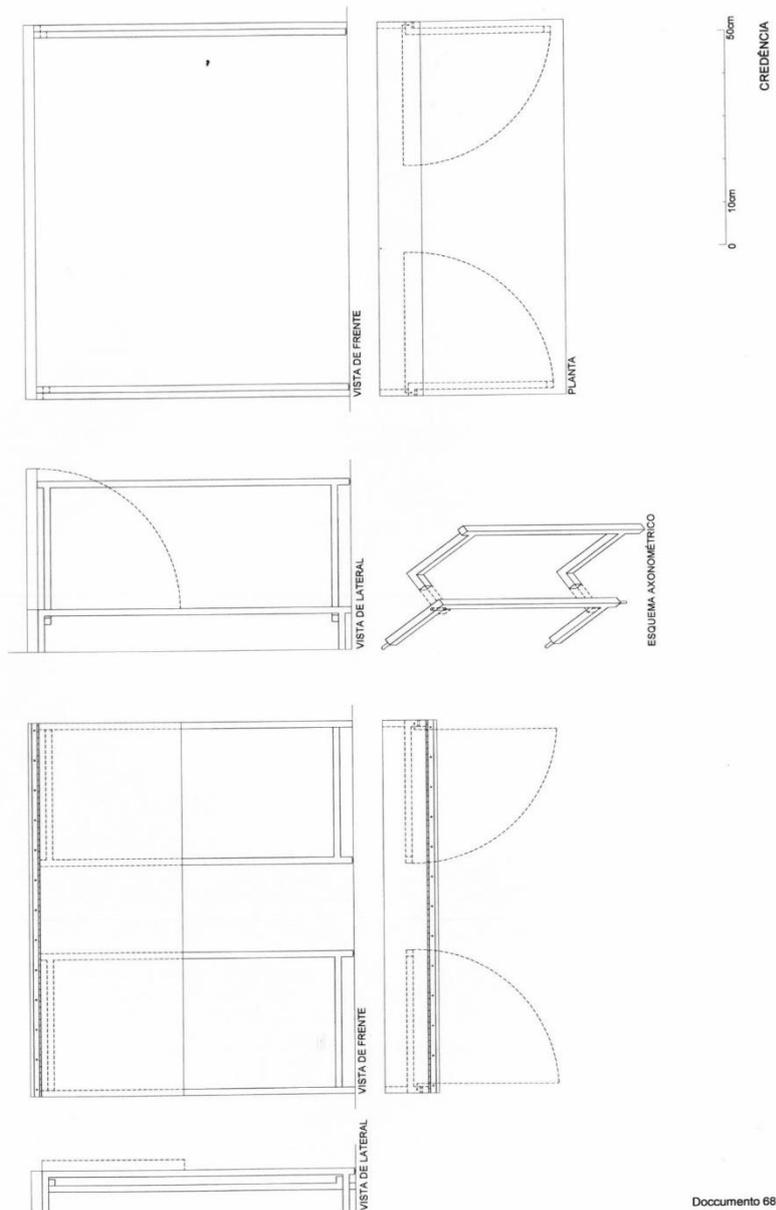
Data: 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



Documento 68

Mesas – Credência



M2

Nome: Mesa de parede

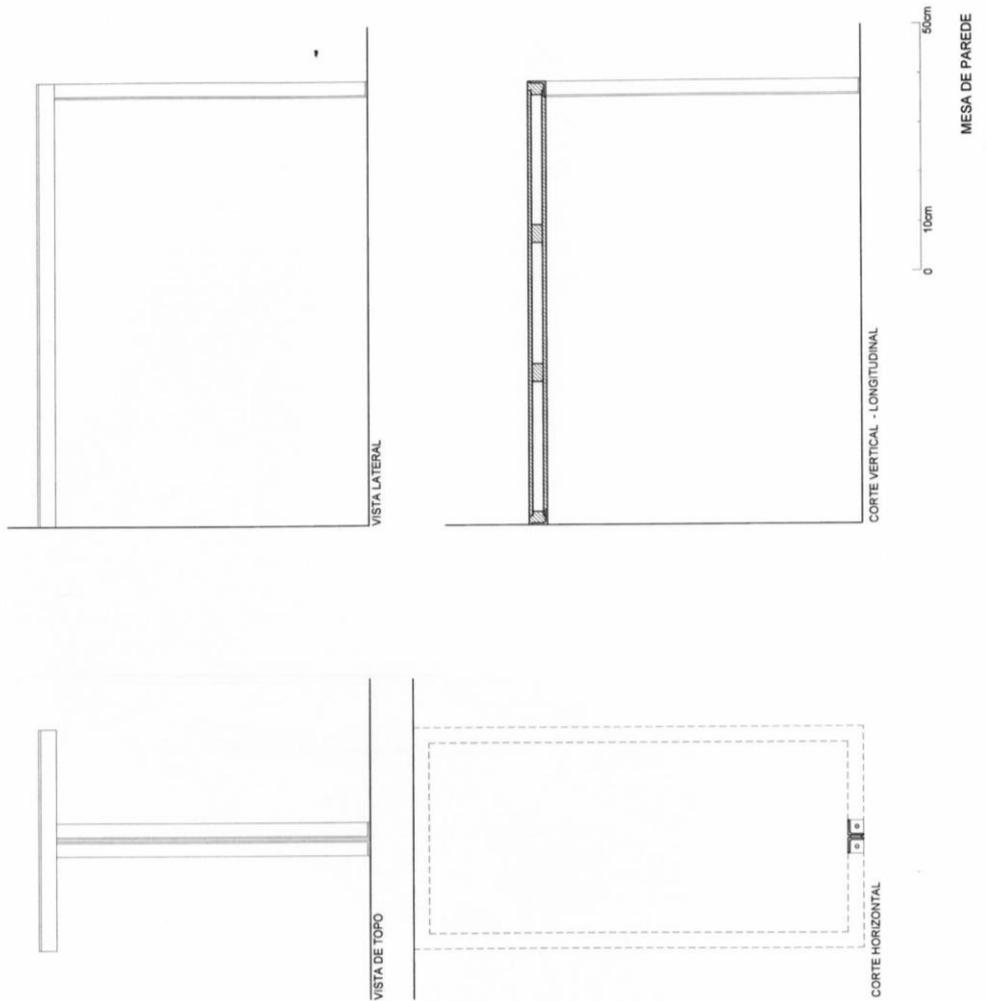
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



M3

Nome: Mesa

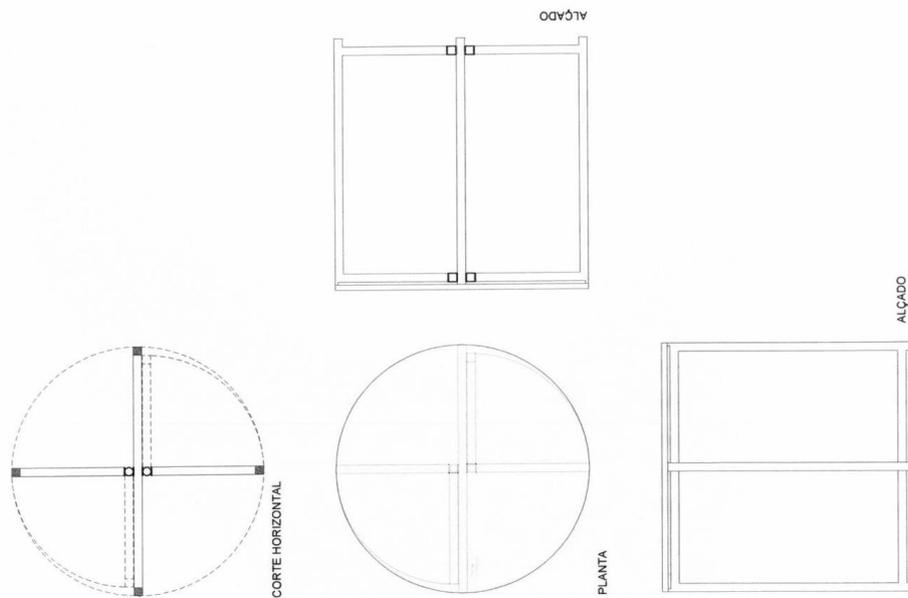
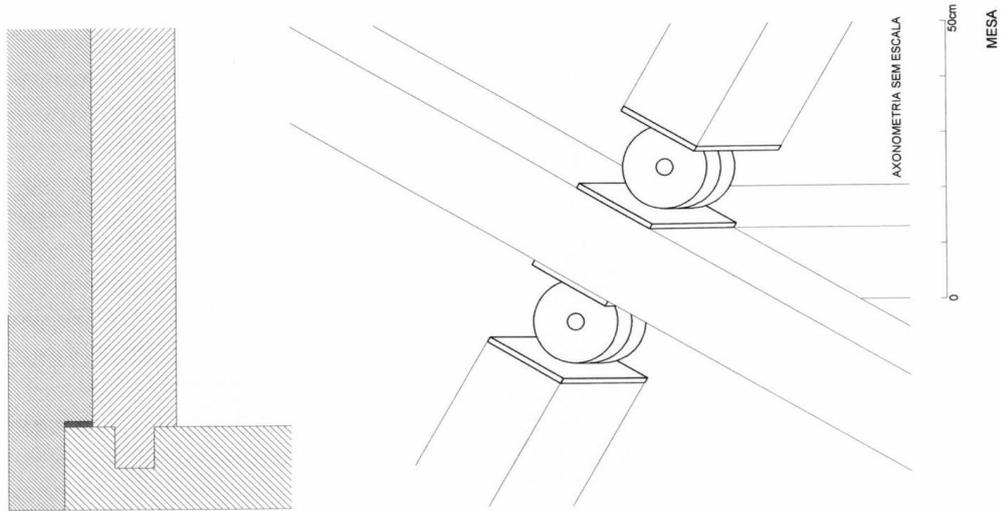
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dr. Paulo Pires



M4

Nome: Mesa I

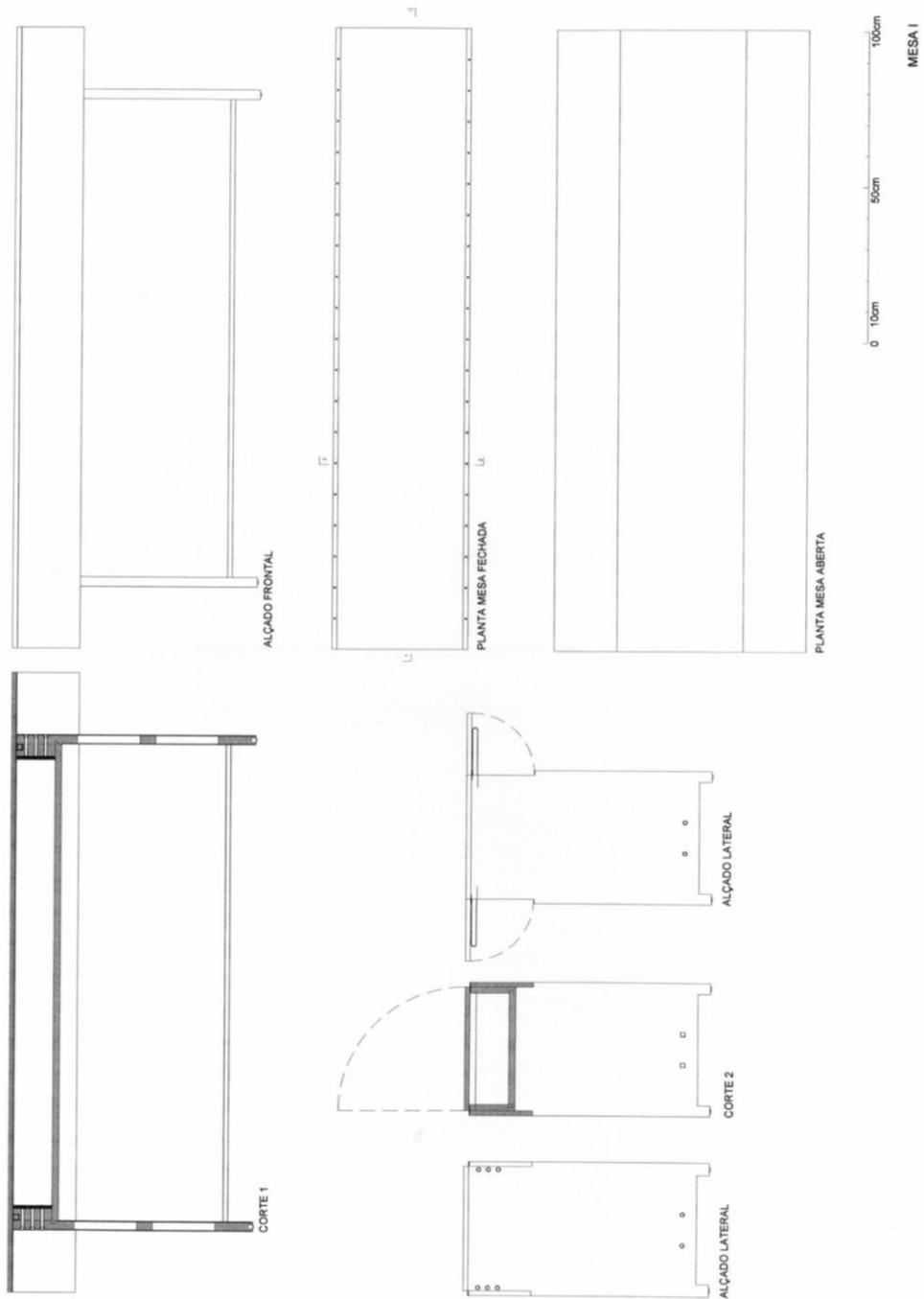
Data: 1994

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



Documento 68

M5

Nome: Mesa II

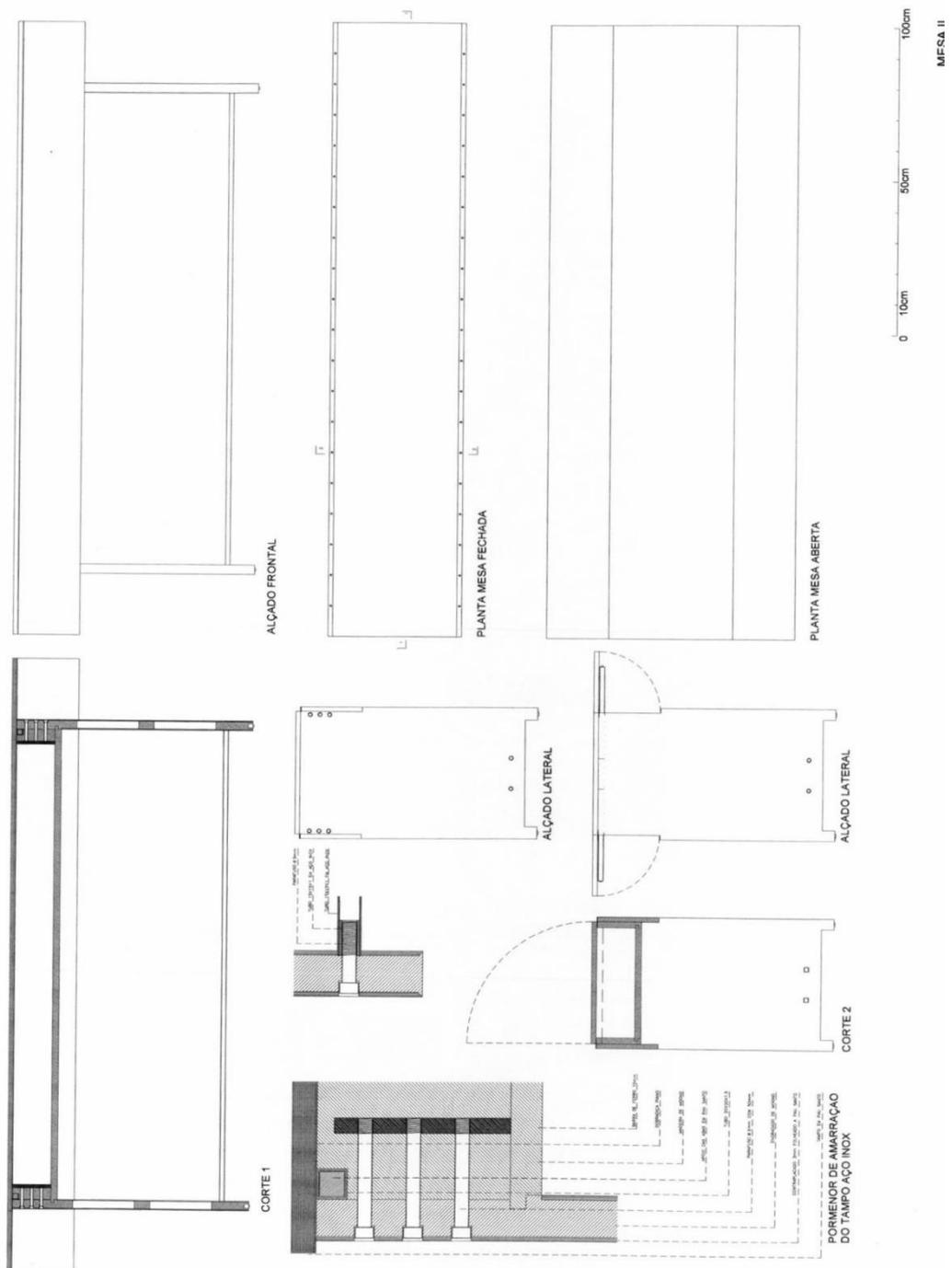
Data:

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



2.2 Cadeiras

C1

Nome: Banco

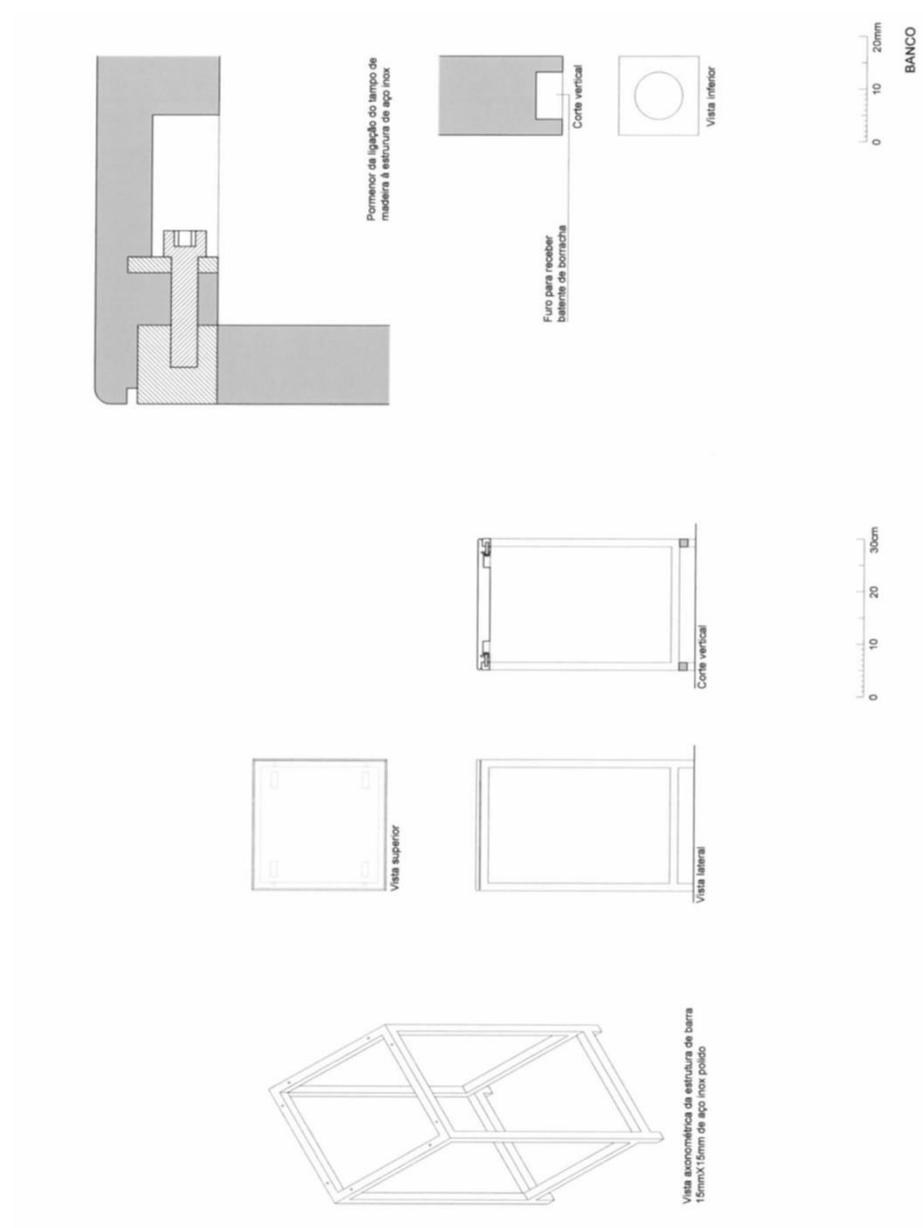
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Maria Teresa Botelho

Cliente:



C2

Nome: Cadeira

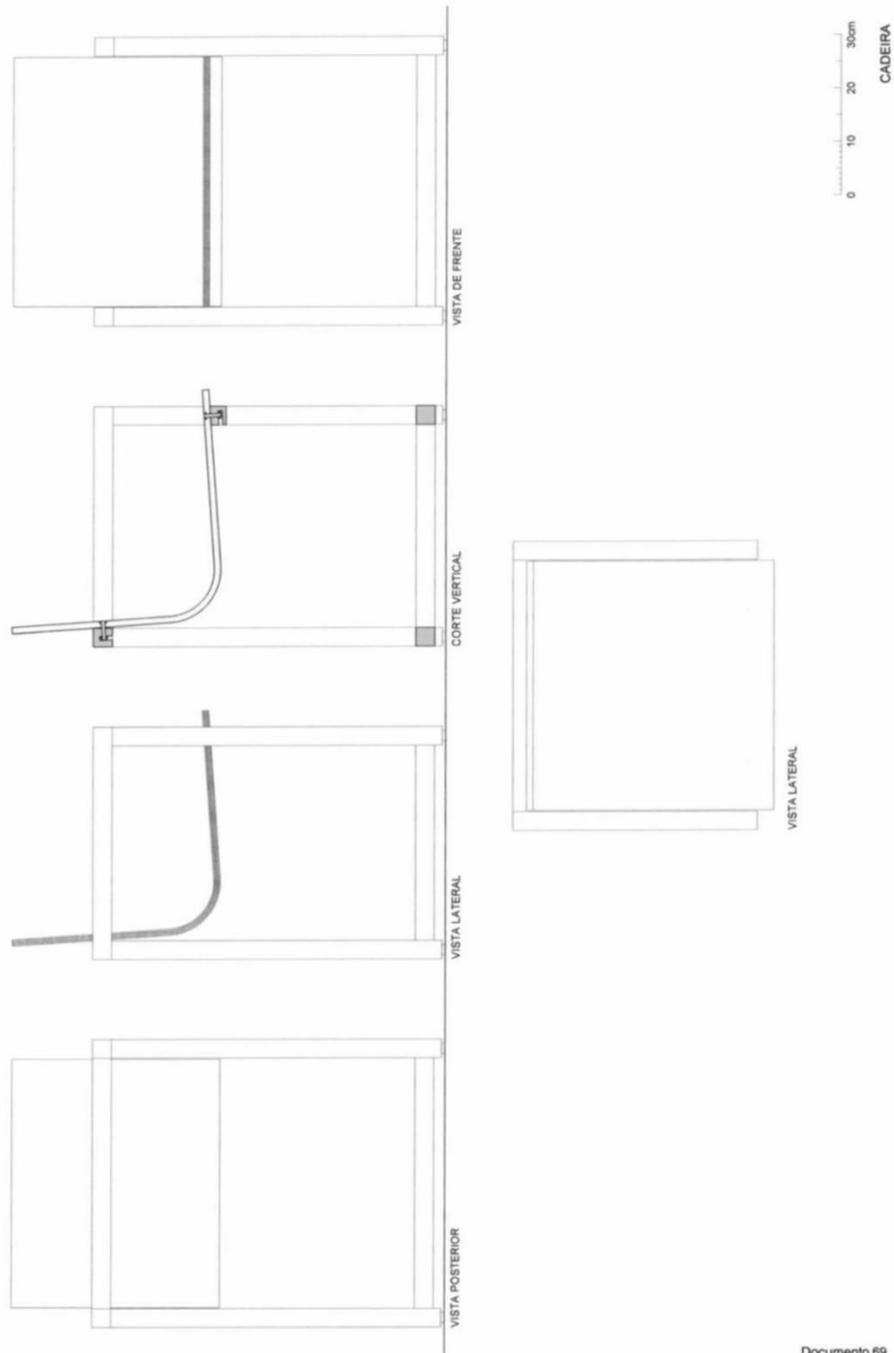
Data: 1995

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:





C3

Nome: Cadeira estofada a cabedal

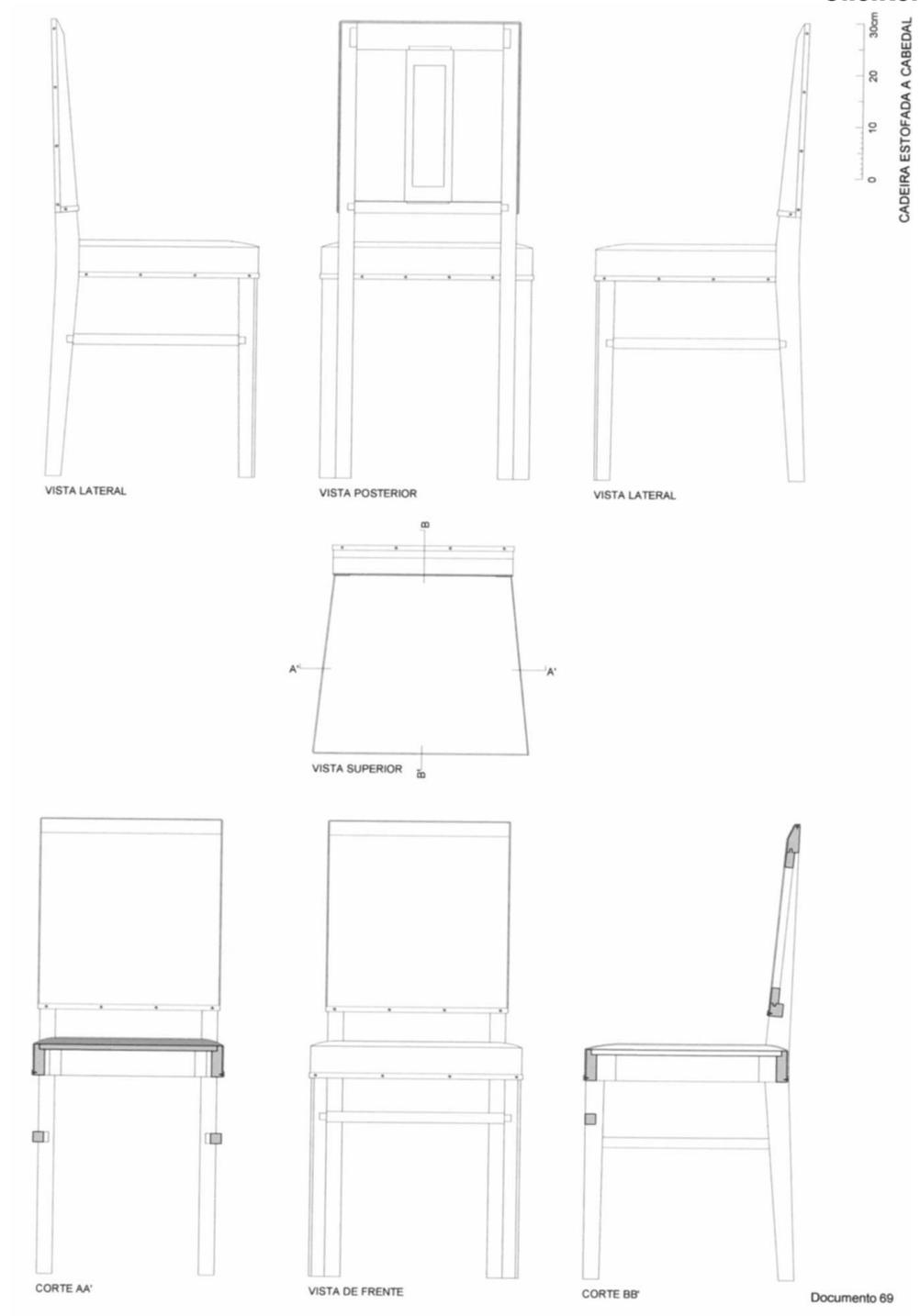
Data: 2001

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



2.3 Móveis

Mo1

Nome: Arca de madeira

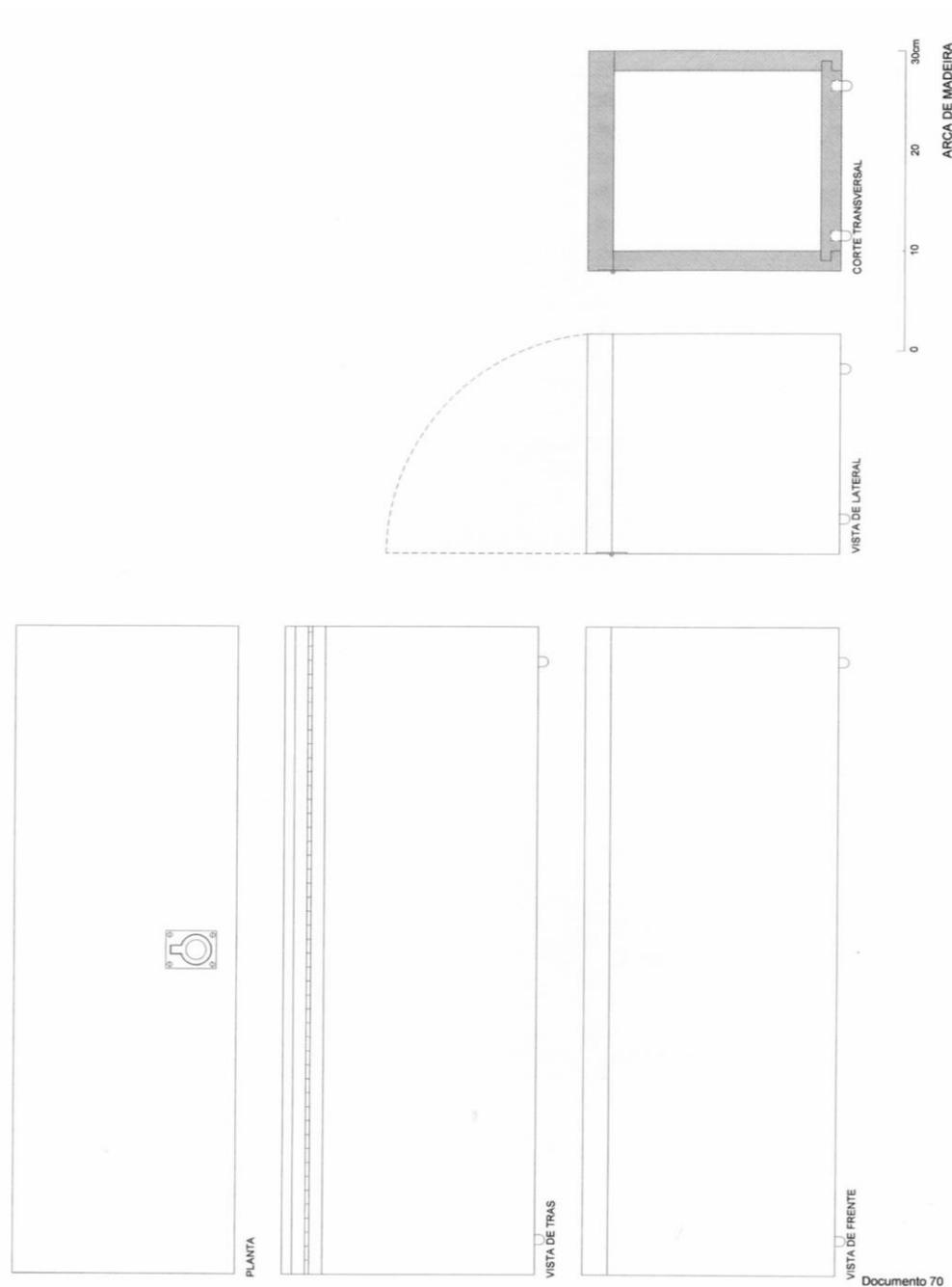
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



Mo2

Nome: Carrinho de apoio

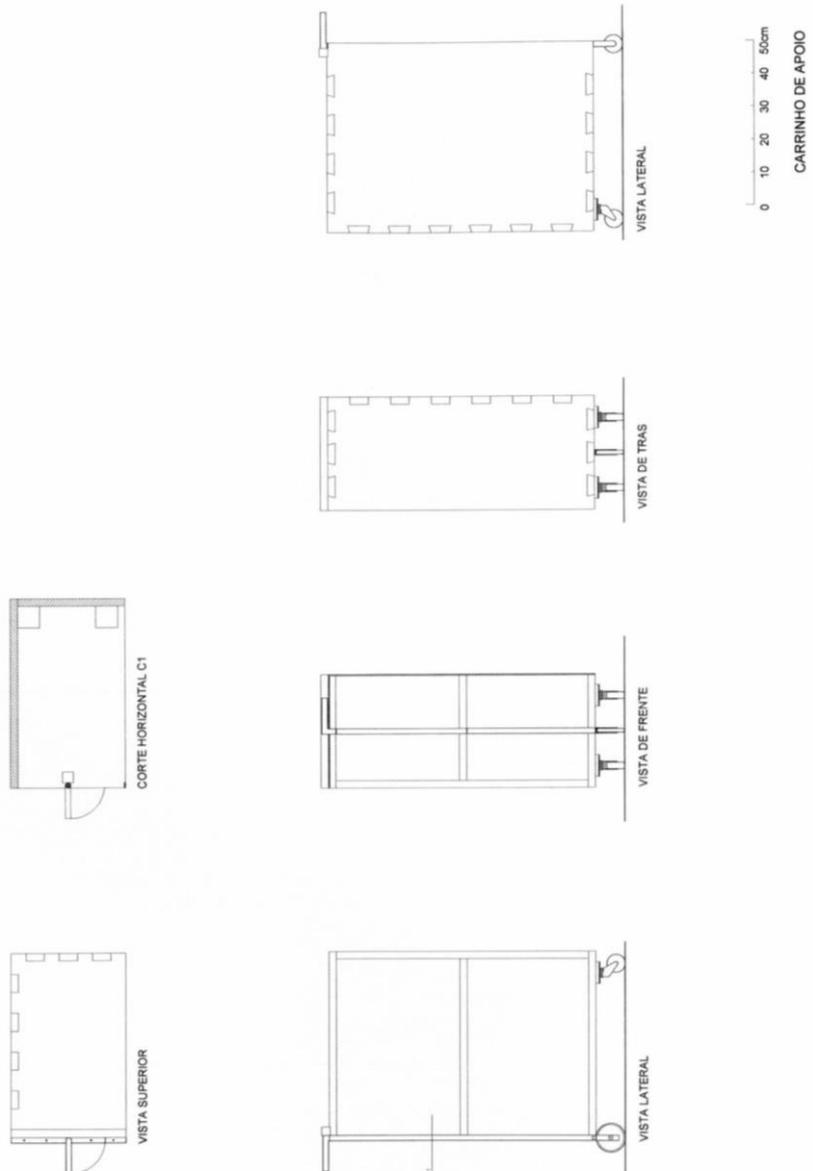
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Ana Maria Silva



Mo3

Nome: Contador

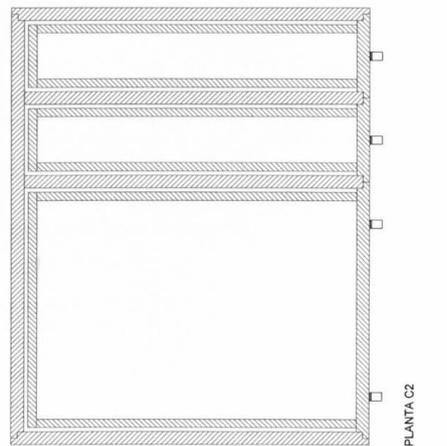
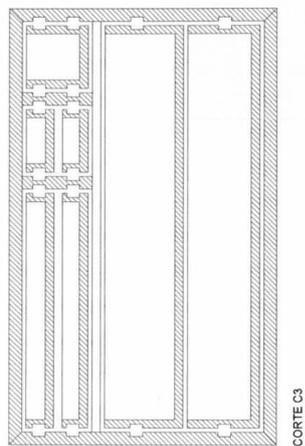
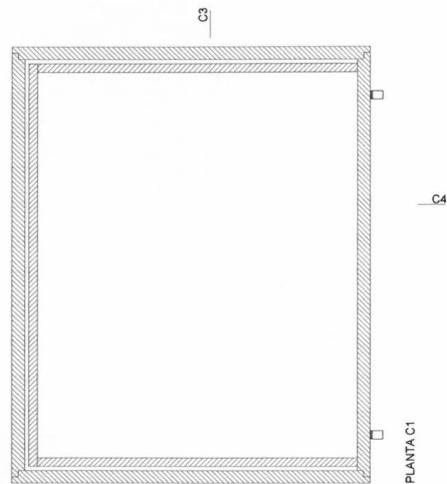
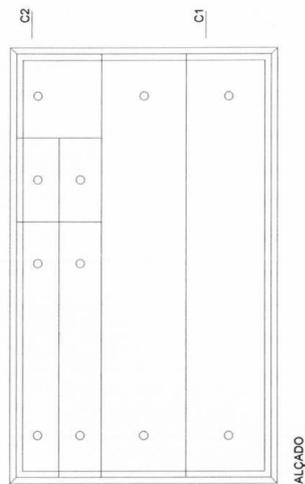
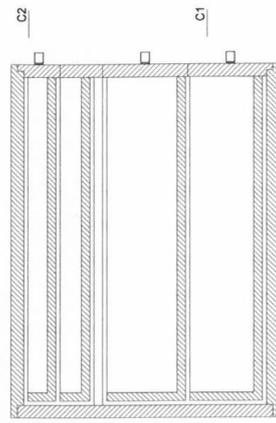
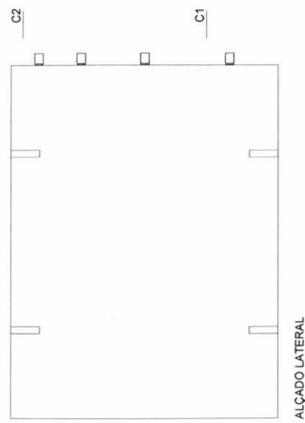
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Mo4

Nome: Móvel de quarto

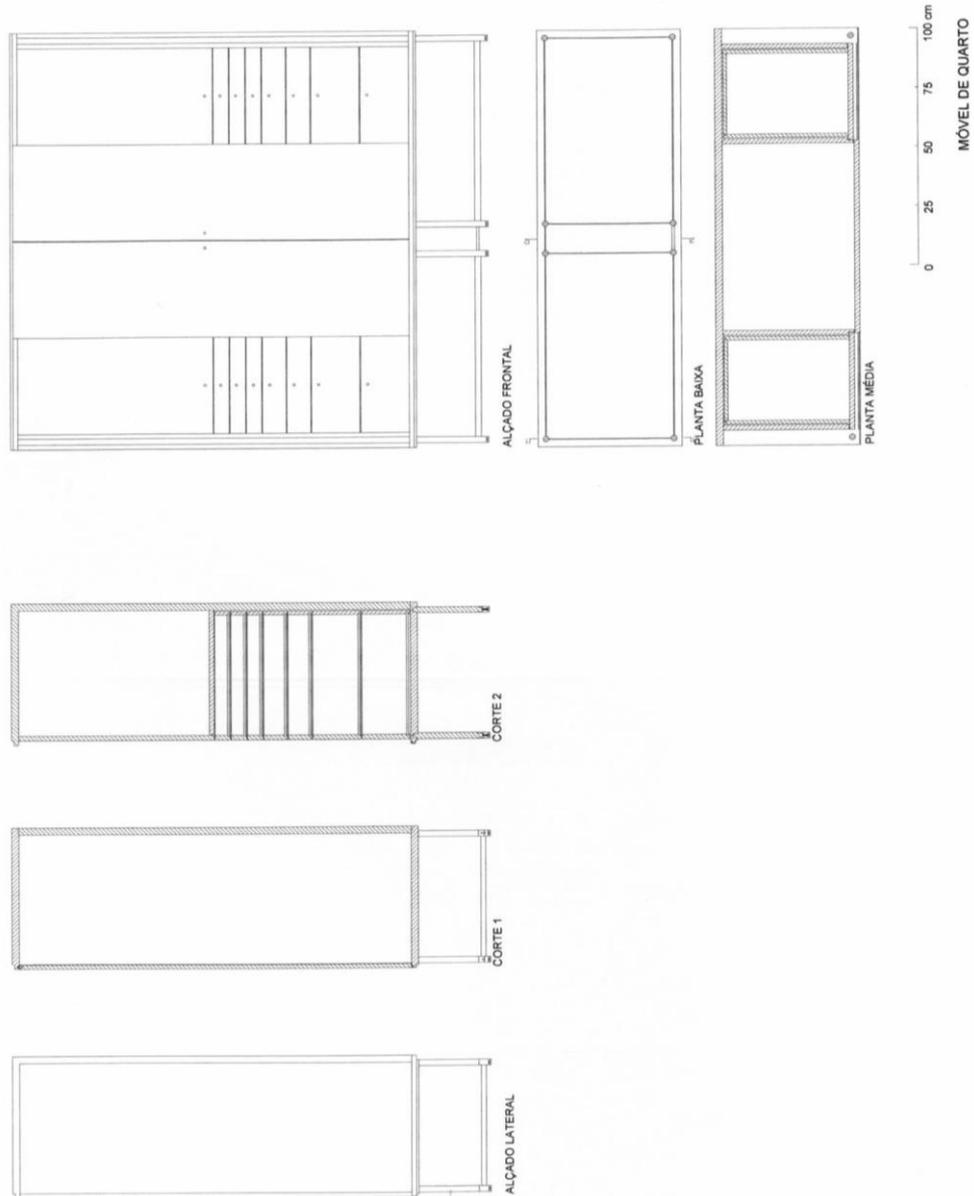
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Mo5

Nome: Estante com mesa de trabalho

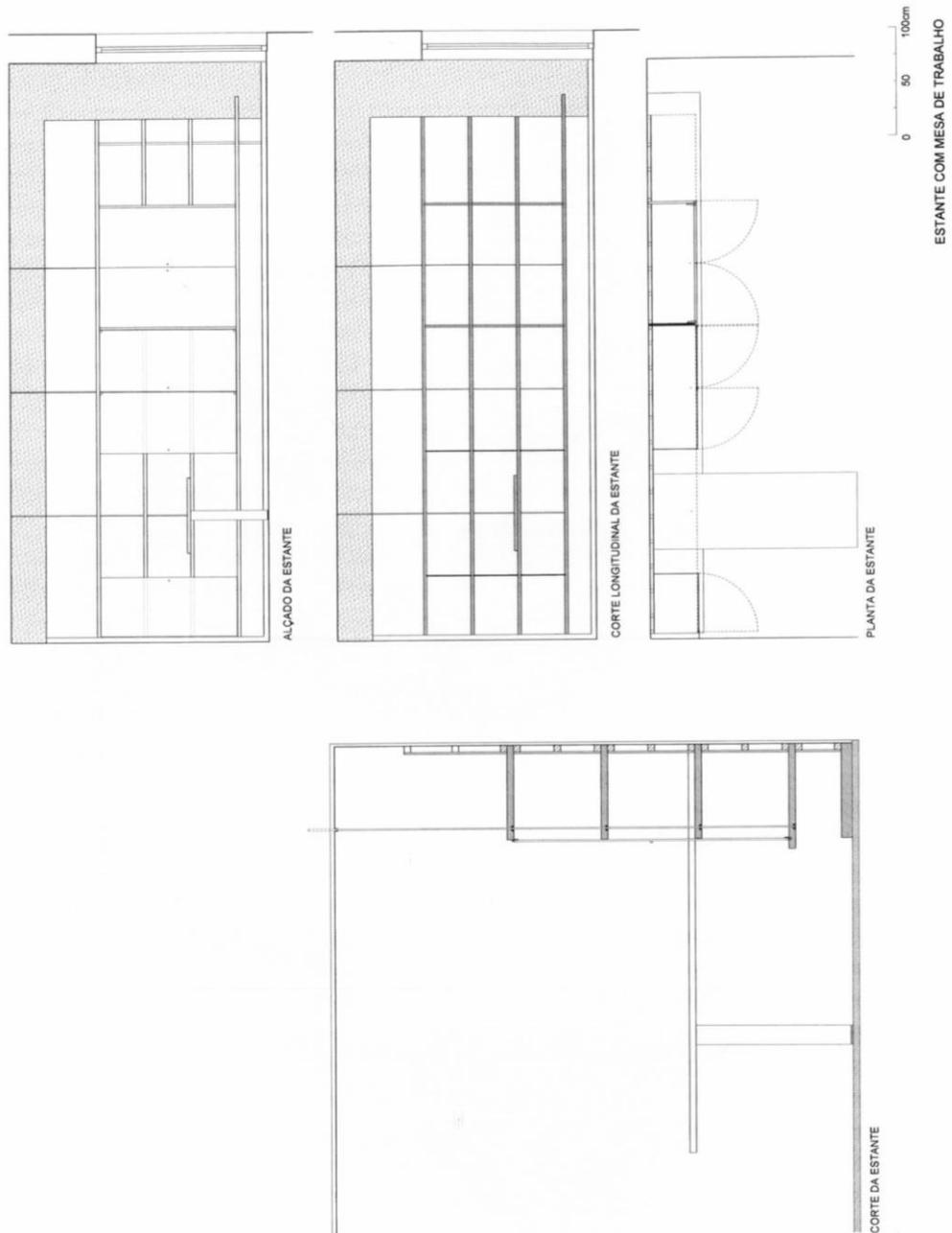
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Documento 70

Mo6

Nome: Móvel de casa de banho

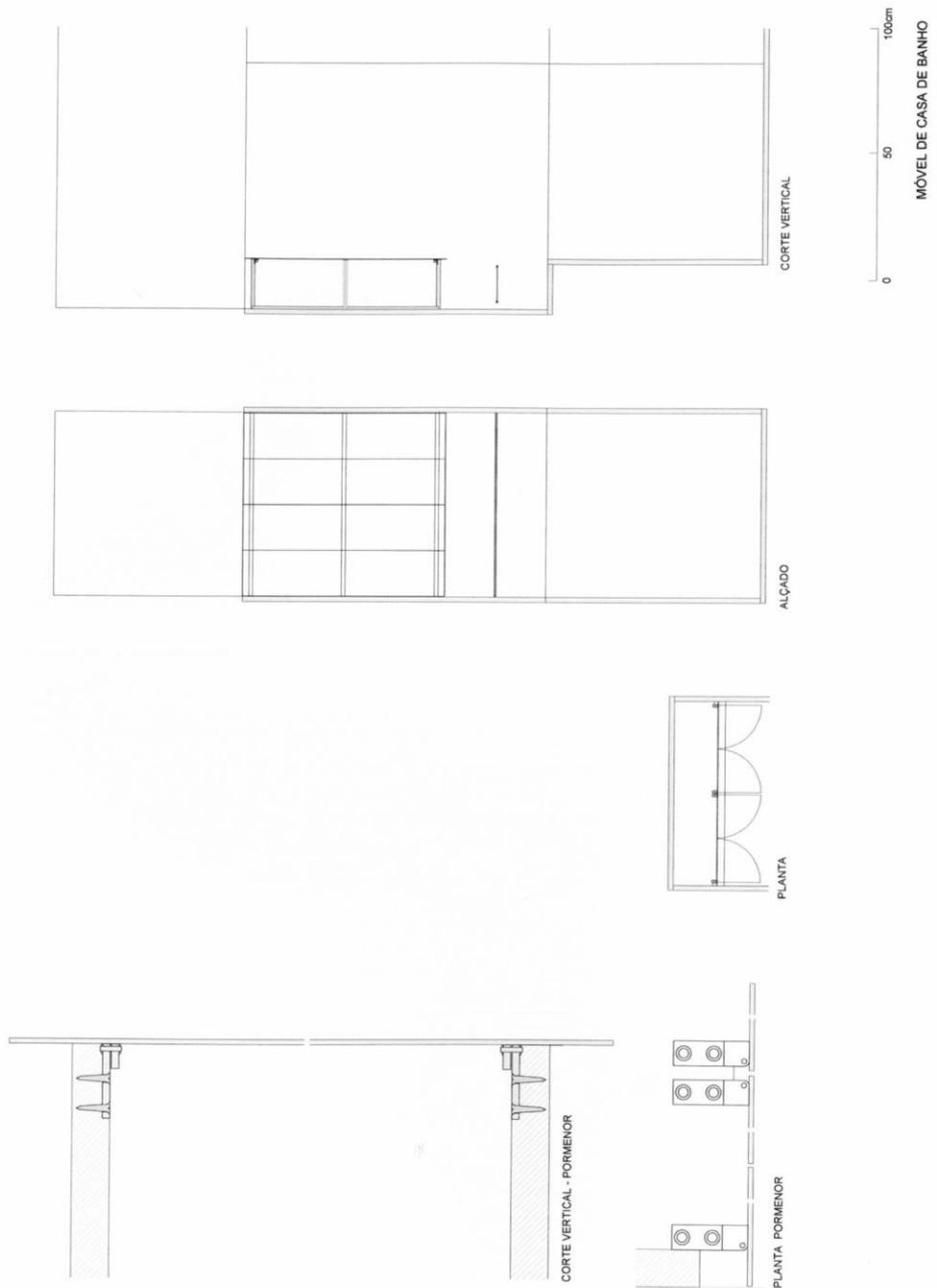
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



Mo7

Nome: Vitrine

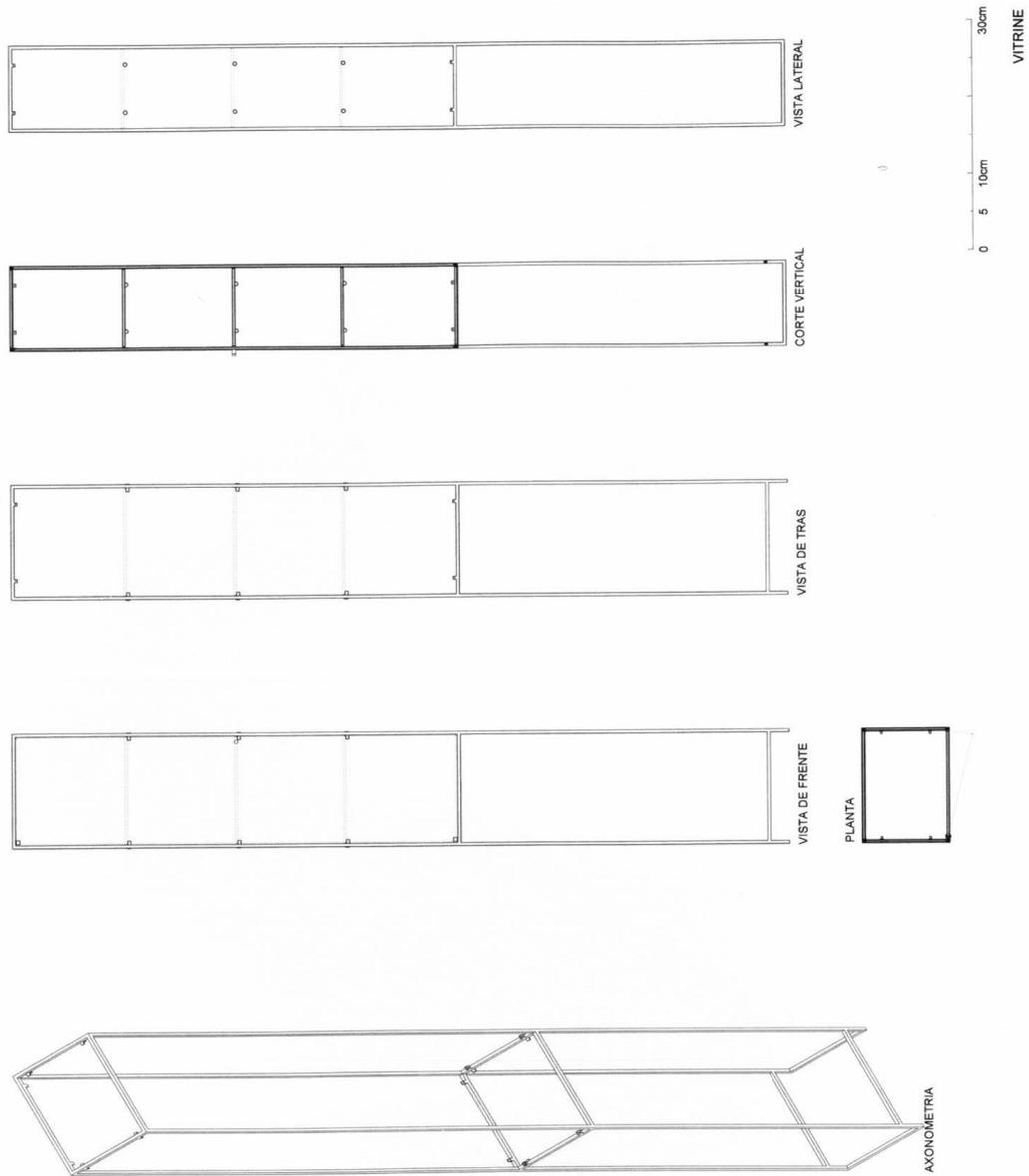
Data: 2001

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



Móveis - Vitrine



2.4 Espelhos

E1

Nome: Espelho de parede rotativo

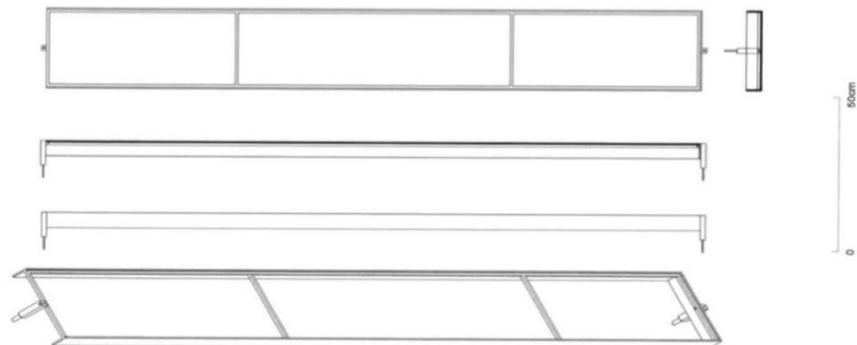
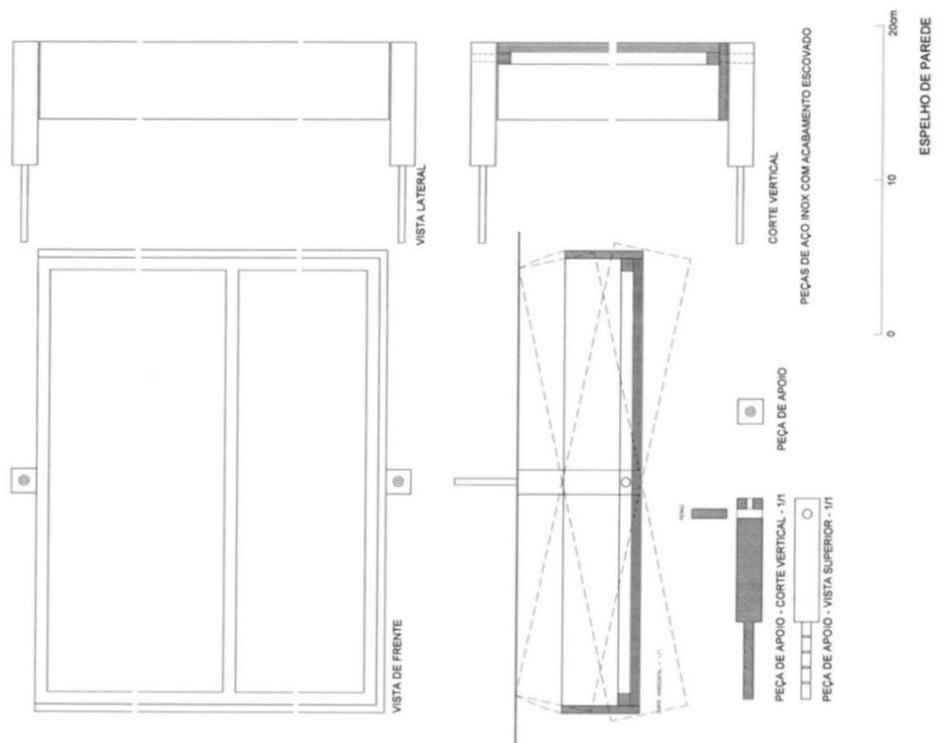
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



E2

Nome: Espelho com prateleira

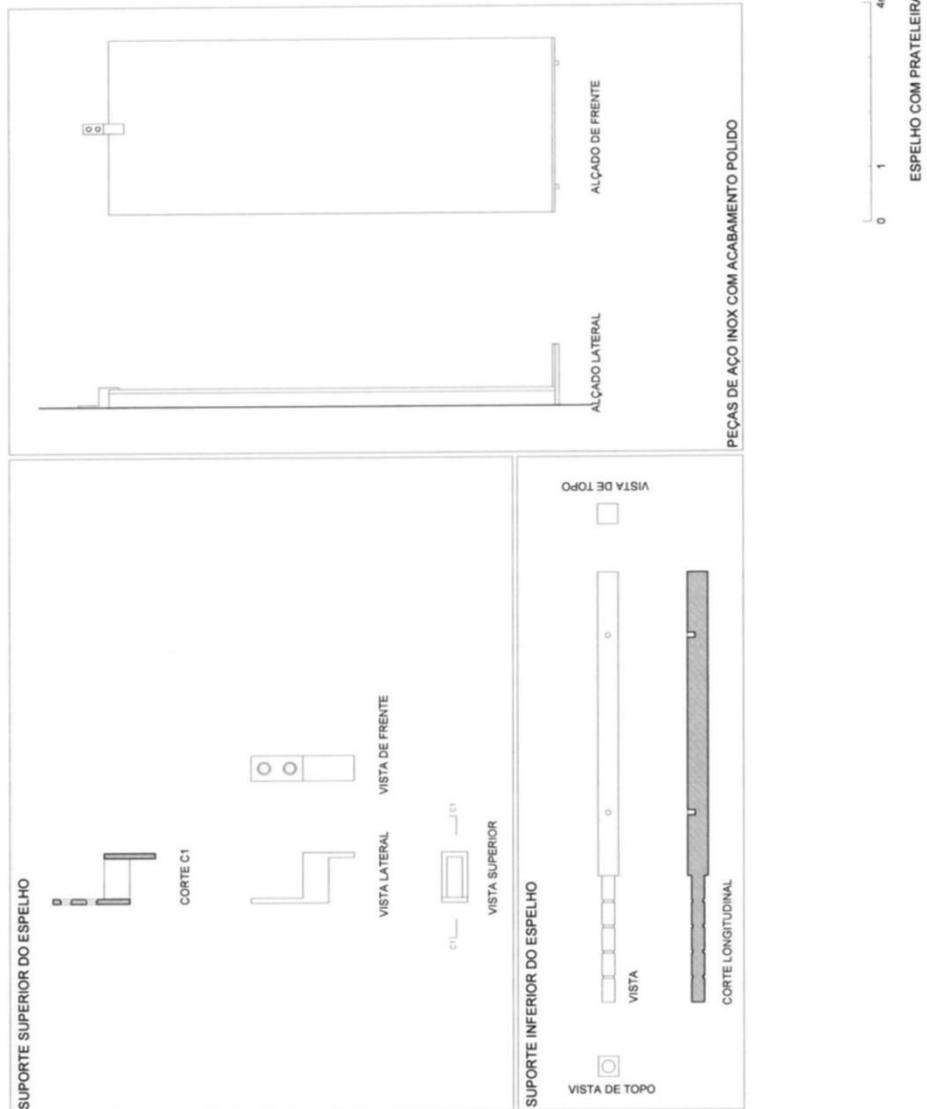
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



E3

Nome: Espelho

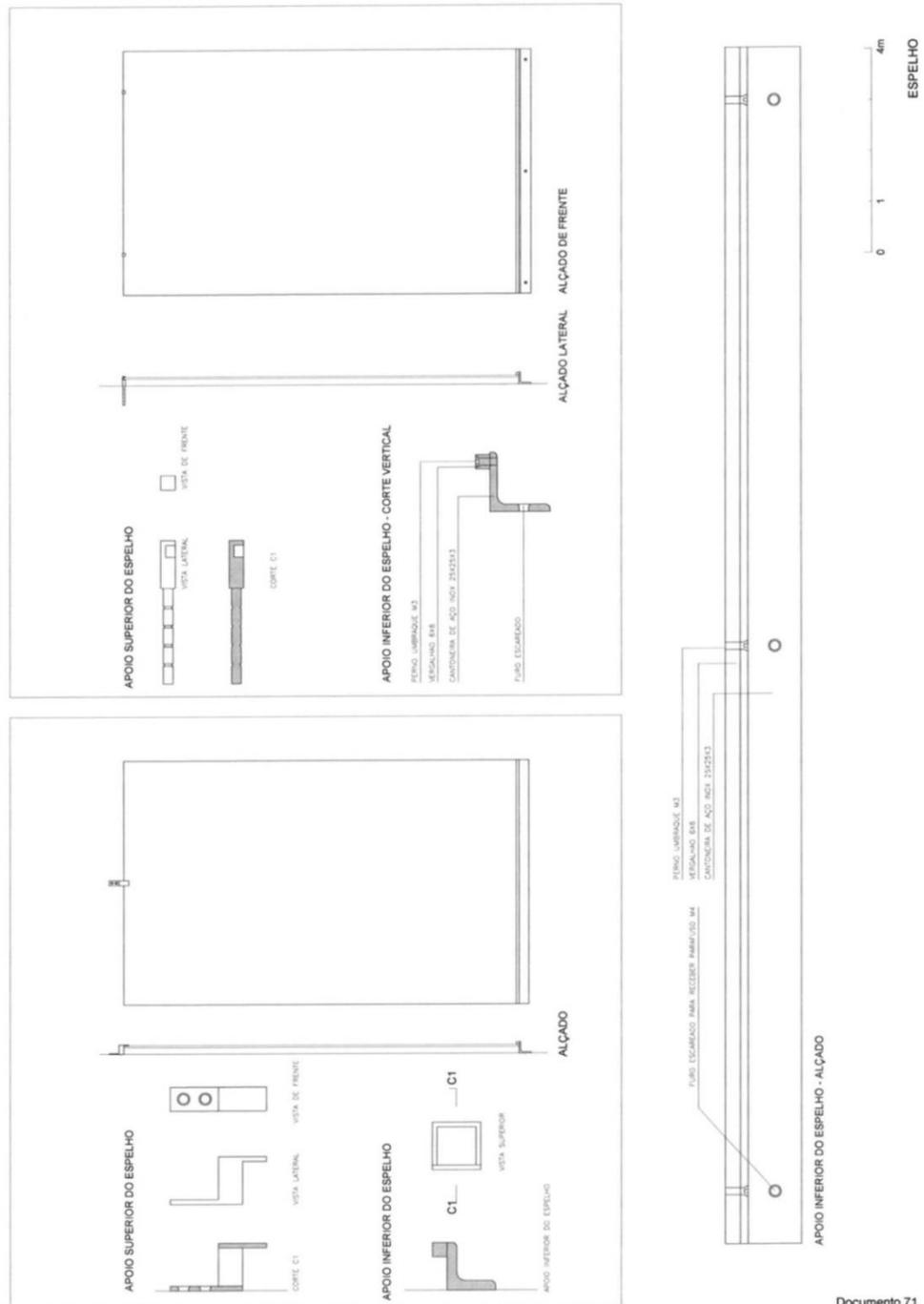
Data: 1999

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Ana Maria Silva



2.5 Candeeiros

Ca1

Nome: Candeeiro de mesa de bilhar

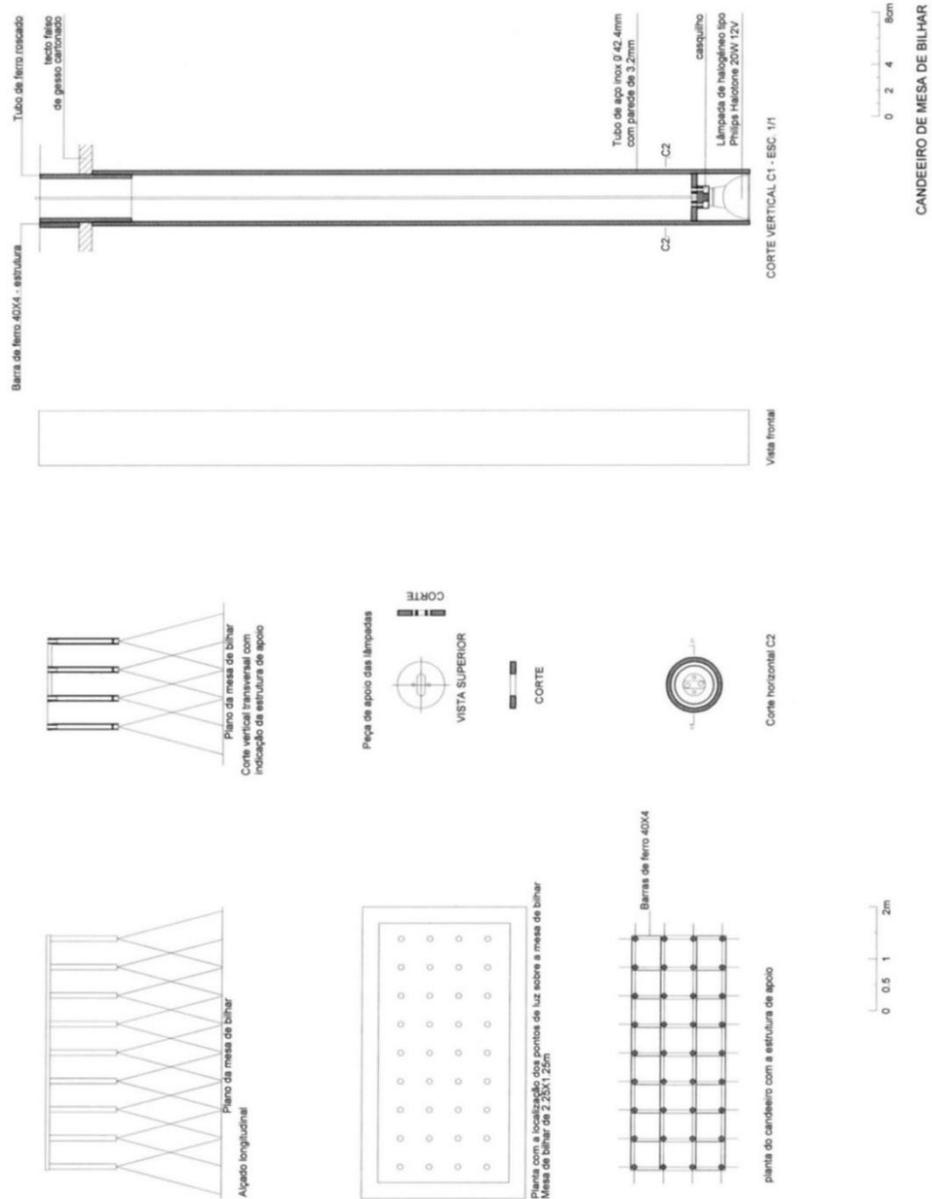
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Cliente: Dr. Barroso Pires



Ca2

Nome: Candeeiro de embutir na parede

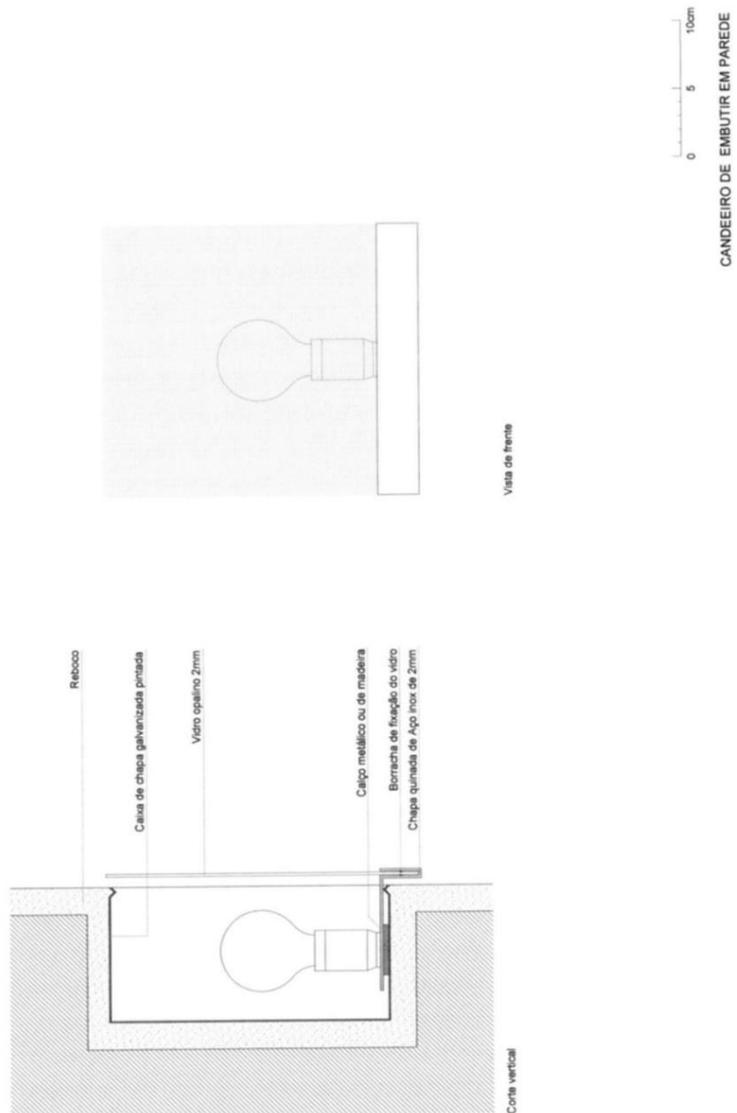
Data: 2001

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Ciente: Dr. João Machado



Ca3

Nome: Candeeiro de parede

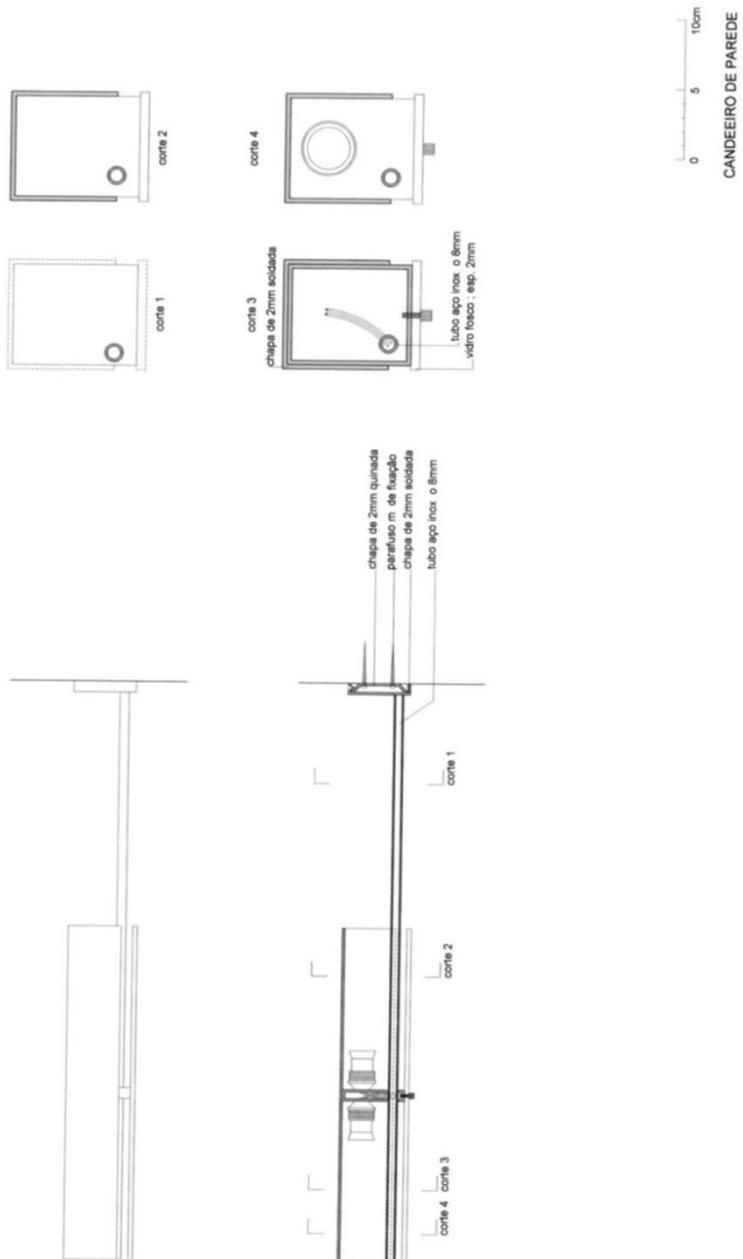
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Cliente:



Ca4

Nome: Candeeiro de pé alto

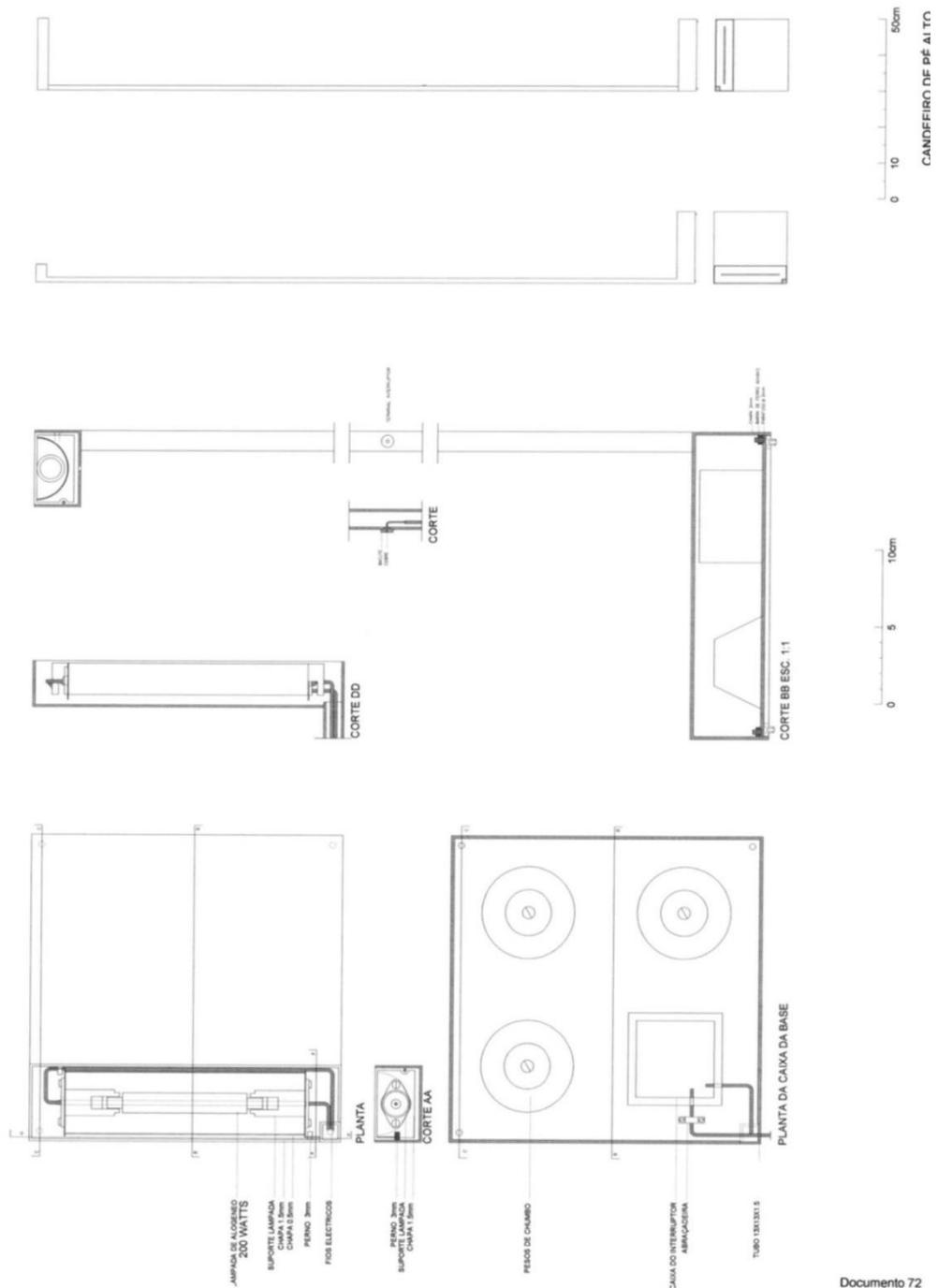
Data: 1994

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Cliente:



Ca5

Nome: Candeeiro de teto

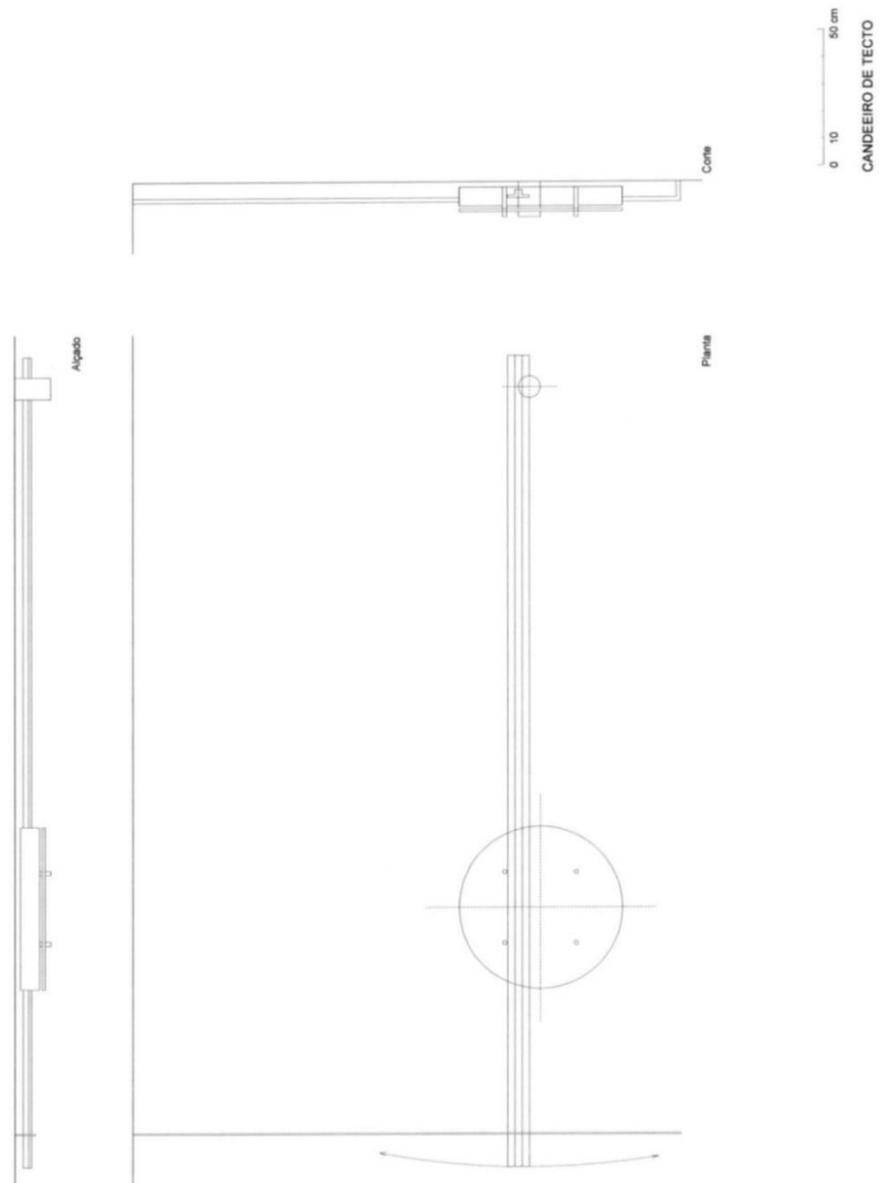
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Ciente: Dr. Barroso Pires



Ca6

Nome: Suporte de candeeiro

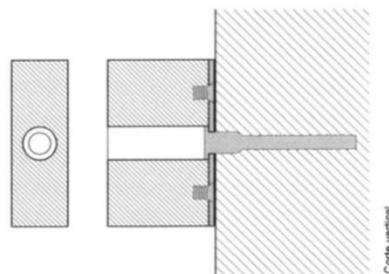
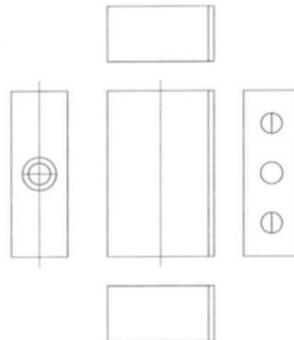
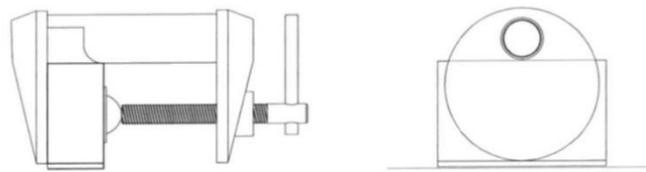
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to António Neves

Cliente:



2.6 Acessórios de w.c. e cozinha

Ac1

Nome: Apoio de prateleira de lavabo

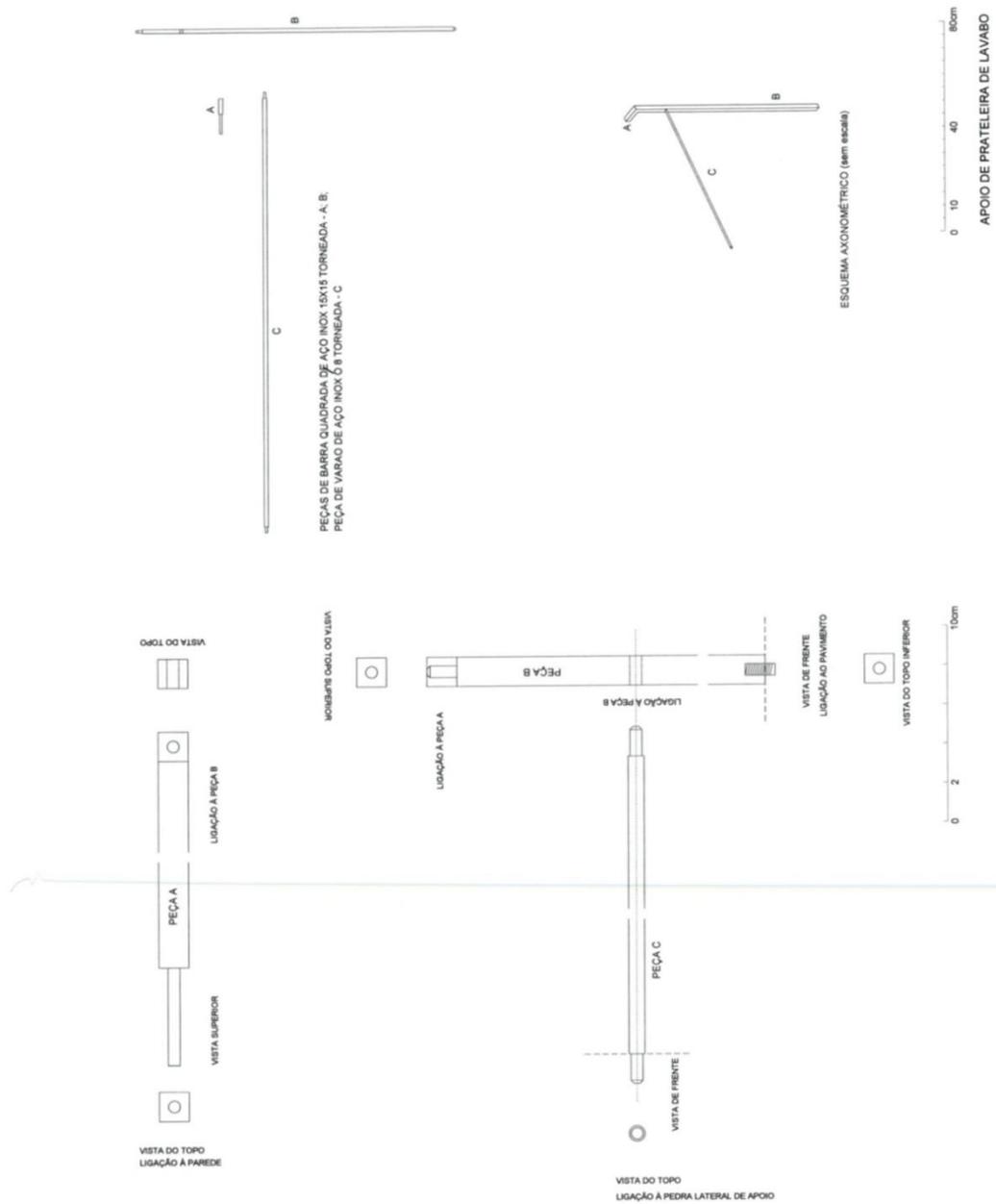
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Ac2

Nome: Apoios lavatório I

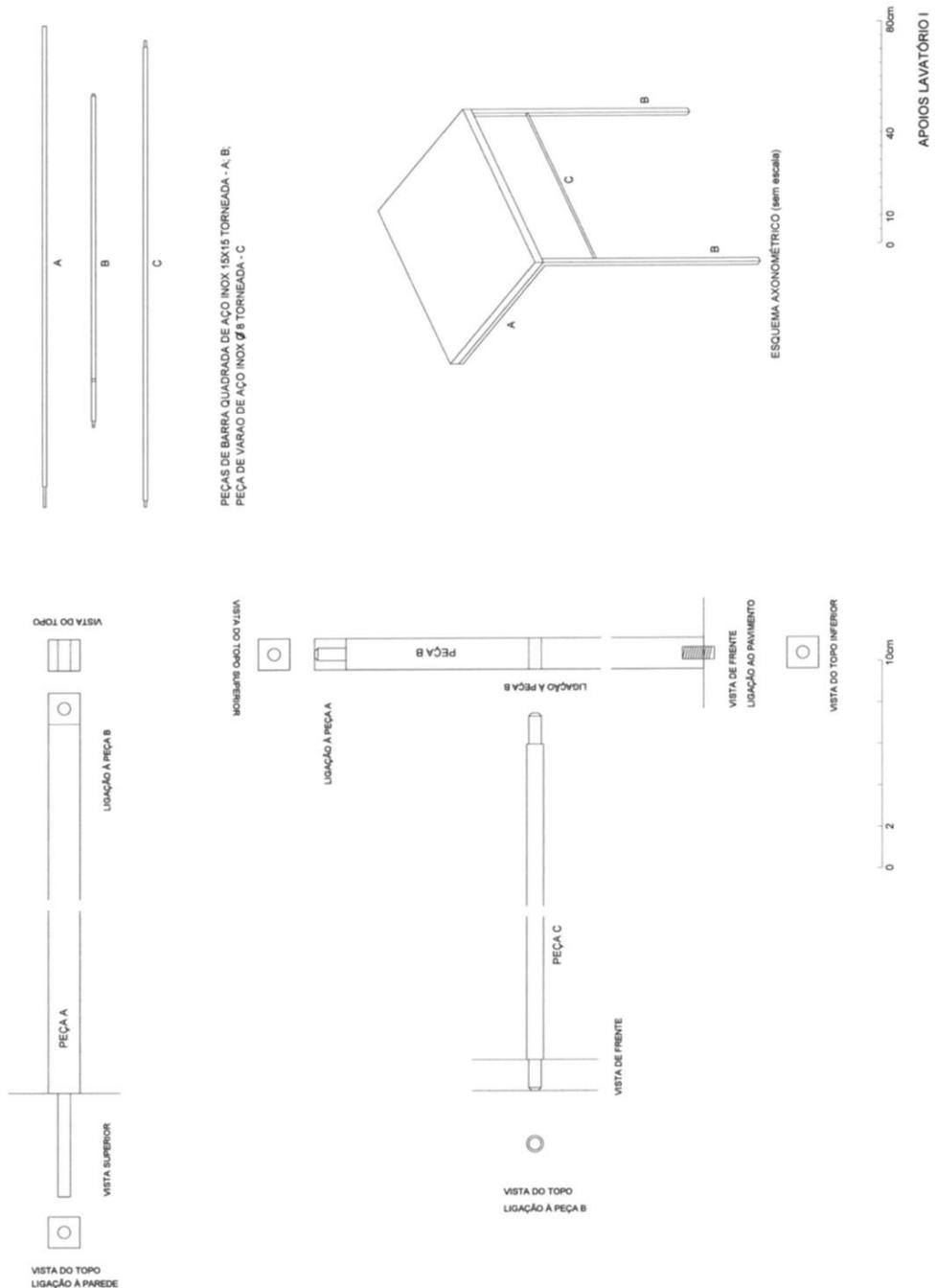
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Ac3

Nome: Apoios lavatório II

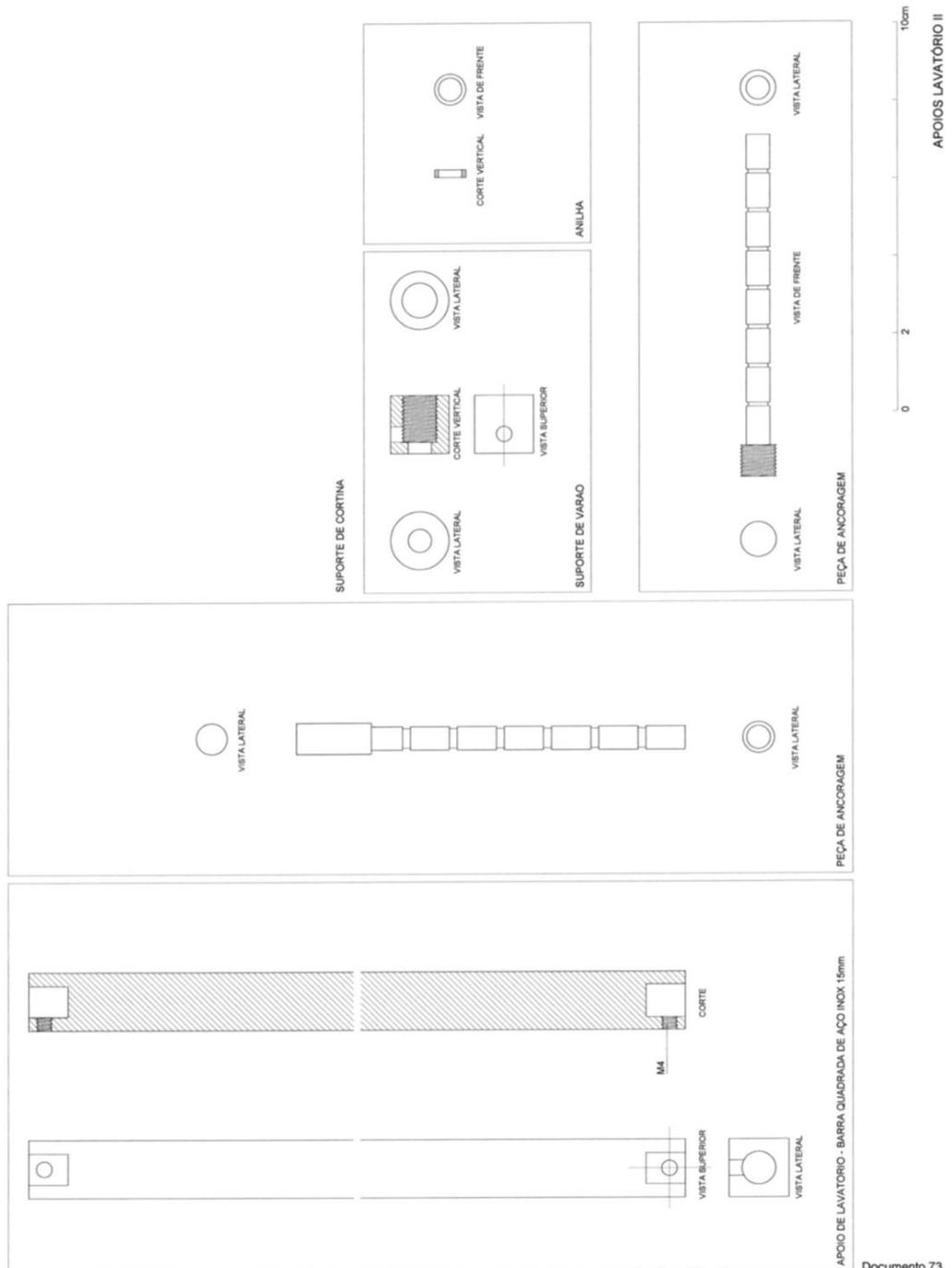
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Eng. Matos de Almeida



Ac4

Nome: Barra de cozinha

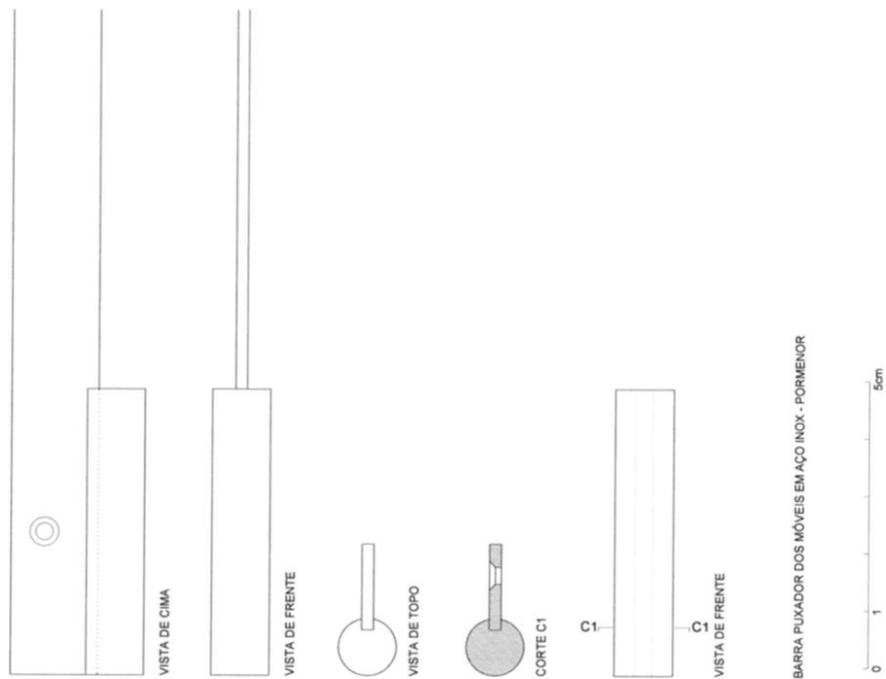
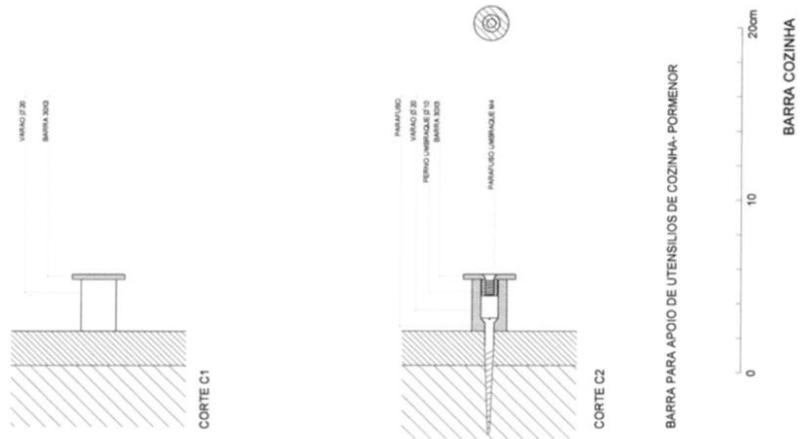
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Maria Teresa Botelho



Ac5

Nome: Acessórios de W.C.

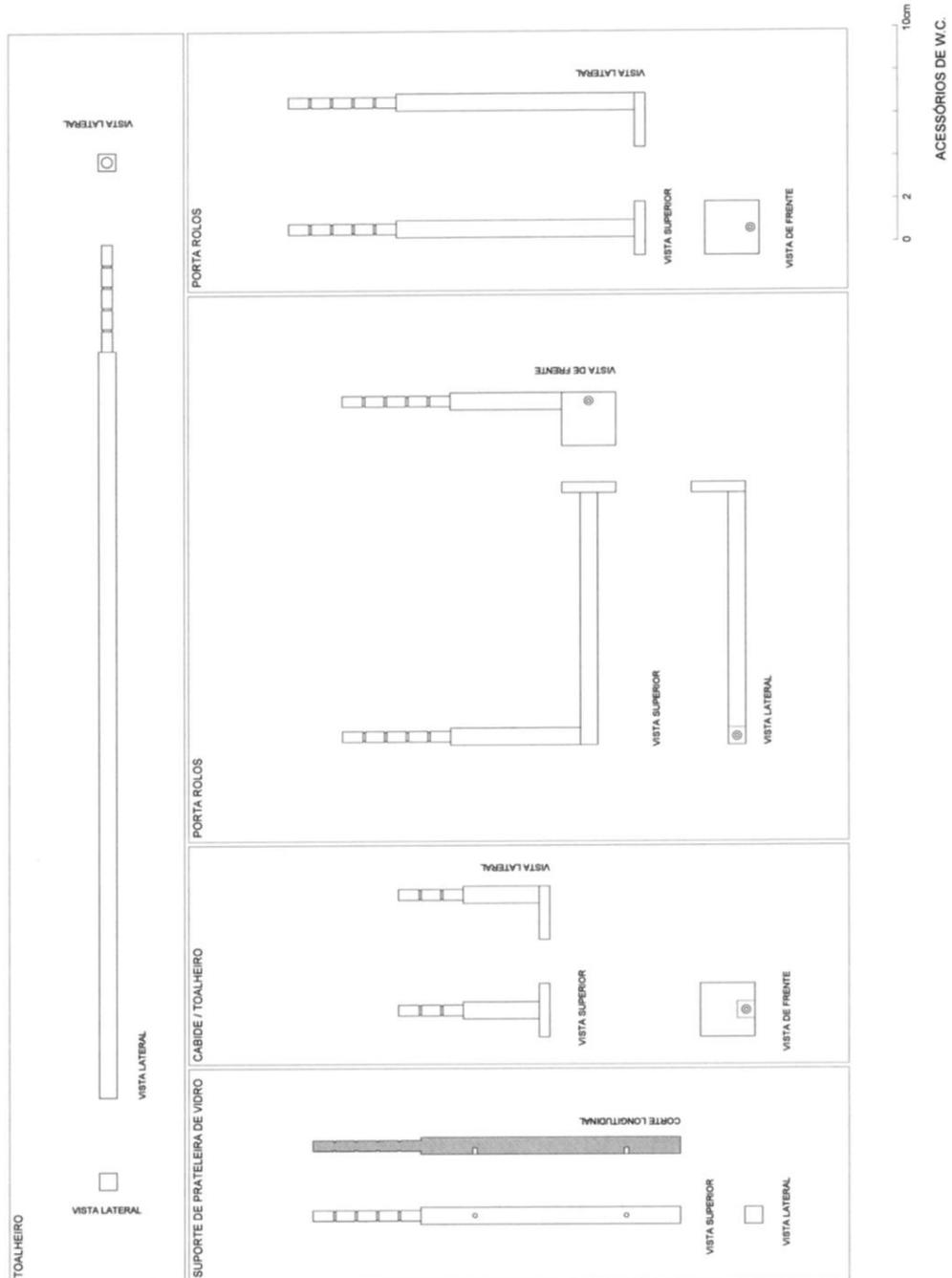
Data: 1996

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



Ac6

Nome: Saboneteira

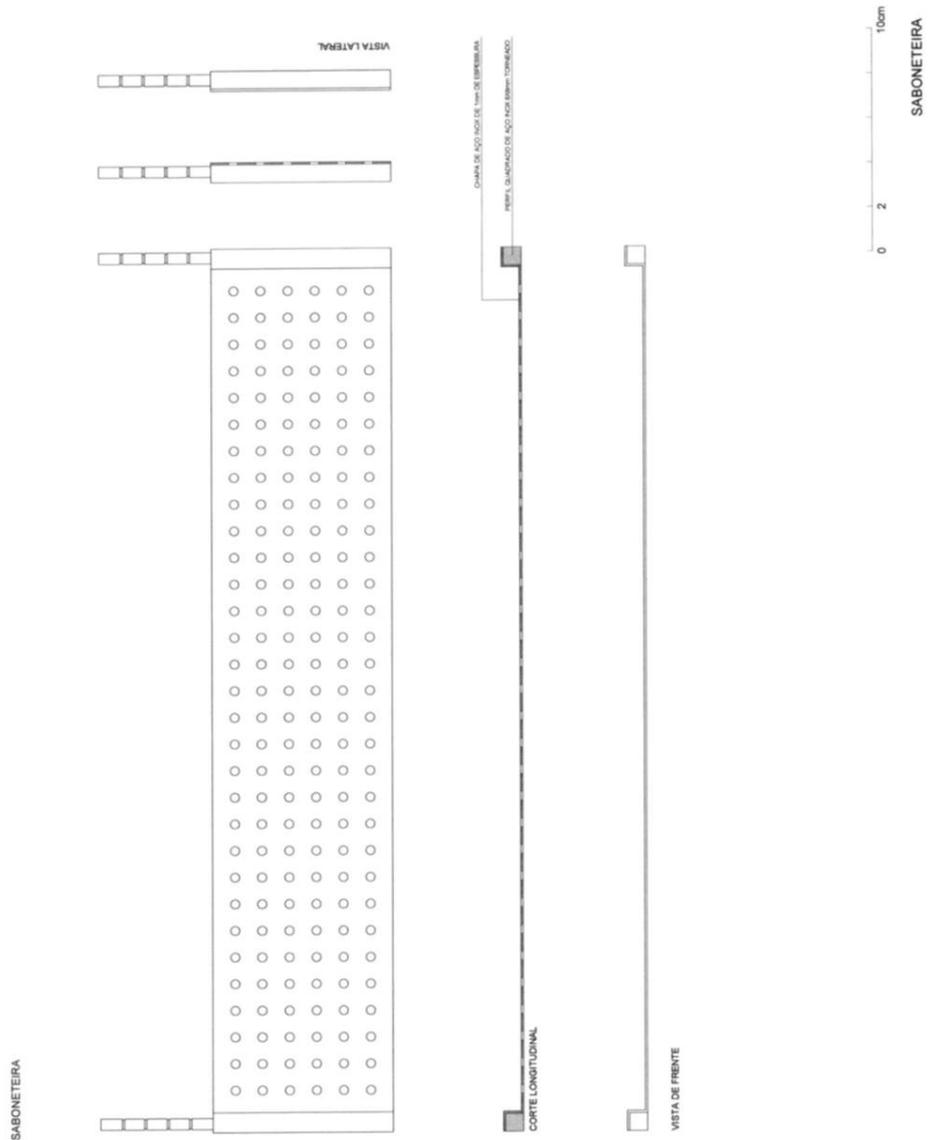
Data: 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dr. Adão Sequeira



Ac7

Nome: Toalheiro de argola

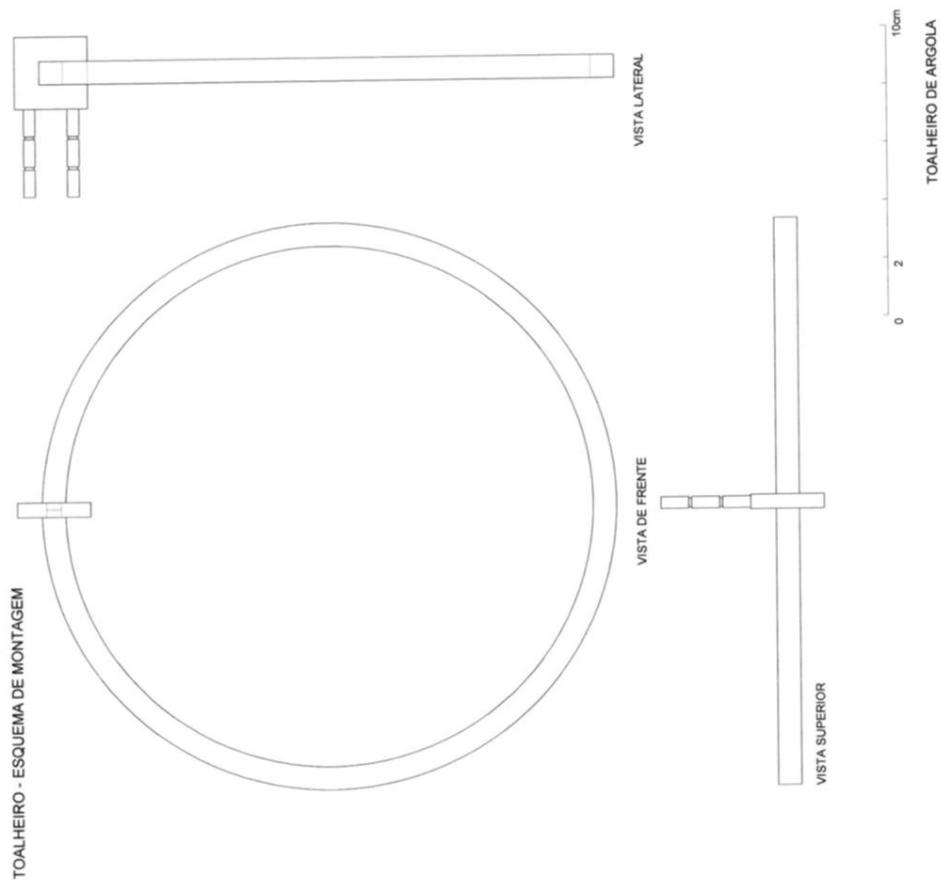
Data: 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dr. Adão Sequeira



2.7 Caixa de relógio de mesa

Cr1

Nome: Caixa de relógio de mesa

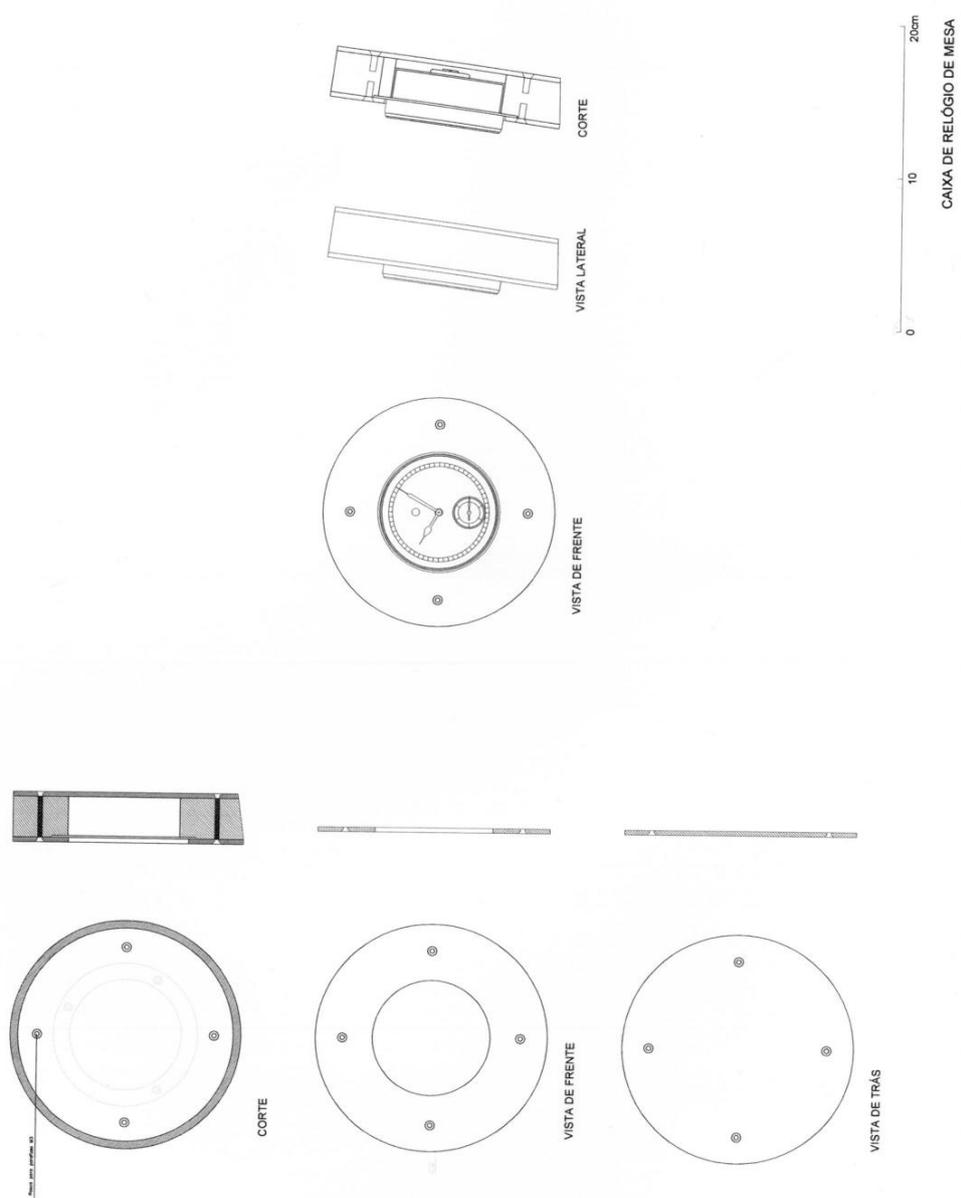
Data: 1995

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração: Arq.to Carlos Maia

Cliente: Arq.to Manuel Botelho



Caixa de Relógio de Mesa



Documento 74

2.8 Biombo-porta

B1

Nome: Porta biombo

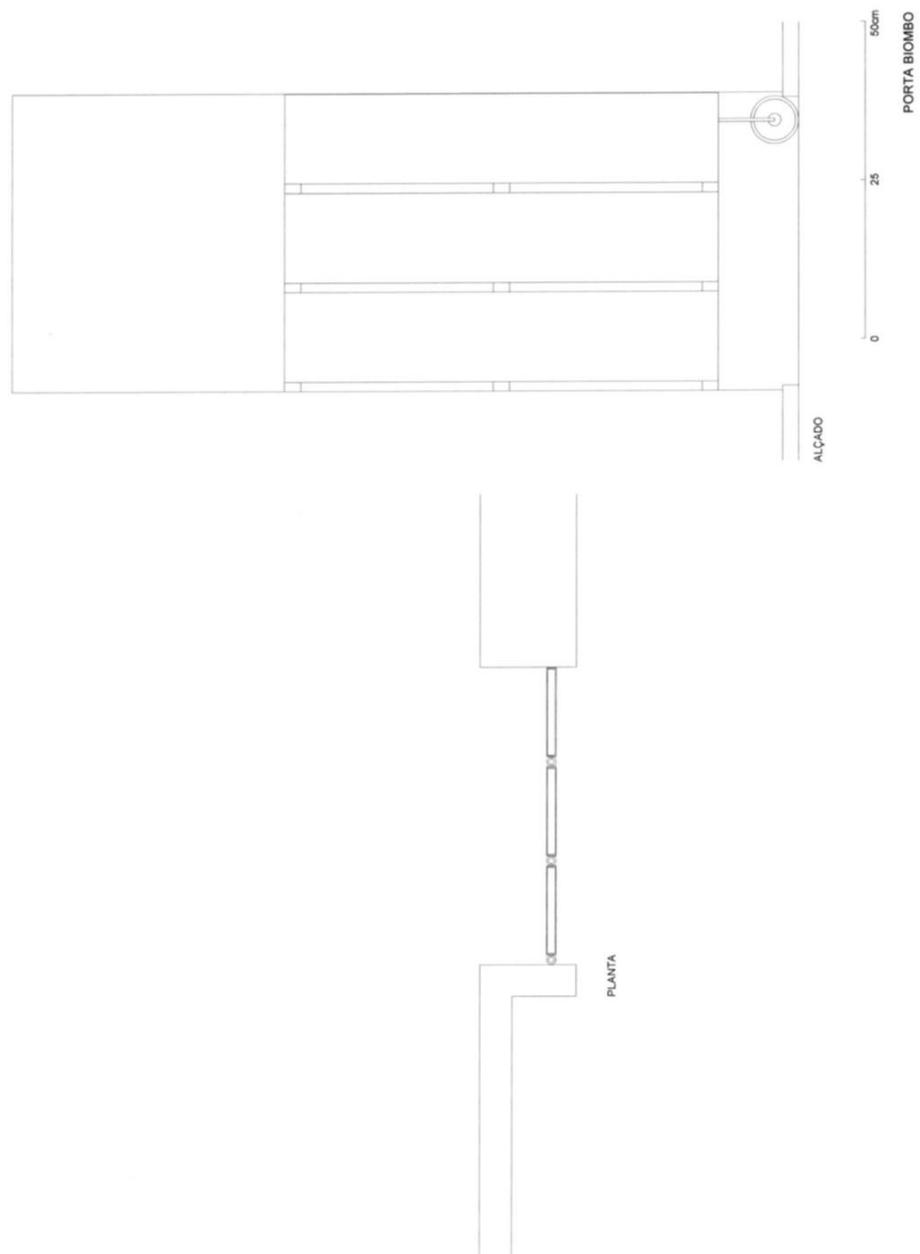
Data: 2000

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



2.9 Insígnias Episcopais

I1

Nome: Insígnias Episcopais de Dom António Rafael- Bispo de Bragança-Miranda

Faleceu: 2018

Data Ordenação Episcopal: 13 de fevereiro de 1977

Data: 1977

Estado: Construído

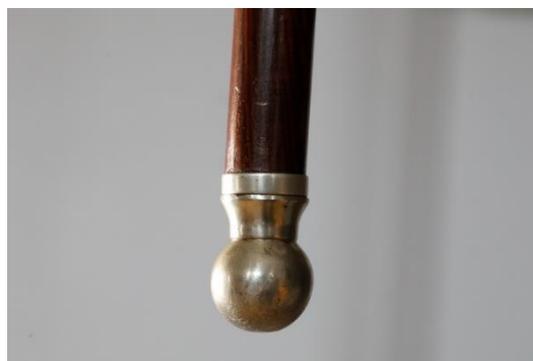
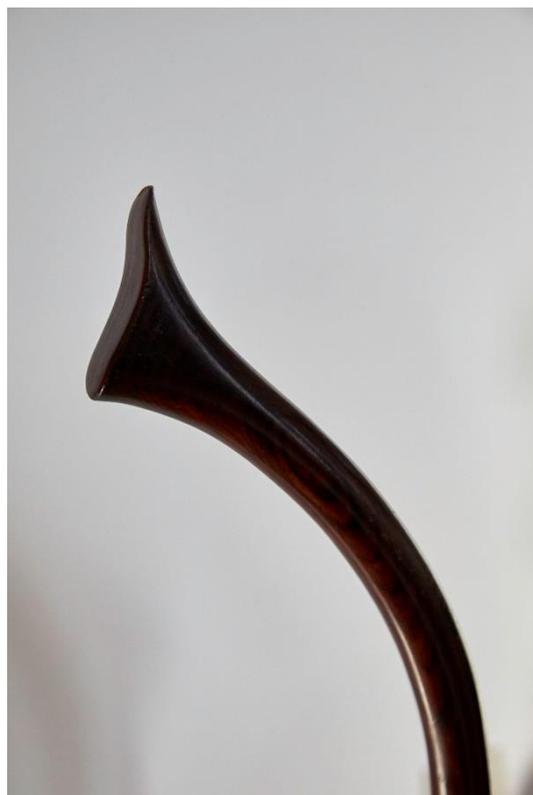
Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dom António José Rafael

Desenhos: Báculo, Anel, Brazão

Lema Episcopal:



Figuras 300/301/302/303/304/305 Fotografias das Insignias Episcopais

12

Nome: Insignias Episcopais de Dom Jacinto Tomás de Carvalho Botelho- Bispo de Lamego

Atualmente: Bispo-emérito de Lamego

Data Ordenação Episcopal: 20 de janeiro de 1996

Data: 1995

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

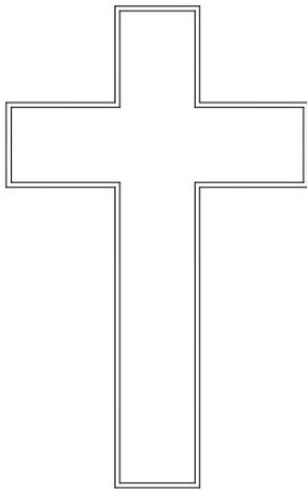
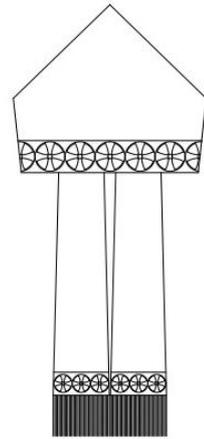
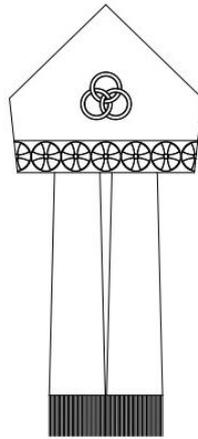
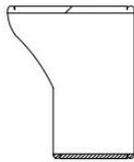
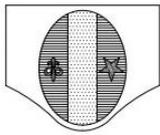
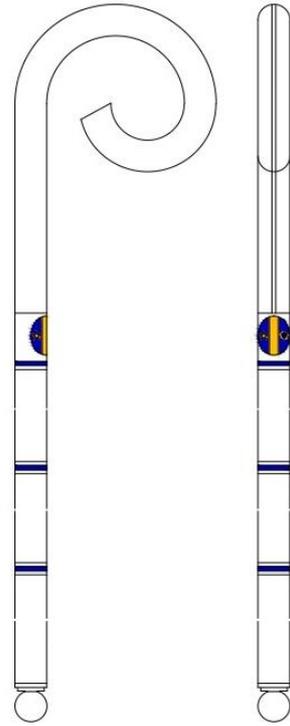
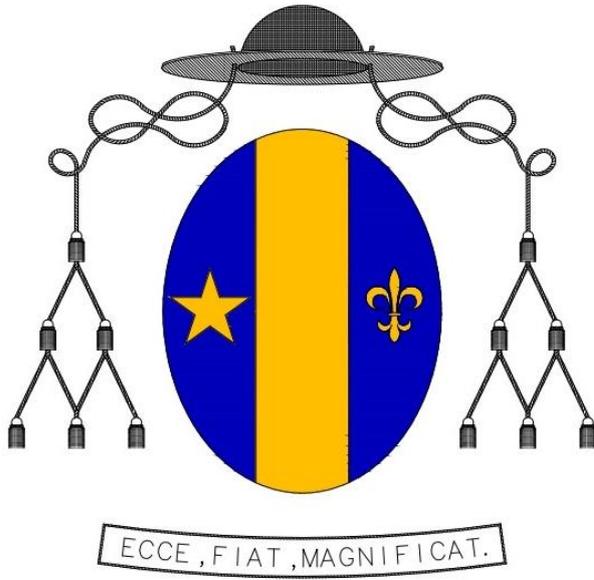
Colaboração:

Cliente: Dom Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

Desenhos: Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Braço

Lema Episcopal: *ECCE, FIAT, MAGNIFICAT.*

“Armas de D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho: Escudo terciado de azul com pala de ouro, acompanhado de estrela de ouro no flanco direito e flor de lis de ouro no flanco esquerdo. Filacteria inferior de prata debruada a verde, com a legenda a vermelho: *Ecce, Fiat, Magnificat.*”





Figuras 306/307/308/309/310/311/312/313 Fotografias das Insignias Episcopais

I3

Nome: Insígnias Episcopais de Dom José Francisco Sanches Alves- Arcebispo de Évora

Atualmente: Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Évora

Data Ordenação Episcopal: 31 de maio de 1998

Data: 1998

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

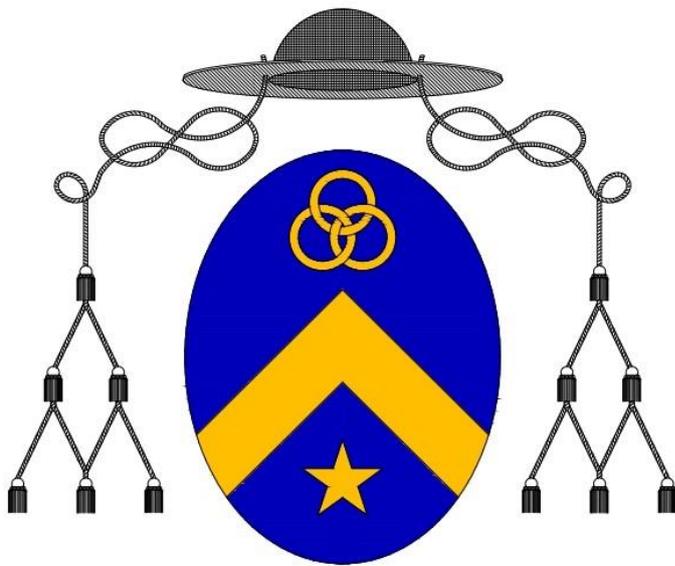
Colaboração: Arq.to António Neves

Cliente: Dom José Francisco Sanches Alves

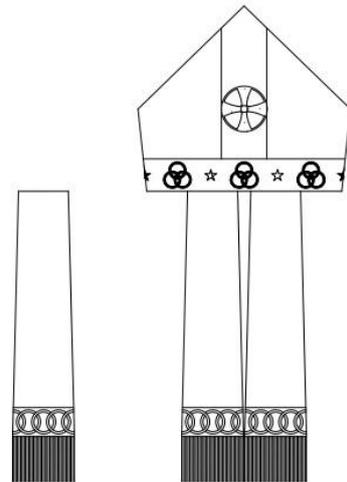
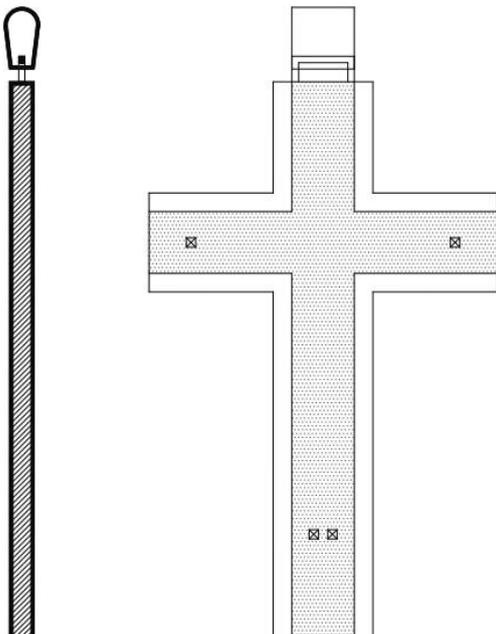
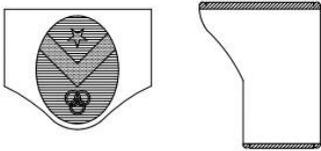
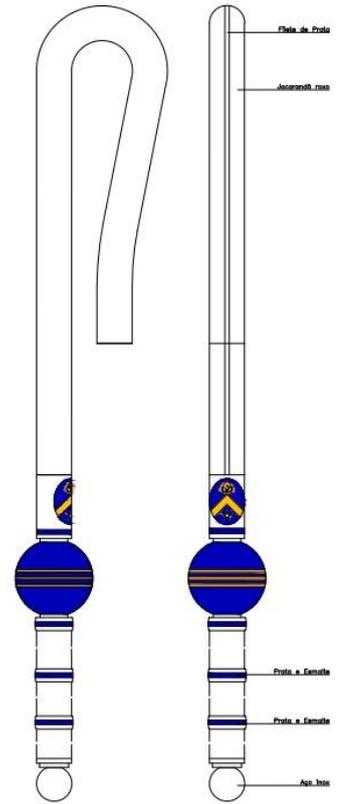
Desenhos: Anel, Báculo, Cruz, Brazão

Lema Episcopal: *UNIX ME ET MISIT ME.*

“ARMAS DE D. FRANCISCO ALVES: Escudo de azul com asna de ouro, acompanhado de três argolas entrelaçadas de ouro em chefe e estrela também de ouro em ponta. Filacteria inferior de prata debruada a verde, com a legenda a vermelho: *Unxit me et misit me.* “



UNXIT ME ET MISIT ME





Figuras 314/315/316/317/318 Fotografias das Insignias Episcopais

14

Nome: Insignias Episcopais de Dom António Francisco dos Santos- Bispo do Porto

Faleceu: 2017

Data Ordenação Episcopal: 19 de março de 2005

Data: 2005

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dom António Francisco dos Santos

Desenhos: Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Braço

Lema Episcopal: *In Manus tuas*

“ARMAS EPISCOPAIS DE D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS: Escudo azul terciado com barra de ouro, acompanhamento de estrela também de ouro no meio do chefe e um monte verde de cinco cômoros na ponta. Filacteria inferior de prata debruada a verde com a legenda: *In Manus tuas*.”

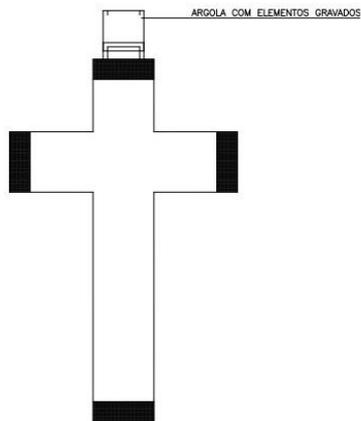
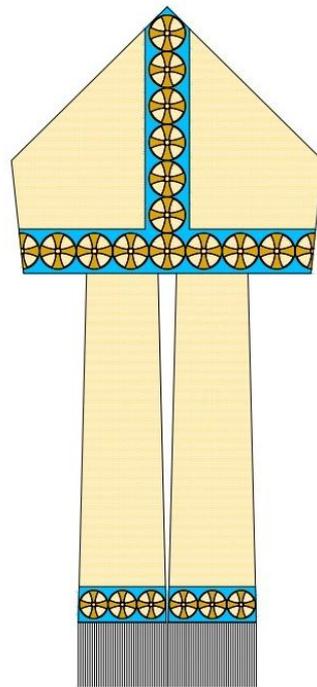
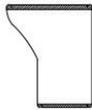
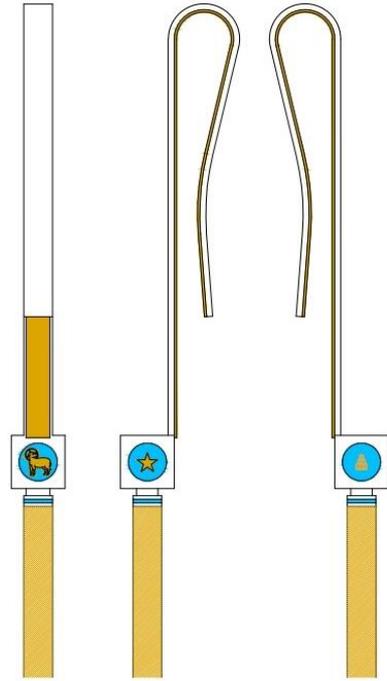
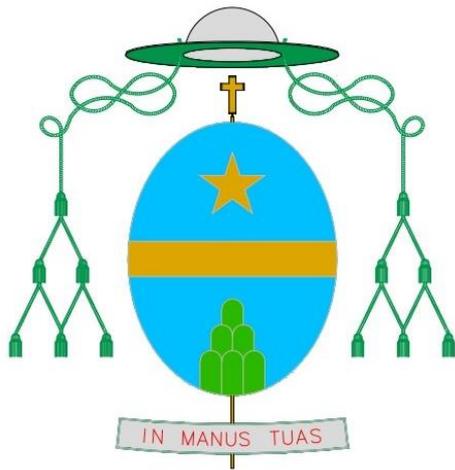
As armas episcopais não querem manifestar ou advogar, para quem as possui, honras e (ou) privilégios na hierarquia social; testemunham, antes, um programa de vida, assumindo-se como compromisso público desse programa.

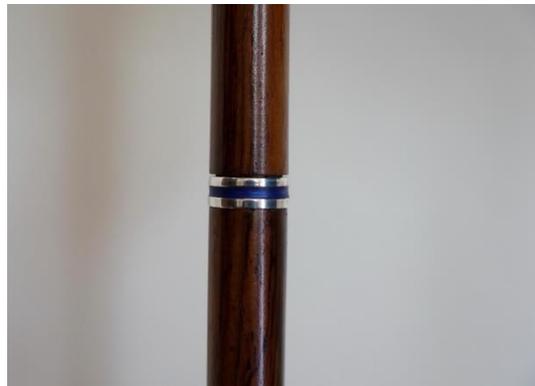
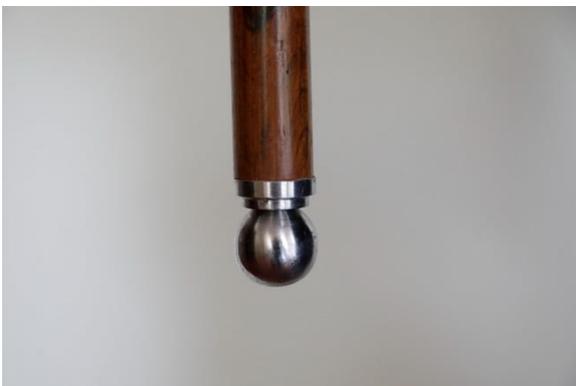
In manus tuas significa uma vida de entrega e de doação a Deus, que é simbolizada pelo ouro.

Com o azul exprime-se que esta doação a Deus não se esgota numa dimensão pessoal e se realiza também no serviço ao Seu Povo e ao lado dos pobres e humildes como o significa a cor verde.

O monte de cinco cômoros é uma alusão simbólica à sua terra natal – Tendais - situada em pleno coração do Montemuro, onde Mons. António recebeu o primeiro chamamento do Senhor e se tornou seu filho pelo Batismo. As montanhas contêm ainda o simbolismo da vida pautada pela austeridade, sacrifício e constância.

A estrela de ouro de cinco pontas representa a Mãe do Céu qual “*stella matutina*” ou estrela de alva que será diariamente uma presença confortante a dar força e esperança a um novo dia de viagem na peregrinação difícil e exigente do viver.”





Figuras 319/320/321/322/323/324/325/326 Fotografias das Insignias Episcopais

15

Nome: Insígnias Episcopais de Dom António José da Rocha Couto- Bispo de Lamego

Atualmente: Bispo de Lamego

Data Ordenação Episcopal: 23 de setembro de 2007

Data:2007

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dom António José da Rocha Couto

Desenhos: Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Braço

Lema Episcopal: *VEJO UM RAMO DE AMENDOEIRA*

VEJO UM RAMO DE AMENDOEIRA (Jr 1,11)

Maqqel shaqed 'ânî ro'eh

Virgam vigilantem ego video (Vg)

Virgam amygdali vigilantis ego video (NVg)

1. Há na Bíblia um grande profeta que nem sempre é bem interpretado. Chama-se Jeremias. O seu nome significa «Deus constrói». E muita gente pensa que é um choramingas, alguém que passa o tempo a lamentar-se. Nada de mais errado.

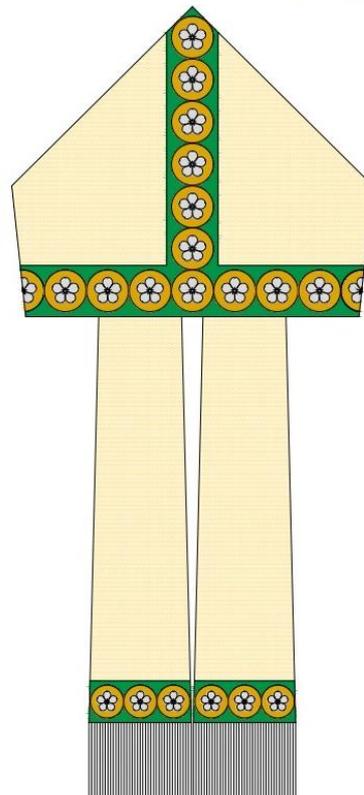
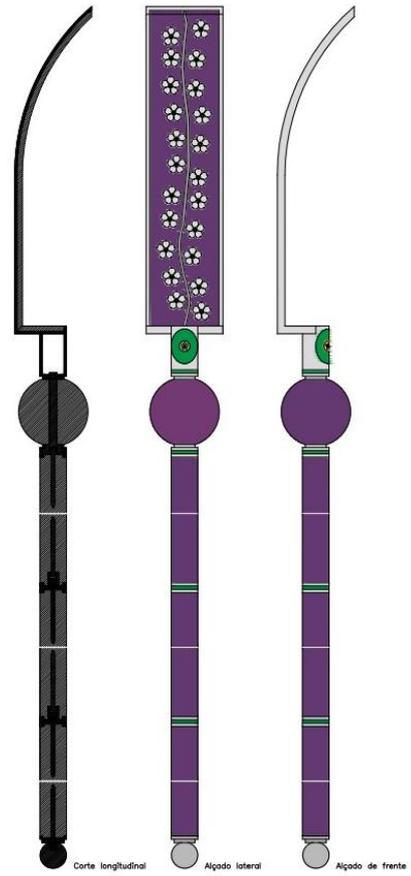
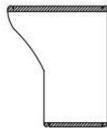
2. Na belíssima cena da sua vocação, Deus confia-lhe uma missão difícil: «Vê! Eis que te constituo hoje,/ sobre as nações e sobre os reinos,/ para arrancar e para destruir,/ para exterminar e para demolir,/ para construir e para plantar» (Jeremias 1,10). Os verbos falam por si. Quatro verbos negativos, os primeiros. Apenas dois verbos positivos, os últimos. À primeira vista, a missão de Jeremias apresenta-se espinhosa, arrasadora e quase catastrófica. Primeiro destruir, e muito; só depois, construir um bocadinho.

3. É verdade que o grande profeta vai atravessar a época mais negra da história do seu país. Vai assistir à morte do justo (Josias), em 609 a. C., e a duas entradas devastadoras do babilónico Nabucodonosor no seu país, em 597 e 587. A segunda, em 587, é para pôr fim à nação de Judá, arrasar a capital, Jerusalém, incendiar o Templo, levar o rei Sedecias e muitos nobres para o Exílio na Babilónia. Era o fim de um país e o fim de uma religião (ainda era rentável o culto a um Deus que tinha aparentemente abandonado o justo e os seus fiéis e deixado destruir o Templo?). Era o fim de um mundo o que se avistava agora de Jerusalém!

4. Nestas condições, não admira que Jeremias destile também tristeza, dor e amargura. O que admira, e é nisso que o devemos seguir, é que ele não fique com os olhos e a alma atolados na lama e no lodo (Jeremias 38) e na miséria, na ruína e na morte, num mundo sem Deus, mas aprenda a ver o mundo, Deus e a religião de outra maneira. Sim, o justo pode morrer injustamente sem que Deus o abandone! Jeremias descobre, no meio da dor da sua vida, o verdadeiro rosto de Deus, irresistível companheiro (Jeremias 20,7.11-13), e confessa apaixonado: «Sempre que aparecem as tuas palavras, eu como-as. A tua palavra é, para mim, exultação e a alegria do meu coração» (Jeremias 15,16).

5. De facto, depois de lhe ter confiado aquela missão, aparentemente desgraçada, assente naqueles primeiros quatro verbos negativos (só os dois últimos são positivos), Deus ousa perguntar a Jeremias: «O que vês, Jeremias?» Ao que Jeremias responde: «Vejo um ramo de amendoeira!» E Deus manifesta a sua aprovação, dizendo: «Viste bem, Jeremias, viste bem!» «Bem» diz-se em hebraico *tôb*. Mas *tôb* significa também «belo» e «bom». Jeremias vê, portanto, «bem», «belo» e «bom»!

6. A amendoeira é das poucas árvores que floresce em pleno inverno. Ao responder: «Vejo um ramo de amendoeira», Jeremias já levantou os olhos da invernia e da tempestade e do lodo e da lama, da catástrofe e da morte que tinha pela frente, e já os fixou lá longe na frágil-forte flor da esperança que a amendoeira representa.





Figuras 327/328/329/330 Fotografias das Insignias Episcopais

16

Nome: Insignias Episcopais de Dom António Augusto de Oliveira Azevedo- Bispo de Vila Real

Atualmente: Bispo de Vila Real

Data Ordenação Episcopal: 19 de março de 2016

Data: 2016

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

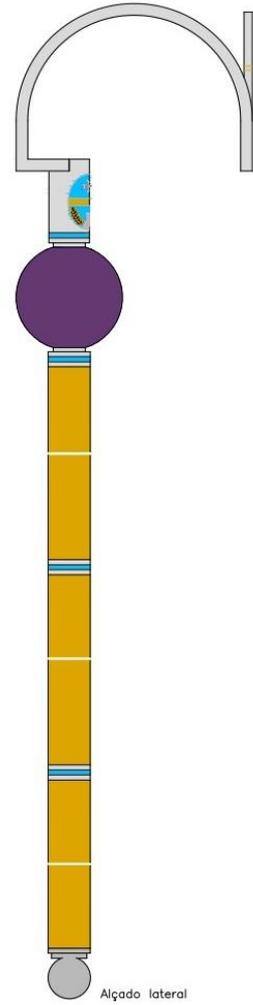
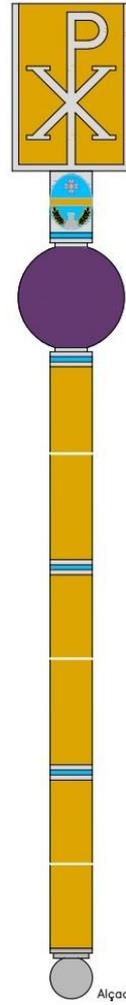
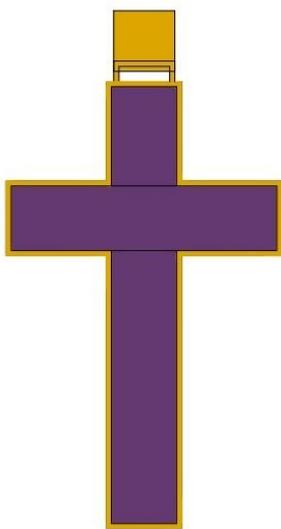
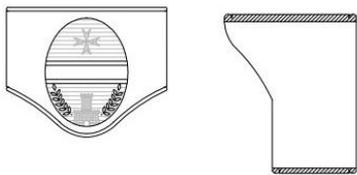
Colaboração:

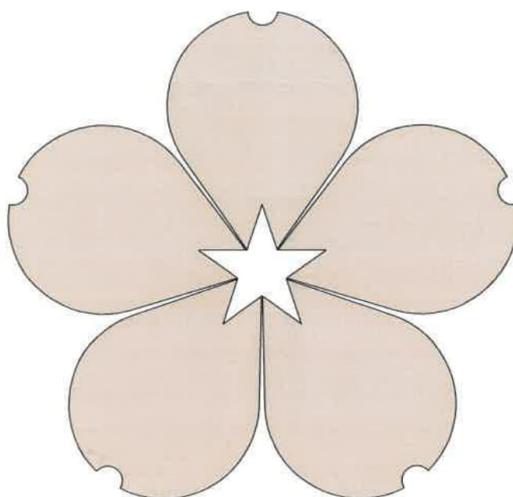
Cliente: Dom António Augusto de Oliveira Azevedo

Desenhos: Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Braço

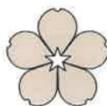
Lema Episcopal: *MISERICORDIAS DOMINI CANTABO*

“ARMAS EPISCOPAIS DE D. ANTÓNIO OLIVEIRA: Escudo azul terciado com barra de ouro, acompanhamento de estrela também de ouro no meio do chefe, e uma cruz de malta na ponta. Filacteria inferior de prata debruada a verde com a legenda: *MISERICORDIAS DOMINI CANTABO.*”



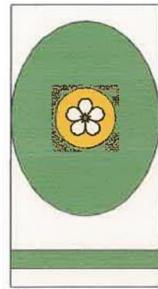


escala ampliada



escala: 1/1

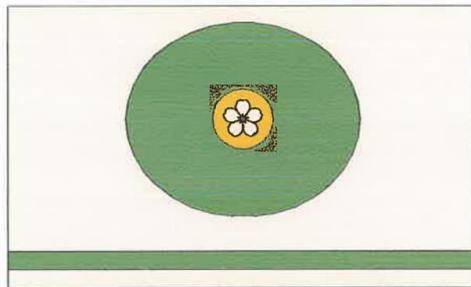
INSIGNIAS EPISCOPAIS DE D. COUTO	SETEMBRO 2007
Manuel Botelho Lda. Largo do Campo Lindo 58, 4200-142 Porto tel.225096961 fax.225025680	escala 1:1
FLOR DE PRATA PARA EMBUTIR	004



VISTA DE FRENTE

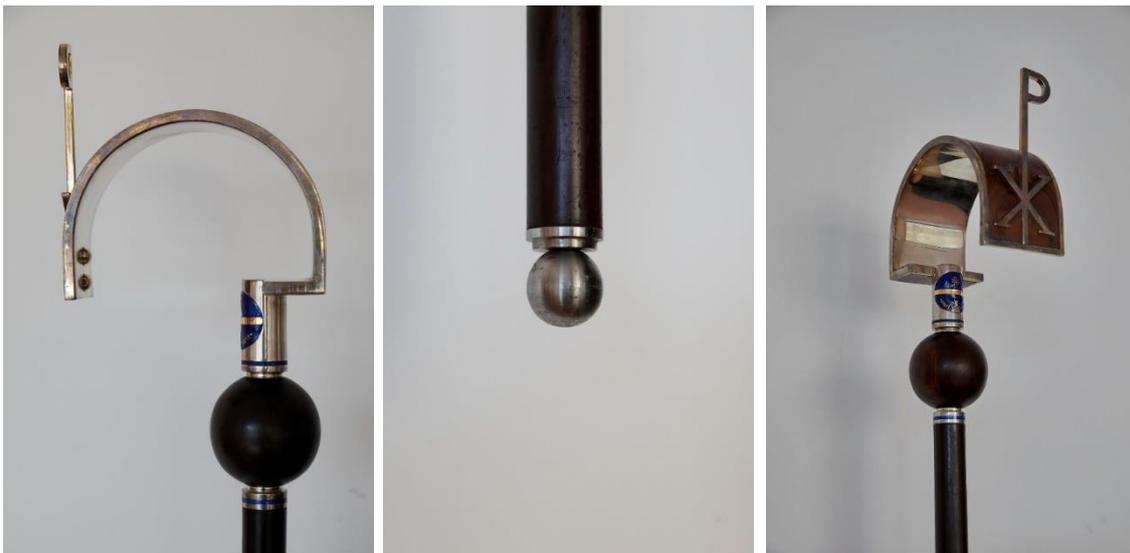


VISTA SUPERIOR



PLANIFICAÇÃO DA VISTA DE FRENTE

INSIGNIAS EPISCOPAIS DE D. COUTO	SETEMBRO 2007
Manuel Botelho Lda. Largo do Campo Lindo 58, 4200-142 Porto tel.225096961 fax.225025680	escala 1:1
BRAZÃO DO BÁCULO	002



Figuras 331/332/333/334/335/336/337 Fotografias das Insignias Episcopais

17

Nome: Insígnias Episcopais de Dom António Maria Bessa Taipa- Bispo auxiliar do Porto

Atualmente: Bispo auxiliar- Emérito do Porto

Data Ordenação Episcopal: 18 de abril de 1999

Data: 2016

Estado: Construído

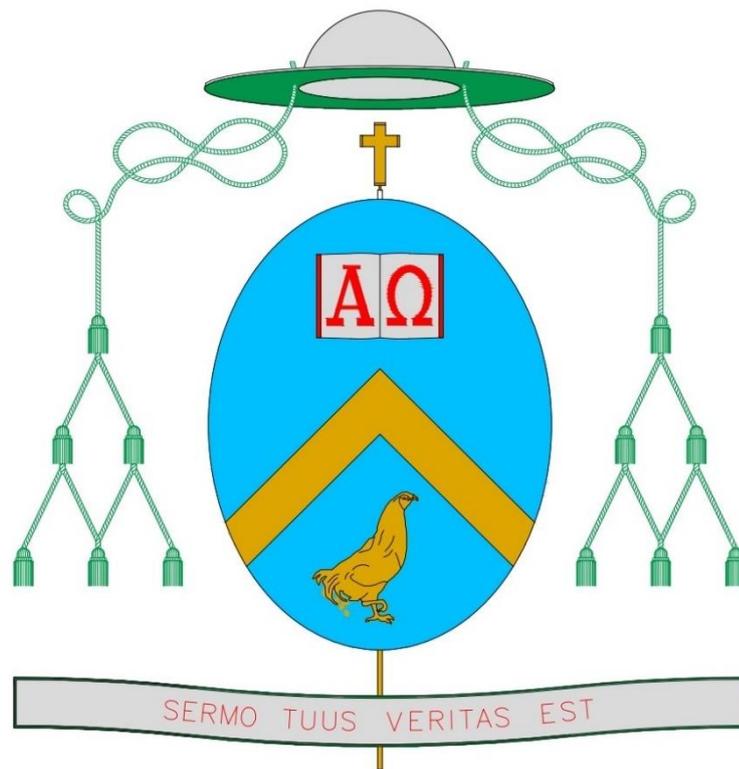
Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dom António Maria Bessa Taipa

Desenhos: Apenas desenhou o Brasão

Lema Episcopal: *SERMO TUUS VERITAS EST*



18

Nome: Insignias Episcopais de Dom Manuel da Silva Rodrigues Linda- Bispo do Porto

Atualmente: Bispo do Porto

Data Ordenação Episcopal: 20 de setembro de 2009

Data: 2018

Estado: Construído

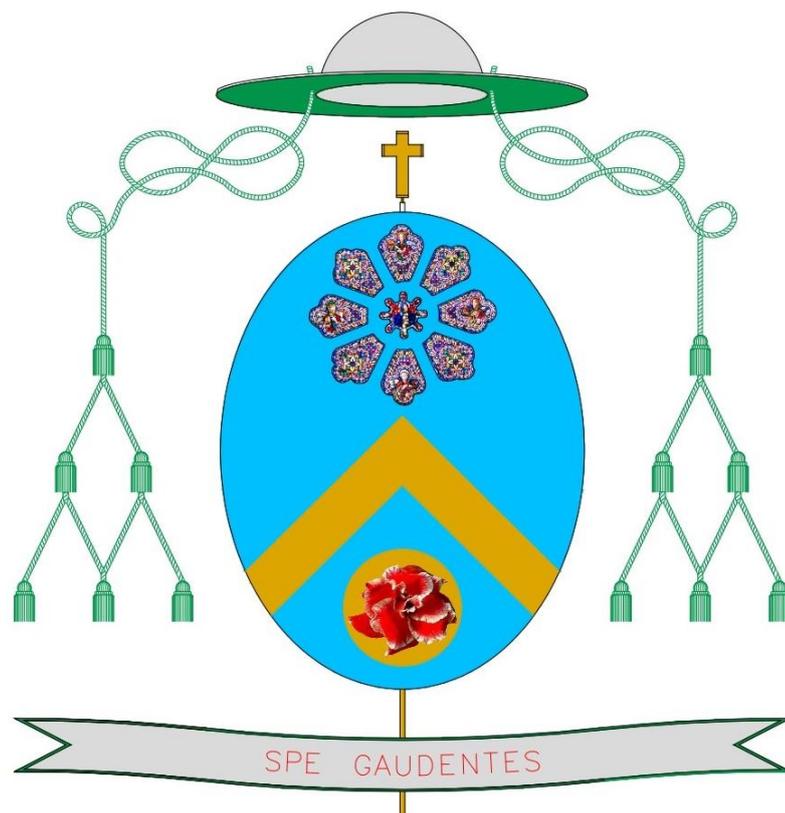
Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente: Dom Manuel da Silva Rodrigues Linda

Desenhos: Apenas desenhou o Brasão

Lema Episcopal: *SPE GAUDENTES*



2.10 Escultura

Es1

Nome: Escultura- “A tentação do desvio tangencial”

Data: 1995

Estado: Construído

Arquitetura: Arq.to Manuel Botelho

Colaboração:

Cliente:



**Manuel Botelho - Ficha de obras de Projetos de arquitetura
(1961-2010)**

Nº refº/ nº obra atribuído	Data	Nome da obra original	Co Autoria	Colaboradores (Arquitetura)	Colaboradores (Engenharia)	Dono da obra	Localidade	Estado de obra (C/NC)	Nº Licença Nº Processo	Peças desenhadas (folhas)	Desenhos Digitais (ficheiros dwg)	Maquetes	Peças escritas (quantidade em capas)	Slides	Fotografias	Fotografias (suporte digital)	
1	1961	Remodelação da Capela do Seminário Maior de Lamego				Fábrica da Igreja Catedral-Diocese de Lamego	Rua de S. Lázaro, Lamego	Construído									
2	1980	Capela de São José		Isabel Sereno, João Carreira, José Maria Corte Real, Guilherme Páris Couto, António Simões	Eletricidade: Eng.º José Maria Vigário Martins	Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de São Cosme de Gondomar	Estrada Dom Miguel, Nº 719, São Cosme, Gondomar	Construído		146 folhas	14 ficheiros		1 capa	47 slides	15 fotografias	20 fotografias	
3	1981	Casa do Povo de Moimenta da Beira					Moimenta da Beira	Estudo Prévio		8 folhas							
4	1982	Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento		Isabel Sereno, João Carreira, José Maria Corte Real, Guilherme Páris Couto	Estabilidade e estruturas: Eng.º Gaspar Bessa d'Orey. Eletricidade: Eng.º António José Machado Rodrigues Gomes	Fábrica Igreja Paroquial do Santíssimo Sacramento	Rua Monsenhor Fonseca Soares, Nº 147, Massarelos, Porto	Construído (parcialmente)	Nº Licença: 309/84 Nº Processo: 23669/83	75 folhas	14 ficheiros				8 fotografias		
5	1982	Mercado Municipal de Moimenta da Beira		Isabel Sereno, João Carreira, Guilherme Páris Couto	Estabilidade e estruturas: Eng.º João Dias Ferreira. Águas e saneamento: Eng.º Nunes	Câmara Municipal de Moimenta da Beira	Rua Mercado Municipal, Moimenta da Beira	Construído (alterado)		89 folhas	10 ficheiros		1 capa	36 slides		6 fotografias	
6	1982	Igreja de Nossa Senhora de Lourdes					Vila Real	Projeto		10 folhas							
7	1983	Casa Dr. Lima Teles				Dr. Lima Teles	Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia	Projeto		2 folhas							
8	1983	Casas em Vila da Rua					Vila da Rua, Moimenta da Beira	Projeto		1 folha							
9	1983	Casa Dr. Barroso Pires		Isabel Sereno, João Carreira	Estruturas: Eng.º Telmo de Carvalho Ferreira; Águas e Saneamento: Eng.º A. Matos de Almeida	Dr. Luís Barroso Pires	Bairro Corisca 8, Ponte da Barca	Construído	Nº Processo: 346/84	113 folhas	40 ficheiros		4 capas	155 slides	16 fotografias	119 fotografias	
10	1985	Centro Social de Vila da Rua		Isabel Sereno, João Carreira			Vila da Rua, Moimenta da Beira	Projeto		12 folhas							
11	1985	Capela Mor da Igreja de Penajóia		Isabel Sereno			Lamego	Projeto		8 folhas							
12	1985	Casa José Pereira Lopes				José Pereira Lopes	Lugar de Prados de Cima, Vila da Rua, Moimenta da Beira	Construído (obra não assumida pelo arquiteto)	Nº Licença: 327/90 Nº Processo: 556/85	3 folhas							
13	1986	Renovação do Espaço Litúrgico da Igreja Paroquial de Castro Daire		Isabel Sereno, João Carreira			Castro Daire	Projeto		15 folhas		1 MAQUETE					
14	1987	Casa Ricardo Noronha Lima Teles		Isabel Sereno, João Carreira	Estruturas: Eng.º A. Matos de Almeida. Águas e Esgotos: Eng.º A. Matos de Almeida. Construtor: Construções do Ardena	Ricardo Noronha Lima Teles	Rua do Comércio, Lugar de Feira, Nespereira, Cinfães	Construído	Nº Licença: 212/86 Nº Processo: 91/85	65 folhas	11 ficheiros	1 MAQUETE		201 slides	17 fotografias	34 fotografias	
15	1987	Casa Dr. João Machado		Isabel Sereno, João Carreira	Estabilidade e estruturas: Eng.º Paulo Machado. Águas e Esgotos: Eng.º A. Matos de Almeida	Dr. João da Silva Machado	Rua da Boavista, 504, Cepelos, Amarante	Construído		52 folhas				19 slides	35 fotografias	11 fotografias	
16	1987	Centro Cívico de Nespereira		Isabel Sereno, João Carreira, Carlos Maia, Francisco Cunha, Guilherme Páris Couto, Helena Beselga, Manuel Roque, António Simões, Arménio Teixeira, Rita Mazeda	Estruturas: Eng.º Paulo Pimenta. Águas e Saneamento: Eng.º Fátima Pimenta. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos. Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Vasco Freitas	Fábrica da Igreja Paroquial de Nespereira;	Rua/Largo Padre Bernardino Ribeiro Fernandes, Nespereira, Guimaraães	Construído (alterado)		115 folhas	14 ficheiros	3 MAQUETES		140 slides	27 fotografias	43 fotografias	
17	1987	Casa Eng. Nunes de Sousa		Isabel Sereno, Jane Considine, Arménio Teixeira, António Simões, Rui Jorge, Manuel Roque, Helena Beselga, Cecília Delgado, David Hartigan	Estruturas: Eng.º Paulo Pimenta. Águas e Saneamento: Prof. Eng.º Vasco Freitas. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos. Construtor: Hernâni Andrade	Eng. Luís Nunes de Sousa;	Porto, Rua Escritor Nuno de Bragança, Nº 107, Ramalde, Porto	Construído	Nº Licença: 105/91 Nº Processo: 18059/88	97 folhas	32 ficheiros	1 MAQUETE	18 capas	69 slides	50 fotografias	52 fotografias	
18	1988	Concurso para as Novas Instalações da FEUP	José Manuel Soares	Isabel Sereno, João Carreira			Porto	Concurso		14 folhas			1 capa				
19	1988	Reorganização da Igreja Matriz de Ovar				Paróquia de São Cristovão	Ovar, Aveiro	Projeto		3 folhas							
20	1988	Igreja dos Congregados Braga					Av. Central 98, São José de São Lázaro, Braga	Projeto		2 folhas							

Nº refª/ nº obra atribuído	Data	Nome da obra original	Co Autoria	Colaboradores (Arquitetura)	Colaboradores (Engenharia)	Dono da obra	Localidade	Estado de obra (C/NC)	Nº Licença Nº Projeto	Peças desenhadas (folhas)	Desenhos Digitais (ficheiros dwg)	Maquetes	Peças escritas (quantidade em capas)	Slides	Fotografias	Fotografias (suporte digital)
21	1990	Casa e Farmácia Silva Rocha		Miguel Sá, Jane Considine, Sílvia Namorado, António Simões, Arménio Teixeira, Cristina Roque	Estruturas (1ª fase): Eng.º Matos de Almeida. Estruturas (2ª fase) Eng.º J. Mateus Gomes. Águas e Saneamento: Eng.º A. Matos e Almeida. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos	Dra. Arminda Maria Magalhães Silva Rocha	Lousada, Avenida S. Pedro, Nº 925, Calde de Rei	Construído (só a farmácia)	Nº Licença: 355/91 Nº Processo: 89/90	67 folhas		1 MAQUETE	3 capas	40 slides	12 fotografias	41 fotografias
22	1990	Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira		Maria José Casanova, Jane Considine, Manuel Roque, Rui Jorge, António Simões, José Cunha	Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas, ESL. Águas e Saneamento: Eng.º Fátima Pimenta. Eletricidade: Eng.º Fernando Ramos	Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Nespereira	Avenida Bombeiros Voluntários, Nº 412, Lugar de Freira Franca, Nespereira, Cinfães	Construído (parcialmente)	Nº Licença: 165/01 Nº Processo: 288/93	154 folhas	127 ficheiros	1 MAQUETE		175 slides	101 fotografias	334 fotografias
23	1991	Casa Eng. José Maria Mendes Cardoso				José Maria Mendes Cardoso	Canelas, Vila Nova de Gaia	Estudo Prévio		9 folhas						
24	1992	Quatro Casas em Valadares	Maria José Casanova	Arménio Teixeira, António Simões		Eng. Augusto José de Almeida Nunes e Pina _ e _ Eng. António Acácio Matos de Almeida + 2 proprietários	Avenida Junqueira - Vereda 2, Vila Nova de Gaia	Projeto		55 folhas	8 ficheiros	1 MAQUETE	1 capa	12 slides		
25	1993	Centro de Talassoterapia	Manuel Mendes	Jane Considine, António Simões, Arménio Teixeira, Manuel Roque, Rui Jorge, Helena Beselga	Fundações e Estruturas: Eng. Paulo Pimenta; Rede e Instalações de Águas e Águas Residuais: Eng. Fátima Pimenta; Rede e Instalações de Eletricidade e Telecomunicações: Eng. Raul Serafim; Instalações Mecânicas: Eng. Silva Teixeira; Comportamento Térmico: Prof. Eng. Vasco Freitas		Póvoa de Varzim	Projeto		127 folhas	1 ficheiro	2 MAQUETES 1 EM METAL DA ESTRUTURA	32 capas	70 slides		
26	1994	Lar de Idosos e Convento de A-De-Barros		António Simões, José Cunha, João Carreira			A-De-Barros, Sernancelhe	Projeto			1 ficheiro	1 MAQUETE PEQUENA		26 slides		
27	1994	Casa Maia Ribeiro		António Simões, Cristina Roque, João Carreira, José Cunha, António Neves	Estruturas, Águas e Saneamento e Comportamento Térmico: Eng.º França Monteiro. Construtor: Delfim Azevedo	Ângela Rosa Pinho da Costa Maia, Dr. João Leite Ribeiro	Rua José Frederico Ulrich, Nº 541, Gemunde, Castelo da Maia, Maia	Construído	Nº Processo: 2265/94	14 folhas	193 ficheiros	2+2 MAQUETES	18 capas	419 slides	1 fotografia	94 fotografias
28	1994	Hipermercado Feira Nova		António Simões, Cristina Roque, José Cunha, Helena Beselga, Carlos Maia, João Carreira, Maria José Casanova, António Neves	Estruturas: Eng. Paulo Pimenta; Instalações de Águas e Esgotos: Eng.º Fátima Pimenta; Comportamento Térmico e Acústico: Prof. Eng. Vasco Freitas; Arquitetura Paisagística: Arq. Agostinho Pizarro	Câmara Municipal de Póvoa de Varzim	Lugar Da Gandara, Argivai, Póvoa de Varzim	Construído (alterado)		23 folhas	2 ficheiros		3 capas	219 slides	302 fotografias	20 fotografias
29	1994	Recuperação de Casa Própria				Manuel Botelho	Rua de Júlio Ramos, Nº 5, Campo Lindo, Porto	Construído		21 folhas	67 ficheiros	1 MAQUETE			14 fotografias	20 fotografias
30	1994	Concurso de ideias para Conjunto de habitação social em Leça da Palmeira	Maria José Casanova	Cristina Roque, João Carreira, António Simões, Helena Beselga, Carlos Maia, António Neves			Leça da Palmeira, Matosinhos	Concurso			2 ficheiros	1 MAQUETE				
31	1994	Remodelação de uma casa em Lisboa					Lisboa				1 ficheiro					
32	1995	Arranjo da Praça de Touros de Póvoa de Varzim e Envolvente		Cristina Roque, António Simões, Helena Beselga, Carlos Maia, António Neves			Póvoa de Varzim	Concurso			1 ficheiro	1 MAQUETE	1 capa			
33	1995	Casas do Eng. Matos de Almeida e do Eng. A. Pina		Maria José Casanova, Cristina Roque, António Simões, Helena Beselga, Carlos Maia, António Neves, Rita Mazeda		Eng. Augusto José de Almeida Nunes e Pina _ e _ Eng. António Acácio Matos de Almeida	Vila Nova de Gaia, Avenida Junqueira - Vereda 2, Números 32 e 14 (respetivamente)	Construído	Nº Licença: 2290/96 e 587/97 Nº Processo: 273/95 e 274/95	10 folhas	214 ficheiros	1 MAQUETE (CASA ENG. PINA)	9 capas	67 slides	17 fotografias	7 fotografias
34	1995	Projeto de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro	Maria José Casanova	António Simões, António Neves, Carlos Maia, Alexandra Sá Torráo			Lagarteiro, Campanhã, Porto,	Concurso		27 folhas	4 ficheiros	1 MAQUETE- LAVADOUROS 1 MAQUETE- MERCADO, POLICIA E CAFÉ 1+1 MAQUETES CAMPO DE JOGOS	8 capas	42 slides		
35	1996	Concurso para a elaboração de um relatório- diagnóstico e proposta de reorganização funcional da Igreja e Mosteiro de Grijó			Eng. Victor Carlos Trindade Abrantes Almeida; Estabilidade e Estrutura: Eng. Rui Humberto Costa de Fernandes Póvoas		Grijó, Vila Nova de Gaia	Relatório					2 capas		11 fotografias	
36	1996	Recuperação da cobertura de casa em Cascais				Dª Maria Branca Gonçalves Aguiar Mange	Rua D. Francisco de Avilez, Cascais	Caderno de Encargos					1 capa			
37	1998	Concurso para o Convento dos Dominicanos de Lisboa	Manuel Mendes	Isabel Sereno, João Carreira			Lisboa	Concurso		33 folhas						
38	1998	Concurso para elaboração do projeto das Instalações do Centro de Saúde de Cinfães		António Simões, António Neves			Rua Capitão Salgueiro Maia, Vila de Cinfães	Concurso			1 ficheiro					
39	1998	Arranjo de um apartamento na Av. Fernão Magalhães		António Simões, António Neves		Maria Teresa Botelho	Rua Dom Agostinho de Jesus e Sousa, porta 49-9ªA, Porto	Construído		4 folhas	65 ficheiros		1 capa		41 fotografias	45 fotografias

Nº refº/ nº obra atribuído	Data	Nome da obra original	Co Autoria	Colaboradores (Arquitetura)	Colaboradores (Engenharia)	Dono da obra	Localidade	Estado de obra (C/NC)	Nº Licença Nº Projeto	Peças desenhadas (folhas)	Desenhos Digitais (ficheiros dwg)	Maquetes	Peças escritas (quantidade em capas)	Slides	Fotografias	Fotografias (suporte digital)	
40	1998	Arranjo Capela de Nossa Senhora da Conceição		António Simões, Alexandra Sá Torrão, Rita Mazeda			Rua da Constituição, Nº 379, Porto	Projeto			4 ficheiros	1 MAQUETE	4 capas				
41	1998	Casa Dr. Adão Sequeira		Rita Mazeda, António Simões, Alexandra Sá Torrão, Chiara Dorigati	Instalações Elétricas e Telecomunicações: Eng. Raul Serafim; Eng. Luís Camarinho; Eng. Paulo Graça	Dr. Adão Sequeira	Rua José Frederico Laranjo, Nº 452, Senhora da Hora, Matosinhos	Construído			88 ficheiros	1 MAQUETE			43 fotografias	18 fotografias	
42	1998	Concurso para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Beja		António Simões, Rita Mazeda, Miguel Costa	Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas; Eng. Alfredo Pereira; Comportamento Acústico: Prof. Eng. Vasco Freitas		Beja	Concurso		9 folhas	26 ficheiros			74 slides			
43	1998	Farmácia em Nespereira		António Simões, Rita Mazeda, Jocélia Santos			Rua do Comércio, Nº 447, Lugar de Feira, Nespereira, Cinfães	Construído			126 ficheiros						31 fotografias
44	1998	Remodelação da Capela Mor da Sé do Porto		António Simões, Rita Mazeda, Jocélia Santos			Terreiro da Sé, Porto	Projeto			28 ficheiros	1 MAQUETE EM GESSO DO DESENHO DO BRONZE DO ALTAR	4 capas				
45	1999	Arranjo de um apartamento na Rua da Constituição		António Simões, Alexandra Sá Torrão, Rita Nazeda		Ana Maria Leal da Silva	Rua Dom António Meireles 16, 9ºD, Porto	Construído			65 ficheiros		1 capa		3 fotografias		
46	1999	Concurso de Ideias para o Centro Turístico-Comercial da Régua	Maria José Casanova	António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão			Régua	Concurso			2 ficheiros	1 MAQUETE 1 MAQUETE INACABADA					
47	1999	Concurso Internacional para o Centro de Ciência e Tecnologia do Mar	Maria José Casanova	António Simões, Alexandra Sá Torrão, Rita Mazeda			Matosinhos	Concurso			1 ficheiro			16 slides			
48	1999	Casa Dr. Paulo Pires		António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão, Ye Xuan Yong, Jocélia Santos		Eng. Paulo José Maria Pires	Quinta Vale de Locaia, Cambres, Lamego	Construído	Nº Licença: 380/02 Nº Processo: 339/00	16 folhas	4601 ficheiros	1 MAQUETE LOCALIZAÇÃO 2 MAQUETES	28 capas	58 slides	2 fotografias	469 fotografias	
49	1999	Concurso Público de adaptação da Fábrica dos Leões para Residência Universitária da Universidade de Évora	Maria José Casanova	Rita Mazeda, Alexandra Sa Torrão, António Simões			Évora	Concurso		1 folha	1 ficheiro						
50	1999	Casa Paroquial de Vila da Rua					Vila da Rua, Moimenta da Beira	Projeto			1 ficheiro						
51	2000	Arranjo de um local exterior para Celebrações litúrgicas na Paróquia de São Mateus-Ilha do Pico		António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão		Paróquia de São Mateus- Ilha do Pico	Ilha do Pico, Açores	Projeto		2 folhas	17 ficheiros						
52	2000	Casa Natividade		António Simões, Rita Mazeda		Carlos Alberto de Sousa Amorim	Lugar de Carvalhais, Alvarenga, Arouca	Construído	Nº Licença: 380/02 Nº Processo: 175/01		256 ficheiros	1 MAQUETE	2 capas	37 slides		83 fotografias	
53	2000	Recuperação e adaptação da casa do Poço para Museu e Arquivo Diocesanos		António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão, Miguel Costa, Jocélia Santos	Estruturas e Comportamento Térmico: Prof. Eng.º Rui Póvoas; Eng. Costa Pereira; Eng. Vasco Peixoto de Freitas	Fábrica da Igreja Catedral-Diocese de Lamego	Largo da Sé, Lamego	Construído			3704 ficheiros		54 capas			833 fotografias	
54	2000	Jazigo Família Botelho					Vila da Rua, Moimenta da Beira	Construído			9 ficheiros		1 capa		2 fotografias	3 fotografias	
55	2001	Escola Profissional Agrícola de Lamego		António Simões, Rita Mazeda, Miguel Costa, Chiara Dorigati, Ye Xuan Yong, Jocélia Santos		Centro de Promoção Social Rural de Lamego	Rua de São Lázaro, Rina, Lamego	Concurso	Nº Processo: 242/02		1133 ficheiros	2 MAQUETES	6 capas	69 slides			
56	2001	Casa de S. José				Manuel Pinto de Almeida	Lamego	Projeto									
57	2002	Remodelação da Capela do Paço Episcopal		António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão, Ye Xuan Yong	Eng. Costa Pereira;	Diocese de Lamego	Rua das Cortes, Lamego	Construído		21 folhas	230 ficheiros	1 MAQUETE DAS CADEIRAS	4 capas				
58	2002	Concurso para o Proj. da Fac. de Psicologia e Ciências da Educação do Polo II da U. de Coimbra		António Simões, Rita Mazeda, Miguel Costa, Mariana Carvalho			Coimbra	Concurso			68 ficheiros	2 MAQUETES					
59	2003	Concurso Internacional para elaboração do Projeto de Remodelação do Cine-Teatro Constantino Nery	Arq. ta Maria José Casanova Arq.to José Manuel Salgado Fonseca	António Simões, Rita Mazeda, Alexandra Sá Torrão	Estruturas e Fundações: Prof. Eng. Rui Póvoas. Instalações e Equipamentos Elétricos: Eng. Raul Silva. Instalações e Equipamentos Mecânicos (AVAC) Eng. Raul Bessa. Águas e Saneamento: Prof. Eng. Vasco Freitas. Projeto de Segurança Integrada: Eng. Alexandre Martins. Comportamento Térmico: Prof. Eng. Vasco Freitas. Comportamento Acústico: Prof. Eng. Vasco Freitas.		Av. Serpa Pinto 242, Matosinhos	Concurso									
60	2003	Remodelação de Instalação Sanitária				Belmira Mendes	Parede, Cascais	Projeto						25 slides			

Nº refº/ nº obra atribuído	Data	Nome da obra original	Co Autoria	Colaboradores (Arquitetura)	Colaboradores (Engenharia)	Dono da obra	Localidade	Estado de obra (C/NC)	Nº Licença Nº Projeto	Peças desenhadas (folhas)	Desenhos Digitais (ficheiros dwg)	Maquetes	Peças escritas (quantidade em capas)	Slides	Fotografias	Fotografias (suporte digital)	
61	2003	Habitação Sr. Orlando Maia				Orlando Maia	Moimenta da Beira	Projeto									
62	2007	Recuperação de Casas de Prado de Cima- Casa da Família Botelho		António Simões, Rita Mazeda, Joana Jago		Maria José Tomás de Carvalho	Rua das Cortes, nº2, Vila da Rua, Moimenta da Beira	Projeto		15 folhas	118 ficheiros	2 MAQUETES	5 capas				20 fotografias
63	2007	Casa Dr. Américo Pais				Américo Pais	Vila da Rua, Moimenta da Beira	Projeto			3 ficheiros						
64	2008	Remodelação de um apartamento nas Antas						Projeto			10 ficheiros						
65	2008	Concurso para o Projeto do Centro escolar de Gafanha da Boa Hora		António Simões, Rita Mazeda, Mariana Carvalho, Rui Quaresma			Vagos	Concurso			6 ficheiros	1 MAQUETE					
66	2009	Remodelação de cozinha em apartamento em Lisboa						Projeto			1 ficheiro						

**Manuel Botelho - Ficha de Mobiliário e Outras Peças
(1965-2010)**

Data	Nome da obra original	Dono da obra	Estado de obra (C/NC)
1994	Candeeiro de pé alto		Construído
1994	Mesa I		Construído
1995	Cadeira		Construído
1995	Escultura- "Tentação do Desvio Tangencial"		Construído
1995	Caixa de Relógio de mesa	Arquiteto Manuel Botelho	Construído
1996	Estante com mesa de trabalho	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Candeeiro de parede		Construído
1996	Mesa de parede		Construído
1996	Contador	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Móvel de quarto	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Apoio de prateleira de lavabo	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Apoios lavatório I	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Apoios lavatório II	Eng. Matos de Almeida	Construído
1996	Acessórios de W.C.		Construído
1998	Credência	D. Maria Teresa Botelho	Construído
1998	Saboneteira	Dr. Adão Sequeira	Construído
1998	Toalheiro de argola	Dr. Adão Sequeira	Construído
1999	Banco	D. Maria Teresa Botelho	Construído
1999	Móvel de casa de banho	D. Maria Teresa Botelho	Construído
1999	Pêndulo		Construído
1999	Espelho com prateleira		Construído
1999	Arca de madeira	D. Maria Teresa Botelho	Construído
1999	Carrinho de apoio	D. Ana Maria Silva	Construído

1999	Espelho	D. Ana Maria Silva	Construído
2000	Mesa	Dr. Paulo Pires	Construído
2000	Suporte de Candeeiro		Construído
2000	Espelho de parede rotativo	D. Maria Teresa Botelho	Construído
2000	Candeeiro de mesa de bilhar	Dr. Barroso Pires	Construído
2000	Candeeiro de teto	Dr. Barroso Pires	Construído
2000	Barra de cozinha	D. Maria Teresa Botelho	Construído
2000	Porta Biombo		Construído
2001	Cadeira estofada a cabedal		Construído
2001	Candeeiro de embutir em parede	Dr. João Machado	Construído
2001	Vitrine	D. Maria Teresa Botelho	Construído
2001	Mata-Borrão		Construído
2003	Suporte de termómetro		Construído
2004	Argola de garrafa em aço inox polido		Construído
2004	Saca rolhas de aço inox polido		Construído

**Manuel Botelho - Ficha de Insígnias Episcopais
(1965-2010)**

Nº refª/ nº obra atribuído	Data	Nome da obra original	Ordenação Episcopal	Data	Funções exercidas atualmente	Dono da obra	Estado de obra (C/NC)
1	1977	Insignias Episcopais de Dom António Rafael-Bispo de Bragança-Miranda	13 de fevereiro de 1977	Bispo De Bragança-Miranda: 1979-2001	Falecido em 2018	Dom António José Rafael	Construído (Anel, Báculo, Brazão)
2	1995	Insignias Episcopais de Dom Jacinto Botelho- Bispo de Lamego	20 de janeiro de 1996	Bispo de Lamego: 2000-2011	Bispo Emérito de Lamego	Dom Jacinto Tomás de Carvalho Botelho	Construído (Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Brazão)
3	1998	Insignias Episcopais de Dom Francisco Alves-Arcebispo de Évora	31 de maio de 1998	Arcebispo de Évora: 2008-2018	Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Évora	Dom José Francisco Sanches Alves	Construído (Anel, Báculo, Cruz, Brazão)
4	2005	Insignias Episcopais de Dom António Francisco dos Santos- Bispo do Porto	19 de março de 2005	Bispo do Porto: 2014-2017	Falecido em 2017	Dom António Francisco dos Santos	Construído (Memória descritiva, Imagens, Maquete, Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Brazão)
5	2007	Insignias Episcopais de Dom António Couto- Bispo de Lamego	23 de setembro de 2007	Bispo de Lamego: 2011-Atualmente	Bispo de Lamego	Dom António José da Rocha Couto	Construído (Mitra, Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Brazão)
6	2016	Insignias Episcopais de Dom António Azevedo- Bispo de Vila Real	19 de março de 2016	Bispo de Vila Real: 2019-Atualmente	Bispo de Vila Real	Dom António Augusto de Oliveira Azevedo	Construído (Anel, Báculo, Cruz, Pasta, Brazão)
7	2016	Insignias Episcopais de Dom António Taipa- Bispo Auxiliar do Porto	18 de abril de 1999	Bispo auxiliar do Porto: 1999	Bispo-auxiliar Emérito do Porto	Dom António Maria Bessa Taipa	Construído (apenas desenhou o brasão)
8	2018	Insignias Episcopais de Dom Manuel Linda- Bispo do Porto	20 de setembro de 2009	Bispo do Porto: 2018-Atualmente	Bispo do Porto	Dom Manuel da Silva Rodrigues Linda	Construído (apenas desenhou o brasão)

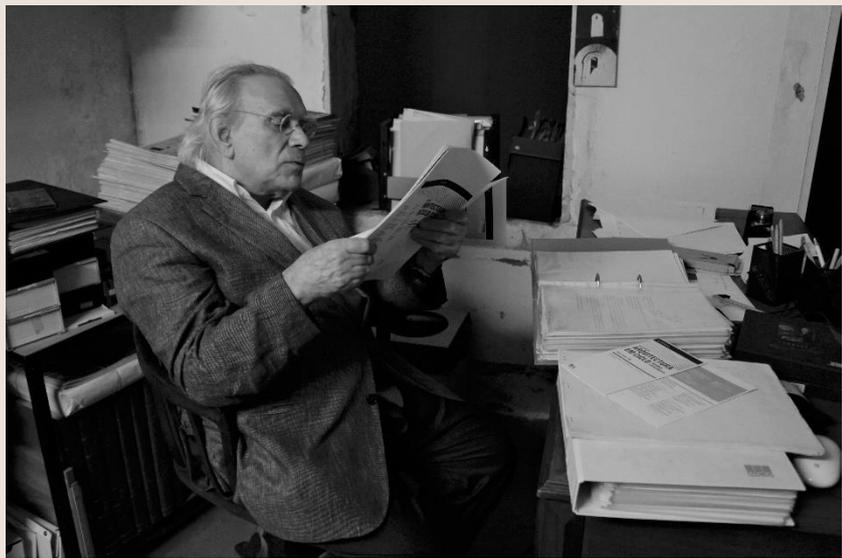
**Manuel Botelho - Inventário de outras peças do Arquivo
(1965-2021)**

Designação	Nome	Cadernos	Peças desenhadas (folhas)	Slides	Fotografias	
	Trabalhos Escolares Itália 3/4º ano		50 folhas			
	Trabalho final de Curso- "Cidade de Braga-Universidade do Minho"		20 folhas			
	Cadernos de esquisos	20 cadernos				
	Relógio				5	
	Viagens Portugal				343	
	Hipermercados				28	
	Concurso Museu de Lamego				76	
	Concurso Matosinhos Sul				15	
	Concurso Setúbal				13	
Viagens	Pré- Românico			34		
	Guimarães			21		
	Expo 98			193		
	Roma			219		
	Lisboa			28		
	Porto			34		
Aulas	Aula: Scarpa			107		
	Aula: fotos livros arquitetura			9		
	Aula 4			40		
	Aula: Igrejas			38		
	Aula: Módulo			36		
	Aula 5			112		
	Aula 6			65		
	Aula 7			93		
Viagens	DOCOMOMO			8		
	Dortmund			37		
	Madeira			175		
	Viagem			207		
	Lisboa (slides comprados)			21 (slides comprados)		
Aulas 1999/2000	Aula 1- Asplun			135		
	Aula 2- Desconstrutivismo Russo			52		
	Aula 3			81		
	Aula 4			4		
	Aula 5			33		
	Aula 6- koolhaas			276		
	Paris			132		
	Casa Matos Ferreira			32		
	Lamego			38		
	Procissão			27		
	Convívio de colegas FAUP, na Casa Matos Ferreira (Fernando Távora, José Quintão, José Salgado, Anni Gunther, José Manuel Soares, Alexandre Alves Costa, Pedro Alarcão, Gigante, Beatriz Madureira, Carlos Guimarães)				40	
	Bilbau, Agosto 1999				145	
	Ucanha				55	
	Nespereira, Cinfães				40	
	Obras Porto, 2001				66	
	Távora, Sérgio, Siza				31	
Alemanha				18		
Roma, Páscoa				17		
Bragança				23		
Itália				13		

Designação	Nome	Cadernos	Peças desenhadas (folhas)	Slides	Fotografias
	Costa Miramar			22	
	Roma II, outubro 1983			39	
	Veneza			35	
	Évora, 1989/1990			36	

“O homem contemporâneo vive a inquietação que traduz esta falta de diálogo com o mundo.” 4

4 BOTELHO, Manuel, in “Interioridade do espaço”



Cortesia Jorge Reis

III.

Textos Manuel Botelho e de outros autores

Nota capítulo III

Nº de referência do texto ----- **T**

Título do texto ----- **Título:**

Informações sobre a publicação do texto ----- **Local, Publicação, Editora:**

Data do texto ----- **Data:**

Autor do texto ----- **Autoria:**

Suporte do texto (papel, digital) ----- **Suporte:**

Outras informações:

Digitalização do texto

3A. Textos Manuel Botelho

T1

Título: Aprender Arquitectura? O Como e o Quê?

Local, Publicação, Editora: Sob a orientação do Prof. Arq.to Alfredo Matos Ferreira iniciou a preparação do Doutoramento de acordo com o relatório apresentado ao Conselho Científico da FAUP

Data: 1998

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

**RELATÓRIO DO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO
DO ARQ. MANUEL TOMÁS DE CARVALHO BOTELHO
EM ORDEM AO DOUTORAMENTO**

Aprender Arquitectura ? Como e o Quê?

Feita a pesquisa bibliográfica sobre a Arquitectura, no campo das concepções estéticas, no horizonte da sua formulação disciplinar nos Tratados Fundamentais e no pensamento legível em textos e obras de Arquitectos, é possível iniciar-se a elaboração escrita sobre a problemática do sentido da Arquitectura na Sociedade dita Pós-moderna, documentando com exemplos construídos ou projectados uma hipótese do **que** é tido como essencial na aprendizagem da Arquitectura e de **como** o Fazer, adiantando-se uma hipótese de capítulos que se enumeram a seguir.

1- Introdução

O **como** da Arquitectura:

A **enorme variedade** de imagens arquitectónicas não aumentou o seu **nível de comunicação**.

A pujança de imagens traduz até o declínio de energia criativa em que se impõem mais os **estilos** do que a **substância**, limitando automaticamente as fontes de inspiração.

Deverá a Arquitectura **veicular valores e referentes** à sociedade? Deverá a Arquitectura orientar-se pela **repressão estética** e manifestar-se no profissional sem escrúpulos de cariz pragmático, pronto a servir como um robot as encomendas, esquecido da poética com a justificação de um puritanismo mais ou menos funcionalista, onde os valores morais superiores não têm cabimento ?

Os **currícula plurais**, tão largamente publicitados e aparentemente capazes de garantir a tão necessária **interdisciplinaridade** continuam a deixar isolada e distante a Arquitectura da complexidade da vida contemporânea e da sociedade caótica que nos caracteriza?

Seguindo os caminhos que vão do cubismo, racionalismo e brutalismo às citações historicistas, é possível descobrir o motivo essencial da criatividade.

No mundo material a ordem traduz os fundamentos da estrutura dos seres e os sistemas de relações lógicas, mas sempre numa abertura a modelos que evoluem no tempo.

Em Arquitectura a palavra Ordem induz naturalmente aos cânones da linguagem clássica, às suas regras de composição e valores correlativos, mas também **ao lugar da inovação**, *entendido como transgressão sem ostentação* (Manfredo Tafuri), na oscilação das regras universais e da historicidade dos sítios e na tensão viva da crítica ao antigo.

Deve fazer-se distinção entre ordem entendida como organicidade interna da obra e ordem do mundo.

A ordem é sobretudo descoberta da lei escolhida para constituição do espaço, a selecção e organização dos elementos que o estruturam e ainda o novo sistema de significados através dos quais é possível ver o mundo de um modo novo.

3 - Arquitectura - A forma e o Conteúdo

É obrigação da Arquitectura produzir hipóteses de Forma a ponto de quase se pode perguntar nos dias que correm se faz sentido falar de conteúdos?

As obrigações cognitivas e descritivas da Arquitectura constituem terreno indispensável da cultura mas traduzem-se sempre em **instrumentos expressivos** mesmo quando não excluem a tradição das regras, do modo de fazer e das técnicas construtivas.

Mas o carácter civilizador das técnicas foi posto em crise pelas contradições nos confrontos com **Ordem natural**.

Se existe uma tradição do pensamento de que a ordem constitui as coisas e é reflexo da ordem universal esta correspondência não se pode aceitar, em Arquitectura, em termos únicos e orgânicos e construir não pode nunca significar transmitir ordem técnica às coisas.

4 - Arquitectura - (Pós)Modernidade - Exasperação do Novo

O anti-funcionalismo programático é quase sempre uma aspiração literária, do simbólico, do expressivo e estético em si próprio.

A demonstração do **Novo Internacionalismo Arquitectónico**, - manifestação do poder económico multinacional - faz com que a aspiração do construído se transforme em ordem monumental de carácter declamatório.

Não há relação possível entre o **Monumento Arquitectónico** e qualidade morfológica específica da Arquitectura.

Estritamente ligada à própria qualidade das obras arquitectónicas, existe para quem constrói uma espécie de intenção de permanência e significado colectivo no tempo, o que é completamente diferente de transformar em conteúdo do projecto o tema de monumento, porque o projecto **não se presta a realizações de universalidade definitiva**. Mesmo admitindo que pela razão crítica se ultrapassa a relação de necessidade-meio, a Arquitectura não se reduz a nenhuma forma unitária. Ela alberga, bem ao contrário, almas distintas e complexas.

O que é a (Pós)Modernidade dentro da disciplina da Arquitectura?

Não existe resposta sem admitir a capacidade de superar por meio da razão crítica as próprias contradições?

A modernidade é capacidade de utilizar sem ilusões as próprias tensões transformativas para chegar ao mundo, compreende-lo e participar com ele as próprias hipóteses.

Quando consideramos os monumentos da antiguidade: aquedutos pontes e fortificações que foram construídas a pensar em tudo menos que em monumentos ou pensamos em ruínas elevadas à categoria de monumentos de que nem sequer sabemos qual uso para que foram construídos ou qual o seu significado, torna-se bem claro que o testemunho futuro e durável da Arquitectura não exige a construção de monumentos do mesmo modo que na Antiguidade eles nasceram mais como exorcismos do que como propósitos.

Se hoje existe sempre mais insistentemente uma vontade de representar através de “monumentos”- prolongamento para lá do presente, - o monumento enquanto valor morfológico significativo da obra, não é um termo nem uma tipologia nem um objecto explícito do projecto, e

nem sequer se trata de um género como o romance o é para a literatura.

Como afirma Michel Foucault, é a história é que transforma os documentos em monumentos pela simples razão de ser a consciência e a intenção colectivas que os constróem.

5 - Architectura - Linguagem e Texto.

Se para o homem da rua saber se um edifício é um texto é quase uma pergunta sem nexos, para muitos arquitectos contemporâneos a afirmação de que Architectura não é mais do que um texto não deixa lugar para qualquer dúvidas.

Compreende-se a afirmação em sentido metafórico, na medida em que num edifício existe um itinerário preceptivo que permite falar da Architectura como uma linguagem. Os **estudiosos da linguística** vão dizendo que a arquitectura não é linguagem em sentido estrito e que no máximo podemos falar duma metáfora.

A ideia de **Arquitectura Texto** que decorre da semiologia estruturalista dos anos 60 / 70, não deve fazer esquecer a afirmação de Wolfllin “*semiologia da Architectura com todas as explícitas referências à teoria dos sinais deixa a Architectura prisioneira da estética de pura visibilidade*”.

É a esta luz que poderá ter interesse perguntar o que significa a arquitectura como texto?

As possibilidades são duas:

1º - A Architectura é um *texto desconstruído* como um *texto aberto*; um texto a que se podem atribuir um número infinito de referentes:

2º - A Architectura é um acto conceptual finalizado a predeterminar a própria *desconstrução*.

Tudo isto é complicadíssimo de entender e só encontramos a resposta na complicada massa para-filosófica e para-literária de que Jacques Derrida é o expoente principal.

É sob a influência de Derrida que os Americanos abandonam a tradição do seu pragmatismo e se inserem-se no chamado Desconstrutivismo e os críticos da Architectura começam a transferir a ideia de desconstrutivismo do campo literário para o Architectónico.

Em alguns textos as acrobacias textuais de Derrida são levadas até à exasperação.

Sobre a Architectura diz pouco nos três textos: um de 1986, e dois de 1987. Fala da Architectura com cautela ora afirmando ora negando a ideia de desconstrução em Architectura. Mas desconstrução não é uma metáfora architectónica e significa Desconstrução Filosófica do conceito de Architectura.

Derrida contrapõe a ideia de Arqui-Escritura - configuração gráfica - à tirania e terrorismo do logos do pensamento que envolve a palavra, contrapõe a escrita ao logocentrismo. Esta ideia chave da sua gramatologia explica a tentação de considerar a Architectura como escrita, que nunca seria assim “*um suplemento da palavra*” (Rousseau) ou “*uma pintura da Voz*” (Voltaire).

O **grande problema** é que o método da desconstrução que permite a libertação da escrita da tirania do logos **não se aplica à architectura** e Derrida tem consciência disso.

Como diz um provérbio italiano: “*As palavras são pedras*”, mas já não é verdade que as pedras sejam palavras e a desconstrução de uma construção de pedras, não é tão fácil como a desconstrução de um texto.

Mesmo afirmando que não se trata de desconstruir construções, mas da configuração formal das construções, do estilo ou do conjunto de estilemas, **desconstruir um estilo é semelhante a desconstruir um texto?**

Tudo isto são na verdade exercitações de manifesta cedência a situações linguísticas, que terão e seu interesse, mas não têm o valor programático da via mestra que a Architectura deve percorrer.

Lembre-se a propósito a imagem de Nietzsche: “*construída a casa é preciso tirar os andaimes*”, expressão que como metáfora até pode parecer sustentar as teorias de Derrida mas é o próprio Nietzsche a chamar a atenção do “*arquitecto metafísico que constrói teorias no vazio*”.

6 - Arquitectura - Raízes locais - Identidade cultural

Se se tiver da (pós)modernidade uma ideia estrutural e não meramente estética, é inevitável a resistência às **modas linguísticas** e ao mesmo tempo a defesa da **identidade disciplinar** diante dos motivos tácticos da política e suas extensões sociológicas.

O que é importante é o confronto de reflexões e inquietações com a cultura do mundo moderno no devir da evolução mais ou menos lenta do pensamento. Neste confronto as tradições locais constituem um momento privilegiado para evitar visões parciais e descontinuas do mundo .

A ideia da noção de preexistência ambiental pode ser entendida como uma componente importante dentro do método projectual, não como facto estilístico, mas como ideia de diálogo da cultura contemporânea a partir das condições politico-sociais específicas.

Porto, 9 de Julho de 1998

O Orientador

Alfredo Matos Ferreira

(Prof Associado da F.A.U.P.)

O Candidato

Manuel Tomás de Carvalho Botelho

T2

Título: Charles Batteux

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Charles Batteux

Charles Batteux é personagem central na História da Estética Moderna. O seu livro *Les Beaux Arts réduits à un même principe* teve uma grande influência no século 18, impondo-se como obra determinante em toda a Europa.

Com ele nasceu o sistema das Artes Modernas.

As Belas Artes têm como fim último o prazer, reúnem-se à volta de um único princípio - a mimes e distinguem-se das artes mecânicas.

A exigência do superamento das diferenças particulares da Arte e a investigação de uma esfera unitária em que se desenvolvem, compreende toda a construção artística que constitui a modernidade do pensamento de Batteux.

As Belas Artes devem ser sobretudo significativas, expressivas, ser depositárias de uma particular carga semântica, pois o seu fim consiste em levantar o ânimo e comunicar expressões humanas.

Esta novidade estética ficou esquecida, durante anos, até Kant a ter descoberto.

De facto lendo Kant e depois Batteux, evidencia-se com clareza esta afinidade.

Kant desenvolverá a teoria das divisões das Belas Artes sobre o argumento da expressão, patentes na palavra, no gesto e no tom.

Existe uma prefiguração do pensamento kantiano em Batteux, que foi importante na construção do Sistema das Artes.

A Arquitectura e a Eloquência são, em Batteux, excluídas das Belas Artes. o que constituiria um embaraço e o levou a dedicar um capítulo inteiro da sua obra a expor em que coisas a Eloquência e a Arquitectura diferem das outras artes.

Esta diferença ou alteridade da arquitectura, vai manter-se viva para lá do século 18, através de Kant.

Para caracterizar o plano exacto da enigmática forma da Beleza, Batteux recorre a dois princípios, a saber: o da mimese e o da arte sem um fim.

Quanto ao primeiro:

Aristóteles, Platão e Horácio são guardas e garantes. Quando afirma que a Música, a Dança, a Poesia e a Pintura são artes de imitação, cita Aristóteles.

A referência do Belo está na natureza, ou na estrutura do Cosmos, de acordo com a cultura do tempo. O artista é no fundo um simples observador da natureza, que possui nos seus tesouros todos os traços com que podem ser compostas as mais belas imitações

A natureza é o esboço do pintor e artista que essencialmente é um observador que sabe agrupar e compor um todo que exprime a ideia viva que o persegue.

O território do belo torna-se o plano comum das artes. A aventura do homem na descoberta da arte, faz com que a ideia seja capaz de corrigir as imperfeições da natureza, ultrapassando-se assim a concepção neo-platónica e aristotélica do século 17. Não sendo as ideias dotadas de existência própria nem causas exemplares, traduzem todavia desenhos críticos do mundo. A alma acumula pelos olhos, pelos ouvidos, pelo tacto e outros sentidos, conhecimentos e ideias que são como que abandonés da vida.

A natureza torna-se depositária privilegiada e primordial do gosto que preside ao conhecimento artístico. O gosto que é a regra infalível do génio é o equivalente da racionalidade das ciências exactas ou daquele pacto entre o homem e o mundo que permite ao primeiro penetrar nos segredos do segundo.

Neste sentido a natureza é o único objecto do gosto e o único parâmetro incontestável da beleza.

A natureza é única , o gosto também o é. As diferenças históricas e geográficas dos estilos só se podem atribuir a contingências pessoais e civis .

Um espírito de tolerância, de relativismo histórico iluminado separa o classicismo de Batteux das concepções polémicas de teóricos anteriores. Na relação que estabelece com os antigos modelos é muito mais seguro e aberto. Na admiração incondicionada da arte grega a mediação dos modelos é mais suspeita, mesmo se a antiguidade for considerada como segunda natureza. O perigo de um limite para a liberdade da Arte é real.

“É o livro da natureza que é preciso ler, e se não se podeis ler sozinhos, olhai para trás e lede ao menos as obras daqueles que souberam ler. Lede os antigos e imitai-os se não tendes a possibilidade de ler a natureza.”

Ao génio mutilado resta a imitação do modelo. O modelo clássico tem um carácter didáctico. Mas quem sabe ouvir a natureza não tem necessidade do modelo.

Quanto ao segundo Princípio:

Ele consiste na finalidade hedonística da arte. As Belas Artes por excelências são aquelas que têm como único fim o prazer do homem e reconhecem as suas próprias leis na busca gratuita do agradável, desenvolvido naturalmente na imitação da natureza.

Ao lado destas Belas Artes situam-se outras que já têm por objecto as necessidades do homem, e que conciliam a utilidade com o prazer, sempre numa leitura de relação com a realidade natural.

Estas últimas expressões de arte dominam a natureza ou utilizam-na para uso e prazer, ao contrário das Belas Artes que não fazem outra coisa do que imitar a natureza cada uma à sua maneira.

A mimese artística não tem outro fim que não seja a imitação e não é uma forma de conhecimento.

Platão tinha criticado a relação ilusionista da imitação, que finge imagens merecedoras duma condenação ética. Mas o atributo da arte que não serve para nada, não diz outra coisa para além dela e não celebra outra coisa para além da correspondência com o gosto, não é feita para enganar .

Estabelecidos os dois princípios da teoria estética, são eles que permitem comparações entre as diversas expressões particulares das belas artes.

Os diferentes modos com que se relacionam com a natureza, formulam o carácter particular de cada uma, segundo agrupamentos selectivos que tiveram a máxima aceitação na época.

A pintura, escultura e dança expressam a imitação da natureza com as cores, os volumes e as atitudes; a música e a poesia com os sons e a palavra medida.

Arquitectura é explicitamente excluída do domínio das belas Artes. A dupla referência à mimese da natureza e à finalidade hedonística da arte têm o papel decisivo desta exclusão. Mas esta exclusão sem apelo, deixam o próprio autor apreensivo e embaraçado que se vê obrigado a tentativas para sua recuperação. A falta de referência natural de que extrair a forma ou a relação formal com os modelos da idade clássica considerados imutáveis , não é abordada.

A natureza na arquitectura qualifica-se pela negativa como um estímulo hostil para a construção dum abrigo. A natureza aparece como um elemento de que é preciso defender-se: o ardor do Sol e a fúria da tempestade conduziram o homem a inventar a Arquitectura. Quando as outras artes amam a natureza imitando-a, a Arquitectura nasce para se lhe opor e diluir os seus efeitos imprevisíveis.

É evidente também a dimensão utilitarista da Arquitectura e o autor propõe a sua valência estética sublinhando a função semântica da função da construção.

O abrigo da natureza tantas vezes hostil, transforma-se em parâmetros referenciais da obra e da sua qualidade estética. A arquitectura transformou em habitações raiosas e cómodas os abrigos naturais que a natureza concedia.

Dada a sua finalidade, a arquitectura mereceria críticas se o prazer nela aparecesse como fim. Só na celebração dos heróis e na erecção de templos a arquitectura poderá ultrapassar aquele sentido de resposta clara à necessidade, mas mesmo aí não deve fazer esquecer a sua raiz funcional.

A regra do génio na arquitectura assume uma norma extra-estética não comum à das outras artes e a regra da Arquitectura tona-se racionalizante, normativa, explicita e mensurável. À arquitectura pede-se um serviço

Esta tentativa de recuperação da arquitectura servirá de pouco ou de nada.

Milizia dirá que a arquitectura não tem modelo natural, mas existe um outro formado pelos homens que seguiram o processo natural de construir as primeiras cabanas. A cabana primitiva é arquitectura natural e a origem da beleza da arquitectura civil. Este é um tema da tradição que remonta pelo menos a Vitruvio. Afinal a teoria mimética da arte e a visão progressiva do mundo foram óptimas aliadas da arquitectura a ponto de se poder afirmar que a antiguidade é ao mesmo tempo produto do futuro e do tempo passado

T3

Título: Vitruvius- Alberti

“De Architectura-De Re edificatoria”

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Vitruvius - Alberti

De Architectura - De Re Aedificatoria

Construir testemunha para Alberti o poder criador dos homens mais do que qualquer outra actividade, porque satisfaz as exigências dos três níveis que determinam a acção dos homens: a necessidade, a comodidade e o prazer estético. Ao nível da necessidade a construção garante a protecção dos agentes naturais e responde às necessidades básicas do abrigo.

O Tratado De Re Aedificatoria compõe-se de 10 Livros, e dum Prólogo, dividido em 3 partes, que dá o sentido total da Obra e do seu desenvolvimento.

Na primeira parte do prólogo que é a principal faz-se o elogio da edificação, na segunda e terceira, indicam-se, respectivamente, os motivos que levaram o autor a escrever o tratado e o seu plano.

Ao nível da comodidade, que Alberti desenvolve de modo demorado, dá-se resposta às exigências que os homens formulam no campo das actividades públicas e privadas. A edificação transforma a natureza e inventa novos artefactos a ponto de constituir o único acto que se opõe à desintegração das famílias e cidades e tem com fim último o prazer - Summa Voluptas - procurado pela beleza.

O reconhecimento desta actividade fundamental conduziu Alberti a interrogar-se dos seus princípios e de que modo se poderiam definir os seus elementos, na complexidade dos problemas que derivam das infinitas diversidades humanas, classificáveis em séries dicotómicas de universal-particular, público-privado, sagrado-profano.

A lógica da génese da Architectura segue a ordem sequencial da tríade: **Necessidade, Comodidade e Prazer Estético.**

Desde o princípio, já desde o prólogo, é clara a analogia da consideração da Architectura como um corpo: “*aedificium quidem corpus quoddam esse animadvertimus.*” E na sequência do tratado vemos que Alberti entende a Architectura como um corpo vivo, não no sentido animista que faça comparar os artefactos e a seres vivos.

O edifício não é só uma identidade de organização, mas um verdadeiro substituto do corpo que contem em germen uma autêntica teoria estética.

O edifício que supõe sempre forma - *lineamenta* - proveniente do espírito - *ab ingenio* - e matéria proveniente da natureza - *a natura*, inspira-se claramente na teoria hilemórfica de Aristóteles.

A infinita divergência de usos humanos repercute-se nos edifícios, fazendo sentir a Alberti a exigência duma taxinomia.

Na terceira parte do Prólogo, aponta a reflexão sobre a natureza da beleza e seus factores “*ex quo praecipua pulchritudinis effectio emanerit.*”

Sob a denominação de princípios, parte ou razões, são explicitamente reconhecidos o axioma do edifício-corpo e o da taxinomia de usos

Os livros 1, 2 e 3 apresentam a teoria geral da construção ao nível da **necessidade**, cuja regras são consideradas na dupla vertente da forma (concepção) e da matéria (materiais).

São seis princípios da concepção - *regio, area, partitio, paries, tectum, apertiones*,

Os livros 4 e 5 referem-se à **comodidade**, definida pelo conjunto de usos que o desejo dos homens estimulados pela vida social podem inventar.

O livro 4 introduz o conceito de comodidade que responde à faculdade que os homens têm de formular sempre novas exigências e propõe fins novos aos seus desejos. Não se trata já da construção em geral, mas da diversidade de edifícios em particular. Uma vez satisfeita a necessidade original do abrigo, a busca dos homens desenvolve e organiza o mundo ao sabor das suas invenções e fantasias que pôr definição escapa às regras da necessidade.

É notável este pensamento de Alberto, numa época que não dispõe de apoios de outros saberes como os da Psicologia, Sociologia e Antropologia Social.

À diferença de exigências, respondem espaços diferenciados.

O papel do Arquitecto consiste precisamente em encontrar a adequação dum edifício para uma exigência.

Independentemente das posições próprias do teórico, a vontade de tratar o edifício em si e por si marca a determinação de encontrar as regras da edificação no quadro estrito duma disciplina autónoma, o que confere ao tratado características duma dimensão utópica.

Os livros 6, 7, 8 e 9 dedicam-se ao **prazer estético**, reflectindo sobre a beleza e ornamentos.

O livro 10 faz uma recapitulação e fala ainda dos defeitos e reparações da construção.

Alberti utiliza o tratado de Vitruvio como modelo ou trampolim?

Os numerosos pontos comuns aos dois textos são estruturais ou de superfície?

A identidade de processos e modos de expressão, no plano formal é real ou aparente?

Haverá lugar para diferenças substanciais entre os dois tratados escritos na primeira pessoa do singular, por dois Arquitectos aparentemente com o mesmo objectivo de definir a sua arte e de lhe dar o conjunto de regras?

No plano de conteúdos qual é o uso que Alberti faz das “*citações*” de que reconhecem tanta importância os seus sucessores e os historiadores actuais?

Porque é que Alberti utiliza prevalentemente Vitruvio na grande parte da sua informação que diz respeito à História, às Técnicas de Construção e Tipologia dos Edifícios antigos, ao clima, meteorologia e relações da Vida com o meio?

Alberti leu os conselhos de Vitruvio sobre a formação do arquitecto e recebe dele conceitos fundamentais como o da tríade e as oposições binárias de público-privado, sagrado-profano, a maior parte dos conceitos de “*estética*” e do conceito de *Finitio* (acabamentos), mesmo tendo presente a crítica significativa que Alberti faz no *De re aedificatoria* a Vitruvio quanto à linguagem, imprecisão de conceitos e superstições.

Mas os dois tratados são textos da mesma espécie em que o segundo constituiria uma versão melhorada ou existem entre os dois tratados diferenças substanciais?

Alberti não faz um restauro da antiga construção de Vitruvio. Procede a uma demolição e utiliza os materiais sobrantes para construir um edifício novo nunca visto antes.

Este modo de considerar os dois Tratados pode ser ilustrado na tríade. Aparece em Vitruvio no Cap. 3,2 do Livro I. Depois de ter explicado as noções constitutivas da *Arquitectura* o autor divide-a em três campos: *Aedificatio*; *Gnomonice* e *Machinatio*.

A edificação é distribuída por duas categorias, respectivamente por edifícios privados e muralhas e edifícios públicos; estes últimos por sua vez repartidos por três categorias relativas à defesa, à religião e à “*opportunitatis*”. Vitruvio considera que as construções públicas devem ser realizadas tendo em conta a *Firmitas*, *Utilitas* e a *Venustas* e define rapidamente estes conceitos, recorrendo ao alicerce sólido para a *Firmitas*, à *Dispositio* para a *Utilitas*, à *symmetria* para a *Venustas*.¹ Depois desta análise os três termos aparecem soltos em raras ocasiões e uma única vez em conjunto. Não tem nenhum papel na organização do texto e não determinam nenhuma ordem cronológica ou de preferência no tratamento das matérias.

É impossível fixar o lugar lógico dos capítulos que tratam da técnica construtiva ou da utilidade. Quanto à *vetustas* é omnipresente em todo o tratado de.

No “*De re aedificatoria*” ao contrário, as três noções são apresentadas, desde o prólogo, na sua relação de sequência temporal e hierárquica, que serve também para construir o tratado e analisar os três planos sucessivos articulados hierarquicamente no processo da *Arquitectura*.

Em Alberti, os três níveis apresentam-se como fundamento de uma significação e de uma génese. A *Firmitas* integrada no termo mais amplo de *Necessidade*, a *Utilitas* expressa com a palavra mais subtil de *Comodidade* e a *Venustas* são investidas de um valor dinâmico e desempenham uma função de Estrutura de todo o texto em contraste com o texto de Vitruvio, onde longe de estabelecerem uma hierarquia de níveis, servem no melhor dos casos a reagrupar regras.

A tríade de Vitruvio é contingente e não funcional e poderia até ser suprimida sem mudar a organização do tratado.

poderia dizer-se o mesmo da quase totalidade das noções teóricas utilizadas por Vitruvio como são os princípios constitutivos da *Arquitectura* enumerados no Liv.I, que desempenham o papel generativo do texto, manifestam falta de precisão e algumas vezes têm uma utilização dupla entre si como a *eurythemia* e *symetria*, sobrepondo-se mesmo aos três conceitos analisados mais acima.

A afirmação de Vitruvio segundo a qual o corpo humano e as suas medidas estão na origem da simetria, é simplesmente explicativa e não pode ser comparada com o axioma do edifício-corpo, sistematicamente aplicado por Alberti, na produção das regras e em todos os níveis sucessivos do tratado.

Estas diferenças não implicam que no tratado de Vitruvio não existam conceitos operativos, mas estes são sobretudo de taxinomias estáticas ditados pela tradição ou oportunidade empírica.

O funcionamento diferente dos mesmos conceitos produzem uma organização diferente das duas obras e um outro sentido de sequência nos respectivos livros.

¹ “Haec ita fieri debent, ut habeatur ratio firmitatis, utilitatis, venustatis. Firmitatis erit habitatio quum fundamentum ad solidum depressio, quaque e materia copia sine avaritia diligens electio. Utilitatis autem emendate et sine impeditioe usus locorum dispositio, et ad regiones sui cujusque generis apta et commoda distributio: venustatis vero cum fuerit operis species grata et elegans membrorumque commensus justas habeat symmetriarum ratiocinationes” (Liv. I,3,2)

De um lado sequências de contiguidades aleatórias sem relação com a cronologia das operações do construir e do outro um encadeamento rigoroso irreversível cujo plano foi estabelecido previamente conforme a visão global do projecto albertiano. Os 10 Livros de Vitruvio começam por um *Proemium*, espécie de introdução literária, e terminam num *Excursus* de natureza menos decorativa que serve para resumir o conteúdo do livro e situá-lo em relação ao Livro seguinte.

Se os *Excursus* constituem parte integrante do Tratado, os *Proemia* utilizados na Introdução de cada Livro têm sobretudo um valor de ornamento e constituem 10 fragmentos autónomos directamente dirigidos a Augustus. Na economia e na lógica do *De re aedificatoria* não há possibilidade de fazer algum corte num tratado onde cada sequência é necessária e indissociável do seu conjunto.

O primeiro Poemium não difere dos outros, embora seja verdade que constituiu para Vitruvio a ocasião de se apresentar ao imperador. Não se trata de modo algum dum prólogo comparável ao de Alberti onde fundamenta o plano de todo o texto. Nunca Vitruvio é capaz de dar ao leitor uma visão global, a não ser retrospectivamente no *Proemium* do Livro IV e prospectivamente na conclusão do Livro V.

A diferença que opõe as duas organizações textuais traduzem as diferenças irredutíveis das suas motivações.

O eu teórico de Alberti dirige-se a um tu anónimo universal, ao contrário do eu social de Vitruvio que se dirige ao Imperador. Este tu circunstancia o texto que não procura descobrir determinadas regras, mas ligá-las a um corpo já existente.

Vitruvio não parte de uma interrogação radical sobre as regras e princípios da edificação, parte da tradição. Juntou um conjunto de materiais dispersos e tentou uma totalidade organizada para a glória da Architectura, mas neste sentido não é um criador na acepção Albertiniana.

T4

Título: “Espaço da Vida”

(A necessidade da habitação é ininterrupta_Walter Benjamin)

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Espaço da Vida

Outras informações:

“A necessidade da habitação é ininterrupta” (Walter Benjamin)

A arquitectura nunca conheceu pausas. Hoje mais do que nunca a justificação do espaço humanizado não pode deixar de ser resposta à necessidade ininterrupta da residência, de lugares habitáveis.

Também nunca como hoje foi tão difícil fazer sítios, criar lugares.

A cidade contemporânea transformou-se, por incrível que pareça, numa realidade que tende a destruir os lugares, tende a impedir a ligação entre espaço e a identidade seja ela individual ou colectiva.

Esta dificuldade torna-se mais acentuada no conjunto de espaços não edificados e por isso mesmo vocacionados para receber o fluxo das relações humanas.

Aumentam a ritmos vertiginosos o fluir dos homens, o fluir das coisas e das notícias mas empobrecem as relações entre os indivíduos. Os espaços públicos perdem a sua capacidade conatural de geradores de sociabilidade. Ritmos e fluxos de matérias transformam-se em objectos, mercadorias e resíduos finais que raramente se reinserem no ciclo de produção e consumo.

O mundo, cada vez mais atolhado de objectos, desarticula-se e transforma-se num grande hipermercado mundial inserido num mecanismo metropolitano onde se vão produzindo e sucedendo novas hierarquias, em cujos vértices se situam as redes de telecomunicações e bases de dados controlados pelos centros do poder.

Entramos numa complexa fase de transição em que os lugares habitados estão sujeitos a uma contínua erosão provocada fundamentalmente pela substituição dos espaços de relação em espaços de mecanicidade.

Nesta nova, condição a cultura do espaço por em evidência os pesados limites acumulados pelas diversas disciplinas em que acabou por fragmentar-se.

No campo da Arquitectura sobressai a incapacidade de relacionar edifícios e espaços urbanos.

Falar de mobiliário urbano que parece assumir quase a dignidade de uma disciplina, é mais um exemplo da degradação do espaço condenado a um conjunto de objectos e mercadorias.

Não é possível conseguir a unidade do espaço com a simples relação interdisciplinar de saberes distintos.

O problema deve ser invertido. Porque se perdeu a centralidade da criação dos lugares que se fragmentaram saberes que se ocupam do espaço.

“Fazer espaço é pensar naquilo que lhe é próprio e proporcionar uma doação de lugares em que o destino dos homens se realizam na felicidade da consciência de possuir uma pátria ou na infelicidade da consciência de a sentir impossível!”¹

Esta afirmação contém a síntese do programa para a Arquitectura e o Urbanismo do nosso tempo histórico.

¹ Heidegger, L'arte e lo spazio, Genova. (1979)

T5

Título: Hegel

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

HEGEL

Outras informações:

Hegel instituiu uma correspondência estreita entre a hierarquia das artes e a sua manifestação na História.

Esta coincidência da evolução artística na sequência da História, coincide com a razão profunda do pensamento hegeliano.

Do mesmo modo que a filosofia é filha do próprio tempo, ou a filosofia coincide com o próprio tempo, apreendido no pensamento, também a Arte está em estreita e necessária coincidência com a realidade do tempo em que se situa.

A expressão *“Tudo que é racional é real e tudo o que é real é racional”*, traduz a rotura de Hegel com os seus antecessores. Uma primeira consequência deste dualismo, entre o real e racional, manifesta-se no modo da descrição do sistema das Artes.

A História coincide com a ilustração de que cada uma das artes com os seus princípios particulares, as suas potencialidades expressivas e as suas correspondências e ligações.

Poderá até falar-se numa evolução das Artes que crescem, florescem e degeneram, contraposta à situação estática da natureza.

A arquitectura, histórica e conceptualmente a menos desenvolvida e menos expressiva de todas as artes, foi a primeira a aparecer para que as outras se pudessem desenvolver.

Este limite primitivo da Arquitectura, transforma-a em madrinha de todas as outras, numa ideia aliás já existente em pensamentos anteriores.

Para Hegel não existe belo natural ou quando muito só existe um reflexo natural do belo, que pertence sempre ao espírito, o que quer dizer que a natureza é necessariamente imperfeita na sua beleza.

É no terreno mais alto da Arte que a insatisfação do homem procura a manifestação da liberdade.

A estética como ciência do belo deve ocupar-se exclusivamente do belo artístico. Os conceitos de Belo e de Arte são indemonstráveis e apenas discutíveis no desenvolvimento enciclopédico de toda a Filosofia.

O belo artístico é entendido todavia, como individualização dum ideal da própria ideia de belo. O belo, por sua vez, é a aparência sensível da ideia.

Só a religião e a Filosofia dividem uma esfera comum com a Arte. Nesta comunhão é que a arte atinge o papel supremo da manifestação dos desejos mais profundos e íntimos do homem e das verdades mais puras do espírito, ou seja: do divino.

Se se rompe esta aliança antiga com a religião, então é inevitável a morte da arte. O destino da Arte é a exigência de uma verdade suprema.

A imitação das formas naturais imperfeitas é insustentável na estética hegeliana. A cópia mimética transforma-se num momento exclusivamente formal que avilta a arte, limitando-a a uma imitação da natureza.

Claro que o artista não pode ignorar a realidade na sua aparência fenoménica, nem deve olhar com desprezo para aquelas leis formais que se manifestam na ordem real. À fantasia criadora do génio pede-se como primeira obrigação a de saber abordar a realidade e a de possuir a capacidade de colher a realidade e as suas formas. Esta capacidade traduz-se numa espécie de actividade da memória que

garante ao artista a possibilidade de libertar-se do arbitrio e gratuidade de uma imaginação incontrolável.

A Arte eleva os objectos que não teriam nenhum valor, deixados na situação prosaica do quotidiano. Quando atinge a verdade interior que lhes pertence modifica a aparência das coisas.

O aproximar-se da natureza não se traduz nunca num decalque ou numa técnica conduzida para reproduzir de modo adequado a verdade.

Omitindo aquilo que pertence ao accidental o pintor colhe a verdadeira caracterização individual e faz o retracto mais semelhante ao indivíduo do que o próprio indivíduo.

É fundamental esta correcção da natureza, porque o fim último não é o universal como arquétipo, mas o universal como conteúdo expressivo do individual.

A mimese é superada na concepção da Bela Natureza e subvertida numa formulação de sabor neo-platónico.

Se olharmos para as diversas artes, admitir-se-á de imediato que se a Pintura e a Escultura nos manifestam objectos semelhantes aos naturais. As obras de Arquitectura, que para Hegel também pertence às Belas Artes, e as obras de poesia não são nunca imitações da natureza.

O que torna belas as Belas Artes não é a mimese, mas o belo artístico na sua autonomia.

Este belo artístico no tecido do pensamento hegeliano, relaciona-se com o real e a História, numa organização escalar, onde se condensam êxitos alternados da luta entre o conteúdo da arte e a adequação da forma exterior.

A arte nem sempre é um puro equilíbrio. Mas se é a expressão da verdade deverá existir um princípio superior que recolha na sua unicidade o esforço da beleza no seu total desprendimento.

Este princípio superior são as formas da arte Simbólica, Clássica ou Romântica, que constituem os três momentos universais da ideia de beleza.

A estes três momentos correspondem géneros artísticos precisos e momentos históricos determinados.

No seu desenvolvimento cronológico, a Arte recapitula os momentos universais. Assim cada obra de arte, em qualquer tempo, pertence sempre a uma das três determinações.

Na Arte Simbólica, a ideia indeterminada e com falta de clareza procura nos mistérios religiosos uma forma de manifestação sensível.

A relação de significado e forma põe em evidência uma exterioridade recíproca.

Na sucessão do desenvolvimento histórico a arte clássica adquire uma própria auto determinação e que ultrapassa as faltas da arte simbólica e manifesta a congruência da realidade e do conceito.

Hegel na admissão da realidade não admite um triunfo total de corporeidade.

A ideia que, na arte simbólica manifesta de modo confuso a sua expressão sensível, adquire no período clássico o equilíbrio e marca a sua própria superioridade até ao seu dissolvimento. Hegel utiliza frequentemente o verbo destruir para indicar a chegada do período romântico que **destrói** a correspondência equilibrada do clássico.

Na arte romântica a interioridade triunfa sobre a exterioridade e o que aparece sensivelmente perde valor.

Repropoe-se a separação entre o conteúdo e a forma que já tinha acontecido no momento simbólico, só que neste momento a espiritualidade é livre, determinada e límpida.

Desta articulação decorre o problema das artes reais.

Os conceitos universais do belo na arte ou na natureza reduzem-se a arbítrios filosóficos estéreis se separados da realidade histórica e material.

A objectividade externa no encontro com a intuição imediata dos sentidos é a condição da existência da arte, mas denuncia a parcialidade das hierarquias de sistemas de arte apresentados já anteriormente.

Os sentidos do corpo podem constituir uma base para a subdivisão das artes.

O tacto, o olfacto e o paladar são demasiado corpóreos para atingir o lado espiritual da obra de arte.

A visão e a audição, ambas privadas do desejo, constituem os sentidos mais vizinhos do prazer estético. A estes dois registos da recepção artística deve-se juntar-se um terceiro ligado à memória que recolhe a imagem por intuição.

Com esta tríplice apreensão é possível a subdivisão das Artes em Figurativas, que elaboram o seu conteúdo em formas e cores; em Artes do som, que se traduz na música e por último na Arte da palavra, que se traduz na poesia e se serve também do som

A primeira arte - a simbólica - é a arquitectura. O material da arquitectura é a própria natureza. A sua forma não supera a da natureza inorgânica.

Imediatamente depois da Arquitectura vem a Escultura que é a forma principal da arte clássica.

Esta sucessão analógica de Simbólico-Arquitectura e Clássico-Escultura traduz a conquista da matéria bruta por parte do espírito

O devir da Arte verifica-se no homem que ouve deus. A arquitectura é o recinto de deus; a Escultura é a imagem corpórea da divindade.

Com a dissolução da materialidade propõe-se o domínio do Romântico.

Os materiais das restantes três artes tradicionais - a Pintura, a Música e a Poesia - são a cor e o som .

O primeiro passo que aproxima a Arte da realidade espiritual acontece na Pintura, arte que indo buscar as formas à realidade corpórea da natureza e do homem, resolve a materialidade na simples manifestação cromática. Ainda na mesma esfera do Romântico apresenta-se a Música que faz cantar a alma acompanhada de sentimentos e paixões.

A música prepara a passagem da sensibilidade espacial abstracta da pintura à espiritualidade abstracta da poesia.

Não existem dúvidas para Hegel de que a arquitectura é entre as artes a mais pobre na potencialidade da expressão dum determinado conteúdo. A sua finalidade última é a de organizar a natureza inorgânica e preparar o terreno ao deus, aos homens e às outras artes.

A arquitectura é sempre arte exterior em dialéctica com o atributo objectivo da escultura e subjectivo da pintura, música e poesia.

É de tal maneira vivo para Hegel o sentido da investigação inacabada da Arquitectura, que nela e só nela representa as articulações do simbólico, clássico e romântico.

Existem três planos da arquitectura na estética hegeliana. O atributo mais geral da fase simbólica da arquitectura é o telúrico. É a exigência representativa que conduz o homem a fazer obras de arquitectura abrindo o homem ao mundo da arte.

A origem da Arquitectura não é o lugar de abrigo. Numa primeira fase a arquitectura comporta-se como uma espécie de escultura inorgânica que levanta formas essencialmente simbólicas e inúteis.

O sagrado é o primeiro verdadeiro conteúdo desta arquitectura. Na lenda da torre de babel encontra-se o exemplo mais directo. A arquitectura no processo histórico tende a definir cada vez mais os seus próprios conteúdos simbólicos reproduzindo muitas vezes formas orgânicas a partir da natureza ou do corpo humano, como são por exemplo as colunas em forma fálica, as esfinges, os obeliscos, etc.,

Nesse momento em que a arquitectura parece ceder o campo à escultura está efectivamente a dar um passo na conquista da sua própria especificidade. Na composição geral, na definição dos recintos dos próprios elementos escultóricos, afirma a própria natureza arquitectónica traduzida na valência organizativa do mundo externo.

O tema da referência natural da perfeição da origem das ordens e o do carácter utilitário emerge com toda a grandeza quando Hegel ultrapassa a Arquitectura simbólica.

Para Hegel a arquitectura manifesta-se historicamente com a chegada do clássico, a arquitectura, em sentido próprio e tradicional, contem em si a exigência de responder a finalidades concretas. Pergunta-se se ela nasceu da mera necessidade ou foram aquelas obras simbólicas autónomas que a conduziram ao edifício voltado para o uso.

A arquitectura instrumental, na expressão de Hegel, satisfaz as exigências de protecção conforto e intimidade do homem e preparou a chegada do momento clássico da arquitectura.

Quando a construção se dirige a modificar o ambiente para receber o simulacro do deus, a finalidade já não é característica interna da arquitectura, mas refere-se a qualquer coisa que lhe é estranha.

Por este motivo a arquitectura clássica parte do tipo fundamental que é a casa. Hegel apercebe-se que a simples correspondência a necessidades origina formas mensuráveis, dominadas pela simetria, por linhas, por ângulos e por superfícies planas.

Mas para elevar-se ao grau de beleza, impõe-se que estas formas, resultado de uma necessidade, abandonem a simples regularidade e se aproximem do orgânico.

Hegel situa a origem da Arquitectura no acordo da sua visão histórica conceptual com a visão tradicional que a conduzia da cabana ao templo sumptuoso. Dito doutro modo : o princípio da utilidade não é entendido como limite ou fonte da arquitectura e assinala a passagem ao momento clássico. A arquitectura não tem uma referência natural para as suas formas. A antiga alteridade da Arquitectura é aceite e ao mesmo tempo rebatida no sentido positivo .

A arquitectura clássica inventa a própria forma e figuração em relação ao conteúdo sem nenhum modelo directo

Abre-se para a Arquitectura uma perspectiva de grande respiração no domínio da liberdade própria da arte romântica e idealista e só outros limites vêm impedir-lhe

o voo. De facto, Hegel fala por várias vezes da aridez da Architectura clássica, já que o carácter intelectual das suas formas delimita a beleza livre.

A regularidade e a correspondência a leis intelectuais informa a Architectura, mais do que nas outras artes. Embora não vinculada às formas naturais deve responder de modo mais rígido ao cânone despótico que mata a liberdade da arte. Ao entregar-se ao modelo alternativo, Hegel intuiu a analogia da Architectura com a Música que também repousa sobre uma harmonia de relações reconduzíveis a números e constituiu um edifício musical baseado em regras.

A coluna clássica é o testemunho concreto da compenetração entre a forma do útil e a forma do orgânico, entre a simplificação do entendimento e a exuberância da natureza.

A finalidade originária do simples elemento de suporte da cobertura, faz com que a coluna seja o verdadeiro elemento da arquitectura instrumental. Por outro lado, o progressivo abandono das formas mais propriamente orgânicas - cariátides, falos, etc., a favor de uma maior estilização estrutural, manifesta a história rica da Architectura onde a coluna passa do simplesmente orgânico à correspondência intelectual de um fim e depois pode voltar de novo ao orgânico. Esta reconstrução genealógica, poria fim ao debate sobre a origem da arquitectura: se da madeira ou da pedra.

É ainda neste contexto histórico que deverá se entender o apreço de Hegel pelo Gótico, que constituiu para ele o coração mais puro da arte romântica: *“Exprime o acordo do espirito interior do cristianismo com a forma arquitectónica.”*

O apreço de Hegel pelo Gótico tem um carácter intelectual. Aquela arquitectura desprende-se do fim instrumental próprio do clássico.

De facto na arquitectura romântica, com o cristianismo o fim carrega-se de tal valência espiritual, que ultrapassa os limites impostos pelo real.

Não é por acaso que o fundamento da Architectura romântica seja a casa “fechada”. Este “fechado” entendido não na acepção meramente física de muros grossos que não permitem ver o mundo, mas no sentido do máximo esquecimento do mundo.

A cabana primitiva da Architectura clássica é um abrigo e um lugar de que é possível sair para afirmar a própria vida. Neste sentido a cabana primitiva abre-se ao mundo, ao exterior.

A casa fechada do Gótico é o lugar onde a alma do homem se dirige a deus, se fecha espacialmente, fugindo da natureza exterior e do mundano.

Se o fim não é aquele de proteger-se do exterior, então desaparecem aqueles atributos estruturais que assinalam o clássico como, como por exemplo, o travejamento da cobertura.

Uma Architectura onde o coração do cristão se eleva para deus, antes de tudo deve desprender-se para o alto, sem exprimir o mecânico limite do suporte e do peso. Desaparecem as colunas, as arquivoltas e os muros grossos. As igrejas góticas têm necessidade, para serem fechadas, de um tecto que necessita de elementos de apoio, mas este apoio executado nos limites da Architectura é esquecido a favor de uma ascensão livre ao contrário do que acontece com o templo clássico.

Hegel recorre ainda à comparação com a forma da natureza (a floresta) para exprimir a leveza do Gótico, mas não parece admissível que o sistema hegeliano possa cair num naturalismo simplista e ingénuo, e aquela analogia não indica que Hegel defende o modelo real das árvores e florestas para explicar a arquitectura gótica

T6

Título: “Interioridade do espaço”

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Interioridade do Espaço

Uma das raízes da crise dos espaços urbanos e de um modo geral do espaço humanizado está na negação da relação de vizinhança como mundo ou na relação da pertença recíproca entre “*a corporidade humana e a corporidade do mundo*” que Michail Bachtin indicou como um elemento distintivo da cultura popular.

A medida que cresce a actividade transformativa sobre o rosto do mundo e aumenta em Função exponencial a transformação da matéria em coisas, diminuiu a sensibilidade humana em relação à realidade física ou como diz Umberto Galimberti “*O nosso olhar voltado para as coisas em ambientes extensos e sem limite, torna-se vago*”,

E não é só o nosso olhar que perde densidade no espaço amplo. também acontece assim com a nossa vida.

Procuram-se interiores climatizados onde se perde a relação da interacção humana com o exterior e percepção da natureza e do sítio.

Alguns ambientes parecem-se mais com cápsulas espaciais em que os espaços interiores se apresentam desenraizados de um modo anónimo e sem relação com o mundo.

Vive-se em contentores de aço e vidro desenquadrados do ambiente envolvente ou que até apresentam como uma oposição declarada.

No íntimo do homem, consciente ou inconscientemente há uma procura de espaços intimamente relacionados com as vísceras da terra.

Impõe-se uma relação participativa do espaço com o Céu, o Ar e A Luz.

Antigamente os edifícios relacionavam-se de modo a construir espaços ricos de interioridade mesmo no exterior. Pense-se em pequenos largos de aldeias ou rurais ou na articulação volumétrica de umas Termas Romanas.

Pode falar-se de interioridade de espaços públicos e colectivos, numa dependência de interrelações de formas e volumes.

Esta atitude dialogante conferia aos espaços exteriores da cidade um sentido preciso, valorizado como espaço público. Edifícios que rejeitam o diálogo com o exterior só podem induzir a solidão egoísta.

O homem contemporâneo vive a inquietação que traduz esta falta de diálogo com o mundo.

É possível hoje mudar de lugar para lugar e transformar a vida numa espécie de fragmentos de filme.

A velocidade do automóvel e do avião são parâmetros dos nosso dias, mas esta velocidade contribuiu para perda de significados dos espaços.

O ambiente físico muda constantemente e com tanta rapidez que não deixa estabelecer laços de relação e o tempo já não é uma correlação de ambientes que mudam na sucessão das estações do ano e o mundo transforma-se num imenso teatro mecânico.

Na idade nédia o corpo era considerado como o cárcere da alma e os sonhos projectavam-se numa realidade fantástica distinta da realidade física. Hoje a sociedade projecta o seu próprio imaginário na transformação incessante do ambiente em que vive. As cidades medievais transformaram-se no Renascimento, no Barroco e na Idade das luzes; etc...Mas aquelas intervenções faziam dialogar os novos edifícios com os antigos e até há exemplos em que o fascínio de alguns espaços consiste na interacção das intervenções.

Espaços projectados unicamente na dependência funcionalista, ou na procura de monumentalismo celebrativo, normalmente transforma-se numa agressão aos lugares que se transformam numa funcionalidade abstracta e técnica. Descartes no seu livro *Discurso sobre o método* constata que muitas vezes não exista tanta perfeição nas obras feitas de parte numerosas pela mão de diversos autores como naquela em que trabalhou uma só pessoa.

Também aglomerados urbanos antigos que no início foram pequenos povoados, algumas vezes se transformaram no passar do tempo em grandes cidades, muitas vezes tão mal distribuídas quando comparados com cidades objecto de um plano de desenvolvimento.

O “*cogito, ergo sum*” - assumido como primeiro princípio da Filosofia leva a sustentar que o homem é uma substância em que toda a essência consiste no pensar e que para existir não há necessidade de qualquer coisa material ou de algum lugar. Temos assim uma racionalidade fundada no isolamento do entendimento. A racionalidade moderna perde muitas vezes a capacidade de perceber a ordem que existe nas coisas, sejam elas naturais ou concebidas pelo homem.

A negação do corpo e dos sentimentos como fonte de consciência conduz à busca da perfeição na regularidade geométrica.

A perfeição dos lugares com interacção de presenças arquitectónicas dá lugar à ordem que nasce do diálogo das coisas e não de imposições de regularidades abstractas.

A ordem sem a complexidade produz o “enjoo”, como afirma Arnheim.

A passagem da vida nómada à dos aglomerados estáveis está ligada à introdução da agricultura que conferiu ao mundo uma transformação da superfície terrestre.

À agricultura estão ligadas razões práticas, sentimentos e até concepções religiosas. No fundo existia a ideia de que a Terra fosse uma divindade que nutria os homens e todas as espécies vivas.

Colere em latim significa cultivar, ter cuidados, venerar.

Chegaram até aos nossos dias testemunhos desta relação. Também algumas vezes no passado a actividade agrícola produziu desequilíbrios, mas de um modo geral, a agricultura exprimiu uma cultura finalizada em melhorar a habitabilidade do mundo.

As transformações agrícolas hodiernas caracterizam-se quase sempre pela busca de vantagens individuais imediatas assumindo algumas vezes o aspecto da profanação e do saqueio.

A utilitas e venustas apresentam-se como objectivos distintos mas torna-se importante ter em atenção o preço a pagar à evolução do homem e à sua liberdade quando se procura o belo e o útil para além do respeito da terra e do céu.

T7

Título: Kant

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Kant

Os problemas científicos encontram-se na base da preocupação filosófica de Kant, sobretudo no diz respeito ao método. A questão filosófica básica é de fundamentar o conhecimento científico.

A sua Filosofia de grande riqueza e complexidade encontra-se distribuída por obras que se estenderam por mais de meio século. É costume distinguir dois períodos na evolução do seu pensamento: um período pré-crítico, que se conclui em 1770, ligado à metafísica de Leibniz e Wolff e um segundo período crítico marcado pelas obras posteriores àquela data, fundamentalmente pela crítica da razão pura, crítica da razão prática e crítica da faculdade de julgar.

É verdade que para Kant, não interessaria muito uma reflexão sobre o belo artístico. Mostra-se céptico sobre as potencialidades de uma crítica sobre o belo, quanto aos obscuros mistérios que a natureza nos põe. Mas fiel à moda pensante da época, na terceira crítica propõe um sistema de Belas artes.

Trata-se de um Sistema proposto entre outros possíveis, que dada esta relatividade perde o valor normativo e se apresenta como simples esboço.

A analogia expressiva da palavra, do gesto e do tom, oferece a Kant a ocasião para articular as Artes Belas segundo um princípio unitário da comunicação de pensamento, intuição e sensação.

São três as formas da dimensão artística: a arte da palavra, a arte figurativa e a arte do jogo das sensações.

Trata-se duma divisão não essencial, não muito rigorosa, e quanto à Arquitectura advinha-se um realce humilde, coma alteridade já observada em Batteux.

As Artes da Palavra são a Eloquência e a Poesia. Ao jogo das sensações pertence a Música e o Colorido. As Artes Figurativas, aquelas que exprimem ideias através da intuição sensível, constituem a Plástica e a Pintura.

Ambas têm o objectivo de manifestar ideias estéticas que em embrião constituem o fundamento da imaginação.

A Plástica atinge dois sentidos: a vista e tacto, embora este último não tenha por finalidade a apreensão do Belo.

A pintura tem como único veiculo a visão.

À Plástica pertencem a Escultura e a Arquitectura. A Arquitectura tem como fim principal o uso do objecto artístico, que acaba por limitar a ideia estética.

Pertencem à Escultura as estátuas dos homens, dos deuses e dos animais.

Pertencem à Arquitectura os templos, os edificios destinados a reuniões públicas, as habitações, os Arcos de Triunfo, as Colunas, os Mausoléus e poderá até juntarem-se os móveis e outros utensílios semelhantes, porque o essencial da obra arquitectónica é a adequação a um certo uso.

Para Kant, a Arquitectura pertence às Belas Artes, embora sem nenhuma posição de privilégio: é uma subespécie da Plástica, com limites intrínsecos derivados do fim utilitário. Esta finalidade objectiva da Arquitectura constitui o motivo da sua alteridade.

A terceira crítica - a Crítica do Juízo - representa no desenvolvimento do pensamento de Kant uma tentativa de mediação entre o mundo da natureza e das necessidades desenvolvido na Crítica da Razão Pura e o Mundo da liberdade, dos costumes e dos fins, estudado na Crítica da Razão Prática.

Kant não quis construir um terceiro ramo da Filosofia Pura. Já na Crítica da Razão Pura anunciou que a filosofia não podia ser senão dicotómica uma vez que os conceitos da liberdade e da natureza, constituem os dois domínios separados e a

bipolaridade inegável. Mas neste sistema de Filosofia dicotómica, não se exclui a possibilidade de a crítica se possa apresentar em três formas distintas.

Interessa-nos compreender o modo em que a mediação da natureza e liberdade pode actuar.

Não se trata pois de uma mediação verificada num mundo terceiro, onde necessidade e liberdade. É na vertente subjectiva que se realiza esta difícil comunhão. por outras palavras, Kant não procura uma conexão objectiva entre a necessidade da natureza e a liberdade dos fins. Procura na faculdade do Juízo que se coloca na fronteira da natureza, segundo o princípio da finalidade que não pertence ao objecto e constitui um princípio puramente subjectivo.

O sujeito que julga, hospeda dentro de si o acordo entre o mundo dos fins e da liberdade, que pertence à razão e o mundo da necessidade e da natureza que pertence ao intelecto. Este juízo com o qual o sujeito afirma a finalidade da natureza é o juízo “reflectente” que nos aparece numa imagem da natureza que estabelece com a nossa liberdade e o nosso desejo o acordo das suas próprias leis necessárias e empíricas.

É este sujeito a nova personagem do pensamento kantiano que é o primeiro intérprete-autor da estética. Na Crítica do Juízo o sujeito não é a condição primária de qualquer conhecimento objectivo, mas transforma-se numa contraparte de si próprio que reflecte dentro de si a complexidade do mundo, tornando-se fonte do próprio prazer ou desprazer.

Neste juízo reflectente com que nos olha o sujeito fundamenta-se a crítica kantiana. Nas suas mãos estão os méritos inovadores e também algumas contradições. O sentimento de triunfo do subjectivo está ao mesmo nível das outras duas faculdades: a faculdade de conhecer e a faculdade de desejar.

Esta particularidade subjectiva do juízo reflectente é de grande importância.

O desinteresse pela qualidade do objecto advém da analogia com o sentimento do sujeito.

Colocando o objecto como não interessante, como um não ente e só como aparente, coloca o sujeito inteiramente empenhado na relação exclusiva com a obra contemplada.

Todas as definições do Belo são fundadas em puras negações aparentes.

Mas que importância tem este novo conceito de sujeito na sistematização das Artes e em Particular na Architectura?

As afirmações kantianas sobre a divisão das artes, consideradas isoladamente, são bem pouco revolucionárias. Mas interessa considerar estes velhos problemas à luz dum horizonte radicalmente novo.

No que se refere à Architectura devemos distinguir três temas já nossos conhecidos que constituem por assim dizer os parâmetros para a dignidade da Architectura: a mimese, a relação com a natureza e a finalidade da Arte.

Relativamente à mimese Kant não progrediu muito, pelo menos aparentemente.

Uma das diferenças fundamentais entre a obra puramente plástica e a Architectura é que a primeira manifesta ostensivamente uma imitação da natureza. Para Kant a Escultura giza da propriedade de poder exhibir conceitos de coisas como poderiam existir na natureza, enquanto a architectura mostra conceitos de coisa que só são possíveis no mundo da Arte.

Outros textos de Kant, fazem pensar nestes resíduos de conceitos miméticos sobre a natureza da Arte, como é o caso da jardinagem, uma arte que teve sempre uma

colocação difícil em relação à pintura, escultura e Arquitectura. Só Schopenhauer a considera num lugar próprio, acima da Arquitectura e da Hidráulica. Para Kant a Pintura, que representa a aparência sensível, divide-se na arte de representar a natureza e na de compor agradavelmente com os produtos da própria natureza. Esta última espécie de Pintura constituiu a jardinagem. Para Kant, esta relação com a Bela Natureza que junta de modo agradável a terra, a água e o ar com a luz e as sombras é muito mais vinculante do que o seu aspecto tridimensional. Por outro lado o facto de a jardinagem não poder ser apreciada pelo tacto, distancia-se da Escultura, que também imita formas naturais

Um horizonte novo abre-se no pensamento de Kant com os conceitos de *“pulchritudo vaga”* e *“pulchritudo adhaerens”*. A relação com a natureza permite ao artista produtor a transformação da natureza pela imaginação.

Esta transformação conduzida segundo leis analógicas, encontra a sua raiz nos princípios da Razão. O artista liberta-se da escravidão, a ponto da imaginação produzir a criação de uma *“outra natureza”* extraída da natureza real. Os limites da experiência são superados pela imaginação das ideias estéticas.

A perfeição da Arte subordina-se à perfeição das ideias estéticas e à Faculdade da alma que contribui com uma engenhosa contraparte para a produção da Arte. *“A Natureza é bela quando tem a aparência de Arte e a Arte não pode ser Bela a não ser quando a olhamos como natureza.”*

Existe portanto uma finalidade subjectiva - conceptual e formal, oposta a uma finalidade objectiva - conceptual e material.

Os conceitos de *“pulchritudo vaga”* e *“pulchritudo adhaerens”* inserem-se neste complexo corpo do sistema das artes de Kant.

Não são conceitos fáceis e aparecem em contextos contraditórios, como por exemplo:

“ a beleza de um edifício como uma igreja, um palácio, uma vila, pressupõem um conceito de finalidade que determina o que é que uma coisa deve ser e portanto o conceito da sua perfeição. Trata-se duma beleza aderente.”

Ao contrário um juízo de gosto puro é assim quando nenhum prazer empírico é misturado à sua causa determinante. A este juízo corresponde a beleza livre. *“As flores são belezas naturais livres. Se não se é botânico não se sabe o que é que uma flor é. O próprio botânico que vê a flor como órgão reprodutor da planta, quando faz um juízo de gosto sobre uma flor não considera esta finalidade da natureza. Aves e conchas do mar são belas em si próprias, sem ser necessário a consideração dos conceitos relativos à sua finalidade.”* Parece assim que a beleza natural coincide com a beleza livre e o operar artístico com a beleza aderente.

Kant introduz também o conceito de desinteresse na contemplação estética e associa-o ao exemplo de um palácio belo.

Quando fala do ideal da beleza, defende que ela não pode ser uma beleza vaga, mas uma beleza fixada mediante o conceito de uma finalidade objectiva. Sendo assim a Arquitectura poderia ser campo fértil na investigação deste ideal.

Por outro lado escreveu *“... que não se pode representar o ideal de qualquer beleza aderente, como por exemplo, o de uma bela habitação, de uma bela árvore, de um belo jardim, de uma bela flor ou de uma vista bela.”*

Paralelamente escreveu também:

“ as folhas das cornijas, as tapeçarias, as fantasias musicais, muito embora sendo produtos humanos e artísticos são exemplo de beleza livre, porque a sua beleza não limita a imaginação do sujeito ” e

“A escultura de um cavalo, de uma criança, de um homem ou de uma mulher, são exemplos de beleza aderente.”

Parece que não existe uma distinção objectiva entre a *“pulchritudo vaga”* e *“pulchritudo adhaerens”*. De qualquer modo beleza livre e beleza aderente não são atributos do objecto, mas correspondem a um estado do sujeito e constituem uma condição contemplativa que apenas recai na relação do sujeito com o objecto.

Se se pode verificar uma suspensão do juízo, quando o botânico observa a flor, porque motivo não admitir também uma suspensão análoga na experiência da arquitectura.

Parece não haver motivo para atribuir à Arquitectura a sua dimensão finalística como propriedade ontológica. Se alguém me pergunta se considero belo um palácio que está na minha frente quer apenas saber se a observação do alçado ou da volutearia me provoca um prazer. Neste caso torna-se evidente a suspensão do juízo do sujeito contemplante.

Kant distingue ainda a beleza da perfeição. Um objecto é perfeito quando a finalidade objectiva constitui a norma interna da sua unidade, ou quando existe uma adequação do objecto ao próprio conceito. Neste sentido perfeição é um grau abaixo da beleza porque conduz á manifestação lógica da sua finalidade.

Arquitectura é simultaneamente perfeição e utilidade, porque é adequação a uma regra finalizada sob o ponto de vista de uso e de manifestação formal.

A Arquitectura não consente a possibilidade absoluta de exprimir a própria liberdade. É esta perda de originalidade que afasta a Arquitectura do grupo das Artes Bela Puras.

T8

Título: “Método do projeto em Arquitetura”

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Método do projecto em Architectura¹

Uma das características principais do projecto de Architectura neste século é o de ter colocado em relevo a importância do processo projectual na constituição da forma arquitectónica.

Não à mimese da natureza dos modelos construtivos da tradição disciplinar, mas sobretudo a construção dum método de correlação entre problemas específicos do espaço e a organização significativa em relação à essência dos problemas e aos valores da modernidade como são: a técnica e a racionalidade produtivas, as novas concepções da representação, o assumir do novo como valor, a própria noção de história, da tradição e memória, na focalização da diversidade dialéctica de cada presente em relação ao passado.

Esta importância do método não se verifica só em Architectura, mas no pensamento da idade moderna, em geral, e na tradição racional científica. O princípio metodológico não pode ser interpretado de modo positivista como puro economicismo ou tecnicismo.

Quando o princípio metodológico não é capaz de resguardar-se de novos formalismos e estilismos e assim constituir um primeiro impedimento à constituição de uma linguagem estável e à possibilidade de uma transmissão didáctica da Architectura, indispensável na moderna condição da produção, sobretudo quantitativa. Quando se afirma que nenhuma metodologia é capaz de produzir uma forma significativa porque existe um vazio no processo do projecto, é impossível atingir a substância da Architectura que é feita de matéria e memória, de risco e necessidade.

O exercício da suspensão do juízo na metodologia crítica do projecto, conduz ao resguardo da circularidade interpretativa dos processos de mimese e ao mesmo tempo pode depauperar o processo de matérias essenciais à construção do projecto enquanto prática artística.

Um século de obras extraordinárias parece desmentir esta afirmação, mas uma enorme quantidade de desastres ambientais confirmam-na.

A alternativa seria constituída pôr procedimentos miméticos de novas interpretações.

O referimento a um modelo de ideias e de crenças torna-se necessário.

Esta posição tem a vantagem de apresentar formas significativas, cuja articulação interpretativa se demonstrou válida por longos séculos com enorme adaptação aos problemas e sítios.

No campo da Architectura existe um numero de tradições fundadas sobre ciclos antropológicos que a cultura ocidental fez conservar e evoluir dentro do próprio modelo.

Um século do movimento moderno produziu um tão vasto património de modelos tecno-morfológicos que podem constituir uma fonte de mimese interpretativa. Na ausência de mimese podemos perguntar-nos como é possível aplicar o método a não ser reduzindo a prática da Architectura à resolução dos problemas.

E não será a resolução dos problemas a única metodologia praticável hoje, capaz de minimizar os erros e de conduzir a soluções em constante dialéctica com as condições da sociedade civil?

¹ Cf. Gregotti V. Casabella, nº 569

Como é possível evitar que o mesmo princípio metodológico não seja impedimento para a formulação de hipóteses que poderiam conduzir a novas regras. Deve evitar-se a ideologia do método, se considerada como uma verdade.

Impõe-se a sua consideração como instrumento necessário e não suficiente mais pela sua relação com a função.

Na Arquitectura, mais do que um método para adquirir certezas, trata-se de uma regra da prática empírica criativa que é capaz de estimular a formulação de hipóteses e de aumentar o património das coisas importantes do mundo. O papel institucional da arquitectura é o de assegurar uma nobreza civil e de transmitir as regras da profissão, o que significa coerência de uma prática artística como método de chegar ao mundo e de o transformar.

Este método apresenta-se como muito aberto e livre, apenas ligado à sua capacidade de auto-regulação, como caminho e não como síntese de imitar, mostrando-se incapaz de se adaptar ao mercado de massas fundado na moda da mimese dos comportamentos e aparências.

Não se pode esquecer que o mercado, poder e secularização constituem as matérias narrativas pesadas do tempo actual.

O método tem a vantagem de possibilitar a reflexão fria e distante capaz de evocar espaços. Não se trata de estar da parte da autonomia racionalista, ou de estar contra a expressão construtiva, trata-se sim de tentar oferecer um sentido à construção.

T9

Título: “Para não cairmos na ilusão de Nietzsche”

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Para não cairmos na ilusão de Nietzsche.

A tentativa de encontrar para a Arquitectura um estatuto de verdade disciplinar autónoma, manifesta-se, algumas vezes, em nostalgias várias onde vale sobretudo o contrabando das metáforas. Não é um fenómeno novo.

Com **Nietzsche** fechou-se um filão do pensamento europeu que se desenvolveu à volta do conceito da palavra clássico.

Em sentido lato o clássico para Nietzsche é uma máscara que esconde a dilaceração existente entre o ser e o parecer e em sentido estrito aparece como uma mentira declarada.

Nietzsche representa ainda o abandono e o fim dos grandes sistemas filosóficos do século 18 e conseqüentemente também dos sistemas gerais da arte.

Subvertem-se valores, abatem-se ídolos e o **fragmento significativo** ocupa o lugar de sistema, mas é verdade que Nietzsche ama a vida como o valor mais alto, mesmo se lhe não é atribuído peso histórico e não constitui “acontecimento”.

Numa primeira aproximação, o problema da arquitectura em Nietzsche situa-se em dois planos: num em que é considerada como cidade e noutra em que é arte de construir, edifício e monumento.

O primeiro plano serve de contraponto ao segundo e desenvolve-se numa bipolaridade entre a cidade - grande cidade, ou a residência - metrópole.

A cidade pequena é o lugar onde se pode pensar, onde os sons acordam o pensamento, é o lugar onde é permitido viver e ter experiências.

As cartas e os aforismos de Nietzsche dedicados às pequenas cidades constituem um hino à solidão tranquila e à alegria pacata de viver. Os homens destas cidades que Nietzsche descreve são homens dedicados aos cuidados do quotidiano, homens serenos, homens voluntariosos.

A Arquitectura das pequenas cidades é uma companheira do homem.

É assim Veneza, Turim e Génova...

“*Guardei-me nesta cidade por um belo pedaço de tempo*”, escreve Nietzsche em Génova.

Em oposição estão as grandes cidades: as metrópoles que constituem o lugar onde se jogam miseravelmente os micro-destinos individuais. Nessas não se pode conservar um silêncio digno, nem cultivar, expandir e comunicar os nossos mais altos sentimentos.

“*quando o louco acende a lanterna na clara luz da manhã e começa à procura de Deus precipita-se no mercado onde se encontram agrupados muitos daqueles que não acreditam em Deus e riem de quem anuncia a sua morte: Cristo expulsando os vendilhões do templo deu-lhes toda a terra e assim se transformaram nos assassinos de deus*”

É importante sublinhar como numa primeira versão do fatídico aforismo da morte de deus, o desorientamento e a admiração por este grande delito, de que os homens não adquiriram a consciência, se traduziu numa concomitante perda do sentido do habitar.

“...e sem esta linha o que acontecerá de toda a nossa arquitectura? Continuarão as nossas casa a estarem em pé? Continuaremos nós próprios a estar em pé?”

Nietzsche conhece bem o grande *fascínio ambíguo e não resolvido* que a cidade exerce sobre os homens. Adverte o falso e enganoso excitamento que estimula o cérebro.

A angústia nietzscheana insere-se entre chamadas e repulsos - é a contradição de um caminhante que se gaba de não possuir uma casa e se passeia nas estradas sem óculos para não ver e não ser visto e que afinal apela à colaboração de oficiais e banqueiros hebreus para aumentar os milhões de seguidores.

“Habita-se de bom grado numa pequena cidade, mas por vezes, quando se transformou para nós numa cidade com demasiada falta de mistério, até essa nos empurra para a natureza mais solitária e desconhecida. Por fim, para repousarmos desta natureza, dirigimo-nos à grande cidade.

Bastam-nos alguns golos - e nós descobrimos o fundo do copo.

O Circulo com a pequena cidade começa de novo.

Assim vivem os modernos que são em tudo demasiado radicais para serem sedentários, como os homens de outros tempos.”

Se no que diz respeito à dimensão urbana, o juízo de valor permanece quase inalterado ao longo dos anos, quanto à Arquitectura em sentido estrito sofreu mudanças radicais.

A arquitectura inverte totalmente o seu próprio sentido e papel assinalando pontos precisos e novas descobertas da *-Transvalutação*.

Isto é mais evidente se se tem presente a decadência paralela a que é submetida a música.

O rebatimento da música e arquitectura situa-se nos anos do chamado iluminismo nietzscheano coincidente com a crítica demolidora à estética de Schopenhauer e à música de Wagner.

Nas páginas do *Ecce homo*, Nietzsche caracteriza, na semana do primeiro festival de Bayreuth a compreensão da causa fundamental da impostura em que tinha caído. A música perde, a partir daquele momento, o papel privilegiado e torna-se cada vez mais a alegoria da decadência. A música, submetida às mesmas limitações semânticas das outras artes, não é a arte sublime. Na sua excessiva carga demolidora, ridiculariza a música e identifica-a com o anoitecer civil e a pequenez espiritual própria da época moderna.

Esta atitude demolidora teve o mérito de fazer emergir por contraste a arquitectura, que era o grau artístico mais baixo no pensamento estético de Schopenhauer. Associado ao cair da música, está o renascer da Arquitectura e da sua valorização extrema.

A arte deve embelezar a vida, deve celebrá-la, deve afirmar a vontade de existir, nunca esquecendo o corpo nem a nossa complexa existência.

Nietzsche desconfia da chamada arte verdadeira, aquela das obras de Arte, porque nessas obras, a tradição do belo significou frequentes vezes o distanciamento do mundo.

A desconfiança das verdadeiras obras de arte, é a desconfiança da relação que a estética pós-Kantiana instituiu entre o *sujeito contemplante* e o *objecto contemplado*.

Na formulação tradicional o núcleo do prazer estético é representado pelo desinteresse. O desinteresse kantiano assume para Nietzsche o valor duma

separação da experiência, dos desejos, das surpresas e das alegrias mais genuínas da experiência pessoal.

Não é por acaso que a arte mais útil, aquela que chegava só por via indirecta à porta do belo, se tenha transformado na expressão máxima da realização artística. O que é necessário abater é o sujeito da metafísica tradicional que é o verdadeiro inimigo do *eterno retorno*.

Aos adoradores do *noumeno*, aos adoradores do mundo escondido no mundo, aos habitantes da caverna platónica, Nietzsche dirige o desprezo da estética tradicional para vencer a mentira de toda a espécie de platonismo e idealismo.

E tudo entra na estratégia positiva do novo intérprete que é o corpo, como fio condutor do itinerário que Nietzsche indica para a saída do velho mundo, habitado pelo Uno, pelo Ser e por um deus já morto. Corpo que não deve ser considerado como redução neopositivista, ou objecto das ciências naturais, mas como o fenómeno mais rico, claro e compreensível.

Neste contexto a Arquitectura assume o lugar privilegiado onde o pulsar do corpo se torna verdade. Arquitectura é essa grandeza majestosa, o monumento, o ambiente vital, a confirmação quotidiana de estabilidade, *apesar de o "homem moderno", de vida agitada, com a sua noção de arte refutar a arquitectura e fechar a casa e o lugar.*

A morte de Deus deixou atrás de si o antigo valor da arquitectura que o homem da decadência não compreende. Arquitectura não é valor do passado nem nostalgia da ordem cósmica.

Os valores destroem-se e recriam-se e também a Arquitectura encontrará o valor novo: a imagem da plena inserção de cada um na enorme construção dos séculos. A aceitação da caducidade dos micro-destinos individuais transforma-se no princípio que assinala épocas mais firmes.

"no principio, num edificio grego ou cristão, tudo significava alguma coisa, em vista de uma ordem superior. Este sentido de um significado inatingível cercava o edificio com um véu mágico. A beleza entrava no sistema, só secundariamente, sem prejudicar na substância aquele sentimento sublime, do consagrado pela magia e vizinhança da divindade, e quando muito mitigava o horror, que era pressuposto em todo o lado

Que coisa é hoje para nós a beleza de um edificio?

- Aquilo que é um belo rosto de mulher sem alma: uma máscara"

Contra estas máscaras, fomentadas pelo idealismo, e contra os resíduos de antigas crenças que perderam a sua dignidade, Nietzsche invoca o poder duma nova ciência da Arte, que deve crescer rigorosa, armada de lâminas cortantes, para não se empilhar nas modernas redes do artista.

Os juízos universais dificilmente se conciliam sem o recurso a um sistema moral.

E é neste sentido que julgo podermos afirmar que afinal para Nietzsche a Arquitectura é o clássico como grandeza e como projecto que pode perdurar durante milénios. E se não é o clássico de Goethe é o do tradicional antagonismo com o barroco.

Barroco é o romântico, a decadência, o wagnerismo, o moderno, a música; o Clássico é a Arquitectura como grandeza vital.

T10

Título: “A Arquitectura de Palladio”

Local, Publicação, Editora: Textos preparatórios redigidos no âmbito do doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo 10- Curriculum Vitae)

A Arquitectura de Palladio

Outras informações:

“ Sendo a arquitectura, - como o são todas as outras artes - imitadora da Natureza, é inadmissível encontrar nela alguma coisa alheia e longínqua da mesma natureza.”(4 Livros de arquitectura, I, XX)

Para Palladio cópia da Natureza significa racionalidade de estrutura e funcionalidade de disposição. por exemplo, as paredes portantes devem ser e aparecer adequadas às cargas.

Mas não se trata de um naturalismo que se esgota na correcção técnica: A ordem racional que existe na Criação Divina, deve ser imitada na criação do homem. Imitação da natureza que não é uma reprodução da realidade e é sobretudo uma investigação de princípios abstractos.

Trata-se de uma Filosofia Natural que explica como certos caracteres da sua Arquitectura - **Equilíbrio Proporcional e Compositivo** - continuam a ser preconceitos admitidos sem todavia serem examinados criticamente.

Uma característica singular dos seus projectos é a constância do esquema compositivo tanto em Planta como em Alçado: A composição Triádica - Corpo Central no eixo de entrada e dois corpos laterais simétricos.

Trata-se duma característica comum à Arquitectura Clássica e Veneziana com a sua Origem bizantina, muito diferente do que se fazia em Roma e na Toscana. Por exemplo o Palácio Farnese de Roma não apresenta esta inter-relação das várias partes: as aberturas são dispostas no centro da Fachada e no Alçado a Proporcionalidade apenas é aplicada á altura dos vários planos.

Palladio tinha ainda em conta todas as relações entre a largura, profundidade e altura, tanto no corpo principal como nos secundários e na relação dos vários corpos com o conjunto, em planta e nos alçados.

A Arquitectura rege-se de uma relação rigorosa do tipo orgânico.

Silvio Belli publicou, em 1573, uma obra intitulada: “Da proporção e Proporcionalidade”, que apresenta a proporção, (que é a razão entre duas quantidades, como por exemplo: a altura e largura de uma parede, ou largura e comprimento de uma sala), como a virtude principal da Arquitectura e a fonte exacta da beleza do espaço.

Palladio atribuiu à proporção uma importância muito maior que os Arquitectos do Renascimento e estendeu a proporcionalidade à terceira dimensão.

Exemplo de proporcionalidade tridimensional geométrica, são os números 9, 6 e 4, porque $9/6 = 6/4$, Um exemplo de proporcionalidade tridimensional harmónica são os números 6, 4 e 3, porque $6-4 / 6 = 4-3 / 3$. estes exemplos inserem-se numa teoria musical que, como Wittkower explicou, pode ser extensiva a uma série com mais termos e permitir critérios proporcionais de edificios inteiros.

Palladio utilizou a proporcionalidade harmónica, embora adaptada a exigências construtivas e funcionais, na convicção que estes números equivalentes às relações de harmonias musicais, quando aplicados aos espaços de arquitectura geravam harmonias visíveis como relação de uma forma universal.

O sistema triádico prestava-se ao uso da proporcionalidade, à funcionalidade e tradição. A Casa veneziana e a Igreja tradicional dispunha de uma grande sala central, usada para reuniões e para acesso a outras salas.

Nos Quatro Livros, I, XXI, diz que o espaço central deve ser um átrio no R/C e um salão nos pisos superiores.

Os alçados deverão respeitar este sistema. As “logge” serão dispostas na fachada anterior e posterior e se é uma, deverá ser colocada no centro, com paramentos nos flancos, se duas devem ser dispostas simetricamente.

O esquema distributivo desenvolve-se a partir do núcleo central, este destinado à circulação:

“Le stanze devono essere compartite dall’una, e l’altra parte dell’ entrata, e della Sala: e si deve avertire, che quelle della parte destra rispondino. e siano uguali `quelle della sinistra: accioche la fabrica sia in una parte come nell’altra: et i muri sentano il carico del coperto ugulmente: Percioche se da una parte si faranno le Stanze grandi, e dall’altre picciole; questa sarà piú atta à resistere al peso per la spessera de i muri, e quelle piú debole..”

Nos edificios paladianos vigora uma hierarquia de partes de tal maneira que o corpo central predomina sobre os laterais e representa o cume da composição. As partes mais próximas do centro, são mais importantes por dimensão e função. O núcleo central corresponde à cabeça e dorso do corpo humano, enquanto o eixo de simetria corresponde à espinha dorsal. Só em alguns palácios urbanos, adjacente a estradas estreitas, falta o elemento central predominante.

Esta hierarquia é atribuída ao modo de construir dos antigos. Os edificios gregos ou romanos, reproduzidos por Palladio, caracterizam-se por um corpo central predominante. Curiosamente, Palladio estudou também complexos arquitectónicos assimétricos, como é o caso da Vila Adriana, mas não tiveram lugar nas suas publicações. As escavações vieram a demonstrar que a arquitectura das habitações romanas eram quase sempre de planta livre. Os edificios públicos, sobretudo as Termas, é que se aproximam mais do ideal de Palladio. Quando estudava as ruínas de Termas, registava fielmente nos equiços efectuados no local, o que observava, mas depois reconstruía plantas rigorosamente “paladianas”, de onde desapareciam alguns elementos existentes nas ruínas.

Miguel Ângelo também traçava plantas com analogias do corpo humano, mas o naturalismo de Miguel Ângelo é rigorosamente biomórfico e alheio a abstrações matemáticas.

O palácio **Chiericati** é biomórfico.

Edifícios centrais como a **Rotonda** derivam do mesmo princípio, a implantação é radial e não axial. A cúpula central faz com que o edifício se assemelhe mais a um crustáceo que a um vertebrado. Para além desta simbologia, a cúpula exprime a renúncia à axialidade, embora mesmo aqui prevaleça um dos eixos com um corredor ligeiramente mais largo, porque Palladio considerava inatural a uniformidade absoluta. Mas na Rotonda o edifício não é apenas colocado no cimo duma colina. Foi projectado como cume da própria colina. Graças à simetria radial tem um aspecto agradável de todos os pontos de vista no arco de 360 graus. Este estilo Palladiano funda-se na integração matemática e estrutural das várias partes, e foi-se aperfeiçoando com o tempo.

Na **Villa de Poggio** em Caiano, a planta relaciona-se com eixos visuais que se cruzam, e recebe ainda o sinal do uso da proporcionalidade. As dimensões das salas não variam apenas em tamanho. Ligam-se por relações numéricas: uma das

dimensões de cada sala, é mantida na sala seguinte na sequência de 12x18 pés, 18x18 pés, 18x30 pés e 16x54 pés. As últimas medidas da série seriam originariamente de 18x54 pés, de modo a que todas as dimensões fossem múltiplos de 6.

Palladio sabia conciliar a prática com a abstracção e reduziu a largura para evitar uma altura excessiva da abobada.

As relações correspondem a razões bem precisas de $2/3$, $1/1$, $3/5$, $1/3$ em correspondência aos intervalos musicais de quinta, uníssona, sexta maior duas oitavas.

Alberti, um século antes, havia introduzido estas relações musicais que conduzem a Pitágoras, mas existe uma distância entre estas proporções e as de Palladio que emprega o critério orgânico que liga planta e alçados, uma sala à seguinte, o interior ao exterior, fazendo sentir a intervenção pessoal do Arquitecto que envolve o edifício inteiro.

A fantasia de Palladio interessa-nos mais do que a sua precisão arqueológica. Na arquitectura romana procurou métodos para organizar e integrar complexos de espaços e massas, mas os ensinamentos dos romanos foram só um estímulo para formar certos princípios que não transparecem evidentes na Arquitectura clássica e que se podem definir:

- 1º Hierarquia crescente e sistemática das partes do edifício até um centro focal;
- 2º Integração, segundo a proporcionalidade nas dimensões das partes entre si (e com) o todo.
- 3º Coordenação entre exterior e interior com a projecção do organismo interior da fachada e o uso da proporcionalidade.

Amava as ruínas, mas via nelas o que desejava ver. Algumas vezes usou elementos da Arquitectura antiga em modo pictórico. Nas últimas fachadas Vicentinas usou as Ordens como quem usa o pincel na pintura. Palladio foi idealizador e realizador de harmonias.

Foi também um grande teórico que impôs um método por mais de 4 séculos. Mas existe ainda um outro Palladio desconhecido para muitos dos que veneram os seus escritos sem terem visitados as suas obras, onde encontrariam o mágico da luz, o Veronese da Arquitectura, esse criador do espaço irracional e complexo de S. Jorge Maior que uma luz quente e variada, semelhante à de uma Catedral Gótica faz de Palladio um artista sensual admirável, alquimista da visão, admirável modelador da luz.

Do Romantismo para cá, entendimento e sensação são considerados contrapostos. Os reformadores da idade das Luzes, compreenderam só o Palladio racionalista dos Quarto Livros e os Neo-clássicos um Palladio descobridor duma Lei Divina, ou ao menos Eterna, da Arquitectura, variantes simplificadas do sistema de relações proporcionais e da referência às leis da harmonia e estrutura do corpo humano esquecendo o construtor da sensibilidade de delicados espaços carregados de emotividade.

T11

Título: Rotura, Continuidade e memória na cidade em transformação

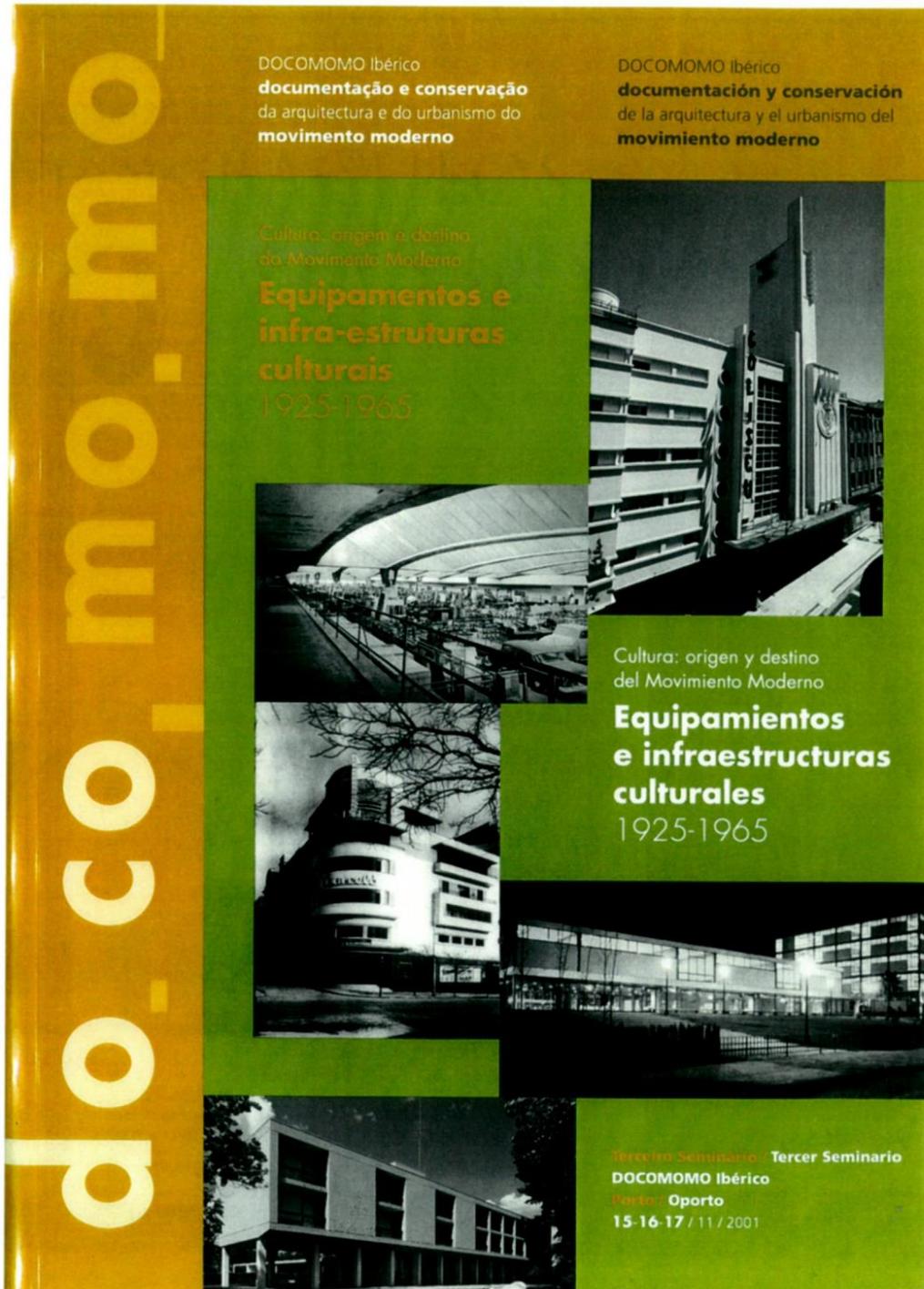
Local, Publicação, Editora: Intervenção no Terceiro Seminário do Docomomo Ibérico

Data:2001

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.15/25 - Curriculum Vitae)

Outras informações:



DOCOMOMO Ibérico
documentação e conservação
da arquitetura e do urbanismo do
movimento moderno
documentación y conservación
de la arquitectura y el urbanismo del
movimiento moderno

Actas

Terceiro Seminário / Tercer Seminario
DOCOMOMO Ibérico
Porto
15-16-17/11/2001

DOCOMOMO Ibérico

Rotura, continuidade e memória na cidade em transformação

A modernidade confronta a arquitectura com programas novos indutores de ideias tão fortes que assumem um papel activo na construção da cidade e renovação dos seus ambientes.

Podem até falar-se duma constância de método projectual, que torna quase tão importantes as obras construídas, como os objectivos de projecto.

"Cada geração construirá a sua cidade e o renovamento contínuo dos seus ambientes constitui a vitória do Futurismo"¹

Esta vertente da arquitectura remete-nos para o devir da cidade que ultrapassa a dimensão objectual da obra arquitectónica. O contexto e a implantação da intervenção constituem vectores que não podem ser ignorados.

Mas a vontade de mudança que acompanha inevitavelmente a modernidade, confronta-se também, algumas vezes de modo inconsciente, com ânsias de preservação e de permanências, num equilíbrio que por vezes se torna instável e até perigoso.

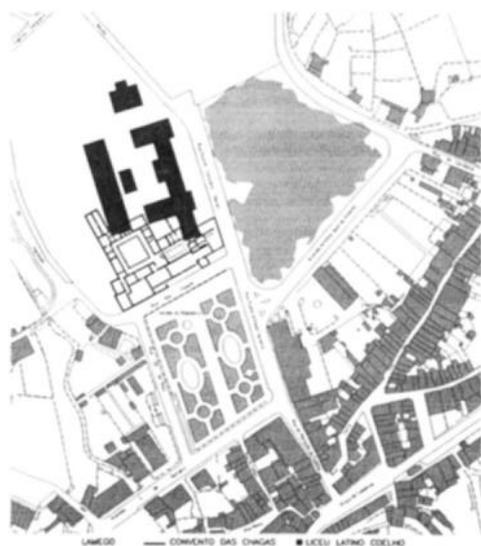
Comparando a vida das cidades com o ciclo da vida humana, da mesma maneira que somos naturalmente impelidos a guardar no cofre das nossas intimidades imagens da infância, também as cidades traduzem um apelo à conservação das suas relíquias, que num mundo profundamente secularizado me atrevo a chamar ressonância duma sacralidade mundana.

Ser moderno em arquitectura significa fundir e nunca confundir a contemporaneidade da obra com a tradição.

Interpretar mal os sinais do passado induz, quase inevitavelmente, a uma idolatria de formas novas, de novos materiais ou de novas tecnologias e impede a capacidade e diversidade de diálogos que a universalidade da cultura exige entre o passado e o presente.

A arquitectura é difícil porque exige um aprofundamento tenaz de conteúdos, nunca confundíveis com veleidades formalistas ou funcionalistas, capazes de justificar desaparecimentos e destruições só pela vontade de afirmação própria.

1. Manifesto futurista, publicado a 20 de Fevereiro de 1909 no Le Figaro.



□ Convento das Chagas
■ Implantação do Liceu Latino Coelho

A cidade de Lamego com o Liceu Latino Coelho em primeiro plano



O encontro de memórias urbanas com o presente, não se compadece com atrofias intelectuais, onde o fascínio do novo, da moda ou do progresso despreza riquezas existentes, nem se compadece com os vazios humanos expressos no desencontro de culturas e de almas.

Ilustro esta reflexão com duas intervenções urbanas na cidade de Lamego, uma na década de trinta outra na década de sessenta.

Lamego, cidade muito antiga, é o centro de uma região agrícola que terá sido formada pelos celtas, ocupada pelos suevos e depois pelos árabes, teve um desenvolvimento próspero na reconquista para a seguir parar no tempo até meados do século passado.

Em 1920 a Câmara Municipal, na vaga da construção de novos liceus, disponibiliza para a construção do Liceu Nacional de Lamego o largo da Feira e o convento das Clarissas, que com a morte da última religiosa em 1906 tinha passado para a posse plena do Estado na sequência do decreto de 1834 que extinguiu as ordens religiosas em Portugal, e em 1910 tinha sido cedido pelo Poder Central à Câmara para usos diversos, tendo ali funcionado escolas primárias e outras dependências da actividade municipal.

Do antigo convento resta a igreja, porque a parte restante foi demolida para a construção do novo liceu.

A pedra das arcadas dos claustros, por decisão da Câmara Municipal, foi para os portais dos armazéns e garagem e para as bancadas do estádio de futebol dos Remédios.

No museu de Lamego conservam-se talhas de altares de capelas interiores, imagens, pinturas, peças de ourivesaria, etc.²

O concurso público do Ministério da Instrução Pública, muito pormenorizado, que culmina uma velha aspiração da cidade, alimentada ao longo de cem anos a partir da promessa de Passos Manuel em 1837, utiliza a expressão "espaços com características de uma escola moderna" mas talvez mais interessante é o que diz sobre a casa do reitor "que deverá ser uma típica casa rural com dimensões semelhantes às da classe média". Cottinelli Telmo venceu o concurso, o segundo lugar foi

Liceu Latino Coelho
Alçado principal com a igreja das Chagas em primeiro plano





Avenida Guedes Teixeira com a intervenção dos anos 60

2. LARANJO, F. J. Cordeiro, *Cidade de Lamego, Igreja do Mosteiro das Chagas, Lamego, Casa da Misericórdia de Lamego, Lamego, 1988.*

3. SILVA, Lucinda Monteiro da, *O Liceu de Lamego, A construção de identidade histórica, Câmara Municipal de Lamego, Lamego, 2000.*

atribuído a Carlos Ramos que concorreu com o arquitecto Jorge Segurado e em terceiro lugar foi classificado o arquitecto Adelino Nunes.

Na memória descritiva do projecto do novo liceu, o arquitecto Cottinelli Telmo escrevia:

"O edifício com as suas fachadas completamente lisas e vãos bem proporcionados e distribuídos, pode constituir uma bela peça arquitectónica e não precisa de ter por estilo mais do que o resultante deste princípio depurado, sobretudo quando razões de economia ajudam. O motivo central da fachada principal, os teixos da entrada, os telhados de beirado e os cunhais e envasamentos de alvenaria aparelhada dão a nota que julgo indispensável para dar ao edifício um ar de Lamego -cidade onde uma construção incaracterística de estilo de importação seria descabida-"³

Assim se modernizou a cidade ao arripio da demolição de uma obra que a caracterizou durante séculos.

A vontade de ser moderno a todo o custo gera muitas vezes discursos de surdos.

O exemplo mais recente da década de sessenta que apelido de antimoderno, é o duma cidade que quer progredir e embelezar-se:

Datavam de há muito as Estradas Nacionais que a atravessavam, a avenida Visconde Guedes Teixeira tinha-se prolongado para poente com o nome de avenida Dr. Alfredo de Sousa.

O progresso ditava então a ligação da cidade ao Escadório dos Remédios, seu eixos, com toda a probabilidade é obra de Nazoni.

Numa atitude mimética, inventaram-se mais dois tramos do escadório, muito embora sem a atenção ao cuidado primoroso do ajuste das escadas ao perfil do terreno, construiu-se um novo e triste arranque para o escadório

...a cidade fez festa e a Estrada Nacional n.º 2, que liga Faro a Chaves, atravessa agora em Lamego o Escadório dos Remédios.

Ficava claro, mesmo tendo em conta a lamentação do arquitecto Álvaro Fonseca de que lhe escolheram a mais pobre das três propostas por ele apresentadas, que copiar sinais arquitectónicos antigos, longe de conseguir uma continuidade urbana, introduzia no continuo orgânico cidade-natureza uma rotura antes inexistente.



Escadório e atravessamento da Estrada Nacional nº 2

Se no primeiro caso a vontade do novo destrua memória urbana, no segundo a receita mimética apagava a força da transgressão e o instinto da descoberta do novo necessários à expressão da modernidade.

Acredito que construir o espaço urbano moderno é conciliar passado, presente transgressão e descoberta do novo.

O devir urbano, a evolução da cidade, a capacidade de sentir a história nem resulta dum maneirismo modernista ou outro qualquer, nem duma mimese do passado.

O confronto da modernidade com a memória continua actual, e custa-me a aceitar "il pensiero debole" de Gianni Vattimo, que traduz a aceitação da realidade assim como é, sem o desafio da utopia, e acaba por fazer o elogio da arbitrariedade.

Não existem fórmulas mágicas de modernidade, mas acredito numa filosofia do projecto moderno, alicerçado em três vectores: continuidade, evolução e símbolo.

Hoje nenhum fenómeno vale por si, nem a Arquitectura. Estamos longe de Alberti para quem nada poderia ser acrescentado ou subtraído à arquitectura sem lhe alterar a harmonia.

A arquitectura é reflexo duma vida em evolução, e neste contexto, o seu projecto tem de aceitar o aleatório como estímulo provocante da imaginação que no silêncio ouve as vozes inesperadas que permitem a liberdade da expressão individual.

Hoje não existem símbolos arquitectónicos da civilização, mas precisamos deles porque nós homens somos os únicos criadores de símbolos.

Parece-me urgente, encontrar em termos de modernidade, a correspondência ao espírito criativo da Idade Média, que ultrapassa a individualidade do artista guiado e sustentado pelo consenso do povo. Saber encontrar a vitalidade cívica fundada na unidade produtiva de utentes e produtores de arquitectura, meta que considero alcançável, constitui em meu entender o caminho de saída deste beco onde nos encontramos.

166
ARQUITECTURA



Arranque do escadório do Nasoro

T12

Título: Arquitetura e Identidade

Local, Publicação, Editora: Intervenção na Mesa Redonda “Arquitetura e Identidade” no Encontro de Arquitetos Galegos e do Norte de Portugal em Santiago de Compostela

Data: 1995

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.11- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Pediram-me para participar nesta mesa redonda subordinada ao tema: Arquitectura e Identidade. Faço-o com muito gosto, muito embora ciente do contributo reduzido que as minhas palavras poderão trazer ao debate. Prometo pelo menos uma coisa e é a de que serei breve.

Em filosofia, entende-se por identidade o carácter do que é o mesmo. Em português talvez pudéssemos dizer mesmidade. Compreendemos melhor o sentido de identidade quando o comparamos com o de semelhança ou de igualdade, dizendo o primeiro destes últimos, respeito às qualidades do ser e o segundo, às quantidades. A identidade diz respeito à substância.

Teremos então assim que a identidade da Arquitectura é a coincidência do ser da Arquitectura consigo própria. Impõe-se uma reflexão sobre o seu corpo disciplinar – esse contínuo orgânico – que testemunha um sentido de permanência e estabelece relações com as grandes opções civilizacionais.

Já ontem o Prof. Fernando Távora nos falou do ser da Arquitectura, do seu significado e da sua essência.

Trata-se duma ciência e duma arte....não duma ciência pura, porque não é só número e é também forma; duma arte, porque se obriga a reflectir constantemente sobre os próprios princípios, que congrega e sintetiza, cada vez mais, saberes disciplinares diferentes.

Mas Ciência e Arte essencialmente destinada ao seu preenchimento humano, a ponto de se poder dizer que só existe Arquitectura quando for lugar do homem, quando for casa.

Temos vindo a ouvir falar da crise da Arquitectura do movimento moderno, mais fortemente de 1970 para cá, quase no pressuposto que os cinquenta anos de arquitectura moderna de 1920 a 1970, tivessem constituído um todo unitário e monolítico, como algumas vezes transparece de alguns compêndios de História.

Se pensarmos em Mendelsohn, Bruno Taut, Häring, Scharoun, Asplund, Alvar Aalto, Wright.....sentimos tantas solicitações e caminhos, que se torna claro que não existiu a repetibilidade e mecanicidade da arquitectura moderna.

Não quero negar os motivos para as críticas ao estilo internacional.

É também verdade que, no quadro do movimento moderno, encontramos arquitecturas sem respeito pelo lugar, pelo clima, pelo contexto social, arquitecturas sem sensibilidade pelos fins práticos da vida. Mas sendo verdade que existem motivos para **renovação**, faz-me pena que, aparentemente, esta vontade de renovação nos tenha chegado pelo lado pior “do pós-modernismo”, com o seu apelo historicista, simbolista e de celebração.

Não acredito numa Arquitectura de celebração, seja ela

a celebração do poder,
a celebração da forma,
a celebração de personalidades,
a celebração da história.

A arquitectura da celebração é sempre de algum modo mausoléu. É uma arquitectura da morte. Nós estamos interessados numa arquitectura da vida.

Também não acredito numa Arquitectura que se compraz na obsessão de geometrias e em exercícios estilísticos.

Não podemos esquecer a grande conquista da arquitectura moderna que foi a **de tornar claro que não é possível separar conteúdos e formas** – dicotomia evidente em algumas arquitecturas dos nossos dias. A relação clara do **espaço** com o **uso** e **significado**, continua a constituir um valor inegável.

Sou pela tradição, sem esquecer a tradição moderna. Sinto a necessidade duma abertura à história toda, mesmo àquela que se desenvolveu para além das academias, das escolas e dos estilos e refiro-me à arquitectura popular. Já alguém escreveu que a poesia popular é na esfera da arte aquilo que o bom senso é na esfera intelectual. Penso que este pensamento se pode aplicar, de pleno direito, também à arquitectura popular.

Numa cultura dominante feita muito a partir de técnicas, de funcionalidades e de “look”, uma cultura de homologação de consumos e costumes, vamos perdendo a identidade e quase o sentido da vida. É verdade que os espaços de liberdade individual são muito mais amplos, mas os espaços livres da nossa personalidade são cada vez mais curtos. E a expansão da liberdade civil, muitas vezes, só dá a ilusão de atingir esferas mais altas de autonomia individual.

A espontaneidade da Arquitectura popular denota uma condição existencial apaixonada e eu penso que poderá ser esta uma meta da Arquitectura: **a procura desesperada de espontâneo**, radicada na vida, nas culturas específicas de cada lugar e até nos hábitos das comunidades. Uma Arquitectura que responde às necessidades renovadas do homem e sente o pulsar de quotidianos.

Não é tarefa fácil...

A Arquitectura só poderá responder às realidades do mundo e da vida, na síntese de opostos, que concilia racionalidade com intuição, lógica com sentimento, disciplina com fantasia, na atmosfera do bom senso que não renega, contudo, o lugar da poesia.

Manuel Botelho, arq.^{bp}

T13

Título: Como se organiza o espaço para a celebração

Local, Publicação, Editora: Comunicação sobre o Espaço Litúrgico, no Curso de Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima

Data:1998

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.14- Curriculum Vitae)

Outras informações:

DIOCESE DE LEIRIA-FÁTIMA

CURSO DE FORMAÇÃO PERMANENTE DO CLERO

1998



A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

COMO ACÇÃO DA COMUNIDADE DE FIÉIS

DIOCESE DE LEIRIA - FÁTIMA

FORMAÇÃO PERMANENTE DO CLERO
1998

2º Turno: Santuário de Fátima, 23-27/11/98

TEMA: A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA COMO ACÇÃO DA
COMUNIDADE DE FIÉIS

S E R V I Ç O S

1. CONFERENTES:

Doutor Pedro Romano Rocha, S.J. - Lisboa
Con. Doutor João da Silva Peixoto, Prof. Fac. Teologia - Porto
Fr. José Joaquim Lopes da Silva Morgado, OFMCAP - Fátima
Doutor João Manuel Resina Rodrigues, Prof. Inst.Sup. Técnico - Lisboa
Dr. Paulo Santos Lameiro - Leiria
Escultora D. Clara Meneses - Lisboa
Arquitecto Manuel Tomás Carvalho Botelho - Porto
Doutor Dionísio Borobio, Prof da Unv. Pont. de Salamanca - Espanha
Dr. Jorge Manuel Faria Guarda - Vig. Geral - Leiria

2. EQUIPA DE LITURGIA

Responsável das celebrações: preparação,
Leituras e acompanhantes do Presid.- - Pe. Armindo Castelão Ferreira
Munições - Liturgia das Horas - - - - - Pe. Filipe da Fonseca Lopes
Pe. Sérgio Feliciano de S.Henriques
Mestre de Coro - - - - - Pe. Artur Ribeiro de Oliveira
Coro - - - - - Pe. Abílio Domingues Fernandes Lisb.
Pe. António Lopes de Sousa
Pe. Benevenuto V.Oliveira Dias
Pe. Joaquim Domingues Gaspar
Dr. Manuel dos Santos José
Órgão - - - - - Con. José de Oliveira Rosa

PRESIDÊNCIAS:

VÉSPERAS E MISSA - - - - - Senhor Bispo
LAUDES: Terça-feira - - - - - Pe. Isidro da Piedade Alberto
Quarta-feira - - - - - Pe. Manuel de Sousa Antunes
Quinta Feira - - - - - Mons. Luciano Gomes Paulo Guerra
Sexta-feira - - - - - Pe. Manuel Ferreira
HORA INTERMÉDIA:
Segunda-feira - - - - - Senhor Bispo
Terça-feira - - - - - Dr. Albino da Luz Carreira
Quarta-feira - - - - - Pe. Cristiano João Rod. Saraiva
Quinta-feira - - - - - Pe. Ramiro Pereira Portela

3. ECONOMIA - - - - - Pe. Jacinto Pereira Gonçalves

4. COORDENAÇÃO - - - - - Pe. Henrique fernandes da Fonseca

DIOCESE DE LEIRIA - FÁTIMA

FORMAÇÃO PERMANENTE DO CLERO

1998

2º Turno: Santuário de Fátima, 23-27/11/1998

**TEMA: A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA COMO ACÇÃO DA
COMUNIDADE DE FIÉIS**

Quarta - feira, 25 de Novembro

- 08.30 - Pequeno Almoço
- 09.00 - LAUDES
- 09.30 - Preparação da Liturgia (ensaio)
- 09.45 - **PAINEL: TEMA - ELEMENTOS A CUIDAR NA CELEBRAÇÃO, (ritmo, música, estética ao serviço do mistério celebrado)**
Dr. Paulo Santos Lameiro - Leiria
Escultora D. Clara Meneses - Lisboa
Fr. José Lopes Morgado - Fátima
- Diálogo
- 11.30 - Intervalo
- 11.45 - Trabalho de grupos: **TEMA - PARA SER FIEL É PRECISO SER CREATIVO (experiências e dificuldades nas celebrações litúrgicas)**
- 12.45 - HORA INTERMÉDIA
- 13.00 - Almoço e tempo livre
- 15.00 - Preparação da Liturgia (Ensaio)
- 15.15 - Conferência: **COMO SE ORGANIZA O ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO**
Arquitecto Manuel Tomás de Carvalho Botelho,
- Diálogo
- 16.45 - Intervalo
- 17.00 - VISITAS DE ESTUDO:
- Projectos seleccionados para construção do GECA (Grande espaço coberto para assembleias - Nova Basílica do Santuário)
 - Espaços celebrativos: Capela dos Santos Anjos (Casa de N^ªS^ª Dores)
Capela da Casa de N^ª S^ª das Dores
Capela latina do Exército Azul e Capela Bizantina.
- 19.00 - VÉSPERAS E MISSA (pelos sacerdotes - Missal Rom. - pág. 1193)
- 20.00 - Jantar e tempo livre.

Como se organiza o espaço para a celebração

Agradeço o convite que me foi feito pelo Mons. Henrique Fernandes da Fonseca para fazer uma comunicação neste Curso de Formação sobre a Celebração Litúrgica como Acção da Comunidade dos Fieis. Estou aqui com muito gosto. Possa eu contribuir positivamente para esta reflexão, que considero pertinente.

Pediram-me para falar de como se organiza o espaço da celebração litúrgica.

Eu não trago soluções, regras ou cânones para construir espaços sagrados, até por não acreditar em soluções pré-fabricadas nos projectos de Arquitectura, que considero, acima de tudo, uma construção que se vai revelando na reflexão, no silêncio e na experimentação do projecto.

As regras ou, talvez melhor, os critérios estão a montante do projecto e inserem-se numa multiplicidade de saberes disciplinares, dos quais posso enumerar alguns como a História, os Processos construtivos, a Física aplicada, a Acústica, a Sociologia, a Filosofia, a Teologia, a Liturgia, etc., etc...

O que é o espaço do culto?

O espaço sagrado é um espaço denso.

É a densidade do espaço sagrado que o faz **lugar**...

Os lugares são contentores da existência e constituem referenciais da cultura no mesmo sentido que Heidegger afirma que o **logos é a casa do ser**.

A Arquitectura Sagrada quando, para além da referência existencial do lugar, interpela-nos sobre a relação com o Absoluto.

O espaço de culto é um espaço sagrado que se destina às celebrações litúrgicas.

Estamos todos de acordo se dissermos que os edifícios do culto representam lugares privilegiados do encontro sacramental com Deus, sem pormos em causa a certeza de que as vivências não se confinam e reduzem a esquemas mentais.

Assisti, em França, a uma transmissão da Televisão Francesa de uma celebração eucarística do Domingo, a partir do quarto duma doente cancerosa. Guardo a carga emotiva da situação dramática onde se misturada de modo intenso o eminência da morte com o transcendente.

Neste misturar-se de sentimentos que merecem todo o respeito, do ponto de vista litúrgico, talvez se estivesse à beira da aberração e a reflexão que desejo fazer sobre os espaços da arquitectura sacra quero fazê-la no campo da racionalidade.

Sei que a invenção das formas que devem responder aos programas que as Instituições apresentam aos arquitectos, ultrapassa esta racionalidade, como a própria vida com os seus mitos, a sua poesia, as suas dúvidas e mistério. Mas é na racionalidade que nos podemos entender.

Dos primeiros cristãos que adoptaram a basílica romana, e não o templo, para a transformarem em basílica cristã, aprendemos que a Igreja não é para os Deuses e se destina aos homens, muito embora nos transmitam um desejo de transcendência; do românico chega-nos esse carácter simbólico de uma nova vida, bem expresso na solidez de exteriores austeros e no silêncio das naves que transmitem a experiência mística do divino; da iconografia dos vitrais góticos, qual Bíblia *Pauperum*; descobrimos o conteúdo profundo que antecede as formas ou descobrimos que os conceitos teológicos encarnam em formas. E mesmo do Barroco que algumas vezes se manifesta numa espécie de êxtase mundano e são a expressão do triunfalismo do Concílio de Trento, com as suas verdades absolutas dos dogmas, ressoa ainda a manifestação de Outra Verdade distante dos homens. Por vezes afirma-se que as igrejas do Renascimento são pagãs, mas como nos ensina Wittkower elas são afinal expressão de uma crença que se exprime no rigor das próprias formas.

Os espaços sagrados são para os homens, mas são espaços outros...

Como é que se projecta hoje uma Igreja?

Faz-me pena, quando olho para o panorama da Arquitectura Sagrada que se vai construindo em Portugal, que uma considerável percentagem se não consiga libertar da incultura reinante, as mais das vezes imbuída dum novo-riquismo assustador que pela sua incoerência não consegue atingir o limiar da Arquitectura, quanto mais da Arquitectura Sagrada.

Todos sabemos que, dos primórdios da civilização até dias bem próximos dos nós, a Arquitectura Sacra constituiu a História das formas mais significativas do espaço construído, e é com mágoa que vejo ter-se perdido esta cultura do saber fazer.

A Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II, como afirmam os peritos, foi a mais completa e incisiva que a Igreja conheceu na sua história e não se limita à Celebração Eucarística.

O grande critério para a descoberta do espaço litúrgico, é a de que ele é um lugar privilegiado do encontro das pessoas consigo e com os outros.

Sensibilidades e interesses tão diferentes como os da Liturgia e da Técnica podem apresentam-se por vezes inconciliáveis, onde só o caminho do diálogo é o que se apresenta como verdadeiramente cultural.

Afirmo com todas as forças que não se pode improvisar o espaço do culto, exige-se estudo paciente de modo a definir opções de Arquitectura.

Para a Igreja ressaltam os problemas de pastoral, mas a solução nunca pode prescindir dos saberes profissionais e artísticos.

É importante resistir à tentação do projecto tipo.

Aos responsáveis da Igreja cabe a tarefa de saber expor programas e problemas; aos profissionais a descoberta de soluções.

Vou enumerar alguns aspectos que considero pertinentes na elaboração dos projectos duma Igreja ou na Renovação dum espaço Sagrado:

1º - A Relação da Arquitectura com o seu uso.

O povo de Deus, sacerdotal, real e profético que se reúne no templo é a verdadeira Igreja que se projecta no edifício de culto e da mesma maneira que a assembleia é uma realidade viva, dinâmica, histórica em transformação, também o templo se vai modificando no decorrer dos séculos.

Não existe uma Liturgia imutável, como não existe uma Arquitectura imutável, mas em toda a História o elemento original e permanente da tradição cristã considera **a assembleia como a grande matriz** da definição espacial do templo ou o momento unificador do espaço em ordem à acção do culto.

2.º - A arquitectura sagrada não é uma arquitectura qualquer.

O edifício sagrado tem a característica de ser símbolo da realidade tangível que nele se realiza. Os vários morfemas da Liturgia são:

a palavra,
o silêncio,
o gesto,
o movimento,
a música,
o canto

que encontram a sua expressão no espaço litúrgico, a ponto de este unificar a sinfonia rica, complexa e diversificada da Liturgia e ser um ícone eclesiológico.

3.º - A Arquitectura deve ser entendida como globalidade.

Em qualquer projecto de arquitectura, o estudo espacial está longe de se esgotar na planta. O espaço é tridimensional. Por isso os arquitectos elaboram perspectivas e fazem maquetas.

Cabe ainda no conceito de globalidade o estudo da iconografia, que se prende muito com o comportamento devocional dos fiéis.

4.º Elementos importantes na definição do Programa dum Igreja

Em muitas Igrejas a seguir ao Concílio foi feita uma adaptação provisória e casual dum altar que permitiu a celebração voltada para o povo, mas que não esconde algum mau estar do ponto de vista celebrativo do culto e do ponto de vista estético.

No projecto de espaços litúrgicos o estudo da Nave, do Presbitério, do Baptistério, do Espaço Penitencial e dos espaços complementares constituem temas fundamentais sobre os quais vou dizer algumas coisas, não como quem dá regras mas sobretudo para que, como donos de obra, possam os sacerdotes clarificar programas junto dos projectistas:

1 - A Nave da Igreja

A nave é o lugar da assembleia e por quanto foi dito uma parte importante do templo.

- é importante a acústica, cuja solução técnica deve sugerir a direcção espacial a partir do Ambão e da Presidência e cuja solução formal deve ser significativa;

- É importante obter um ambiente acolhedor onde tudo deve ser estudado: proporções, materiais, construção, luz, textura e cor e condições climatéricas de conforto.

- Os espaços complementares da celebração, como por exemplo, o coro devem inserir-se claramente na assembleia.

- O coro deve ser organizado de modo a facilitar a participação dos seus membros nas acções litúrgicas.

2 - O Presbitério

O Presbitério articula-se e dialoga com a assembleia.

Nas Igreja antigas o Presbitério quase sempre apresenta uma disposição volumétrica clara.

- Tem duas finalidades: permitir o conveniente desenrolar dos ritos e relacionar os três lugares importantes do Presbitério, que são: o Altar, o Ambão e o lugar da Presidência.

- Quando se renova um presbitério, muitas vezes há necessidade de retirar elementos como balaustradas e elementos decorativos, pinturas e imagens que devem ser convenientemente conservados, eventualmente num espaço de museu.

3 - O Altar

- O altar constitui um sinal da presença de Cristo Sacerdote e Vítima e simultaneamente é mesa do banquete e do sacrifício.

- A sua colocação é fundamental porque constitui o elemento de convergência espacial de todo o templo

- É importante deixar espaço livre à sua volta para que os gestos litúrgicos possam ser executados com dignidade, entendendo como medida padrão do espaço o corpo humano. (Quando a medida do espaço não é correcta sentimo-nos mal como num vestido apertado que nos incomoda). Compete aos sacerdotes explicar aos projectistas os ritos até ao pormenor, porque só assim é possível projectar o espaço conveniente.

- Considero pertinente a Instrução do missal Romano sobre o Altar, que sugere o uso da pedra natural na tradição secular da Igreja.

- Todos os lados do altar gozam da mesma importância, como consequência da centralidade do altar.

- Na Igrejas antigas a centralidade do altar da celebração deverá conduzir à eliminação de toalhas noutros altares que possam existir na

Igreja.

4 - O Ambão

- O Ambão é a mesa da palavra pelo que forma e materiais se deve relacionar com o altar que constitui a mesa do banquete.

- É de evitar transformar o Ambão numa estante, porque lhe tira a dignidade

- Nas Igrejas antigas o púlpito monumental poderá ser integrado no projecto como um elemento a ser usado eventualmente nos dias festivos.

5 - A Presidência

- É o terceiro lugar importante do presbitério, porque o presidente da Assembleia constitui uma presença de Cristo e da Igreja.

- Não é um trono, mas é um lugar que se deve destacar dos outros concelebrantes.

6 - A reserva eucarística

- Habitualmente era no Presbitério e sobre o Altar que se encontrava o Tabernáculo como elemento central da composição arquitectónica.

- A nova centralidade do Altar da celebração eucarística levante quase inevitavelmente problemas. Por outro lado é importante reconhecer que a presença eucarística tem um significado grande para o povo cristão quase inseparável da ideia do templo católico.

- A melhor solução será a duma capela eucarística, acessível, bem identificada, que permita a privacidade, o ambiente recolhido, a interioridade... e onde não deverá ser colocado outro altar.

Penso que é importante evitar até a expressão muito comum de Altar do Santíssimo.

- A solução muito divulgada de deixar o tabernáculo no centro axial da Igreja compromete a leitura da centralidade do altar e dificulta a devoção eucarística individual, não garantindo à pessoa isolada o espaço de recolhimento.

7 - O Baptistério

- A fonte baptismal e o baptistério constituem lugares importantes nas catedrais e igrejas paroquiais com toda a carga simbólica da tradição iconográfica.

- É importante pensar na recuperação de Baptistérios antigos o que não exclui eventuais adaptações. Muitos são de valor histórico e artístico indiscutível e representam um sinal inestimável de grande valor simbólico e afectivo.

- A localização junto da entrada insere-se na grande tradição da Igreja.

A sua relação com o sacramento da penitência também é importante. De qualquer modo, a sua localização deve favorecer sempre a participação comunitária do sacramento do Baptismo. A fonte baptismal deve estar em comunicação espacial e acústica coma assembleia.

- Nos projectos dum Baptistério novo devem prever-se áreas que possam acolher os baptizando, os padrinhos, os pais e o ministro.

- O baptistério e a fonte baptismal devem ser projectados com carácter permanente

- O grande sinal a evidenciar no baptistério é a água da fonte baptismal, que pode ser uma fonte corrente.

-No projecto de baptistérios deve atender-se ao património iconográfico da História.

8 - Espaços de celebração penitencial

Depois do Concílio de Trento foi-se impondo na Igreja Latina o lugar destinado à celebração penitencial individual.

O lugar da celebração da penitência deve fazer parte integrante do organismo arquitectónico, em franca abertura para o espaço da assembleia, de modo a traduzir a mensagem do povo sacerdotal que actua o exercício a reconciliação, garantindo sempre um ambiente de paz e tranquilidade;

- Uma capela de reconciliação é um espaço mais indicado para santuários estima-se exclusivamente à celebração da penitência.

9 - Locais complementares da celebração

Está neste caso a sacristia que deve garantir a segurança, o depósito organizado das alfaias litúrgicas.

Nas igrejas antigas é importante a conservação dos móveis quase sempre com grande valor histórico e artístico.

Inserem-se nesta rubrica de espaços complementares, os serviços higiénicos convenientemente estudados.

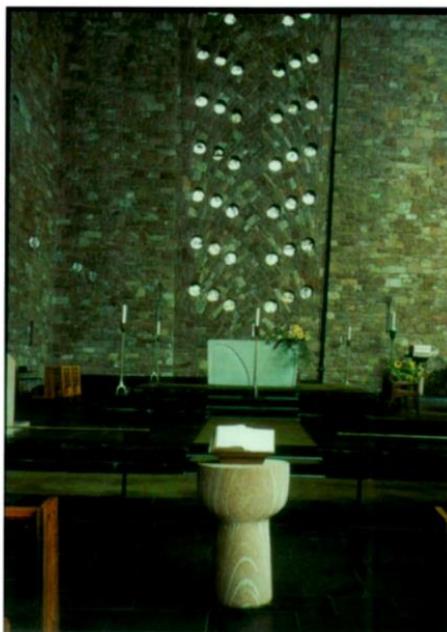
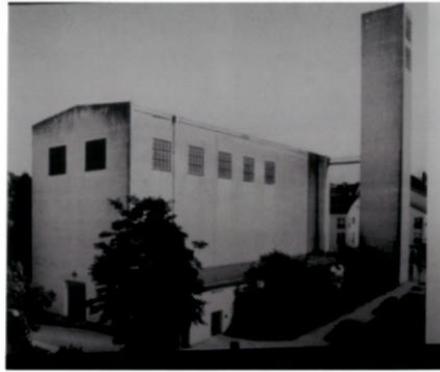
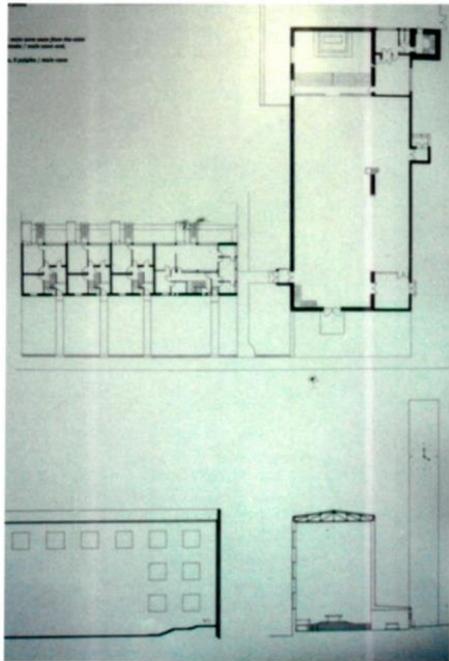
Como é que se projecta uma Igreja?

Eu não dei regras para fazer Igrejas, mas a Igreja é antes de tudo um espaço que recebe pessoas, que em liberdade a procuram, muitas vezes intranquilas e mergulhadas em atmosferas de solidão....,

Um espaço destes não suporta mentiras formais e construtivas....,

Gritos silenciosos dum povo que sente a urgência de sagrado não se coadunam com bonitos de forma.

É importante fugir da superficialidade, da decoração fácil, e descobrir a forma nobre, essencial e digna, onde o mais importante é o respeito pelo mistério do viver, onde a arquitectura só pode exprimir-se com a poética da verdade, o uso correcto dos materiais utilizados e a sobriedade das formas, como transparece destes exemplos projectados pelo Arquitecto Rudolf Schwarz nos anos 20.



T14

Título: Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética

Local, Publicação, Editora: in rA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,

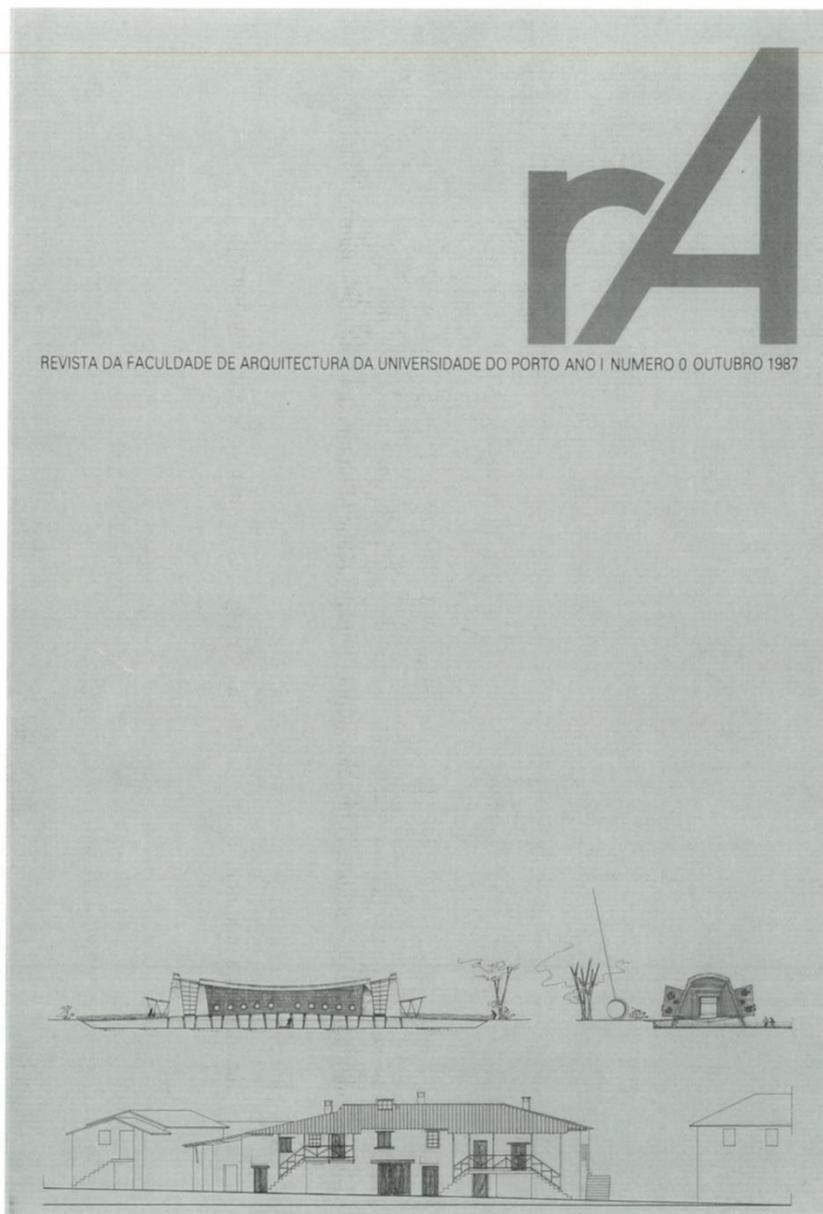
Número 0

Data:1987

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.23- Curriculum Vitae)

Outras informações:



SUMÁRIO

	pág.
ABERTURA	
<i>Comissão Instaladora da FAUP</i>	3
EDITORIAL	
<i>Fernando Távora</i>	4
E.S.B.A.P.: UM PATRIMÓNIO DE ARQUITECTURA 1940 – 1967, DA INSTITUIÇÃO, DA ARQUITECTURA	5
OS ANOS 40: A ESTÉTICA DA ÉTICA E A ÉTICA DA ESTÉTICA	
<i>Manuel Botelho</i>	7
SELECÇÃO DOCUMENTAL	11 a 24
OS ANOS 50: ENTRE A AUTONOMIA CRIATIVA DO “NOVO” E A CRÍ- TICA AO ESPAÇO INDIFERENCIADO, AO MODELO TRANSFERÍVEL – OS COMPROMISSOS REALISTAS DO “ESTILO INTERNACIONAL”	
<i>Manuel Mendes</i>	25
SELECÇÃO DOCUMENTAL	24 a 54
OS ANOS 60: ESTABILIZAÇÃO DE UM “CORPO DE ESCOLA” NA CRÍ- TICA À REFORMA DE 57 / CRITÉRIO DE VER- DADE TOTAL E A VERDADE DA PESQUISA INDIVIDUAL	55
SELECÇÃO DOCUMENTAL	59 a 74
ARGUMENTOS	
EVOcando CARLOS RAMOS	
<i>Fernando Távora</i>	75
É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIO SER-SE POST-MODERNO	
<i>Bernard Huet</i>	77
FACULDADES DE ARQUITECTURA	
<i>Vittorio Gregotti</i>	79
ARQUIVO / DOCUMENTOS	
ESCRITOS DE CARLOS RAMOS	81
CARLOS RAMOS (1897, WALTER GROPIUS (1883) - “IN MEMORIAN”	
<i>Nuno Portas</i>	87
CARLOS RAMOS – ARQUITECTO E FORMADOR DE ARTISTAS	
<i>Raul Rêgo</i>	89
NOTÍCIAS	92
EXPOSIÇÕES INTEGRADAS NO 75º ANIVERSÁRIO DA UNIVER- SIDADE DO PORTO (A. Alves Costa); PRIMEIRO CONGRESSO PA- TRIMÓNIO CONSTRUÍDO LUSO NO MUNDO (D. Tavares); DE DEZ ANOS DE DESENHO E PROJECTO, 1977 / 1987 – EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES (J. Vieira); I ENCONTRO ENTRE AR- QUITECTOS IBERO-AMERICANOS – “EL HABITAT” (M. C. Fernan- des); CENTRO DE ESTUDOS DA FACULDADE DE ARQUITECTU- RA (N. Portas); UNIDADE PEDAGÓGICA DE VISEU (C.I. da FAUP); EXPOSIÇÃO “O LIVRO ANTIGO DE ARQUITECTURA SEC. XV A XVIII” (B. Ferrão); CURSOS LIVRES NA FACULDADE DE ARQUI- TECTURA (C. I. da FAUP); NOVAS INSTALAÇÕES DA FAUP (A. Siza)	

OS ANOS 40:

A ética da estética e a estética da ética

Manuel Botelho

1.

Em 23 de Junho de 1940 era inaugurada a Exposição do Mundo Português, a propósito do oitavo centenário da nacionalidade e o terceiro da restauração – exposição convertida numa grande manifestação de apologia ao regime que, num mundo em guerra, assumia o carácter de símbolo surrealista do isolamento crescente do país e da situação sócio – política portuguesa, onde na dimensão da metafísica da ordem e na hierarquia dos valores tradicionais se justificava a ilusão da resolução dos grandes problemas nacionais.

Interpretações viciadas do passado, aliadas a ambiguidades ideológicas, dificultavam a modernidade e não admirava que a repressão do regime combatesse a arquitectura moderna, como aliás aconteceu com todos os totalitarismos políticos.

O espírito da arquitectura moderna é desvirtuado e a reflexão arquitectónica, confinada ao debate de conteúdo medíocre do estilo português e nacional, é pautada pelo que poderemos denominar de “ética da estética”.

2.

Falar da arquitectura moderna é inevitavelmente falar de um problema político.

A primeira guerra mundial modificou as condições sócio-económicas da Europa, acelerando o desenvolvimento industrial e fazendo aparecer novas tecnologias.

O aumento demográfico das cidades e a mecanização dos transportes provocam a rotura das estruturas urbanas existentes.

A classe operária toma consciência do seu poder efectivo na produção, adquirindo um verdadeiro peso político.

O grande problema urgente é o problema urbanístico nos seus vários aspectos: social, funcional, higiénico e político.

A arquitectura muda de fisionomia: do arquitecto construtor de objectos passa-se ao arquitecto urbanista e a construção em série não pode verificar-se fora da tecnologia industrial. A planificação urbanística antecede o projecto arquitectónico, a racionalidade das formas será consequência lógica das necessidades objectivas e a arquitectura a condicionante do bem estar das populações.

Não se tratava tanto e só da renovação da arquitectura mas da obtenção de um mundo melhor.

O atraso industrial de Portugal e a quase ausência de uma verdadeira consciência de classe das massas operárias, num país prevalentemente rural, simultâneos à falta de tradição dum verdadeiro pensamento moderno, irão conduzir os primeiros arquitectos modernos portugueses para a atmosfera de uma nova poética e a intuição de novos lirismos, mas sem sentirem o modo novo de pensar a arquitectura.

A ausência de uma ideologia criticamente alicerçada diante da realidade e a distância da complexidade que é a questão social, conduz ao que poderíamos chamar uma nova ideologia da forma que, na metodologia do projecto, confia à imaginação a mediação do conceito, onde a arquitectura não pode ser mais do que a evocação de um mito concretizado em imagem.

Não admira pois incertezas de direcção na pesquisa formal de alguns arquitectos, onde o conteúdo da nova arquitectura se dilui na dialéctica das aparências; nem admira que a linha projectual se não possa basear, senão, na capacidade individual, sob dotes pessoais de imaginação e invenção, capazes de transformar o testemunho isolado em mensagem colectiva; nem admira, ainda, que a investigação arquitectónica se situe dentro do conceito tradicional de objecto arquitectónico: meta – histórico, objecto simbólico e metafísico como obra concluída e ir-repetível.

A conclusão da guerra e o despertar das democracias proporcionam um clima de maior agitação cultural, que torna a década de 40 particularmente importante na reflexão da arquitectura moderna em Portugal.

À polémica da dialéctica dos estilos, Fernando Távora respondia, em 1947, com uma visão alternativa:

“... as casas de hoje terão de nascer de nós, isto é de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições...”

Todos podemos colaborar e é errado pensar...que o problema é meramente estético ou formal...

...impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista, cujos estudos poderiam talvez agrupar-se em três ordens: a) do meio português; b) da arquitectura portuguesa existente; c) da arquitectura e das possibilidades da construção moderna no mundo”; (O Problema da Casa Portuguesa, 1947); estabelecendo assim o feed-back de homem – civilização – arquitectura no autêntico signifi-

cado da cultura, entendida como capacidade integrativa de tradição e progressos científicos e tecnológicos, e como única possibilidade de ser moderno ou, por outras palavras, de realização humana na perspectiva histórica do devir.

Também em 1947, o ODAM fundava-se, no Porto, “*com a fé, o entusiasmo da juventude e o desejo de concorrerem com o seu esforço, para a resolução dos problemas técnicos e sociais que se patenteavam*” (Cassiano Barbosa), agrupando 28 arquitectos e 6 estudantes de arquitectura, onde se incluíam os arquitectos mais representativos da cidade, numa clara linha de oposição à arquitectura do regime vocacionada para expressões tradicionalistas e monumentais.

Em Lisboa o I. C. A. T. promovia debates de atelier e renovava a revista *Arquitectura*.

E são estes dois grupos a ter papel importante no grande acontecimento da década, que foi o Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura de Maio e Junho de 48, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, Congresso que assumiu um dos pontos mais altos da cultura portuguesa dos anos 40.

Geração de arquitectos marcados pela dimensão humana da profissão com a coragem de demarcar-se frontalmente das orientações do regime, são os homens de fé num mundo melhor, a ponto de a sua crença os ter feito esquecer alguma vez o território específico da disciplina, quase orientada então para uma estética da ética.

A renovação de um novo código icónico, a exigência da organização funcional da cidade, a renovação tecnológica, a utopia da arquitectura portadora de uma capacidade de reforma de vida e condutora da convivência civil, como momento unificador e total não ultrapassam ambiguidades que constituirão pano de fundo no debate da reflexão arquitectónica das décadas seguintes.

A “fragilidade” do Congresso reside fundamentalmente no pós-congresso que institucionaliza, como ponto de chegada, aquilo que deveria constituir um decisivo ponto de partida, na reflexão da arquitectura moderna em Portugal.

3.

É unânime a voz da necessidade de renovar o ensino da arquitectura...

“...o arquitecto Marques da Silva,... fora atingido pelo limite de idade durante o ano lectivo de 38-39... “desconjuntando-se” um sistema cujo nexo residia no poder quase

descricionário de “patron” de marcante personalidade. ...briosamente Marques da Silva esgotara uma época... Carlos Ramos... vinha marcado pela convivência dos “futurismos” dos anos 20, caldeada, no início da década de 30, pela frequência de uma pleiade de médicos notáveis, e no ajudar na laboração das primeiras linhas mestras de programas hospitalares,... (Octávio Filgueiras, in Catálogo da Exposição Carlos Ramos, organizada pelos Serviços de Exposição e Museografia da Fundação Calouste Gulbenkian, 1986).

Possuidor de notáveis dotes de relacionamento humano, atento à vida cultural da cidade, seguidor interessado da reflexão teórica e actividade profissional dos arquitectos locais, Carlos Ramos vai conquistando a liderança da Escola, pelo seu modo de estar e através das intervenções nas reuniões do Conselho, onde propõe o convite para assistentes aos arquitectos Arménio Losa e Delfim Amorim.

Desempenha, ainda, um papel importante junto dos Ministérios, na celebração de protocolos relativos às instalações da Escola, mercê de seus conhecimentos e influências.

4

Os CODAS seleccionados revelam, antes de mais, o tipo de encomenda feita ao arquitecto português no exercício da profissão liberal, situação profissional que, certamente, já terá provocado em muitos nostalgias e vazios interiores, porque os sonhos das cidades, – retidos na memória das visitas pessoais a cidades reais do passado, ou na da erudição de outras cidades conhecidas em livros e estampas, – evocativas de outros sonhos empreendedores de cidades novas, com espaços onde apetece viver o quotidiano de amores e ódios, – não encontram oportunidade de concretização.

O problema da cidade é quase ignorado nestes trabalhos, com excepção para o de Vieira da Costa que apresenta o projecto de uma cidade satélite de Luanda, no espírito do CIAM, merecendo especial atenção as tipologias e morfologias dos bairros indígenas.

Mesmo nos projectos inseridos em perfeitas texturas urbanas, como são o de Nobre Figueiredo, para o novo Edifício dos Correios de Évora, e o de Manuel Paula, para um Cinema na cidade da Guarda, prevalece o aspecto cenográfico, revelando Amândio Marcelino, com o projecto de um Prédio de Rendimento, assumido como edificador da rua, uma maior sensibilidade ao problema

da cidade.

É o carácter objectual da arquitectura que prevalece na maioria dos trabalhos.

Sem tentar fazer a crítica arquitectónica dos CODAS, que exigiria outro tempo de estudo e conhecimento de outros contextos, nem muito menos uma reflexão crítica sobre a problemática pedagógica da Escola, que está longe de esgotar-se com os exames finais do curso, sou tentado a individualizar “momentos” na “história” destes projectos, por sua vez indicadores duma “inteligência” de arquitectura.

Quando se recorre a um reportório de elementos catalogados do passado, com a preocupação de os exhibir ostensivamente, estes transformam-se em símbolos ou sinais de tradicionalismo: em citação significativa.

O novo Edifício dos Correios em que Nobre de Figueiredo *“não pretende inspirar-se em nenhum momento, época, ou edifício em especial, mas no remanescente espiritual do admirável conjunto”*; o projecto da Pousada que Sequeira Braga justifica na *“forte rusticidade do pinhal com flagrantes características nortenhas”*; o projecto da Colónia Balnear de Lucínio Cruz com *“a arcada a dar um pouco do carácter de arquitectura portuguesa”* e *“as fachadas estudadas com a graciosidade da arquitectura tradicional portuguesa”*; o projecto do Asilo para Velhos de Guilherme Gomes e o do Jardim Escola de Manuel Montalvão onde *“as belas e atraentes escolas...de espírito verdadeiramente português”* fez esquecer *“a escola concebida de tal maneira alegre e convidativa para que a criança se sinta bem”*; são exemplos de citações tradicionalistas que ao pretenderem assumir-se em sinal portador de mensagens se tornam significantes.

A citação pode não pertencer ao reportório tradicional e então transforma-se em “significante do novo”, como acontece com o código lecorbusiano presente no projecto de Oliveira Martins, deixando contudo espaço para a ambiguidade do texto:... *“tenho por arquitectura moderna, não uma receita mais ou menos dogmática, mais ou menos ortodoxa, mas sim uma sùmula de conceitos gerais, sínteses da intervenção de uma vasta plêiade de arquitectos e técnicos notabilíssimos, do nosso tempo, cujas contribuições técnicas e práticas são inúmeras e universais”*.

Estes dois tipos de citações significantes oscilando entre o tradicional e o novo constituem “momentos” privilegiados na elaboração de muitos projectos.

No projecto de Mário Bonito impõe-se o elemento tecnológico-estrutural, que constitui o tema de investigação na elaboração do projecto.

Este elemento que, à partida, é matérico, transforma-se num núcleo central de significados ou, por outras palavras, em linha condutora da composição.

É este o sentido que dou ao texto: *“restava-nos com o conhecimento da técnica, partir para além dela e procurar a linha mais adequada, mais expressiva, mais espectacular”*, e à citação *“técnica falada poeticamente conduz-nos à arquitectura”* (Perret).

É o exemplo de uma arquitectura aberta a tecnologias novas, inevitavelmente experimental, cuja linguagem há-de resultar dos possíveis confrontos morfológicos e sintáticos.

Os dois projectos de Delfim Amorim, com duas linguagens diferentes para o mesmo objecto arquitectónico – “A minha casa” – exemplificam o carácter de “elemento tipificante” que os materiais de construção escolhidos são capazes de, por si só, constituir.

Andresen sublinha o carácter de elemento integrativo que a arquitectura pode assumir, também como princípio compositivo. Daí o: *“...acredito profundamente que um simples elemento arquitectónico pode valorizar a paisagem. Pode mesmo dar-lhe sentido, um sentido imprevisto e novo”*.

O projecto de Victor Palla em que *“o aspecto estético da moradia deriva directamente dos materiais empregados”*, em busca de *“formas muito simples”*, onde *“o arquitecto se apaga diante do ar, pinheiros e da serra”*; o projecto de Cruz Lima que elege *“materiais e processos tradicionais de construção”*; e o projecto D’Athouguia que procura *“tirar partido das possibilidades dos actuais conhecimentos da técnica de construção sem a preocupação de adoptar ou repudiar elementos tradicionais”*, – situam-se num desejo de aderir o mais possível à realidade quotidiana, circunscrito ao ambiente mais próximo e circunstancial, com preferências por formas dialectais e populares, onde a notória recusa de abstracção conduz ao que poderemos chamar realismo regionalista.

As memórias descritivas dos projectos de Agostinho Ricca – “Um Palácio para escritórios” – e de Viana de Lima – “Uma Biblioteca Pública” – documentam modos diferenciados de entender a arquitectura.

Agostinho Ricca, ao defender a importância dos traçados reguladores e a exactidão geométrica na composição dos alçados, orienta-se para um pensamento de arquitectura que se recolhe em si própria. Ao afirmar que: *“todo o edifício deve tender, senão atingir, a monumentalidade”*, confere à geometria o papel orientador da essência íntima individual do objecto que se constrói.

Viana de Lima fala assim da Biblioteca Pública, para o Porto: *“Nele procurei traduzir a possibilidade do severo rigor técnico, do sentido funcional e da expressão harmoniosa... a tal ponto que nos arrancasse dos hábitos da vida quotidiana.*

... O visitante inculto que suba aos andares superiores, pela rampa, ficará ciente da organização e do funcionamento de uma grande biblioteca; verá a soma de energias e o dispêndio de dinheiro consagrado às manifestações mais diversas do espírito humano; do que observará, concluirá por força, que a cultura do espírito é tão necessária como o pão para o corpo;...”

Poderá afirmar-se que existe em Viana de Lima a intuição duma sociedade que se exprime nos objectos, que o conduz ao realismo mágico, cabendo à arquitectura um papel pedagógico.

O rigor exigirá a exactidão da medida e da proporção, que, neste contexto, adquirem um significado esotérico.

E termino com Januário Godinho que nos fala da articulação, relacionamento e hierarquia de espaços entre si em relação ao exterior, revelando com esta preocupação, que antecede opções de linguagem e escolha de materiais, um profundo conhecimento da essência da arquitectura.

T15

Título: Espaço e materiais da construção sacra. Ambiência celebrativa

Local, Publicação, Editora: in Theologica, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia- Braga, II

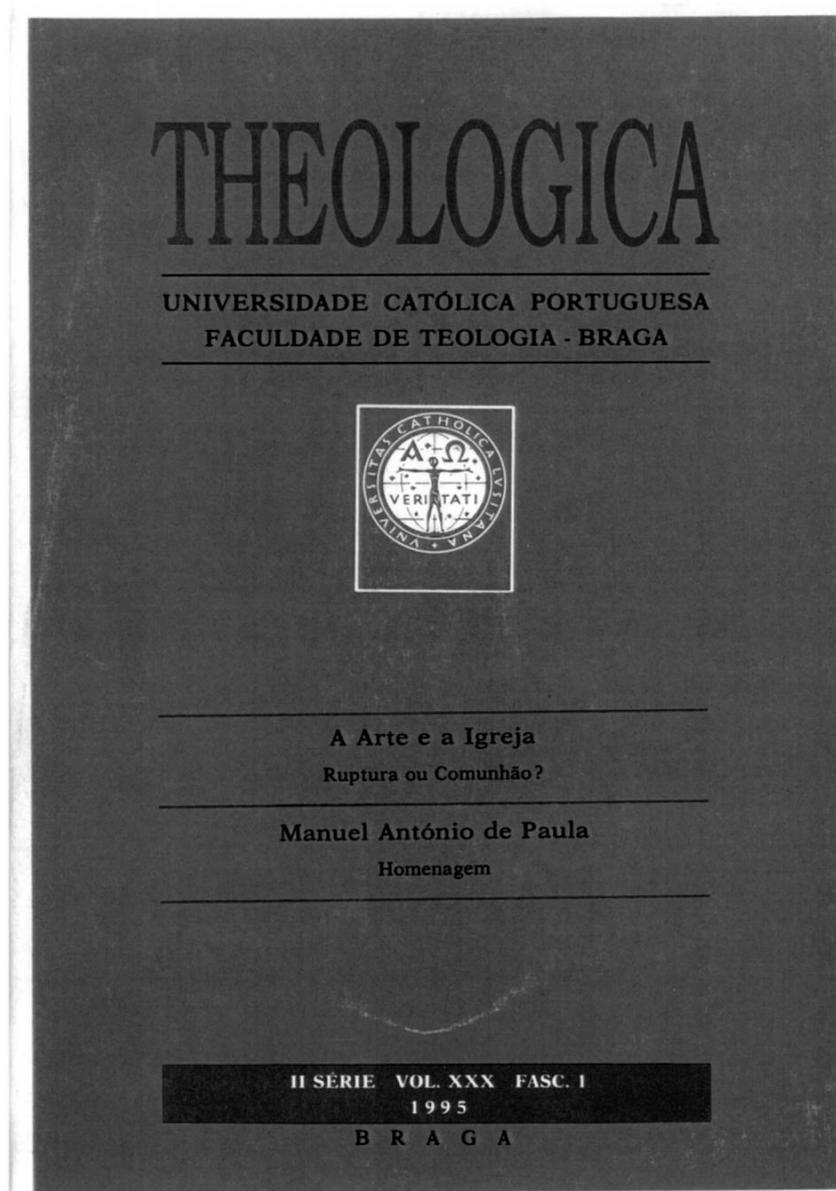
SÉRIE, VOL. XXX, FASC.1

Data:1995

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.13/24- Curriculum Vitae)

Outras informações:



Índice

THEOLOGICA

II série Vol. XXX Fasc. 1 1995

EDITORIAL	9
HOMENAGEM	
JORGE COUTINHO <i>Trajectória de uma vida: Cónego Dr. Manuel António de Paula</i>	11
ESTUDOS	
ARMANDO LUIS DE FREITAS <i>Arte Religiosa e Sociedade. Leitura de um diálogo multissecular</i>	21
EMÍLIA NADAL <i>Arte e Mundividências. A Comunidade, o Homem e o Religioso</i>	43
NATÁLIA MARINHO FERREIRA-ALVES <i>Iconografia e Simbólica cristãs. Pedagogia da Mensagem</i>	57
JOSÉ MANUEL DE OLIVEIRA RIBEIRO <i>Trilogia temporal da Arte Cristã. Criação, Significação, Testemunho</i>	65
M. T. BOTELHO <i>Espaço e materiais da construção sacra. Ambiência celebrativa</i>	81
JOSÉ DA SILVA LIMA <i>Teologia das expressões artísticas. Elementos para uma Estética cristã</i>	91
D. ALBINO MAMEDE CLETO <i>Arte e Liturgia. Expressão do Homem, Revelação de Deus</i>	107
VICTOR COSTA - ANTÓNIO AZEVEDO OLIVEIRA - MANUEL M. DA COSTA SANTOS PIO G. ALVES DE SOUSA <i>A Arte e a Igreja. Avaliação e perspectivas</i>	123

Espaço e materiais da construção sacra. Ambiência celebrativa

M. T. BOTELHO

Hesitei sobre o «tom» que deveria imprimir a esta despreziosa comunicação sobre o tema proposto «Espaço Sagrado e materiais da construção Sacra».

Pensei, primeiro, acompanhar esta reflexão, com um comentário aos documentos conciliares, nomeadamente ao cap. V da Instrução *Inter Oecumenici* e ao cap. V da *Ordo Missae*¹, mas entendi logo, que um comentário a esses documentos, poderia ser feito por outros, com mais rigor. E daí o circunscrever-me ao âmbito disciplinar da Architectura em geral, onde o Espaço Sagrado tem pleno direito de cidadania, até porque a História da Architectura erudita ocidental é, em grande parte, a História da Architectura Sacra que constitui, por isto mesmo, uma memória disciplinar indispensável para todos nós.

Tentarei assim sintetizar o que penso sobre o projecto de espaços sagrados, a partir de dois conceitos: o «*de lugar*» e o da «*vontade de ser*» em Architectura, do Architecto Louis Kahn².

-
1. Sobre esta matéria, para além dos documentos citados deverão consultar-se: o n.º 62 da Constituição pastoral da Igreja ao mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes*; o n.º 5 da *Presbiterorum ordinis*, sobre o o Ministério e vida dos sacerdotes; o cap. VII da constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*; o n.º 24 da Instrução *Eucharisticum mysterium*; a Carta da Sagrada Congregação sobre o património histórico e artístico da Igreja; o Directório do Ministério Pastoral dos Bispos, publicado no «L'Osservatore Romano», de 29.05.71; o Cânon 1216 do Código de Direito Canónico.
 2. Louis I. Kahn, architecto americano autor de projectos paradigmáticos, é talvez mais importante pelos seus escritos que constituem uma teoria de Architectura e reflectem uma clara influência do pensamento de Heidegger.

Quero deixar claro, que não está no meu espírito qualquer tentativa de transmitir regras ou de estabelecer cânones sobre o modo de bem construir espaço sagrado, porque não acredito na possibilidade da codificação do processo projectual da arquitectura, muito embora, este meu modo de pensar, pese a um certo pragmatismo tão característico dos nossos dias³.

Sabido que a Arquitectura se preocupa em propor e organizar espaços destinados a usos humanos diferenciados, a Arquitectura sacra tem por finalidade organizar espaços ao serviço do culto.

Mas não se esgota nesta definição funcional o carácter ou essência da Arquitectura Sacra.

O carácter sagrado dum espaço constitui um todo substancial, diferente à nascença, que nunca se obtém pela junção de «qualquer coisa» a um espaço preexistente.

Existem espaços com carácter sagrado que não se destinam ao culto. Estou a pensar, por exemplo, nos espigueiros do Lindoso, que pela sua disposição no terreno, pelo rigor de construção e pelo contexto, constituem um apelo ao diferente ou ao transcendente, se assim o quisermos.

O que já não se pode compreender é que o espaço de culto não seja um espaço sagrado.

A experiência ensina-nos que as diferentes actividades humanas se verificam, em contextos espaciais diferentes. Todos os dias e sempre, mais consciente ou inconscientemente, fazemos a experiência da apropriação do espaço.

Desde miúdos, experimentamos o espaço da residência ... e o nosso imaginário está povoado de vários outros tipos de espaços, como, por exemplo: o espaço da fábrica, o espaço da escola, o espaço do jogo, etc.

De modo sintético direi que a nossa experiência existencial se verifica sempre num contexto espacial e vai acontecendo no tempo.

Mas estes espaços não têm todos a mesma densidade, nem nós nos relacionamos sempre com eles do mesmo modo. Recordamos alguns, com alegria; somos capazes de odiar outros.

Claro que não estou a falar do espaço meramente físico ou matemático determinado por coordenadas, estou a falar do espaço experimentado emocionalmente como receptáculo de vida.

3. A Arquitectura não se pode reduzir a uma casuística. Há a necessidade de colher a indicação dos contextos, sempre específicos, para encontrar a solução dos problemas. Programas semelhantes poderão ter soluções formais muito diferentes.

Este é o espaço que chamamos *lugar*⁴, é o espaço que nos permite a experiência do ser e que necessariamente se apresenta carregado de vectores naturais, históricos, sociais, culturais, etc.

Sem querer ser maçador gostaria de sublinhar este conceito com mais dois pequenos exemplos:

— Quando visitamos a Ponta de Sagres, sentimos um apelo da História, e muito embora se trate dum lugar enfatizado, no decorrer dos séculos, por motivos de circunstância política, não há dúvida de que todo aquele cenário natural produz em nós referências vivenciais *diferentes*.

— A propósito da morte de Miguel Torga, os jornais contaram histórias da sua vida, mas queria recordar só o testemunho daquele pároco que muitas vezes o acompanhou em caminhadas de caça, e que um dia, ao regressar dum longo andar por caminhos de montanha, ouviu do amigo: «*hoje o monte desceu-me à alma*». Esta bela expressão poética, é afinal a tradução duma experiência vivencial dum lugar.

Os lugares são contentores da existência, e constituem as referências espaciais da cultura. Para Heidegger, o *logos* é a casa do ser⁵.

Heidegger faz, também, uma reflexão interessante sobre o significado da palavra *construir* e conclui que ela equivale a *habitar*⁶. Acompanha esta reflexão com o reconhecimento de que as palavras *construir* e *habitar* na língua alemã têm a mesma origem. Nós somos, quando habitamos um lugar, ou, no pensamento de Heidegger, ser homem quer dizer estar sobre a terra como mortal. Isto é habitar.

Podemos afirmar que a Arquitectura está substancialmente ao serviço do homem, enquanto lhe proporciona espaços de existência.

O *espaço sagrado*⁷, para lá da referência existencial de lugar, encerra também referências do homem com Deus, e constitui por isso mesmo, um dos espaços existenciais mais ricos.

Ao olhar para o panorama da arquitectura que se vai construindo à nossa volta, não posso deixar de verificar, com alguma mágoa, que também a arquitectura destinada a espaços de culto, nem sempre constitui um

4. Cf. Gian Paolo Caprettini, Guido Ferraro, Giovanni Filorano, *Enciclopedia Einaudi*, vol. 12, «Mythos / logos», Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 1987.

5. Cf. Fernando BELO, *Heidegger pensador da terra*, Coimbra: Associação de Professores de Filosofia 1992.

6. HEIDEGGER, *Essais et Conférences. Bâtir, habiter, penser*. Paris: Gallimard 1958.

7. Cf. Afonso di NOLA, *Enciclopedia Einaudi* vol. 12, «Sagrado / profano», Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 1987.

exemplo a apontar, não conseguindo libertar-se dum novo riquismo reinante, nem atingir o limiar de autêntica arquitectura sagrada. E se é verdade que História da Arquitectura Sacra constitui afinal a História das formas mais significativas do espaço construído, penso que grande número de edifícios de culto dos nossos dias, salvo notáveis excepções, representam um défice impressionante de sensibilidade a esta problemática; umas vezes, porque se pretende atingir o sagrado com uma mera «decoração»⁸, *a posteriori*; outras, porque a ausência de dignidade é flagrante.

O arquitecto americano Louis Kahn desenvolveu um tema interessante da *vontade de ser*⁹ em Arquitectura.

O que é que um espaço quer ser?

Kahn reflecte simultaneamente sobre o significado das instituições. O homem cresce e desenvolve-se dentro das instituições e nisto se distingue como ser essencialmente dialógico.

Uma das instituições fundamentais é a Escola e Kahn diz mais ou menos assim:

« . . . Um dia, um grupo de rapazes sentaram-se com um homem mais velho debaixo de uma árvore e conversaram e fizeram perguntas . . .

. . . Existia ali a instituição escola, porque se transmitia o conhecimento da experiência e se transmitia a memória.»

O que é que uma Escola quer ser?

E poderíamos perguntar, o que é que uma cidade quer ser?

O que é que um templo quer ser?

O papel da Arquitectura é o de encontrar formas novas para instituições antigas.

Poderemos comparar esta vontade de ser em Arquitectura com o processo da germinação da semente. Na semente da roseira está a vontade de ser rosa.

Compete aos arquitectos a pesquisa de formas que querem ser, para dar voz às Instituições que permitem a realização existencial do homem.

8. Cf. Adolf LOOS, *Parole nel Vuoto, Ornamento e delitto*, Milão: Adelphi Edizioni SPA 1972.

9. Cf. V. SCULLY, *Louis I. Kahn*, p. 26, 1963.

As instituições querem ser . . . As instituições também quiseram ser noutras épocas.

Se nos interrogarmos como é que o Templo dos primeiros cristão quis ser, descobrimos que a *basílica paleocristã*¹⁰ não é uma mera reprodução da basílica que os romanos haviam construído para salas de comércio e tribunais.

Desde o início houve a preocupação de conquistar interioridade. O uso da luz e o tratamento das superfícies transformam a tradição romana da basílica. Sente-se o desejo da transcendência e da espiritualização do espaço.

Isto significa que o cristianismo compreendeu que a segurança existencial não era conseguida com o domínio da natureza. O significado da vida era seguir Cristo, e toda a comunidade estava unida nesta busca interior do encontro com Cristo, encontro que produziria a *Civitas Dei*. A Igreja é a expressão da Jerusalém Celeste, que está representada com o Sol que inunda do alto as Basílicas e faz delas essas extraordinárias salas de luz.

Os cristãos do mundo *românico*¹¹, também manifestaram, nos seus templos, a protecção de Deus.

No silêncio das naves, sentem-se protegidos pela experiência mística do divino; e, do exterior, o templo adquire o significado simbólico da solidez.

A luz, a atravessar a enorme espessura das paredes, opera a desmaterialização ou espiritualização do espaço.

Era a Europa educada pelos 40 000 mosteiros beneditinos, onde se vivia uma existência fundada na obediência, auto-disciplina, oração e trabalho. Mosteiros e Igrejas tornavam visíveis a Cidade de Deus sobre a Terra.

Com o *Gótico*, a espiritualização total do espaço atinge a sua expressão mais completa¹².

A luz que é um símbolo fundamental do espaço cristão, desfaz a matéria, e a Catedral Gótica transmite a toda a cidade a nova ordem simbólica.

10. Cf. Christian Norberg SCHULZ, *Significato nell'Architettura Occidentale*, cap. IV, Veneza: Electa Editrice 1977.

11. Cf. Christian Norberg SCHULZ, *ob. cit.*, cap. V e Julius von Schlosser, *L'Arte del Medioevo*, Torino 1961.

12. Cf. Louis GRODECKI, *Architettura Gotica*, Veneza: Electa Editrice 1976 e Christian Norberg SCHULZ, *ob. cit.*, cap. VI.

Se com o *Românico* se levantaram as fortalezas necessárias para implantar a Cidade de Deus, com o *Gótico*, Deus está com os homens e a Catedral é o espelho do Mundo.

A história da salvação, os dogmas da religião, o exemplo dos Santos, a hierarquia das virtudes, estão patentes na iconografia dos vitrais, que se transformam numa Bíblia «pauperum» e, pela arte, os conceitos teológicos chegam aos humildes.

Na *Renascença*¹³ inicia-se uma ordem nova.

Não se trata já da lógica da percepção visual do espaço gótico, mas da ordem geométrica e absoluta da forma.

L. B. Alberti, para quem a beleza consistia na harmonia de todas as partes e era resultado das proporções e relações que estas estabeleciam entre si próprias, escreveu: «a beleza tem tão grande efeito sobre o inimigo, que lhe desarma a ira e o impede de praticar ofensas. É tanto assim, que se pode dizer que não existe obra mais defendida contra a violência do que a dignidade e beleza»¹⁴.

A geometria, visualizada pela perspectiva, transforma-se numa espécie de substância.

Cosmos, ordem e beleza, conceitos sinónimos para Platão, adquirem um significado novo no Cristianismo.

A perfeição não está na transcendência da natureza, mas na própria natureza, que é expressão de Deus. A criatividade do homem é uma extensão da criatividade divina.

O que é importante é atingir a perfeição da forma.

Compreendemos, agora, melhor o pensamento de Palladio, que escrevia assim, em 1570: «ao considerarmos esta bela máquina do mundo, tão repleta de tantos e maravilhosos ornamentos, não temos dúvida que os pequenos templos que nós construímos devem ser feitos à semelhança desse grande templo perfeitamente realizado pela palavra de Deus»¹⁵.

No *século XVI* o homem começa a sentir como problemáticos os aspectos fundamentais da sua existência.

Interroga-se sobre as relações com Deus, com a cultura, com o próximo e consigo próprio. Ao homem divino sucede-se o homem que duvida

13. Cf. Rudolf WITTKOVER, *Principi architettonici nell'età dell'umanesimo*, Torino: Einaudi 1976 e Christian Norberg SCHULZ, *ob. cit.*, cap. VII.

14. L. B. ALBERTI, trad. it.: *I dieci libri di Architettura*, VI,ii.

15. PALLADIO, *I Quattro libri dell'Architettura*, Libro IV.

e treme, que vai perdendo a confiança na sua actividade criativa e nas suas capacidades morais e intelectuais.

O Protestantismo, com o apelo à fé, não aprecia os valores da arte religiosa e reduz o simbolismo ao mínimo, enquanto a Igreja Católica, para quem a verdade se revela no mundo, através do Concílio de Trento, surge com uma nova orientação para os edifícios sagrados, insurgindo-se contra os espaços pagãos do Renascimento.

A *experiência barroca*¹⁶, apresenta-se, então, como uma síntese grandiosa de todas as experiências passadas; a da organização da Renascença, a da transcendência da Idade Média, a do antropomorfismo da Antiguidade; e é a expressão de uma Igreja que reencontra a segurança com o espírito da Contra-reforma.

Nas suas expressões tão diversificadas e com os espaços interiores a traduzirem uma espécie de êxtase, alicerça-se sempre em sistemas seguros: se se trata de Arquitectura Sacra, na verdade absoluta dos dogmas; se se trata de Arquitectura Civil, nas monarquias absolutas por direito divino.

As instituições querem ser . . .

Penso que estas considerações sobre a vontade de ser da Igreja e dos seus templos em épocas passadas, nos pode fazer alguma luz sobre a vontade de ser hoje.

Eu creio que este é o maior desafio que se põe à Igreja . . . Como quer ser a instituição?

Do ponto de vista do espaço da celebração litúrgica, sinto a necessidade dum desenvolvimento da *reflexão teológica sobre a assembleia cristã*, que se reúne para celebrar o Mistério Eucarístico, fazer a experiência de Povo, que necessita e recebe a Salvação, e quer experimentar a Comunhão com os irmãos.

Parece-me que uma Igreja quer ser, nos nossos dias, antes de tudo, um espaço de acolhimento . . . , quer ser um espaço onde se torna natural a experiência colectiva de povo . . . , quer receber pessoas com uma profunda consciência de liberdade, mas ao mesmo tempo intranquilas ao sentirem-se mergulhadas em atmosferas de solidão . . . e quer ser um espaço muito verdadeiro na sua expressão, sem qualquer camuflagem construtiva ou de materiais . . . , quer ser um espaço, onde mais do que coisas para ver, se encontra um ambiente que permite vivências existen-

16. Cf. Christian Norberg SCHULZ, *ob. cit.*, cap. IX.

ciais autênticas de comunhão . . . , quer ser também um espaço diferente onde se respira uma urgência de sagrado.

A célebre frase, dentro do âmbito disciplinar da Arquitectura, de que *a forma precede o desenho*, tem aqui pleno cabimento, não no sentido casuístico, mas no sentido da necessidade da investigação das formas com vontade de existir.

A descoberta da forma resulta da integração e síntese de todos estes vectores: da cultura, da memória, da história, deixando-se condicionar apenas pelo seu desenvolvimento orgânico e contextualizado do espaço.

. . . Não faz sentido, copiar um altar que se viu algures e se achou muito interessante, porque o que está bem, num determinado contexto, noutro pode ser horrível.

. . . E também não faz sentido construir um altar barroco, mesmo num contexto arquitectónico daquela época, porque hoje a Celebração Eucarística quer ser de outro modo, sem com isto excluir o estudo atento da sua correcta integração naquele lugar.

A forma não se impõe por regras exteriores ou do alto, e será inerente a cada caso e tema.

Quando estudamos um espaço litúrgico, o importante não é tanto inventar uma estrutura geométrica, mas descobrir o seu significado, sem com isto querer tirar o valor do parâmetro geométrico- matemático final que acabará por caracterizar o espaço sagrado.

Talvez nos ajude um exemplo do Arquitecto Louis Kahn¹⁷:

Um dia deu aos alunos, como tema de composição arquitectónica, o projecto de um convento . . .

Passavam-se os dias e os alunos sentiam muitas dificuldades em desenvolver o projecto.

Interrogavam-se sobre qual o espaço mais importante de um convento. Será a capela? Será o espaço de actividades? Será o refeitório? Até que uma aluna disse: «o lugar mais importante de um convento é a cela, porque é a cela que justifica a razão de ser da capela e dá sentido ao refeitório e a todos os espaços do convento».

A partir daí, os alunos começaram a desenvolver com normalidade o seu projecto, encontrando cada um deles um fio condutor de composição.

17. Cf. Christian Norberg SCHULZ, *Louis Kahn-Idea e Imagen*, Madrid: Xairait ediciones 1981.

Podemos ser levados a interpretar de modo incorrecto algumas normas sobre espaços litúrgicos, como por exemplo, a de que o altar deve constituir o centro do espaço da celebração. Se interpretarmos estas normas com um sentido meramente jurídico, e nos esquecermos que a riqueza de um espaço é conseguido pela correlação de partes, poderemos considerar, que elementos, mais secundários, poderão ser menos objecto de estudo ou deixados mais à improvisação. Não pode ser assim.

Muitas vezes, *elementos aparentemente secundários* constituem a chave para se conseguir que o essencial seja mesmo essencial.

Para se conseguir que o Altar constitua o centro do espaço, talvez seja necessário resolver com cuidado a porta. Arquitectura é um organismo, constitui um todo, exige um esforço de síntese, exige reflexão e investigação, e não se pode improvisar.

Falei do espaço sagrado e pode parecer que não disse nada dos materiais da construção sacra.

Penso que nas minhas palavras se encerra já um pensamento sobre esta matéria. Diria apenas o seguinte: não há materiais com vocação do sagrado.

Todos os materiais, novos ou antigos, poderão ser utilizados. Trata-se é de encontrar a forma adequada e justa de os utilizar correctamente.

Isto é um problema de Arquitectura, mais difícil quando queremos conseguir esse carácter diferente do Sagrado. O sentido da proporção, a simplicidade do desenho, a dignidade das formas é uma tarefa que compete, aos Arquitectos, investigar.

E diria só mais o seguinte:

Tão habituados a expressões artísticas de outros tempos, que a maioria das nossas Igrejas nos apresenta e que temos o dever de conservar e preservar, poderemos ter dificuldade em aceitar a aparente simplicidade que se exige dos novos espaços sagrados, mas valerá a pena fazer-se um esforço no sentido de compreender o valor do essencial, para que as nossas Igrejas respeitem a vontade de ser.

T16

Título: Parecer

Local, Publicação, Editora: Parecer na qualidade de Arquitecto Consultor da Diocese de Bragança para a construção da Nova Sé Catedral. Emitir parecer, um dossier de Arquitectura da Catedral de Bragança de Nossa Senhora da Assunção

Data:1986

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.19- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Na qualidade de arquitecto-consultor da Diocese de Bragança para a construção da Nova Sé Catedral, foi-me apresentado, para emitir parecer, um dossier de Arquitectura da Catedral de Bragança de Nossa Senhora da Assunção.

O que escrevo poderá estar ultrapassado, porque feitas sobre um conjunto de desenhos chamados Estudo Prévio, sujeito naturalmente a ulteriores elaborações.

Não me foi fornecida qualquer parte escrita.

Com estas premissas entendo dever dizer:

1º Considerações gerais

- Não possuo o programa desta obra, e os desenhos não elucidam, sobre o tipo de materiais a utilizar. De qualquer modo, considero meu dever observar que deverão ser claramente dimensionados custos e áreas. Pergunto-me se esta solução com a capacidade de cerca de 900 lugares sentados responde à efectiva necessidade da diocese, bem como se foi assumido o custo de construção que nunca será inferior, a custos actuais, a 800.000 contos

- O desenho dos Alçados mostram uma Arquitectura de tom decorativo que contradiz a nobre rudeza da cidade, apaga a clareza de volumes e *“aquela referência escultórica”* de que Vassalo Rosa falava no projecto do Concurso” e não responde ao nº 124 da Constituição Litúrgica: *“potius nobilem intendant pulchritudinem quam meram sumptuositatem”*

- A solução adoptada, levanta dúvidas e problemáticas sobre o modo de fazer cidade, tanto no que diz respeito à volumetria como à cota de implantação.

2º Espaço Interior

- Não é clara a organização do Presbitério e Nave.

- Os desenhos da planta, que com acessos hierarquicamente iguais em duas fachadas, não traduzem a unidade da Nave, símbolo da Unidade do Povo de Deus.

- Numa Sé Catedral, o Presbitério deve permitir não só Concelebrações, mas também a digna celebração de outras cerimónias litúrgicas, tais como por exemplo, a da Ordenação Sacerdotal.

- A schola cantorum faz parte integrante da assembleia e o órgão nunca deverá ocupar um lugar de realce no Presbitério. Na solução actual o órgão diminui a presença do Altar

- Não se compreende a localização e a força espacial da escada da nave para o espaço museu da cripta, bem como a continuidade espacial deste com a capela da cripta.

- A solução adoptada para o tabernáculo, mediante um Altar, contraria a ideia do Altar único e central da acção litúrgica e constitui motivo para fraccionamento da assembleia.,

- Os corpos que definem com a Sé o pátio exterior apresentam alguma desordem:

A Arquitectura deve traduzir a importância da sala capitular;

Não parece boa solução destinar áreas frontais à Sé Catedral para localização de garagem e armazém;

Os alçados dos corpos baixos do pátio denotam um ar pouco digno, em contradição com a volumetria da Sé.

Porto, 9 de Maio de 1986

Manuel Tomás de Carvalho Botelho, Arqu.to

T17

Título: Linguagens de Arquitectura e Destinatários

Local, Publicação, Editora: Intervenção no Encontro “Impasse e Mutação na Arquitectura”
organizado pela

Associação dos Arquitectos Portugueses, Na Sociedade Nacional das Belas-Artes

Data:1988

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.10- Curriculum Vitae)

Outras informações:



Linguagens de Arquitectura e Destinatários

O “boom” da actual produção arquitectónica é revelador da enorme pobreza cultural que acompanha este fenómeno.

O instituto jurídico dos loteamentos, a engrenagem burocrática e, algumas vezes, corrupta do Licenciamento de Obras, a expansão das cidades sem arquitectura entregues a fenómenos de pequena e grande especulação imobiliária: tudo nos fala da (in)cultura do mundo que detém o poder da gestão urbana.

Nos dias que correm, fala-se mais de Arquitectura nos meio de comunicação social, mas o discurso utilizado pelos arquitectos nem sempre é o mais apropriado, situando-se, muitas vezes, num mundo quase irreal e por consequência sem a virtualidade da (in)formação.

Linguagem de Arquitectura pressupõe comunicação e também esforço para aproximar a produção arquitectónica aos conteúdos reais da vida.

Com tantas linguagens a pulular, à nossa volta, sente-se mais um labirinto de indecisões. E parece que os arquitectos não sabem comunicar.

De um lado, uma arquitectura debruçada sobre si própria, em solilóquios e à busca de um absoluto da forma, onde a incorrecção do código é um escândalo; de outro, sucessões de acontecimentos arquitectónicos banais, a transformarem-se em máquinas formais, eventualmente reveladoras de uma estética tecnológica que não exprimem mais do que um jogo surreal de sinais.

No primeiro caso depara-se com uma metafísica de metáforas vazias ou com a resposta a um hipotético imperativo categórico de fantasmas da ordem, que se exprime com um desenho longe da vida; no segundo, também com uma ausência de linguagem, porque uma sucessão de estilemas não basta para constituir frases.

Se é verdade que aventuras de geometria, nem sempre controladas, evocam aragens de liberdade e propõem até construções semânticas, dizem as mais das vezes, o nada. A arquitectura das manipulações formais ingénuas e vistosas é uma resposta acrítica à mentirosa sociedade de consumos.

Na arquitectura e na edificação da cidade a experimentação linguística, por si só, não é um caminho para a resposta aos múltiplos problemas do homem contemporâneo.

Não sei se é ingenuidade minha, mas o grande desafio para a Arquitectura de hoje envolve o ciclo completo da sua produção, que se encontra apenas entregue à gestão neo-capitalista da cidade.

Os grandes problemas urbanos pressupõem necessidades, carências e conteúdos de vida, e a resposta situa-se no **ciclo completo da produção** física da cidade.

Tem papel importante na solução, a crítica da Arquitectura e do Urbanismo, se apostar numa linguagem capaz de interessar a grande massa da população.

A Associação dos Arquitectos adquiriu um estatuto que a obriga ao exercício do dever e do direito de informar a sociedade em geral, que já despertou para a urgência de uma cidade melhor, cidade que perdeu de há muito, o equilíbrio estrutural de tecido, emergência e limite, que necessita da invenção de uma nova estrutura urbana, mas que continua a pedir aos arquitectos, desenho, criatividade, projectos, sonhos, ideias e produção.

É utopia? É.

O património do SAAL é uma herança com lacunas e limites, mas continua a ser um desafio.

Porto, Janeiro de 1988

Manuel Botelho, arq.^o

T18

Título: Comunicação sobre Arquitectura Sacra

Local, Publicação, Editora: Seminário organizado pela Diocese do Porto

Data:2005

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.17- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Durante o século XX a Arquitectura renovou-se profundamente e foram construídos alguns edifícios notáveis. Basta pensarmos em escolas, em museus, centros culturais, em edifícios da administração pública, etc.

Isto que se pode dizer sobre a Arquitectura em geral, também se pode afirmar sobre a Arquitectura sacra. Existem edifícios exemplares de Arquitectura Religiosa, alguns em Portugal, que não vou enumerar por motivos de tempo. Mas neste campo específico da Arquitectura e nomeadamente em Portugal e nos tempos recentes, parecem sobressair mais os erros do que as virtudes.

Tenho reflectido sobre esta constatação e julgo poder sintetizar a razão de ser desta situação em quatro motivos principais:

- I. O protagonismo que se dá à expressão do simbólico na génese da ideia arquitectónica;
- II. Uma concepção do funcionalismo litúrgico em detrimento da essência do espaço de celebração litúrgica;
- III. O exagero do papel simbólico e gestual da Arquitectura;
- IV. Uma incultura difusa sobre a linguagem arquitectónica da modernidade, que no campo da Arquitectura Religiosa se traduz muitas vezes no recurso a modelos tradicionais.

Sobre o **protagonismo dado à expressão do simbólico**, vou recorrer a um exemplo paradigmático como o é a célebre igreja de Notre Dame de Ronchamp de Le Corbusier, que terá sido o edifício religioso mais copiado do séc. XX, no dizer de Giulio Argan¹.

Mesmo sem aceitar a posição de Sandro Benedetti, que afirmou tratar-se de “*um edifício que, com o protagonismo quase absoluto da redescoberta do primitivo e a força da plenitude plástica, se transformou no elemento mais corrosivo da arquitectura religiosa contemporânea*”², reconheço alguma pertinência nesta afirmação que tem o mérito de nos alertar para o perigo da tentação da frivolidade da moda.

Sobre a **deturpação do funcionalismo litúrgico**, gostaria de dizer de modo muito sintético o seguinte:

Uma certa mecanicidade cultural conduziu a Arquitectura a uma separação entre forma e significado e a Liturgia a uma separação do rito e do seu espírito, que contraria no caso da Arquitectura a expressão do arquitecto Mies Van der Rohe: “*A arquitectura não é mais do que o espírito da época. Nem o ontem nem o amanhã, só o hoje se pode plasmar com os meios do nosso tempo. Esta é a nossa tarefa*”³. e no caso da Liturgia, o pensamento de profunda acuidade cultural de Romano Guardini, que afirmava em 1930 – “*Nos*

¹Cf. ARGAN, GIULIO CARLO, *L'Arte Moderna*, Sansoni Ed., Firenze,1970

² Cf. SANDRO BENNETTI, *Architettura Sacra oggi*, Gangemi editore, Roma. 1995

³ Cf. MIES VAN DER ROHE, LUDWIG, in *Burohaus, Junho 1923*, versão cast. MIES, Escritos in *Edificios de oficina*.

objectos materiais, nas vestes, nas formas sociais, nas coisas da Natureza, no Universo, encontramos reflexos de aspirações e anseios da vida interior"⁴.

A Liturgia manifesta-se em gestos, cânticos, silêncios, etc. com a sua natural sensorialidade a que a arquitectura responde com dimensões, medidas e números, penumbra e luz, que são elementos essenciais da composição do espaço, mas que por si só não o esgotam.

A arquitectura não se resolve no plano físico, como bem exprime a frase de Saint-Éxupéry aplicada à construção da cidade – "*Construir-te-ei cidade no coração dos homens.*"⁵

Este problema é filosófico e diz respeito a toda a arquitectura. Considerá-la no plano físico e reduzi-la à sua funcionalidade equivale à sua própria destruição. A arquitectura toda e não apenas a sagrada pressupõe uma tensão integradora do sensível, dos materiais, da técnica utilizada e do inteligível. É na compreensão desta tensão, que reside a chave da arquitectura contemporânea e consequentemente também, da arquitectura religiosa. O entendimento desta tensão foi oscilando para um ou outro dos pólos, ao longo da História, como o explica a Estética.

Em certas ocasiões, o sensível quase esqueceu o inteligível; noutras, o inteligível menosprezou o sensível.

As correntes actuais mais conceptuais como o Purismo, o Abstraccionismo, etc., de algum modo diminuem e dificultam a presença desta relação.

A investigação filosófica contemporânea diz-nos que é erróneo considerar o corpóreo e o sensível como alguma coisa que se opõe ao espiritual. Desde as origens, o Homem utiliza os dois meios, o *sentir* e o *entender* para se aproximar da realidade.

A apreensão da realidade não é nem sensível nem intelectual, mas pressupõe os dois factores que consubstanciam uma estrutura de um entender sensível, ou um sentir intelectual.

Sobre o **exagero do papel simbólico e gestual da Arquitectura** constatamos que as grandes mensagens dos nossos dias passam pela novidade da imagem, o que na Arquitectura se traduz em formas inventadas nunca antes vistas.

Não considero a Arquitectura como um contentor, com formas mais ou menos estranhas, mais ou menos inovadoras, que conduzem a uma leitura da superfície exterior dos edifícios, esquecendo o seu conteúdo, como não considero, no caso da Arquitectura Sagrada, uma igreja como um contentor de cristãos ou de paroquianos.

O espaço interpela o Homem no seu íntimo e é um eco do modo de *ser Homem*. E isto vale também para a Arquitectura Sagrada.

O espaço físico construído por muros, por pedras, por madeira, vidro, ferro, etc. transforma-se no espaço da vida, não apenas no sentido psicológico, mas atinge um profundo ôntico, e é um lugar de revelação do *ser Homem*, no sentido grego de Ἀλήθεια = experiência da verdade

⁴Cf. GUARDINI ROMANO, *El Espíritu de la Liturgia*, Araluze, Barcelona, 1945

⁵Cf. SAINT-ÉXUPÉRY, *Cittadelle*, Goncourt, Buenos Aires, 1966

O mais importante da *Arquitectura à medida do homem*, para lá das métricas e proporções físicas, está na *Arquitectura à medida existencial do Homem* o que pressupor o conceito de contemplação, muito difícil num tempo marcado pelo império da velocidade.

O primeiro objectivo da Arquitectura é o de adaptar-se ao modo de ser do Homem como expressam as palavras de Heidegger: “*Não habitamos porque construímos, mas construímos na medida em que habitamos.*”⁶ E dizer que o habitar está antes do construir não é jogo de palavras, é superar a ideia da Arquitectura iminentemente sensível e física.

Nesta perspectiva, a Arquitectura Sacra tem de ser um lugar para ter tempo, um lugar onde acontece a verdade. Trata-se de um lugar limite que confronta o homem com o Mistério, consigo próprio, com os outros, na paz, no sossego e no silêncio.

E este espaço constrói-se de dentro para fora; no caso da igreja, a partir do Altar, centro e fonte da verdadeira vida cristã, onde se realiza e perpetua o sacrifício de Cristo e os fiéis constituem o seu corpo místico.

Claro que a Arquitectura acontece com uma estrutura física, com colunas de pedra ou pilares de betão, com planos que limitam o espaço, através de uma linguagem que deve ser de hoje, caracterizada pela sua desornamentação e abstracção.

Os meios técnicos disponíveis, ajudam a configurar espaços novos, mas não são as possibilidades técnicas que definem a Arquitectura.

Quando esta relação se inverte, dá-se o desajuste e desaparece a tensão integradora do físico e do espiritual como nos diz Santo Agostinho: “*Mas eis que o céu, e a terra, e todas as coisas que neles existem me dizem a mim, que te ame, e não cessam de o dizer a todos os homens.*”⁷

A igreja do Arq.¹⁰ Álvaro Siza, do Marco de Canavezes, no seu silêncio, pacatez e quase humildade mereceu o Prémio IberFAD 98 em confronto com uma obra muito mais ruidosa do Museu Guggenheim de Bilbao, do Arq.¹⁰ Frank O. Gehry.

Este prémio e o confronto destas obras parecem clarificar a mensagem e o sentido que quis dar às minhas palavras.

Sobre a **incultura**, que de modo geral se fecha à novidade e se delicia com elementos anacrónicos da tradição ou também ao contrário se abre acriticamente ao novo sem respeito pela memória, gostaria de afirmar que, quando a Arquitectura não ajuda o homem a viver melhor, a arquitectura está enferma...

Se hoje muitas pessoas ainda sentem relutância em aceitar um edifício normalíssimo sem telhado, é muito mais difícil a compreensão de um espaço sagrado sem ornamentos, sem imagens e sem retórica. Atrevo-me a

⁶Cf. HEIDEGGER, *Conferencias y artículos*, Ediciones del Serbal, Barcelona. 1994

⁷Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, in *Livro XX*, Vers. VI, 8

afirmar que hoje as formas sagradas são profanas. A cúpula, o arco, a ogiva, a coluna clássica ou salomónica que encontramos em tantas igrejas do passado, não constituem elementos mais católicos que a intercepção de dois planos ortogonais.

E é esta dessacralização das formas, que permite atingir a essência do sagrado na linguagem arquitectónica dos nossos dias que em meu entender se caracteriza por quatro qualidades:

- 1- A essencialidade que rejeita a frivolidade da decoração e da forma pela forma;
- 2- A sinceridade dos materiais e da construção que se traduz na descoberta do significado profundo das coisas simples que é o oposto de contentar-se com o banal;
- 3 – A Riqueza espiritual que se manifesta, quando se faz o esforço por vincular com rigor os elementos da composição do espaço, gerando uma nova expressividade;
- 4 – Abertura ao meta-sensível (ao poético) a que gosto de chamar os horizontes de infinito que nos rodeiam...

A esta intervenção seguiu-se um debate interessante em que o grande tema foi a igreja do Marco de Canavezes.

T19

Título: Reorganização Do Espaço Litúrgico Da Sé Catedral Do Porto

Local, Publicação, Editora:

Data:2005

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.20- Curriculum Vitae)

Outras informações:

I- Considerações gerais

O Cabido da Diocese do Porto pensa reorganizar o espaço litúrgico da Sé Catedral, dadas as manifestas deficiências da sua actual organização face às exigências litúrgicas e pastorais.

Como premissas de actuação poderão fazer-se as seguintes considerações que julgo pertinentes:

· A arquitectura em geral traduz uma tensão integradora e irreductível do sensível com o inteligível e pode dizer-se que na resolução desta tensão reside a chave da arquitectura sacra contemporânea.

A própria investigação filosófica faz-nos compreender que o corpóreo e o sensível não é alguma coisa que se contrapõe ao conceptual e espiritual, pelo que a apreensão humana não é sensível nem intelectual, mas compreende sempre estes dois factores.

Pode afirmar-se que a inteligência humana sente a realidade, porque sentir e entender não se opõem e constituem uma única estrutura que sinteticamente se traduz como o *sentir intelectual* ou o *entendimento sensitivo*. Entendo a arquitectura sacra contemporânea nesta perspectiva.

· O espaço arquitectónico sagrado não é mero receptor de pessoas; é um espaço que fala, superando-se da sua dimensão física até a uma dimensão espiritual. Espaço sagrado é mais do que o espaço vivenciado no sentido psicológico, tal como a percepção individual o explica, porque existe nele uma dimensão ontológica que o torna lugar de "revelação".

A chave da arquitectura sagrada contemporânea consiste na disposição e estruturação espacial capaz de reorganizar os nossos esquemas conceptuais, integrando a tensão do sensível e do inteligível.

· A organização dum espaço litúrgico, pressupõe como questão fulcral, a escolha da localização do altar, que é o lugar da celebração efectiva do mistério de Deus, ou do mistério do encontro de Deus com os homens. É o lugar capaz de captar a transcendência da realidade salvífica e de, ao mesmo tempo, possibilitar o encontro fraterno dum povo em comunhão. É o lugar da tensão que nos confronta com o mistério onde o divino e o humano colaboram.

É quase o lugar limite da mediação do humano com o divino.

- É a Assembleia que confere ao Ambão - *a mesa da Palavra* - a razão da sua existência de onde decorre a necessidade da inter-relação entre ambos.
- O lugar da presidência da celebração, no caso dum Sé Catedral, merece considerações específicas por ser sinal da unidade da fé.

2 – Metodologia de intervenção

Quem entra na Sé do Porto, não pode deixar de ser sensível à luz zenital que incide e acentua o cruzeiro do transepto (ver foto 1) e que provoca contrastes de claridade e penumbra, imprimindo àquele cruzeiro uma dimensão de símbolo e uma quase sugestão de transcendência.

A luz natural constituiu sempre um mecanismo para a sacralização do espaço e como diria Louis Kahn, *naquele cruzeiro manifesta-se a vontade de possuir o mistério*.

Propõe-se a localização do altar no Cruzeiro da Sé.

O altar é manifestação de transcendência, mas ao mesmo tempo, é também exigência de comunhão, pelo que se impõe a superação de todos os obstáculos que impeçam a continuidade do espaço, de modo a que celebrantes e fiéis se encontram verdadeiramente à volta do mesmo altar.

A continuidade do pavimento do presbitério até ao supedâneo do altar, (ver foto 2) quase sacramental da comunhão em Igreja que se realiza na celebração eucarística, obriga a definir novas cotas, materiais e acabamentos.

Os degraus resultantes da alteração serão reutilizados e os que vierem a ser executados de novo serão do mesmo material.

A balaustrada existente na transição do transepto para a capela-mor constitui também um obstáculo à continuidade espacial desejada. (ver foto 3)

Tornando-a móvel (articulada), com a possibilidade de rodar para uma posição paralela às paredes que suportam o arco cruzeiro, atenua-se a sua presença em ordem à unidade espacial do espaço litúrgico.

Preserva-se e respeita-se um elemento com valor artístico e garante-se que o altar seja efectivamente um sinal visível da união de todos: do presidente, dos concelebrantes e da assembleia.

A exiguidade do espaço obriga a que o altar se aproxime da capela-mor e não ocupe o centro geométrico do cruzeiro. Propõe-se o alinhamento do altar pela face exterior do arco cruzeiro. O recurso a proporções e relações métricas constituirá uma metodologia para resolver o espaço de celebração.

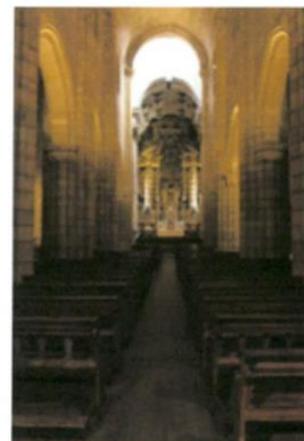


Foto 1



Foto 2



Foto 3

A mesma exiguidade do espaço dificulta a localização do ambão que, por essência, deve sugerir um aproximar-se da assembleia e que, por isso, ocupa quase sempre um lugar entre a assembleia e o altar.

No caso concreto, o ambão localizar-se-á, atrás do altar, em plena capela-mor.

A aproximação da assembleia que é uma componente da sua essencialidade, será conseguida através da elevação vertical, como que a estabelecer uma atenção/aproximação espontânea dos fiéis.

A mudança de localização do altar para o cruzeiro do transepto, permitirá estudar na plataforma agora ocupada pelo altar, a organização do espaço da presidência, eventualmente com lugares destinados a outros concelebrantes, a Bispos Auxiliares da Diocese, etc.

No caso duma Sé-Catedral, a presidência, é sinal do magistério e do poder do pastor da Igreja Local, tornando visível que o Bispo preside verdadeiramente à comunidade dos fiéis e sendo portanto sinal da unidade da fé.

Pocurar-se-á que todos os elementos – altar, ambão e presidência – traduzam o encontro misterioso do homem com grandeza do sobrenatural, através das qualidades que se enumeram:

· **A Essencialidade da forma:**

Prescindir-se-ão de todos os elementos acessórios, economizando até meios expressivos, permitindo que os materiais e as formas adquiram o valor de símbolo.

A sobriedade do desenho, que não é descuido ou desmazelo, estará sempre presente no estudo das várias peças, em ordem a preservar a qualidade quase metafísica que as formas puras encerram.

· **A Verdade dos materiais:**

Explorar-se-á a capacidade expressiva dos materiais utilizados, numa busca da sua verdade intrínseca e no pressuposto de que os materiais convenientemente utilizados constituem o único meio para essencializar a forma.

· **Valor da forma e do conteúdo.**

Quando se fala em essencialidade e verdade não se pode aceitar a mediocridade.

A arte tem o poder de transfigurar o sensível.

Dar sentido às formas, exprimir o transcendente nas coisas sensíveis e saturar os materiais físicos de conteúdo espiritual constitui um desafio do Projecto, para o que se exige uma atenção à capacidade da máxima potencialidade expressiva dos materiais.

· **Abertura ao simbólico.**

O Mistério não deve confundir-se com o ocultismo: É inacessível ao conhecimento meramente racional, mas acessível a quem o acolhe com fé.

Pensamos que a razão última da existência da Arte Sacra e da sua perene fecundidade através dos séculos, radica no mistério cristológico.

À maneira de como Deus se esconde na forma concreta da figura humana, também a Arte Sacra é um veículo da presença do mistério salvífico de Deus.

Serão estudados todos os materiais utilizados, no pressuposto de que podem dar expressão às realidades transcendentais e ao mistério salvífico de Cristo na História.

3 – Intervenção arquitectónica num monumento

A circunstância de se tratar de um edifício com grande significado histórico que é monumento nacional, impõe uma atenção redobrada perante as pré-existências, independentemente de todos os procedimentos legais em vigor.

Nestes casos existe muitas vezes a dicotomia duma atitude marcada pela ideologia do restauro *versus* a apologia do novo pelo novo.

A arte sacra, como aliás todas as actividades humanas, afirma-se muito mais através do respeito pela sã tradição do que por qualquer atitude de tipo arqueológico ou pragmático, entendendo-se a tradição como abertura da mente que encontra no tempo modos diferentes de exprimir a verdade que se adequa aos sucessivos momentos da história.

Entende-se que a intervenção arquitectónica deve traduzir uma busca sincera de verdade e recusar convencionalismos, o que não impede o respeito pelos valores artísticos presentes.

O desenho do “*mobiliário litúrgico*” deverá permitir o diálogo com os elementos existentes.

Porto, Maio de 2005

Manuel Botelho, arq.¹⁰

T20

Título: Da Projectualidade Em Arquitectura

Local, Publicação, Editora: Sob a orientação do Prof. Arq.to Nuno Portas, na sequência da Investigação de Doutoramento

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.22- Curriculum Vitae)

Outras informações:

Da Projectualidade em Arquitectura

A teoria do projecto é uma teoria aberta, dinâmica, especial: é feita de risco, de memória e de necessidade, assente num modelo de ideias e de (des)crenças que envolve uma dialéctica de opostos.

“*Para todos os problemas não existe uma interpretação única*”(E. Gombrich), mas indaga-se se será possível dispensar a necessidade de um corpo disciplinar próprio?

A cultura do projecto implica uma ideologia?

Uma das maiores heranças do Movimento Moderno foi o de fazer compreender o valor do processo projectual.

Na rejeição da mimese dos modelos académicos estava subentendida a equação, de tipo quase científico, dos problemas e problemáticas relacionados com as novas técnicas, a invenção do novo, a racionalidade construtiva e produtiva e também com a sociedade nova resultante da revolução industrial.

Estes problemas e problemáticas surgiam como pólos de uma relação dialéctica, nem sempre assumida entre a memória e o futuro.

Não se defende a ideologia do projecto, nem a sua univocidade projectual, mas parece haver sinais de que a história está a exigir a necessidade de um modelo constituído a partir da sua própria essência ou do seu próprio método.

A experimentação na arquitectura

O projecto é simultaneamente: Verificação, Contradição, Síntese e Mediação, traduzidas na descoberta de formas diferentes com um elemento unificador pré-existente na profundidade de quase uma crença.

A experimentação projectual é o modelo que responde a este processo?

A experimentação em arquitectura prende-se com o formal, com a descoberta do novo, com a inovação tecnológica, com o gosto de inventar, ou antes com uma reflexão da correlação das formas de vida com o espaço construído?

A experimentação em arquitectura provém dum método, da intuição ou da ânsia de conhecimento?

A busca do novo e do anti-sistemático traduzem uma ruptura disciplinar e parecem caracterizar o projecto actual, mas pergunta-se se traduzem simultaneamente um pensamento sobre a vida e a tensão poética da consonância com o tempo?

É possível a superação do Código pelos múltiplos códigos?

O visível e o inteligível.

A ciência, a técnica e a arte interpelam-nos para além do objecto dos seus campos disciplinares próprios, nos limites do ser, numa predisposição para o inefável e o categorial.

A dialéctica da forma e conteúdo, a autonomia e heteronomia da Arquitectura, a disciplina da Arquitectura no confronto com a arte, a técnica e a ciência permitem a sua superação na experimentação do Projecto?

A palavra ou o tijolo

Arquitectura da cidade, (na cidade) é a grande máquina do progresso e o maior valor civilizacional.

É mais importante a crítica (elemento meta-projectual da Arquitectura e da cidade), a crítica da crítica ou o eminentemente concreto?

Como se garante na construção dinâmica da civilização a síntese da natureza e da história?

T21

Título: O Pavilhão Carlos Ramos não é só um pavilhão...

Local, Publicação, Editora: Livro- "O Pavilhão Carlos Ramos - Coletânea de textos de professores e estudantes". Coord. José Quintão, FAUP Publicações

Data: 2008

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

O Pavilhão Carlos Ramos não é só pavilhão...

Depois de tantos textos sobre este edifício, de que destaco o de Alexandre Alves Costa¹, pela sua clarividência e contextualização da obra no tempo, escrever qualquer coisa mais, poderia parecer ousadia se não fosse o de contar a agradável experiência pessoal que este edifício me proporcionou.

1. Retenho nítida a imagem de Siza Vieira a fazer a apresentação do projecto ao corpo docente da Faup, no já longínquo ano de 1984. Estavam expostos os desenhos das plantas, cortes e alçados. Explicou então que o corpo prismático, anteriormente pensado, se tornava impossível, por colidir com as raízes das árvores existentes no limite norte do jardim e por não garantir a atmosfera daquele lugar. Utilizou então a expressão "*foi preciso como que dobrar aquele volume para garantir as árvores e o espírito do jardim*" e acompanhou-a com um gesto de mãos de quem dobra uma vara. Explicou o recuo da parede ao nível do R/C, no vértice nordeste, recorrendo à metáfora: "*aqui foi necessário dar-lhe um soco, para garantir que as fundações não danificassem as raízes das árvores vizinhas*".

Este modo de falar impressionou-me.

Transmitiu-me um modo de entender a arquitectura, que vou tentando perceber experiencialmente, e se situa muito para além do meramente racional, e que nasce do diálogo íntimo e insondável do arquitecto com o local e o mundo. Neste diálogo está o arquitecto inteiro, com o raciocínio, a memória, os sentimentos e com a sensibilidade que os sentidos permitem, atento à necessidade que a urgência da vida pede.

Viver é dialogar com o mundo, com as coisas, com as pessoas e com os deuses para quem pode.....e a arquitectura, como casa do ser, é instrumento deste diálogo.

¹Cf. COSTA, Alexandre Alves, "O pavilhão Carlos Ramos", *Arquitectura Portuguesa*, nº 11, 1987, pg. 50

Mas falar assim da arquitectura é também acreditar nela como uma coisa muito perto da vida.

Na complexidade da planta em U deformado do pavilhão, concordâncias subtis de superfícies, fazem-me aproximar da complexidade de formas anatómicas que a natureza se vai encarregando de produzir ou evocam outros mundos da natureza viva.

Brigitte Fleck, descreve-o assim: "*Parece pequeno e de um só andar entre as árvores e os velhos muros como se se tivesse encolhido a si próprio tomando esta forma*"².

O pavilhão Carlos Ramos não é apenas um edifício integrado no jardim da quinta da Póvoa, é parte dele. Deixou-se contaminar por ele e contamina-o. Está lá, como coisa construída, mas pertence ao jardim, agora enriquecido com um elemento novo, presente com toda a força e sem máscara.

E o jardim continuou a ser jardim: podem florir os jasmíns e a flor do pequeno miosótis não perde, ao seu lado, a grandeza das suas flores.

Implantação, geometria, volume, fenestração, medidas, proporções, materiais, e texturas, tudo ali está num diálogo intenso com o sítio, o mundo e a vida.

Não admira que Siza comece o livro *Imaginar a Evidência* com estas palavras:

*"A relação entre a natureza é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva."*³

2. Fui assistindo à sua construção.

Ia colhendo impressões com a construção do edifício que crescia...

Tenho pena de não as ter escrito.... porque algumas se foram apagando na memória....

Mas a capacidade de transparência daquele edifício ia-se manifestando cada vez com mais força.

² FLECK, Brigitte, *Álvaro Siza*, Lisboa, Relógio D' Água Editores, 1999, pg. 112 (1992, Birkhäuser Verlag AG, Basel)

³ SIZA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa, Edições 70, 2000, pg. 17, (1998, Laterza & figli, Roma)

O janelão poente aparecia-me quase como um aparelho ou máquina que fazia ver a luz do sol no interior.

Ainda hoje esta transparência me fascina.

Digo muitas vezes aos meus alunos, quando justificam a transparência que querem dar aos "seus edifícios" com grandes extensões de vidro, para reflectirem sobre as paredes quase cegas deste pavilhão, onde um janelão faz adivinhar interiores quase misteriosos de luz e de vida e onde as paredes cegas não impedem essa transparência.

Mas as paredes estão lá e asseguram o res compacta de Alberti, para depois no alçado sul deixar entrever superfícies ligeiras de vidro, em diálogos sapientes vários e em ritmos delicados que os pilares estruturais acentuam.

Um edifício pode ser massa, força e, ao mesmo tempo, delicadeza, leveza e elegância.

3. Tive a sorte de habitar o espaço interior

Dei ali aulas, em salas pertencentes aos dois pisos, e ali me encontrei a espreitar o imprevisível de espaços previstos de outras vezes, que subitamente se apresentavam com uma nova imagem, como quando uma criança se encanta com uma joaninha que já conhece. E quanto mais procura mais encontra e quanto mais encontra mais conhece, ou porque lhe vê mais uma pinta ou um corninho ou eu sei lá que mais, mas que faz com que o encontro seja sempre um espanto novo.

A articulação do espaço, das três salas por piso, obtida por estrangulamentos que as dependências de serviço proporcionam, e portas concebidas mais como biombos, é de uma riqueza extraordinária apesar de utilizados meios tão simples.

Foi gratificante trabalhar ali, naquelas salas individualizadas e, ao mesmo tempo integradas num todo maior, onde colegas e alunos estávamos ao lado e ao mesmo tempo do outro lado.

A luz é decisiva na construção daquele espaço.

Lá dentro os raios visuais que partem do interior, chegam à retina, para quem está do outro lado, carregados da luz e atmosfera exterior do pátio.

Experimentam-se ali atmosferas e luminosidades de diferente densidade que a presença do pátio proporciona.

*"Na travessia entre dentro e fora é sempre necessária uma mediação, uma transição."*⁴

O nevoeiro denso de algumas manhãs do Porto permitiu-me ver, lá dentro, a figura humana transformada em mancha ou vulto impreciso. Reflexos, transparências, tonalidades de luz, consoante as horas do dia, permitem relações multifacetadas com o mundo, com o jardim e com os outros. Permitem a experiência da visão poética, porque as coisas são, algumas vezes, outras coisas.

Quando olhamos para uma rosa e vemos apenas uma rosa, vemos pouco, vemos directamente, mas quando ao ver a rosa nos encontramos com o mundo, então experimentamos a poesia da vida.

Ali naquele edifício, de esquinas sem esquinas e portas sem serem portas, inscreve-se um poema ou um texto carregado de poesia.

O espaço interior do pavilhão Carlos Ramos faz-nos encontrar com o mundo e o mundo das interioridades.

Para quem o habita, é um espaço de reflexão e de criatividade.

4. É um edifício moderno

É um edifício moderno porque a sua forma não é ponto de partida nem se auto-justifica, e responde, antes de tudo, às solicitações do programa e das necessidades.

É um edifício moderno porque recusa toda a retórica vazia. É moderno na linguagem encontrada, no rigor geométrico do projecto e no processo construtivo.

Poderão aplicar-se aqui, *mutatis mutandis*, as palavras de Siza sobre o design: *"...a impressão geral é uma coisa absolutamente singular, sensacional, mas ao mesmo tempo banal. Creio que no momento em*

⁴SIZA, Álvaro, op. cit., pg 45

que estes dois aspectos coexistem, esteja alcançada a quinta essência da perfeição.”⁵

Mas na sua modernidade não impede o diálogo com a envolvente e as preexistências construídas: a da casa cor-de-rosa e seus anexos. E assumiu-se como elemento expectante das futuras instalações da Faculdade de Arquitectura.

A porta de entrada sabiamente localizada no vértice noroeste que se transformou para a receber, permite o acesso ao piso térreo e às escadas, simples e cheias de grandiosidade, de acesso ao 1º piso, mas pelo diálogo que estabelece com a outra em frente, simples rasgo no muro de pedra, assume o carácter de metáfora.

Ali, naquelas portas, convergem dois percursos:

um que vem da casa cor-de-rosa, contorna o edifício num rito subtil que o muro implantado na berma do caminho acentua;

e outro que sobe da Faculdade de Arquitectura, por rampas e escadas num ziguezague também ritual.

Dou aulas numa sala com a janela voltada para este percurso, e no levantar dos olhos deparo-me muitas vezes com o caminhar de uma, duas ou três pessoas, algumas vezes pequenos grupos, mais raramente grupos maiores, estes geralmente de estrangeiros...

E de tanto contemplar aquele peregrinar, veio-me à cabeça a ideia de lhe chamar procissão do tempo, porque naquelas portas: uma, a do pavilhão, de linguagem moderna; e outra, de evocação arcaica, feita só de um rasgo na parede, encontra-se a história.

E o pavilhão lá continua o diálogo silencioso com o mundo, com o homem e com a história.

Obrigado, Siza.

Manuel Botelho

⁵SIZA, Álvaro, op. cit. pg. 135

T22

Título: Apresentação de duas casas na Faculdade de Arquitetura de Módena

Local, Publicação, Editora: Texto de uma aula na Faculdade de Arquitetura de Módena, extensão da

Faculdade de Arquitetura de Milão

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.9- Curriculum Vitae)

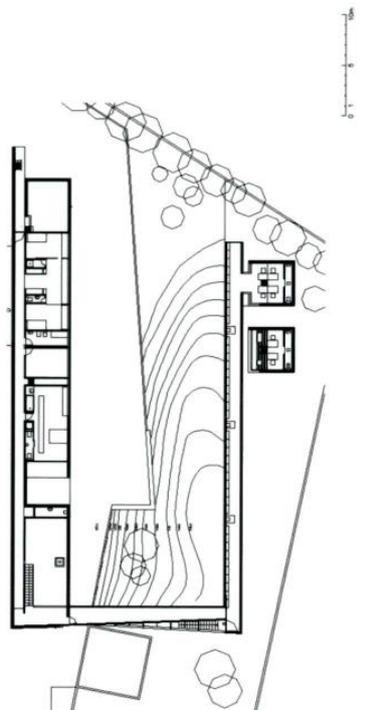
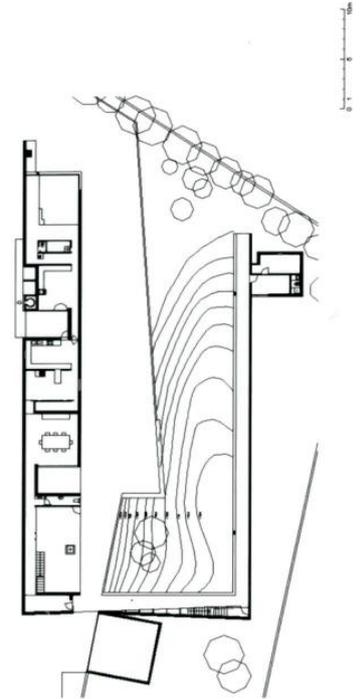
Outras informações:

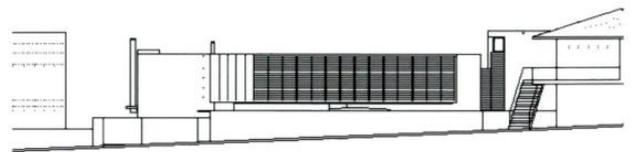
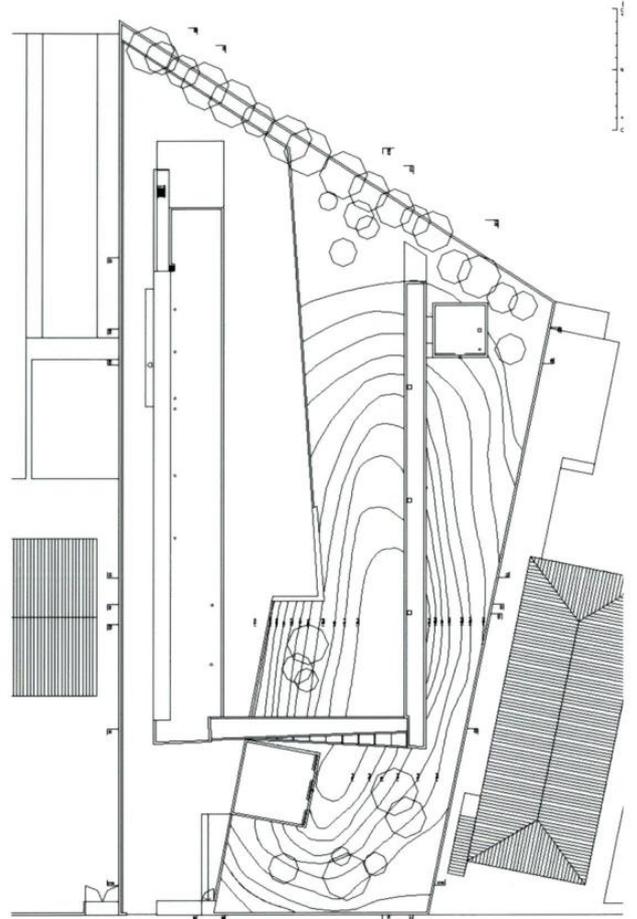
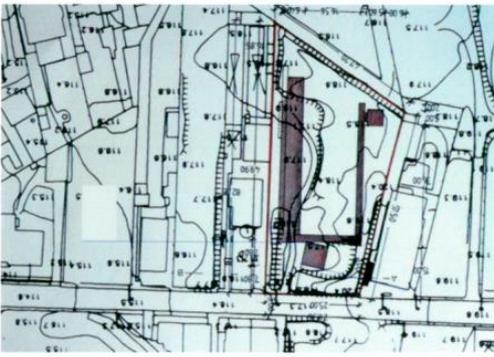
São duas casas. Uma construída num terreno ocupado à época com eucaliptos, numa zona de periferia urbana, onde se misturavam de modo anárquico: a exploração agrícola, a pequena fábrica e a residência e outra que recupera uma casa existente inserida num ambiente de matriz rural bem caracterizada.

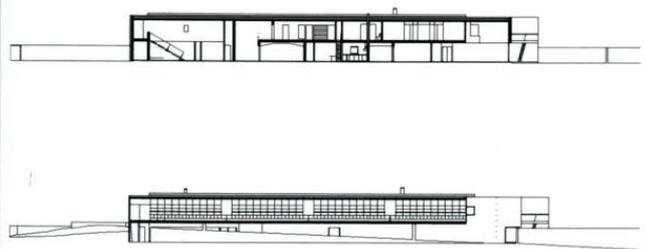
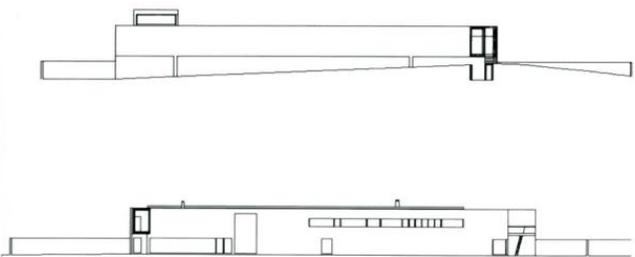
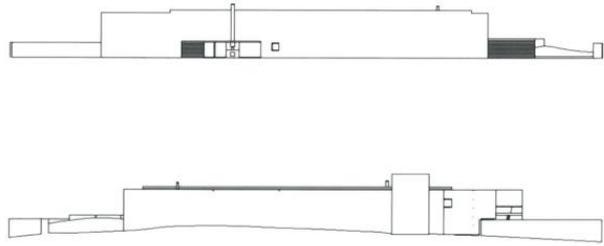
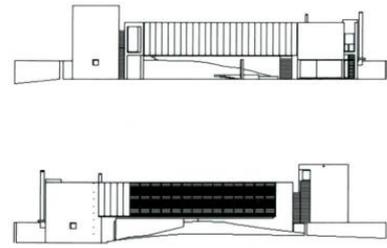
No primeiro caso, inventou-se uma casa capaz de criar uma interioridade sem negar a relação com o mundo. No segundo caso pedia-se a demolição da casa existente e o projecto de uma moradia com o rés-do-chão destinado a farmácia. Convenci o cliente de que aquela casa respondia às exigências regulamentares duma farmácia e seria mais interessante construir uma casa de raiz isolada do espaço de trabalho. Conservar a pré-existência e proporcionar o seu “re-uso” foi neste caso a invenção para obter o espaço privado da vida.

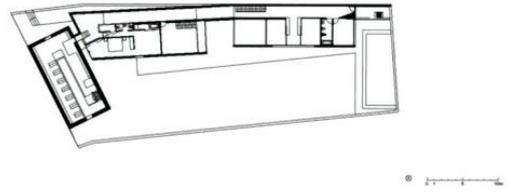
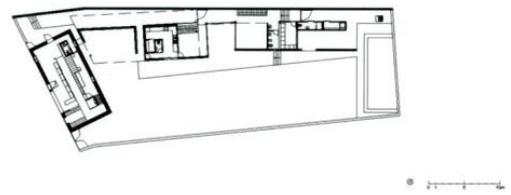
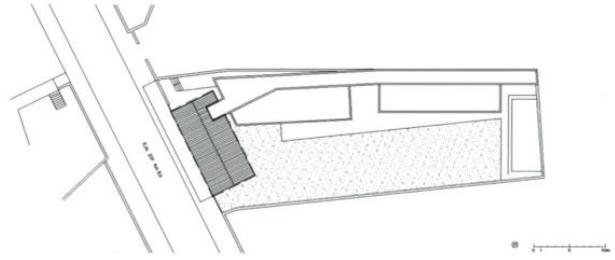
O projecto obriga a inventar pequenas coisas, pequenos artificios. Algumas vezes a invenção está na reutilização do que existe. Recuperar edificios pertence também à disciplina do projecto e deve ser entendida como momento de criatividade. Não se entende a recuperação de edificios no sentido de restauro. Há necessidade de intervir, mas mantém-se uma volumetria da paisagem e uma atmosfera de que necessitamos, porque são elementos da memória. No caso específico, a casa existente não é uma objecto arquitectónico de grande valor, mas a sua relação simples com o meio e os materiais de que são feitos, constituem elementos que justificam a sua preservação. Certamente que perante edificios arquitectónicos com outro valor, este problema é de muito maior acuidade, mas mantém-se o princípio de conservar com criatividade.

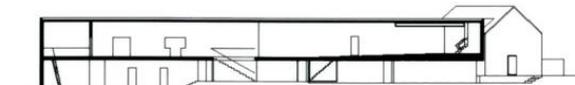
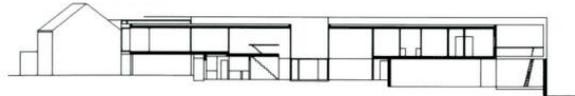
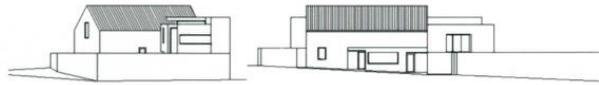
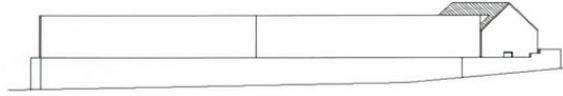
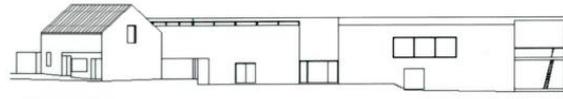
(Esta aula foi documentada com diapositivos.)











T23

Título: Da Poética na Arquitectura

Local, Publicação, Editora: Conferência intitulada “Da Poética na Arquitectura” na Livraria Almedina,

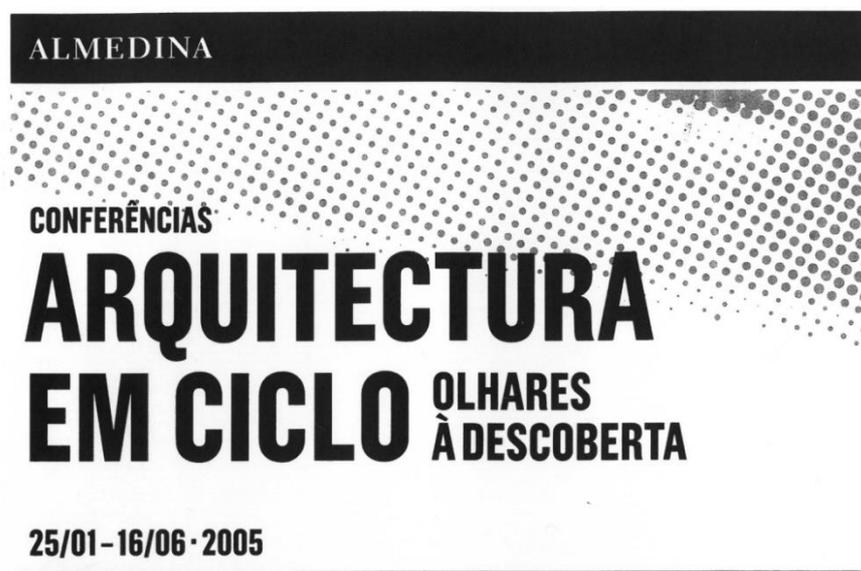
inserida no Ciclo de Conferências sobre Arquitectura “Olhares à Descoberta”.

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.18- Curriculum Vitae)

Outras informações:



Coordenação: Rui Morais e Castro / Juan Cabello Arribas
Arquitectos

25 Janeiro/21:00 horas
Duas ou três coisas para começar
Álvaro Domingues
Doutorado em Geografia e Prof. na FAUP

15 Fevereiro/21:00 horas
Da poética na arquitectura
Manuel Botelho
Arquitecto e Prof. na FAUP

8 Março/21:00 horas
O jogo do habitar
Antonio Juarez Chicote
Doutorado em Arquitectura e Prof. na
ETS Arquitectura de Madrid

12 Abril/21:00 horas
“Fazer cidade sobre a cidade”
Madalena Pinto da Silva
Arquitecta e Prof. na FAUP

10 Maio/21:00 horas
Património(s)
João Paulo Rapagão
Arquitecto e Prof. convidado da FAA da Univ.
Lusíada do Porto e do DAA da Univ. do Minho

16 Junho/21:00 horas
Viagens
Eduardo Souto de Moura
Arquitecto

ALMEDINA

Almedina.net
www.almedina.net
T 239 851 890

Almedina Minho
Campus de Gualtar - Universidade
do Minho • 4700-320 Braga
T 253 678 822

Almedina Porto
Rua de Ceuta, 79 • 4050-191 Porto
T 222 059 773

Almedina ArrábidaShopping
Arrábida Shopping, Loja 158
Praceta Henrique Moreira
Afurada • 4000-475 V.N. Gaia
T 223 701 898

Almedina Arco
Arco de Almedina, 15
3004-509 Coimbra
T 239 851 902

Almedina NovAlmedina
Rua Ferreira Borges, 121 a 127
3000-180 Coimbra
T 239 851 900

Discoteca Almedina
Rua Ferreira Borges, 161
3004 Coimbra
T 239 851 906

Almedina Finisterra
Rua Alexandre Herculano, 3
3000-019 Coimbra
T 239 827 176

Almedina Atrium Saldanha
Atrium Saldanha
Praça Duque de Saldanha, 1
Loja 71, 2º Piso • 1050-094 Lisboa
T 213 570 428

Almedina Centro de Arte Moderna
Centro de Arte Moderna
R. Dr. Nicolau Bettencourt, 8
1050-078 Lisboa
T 217 972 441

Almedina Funchal
Rua 31 de Janeiro, 67 - 1º
9050-401 Funchal
T 291 281 160

CONFERÊNCIAS

ARQUITECTURA EM CICLO OLHARES À DESCOBERTA

25/01 - 16/06 - 2005

Livraria Almedina ArrábidaShopping • Loja 158, piso 1
Entrada livre

Organização:



Es. design (www.esdesign.com)



ARQUITECTURA EM CICLO OLHARES À DESCOBERTA

Coordenação: Rui Morales e Castro / Juan Cabello Arribas <i>Arquitectos</i>			
25 Janeiro / 21:00 horas Duas ou três coisas para começar Álvaro Domingues <i>Doutorado em Geografia e Prof. na FAUP</i>	15 Fevereiro / 21:00 horas Da poética na arquitectura Manuel Botelho <i>Arquitecto e Prof. na FAUP</i>	12 Abril / 21:00 horas "Fazer cidade sobre a cidade" Madalena Pinto da Silva <i>Arquitecta e Profª na FAUP</i>	16 Junho / 21:00 horas Viagens Eduardo Souto de Moura <i>Arquitecto</i>
	8 Março / 21:00 horas O jogo do habitar Antonio Juarez Chicote <i>Doutorado em Arquitectura e Prof. na ETS Arquitectura de Madrid</i>	10 Maio / 21:00 horas Património(s) João Paulo Rapagão <i>Arquitecto e Prof. convidado da FAA da Univ. Lusíada do Porto e do DAA da Univ. do Minho</i>	

Bibliografia relacionada

25 Janeiro/21:00 horas Duas ou três coisas para começar The language of Landscape de Anne W. Spirn Court Traité du paysage de Alain Roger Revista Finisterra – Paisagem de AA VV, nº72 Jornal dos Arquitectos – Paisagem Ordem dos Arquitectos	8 Março/21:00 horas O jogo de habitar O homem e os seus símbolos de Carl Jung Cambiando el Arte de habitar de A+P Smithson A poética do espaço de Gaston Bachelard Da Natureza das coisas de Lucrecio Seis propostas para o próximo milénio de Italo Calvino The origins of Knowledge and imagination de Jacob Bronowsky A arte e o espaço de Martin Heidegger Programs and manifestoes on 20th Century architecture de Ulrich Conrads Informal de Cecil Balmond	The creative process de Brewster Ghiselin La habitación vacante de Juan Navarro Baldeweg 12 Abril / 21:00 horas "Fazer cidade sobre a cidade" A condição humana de Hannah Arendt La cuestión urbana de Manuel Castells Thinking architecture de Mike Crang & Nigel Thrift Los señores del aire: telépolis y tercer entorno de Javier Echevarria El declive del hombre público de Richard Sennett	10 Maio/21:00 horas Património(s) Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración de Antón Capitel Teoría de la restauración de Cesari Brandi O imaginário da cidade de AA VV 16 Junho/21:00 horas Viagens Apuntes al interior del tiempo de Luis Moreno Mansilla A viagem do Oriente de Le Corbusier Autobiografía científica de Aldo Rossi Eduardo Souto de Moura de Antonio Esposito + Giovanni Leoni
---	--	--	--

DA POÉTICA NA ARQUITECTURA

Quando comecei a pensar no que iria dizer, mais especificamente, sobre este tema da poesia na Arquitectura, senti-me como S.^{to} Agostinho, ao falar do Tempo, ao dizer: *“Eu sei o que é o Tempo quando ninguém me pergunta o que é, mas se me perguntam, não sei responder.”*

Quando falo da poesia na Arquitectura, quero demarcar-me de alguns slogans.

Afirma-se frequentemente que a arquitectura é construção, evocando conscientemente ou inconscientemente o pensamento de Heidegger sobre a Arquitectura e o habitar¹

A construção é uma componente importante da Arquitectura, mas não esgota o seu conteúdo. Nos dias que vivemos, construção aparece-nos, por vezes, camuflada de tecnologia que, permite invenções formais notáveis, chegando a arrogar-se quase a prerrogativa de absoluto.

Falar de Poesia em Arquitectura projecta-nos para o universo da arte, algumas vezes considerada como um pólo antitético da ciência.

Não penso assim, nem estou a fazer autos de fé contra a ciência e a tecnologia. Considero que ambas, a ciência e a tecnologia, prestam um valioso contributo à boa arquitectura enquanto permitem o despertar projectual para o máximo das capacidades dos materiais de construção.

A arte e a ciência estão presentes na Arquitectura e mais próximas do que possivelmente imaginamos.

Tenho imenso respeito pela ciência, como tenho imenso respeito pela tecnologia, como tenho imenso respeito pela construção, mas todas juntas não esgotam o território da Arquitectura.

Em síntese, poderemos dizer que tudo o que na Arquitectura é redutível a número, é da esfera da Ciência e constitui uma sua parte importantíssima, mas não a esgota.

Falar de poesia poderia também significar entrar no mundo filosófico da Estética, mas não é da Estética que desejo falar.

¹ HEIDEGGER, trad. franc. Essais et Conférences. Bâir, habiter, penser. Paris Gallimard. 1958

Distante da abstracção filosófica, sinto-me muito mais próximo do mundo e das palavras da Sophia:

*A dicção não implica estar alegre ou triste
Mas dar minha voz à veemência das coisas
E fazer do mundo exterior substância da minha mente
Como quem devora o coração do leão
Olha fita escuta.
Atenta para a caçada no quarto penumbroso²*

O sentir a voz das coisas, dos materiais, ecoa de modo indefinido dentro de nós, desde os inícios do tempo e traduz um apelo ou uma abertura da mente para o mundo.

Diante das construções megalíticas da pré-história, sinto a energia materializada do começo – não sei dizer de outra maneira.

Estou convencido de que é possível materializar na nossa mente de forma impetuosa a substância das coisas.

Em miúdo acordei muitas vezes a ouvir o bater ritmado da marra na talhadeira que lentamente e em passagens sucessivas ia cortando o ferro. Ainda hoje me parece ouvir aquele som metálico ritmado, que de algum modo me aproxima da vida.³

Hoje os ritmos são outros: o fluir das coisas e das notícias é tal que empobrece a nossa capacidade de relação com os outros e com o mundo. Com a vertigem do tempo e da história, as matérias já são só coisas e mercadorias, e o mundo é um hipermercado.

Mas embora os lugares de relação sejam as mais das vezes espaços de mecanicidade, a POESIA continua como linguagem universal.

Ποίησις é o fabricar, é o fazer, é a acção, é acrescentar um mundo novo ao mundo, é portanto transfigurá-lo.

A Poesia é símbolo, é a linha de fronteira capaz de percorrer todos os campos do agir humano e do fenómeno cultural, seja ele: o da religião, da arte, da ciência, da tecnologia, da filosofia, da moral, etc.

² ANDRESEN, SOPHIA DE MELLO BREYNER, *Arte poética* in *O Buzio de Cós e outros poemas* (1997), Ed. Consultada, Lisboa, Caminho.2002.

³ Em criança foi retalhado, manualmente, no logradouro da casa de meus pais, um barco, que o meu pai comprou, para revenda de fragmentos de diversas formas e tamanhos, aos artesãos do ferro e que depois estes utilizavam na manufactura de diversos utensílios agrícolas, dada a paralisia da siderurgia europeia em consequência da 2ª guerra mundial.

É a poesia que nos faz possuir a verdade, não a verdade que significa a adequação do pensamento ao objecto, mas que traduz a verdade nova, a valência nova, a sugestão de mundo novo.

É neste sentido que eu vejo o aspecto poético da Arquitectura – construção e descoberta dum mundo novo, construção e descoberta duma pátria nova, construção e descoberta duma nova porta do ser.

Situa-se nas fronteiras do silêncio. Acredito em Khan quando falava desse encontro da luz com o silêncio que traz a Arquitectura à vida.

Acredito no encontro do sensível com o simbólico a ponto de intimamente o considerar como essencial, na vivência da fronteira entre alienação e realização pessoal; ou doutro modo: na descoberta de um aspecto menos claro, mas eventualmente mais profundo do pensamento, que se traduz na experimentação da sua intencionalidade (a abertura ao ente).

A poesia liga todas as coisas, liga todas as artes, liga todas as forças do espírito, no sentido em que Benedetto Croce falava da poesia como plenitude da intuição estética e que no fundo traduz a experiência do mundo.⁴

Para Alberti a construção arquitectónica testemunha um poder civilizador do Homem mais do que qualquer outra actividade.

A necessitas (necessitas), a commoditas (comodidade) e a voluptas (o prazer estético) sugerem um processo de projectar (n)o mundo e a génese duma estética que só séculos mais tarde nos chegaria por Kant.⁵

Fazer Arquitectura é construir lugares onde a vida se faz presente.

Um muro é construção e existem modos diferentes de construir muros – podem ser construídos com pedras, podem ser construídos com tijolos, com betão, com ferro... Estudam-se processos de os construir bem, mas construir um muro não é fazer Arquitectura.

A Arquitectura é a metáfora da construção – porque nela os materiais adquirem têm conteúdo de signo.

A poesia assume-se assim não como um método, mas como atmosfera natural do projecto em Arquitectura.

Vou mostrar algumas imagens do projecto duma casa que estou a construir no vale do Douro, em frente à cidade da Régua.

A génese deste projecto fez-me encontrar com o mundo. Fez-me sentir a encosta, a vinha, o rio e a vida. E eu queria construir um espaço que nascesse da terra.

Pensei num promontório...

⁴ Cf. F. AUDISIO, *Sull'Estetica di Benedetto Croce e altri saggi*, Saggi Bibliopolis 76. Nápoles.2003.

⁵ Cf. CHOAY, FRANÇOISE, *La règle et le modèle*, tra. por. Consultada, *A Regra e Modelo*, São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 1985.

Consciente ou inconscientemente queria sentir as vísceras da terra.

Mais do que pensar em formas, confrontava-me com a ideia de corporeidade: corporeidade humana e corporeidade do mundo, que se encontram numa pertença recíproca. Para mim residiu nisto a força do projecto.

A cápsula espacial que nos maravilha pela sua perfeição técnica (e recorde a sensação que tive ao passar as mãos pelo chamado *escudo térmico*, numa exposição que a Nasa realizou em Roma e que tive a oportunidade de ver) não é Arquitectura, porque não constrói o mundo, nem resulta dum processo construtivo alicerçado na poética. Possui uma imagem como a arquitectura, mas falta-lhe a presença da metáfora ou da metonímia, a primeira pela ausência da analogia e a segunda pela ausência de implicações, sejam elas de causa e efeito, do todo e da parte ou do conteúdo e continente...

Como disse Sophia:

*Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto os grandes anjos cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.*⁶

Esta complexidade e cumplicidade nem sempre são pacíficas, podem ser de diálogo ou monólogo.

A terra, o céu, o ar e a luz são importantes e fundamentais na arquitectura, não apenas como materiais ou vectores essenciais do espaço, mas como elementos despoletadores de novos sentidos ou transfigurações do mesmo.

A poesia faz-nos compreender como é limitada a *dúvida metódica* cartesiana do “*Dubito, ergo sum*” e que traduz até outras expressões anteriores, diferentes no ponto de partida e de chegada, como por exemplo a do “*Cogito, ergo sum*”, de atribulado Campanella, porque a vida não se confina ao pensamento, nem o corpo é o cárcere da alma.

A poesia, ao contrário, dá-nos a consciência e a presença do corpo que habita os espaços, com a capacidade de se deslocar e de andar, e não nos impede a percepção da presença dos deuses e dos anjos.

Dito de modo mais disciplinar, a poesia faz-nos ultrapassar a tentação fácil do funcionalismo que esquece a alma e nos impede de atingirmos as coisas simples que permitem a vida.

Negar a poesia é negar o corpo, e uma arquitectura sem poesia é uma arquitectura sem alma. E digo isto ciente de que não estou a diminuir nenhum valor ao conjunto dos saberes que compõem o corpo disciplinar da Arquitectura

⁶ ANDRESEN, SOPHIA DE MELLO BREYNER, *As casas, in Dia do Mar* (1947), ed. Consultada Caminho, Lisboa.2003.

(Esta comunicação foi seguida dos diapositivos que também se apresentam.)

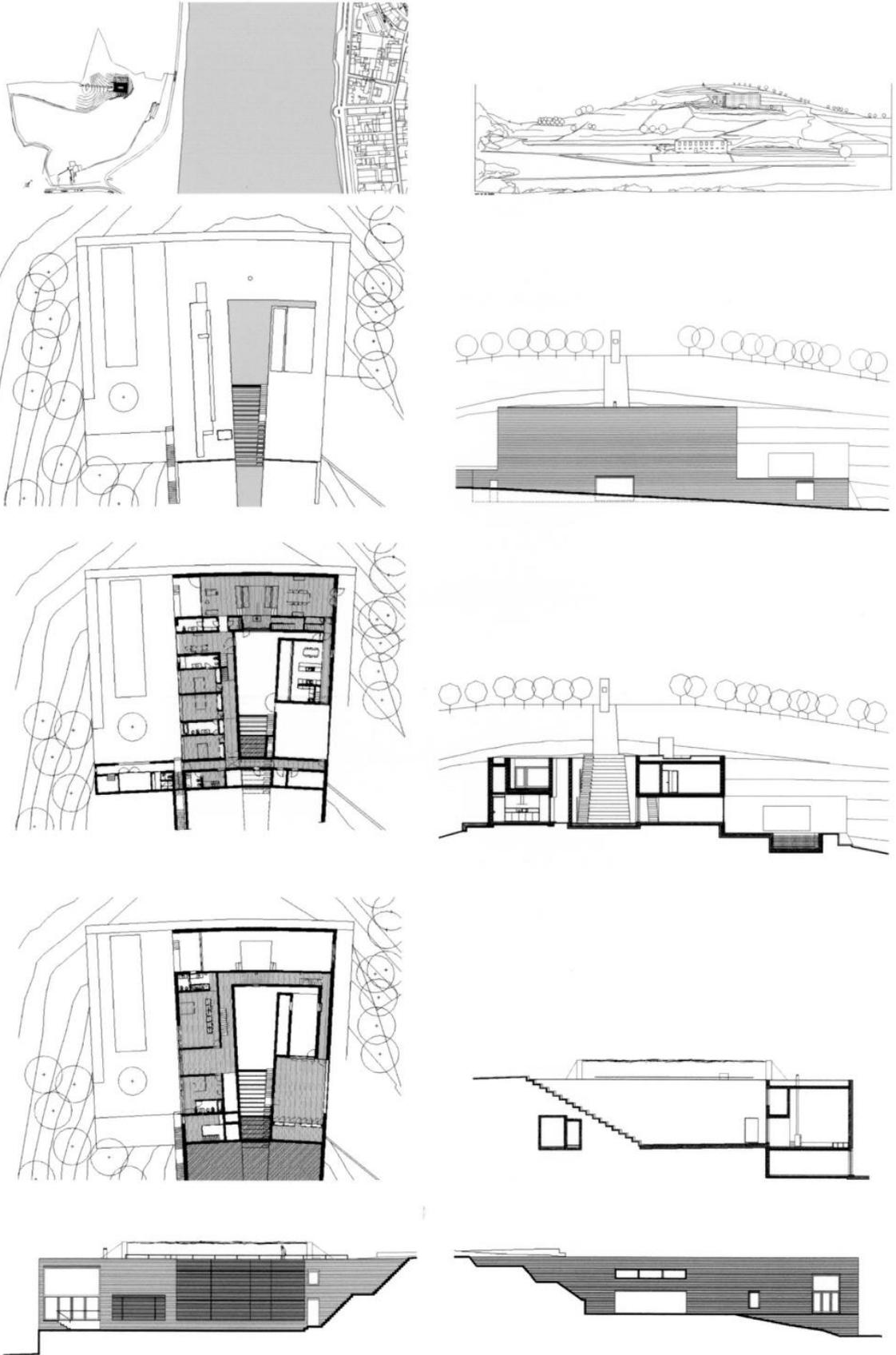
Sobre este tema ver:

TESTA, Luciano, *La Costruzione del Desiderio*, Milano, Città Studi Edizioni, 1996.

DALL'OLIO, Lorenzo, *Arte e Architettura, Nuove Corrispondenze*, Torino, Testo& Immagine, 1997.

PANZA, Pierluigi, *Estetica, Tempo e Progetto*, Milano, Edizioni Angelo Guerini e Associati, Spa, 2002.





T24

Título: Uma Casa Unifamiliar Em Castelo Da Maia

Local, Publicação, Editora:

Data: 2002

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações: Texto sobre a Casa da Maia

UMA CASA UNIFAMILIAR EM CASTELO DA MAIA

A casa de Castelo da Maia, que se destina a um casal de psicólogos com dois filhos, está implantada num terreno de 2400 m², com a forma de um quadrilátero irregular, alongado na direcção Norte-Sul.

Do ponto de vista altimétrico, aquele terreno apresentava uma ligeira elevação, mais a Norte e Poente, e descia de modo mais acentuado para Sul, encontrando-se o vértice Sudeste à cota mais baixa.

Tratava-se de um talhão, com uma frente de 27 m para a Rua de Frederico Ulrich, ocupado por plantação de eucaliptos.



A Rua Frederico Ulrich coincide com um troço da estrada municipal n.º 536, que atravessa a E. N. n.º 14, 250 metros a norte da Estação de Caminho de Ferro de Castelo da Maia.

Existe um agregado construído mais antigo, nas imediações da Estação e da E. N., mas a presença de estradas e caminhos municipais ali existentes, foram dando origem a construções de moradias em lotes adjacentes e mais recentemente estão a ocasionar operações de loteamentos já diferentes com edifícios de habitação colectiva, quase sempre da tipologia esquerdo/direito.

As estradas e caminhos municipais estão a transforma-se em ruas urbanas, mas a Rua Frederico Ulrich mantém, junto ao talhão em causa, algum carácter de estrada municipal que serve ainda quintas de exploração agrícola existentes nas imediações, muito embora se sinta uma tendência de profunda transformação. Hoje convivem ali pequenas fábricas com edifícios de 6 e mais pisos, vivendas e pequenas quintas rurais, num ambiente característico de periferia urbana.

Os lotes e construções imediatamente a Nascente, apresentam-se ortogonais à rua; a moradia que se construiu, imediatamente a Poente, desenvolve-se segundo a direcção do muro de confrontação

dos dois lotes.

A nova moradia, constituída por dois corpos paralelos entre si, perpendiculares à Rua Frederico Ulrich, ligados por uma ponte na sua extremidade norte e articulados com um terceiro volume semi-enterrado destinado a estacionamento automóvel, traduz alinhamentos e geometrias dos edifícios vizinhos.

O alçado da rua, com dois paramentos rebocados e um reguado de madeira, entre eles, assim desdobrado em três partes, adquire uma escala mais próxima dos edifícios vizinhos.

A linguagem desprovida de adjectivações, procura valorizar a "essência" espacial da nova construção, em detrimento de qualquer efeito formal ou plástico.

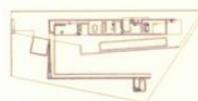
Os três corpos, organizados em U, permitem um amplo espaço "interior" que privilegia a privacidade, favorecida também pelo declive do terreno, que neste projecto adquire com clareza o de material de construção dum espaço cujo carácter é vocacionado para vivências de quotidianos familiares diversificados.

Os edifícios (o da habitação, a Nascente; o edifício-estante, a Poente e a ponte entre os dois), sugerem as funções que ali se confrontam: as do habitar, do lazer e do estudo.

Falo de privacidade, como é natural quando se fala de habitação, mas na composição arquitectónica houve a preocupação de não criar um isolamento anti-social, deixando entrever em várias situações a presença de outros edifícios.

A ala destinada à habitação, abre-se para o interior do lote, umas vezes de maneira franca e outras de modo mais indirecto através de espaço de transição como por exemplo acontece no quarto de casal e sala de jantar.

No rés-do-chão sucedem-se, depois do vestíbulo de entrada: a sala de estar, a sala de jantar, a copa, a cozinha, a lavandaria e uma sala de jogos que serve também a piscina exterior, desenhada



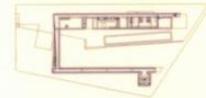
como pólo agregador de todo o espaço.
Um percurso longitudinal, ritmado por seqüências de diferentes intensidades luminosas, serve todos aqueles espaços. *



Os cortes transversais mostram seqüências de espaços com pé direito simples ou duplo de modo a conseguir caracteres mais adequados a usos diferentes.



No primeiro piso, os quartos de dormir: o de casal, o de hóspedes e o dos dois filhos, este articulando zonas individuais de dormir com uma de trabalho, têm acesso a partir da sala de estar, da copa ou do exterior, através de um corredor iluminado por um rasgo que projecta traços de luz que deslizam na parede ao longo do dia, introduzindo de modo claro a dimensão tempo na sua composição espacial.



A outra ala, que se confunde com uma grande estante de livros, serve uma sala de leitura, claramente presente volumetricamente do exterior, na sua extremidade Sul e constitui a cobertura dum percurso exterior que leva a um pequeno consultório de psicologia. Também o "corredor estante" é ritmado pela luz, que, neste caso, irradia das clarabóias colocadas sobre as pequenas mesas que servem de apoio à estante.



A ponte, se não fosse a pequena clarabóia, constituiria quase um não lugar, fora do tempo e da história, valorizando deste modo os lugares onde decorre a vida.

As casas de banho, quase sempre projectadas ao modo de grossos muros vazados com significantes desproporções, assumem um peso relevante na composição.



Houve a preocupação, de também interiormente, fugir da tentação do efeito plástico imediato, num esforço de aproximação a soluções da tradição, sem recusar a inovação e novas possibilidades tecnológicas.

O espaço interior foi estudado e construído no pressuposto de que a vida se não encerra no dormir, caminhar e trabalhar, sem conter desejos que ultrapassam o pragmático e o imediato

Na dialéctica duma arquitectura racional que se confronta com a poética do habitar, desenvolveu-se um projecto de execução, no diálogo com os clientes, procurando reduzir a fadiga de quem se dedica aos trabalhos de casa, mas que ao mesmo tempo se abre a horizontes mais vastos que ultrapassam o eminentemente útil e nalguns casos se priva mesmo do algum conforto.



Porto, Setembro de 2002

Manuel Botelho

T25

Título: Primeiras Obras, Prémios Nacionais de Arquitectura 1988

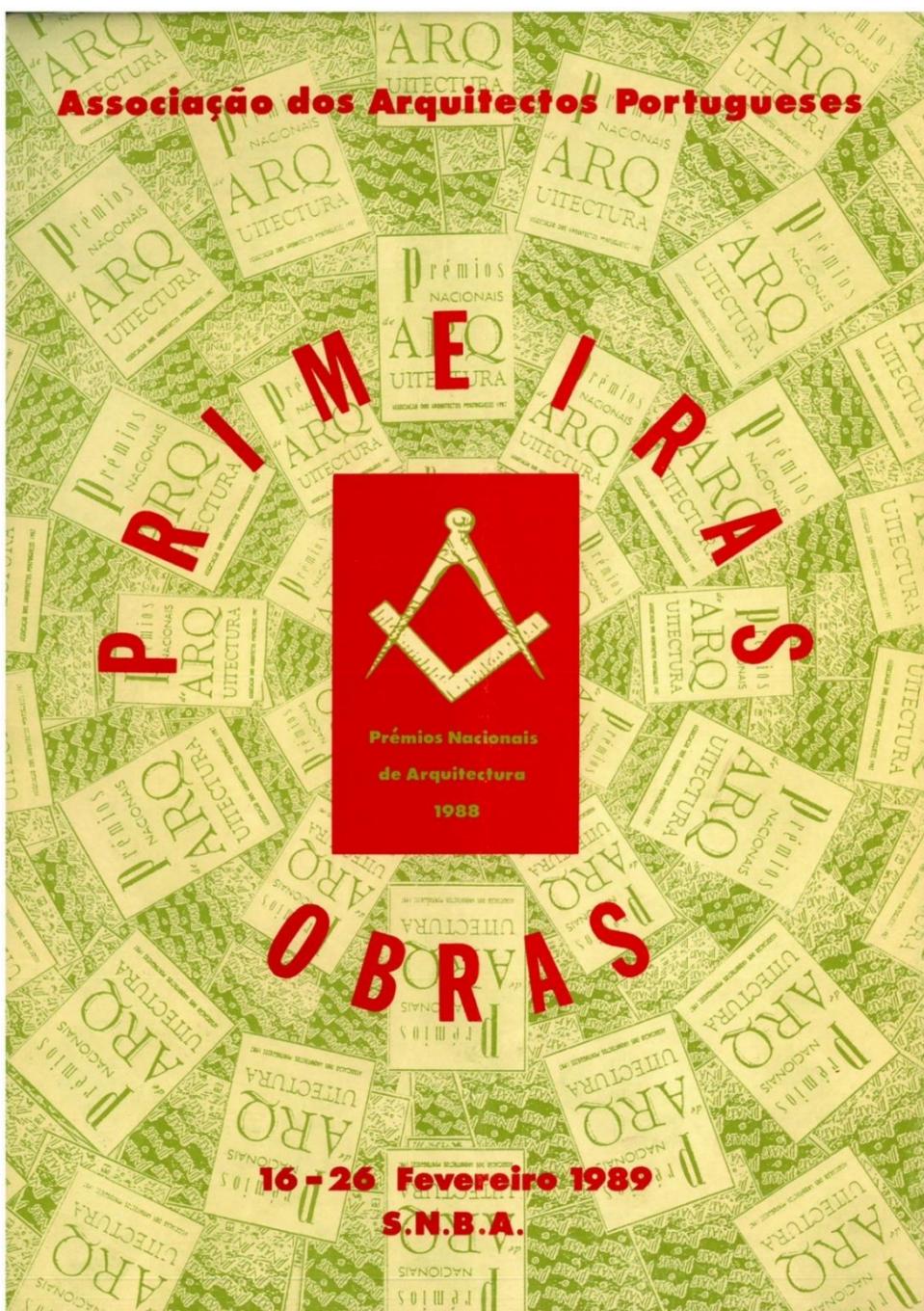
Local, Publicação, Editora: Catálogo, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses

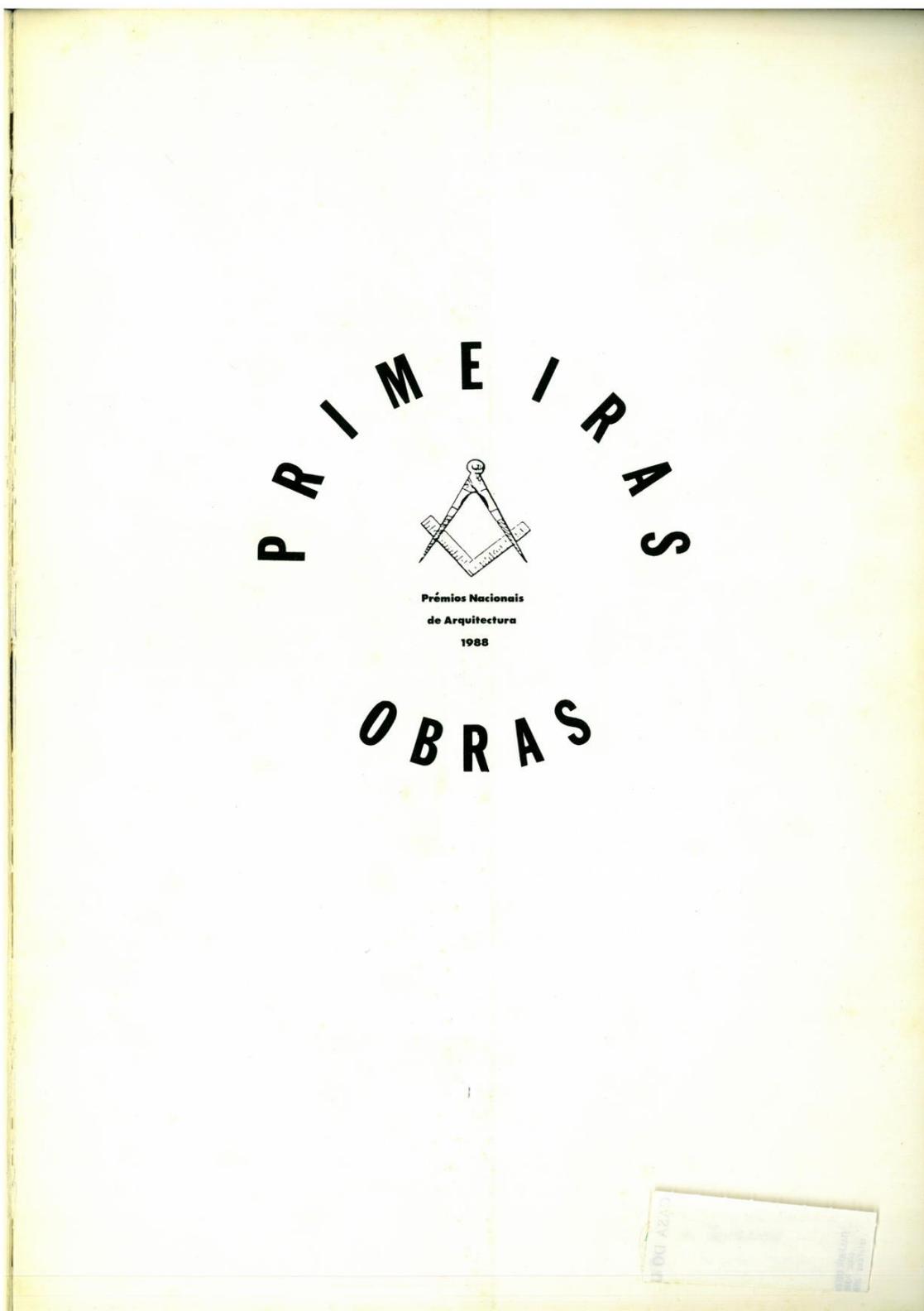
Data: 1989

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações: Publica a casa Dr. Barroso Pires, Ponte da Barca





ENTIDADES PATROCINADORAS

Fundação Calouste Gulbenkian
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Unissys
Sociedade Comercial Mattos Tavares

JÚRI

Arq.º José Charters Monteiro (Presidente)
Prof. Arq.º Alexandre Alves Costa (FAUP)
Prof. Arq.º Duarte Castel-Branco (FAUTL e FCG)
Arq.º Alexandre Brás Mimoso (IPPC)
Arq.º Pedro Vieira de Almeida (AICA)

CO-PATROCÍNIOS COMERCIAIS

Ana – Aeroportos e Navegação Aérea, EP
Artur Westheimer, Lda.
Banco de Fomento Nacional
Cel-Cat – Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, SA
Cimianto – Sociedade Técnica de Hidráulica, SARL
Engil – Sociedade de Construção Civil, SARL
Epul – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa
Grupo Dimensão SA
Hempel – Tintas Hempel (Portugal), Lda.
Lisnave – Estaleiros Navais de Lisboa, SA
Miele Portuguesa, SARL
Robbialac Portuguesa – Tintas e Decoração, RL
Sandeman & Cia.

OUTROS APOIOS

Sociedade Nacional de Belas-Artes
Associação Internacional de Críticos de Arte
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

CATÁLOGO

Capa e concepção gráfica de Luís Miguel Castro
Execução: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, Lda.

* Esta iniciativa, ao abrigo do Decreto 258/86 “Lei do Mecenato”,
foi considerada de manifesto interesse cultural por Despacho
de Sua Excelência a Secretária de Estado da Cultura,
Dr.ª Teresa Gouveia, com data de 13 de Janeiro de 1987

NOTA DE ABERTURA

A Architectura é uma profissão muito jovem em Portugal:
uma elevada percentagem dos architectos tem menos de 40 anos.

E é concerteza uma profissão do futuro,
pois as necessidades do País
em termos de planeamento urbano, de habitação, de equipamentos
públicos, de reabilitação do património construído, são imensas.

É por isso, quanto mais não seja,
que a AAP tem tomado iniciativas
e acompanha com o maior interesse
tudo o que respeita à formação dos architectos
e à sua inserção na vida profissional.

É no âmbito dessas iniciativas que se situa a organização do Prémio
para as primeiras obras,
a atribuir bienalmente no quadro dos Prémios Nacionais de Architectura.

Esta iniciativa é necessária a vários títulos.

Por um lado, pretende-se favorecer a revelação de novos valores
dentro da profissão. Sendo hoje os architectos em muito maior número
do que há uns anos atrás e estando as obras muito mais dispersas
no território, é difícil aos jovens mais talentosos e competentes
dar a conhecer o seu trabalho.

Por outro lado,
a AAP não pode dispensar-se de favorecer a divulgação de obras
de Architectura de qualidade exemplar.

As carências do meio em termos de formação cultural
e as insuficiências ao nível da própria produção
exigem uma acção constante de divulgação.

A batalha pela qualificação do espaço edificado
exige da organização profissional
um esforço permanente e multiforme.

Por outro lado ainda,
com a crescente internacionalização da produção cultural,
acentuada agora com a integração de Portugal na Comunidade Europeia,
torna-se necessário valorizar os contributos que os architectos portugueses
podem dar para a afirmação da nossa cultura no quadro alargado
em que agora nos inserimos.

Ao organizar pela primeira vez este Prémio,
a AAP tem assim a convicção de estar a contribuir
para a elevação do quadro de vida da população portuguesa
e para a difusão de valores culturais
indispensáveis a esta nova fase da vida do País.

E, ao fazê-lo, agradece às entidades que não regatearam o seu apoio
a esta iniciativa, lançada com um entusiasmo que encontrou
a devida resposta nos numerosos trabalhos admitidos a concurso.

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA

RELATÓRIO FINAL DO JÚRI

1. O Júri efectuou três reuniões, sempre com a presença da maioria dos seus elementos.
2. As deliberações foram tomadas por unanimidade.
3. O Prof. Dr. Artur Nobre de Gusmão, representante da Fundação Calouste Gulbenkian, comunicou não poder estar presente nas futuras reuniões, por compromissos inadiáveis, tendo delegado a representação da Fundação Calouste Gulbenkian no Prof. Arq.º Duarte Castel-Branco.
4. Os elementos do Júri tomaram conhecimento da indicação do Prof. Castel-Branco, como representante da Fundação Calouste Gulbenkian, lamentando não poder contar com o Prof. Nobre de Gusmão, entre os jurados, pois o seu contributo qualificado e específico, muito enriqueceria os trabalhos de avaliação e qualificação das obras concorrentes.

Primeira reunião: efectuada no dia 5 de Dezembro de 1988, pelas 14.30 horas.

Na primeira reunião procedeu-se à abertura e verificação dos trabalhos dos concorrentes, num total de 48, dos quais 36 entregues na Secção Regional do Sul e 12 entregues na Secção Regional do Norte da AAP. — Verificou-se que todos os trabalhos estavam em condições de serem admitidos. — A uma questão prévia levantada pelo represen-

tante do Instituto Português do Património Cultural, sobre uma possível incompatibilidade da sua presença no Júri, foi entendido não haver qualquer motivo nem regulamentar, nem moral que justificasse essa mesma incompatibilidade (ponto 4.4 do Regulamento do Concurso).

Segunda reunião: efectuada no dia 12 de Dezembro de 1988, com duas sessões de trabalhos (das 9.00 horas às 12.30 horas e das 21.00 horas às 23.30 horas).

Na segunda reunião o Júri procedeu à discussão dos objectivos do Concurso, no sentido de estabelecer os parâmetros de apreciação a reter, e que se fixaram como sendo:

- 1) privilegiar a investigação formal e a linguagem própria, em detrimento de qualquer convencionalismo, ainda que revelando maior maturidade;
- 2) privilegiar a criatividade e a inovação, ainda que com algum risco, em detrimento de manifestações de profissionalismo, mesmo com referência a modelos altamente qualificados;
- 3) privilegiar o sentido de inserção das obras no sítio, e o sentido de discussão que pressuponham da arquitectura, do desenho do território e da cidade, como conceitos, independentemente da diversidade de temas e das escalas de intervenção.

Em seguida, o Júri decidiu recomendar vivamente à AAP que em futuras realizações, e dado tratar-se de um Concurso de Obras e não de Projectos, sejam fornecidas aos concorrentes normas mínimas a respeitar na informação a fornecer para apreciação técnica, designadamente, que esclareçam as relações de cada obra com a sua envolvente.

Por apreciação individual, e posterior discussão colectiva pelos membros do Júri, foram apreciados todos os trabalhos, tendo sido eliminados, sucessivamente e por mérito relativo, 41 trabalhos, ficando para a última fase de apreciação 7 trabalhos:

- Habitação Eng.^a Estela Gomes, na Moita
- Casa de Habitação em Vieira do Minho/Quinta da Cerqueira
- Habitação Unifamiliar em Ponte da Barca
- Central de Camionagem de Lamego
- Casa Mortuária de Alhos Vedros
- Entrada e Pavilhão da Recepção a Turismo do Recinto da Feira/Açores
- Pavilhão da Secretaria Regional de Agricultura e Pescas para a Feira/Açores

Terceira reunião: efectuada no dia 16 de Dezembro de 1988, pelas 9.30 horas.

Na terceira reunião, o Júri debruçou-se sobre os 7 trabalhos que havia seleccionado para a última fase de apreciação, com vista à atribuição dos prémios do Concurso.

Foram aprofundadas e debatidas as 7 obras, tendo em atenção os parâmetros críticos que haviam sido escolhidos como metodologia de apreciação e de selecção. Em face das obras seleccionadas como premiáveis, das suas características e dos prémios a atribuir — Prémio Francisco Keil do Amaral, Prémio Revelação e a possibilidade de serem atribuídas Menções Honrosas, entendeu o Júri atribuir os seguintes Prémios e Menções Honrosas:

PRÉMIO FRANCISCO KEIL DO AMARAL

(no valor de 500 000\$00)

à obra

CASA UNIFAMILIAR EM PONTE DA BARCA

da autoria do arquitecto

MANUEL BOTELHO

I.º PRÉMIO REVELAÇÃO EX-AEQUO

(no valor de 125 000\$00)

às obras

PAVILHÃO DA SECRETARIA REGIONAL DA AGRICULTURA E PISCAS

PARA A FEIRA/AÇORES

da autoria do arquitecto

PEDRO MAURÍCIO BORGES

ESTAÇÃO CENTRAL DE CAMIONAGEM/LAMEGO

da autoria dos arquitectos

JOSÉ CARLOS PORTUGAL / CARLOS PRATA

MENÇÕES HONROSAS

(ordem de inscritos no Concurso)

às obras

CASA DE HABITAÇÃO EM VIEIRA DO MINHO

da autoria do arquitecto

JORGE CROFT

HABITAÇÃO ENG.^a ESTELA SANTOS/MOITA

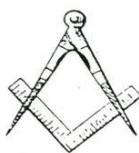
da autoria do arquitecto

CÂNDIDO CHUVA GOMES

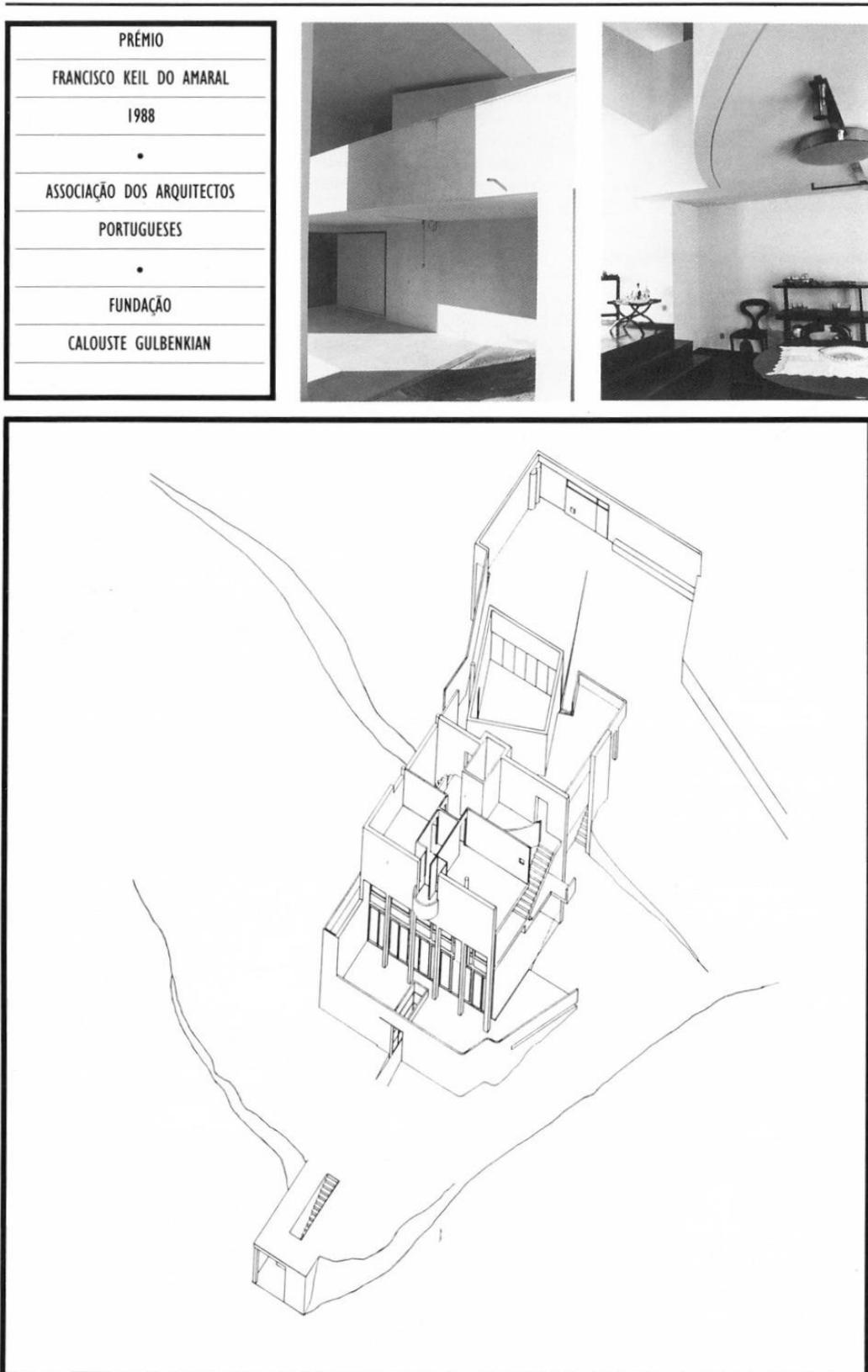
CASA MORTUÁRIA / ALHOS VEDROS

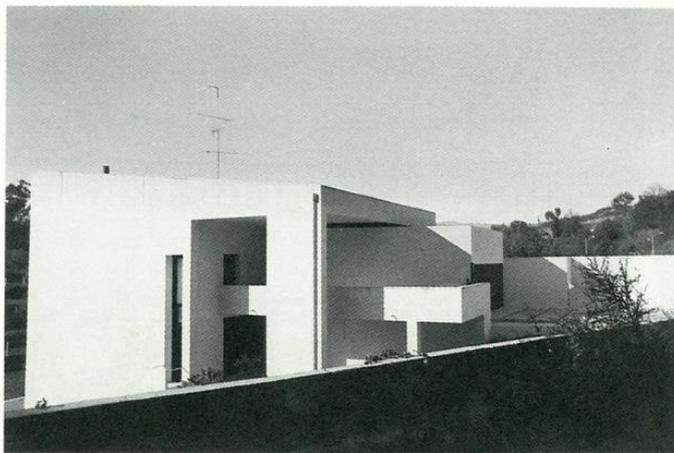
da autoria do arquitecto

JOÃO MARTINS LUCAS DIAS



**Prémios Nacionais
de Arquitectura
1988**

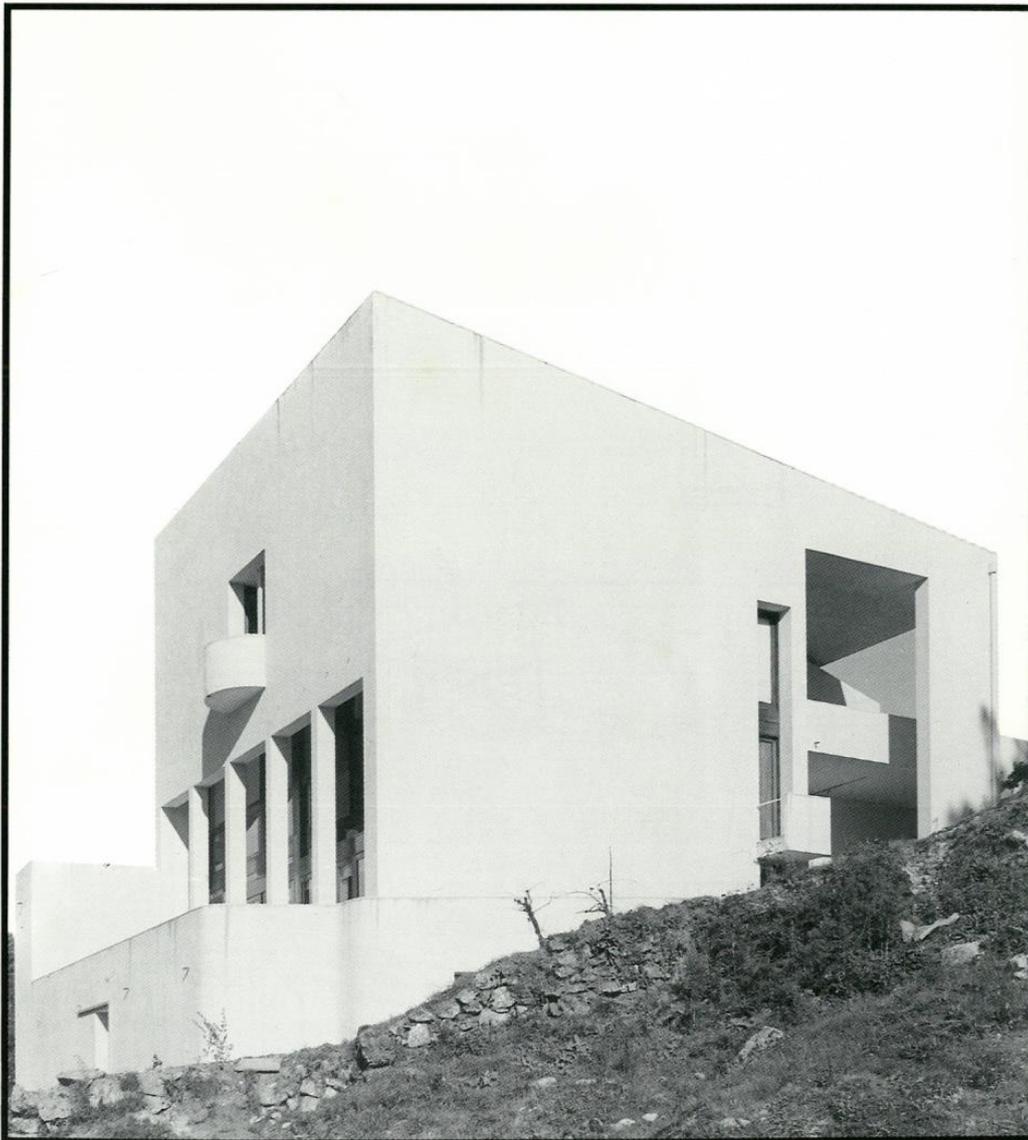




HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

Ponte da Barca, 1984-1987

Arquitectura: Manuel Tomás de Carvalho Botelho; Colaboração: Isabel Maria Sampaio Sereno (Arq.¹³); Dono da obra: Dr. Luís Barroso Pires; Estruturas: Eng. Telmo de Carvalho Ferreira; Águas e esgotos: Eng. A. Matos de Almeida; Electricidade: Eng. J. Gomes Semra; Construção: Baptista e Carpinteira, Lda.



REGULAMENTO

1. Objectivos

1.1 Considerando que é dever da Associação dos Arquitectos Portugueses incentivar a boa prática da Arquitectura, divulgando-a e sujeitando-a à crítica e objectivando a compreensão do papel que ela deve representar na Sociedade Portuguesa, a AAP institui os Prémios Nacionais de Arquitectura — 1.º Obras, de âmbito nacional, destinados a destacar obras projectadas por arquitectos no início da sua carreira profissional.

1.2 Os Prémios Nacionais de Arquitectura — 1.º Obras, são instituídos sob a égide "Prémio Francisco Keil do Amaral", pretendendo-se associar o nome deste notável arquitecto, grande organizador, crítico, didacta e dirigente associativo, à prática da arquitectura pelas novas gerações, assinalando também os 40 anos da realização do I Congresso de Arquitectura, de que foi grande animador.

1.3 Os Prémios e Menções Honrosas constarão de um diploma e de uma placa em material imperecível destinada a ser colocada na obra.

Serão também atribuídos os prémios pecuniários e o prémio especial descritos no ponto 2 deste Regulamento.

2. Prémios e Condições de Participação

2.1 Serão atribuídos os seguintes prémios pecuniários:

1.º - Prémio Francisco Keil do Amaral 500 000\$000 (patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian)

1.º - Prémio Revelação 250 000\$000 (patrocinado pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa)

a) A atribuição de Prémios Ex-aequo implica a divisão do valor do prémio.

b) Poderão ainda ser atribuídas Menções Honrosas, a critério do Júri.

2.2 O Prémio Especial atribuído pelas Empresas Unisys - Sociedade Lusitana de Organizações, Lda. e Sociedade Comercial Mattos Tavares, Lda., é atribuído a todos os trabalhos distinguidos com prémios ou menções honrosas e consta de uma formação específica e do direito de utilização gratuita do equipamento CAD posto à disposição da AAP, durante dois anos.

2.3 Poderão concorrer aos Prémios Nacionais de Arquitectura — 1.º Obras, as obras concluídas no decurso dos cinco anos imediatamente anteriores ao ano do título (1983/4/5/6/7/8), que não tenham já sido objecto de qualquer outro tipo de premiação, e cujos autores sejam associados da AAP, no pleno gozo dos seus direitos, com o curso completo depois de 1978.

2.4 As obras candidatas aos prémios terão de ter sido construídas em território Nacional ou sob Administração Portuguesa (Maccau).

3. Apresentação e Entrega dos Trabalhos

3.1 De cada obra concorrente aos Prémios Nacionais de Arquitectura — 1.º Obras, será apresentado um painel com formato 1 m x 1 m, em base rígida e, ainda, um portfolio, incluindo ficha técnica, texto dactilografado com 30 linhas, 5 fotografias e 5 elementos desenhados, em formato A4, de entre os quais serão escolhidos os elementos para o catálogo.

a) No painel de apresentação dos trabalhos (1 painel por trabalho) figurarão em cima o nome e a localização da obra e em baixo o nome dos autores e co-autores;

b) O material base do painel será idêntico para todos os candidatos e será indicado pelo Secretariado.

3.2 A identificação dos concorrentes e as fichas técnicas dos trabalhos (que deverá constar de todas as peças apresentadas) deverão ser redigidas de forma a salvaguardar correctamente as autorias, co-autorias e colaborações.

3.3 Os trabalhos concorrentes, deverão ser entregues nas Sedes da AAP, ou enviados por correio registado com aviso de recepção até ao dia 30 de Novembro de 1988.

1. No caso do dia limite da entrega correspondente a sábado, domingo ou feriado, o encerramento das inscrições será transferido para o primeiro dia útil subsequente.

3.4 Quaisquer maquetas ou outros elementos não poderão ser considerados pelo Júri, embora sejam solicitados para a exposição.

4. Júri

4.1 O Júri dos Prémios Nacionais de Arquitectura será constituído por elementos designados, um por cada uma das seguintes entidades:

— Associação dos Arquitectos Portugueses

— Fundação Calouste Gulbenkian

— Associação Internacional dos Críticos de Arte

— Faculdades de Arquitectura de Lisboa e Porto

— Secretaria de Estado da Cultura

Os elementos do Júri serão arquitectos ou críticos com reconhecido trabalho no campo da Arquitectura.

4.2 As reuniões do Júri serão secretas, e delas serão lavradas actas que mencionarão todas as deliberações, assim como um relatório final fundamentando cada atribuição de Prémio ou Menção Honrosa.

4.3 O Júri será presidido pelo representante da AAP, que terá voto de qualidade em caso de empate e deliberará por maioria simples de voto, sendo as suas decisões definitivas e delas não cabendo qualquer recurso.

4.4 Os arquitectos que tenham participado em qualquer das fases de elaboração das obras concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura — 1.º Obras, bem como os seus colaboradores e associados, não poderão fazer parte do Júri.

4.5 Para declarar um prémio vago, o Júri deverá contar com o voto de 2/3 dos seus membros.

5. Entrega dos Prémios

5.1 A AAP organizará uma exposição de todos os trabalhos premiados e distinguidos com menções honrosas, a qual se realizará em Lisboa e Porto, sendo ainda apresentadas nas localidades onde se situem as obras premiadas e no estrangeiro, de acordo com uma ordem de prioridades a definir pela AAP.

5.2 Os diplomas correspondentes aos prémios, serão entregues aos respectivos autores em cerimónia a realizar na abertura da exposição.

5.3 No decorrer das exposições, poderão ser organizados colóquios e debates sobre temas relevantes do âmbito dos trabalhos expostos, bem como sobre temas pertinentes para a boa prática da Arquitectura e sua utilização.

5.4 Do catálogo constarão, além dos premiados e menções honrosas, referências (com ficha técnica e uma fotografia) de todas as obras concorrentes.

6. DISPOSIÇÕES GERAIS

6.1 Os trabalhos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura não premiados nem distinguidos com menções serão retirados pelos interessados dentro do prazo máximo de sessenta (60) dias, contados a partir da data de encerramento da Exposição referida no ponto 5.1. Findo este prazo a AAP não terá qualquer responsabilidade sobre os trabalhos não retirados.

6.2 A inscrição nos Prémios Nacionais de Arquitectura implica a total e absoluta concordância com os termos deste regulamento.

6.3 Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Directivo Nacional da AAP, ou pelo Secretariado dos Prémios que funcionará na sede da AAP e dará os necessários esclarecimentos.

7. Inscrições

7.1 A inscrição far-se-á até à data limite para entrega dos trabalhos mediante preenchimento de ficha própria e pagamento de 2000\$000, ficando todos os inscritos com direito a um exemplar do Catálogo da Exposição.

7.2 Por cada trabalho apresentado deverá ser feita uma inscrição.

8. Calendário

De 5 a 15 de Outubro: Anúncio Público.

Até 30 de Novembro: Entrega dos trabalhos.

Até 15 de Dezembro: Reunião do Júri.

Janeiro: Entrega dos Prémios e Exposição em Lisboa.

Lisboa, 14 de Setembro de 1988.

T26

Título:

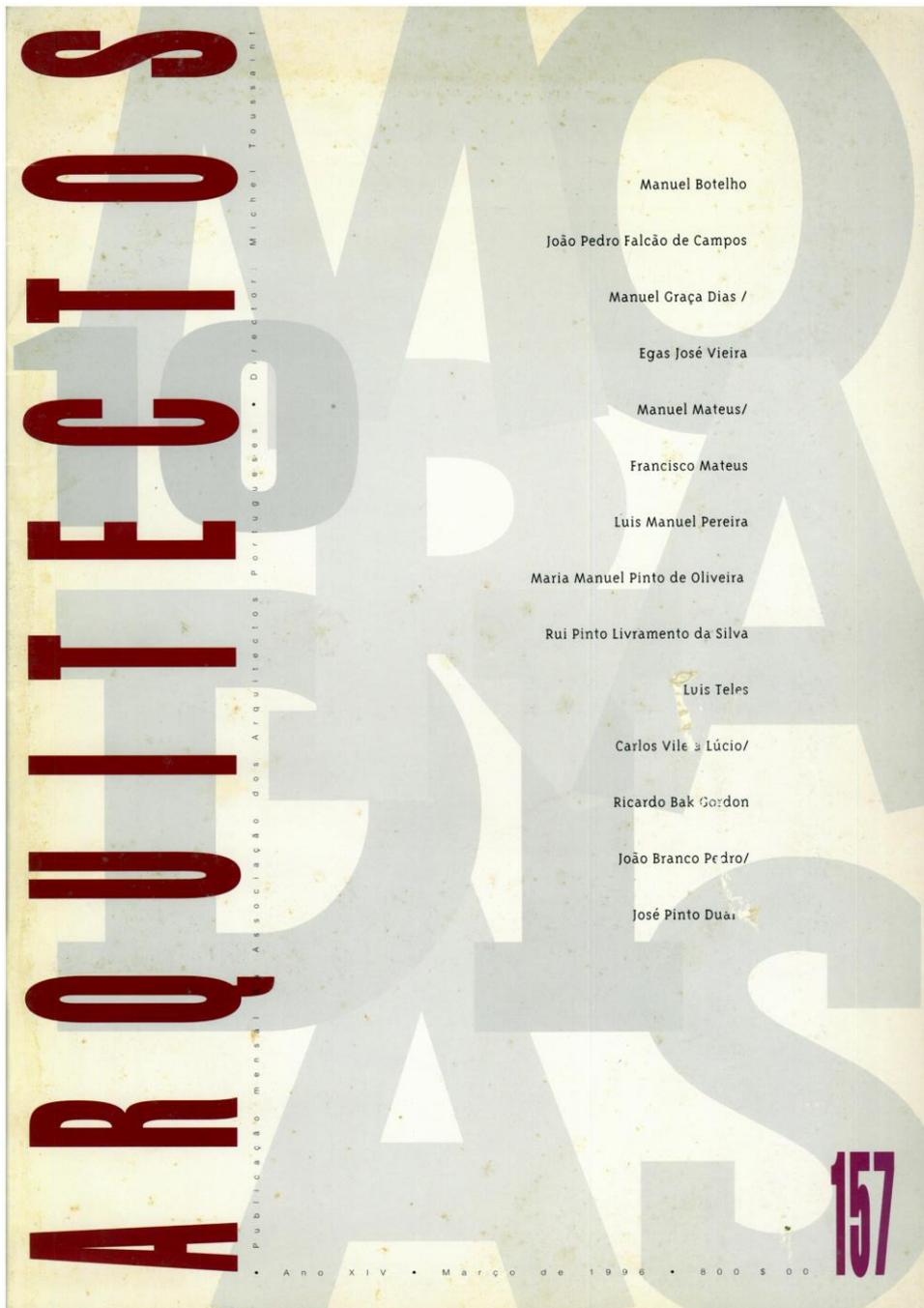
Local, Publicação, Editora: JA nº 157

Data: 1996

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações: Publica a Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Nespereira, Cinfães



Oferecido pela
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES
SECÇÃO REGIONAL DO NORTE

EDITORIAL

ARQUITECTOS

10	Lugar doce lar
16	Casa Ricardo Teles
20	Casas Cristina Rodrigues e Dr. Francisco Camacho
24	Casa do Guarda
28	Casa Narciso Ferreira
32	Casa Bi-familiar em Trajouce
36	Habitação Unifamiliar em Nogueiró
40	CCasa de férias em Loivo
42	Casa do Dr. Rui Nina
46	Casa na Azóia
50	Sonho da Casa Pré-fabricada
56	Leituras

Desde o século XIX que a habitação isolada no meio de um jardim passou a ser campo de experimentação arquitectónica. Tratava-se de afinar um tipo que correspondia às necessidades das classes médias nas sociedades em processo de industrialização quer na Europa quer nos E.U.A.

Por outro lado, a moradia representou a mudança de atitude dos próprios arquitectos quer agora se debruçam sobre o quotidiano, o conforto, a qualidade global, abandonando a exclusividade do monumento, do excepcional como espinha dorsal da sua prática e conceptualização.

A casa das classes médias foi um dos motores da modernidade desse século e do seguinte que é o nosso e que está em vias de ser substituído por outro.

Será que as condições actuais já não são as mesmas e a moradia deixou de ser campo de experimentação para os arquitectos de hoje?

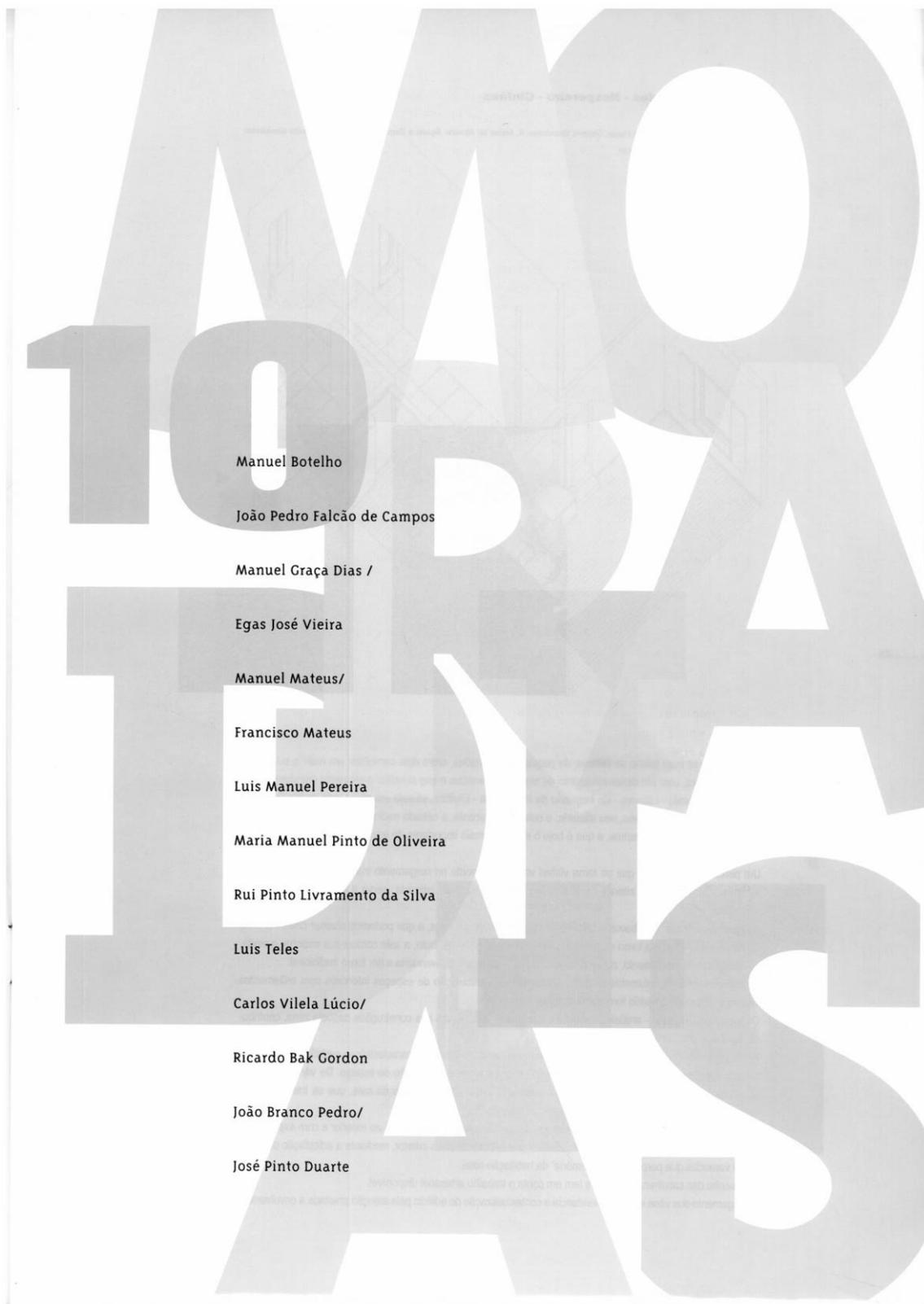
Tal não parece ser. Os exemplos publicados neste número do JA mostram ainda a vitalidade do tipo arquitectónico, aquele onde o arquitecto e o cliente/habitante estão mais próximos, podendo assim levar a uma rara simbiose capaz da melhor qualidade, do melhor interesse.

Michel Toussaint

MARCO DE 1996

157

Director **Michel Toussaint** • Chefe de Redacção **Margarida Colaço** • Conselho Redactorial - Núcleo Executivo • **Michel Toussaint** • **Margarida Colaço** • Adjunta da Redacção **Ana Silva Dias** • Representante CDN **Carlos Guimarães** • Representante CDRS **Luis Manuel Pereira** • Representante CDRN **João Paulo Rapagão** • Escolas e Investigação - FAUL • FAUP **José Salgado** • Lusíada **José Aguiar** • ESBAP **Artur Moreira Gonçalves** • FCTU Coimbra **José António Bandeirinha** • LNEC **António Reis Cabrita** - Críticos **Alexandre Alves Costa** • **Duarte Cabral de Melo** • **José Manuel Fernandes** • **João Belo Rodeia** • **Manuel Graça Dias** • **Manuel Mendes** • **Manuel Tainha** • **Nuno Portas** • **Pancho Miranda Guedes** • **Pedro Vieira de Almeida** • **Troufa Real** • **Victor Consiglieri** • Secretária de Redacção **Fátima Cecílio** • Colaboraram neste número: **Carlos Vilela Lúcio**, **Egas José Vieira**, **Fernando Hipólito**, **Francisco Aires Mateus**, **J.P. Falcão de Campos**, **João Branco Pedro**, **José Pinto Duarte**, **Luis Manuel Pereira**, **Luis Teles**, **Manuel Aires Mateus**, **Manuel Botelho**, **Manuel Graça Dias**, **Maria Manuel Pinto de Oliveira**, **Ricardo Bak Gordon**, **Rui Pinto Livramento da Silva** • Relações Públicas, Marketing e Publicidade **Maria de Lurdes Melo** • Redacção e Administração Edifício Banhos de S. Paulo - Trav. do Carvalho, 21/25 - 1200 Lisboa, Tel: 343 24 54/9, Fax: 343 24 51 • Direcção Gráfica **Pedro Silva Dias** • Paginação **Catarina Barros e Sousa** • Execução Gráfica **Costa & Valério, Lda.**, Trav. Convento de Jesus, nº 4-1º, 1200 Lisboa, Tel: 395 18 18/60 45 53/395 26 75 • Tiragem 7 000 exs. • Depósito Legal 27626/89 • ISSN 0870 - 1504 0 AAP • Propriedade da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP)

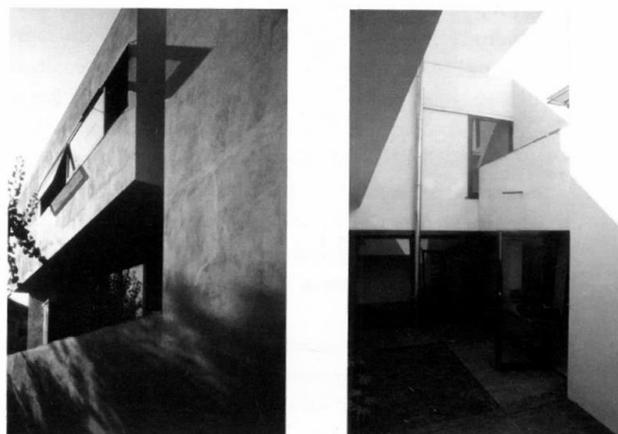


Casa Ricardo Teles - Nespereira - Cinfães

Manuel Botelho

Colaboração Isabel Sereno, João Duque Carreira **Estruturas** A. Matos de Almeida **Águas e Esgotos** A. Matos de Almeida **Construtor**

Construções do Ardena **Datas** 1987/91



A casa situa-se num talhão de terreno, de pequenas dimensões, entre dois caminhos; um mais a sul, a uma cota mais baixa, com um desenvolvimento de alguns quilómetros e que constitui o elemento estruturante dos aglomerados rurais - Lugares - da freguesia de Nespereira - Cinfães, situada em pleno vale do Rio Paiva, na bacia hidrográfica do Ardena, seu afluente; e outro mais recente, a estrada nacional nº 225, a uma cota mais elevada cerca de quatro metros, e que é hoje o elemento mais importante de ligação entre os vários Lugares da freguesia.

Um percurso em escada, que se torna visível volumetricamente no rasgamento transversal do edifício e se alarga no pequeno pátio interior conferindo-lhe um carácter mais intimista, serve a casa a partir dos dois caminhos.

Ao nível da entrada mais baixa, localizam-se os espaços de arrumos, a que podemos chamar cave. Ao nível da entrada superior, em torno do referido pátio, sucedem-se o vestibulo, a sala comum e a cozinha, e ainda, do outro lado do rasgamento, zonas de apoio, como a garagem, a lavandaria e um forno tradicional.

A definição seca da volumetria exterior, contrapõe-se a articulação de espaços interiores com enfiamentos visuais que o vazio do pátio torna mais densos.

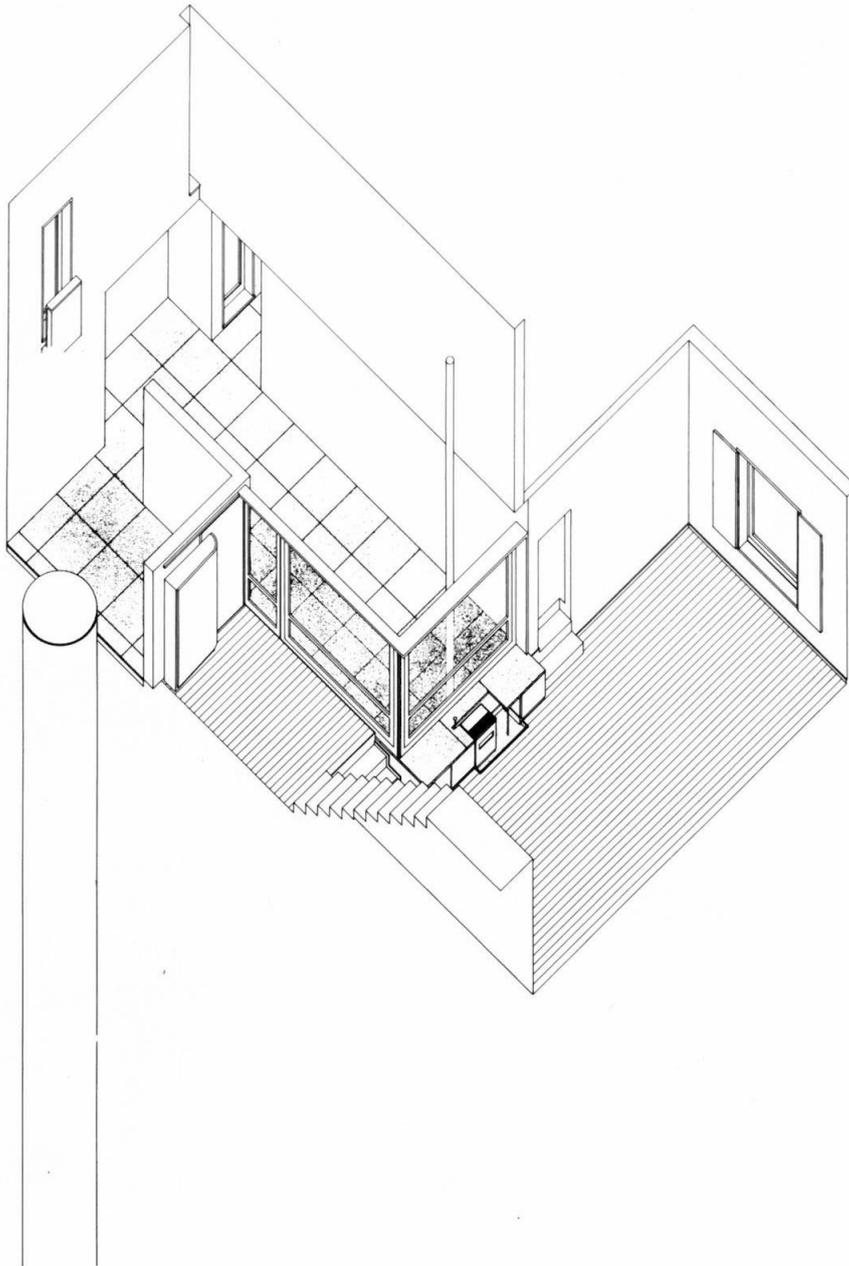
Os materiais utilizados - ardósias, rebocos e madeiras - tradicionais nas construções daquela zona, contribuem também para aumentar o carácter de "casa".

Neste projecto continuei a pesquisa, que costumo chamar de busca de características metafóricas da arquitectura, que considero um processo fortemente potenciador da densificação do espaço. De vários exemplos que poderia enumerar, recordo apenas a ardósia da soleira do grande vão da sala, que se transforma em tampo de móvel e pavimento do pátio que entra no interior.

Num piso mais elevado, um corredor serve os quartos de dormir, mais abertos ao exterior e com exposição a Sudoeste. Mas também se garante a Nordeste a privacidade do pátio interior, mediante a articulação de escadas e varandas que perpetuam a "memória" da habitação rural.

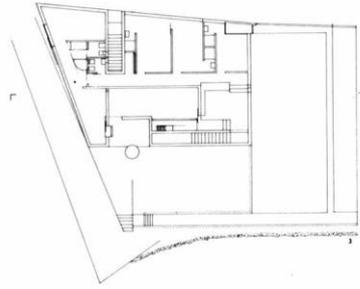
O desenho das caixilharias e móveis tem em conta o trabalho artesanal disponível.

O rasgamento dos vãos exteriores evidencia a contextualização do edifício pela atenção prestada à envolvente.

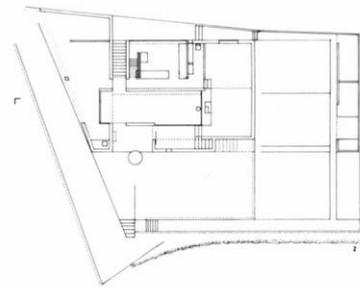


17

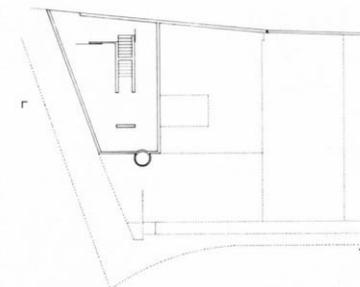




Cave, arruamentos

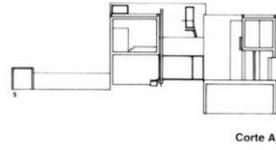
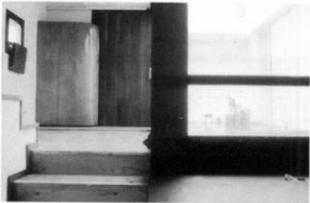


Sala, cozinha, pátio, garagem, lavanderia e serviços

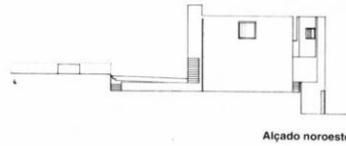


Quartos, sala de trabalho

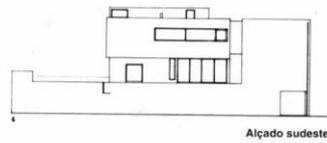




Corte A

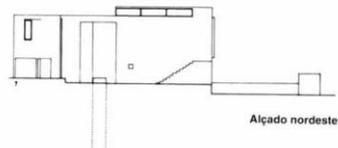


Alçado noroeste



Alçado sudeste

19



Alçado nordeste

Alçado sudeste



T27

Título: Relatório do trabalho de investigação do Arq. Manuel Tomás de Carvalho Botelho em ordem ao Doutoramento

Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

Venho a interrogar-me e a procurar esclarecer-me sobre o que poderá constituir a **substância de Architectura**, em ordem a uma possível definição de um seu corpo disciplinar que é necessário aprender.

Investiguei o conceito de Architectura em Vitruvio, Alberti, Palladio, Boullée, Whright, Corbusier, Gropius, Mies Van der Rohe e Kahn e verifiquei que, para o conjunto destes autores, o conceito de Architectura não é unívoco; e também não encontrei, de Vitruvio a Kahn, a tranquilidade de uma resposta igual ao interrogá-los sobre a finalidade do projecto de Architectura.

O que é necessário aprender em Architectura?

Vou pressentindo, no âmbito disciplinar do projecto, *um contínuo orgânico, testemunha de um certo sentido de permanência, que estabelece relações não tanto com as componentes imediatas de cada idade histórica, mas principalmente com as grandes opções civilizacionais.*

Só é possível falar de **disciplina**, se se admite a sua interna consequencialidade e organicidade, ou se se aceita um seu **corpo** específico, que permite a sua continuidade de vida constantemente activa e constituirá a sua específica **transcendência**.

Ao dizer isto, situo-me no campo **logico-racional**, que julgo ser o único capaz de permitir a comunicação inter-pessoal, mesmo admitindo que esse corpo específico disciplinar seja susceptível de percepções subjectivas diferenciadas.

Ocupo-me, neste momento, em caracterizar, do meu ponto de vista experimental, e da reflexão colhida do testemunho dos autores citados, os vectores desse núcleo disciplinar, traduzível em números, medida ou em entidades geométricas não abstractas.

Neste momento, inclino-me a situar esta problemática, numa área muito próxima da antiga polémica de saber se a Architectura é arte - “no sentido platónico de **tribé**”- ou ciência. Se, enquanto número e forma, é ciência; ela é também arte, porque obrigada a reflectir constantemente sobre os próprios princípios.

Mas não é ciência pura, porque não é só numero; é também forma. E é mais do que ciência porque recolhe uma série de artes - “**technai**”-, constituindo o primeiro e último elo de uma série de processos técnicos, investigações matemáticas, movimentos científicos, - **e não podemos esquecer aqui a concinnitas de Alberti** - a que deve abrir-se e conferir unidade, pela descoberta e consolidação da forma, - esta essencialmente destinada ao seu preenchimento humano, a ponto de se poder dizer que só existe Architectura quando for lugar do ser-homem, quando for “**casa**”.

A organicidade interna da Architectura é assim a síntese da oposição dialéctica da **techné** e do **oikos**. Daí também a força do projecto, onde necessariamente se encontra a racionalidade com a intuição, a disciplina com a fantasia e a lógica com o sentimento.

Tudo é devir: até a moral e a ética. A mudança é um fenómeno do ser. Mas, se é importante que a Architectura encontre a liberdade de responder às necessidades renovadas do homem, é igualmente importante que exprima o **segredo profundo** que encerra o pulsar colectivo do habitar - entendido na extensão do tempo e espaço .

O momento forte da espacialidade arquitectónica constitui a relação quase ontológica do verdadeiro com o ser, momento impossível sem a presença da racionalidade, da lógica e da disciplina. Por isso afirmo que esse núcleo disciplinar da Architectura constitui sempre a **Estrutura Profunda** do Projecto.

Neste momento, não sou capaz de indicar a sequência dos capítulos que esta investigação irá assumir.

Iniciarei, agora, a redacção de textos quase em correspondência dos conceitos enunciados em cada um dos parágrafos anteriores, para depois, numa redacção final responder, de modo mais consequencial, ao **como e ao que apreender da Architectura**, de modo a possibilitar a experimentação do projecto, como um modo rico **de poesia** e generosidade que sente as instituições e realidades do mundo.

T28

Título: Pequeno texto sobre casa da Maia

Local, Publicação, Editora:

Data: 1994

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

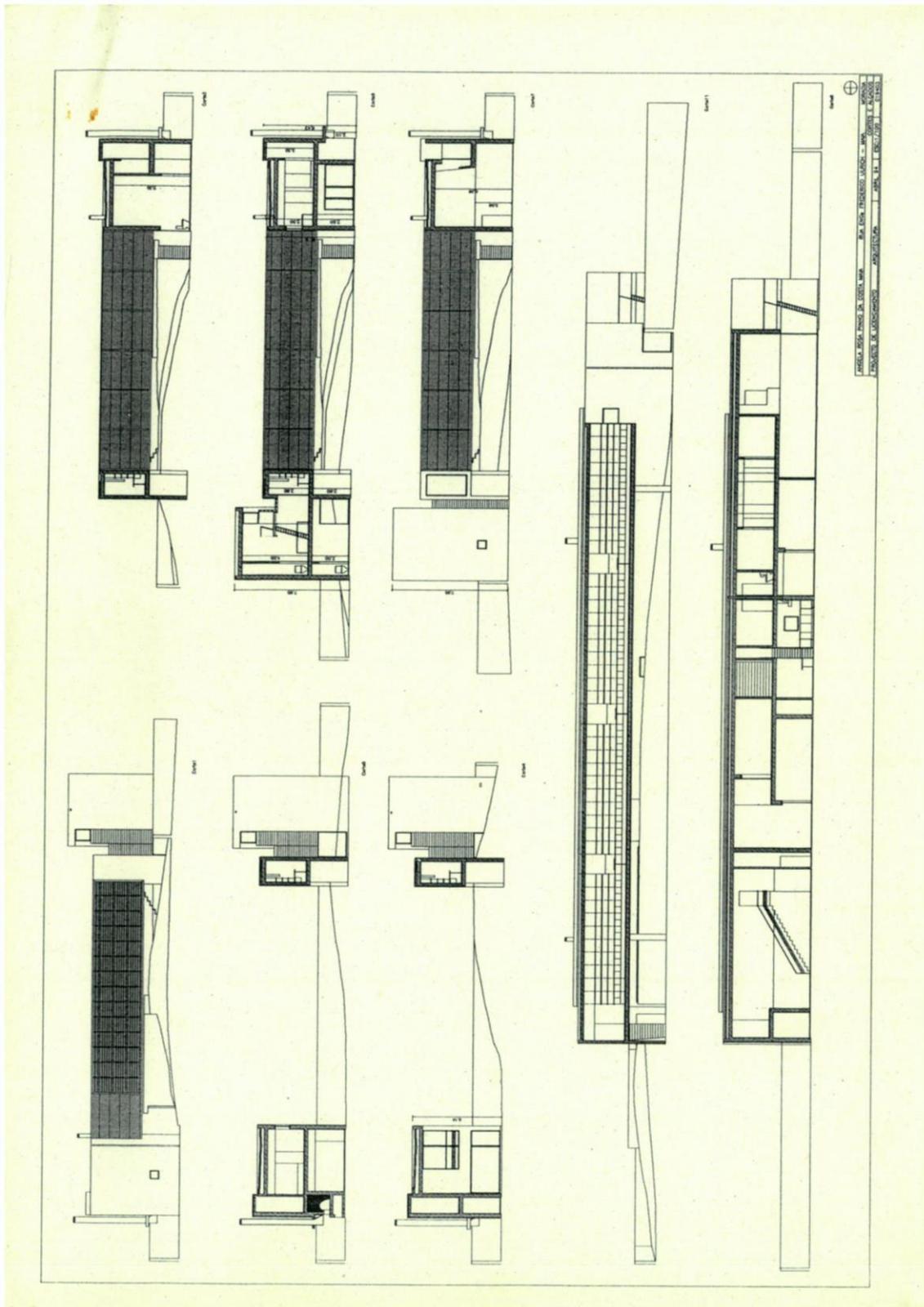
Outras informações: Texto sobre a Casa da Maia

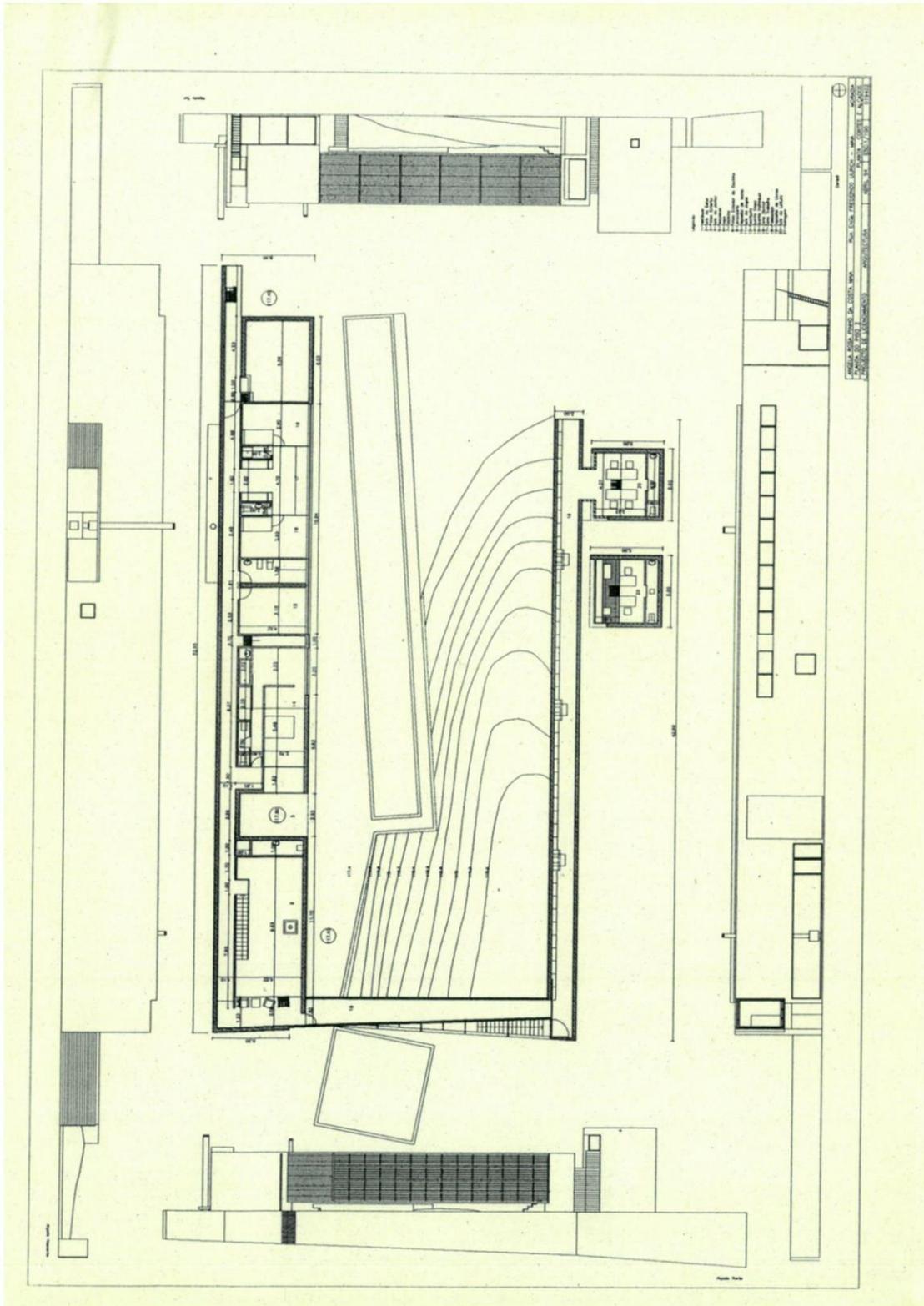
Casa Costa Maia, Castelo da Maia - 1994.

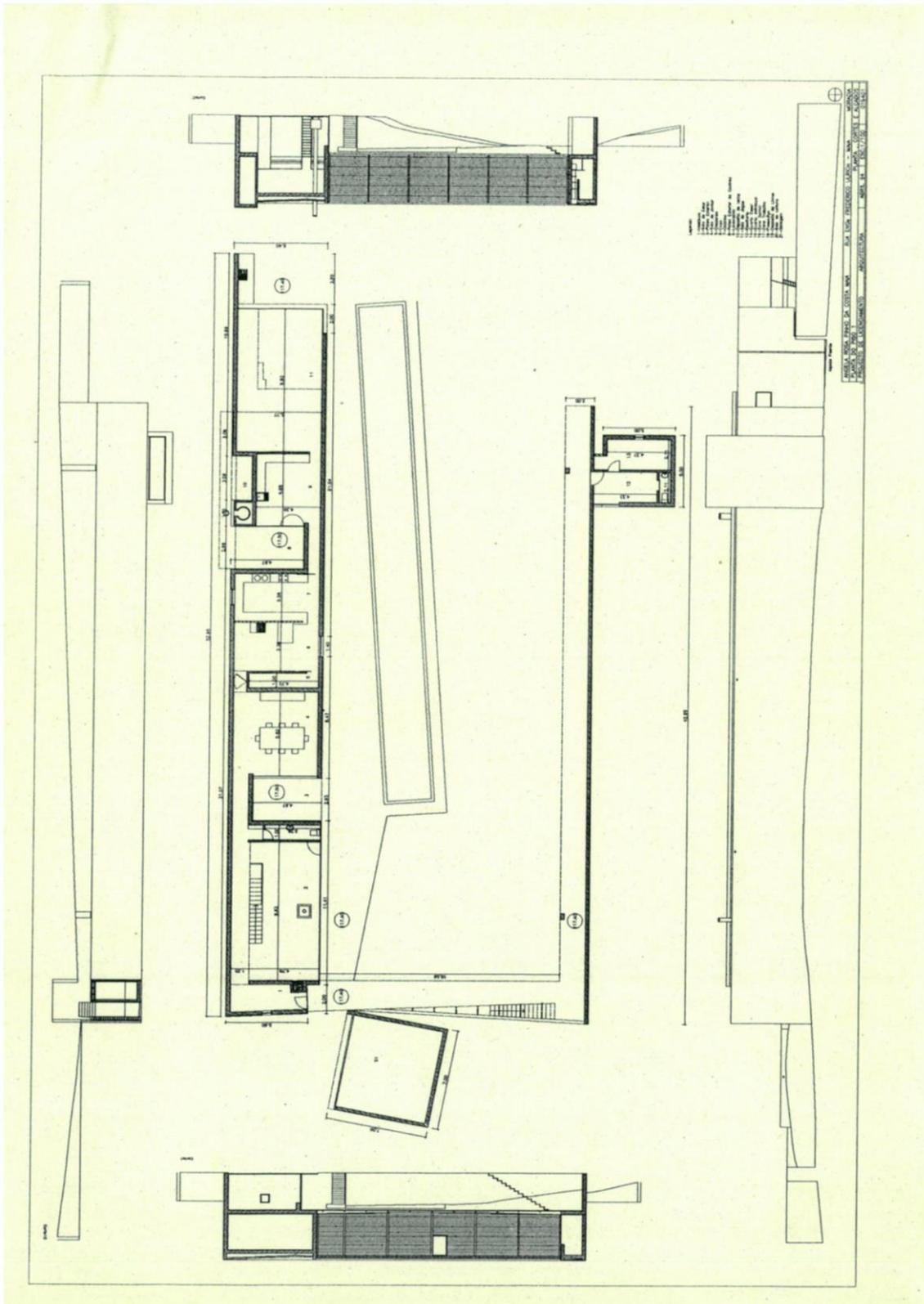
Num ambiente de periferia urbana, marcado pela desordem onde se misturam residências com pequenas fábricas, pequenas moradias com edifícios de 6 pisos, espaços urbanos com pequenas quintas rurais, sente-se a necessidade de conquistar um espaço de privacidade .

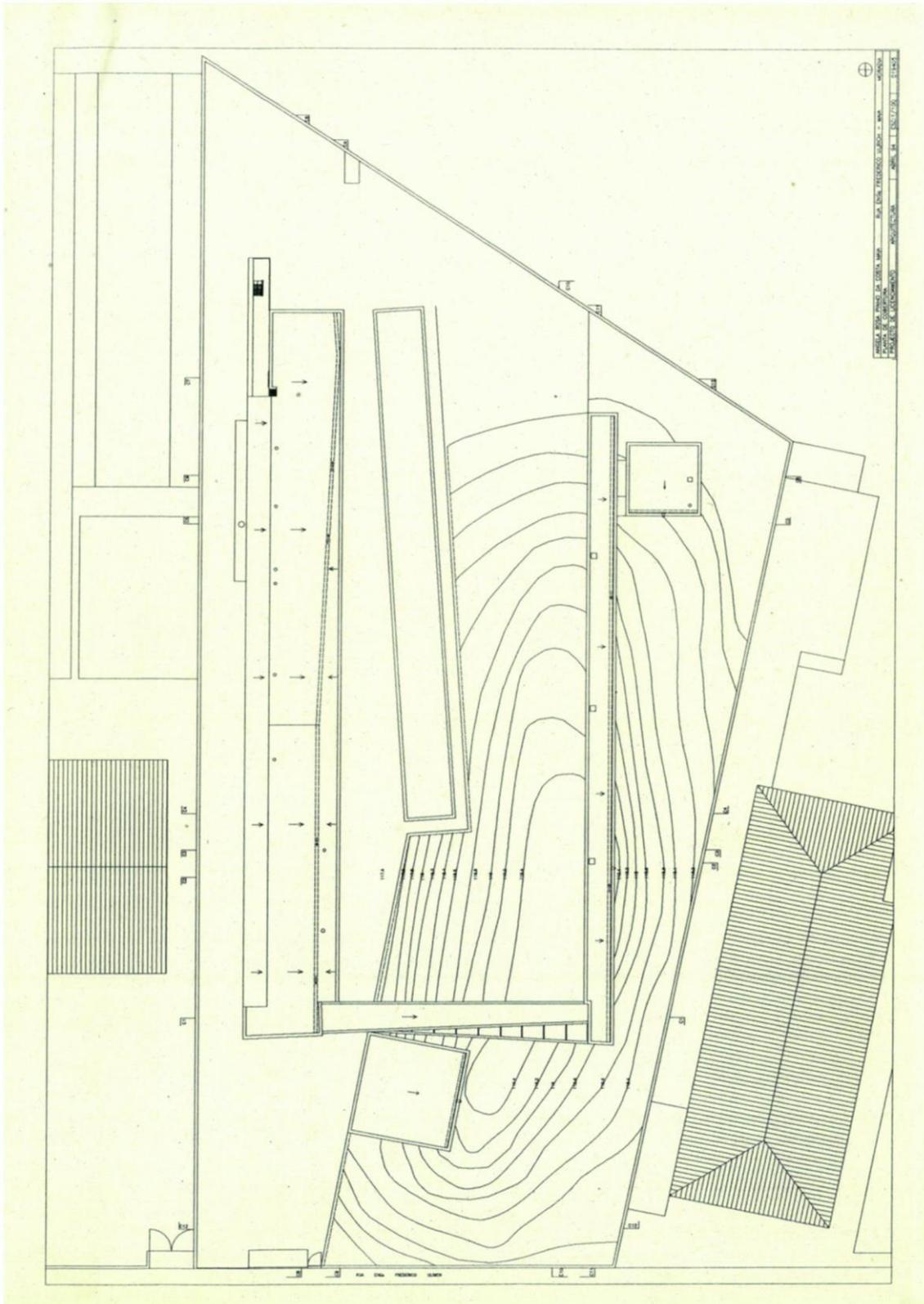
Ao Inventar-se um edifício estante, ao propor-se um percurso enterrado, limita-se o horizonte, mas procuram-se outros (janela superior da sala de leitura), que estabelecem relações novas com o sítio.

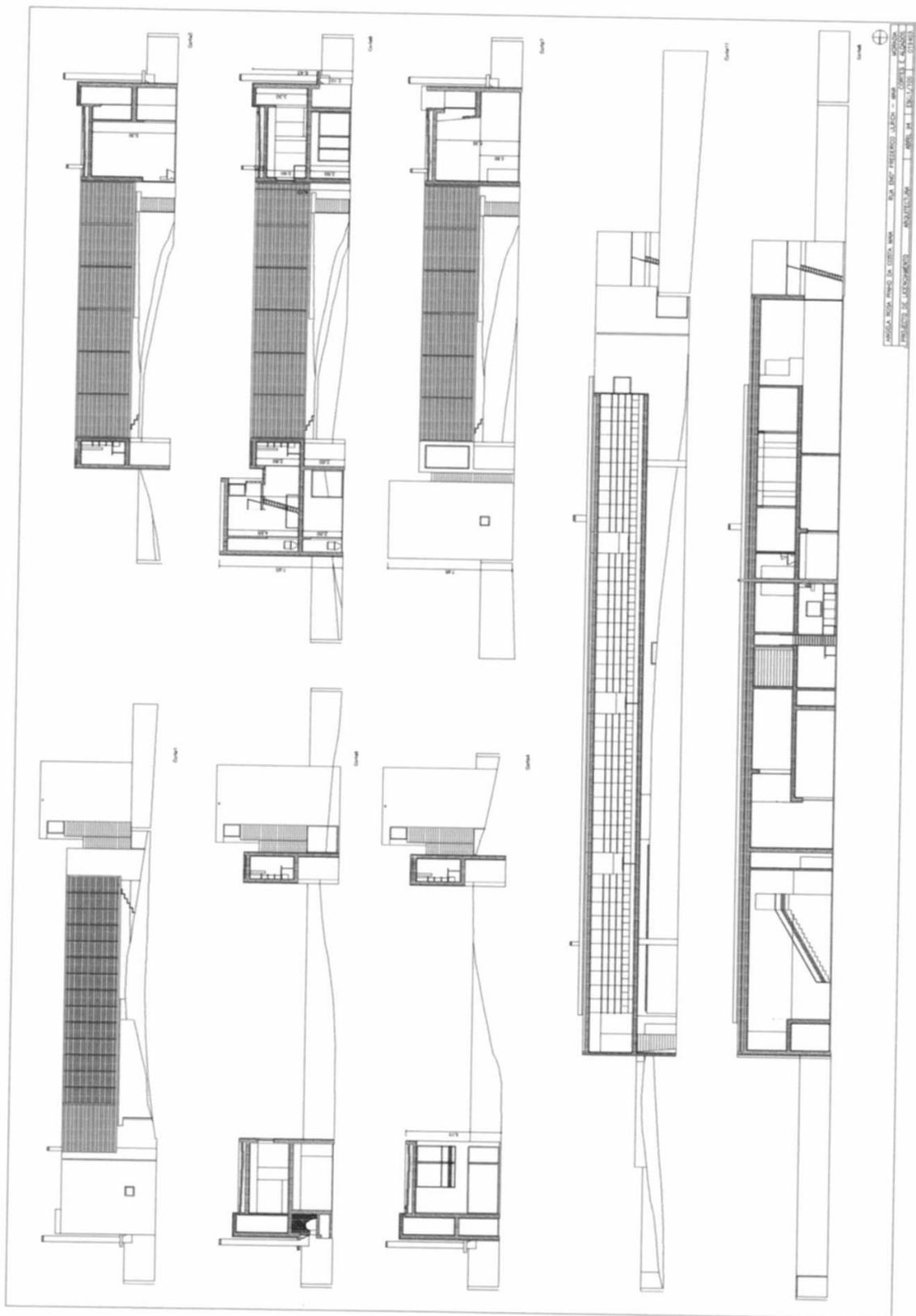
Com os materiais escolhidos procura-se imprimir densidade a estes espaços de vida.











T29

Título: Guião de visita com alunos do 1º ano às casas - Possui pequeno texto de enquadramento das

casas da Maia, da Régua e de Alvarenga

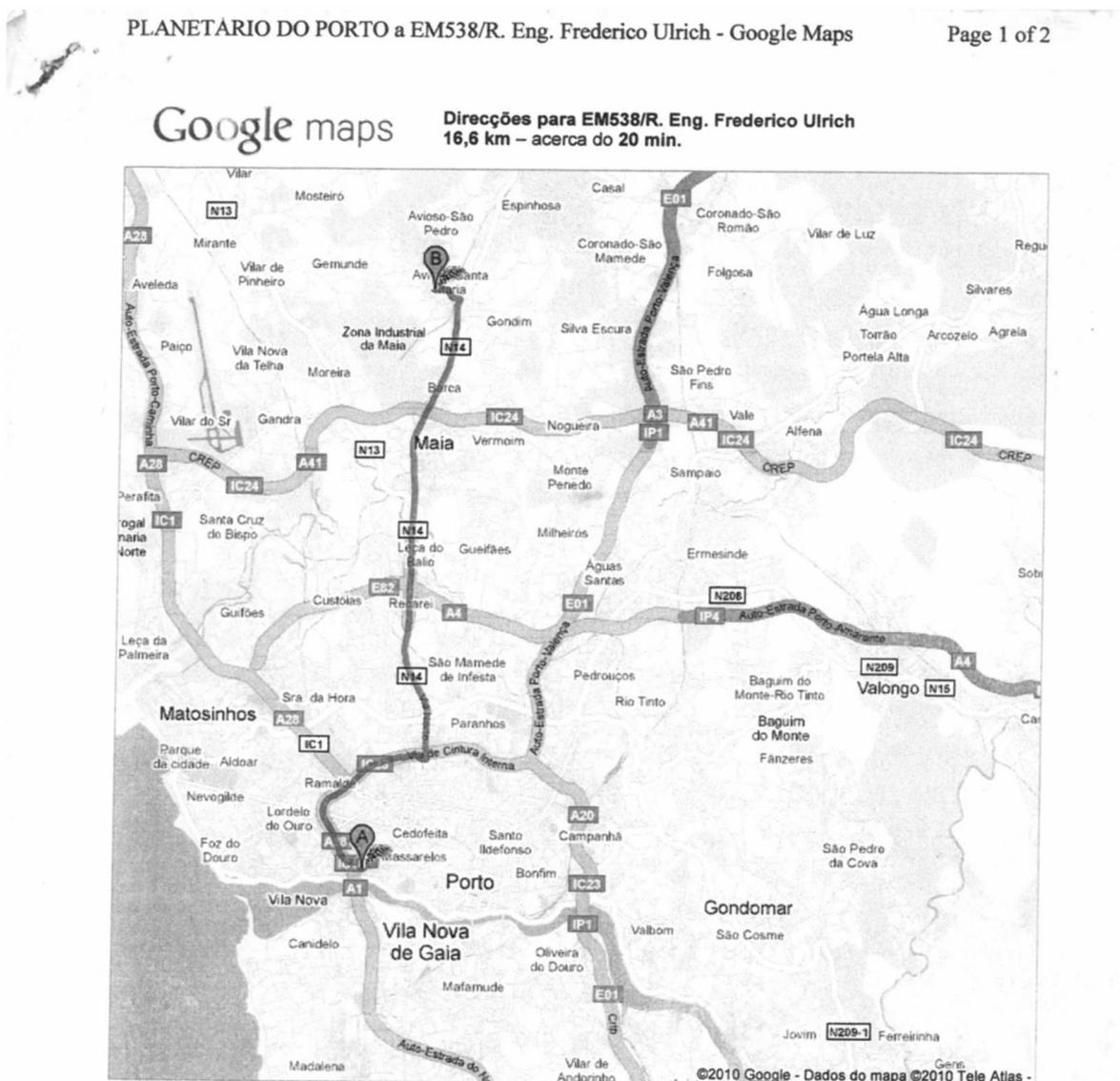
Local, Publicação, Editora:

Data: 2010

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações: Memórias descritivas dos projetos



Casa Maia Ribeiro

Rua Frederico Ulrich - Castelo da Maia

Projecto de 1994. Obra concluída.

Arquitectura: Arq.^{to} Manuel Botelho.

Colaboração: Arq.^{to} João Duque Carreira, Arq.^{ta} Ana Cristina Roque, Arq.^{to} António Simões, Arq.^{to} José Cunha.

Estruturas, Águas e Saneamento e Comportamento Térmico: Eng.º França Monteiro.

Construtor: Delfim Azevedo.

A casa Maia Ribeiro, da Rua Frederico Ulrich, foi construída num talhão de 2400 m² com a forma de um quadrilátero irregular alongado na direcção Norte-Sul.

À época da construção, aquele talhão, com uma frente de 27 m para a Rua, encontrava-se povoado de eucaliptos.

A Rua Frederico Ulrich coincide com um troço da estrada municipal n.º 536 perpendicular à E. N. n.º 14, 250 metros a norte da Estação de Caminho de Ferro de Castelo da Maia.

Existe um agregado construído mais antigo, nas imediações da Estação, mas a presença de estradas e caminhos municipais foram dando origem a construções de moradias a eles adjacentes. Mais recentemente assiste-se a intervenções com outra escala, de loteamentos com edifícios de habitação colectiva.

As estradas e caminhos municipais vão-se transformando em ruas urbanas, onde convivem pequenas fábricas, edifícios de 6 e mais pisos, vivendas e pequenas quintas rurais.

Na nova moradia, dois corpos alongados paralelos entre si e perpendiculares à Rua Frederico Ulrich, ligados por uma ponte na extremidade Norte e articulados com um terceiro volume semi-enterrado destinado a garagem, traduzem alinhamentos e geometrias que os edifícios vizinhos criam e garantem, a privacidade do espaço ex(in)terior do habitar.

O jardim interior resultante, favorecido pela topografia, assumida esta como seu elemento importante, permite vivências polivalentes de quotidianos familiares diversos, sejam eles de lazer, de descanso, de trabalho, de estudo, etc.

No rés-do-chão da ala destinada à habitação propriamente dita, um percurso longitudinal, ritmado por sequências de diferentes intensidades luminosas serve o vestíbulo de entrada, a sala de estar, a sala de jantar, a copa, a cozinha, a lavandaria e a sala de jogos, gozando esta de uma relação privilegiada com a piscina exterior.

No primeiro piso, um corredor onde um traço de luz se vai deslocando ao longo do dia, permite o acesso aos quartos de dormir: o de casal, o de hóspedes e o dos dois filhos.

A outra ala, é um corredor estante com uma sala de leitura. Cobre o percurso exterior, cavado no terreno, que conduz a um pequeno consultório de psicologia, .

A ponte entre as duas alas, se não fosse a pequena clarabóia, constituiria um quase não lugar, fora do tempo e da história

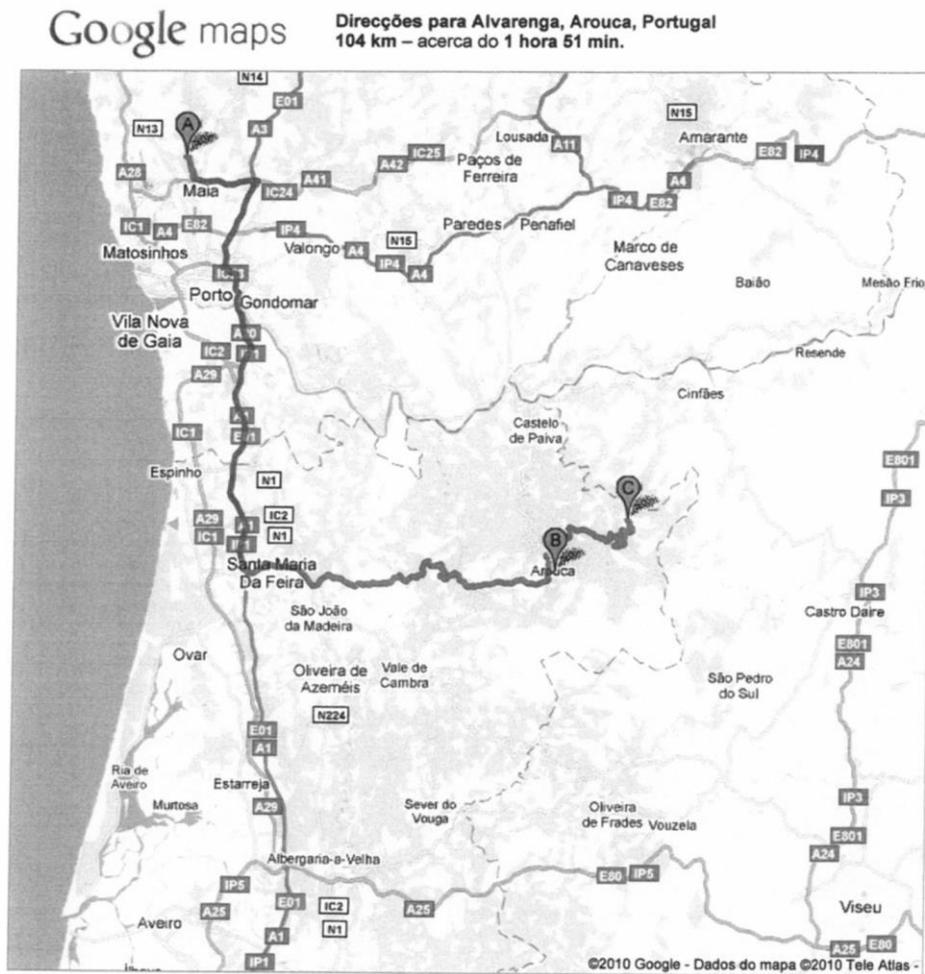
As casas de banho, quase sempre projectadas ao modo de grossos muros vazados e com desproporções significativas, assumem um peso relevante na composição.

Para alguns místicos, a casa chega a ser *“templo doméstico”* e certa tradição racionalista considera-a *“máquina de habitar”*. De conceitos tão díspares nascem proposições dialécticas onde o racional e o poético se encontram. Poder afirmar-se que a casa Maia Ribeiro evoca memórias da tradição arquitectónica vernacular portuguesa, da tradição conventual e até de edifícios fabris.

No pressuposto de que a vida não se confina à sucessão cíclica do trabalho e do descanso, e de que o espaço de habitar ultrapassa de longe a resposta ao pragmático, a caracterização espacial dos vários ambientes da casa e da sua relação com o exterior foi-se consolidando na descoberta de “essências espaciais” mais importantes do que as suas adjectivações e do que o “aturado trabalho de pormenorização”.

O espaço construído reflecte a procura da valorização de conteúdos e problemáticas do habitar, discutidos em inúmeras conversas de fim de semana com o casal de psicólogos que encomendou esta casa.

R. Eng. Frederico Ulrich, Maia, Portugal a Alvarenga, Arouca, Portugal - Google Maps Page 1 of 4



Casa Carlos Amorim

Carvalhais - Arouca

Projecto de 1998. Em construção.

Arquitectura: Arq.^{to} Manuel Botelho. Colaboração: Arq.^{to} António Simões, Arq.^{ta} Rita Mazeda.

Da Memória Descritiva:

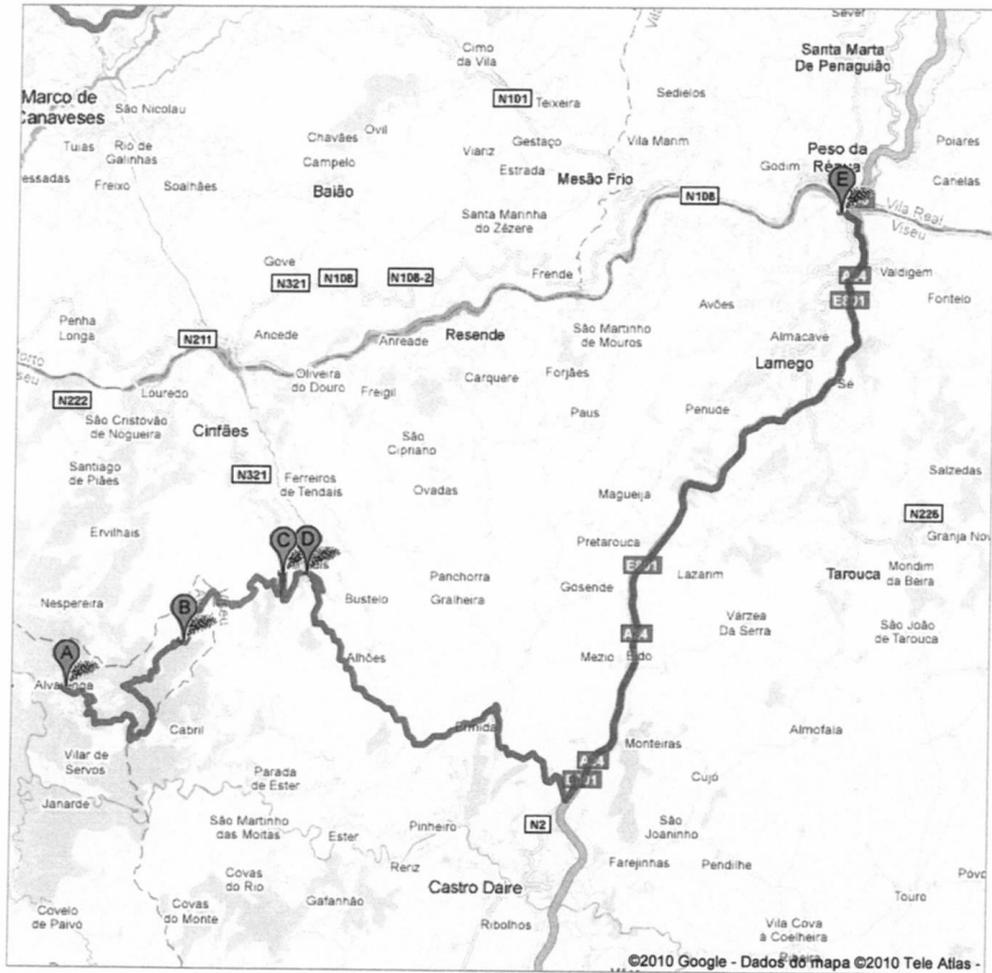
“A casa existente apresentava-se em estado avançado de degradação, com um núcleo mais antigo, construído em granito com as características típicas da arquitectura popular da região, e com sucessivas ampliações, que revelavam grandes debilidades construtivas, onde por exemplo paredes simples de tijolo de 7 eram consideradas como paredes resistentes

Pareceu mais racional a opção de recuperar o núcleo primitivo de granito, respeitando a sua linguagem e demolir os sucessivos acrescentos para construir de raiz a zona da sala de estar e quartos

A parte nova com uma linguagem actual apresenta uma implantação e volumetria que respeita a preexistência. A construção antiga e nova articulam-se mediante pátios, um preexistente e outro construído agora.”

Google maps

Direcções para N2/N222
82,3 km – acerca do 1 hora 31 min.



Casa do Dr. Paulo Pires

Cambres - Lamego

Projecto de 1999. Obra realizada.

Arquitectura: Arq.^{to} Manuel Botelho.

Colaboração: Arq.^{to} António Simões, Arq.^{ma} Alexandra Sá Torrão,

Arq.^{ma} Rita Mazedo, Arq.^{to} Ye Xuan Yong, Arq.^{ma} Jocélia Santos.

Da Memória Descritiva:

“A meia encosta, numa área sem cultura, um afloramento rochoso de xisto, localizado entre taludes, assume a forma de quase um promontório sobre o rio.

Ali que se implantou a moradia, em parte enterrada na encosta, mas afirmando-se volumetricamente de modo incisivo na paisagem, dando origem a uma plataforma mais definida na continuidade do terreno existente à cota mais alta do talude.

Trata-se dum edifício que em grande parte refaz a escavação feita no terreno, donde resultam perfis da colina não muito diferentes dos existentes.

A solução arquitectónica desta casa inspira-se na tipologia paisagística dos delicados socalcos do Douro.

Vista do rio, a sua presença integra-se nos múltiplos muros de suporte de terras das plataformas em escada da vertente Norte da encosta”

T30

Título: Pequeno Texto de apresentação do Quartel sede dos Bombeiros de Nespereira

Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

Quartel-sede dos Bombeiros Voluntários de Nespereira
Nespereira - Cinfães
Projecto Reformulado em de1993

Manuel Botelho com Maria José Casanova e colaboração de Arq. Jane Considine, Manuel Roque, Rui Jorge, António Simões, José Cunha
Projecto de Estruturas e Comportamento Térmico, ESL, Engenharia e Serviços, Lda
Projecto de Águas e Saneamento, Eng. Fátima Pimenta
Projecto de Electricidade, Eng. Fernando Ramos

Escavou-se a pendente do monte, para refazer novas volumetrias, articuladas em duas plataformas, mas deixando vincado esse sentido de escavado-refeito, na RUA-(Fenda) da entrada, com a torre a conotar toda a intervenção de polo significativo dum lugar.

T31

Título: Pequeno Texto de apresentação da Casa Eng.º Nunes de Sousa, Porto

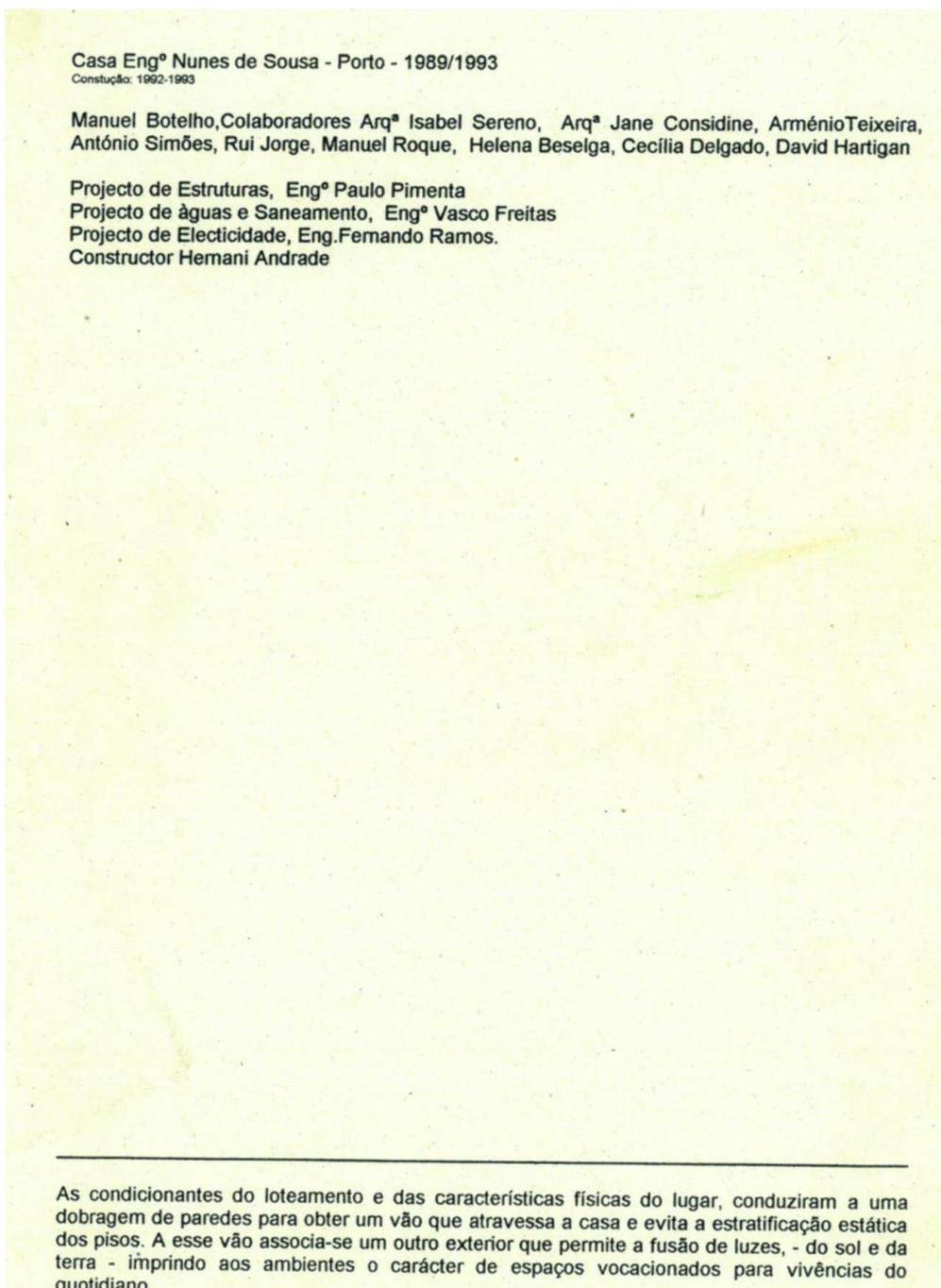
Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:



T32

Título: Pequeno Texto de apresentação da Farmácia de Caíde

Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

Farmácia Silva Rocha - Casa Dr. Agostinho Santos Rocha
Caíde - Lousada

Projectos 1990 e 1992
Construção da 1ª fase 1991-1993

Manuel Botelho. Colaboradores: Arq. Miguel Sá, Arq. Jane Considine, Sílvia Namorado.
Projecto de Estruturas da 1ª fase, Eng. Matos de Almeida
Projecto de Estruturas da 2ª fase, Eng. J. Mateus Gomes
Projecto de Águas e Saneamento, Eng. A. Matos e Almeida
Projecto de Electricidade, Eng. Fernando Ramos

Recuperou-se a volumetria duma casa rural, vincando-lhe a sua pureza, para a instalação de uma Farmácia, procurando que se assumisse como elemento de ancoragem de uma nova volumetria, esta destinada a habitação.
Pretende ser uma tentativa de entender o património rural como suporte de evoluções e arquitecturas novas integrando espaços diferentes e enriquecendo preexistências de significados novos.

T33

Título: Memória Descritiva da Candidatura para o arranjo do Bairro do Lagarteiro

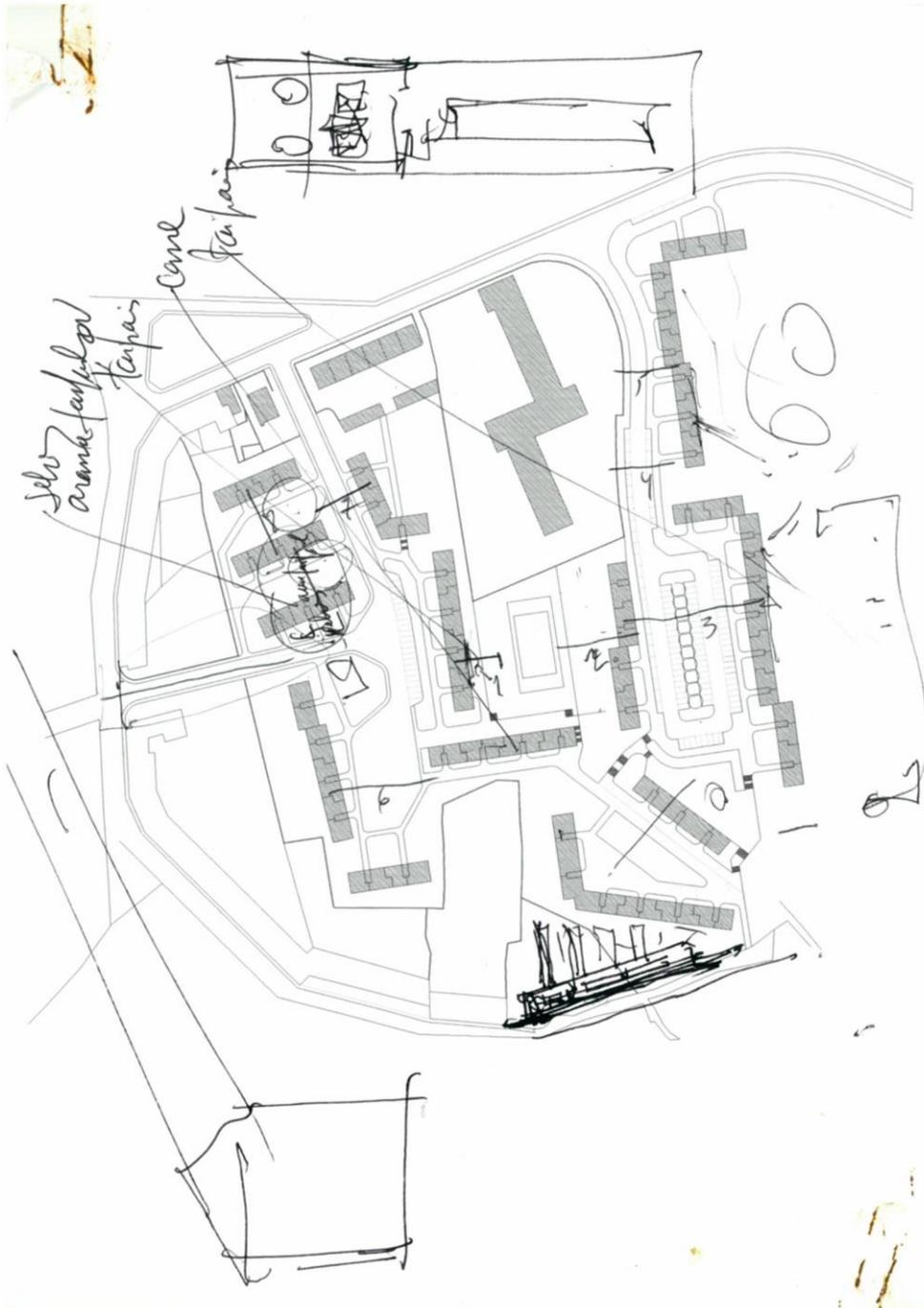
Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:



CANDIDATURA PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DO ARRANJO URBANO DO BAIRRO DO LAGARTEIRO NO PORTO

MEMÓRIA DESCRITIVA

1 — PREÂMBULO

Foi-nos pedido o estudo do arranjo urbano para o Bairro do Lagarteiro, no pressuposto de que o arranjo urbano se esgota no arranjo do espaço exterior com a dotação de equipamentos julgados necessários.

Pensamos que isto não é suficiente e que o arranjo urbano para ser eficaz e autêntico, envolverá necessariamente a recuperação dos próprios edifícios habitacionais, já que, alguns denotam evidentes sintomas de patologia, como seja a deficiência da rede de saneamento que conduz a situações inexplicáveis de águas negras a escorrerem por paramentos de fachada e a descerem em pendentes exteriores a céu aberto.

Entendemos portanto que o arranjo urbano envolve também necessariamente a conveniente recuperação de todos os edifícios, nomeadamente com o exaustivo estudo do estado das redes de água e saneamento e propostas de solução.

Também não se compreende, por exemplo, qual o uso dado as espaços que foram projectados para pequenas lavandarias domésticas ventiladas por tijolo vazado e das quais, algumas se apresentam hoje vedadas do exterior por cartões, plásticos e até argamassas.

A recuperação tipológica do edifício e da habitação, integra-se também no processo de recuperação urbana.

2 — PROGRAMA

O programa que nos foi apresentado obrigou a deslocarmo-nos ao local e das visitas que fizemos, ressaltou um sentido de marginalidade urbana que caracteriza o bairro do Lagarteiro.

Temos consciência que os problemas encontrados ultrapassam o desenho urbano. Os problemas sociais e culturais em causa

são vastos e envolvem outros campos disciplinares.No entanto, gostaríamos de sublinhar que o desenho urbano deve ajudar a desfazer "ghettos" dentro da cidade.

O programa, porque muito parcializado, levantou-nos dúvidas que nem a resposta de 30 de Outubro dissipou completamente.

A nossa proposta é fundamentalmente uma procura de "des-ghetização" dum bairro, pela tentativa clara e afirmativa de relações com o exterior e pela busca duma riqueza do seu espaço exterior,que permita a quem vive no Bairro do Lagarteiro ter consciência de habitante da cidade de pleno direito.

A **relação com o exterior** é traduzida no tipo de localização e implantação do mercado de levante a sul, na proposta do miradouro a nordeste, ênfatisado com a rua envolvente que estabelece ligação com a Rua da Aldeia e na sequência de serviços e equipamentos propostos para a extremidade norte do Bairro.

A **riqueza do seu espaço exterior** traduz-se na racionalidade de percursos e no entendimento de zonas de estar e espaços verdes que a seguir expomos:

3 **PROPOSTA** 1.PAVIMENTO EXTERIOR E JARDINS

O programa contém um item sobre jardins e nele se afirma que deverá ser feito um "estudo para a realização do tipo de jardim mais adaptado ao local,procurando integrar nele os pequenos jardins existentes e tratados pelos moradores".

Em nosso entender , o tipo de jardim mais adequado a esta situação deve caracterizar-se pela existencia de manchas arbóreas de modo a constituir uma volumetria de copas com impacto e espécies agrupadas de modo a obter conjuntos harmónicos,tendo em conta a cor,a densidade da folhagem, a época de floração etc.;e duma plantação de arbustos agrupados em áreas de 3 a 5 m² de modo a garantir a harmonia de cor e equilibrio de floração.Estes arbustos ocuparão em alguns casos o extracto inferior das árvores com a densidade média de 3 pés por m², o que garantirá uma vedação da terra a curto prazo.Haverá a preocupação de escolher espécies pouco exigentes na sua manutenção, de modo a conseguir uma resposta realista e eficaz para situações deste tipo, garantindo todavia uma boa solução de impacto ambiental.

Mas, em nosso entender,deverá ser reduzida a área verde existente,para evitar a situação degradada do verde ocupado aleatoriamente por "estendais" de roupa a que se junta ainda o lixo disseminado em recantos menos acessíveis e a sua destruição pela utilização incorrecta dos moradores.

Entendemos que será de toda conveniência um desenho mais funcional de acesso às habitações.

A nossa proposta assenta num percurso de peão ao largo dos edifícios,o que levanta algum conflito com os pequenos jardins tratados pelos moradores e que não permitem nenhuma solução de integração no espaço público atendendo à sua configuração. Pense-se no arame farpado que os protege.

Julgamos poder superar este conflito com uma efectiva riqueza de espaço público e de serviços oferecidos. e assim, nos edifícios a poente - edifícios 3, 4 e 5 - definimos dois amplos pátios destinados à vida colectiva.

Para o largo definido pelos edifícios 1, 2, 7 e 8, apresentamos um desenho em que nos preocupamos com a sua clareza, mudando a implantação e volumetria do posto de polícia, de modo a que o largo adquira uma maior qualidade de vivências comunitárias.

Fizemos recurso a um elemento arquitectónico mais forte para estabelecer a relação do sector sul com o sector norte do Bairro do Lagarteiro, hoje quase dividido em dois:

A volumetria de rampas e de uma caixa em parte incrustada na pendente e destinada a uma área coberta de jogos de mesa constituirá um elemento emblemático desta ligação.

A filosofia de organização do espaço verde e dos percursos de peão serão mesmo no sector norte.

Na cartografia apresentada não é indicado de modo algum o limite norte do Bairro, a não ser pela implantação dos edifícios 12 e 13. No entanto, a implantação do edifício 13 sugere um espaço exterior urbano a pertencer ao bairro, actualmente ocupado com um conjunto de barracas de habitação clandestina, que confere ao local a degradação social inerente e só de algum modo "disfarçada" pela presença dos pinheiros no interior deste local de clandestinos.

E, por isso apresentamos na nossa proposta uma rua que de algum modo constitui um limite do Bairro do Lagarteiro e cuja intenção é a de estabelecer, como já afirmamos, novas relações com a envolvente, sejam ela o futuro parque oriental da cidade ou a ainda existente Rua da Aldeia, carregada de memórias rurais pelas características do seu traçado e da tipologia de alguns edifícios ainda existentes que a definem. E, seja-nos permitido um comentário sobre a Rua da Aldeia: era bem interessante que a Rua da Aldeia continuasse a ter as suas características de rua de aldeia e não se transformasse em rua de subúrbio como a implantação da mancha não existente a sul parece sugerir.

O Bairro do Lagarteiro que da Circunvalação se apresenta como o culminar da paisagem bucólica do vale de Campanhã, que da ponte de pedra se vai erguendo por orgânicas composições de habitações rurais e uma riqueza notável de vegetação, bem mereceria recolher no seu interior esta memória da encosta e transformar-se ele próprio num "espaço público agradável de viver".

2-MOBILIÁRIO URBANO

O programa indicava algum tipo de mobiliário urbano como por exemplo local para jogos de mesa, bancos de jardim, parques infantis e etc. Satisfizemos este pedido como indica o desenho sumário que apresentamos.

Existe actualmente um parque infantil na pendente entre os edifícios 10 e 12, curiosamente, em todas as visitas que efectuamos ao local nunca estava a ser utilizado por crianças.

Com a proposta a que já aludimos, de rampas e da existência de uma zona de estar coberta destinada a jogos de mesa para idosos, tivemos a intenção de potencializar este parque infantil, de que definiremos o equipamento em projecto.

Apresentamos um desenho diferente para a envolvente do ringue existente, de modo a conseguir outro parque infantil este mais directamente ao serviço do Jardim de Infância que entendemos dever ser instalado no rés-do-chão do edifício 8.

Como mobiliário urbano devem ser entendidos os fontanários, os diversos bancos que propusemos em situações diferenciadas do bairro, as pistas de skate e patins propostas a norte e até o miradouro que é projectado como um remate urbano.

3-SERVIÇOS

No programa referia-se quiosques, mercado do levante e recanto desportivo como equipamentos necessários ao bairro. Entendemos que estes equipamentos são necessários mas não são suficientes.

Julgamos não ser inoportuno frisar a característica de "ghetto" que o bairro apresenta e que deveria ser ultrapassado. Daí, a localização de alguns equipamentos pedidos e a proposta de outros:

Mercado de Levante - localizamo-lo numa zona que nas plantas vem indicada como destinada a uma ligação viária do bairro do Lagarteiro a Rua da Aldeia. Imprimimos ao mercado a intencionalidade de ligação com a cidade e é o mercado que em parte vai organizar o espaço exterior e que nomeadamente vai sugerir e propôr o edifício que destinamos a um café\esplanda. Desejariamos que este mercado servisse não só o Bairro do Lagarteiro mas também os habitantes da rua da aldeia e gostaríamos de ver no interior do bairro pessoas que habitam outros ambientes urbanos.

O conjunto de equipamentos que propomos no limite norte tem a mesma intenção. Poderão ser usados por habitantes do bairro, mas também por outras pessoas que no futuro venham ao parque urbano oriental.

O próprio desenho de um **mirante** sobre a cidade do Porto, localizado na convergência dos edifícios 9, 10, 12 e ainda do equipamento proposto para lavadouro, e a que conferimos quase um sinal mítico urbano, constitui ainda a tentativa de relacionar o Bairro do Lagarteiro com o exterior através da via do limite norte.

O pequeno **anfiteatro** destina-se um a ocasiões mais festivas que constituem referentes na vida destas comunidades. Junto do anfiteatro propomos uma sala que estará ao serviço de festas mais privadas e que os espaços interiores destas habitações tornam quase impossíveis - festas de anos de crianças, casamentos e etc.

Localizamos quatro **quiosques** junto a espaços preparados para vivência de encontro, embora sintamos a necessidade de uma caracterização mais precisa do seu programa para elaboração eficiente do seu projecto.

O **posto de policia** actual é um exemplo de um mau equipamento urbano. O seu desenho, aliado à sua implantação, tiram qualquer dignidade a um equipamento que um edifício do género deveria possuir. E em nosso entender em nada contribui para a qualificação do espaço urbano.

É este o motivo por que apresentamos outro local de implantação e também neste caso aguardamos um programa mais específico para o desenvolvimento do seu projecto.

O pequeno **café-esplanada** é um equipamento que preenche e está presente em toda a cidade. Viver num espaço residencial que não possui um café é já por si só um "atestado" de marginalidade. Entendemos que o rapaz-rapariga do B. do Lagarteiro tem o direito de tomar o café na mesa da esplanada como qualquer outro jovem da cidade.

Propomos ainda um **lavadouro-lavandaria** e fazemo-lo porque nas visitas ao local sentimos por parte de alguns habitantes a vontade de possuírem um equipamento deste género.

Entretanto o espaço exíguo das casas faz transbordar para o espaço público trabalhos domésticos como o da secagem de roupa. E talvez não seja desajustado um equipamento deste género. A desorganização destes estendais disseminados pelo verde público levou-nos a propor espaços organizados para **estendais** secagem da roupa de que apresentamos um esquema. Para os edifícios 7, 8 e 11 que habitualmente se apresentam com a roupa a secar nas fachadas, estudamos um elemento que permitirá com dignidade utilizar as fachadas para esta função e conferir ao recinto de jogos um envolvimento mais acolhedor e agradável.

O **campo de jogos** existente apresenta-se com um piso de betonilha que não é o mais apropriado para os jogos mais usuais. Por isso, propomos para este recinto um pavimento de borracha preparada para uso exterior, que tornará muito mais convidativa a prática desportiva.

O talude a nascente poderá com facilidade ser adaptado a uma pequena bancada sempre agradável neste tipo de actividades.

De qualquer modo julgamos que a prática desportiva com alguma assiduidade exigirá uns **balneários** que, conforme resposta de 30 de outubro, seriam instalados no rés-do-chão do edifício 7. As plantas estruturais do edifício serão necessárias para o conveniente projecto destes balneários, bem como todos os elementos referentes à rede de infraestruturas de água, esgotos e electricidade existentes.

Destinamos o piso térreo do edifício 8 para a instalação do **Jardim de Infância**.

As dimensões actuais deste serviço são extraordinariamente exíguas e apresenta-se com a pior das exposições ,ou seja, a norte. Para este projecto necessita-se de um conveniente levantamento do espaço existente e de todas as informações necessárias aos projectos de especialidades.

T34

Título: Manuscrito ditado por Manuel Botelho de Carta a enviar pelo comandante dos

Bombeiros ao empreiteiro

Local, Publicação, Editora:

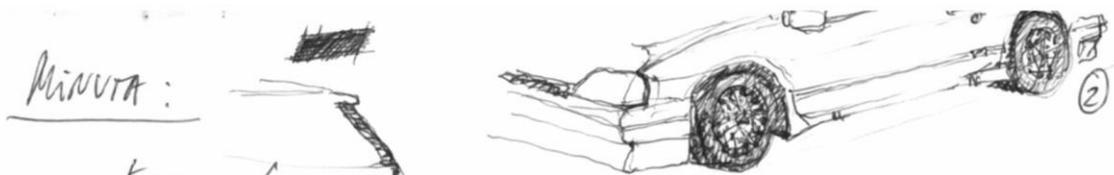
Data: 1996

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

Bem como em com os Bombeiros. ①
 Os meus melhores cumprimentos.
 VENHO POR FAX E NA SEQUENCIA DA NOSTRA CONVERSA TELEFONICA APRESENTAR UMA
 POSSIVEL RAZAO QUE DEVIAS ESTIAR A SOC. LOBOS ALGARIA E QUE FANCI CHEGAR
 A CONCESSAO DO INTERESSE PRA TIPO DE CONTEU
 DUTAR DOS BOMBEIROS QUE LHEO FISCAL ENVIADO AO
 SOC. DE CONSTRUÇÃO E EMPREITADO ALGARIA SA. RECORDO QUE O EMPREITADO TRATA
 DITO POR NUN BOMBO EM OUVISAO SU NOY EM MATRIZADA
 DE QUE VIA APRESENTAR UMA JORNAL MAPA DE ENLUS
 INFACCIONADO DE NOVO A INTERDUZIR UMA COMPTACIA
 GRU MAIOR, TENHO - LHE SIVE NESSA REUNIA
~~XXXXXXXXXX~~ JA ENVI EI EM CONTACTO COM TODOS
 OS PROECCISTAS DAS ESPECIALIDADES E ESTOU A AGUARAR
 E DAS QUAIS AGUARAR UMA RESPOSTA SOBRE O ASSUNTO
 QUE TRANSMITIREI IMEDIATAMENTE A VMS EXCS. DE COMAN
 MONO ENTENHO QUE A ASSOCIACAO DOS BOMB. DEVE IMMEDI
 TAMENTE ENTUAR EM CONTACTO Q O EMP. POR ESCRIVO
 MANIFESTANDO A ESTRANHEZA DESTA CONNECCAO. PARA
 ESTE CONTACTO TOMO A LIBERDADE DE LHEE ESTUAR
 UMA DULNITA QUE PODERA SER A SEGUINTE.



MINUTA:

EXMO, SR. SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ACELUMIA LDA.

PREZEMOS A V. VM MAPA DE ENCOE E OMISSÕES DA VOSSA EMPRESA INVOCANDO O ART. PONTO 1 DO ANEXO 13 DO PL. G.º NO 495/93 DE 10 DE DEZEMBRO PARA NOSSA APURIAÇÃO E APROVAÇÃO.

EM 10 LUGAR MANIFESTAMOS A NOSSA ESTRANHEZA POR TENDO EM CONTA QUE O ART. INVOCADO INDICA O PRAZO DE 66 DIAS OU DE OUTRO QUE FOR PARA O EFEITO ESTABELECIDO NO CADETRNO DE ENC. MAS NUNCA INFERIOR A ONZE DIAS CONTADOS DA DATA DA CONSIGNAÇÃO DA OBRA. ~~E NO O CADETRNO DE ENCARGOS~~ ~~DIZ SOBRE ENCOE E OMISSÕES~~

SÓ AGORA VIMOS APRESENTAR UM MAPA DE ENCOE DE MEDIÇÕES TENDO EM CONTA . . . NÃO PODERÁ SER INVOCADO O PONTO 7.3. DO CADETRNO DE ENCARGOS PARA AMPLIAÇÃO DESTA DATA TENDO EM CONTA QUE ELE ESTÁ REDIGIDO NO

SENDO DA URGÊNCIA EM COMUNICAR QUALQUER ERRO OU OMISSÃO DO PROJECTO À FISCALIZAÇÃO E NÃO PODENDO POR TANTO PER UMA INTERPRETAÇÃO NO SENTIDO DE DILATAR OS PRAZOS PREVISTOS NA ~~LEI~~ INVOCADO REFERIDO ARTIGO DA LEI INVOCADA. COMUNICAMOS NO ENTANTO QUE DESTE MAPA DE ERROS E OMISSÕES FOI DADO CONHECIMENTO AOS RESPECTIVOS PROJECTISTAS AOS QUAIS AGUARDAMOS UMA INFORMAÇÃO QUE A SEU TEMPO LHEZ SERÁ COMUNICADA.

NESPINEIRA, 10/04/1996

AO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS.

DEVO ALERTA-LOS DE QUE A ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS DISPÕE DE 45 DIAS A PARTIR DA DATA DA RECLAMAÇÃO DO EMPREITEIRO PARA CONTESTAR O MAPA DE ERROS E OMISSÕES ENTENDENDO-SE COMO ACETEI SE NESTE PRAZO A REFERIDA ASSOCIAÇÃO NÃO COMUNICAR AO EMPREITEIRO A FOTOCÓPIA DA CARTA QUE ME CHEGOU DA SOC. CONS. T. ALÉMIA LDA QUE RECEBIU AQUI TEM A DATA DE 29.3.96, PERO

QUE MUERO PARA A URGENCIA DE UM CONTRATO IMEDIATO⁴
POR ESCRITO COM O EMANETADO, COMO YA AFIRMEI, NUN
TENHA INFORMACAO DA PARTE DOS PROMETISTAS ENQUANTO EM
CONTRATO C/ VSM EXCELENCIAS.

RESPEITOSOS UMPRIMENTOS
PORRO, 18.03.1996

T35

Título: Aprender a Projetar Arquitetura

Local, Publicação, Editora:

Data: 1995/96

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

É autor dos seguintes projectos de Restauro:

Restauro e Ampliação da Casa do Dr. João Machado, Amarante - 1987

Recuperação de um conjunto de casas rurais, em avançado estado de degradação, para instalação de um Centro Paroquial e Cívico em Nespereira, Guimarães - 1987

Restauro de uma casa rural em Adbarros - Sernancelhe, para adaptação a Lar de Idosos e Convento - 1994 -

Renovação do espaço Litúrgico da Igreja Paroquial da Penajoia - Lamego

É autor dos seguintes projectos de arquitectura:

Igreja de S. José, Gondomar - 1980

Mercado Municipal de Moimenta da Beira - 1982

Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento, Porto - 1983

Casa Dr. Luís Barroso Pires, Ponte da Barca - 1984

Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira, Cinfães - 1985

Casa José Pereira Lopes, Vila da Rua, Moimenta da Beira - 1985

Centro Social de Vila da Rua, Moimenta da Beira - 1985

Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Nespereira, Cinfães - 1986

Casa Eng. Nunes de Sousa, Porto - 1988

Participação no Concurso da FEUP - 1988

Casa e Farmácia Dr. Agostinho da Rocha, Caíde - 1990

Centro de Talassoterapia, Póvoa de Varzim - 1993

Casa Dra. Ângela Rosa Pinho da Costa Maia, Maia - 1994

Hipermercado Feira Nova e Galeria Comercial da Póvoa de Varzim - 1994

Casas Eng. Matos de Almeida e Eng. Augusto Pina - 1995



Aprender a projectar Arquitectura

Venho, há quase três dezenas de anos, a preocupar-me com o essencial da aprendizagem do projecto de Arquitectura.

A enorme variedade de imagens arquitectónicas a que assistimos nestas últimas décadas não me parece terem aumentado o nível comunicativo desta arte. Pelo contrário, assisto a um declínio de energia criativa e a um empobrecimento da linguagem visual, onde sobressai mais o estilo que a substância.

Para mim a Arquitectura é veiculo de mensagens sobre valores da sociedade e, não compreendo, por isso, algum divertimento a que frequentemente tenho assistido, com formalismos volumétricos, estruturais ou até de carácter mais historicista.

Nas escolas pressentem-se direcções contraditórias que em pólos opostos se caracterizam: umas, por impor uma disciplina quase militar orientada por uma repressão estética, com a preocupação de produzir arquitectos robots hábeis a servir sem escrúpulos o lucro que sustenta a sociedade de consumos; e outras, desvalorizando aspectos práticos da profissão, num certo tipo de academismo idealista que se esvai numa forma disfarçada de impotência.

A aprendizagem da arquitectura não pode deixar-se abandonado a clichés formalísticos, algumas vezes teorizados na caótica complexidade da vida contemporânea, dando lugar ao estilo do plágio integral, onde falta o motivo essencial da criatividade. Sei que imitar o mestre constitui um meio válido da aprendizagem, mas decalcar o estilo de um qualquer arquitecto é sempre contraproducente .

Se a actividade do arquitecto se caracteriza pela percepção da arte do espaço, constitui uma extensão explorativa da sua personalidade.

Não direi nada de novo, mas o desafio da Arquitectura consiste no fundir ideias conceptuais e atitudes explorativas, com o fim de encontrar a síntese de saberes tão diversificados, desde os conhecimentos técnico-científicos aos históricos, e não apenas para sustentar o projecto mas estimular as faculdades criativas.

O atelier constitui o polo à volta do qual tudo se move. A inter-relação das várias disciplinas constitui o objectivo principal a alcançar na aprendizagem de Arquitectura.

E não será suficiente o atelier. O estaleiro é também importante para o exercício da construção do espaço, dos volumes e dos objectos, e as Escolas de Arquitectura não funcionarão se nelas se não puderem experimentar os vazios criativos que emanam mensagens sobre os valores moventes dos indivíduos e sociedades.

Numa outra vertente, estão à disposição do Arquitecto novos instrumentos: refiro-me ao uso do computador que ultrapassa hábitos de percepção e se orienta para novos meios operativos tais como o laser e a telemática e se revelam como meios interpretativos extraordinários.

O próprio vídeo com a sua provocação em termos de expansão do espaço-tempo dos volumes, também se transforma num grande estímulo.

A propósito destes novos meios tecnológicos, sou tentado em falar numa dimensão espacial nova, a que chamaria situação neo-humanística capaz de favorecer uma multiplicidade de critérios de proporcionalidade orientando o projecto para uma nova classicidade, de que resultarão experiências inéditas.

Apetece-me recordar a definição humanística de Alberti: **Arquitecto chamo eu àquele que saberá, com razões e regras certas, não só a com a mente e o espírito, mas também com as obras, levar a bom termo todas as coisas, como o movimento de pesos e a conjugação de corpos, de modo a poder adaptá-las ao uso dos homens.**

Mas continuo a considerar o arquitecto como o artesão da composição, que fazendo recurso a altas qualidades matemáticas postas à disposição pela máquina, é capaz de cancelar rapidamente a repetitividade emergente da mesma.

Finalmente uma referência à vida humana.

O homem continua a ser um sistema complexo, ainda não compreendido na sua totalidade, de que conseguimos destacar dois elementos fundamentais a que se faz sempre referência: O entendimento como habitação da lógica e o sentimento como gerador de sensações. A componente humana tem um papel importante no desenvolvimento do projecto, ou dito de outro modo é importante prestar atenção ao fruidor da arquitectura, normalmente

predisposto a provar um prazer idêntico na contemplação da beleza e no bem estar pessoal, o que significa sublinhar a atenção a ser posta no binómio útil e belo.

Impõe-se revisitar estes dois adjectivos, que ainda hoje constituem a base da arte de compor. O homem é o homem de sempre, apenas mudaram as valências que geram o seu interesse numa vida de participação. É por isto que entendo mais importante colocar a atenção sobre os conteúdos do projecto do que sobre a sua linguística . A atemporalidade e universalidade que trespassa o projecto arquitectónico e não renega uma relação franca com o mundo moderno, em sintonia com a natureza do homem, não se compadece com a escravidão das academias e o mecanicismo das tecnologias

Manuel Botelho

T36

Título: O Corpo do Mundo

Local, Publicação, Editora: In Dédalo, n.º3. AEFAUP, Porto

Data: 2007

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Digital

Outras informações:

O Corpo do Mundo

Botelho, Manuel
Revista Dédalo

Pediram-me, o Pedro Neto, para escrever umas palavras sobre o corpo do mundo

Na cultura ocidental, mesmo num mundo secularizado, quando falamos de corpo, de matéria, do sensível, uma espécie de pano de fundo envolve o pensamento que pressupõe níveis de relacionamento estratificados.

Parece existir um patamar inferior ligado ao corpo e outro superior ligado ao espírito. É assim conosco...quando distinguimos o saber mais inteligível do saber mais sensível.

Não sei se são ainda ecos dum maniqueísmo que teima em distinguir o bem e o mal, associando o primeiro ao espírito e o segundo ao corpóreo, à matéria., como se em nós se verificasse uma coexistência de princípios opostos e como se nós fôssemos uma soma ou uma mistura destes dois princípios.

As palavras que transcrevo do célebre Hugo de S. Vítor, figura marcante na grande revolução do século 12, parecem-me traduzir esse modo de pensar, muito embora nos nossos dias não se pense exactamente assim:

"...é sensível o homem que ainda sente afecto e carinho pela sua terra natal, é forte aquele que sabe fazer de todos os lugares a sua pátria, mas é verdadeiramente peneiro na virtude, aquele que considera o mundo como um lugar de exílio. O primeiro fixou o seu amor por uma parte da terra, o segundo distribuiu o amor por muitos lugares, mas o terceiro conseguiu anular por si o amor pelo mundo. "

Paira nestas palavras a alegoria da terra prometida, da Jerusalém celeste, da cidade de Deus em oposição à cidade dos homens.

Eu ao contrário penso no grande valor que é o de sentir e amar a terra, os sítios, as cidades, o corpo do mundo.....

Gostaria até de possuir a capacidade dos poetas para emprestar ao ar e ao vento, às pedras, ao mar e ao céu, palavras que explicassem melhor esta corporeidade que fala e grita e chora

Gostaria até de possuir a capacidade dos poetas para emprestar ao ar e ao vento, às pedras, ao mar e ao céu, palavras que explicassem melhor esta corporeidade que fala e grita e chora mas sinto e sei que a espacialidade do sítio, ou a sua corporeidade, que nos possui, é a condição absoluta da nossa consciência.

A identidade do homem constrói-se na inter-acção com o lugar.

A experimentação em arquitectura, de que tanto se fala, é afinal experimentar vivencialmente possibilidades de pertencer a um sítio, ou possibilidades de vivência.

Este respeito pelo corpo do mundo traduz-se e implica o respeito pelo tempo e pela espacialidade do lugar.

Se não se respeita o tempo, acontece como na cidade ideal do Renascimento, cidade utópica onde a beleza e a perfeição da forma esgotavam a qualificação espacial e o conteúdo da cidade, negando o seu devir, a sua dinâmica, a sua vida.

Hoje somos tentados a negar a espacialidade.

Neste mundo das comunicações, das redes informáticas, da telemática, parece até que a informatização da actividade humana e das comunicações, dispensa a espacialidade dos lugares na relação entre as pessoas.

Num mundo globalizado torna-se mais difícil e aparentemente sem sentido, esta experiência de amor pelo lugar... e fazemos do corpo do mundo terra de exilados. O mundo é desumano, e transformamo-nos em construtores de refúgios.

Mas a interioridade da arquitectura constrói-se na interacção com o mundo. E se não for assim haverá necessariamente consequências para o nosso equilíbrio. Não podemos ser cidadãos sem pátria!

Ser moderno é estar perto do "aqui e agora" e, para nós arquitectos, projectar é sentir a corporeidade do mundo, é reaprender a capacidade de hospitalidade dos lugares.

Não é portanto a forma, não é a tecnologia, não é a linguagem das arquitecturas tantas vezes em solilóquio, nem é até a poética individual do arquitecto que faz descobrir o corpo do mundo, mas a disponibilidade para o ouvir.

O valor da arquitectura está na conciliação com a vida mesmo quando ela se manifesta na descoberta da multiplicidade de espaços impensáveis.

Não existem receitas a priori no projecto de arquitectura, porque ela será sempre uma resposta à inquietante pergunta do ser.

E esta resposta é uma invenção de diálogos:

diálogo com o tempo,
diálogo com a história,
diálogo com o sítio,
diálogo com o mundo,
diálogo com o homem.

A arquitectura é então uma extensão do corpo do mundo com o qual se mistura e faz um todo.

Acredito que muito mais do que nas análises de classificação tipológica muitas vezes superficiais ou nas análises geométricas da arquitectura, que o importante é saber descobrir as disponibilidades de diálogo que existem ou existiram nas cidades e nas arquitecturas entre o construído e a sociedade.

E ouvir o corpo mundo (pobre mundo não ouvido!) não é retórica, é saber sentir que ele não é uma grande máquina abstracta sem memória de si próprio e saber sentir a corporeidade dos materiais como a pedra, a água, o ferro ou madeira, como se tivessem vida ou alma e dialogar com as suas cores e texturas como quem usa as palavras para cantar o mundo. ■

T37

Título: PARECER- USO DE OCUPAÇÃO DA QUINTA DA BARROCA NO PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LAMEGO

Local, Publicação, Editora:

Data: 2002

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Digital

Outras informações:

PARECER- USO DE OCUPAÇÃO DA QUINTA DA BARROCA NO PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LAMEGO

1. O Terreno

A quinta da Barroca ou da Calçada, como vulgarmente é conhecida em Lamego, localiza-se na margem esquerda do Rio Balsemão, desenvolve-se com forte pendente para Nascente e Nordeste, em socalcos que seguem as curvas de nível, tem acessos pedonais e de serventia agrícola a partir da Rua da Calçada- através dum edifício outrora integrado na mesma propriedade - e a partir do caminho público que desce da Rua Cardoso Avelino para a Capela do Senhor dos Aflitos, evidenciado pelo portão de ferro ali existente.

Trata-se de um terreno com oliveiras ao longo dos socalcos, outrora destinado a uso exclusivamente agrícola e hoje praticamente abandonado, dada a não rentabilidade da sua exploração.

Nem mesmo a tentativa mais recente de o transformar num pomar conseguiu inverter esta situação.

Goza duma exposição solar privilegiada e desfruta duma vista notável, a Nascente, sobre a margem direita do Rio Balsemão que, do alto do Seminário e passando pela riqueza volumétrica do Bairro da Ponte, desce até aos baixios bucólicos do vale.

Desfruta ainda, para Nordeste, duma riqueza panorâmica sobre o vale do Douro com a direcção de Santa Marta e de Vila Real.

O caminho que contorna a quinta, ladeado de muros altos em alvenaria de granito, à semelhança de tantos outros que limitam quintas rurais naquela zona, passa pela capela do Senhor dos Aflitos, pela capela da Senhora dos Meninos e pelo cruzeiro existente entre ambas.

Estes edifícios constituem um conjunto notável de Arquitectura religiosa de matriz rural, primorosamente implantada no lugar, fundindo-se com afloramentos graníticos existentes, pelo que merece ser preservada a todo o custo e com todo o esmero.

2- Uso previsto no Plano de Urbanização

No plano de urbanização de Lamego esta quinta está inserida numa zona denominada “**ÁREA VERDE DE ENQUADRAMENTO**”, destino de uso pouco justificável tendo em conta a não rentabilidade agrícola do terreno.

Manter este destino de uso é transformá-lo em terreno abandonado com todas as consequências negativas daí decorrentes:

- Um terreno abandonado dentro da periferia urbana é um espaço potencial para actividades marginais.

Já hoje, junto ao Cruzeiro, se encontra um depósito de entulho, característico desses espaços;

- A presença de vegetação arbórea não cuidada e limpa transforma qualquer terreno numa potencial carga térmica perigosa em caso de incêndio e mais grave quando se trata de uma zona adjacente a áreas urbanas.

Outro destino de uso alteraria esta situação.

Atendendo a que o terreno se encosta a uma área urbana bem definida, mas sujeita a fortes e perigosas pressões imobiliárias de transformação, e carenciada de equipamentos, parece vocacionada para o uso residencial e para a implantação de equipamentos destinados a actividades de lazer e tempos livres.

3- Proposta de novo destino de uso

Em meu entender, deve garantir-se em qualquer solução, uma **forte presença arbórea** na encosta, prever **habitação** no interior do talhão e **valorizar-se o caminho rural** existente, transformando-o num percurso urbano de peões, enriquecendo-o com **equipamentos públicos, semi-públicos ou privados**, a definir num protocolo com a Câmara.

O problema mais difícil situa-se na acessibilidade. Esta, no entanto, parece ser passível de resolução através da parcela indicada com a letra B na planta topográfica anexa, cujos proprietários estão interessados numa solução integrada das duas parcelas e dispostos a alterar o projecto já aprovado para aquela parcela.

O acesso automóvel às residências e equipamentos seria garantido por um edifício em ponte com frente para a Rua da Calçada, e articular-se-ia com outros acessos a partir do caminho pedonal envolvente.

Os edifícios residências ocupariam o interior do talhão, implantado de modo a preservar as características fundamentais da encosta, assumindo-se como memória dos actuais socalcos.

Os equipamentos de lazer seriam implantados mais na periferia, numa cuidada articulação com o caminho existente, que permitiria assim novas vivências urbanas, transformando uma área urbana que agora apresenta alguns aspectos de marginalidade.

Em comunicação directa com a Rua da Calçada localizar-se-iam equipamentos de comércio

O tratamento urbanístico global das parcelas indicadas com A e B na planta topográfica, permitiriam um conjunto urbano harmónico enriquecido pela presença mista de usos, numa transformação urbana que deverá respeitar o carácter da zona.

Parece defensável para a parcela B um índice de ocupação de 0,75m² a 1 m² / m² de terreno.

O desenvolvimento de qualquer estudo preliminar deverá basear-se num protocolo com a Câmara Municipal.

Porto, 4 de Setembro de 2002

Arq^{to} Manuel Tomás de Carvalho Botelho

T38

Título: Apontamentos para a apresentação da prova final

Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Digital

Outras informações:

Apontamentos para a apresentação da prova final

Antes de avançar para a organização e conteúdo da prova, propriamente dita, permitam-me dedicar algumas palavras à prova final.

Olhando agora para a prova, ela surge como uma espécie de corrida. Uma corrida que combina o formato da maratona, dos testemunhos e da marcha. Isto é, junta o factor resistência da maratona, traduzido no esforço feito ao longo dum tempo considerável, com a passagem do testemunho, que liga experiências anteriores de outros que nos precederam ou não de vir, e mantém, da marcha os pés em contacto com o chão, no esforço de manter uma ligação à vida e ao mundo, vencendo a tentação de fugir para arquitecturas construídas em castelos de nuvens. Esta corrida também teve treinador, que ajudou a preparação física e mental, bem como nos aspectos técnicos para vencer o desafio. Neste sentido o acompanhamento de uma pessoa mais experiente, dá-nos conselhos sábios e precisos. O objectivo fundamental desta corrida não é chegar em 1º lugar, nem é fomentar o espírito competitivo, muito pelo contrário é saber ter percorrido o caminho até ao fim com o nosso corpo. Isto já é uma vitória.

Em relação aos condicionantes que a prova contém, identifico dois aspectos fundamentais. Um 1º é o factor tempo, e o outro a substância. Quanto ao factor tempo existe, por um lado a condicionante exterior da escola que propõem um período normal de 6 a 9 meses, por outro lado existe uma escolha individual que permite a cada um marcar o ritmo do percurso. Naturalmente o resultado final será diferente.

Quanto à substância da prova ela exige seriedade e rigor. Não é um mestrado, mas é exigente. Para dar dois exemplos que traduzem a contingência desta prova, refiro o caso das citações e da visita aos edifícios. Em relação ao primeiro nem sempre é possível recorrer à fonte original, e em relação ao segundo, é consensual que visitar uma obra, sentir o edifício a diferentes distâncias, percorrer os espaços internos e viver os momentos reais, é diferente de estudar a mesma obra somente através dos livros. E muitas vezes a visita fica à espera de oportunidades futura que desejamos não ser distante.

No que respeita ao conteúdo da minha prova, tive como objectivo fundamental esclarecer-me.

Esclarecer-me, não no sentido de encontrar verdades absolutas, (se as há) mas no de tomar conhecimento de problemáticas intimamente relacionadas com a arquitectura.

Assim sendo comecei por identificar alguns conceitos relacionados com a arte. Com isto quis entrar numa esfera nova, consciente de que é um mundo complexo e diversificado. Não foi minha intenção abarcar tudo, pelo contrário, perceber que muitos outros já exploraram o tema e que autores diferentes trilharam perspectivas também diferentes. A minha tarefa foi tentar entender e escolher alguns conceitos para poder utilizá-los na organização do trabalho futuro.

Seguidamente estruturei uma síntese histórica em duas partes, com a finalidade de mostrar que as relações entre arte e arquitectura sempre existiram. Não é algo que surge do nada, mas que assenta em continuidades, moldadas pela conjuntura circunstancial de cada época. Esta síntese também permitiu identificar métodos de abordagem diferentes: uma assente em atitudes que valorizavam mais o lado racional, analítico, técnico e funcional. Outra assente em atitudes que valorizam a criatividade, a intuição, a sensibilidade, o artesanal e o expressivo.

Na segunda parte desta síntese tinha como objectivo fazer a ponte das correntes artísticas com a análise dos arquitectos. Ou seja, perceber o contexto em que surgiram as correntes artísticas em análise e as ideias gerais subjacentes às mesmas.

Lançados estes dados chegou a altura da análise dos arquitectos numa estreita relação com as práticas artísticas. É neste sentido que se relacionam algumas obras de Zumthor com os gestos simples e descodificados da Arte Povera. Ambos estabelecem relações poéticas com os materiais numa ânsia de buscar o intemporal.

É também neste sentido que se relaciona H&M com a Minimal Art e a Land art. Focam o carácter auto-referencial, as qualidades matéricas, a distorção da escala do objecto e todos manifestam o espírito do tempo.

Por último relacionam-se algumas obras de Gehry com a Pop Art e o Neo-Dada. Focam o uso do ícone, das estratégias publicitárias, do recurso ao efémero, às imagens, numa clara atitude reveladora da sociedade consumista.

Em conclusão acredito que existe um “princípio estético” inerente ao ser. A actividade humana, consciente ou inconscientemente aspira ao máximo da sua realização e neste desejo absoluto situa-se a abertura ao diferente, à arte. A relação que cada individuo estabelece com o mundo, a construção e expressão que transporta a profunda vivência de cada um, será mais verdadeira quanto mais intensa for. A ponto de se poder dizer que estar no mundo se traduz numa exigência de fazer mundos.

T39

Título: Sobre a arquitectura de Pitágoras 4

Local, Publicação, Editora:

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Digital

Outras informações:

Sobre a arquitectura de Pitágoras 4

da poética

Na arquitectura de Pitágoras⁴ experimenta-se uma sensação de leveza e de frescura onde o espaço flui espontaneamente sem sobressaltos.

É uma arquitectura que não se afirma pela invenção formal do novo nem pela manipulação tecnológica da construção ou dos materiais, mas pela capacidade de receber cordialmente quem a usa ou se quisermos pelo seu carácter de matriz humana.

A primeira obra que visitei antes de escrever estas palavras, foi a das Piscinas Municipais do Ribeirão. Impressionou-me a “leveza” do ripado de madeira, a delicadeza das caixilharias, impressionaram-me as transparências e reflexos, impressionaram-me muitas outras coisas, mas sobretudo respirei paz. Senti a presença do campo e o diálogo intenso da massa verde com a água. Não é um espaço que se impõe, é um espaço aberto ao diálogo com a envolvente que será ainda mais intenso com o crescer da vegetação já existente; um espaço aberto ao diálogo com o mundo numa procura de relações fortes entre o espaço interior-exterior. São estes espaços que nos ajudam a sentir que somos habitantes do mundo. Tudo ali flui com naturalidade porque racionalmente tudo foi pensado, sem esquecer aquela dimensão mais profunda que dentro de nós nos apela a outros mundos e outras pátrias.

Eu acredito que a arquitectura faz parte do mundo da arte, como quem descobre mundos novos num simples grão de areia, à maneira dos poetas que sabem descobrir o mundo invisível das coisas. E é assim na arquitectura quando ela nos proporciona novas descobertas do mundo ou novas pátrias do habitar. Depois, estes mundos novos consubstanciam-se em coisas aparentemente tão simples como são os enfiamentos visuais precisos, as relações apelativas das envolventes próximas ou mais distantes, as dimensões tridimensionais rigorosas, etc.

No CENTRO ESCOLAR DE CANDOSO – S. MARTINHO ou no COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, onde se estabelece um forte diálogo do natural com o construído. A presença do sobreiro no pátio central do primeiro e o desenho do pátios e do terreno no segundo conferem àquelas escolas a intimidade que habitualmente só sentimos nos espaços de habitação. Ao percorre-las pensei para mim mesmo como eu teria gostado de ter aprendido num espaço assim. É suposto que nas escolas se aprendem muitas coisas, mas é fundamental também ir-se aprendendo a viver no mundo. Algumas vezes eu digo que a criança precisa dos espaços para estar sentada com comodidade e poder aprender de modo participativo, mas precisa também na escola dos espaços para encontrar joaninhas que é sempre uma descoberta não menos importante. Os pátios estão ali para isso mesmo.

Acredito que é no ultrapassar do meramente racional que acontece a arquitectura. De contrário seria mera construção. É nesta abertura ao mundo que a arquitectura se aproxima mais da sua essência. Por isso falei logo no início de leveza e frescura que é um modo de falar da riqueza poética e transcendente do espaço.

Se eu quisesse sintetizar a característica mais forte da arquitectura de Pitágoras 4, atrevia-me a nomear a sua poética. E se falo de poética tenho que falar dos espaços de habitação porque são sempre espaços densos.

Visitei a CASA ACL onde constatei uma simplicidade aparente da composição arquitectónica cúmplice dos quotidianos misteriosos da vida.

Não se trata de simplificações organizativas do espaço, mas da sua riqueza:

o pátio com a doçura das paredes revestidas a madeira num diálogo com outro espaço exterior e com a beleza das luzes que se cruzam e se falam nas salas; o pátio com a relva e a oliveira vetusta a entoar o canto harmonioso do mundo; o fora que é um dentro acolhedor; a beleza do quarto com o banho a dialogar com a vegetação; o jardim a envolver a casa com árvores cheias de história e vida ao lado do aço corten moderno a segurar terras, mas com um desenho delicado que respeita humildemente o sítio.

O mesmo objectivo de diálogo, entre o espaço interior e exterior, transparece na CASA CS, onde a volumetria obtida por subtracções de partes, à maneira do escultor que descobre a forma a partir de subtracções ao bloco de mármore, tenha conduzido a um resultado formal diferente. Era outro o sítio, era outro o diálogo do construído com natural, era o mesmo objectivo.

E mesmo nos edifícios de habitação colectiva, sente-se a mesma preocupação de relações entre o sítio e a dimensão poética manifestada pelos materiais utilizados, as texturas, a adaptação à topografia, etc.

E ao pensar na intervenção paisagística do ARRANJO EXTERIOR DE HABITAÇÃO, não sei dizer melhor do que utilizando as palavras que Yourcenar põe na boca de Adriano:

“Construir é colaborar com a terra; é pôr numa paisagem uma marca humana que a modificará para sempre; é contribuir também para essa lenta transformação que é a vida das cidades. Quantos cuidados para encontrar a posição exacta de uma ponte ou uma fonte, para dar a uma estrada na montanha a curva ao mesmo tempo mais económica e mais pura...”

da clareza estrutural

Falo de poesia, mas não quero significar que tenha sido dada menos atenção ao projecto, na sua valência de clareza e de rigor construtivo, mesmo tendo em conta a analogia com a escrita. Escrever um poema, encontrar as palavras certas, reescrever, reinscrever, é semelhante ao projecto arquitectónico que vai procurando a sua clareza intrínseca, reinscrevendo-se nele próprio.

Como diz Campo Baeza, *“a gravidade faz a arquitectura”* e também diz, *“a estrutura resistente faz o espaço, e a luz constrói o tempo”*.

Clareza estrutural é mesmo outra nota importante da Arquitectura de Pitágoras 4.

Pense-se, por exemplo, no PAVILHÃO MULTIUSOS DE GUIMARÃES. Exteriormente evoca a noção de contentor, mas no interior expõe à evidência a sua estrutura resistente, verdadeiramente protagonista com a luz, do espaço construído. É interessante como um edifício visto do exterior pode ser caixa, e no interior prevalecer a quase desmaterialização das superfícies daquela caixa, tal é a presença da estrutura resistente e da luz.

Retenho ainda a luz, a penumbra e as sombras que percorrem as escadas e a luz do *“mezzanino”*.

Mesmo pormenores, aparentemente menos importantes, como a movimentação das bancadas e o seu arrumo em gaveta, são só possíveis porque existe clareza espacial do projecto.

O mesmo posso dizer-se do HOSPITAL PARTICULAR DE GUIMARÃES. Exteriormente é um contentor materializado em volumes diferentes, que interiormente se desdobra em outras caixas ou em vazios que fazem uma interioridade densa.

Quando o visitei preparava-se na sala “exterior” (pátio) a realização de um encontro de funcionários ou de pessoa ligadas àquela instituição e pude experimentar ali o contínuo exterior-interior, que dos romanos para cá, constitui um dos binómios mais importantes do espaço, marcado pela dualidade, a reciprocidade e o diálogo.

Clareza, é saber conciliar a dimensão mecânica de um espaço que deve responder rigorosamente às exigências do equipamento clínico, sem esquecer a dimensão do habitar, mais próxima de nós, como acontece nos quartos dos doentes; clareza, é o rigor da pormenorização construtiva sóbria e digna; clareza, é a hierarquização do espaço, como por exemplo o pé direito franco da recepção e a luz zenital que sabiamente o inunda, etc., etc.

do respeito pelo tempo

Arquitectura de rigor não fechada em si própria, mas aberta à consciência da História. A arquitectura não é só forma, mas também o é e esta constitui património do seu corpo disciplinar.

No ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA experimentei a dimensão do tempo: uma arquitectura de outra época com espaços arquitectónicos de agora.

Trata-se de uma intervenção que recupera e adapta a CASA NAVARROS DE ANDRADE - um edifício elegante de sabor maneirista - para instalação do Arquivo Municipal. Não se enveredou por qualquer forma de mimetismo. Afirmou-se a intervenção no tempo, com a consciência do hoje, recuperando a sua essencialidade volumétrica. O que mais me cativou foi a capacidade de a intervenção com uma linguagem moderna não roubar o tempo e a história.

Senti-me sempre como estando num Edifício de outra época e simultaneamente em espaços dos nossos dias. O lanternim com o seu revestimento de cobre de desenho moderno convive admiravelmente bem com o reboco e as molduras de granito na essencialidade de formas rigorosamente harmónicas.

Mas a intervenção é mais profunda porque não é apenas arquitectónica em sentido estrito. Ela adquire a dimensão urbana. Soube respeitar a rua e inventou um logradouro de uso público de belas dimensões equipado com um mobiliário moderno, intimamente integrado no conjunto. A solução do arquivo em cave prende-se com todos estes objectivos.

Já tinha experimentado esta sensação quando visitei com o Arq. Manuel Roque, que muito considero e cuja amizade muito prezo, a sua própria casa de residência, onde também experimentei a dimensão do tempo.

Coisas semelhantes podem dizer-se da recuperação do PALÁCIO VILA FLOR, que traduz um respeito pelo edifício, pela sua história e pela sua relação urbana.

concluindo

Por tudo isto que escrevi, sinto-me à vontade para afirmar que Pitágoras 4 manifesta uma autêntica consciência de maturação do espaço arquitectónico pelo rigor semântico da composição e pela recusa de qualquer retórica. Nestas arquitecturas somos confrontados com a perene interrogação do significado do espaço. Eu acredito que dimensão ética de estar ao serviço do homem, tão cara à tradição do pensamento moderno continua a fazer sentido.

A dialéctica do racional e do apelo poético, do herético e da regra, existe e faz pensar. Sei que até a heresia pode ser ainda uma forma de ortodoxia em arquitectura.

Para mim, esta arquitectura fez-me pensar, proporcionou-me imenso prazer e deu-me alento para continuar a acreditar na arquitectura.

Manuel Botelho

T40

Título: Casa do Poço- Renovação e Memória

Local, Publicação, Editora: Bodas de Ouro Sacerdotais- Dom Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

Data:

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel

Outras informações:

Bodas de Ouro
Sacerdotais
D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho





CASA DO POÇO RENOVAÇÃO E MEMÓRIA

Agradeço o convite da Comissão Organizadora das Celebrações Jubilares Sacerdotais do Sr. Bispo de Lamego, convite que me foi transmitido pessoalmente pelo Sr. Vigário Geral da Diocese, Sr. Cónego Joaquim Dias Rebelo, para fazer algumas considerações sobre o projecto da Casa do Poço, neste dia em que é inaugurado oficialmente o Museu Diocesano.

Sendo um projecto da minha responsabilidade, não posso e não devo esquecer os arquitectos que nele trabalharam, e que enumero: os arquitectos, António Simões, Rita Mazedo, Miguel Costa, Chiara Dorigati e Jocélia Santos e ainda toda a equipa de engenheiros responsáveis pelos projectos das diversas especialidades.



Tenho consciência do meu envolvimento pessoal nesta obra, algumas vezes profundamente desgastante, durante muitos mais anos do que o previsto e até há muito pouco tempo; e também de que me envolvo nas obras de arquitectura que projecto com uma profunda paixão.

Ciente destas circunstâncias, partilho com muito gosto, alguns pensamentos que povoam o meu imaginário de arquitecto e que no fundo traduzem o meu humilde entendimento do espaço, atento a não comprometer a objectividade das considerações sobre esta obra.

Não acredito numa arquitectura confinada ao domínio exclusivo do pensamento lógico, mas também penso que nos podemos entender com o recurso a palavras simples, mesmo no pressuposto de que a vivência da arquitectura, que é de todos nós, é daquelas coisas que não cabe inteiramente nas palavras.

Acredito que a qualidade do espaço ajuda a encontrar dimensões novas nesta riqueza que é viver no mundo e que a sua beleza é um bem que a todos compete preservar e desenvolver.

Seríamos mais felizes se soubéssemos construir mais belas as cidades!

O que vou transmitir é um testemunho experimental do espaço. Falarei de coisas muito simples quase banais.

Gostaria de ter a capacidade poética para saber comunicar, de uma forma simples, que se podem compor poemas com tijolos e argamassa; poemas de que o mundo, porventura inconscientemente, tem necessidade e fome.

Está na moda falar de arquitectura, mas perturba-me um novoriquismo de imagens que também neste campo invade os múltiplos canais de informação, numa manifesta distância da vida e das interrogações mais profundas do ser humano.

Para situar o contexto da elaboração do projecto, direi apenas que em 1996 Mons. Eduardo Russo me pediu um pequeno relatório sobre este edifício e sobre a viabilidade de nele poder instalar o Arquivo e

D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

o Museu Diocesanos, para o enviar ao então ministro da cultura Dr. Manuel Maria Carrilho.

Passaram dois anos e fui então contactado para a elaboração de um esquema elementar que permitisse uma discussão do programa do projecto.

Houve depois uma reunião com a presença do então Vigário Geral, Mons. Eduardo Russo, do então do Mons. António Francisco dos Santos, actualmente Bispo de Aveiro, do Mons. Bouça Pires e do Sr. P.e Dr. José Abru-nhosa.

Acordou-se um programa de Projecto que compreendia a instalação do Arquivo e do Museu Diocesanos, e ainda a instalação dos diversos Secretariados Pastorais. Neste programa contemplava-se também a intervenção no rés-do-chão do Centro Apostólico, ocupado pelas oficinas gráficas da Diocese.

Apresentei o estudo prévio que veio a ser aprovado. Por motivos de ordem económica, fui encarregado de desenvolver apenas a área correspondente à Casa do Poço também conhecida por Seminário Velho, onde nos encontramos.

Feito o levantamento do edifício, iniciou-se o projecto de arquitectura.

Depois deste enquadramento sumário do projecto, permito-me con-



Casa do Poço Restaurada



Entrada principal
antes das obras

vidar a assistência a acompanhar-me num breve percurso pelo edifício, para poder fazer algumas considerações muito gerais sobre esta obra.

Entraremos naturalmente pela porta.

E aqui começa a renovação e a memória.

Foi recuperado um portão de ferro forjado, mas retirou-se a chapa que o revestia em grande parte, para o tornar transparente de modo a permitir a visibilidade do pátio para quem atravessa o largo da Sé.

Deste modo a casa do Poço abriu-se à cidade, no diálogo possível entre o espaço privado e o espaço público.

À privacidade de antes, sucede-se hoje uma sequência de planos com reflexos que os caprichos do sol no seu caminhar diário tona diversificados, e sente-se um convite para entrar na intimidade calma que se advinha.

Vamo-nos aproximando e vamos sentindo transformações e memórias: uma cobertura sobre o pátio, mas as paredes inundadas de luz, a deixarem-se beijar pelo sol ou pela sombra, os dois modos que traduzem afinal o diálogo das coisas com os nossos olhos.

Houve o cuidado de respeitar



Entrada principal
após as obras



Pormenor da entrada

D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

escrupulosamente o grande vão de entrada e as paredes de granitos que definem o pátio do “poço” como testemunhas do tempo e dos seu percurso histórico com os fragmentos de vidas e de possíveis dramas de amor e de ódio nele semeados.

Mas ao mesmo tempo inventou-se um espaço de recepção, mais cómodo, mais abrangente aberto para receber vivências diversificadas.

No chão sentimos a austeridade da pedra e o risco que da porta se dirige para o outro lado de lá onde ainda se sente a memória do outro recreio para quem como eu viveu nesta casa anos de juventude já perdidos há muito.

Risco no chão com a simplicidade da criança que desenha a malha ou a macaca para jogar, ou com a nobreza do gesto solene dos romanos que, seguindo uma tradição etrusca, nas cidades de fundação, iniciavam o seu traçado com o risco, feito com arado tracionado por uma junta de bois, o risco da cruz definidora dos dois eixos principais da cidade: o cardus e o decumanos maximus.

No cruzamento dos dois eixos, a que chamavam mundus depositavam frutos da terra, a invocar a bênção dos deuses, num rito presidido pelo sacerdote.



O átrio visto do exterior



O átrio principal



A entrada vista do átrio

Riscar o chão, riscar o mundo,
encontrar os deuses, viver.

Como nos ensinam os poetas,
são os gestos simples dos nossos en-
contros com o mundo que nos fazem
compreender quem somos.

A rampa esculpida no chão não
existe apenas para chegar a esta sala
onde nos encontramos, faz parte do
caminho para o outro lado.

Neste gesto cumpre-se o desí-
gnio do projecto, porque do outro lado
estariam os Secretariados da Pastoral
Diocesana onde se integra o Museu e o
Arquivo, como se diz na Carta da Pon-
tifícia Comissão para os Bens Culturais
da Igreja: “A função Pastoral dos Mu-
seus Eclesiásticos”.

E mesmo não fazendo parte do
projecto esses secretariados, o peque-
no saguão não totalmente concluído,
mas previsto e necessário até por mo-
tivos regulamentares, é só por si um
símbolo, porque lá também há sol, e
por lá também se pode chegar à cidade
e ao mundo.

A Vila Júlia, hoje sede do célebre
Museu Etrusco de Roma, que Vignola
projectou para o papa Júlio III para re-
sidência de férias, é célebre por a porta
principal da Vila ser o início do cami-
nho para os jardins e o campo.

Gostaria que este edifício fosse



A porta da Sé vista do átrio



Clarabóias do átrio

D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

também célebre por ter uma porta de entrada que é porta para cidade e porta para o mundo, num percurso onde os caminhantes se cruzaram com a beleza, com a história ou com a paz interior.

Voltando ao átrio, a transparência da entrada, observada do lado de dentro, expande o espaço, e a Catedral passa a pertencer-lhe como limite.

As clarabóias, com uma linguagem inequívoca de modernidade traduzem o esforço em respeitar a memória das paredes, de modo a conseguir a convivência e o diálogo do novo com o passado.

E a escada de ferro a sugerir quase uma escada de estaleiro de obra, não fosse o seu dimensionamento a conferir-lhe dignidade, é um modo de afirmar que está ali agora e não desde sempre, mas constitui na sua quase rudez uma presença tão forte, que a subida para a capela é uma subida para o céu, que as clarabóias deixam ver.

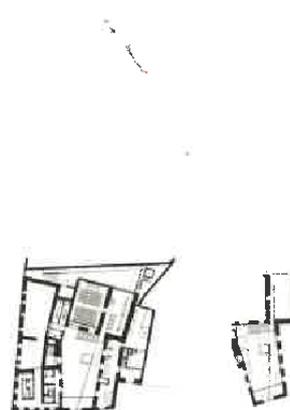
A essencialidade do desenho do balcão de pedra e de madeira, materiais próximos de nós, não faz concessões a formalismos vazios e constitui quase uma preparação para um possível encontro com a beleza no Museu, com a História no Arquivo e com Deus e os irmãos na Capela.



Escada da capela



A entrada vista do átrio



Paredes de granito existentes

O MUSEU

O Museu ocupa ala direita do edifício em U e a sua organização espacial decorre das paredes de granito existentes.

O projecto foi desenvolvido no pressuposto de manter aquelas paredes de granito, até para permitir eventuais estudos de silagens de pedra, e das várias tipologias de alvenarias de épocas diferentes.

Verificou-se que no Museu elas (as paredes) podiam definir bem duas áreas longitudinais de espaços diferentes: os espaços servidos e os espaço de serviço. Os primeiro constituídos essencialmente pelas salas de exposição; os segundos pelos corredores, escadas, e circulações em geral.

O rés-do-chão destinou-se prevalentemente a armazém.

Para chegar ao átrio das salas de exposição, a partir do espaço central, subimos as escadas de pedras que recordam as outras já gastas que ali havia e dali entramos nas salas de exposição do primeiro piso ou subimos umas escadas de madeira que nos levam às salas do piso superior.

Nos espaços de circulação privilegiaram-se enfiamentos visuais variados de uns pisos para outros e para o



Átrio das salas de exposição



Corredores do Museu



Tecto do Museu

exterior de modo a garantir a riqueza sequencial de emoções.

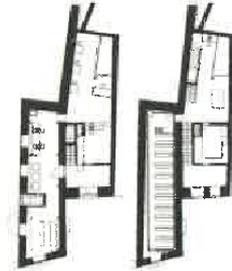
A preocupação de garantir o máximo possível de pé direito, como convém a espaços deste tipo, e também a de minimizar cargas sobre os alicerces de que não se conhece a efectiva resistência, é a razão da estrutura metálica da cobertura e do tecto do andar superior; estrutura que é visível com um desenho quase de nave industrial como que a afirmar que o importante na contemplação da arte se passa nas pessoas onde verdadeiramente ela acontece.

O ARQUIVO

O arquivo ocupa toda a ala direita do U do conjunto edificado.

O seu coração é o espaço reservado ao contentor metálico de 3 pisos para guarda dos documentos que ocupa parte do edifício a toda a altura e está equipado com o sistema de ar condicionado close controll.

Os espaços de limpeza de documentos, catalogação, reprografia e serviços administrativos ocupam os espaços da periferia do contentor, servidos por uma escada de traçado tortuoso, quase medieval, ditado pelo andamento das paredes de pedras ali existentes,



Ala direita do edifício - Arquivo



Interior do depósito de documentos



Sala de consulta de documentos

com degraus revestidos a alumínio, material tecnológico actual onde mais uma vez o antigo e o moderno dialogam.

O rés-do-chão destina-se ao espaço para consulta público de ficheiros digitais ou analógicos, requisição de cópias de documentos ou à leitura de textos de uma pequena biblioteca temática sobre temas de arte.

Merece uma observação a luz do pequeno saguão interior que se difunde pelos espaços circundantes, como são o de consulta de documentos no rés-do-chão, ou dos serviços nos pisos superiores. Trata-se duma luz, misto de luz zenital e luz directa, agradável e com algo de misterioso difícil de descrever.

E é também de realçar a janela alta que no rés-do-chão se abre para o Largo da Sé, como metáfora do encontro da Cidade com a História.

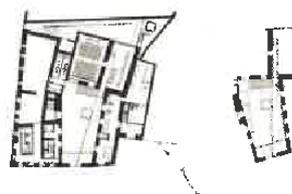
O AUDITÓRIO E A CAPELA

Por último o corpo central entre as duas alas: o Auditório no rés do chão e a capela no piso Superior.

Também aqui se verifica a memória duma capela que existia sensi-



Escadas da ala do arquivo



velmente no mesmo local e a inevitável transformação.

Capela muito simples onde o apelo ao sagrado é feito pela essencialidade da luz, pelas essencialidade de proporções, pela utilização de materiais contemporâneos correntes como o betão e a madeira, mas contaminados pelo evocação do sagrado como manifesto da afirmação que a beleza mais intensa não brota de adornos e da decoração mas da verdade das coisas.

A possibilidade de expansão do espaço de celebração, possibilitada pela grande porta de guilhotina, não retira ao altar a sua centralidade.

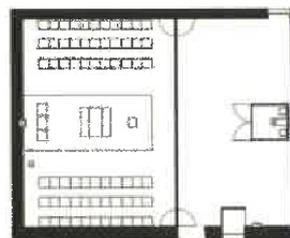
E o auditório feito duma sobriedade quase monacal, sobriedade que também caracteriza o espaço adjacente do bar, actualmente aberto para um espaço de certo modo degradado, mas que se espera possa brevemente proporcionar paz e repouso num museu que não sendo um templo ou habitação de musas, possa ser de lugar encontro aprazível dos seus visitantes.

O EDIFÍCIO

Exteriormente o edificio quase não se alterou, com pequenas excepções.

Penso que se fala da varanda sem porta e do telhado sem beiral.

Dada a impossibilidade de acesso àquela porta, por exigências do es-



paço interior, podia apagar as marcas da varanda, mas pareceu-me melhor assim, sem a pretensão de ser a solução definitiva.

As pessoas interrogam-se? Ainda bem.

Eu respondo que do outro lado está a ver-nos a história.

Mesmo encostado àquela antiga varanda está o contentor do Arquivo Histórico da Diocese, que nos vê sem precisar de ver.

Se tivesse apagado a varanda, possivelmente nem se dava conta e eu fazia uma parede cega muito em moda nos nossos dias.

Afinal aquelas pedras fazem pensar.

Existem muitas soluções. Uma poderia ser a de um baixo-relevo evocativo da beleza e da história, metáfora de um Arquivo e de um Museu, possivelmente a nascer do chão de modo a conferir-lhe a força das raízes para utilizar a metáfora de Paul Claudel¹, quando falava da casa onde viveu em criança, bem presa à terra com raízes, diferente do “armário” como chamava ao apartamento onde vivia em Paris.

Este baixo-relevo, no Largo da Sé, seria o contra-ponto dos que existem nas belas janelas românico-góti-



Rua dos Lourciros

¹ Cf. BACHELARD, GASTON, *La Poética dello Spazio*, pg. 54, Edizioni Dédalo, Roma 1975

D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

cas da Rua do Loureiro que constituem uma relíquia da Casa do Poço e uma relíquia da Cidade de Lamego.

Não faria sentido reconstruir a cornija de tábuas apodrecidas a imitar uma de matriz clássica. A verdade de uma parede rematada com o necessário elemento de protecção é mais verdadeira e por isso mais bela.

Vou terminar.

Subimos quatro escadas: a de pedra, a de madeira, a de ferro e a de alumínio, materiais que são metáforas do tempo e percorremos o edifício.

Penso que falei da Arquitectura da Casa do Poço.

Alguns dirão: falou de poesia, do universo da arte, considerada talvez como um pólo antitético da ciência.

Não fiz nenhum auto de fé contra a ciência ou tecnologia. Considero que ambas, a ciência e a tecnologia, prestam um valioso contributo à boa arquitectura,

A arte e a ciência estão mais vizinhas do que possivelmente imaginamos.

Mas sinto-me mais próximo do mundo e das palavras de Sophia de Mello Breyner² quando escreveu:

² Cf. ANDRESEN, SOPHIA DE MELLO BREYNER, *As casas*, in *Dia do Mar* (1947), ed. Consultada Caminho, Lisboa.2003.



A capela



O exterior da Casa do Poço



Alçado frontal à Sé

*Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto os grandes anjos cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.*

Falei do sentir das coisas, do sentir dos materiais, da luz, dos ecos indefinidos dentro de nós que sentimos todos os dias, do apelo de abertura ao mundo ou ao ser, apelo que tantas vezes transportamos adormecido.

Diante das construções megalíticas da pré-história, sinto a energia materializada do começo – não sei dizer de outra maneira.

Falo nisto porque acredito que é possível materializar de forma impetuosa a substância das coisas.

Parece que hoje os ritmos são outros: o fluir das coisas e das notícias é tal que empobrece a nossa capacidade de relação com os outros e com o mundo.

Com a vertigem do tempo e da história, as coisas já são só mercadorias, e o mundo é um hipermercado.

Mas embora os lugares de relação sejam as mais das vezes espaços de mecanicidade, a poesia do espaço, continua como linguagem universal.

Ποίησις é o fabricar, é o fazer, é a acção, é a capacidade de acrescentar um mundo novo ao mundo.

Bonito Oliva³ falava-nos nas aulas do olhar estrábico dos artistas e dos poetas, dessa linha de fronteira que percorre todos os campos do agir humano e do fenómeno cultural, seja ele: o da religião, da ciência, da tecnologia, da filosofia, da moral, e de tudo o que quisermos.

Quis projectar um espaço onde pudesse sentir-se a poesia de viver.
Quis projectar um espaço onde se pudesse acontecer a experiência da arte.

³ Cf. BONITO OLIVA, ACHILLE, Passo dello Strabismo Sulle arti, Feltrinelli, Milano, 1978.

D. Jacinto Tomás de Carvalho Botelho

Quis projectar um espaço onde se pudesse experimentar a beleza da comunhão com Deus e com os irmãos..



Pormento de janela romano-gótica

É a poesia que nos faz possuir a verdade, não a verdade da adequação do pensamento ao objecto, mas a verdade nova, a valência nova, a sugestão de um mundo novo.

É neste sentido que eu sinto a dimensão poética da Arquitectura – construção e descoberta de um mundo novo, construção e descoberta de uma pátria nova, construção e descoberta de uma nova porta do ser.

Situa-se nas fronteiras do silêncio. Acredito com Kahn no “encontro da luz e silêncio que traz a Arquitectura à vida”.⁴

Só a poesia liga todas as coisas e todas as artes, todas as forças do espírito, no sentido de Benedetto Croce, quando falava da poesia como plenitude da intuição estética da experiência do mundo⁵.

Acredito no encontro do sensível com o simbólico essencial, que se situa na fronteira da alienação e realização pessoal.

Ou doutro modo:

⁴ Cf. BONAFFI, MARIA, *Architettura è Louis I. Kahn, gli scritti*, pg. 134 Electa, Venezia, 2002

⁵ Cf. FAUDISIO, *Sull'Estetica di Benedetto Croce e altri saggi*, Saggi Bibliopolis 76. Nápoles.2003.



Acredito na descoberta interior de mundos pouco claros que a profundidade do pensamento possibilita, quando sentimos a experimentação interior da pergunta sobre o que as coisas são.

Mais do que pensar em formas, confrontei-me neste projecto com a ideia de corporeidade: corporeidade humana, corporeidade do espaço, que se encontram numa pertença recíproca: essa atmosfera poética da consciência e da presença do corpo que habita os espaços, com a capacidade de se deslocar e de andar, sem impedir a percepção da presença de Deus ou dos anjos.

Dito de modo mais disciplinar, a poesia faz-nos ultrapassar a tentação fácil do funcionalismo que responde à pergunta do “para que serve o espaço?” e não à de “o que é o espaço?”, funcionalismo que muitas vezes esquece a alma e nos impede de atingirmos as coisas simples que permitem a vida.

Negar a poesia é negar o corpo, e uma arquitectura sem poesia é uma arquitectura sem alma.

Muito obrigado

*Arquitecto Manuel Botelho
Professor da Faculdade de Arquitectura do Porto*

T41

Título: Sobre a construção da Sé-Catedral de Bragança

Local, Publicação, Editora:

Data: 1998

Autoria: BOTELHO, Manuel

Estado do texto:

Suporte: Papel

Outras informações:

SOBRE A CONSTRUÇÃO DA SÉ- CATEDRAL DE BRAGANÇA

Não entendo o conteúdo objectivo da discussão centrado à volta da Catedral de Bragança.

Discute-se o quê ? A comparticipação da Catedral? A dimensão quantitativa do programa? O projecto arquitectónico nomeadamente na sua opção formal?

Trata-se dum debate distanciado da nossa tradição cultural. Não ~~con-~~considero legítima a discussão pública dum projecto concreto de arquitectura em ordem à sua ou não aprovação pela ambiguidade cultural que envolve.

Acharia oportuno, dada a pobreza e vazio cultural em torno da construção da cidade, a promoção de debates públicos sobre este grande tema da edificação urbana .

Penso que em pleno século 20 se justifica a construção duma Catedral.

O tecido urbano tem necessidade de emergências que o qualifiquem do mesmo modo que as sociedades necessitam de referentes vivos da sua cultura. Todavia as circunstâncias sócio-culturais de hoje são diferentes daquelas que caracterizaram o "tempo das Catedrais" e com certeza não se trata de querer anacrónicamente repetir a história. A cultura secularizada que a própria Igreja reconhece como um "Sinal dos Tempos" aponta-nos para uma dimensão nova.

Assim, Catedral construída no séc. 20 deverá expressar a sua presença discreta na cidade que em termos urbanos, se traduzirá prevalentemente com uma perfeita integração.

Penso sintetizar o meu pensamento com a seguinte expressão: A Sé - Catedral não constroi a " Cidade de Deus" no mundo, mas faz parte e contribui para a edificação da "Cidade dos homens".

Porto, 8 de Dezembro de 1988

Manuel Tomás de Carvalho Botelho

T42

Título: Apontamentos da Conferência na Livraria Almedina

Local, Publicação, Editora:

Data: 2005

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Digital

Outras informações:

Conferência Livraria Almedina

15.02.2005

(...)

Saber científico

Palavra “poética”

Nos escritos de Alberti está a génese da estética

No pensamento

Arquitectura das necessidades

Arquitectura que dá prazer estético

De viver

Construções megalíticas: aproximações do homem com o mundo

Hoje perdemos um pouco isso

A poesia é uma linguagem universal

Vem da palavra “**poesiu**” ligada à acção; fazer novos mundos; transformar

É uma linha de fronteira que permite percorrer os campos do mundo

Liga a religião, a arte, a filosofia, e até a moral

Possui uma verdade que não é a adequação do pensamento ao objecto, é a verdade de poder novas verdades, novas valências, novos mundos e aqui estamos muito próximos da arquitectura

O lugar da poesia é na fronteira do silêncio e da porta do ser

Alguma coisa que nos interpela

Kahn: a arquitectura nasce desse encontro fantástico e misterioso de silêncio com a luz???????

Viver o que está intimamente dentro de nós

Abertura ao ser

Encontro com o ser

A poesia liga todas as artes

É a plenitude

Papel da arquitectura: construir lugares onde o ser se faz presente onde tem sentido viver

MURO – podemos considerá-lo por várias vertentes

- constrói uma interioridade

fazer arquitectura

- a arquitectura não é a metáfora da construção, os materiais é que têm sentido metafórico, os materiais para um arquitecto são mais do que para um engenheiro

“Fazer do mundo exterior substância da minha mente” Sophia de Mello Breyner

Interiorização das coisas que nos rodeiam, que nos permite dar um sentido do novo

Podemos ter perante o mundo duas atitudes: contemplação

Complacência

Trabalhar a poesia na arquitectura e trabalhar os ícones

Grande crise dos nossos dias traduz o problema de corporeidade

O corpo do mundo e o corpo das pessoas não se encontram

Por exemplo, esta sala (com ar condicionado, luz eléctrica)

Terra, céu ar luz – valores naturais

São essenciais e cada vez mais nos distanciamos deles

Na arquitectura não juntamos os corpos

Arquitectura como capsulas espaciais

Estamos longe das coisas

Um italiano disse “o nosso olhar quando se volta para as coisas muito extensas torna-se vago

Voltando à arquitectura dos inícios, da pré-história

Inconscientemente dentro de nós há uma vontade de regressar às vísceras da terra

Inversão dos sentidos

Idade Média?

O pensamento não está distante do corpo, do nosso ser completo

O “penso logo existo” não é verdade, abstracção do pensamento quando nos distanciamos do corpo.

Temos necessidade de regressar ao mundo

Poemas de Sophia: “As casas”

Há sempre um Deus fantástico nas casas onde vivo...

O trabalho da arquitectura é silencioso e vagaroso

Casa da Régua

Casa que nasce da terra

Poesia é ser capaz de dialogar com o mundo, com a história e com outros mundos

Ser, habitar e estar com os outros

É aquilo que nos faz viver

Fazer arquitectura é aproximarmo-nos da vida

3B. Textos outros autores

T43

Título: Em Torno das Primeiras Obras

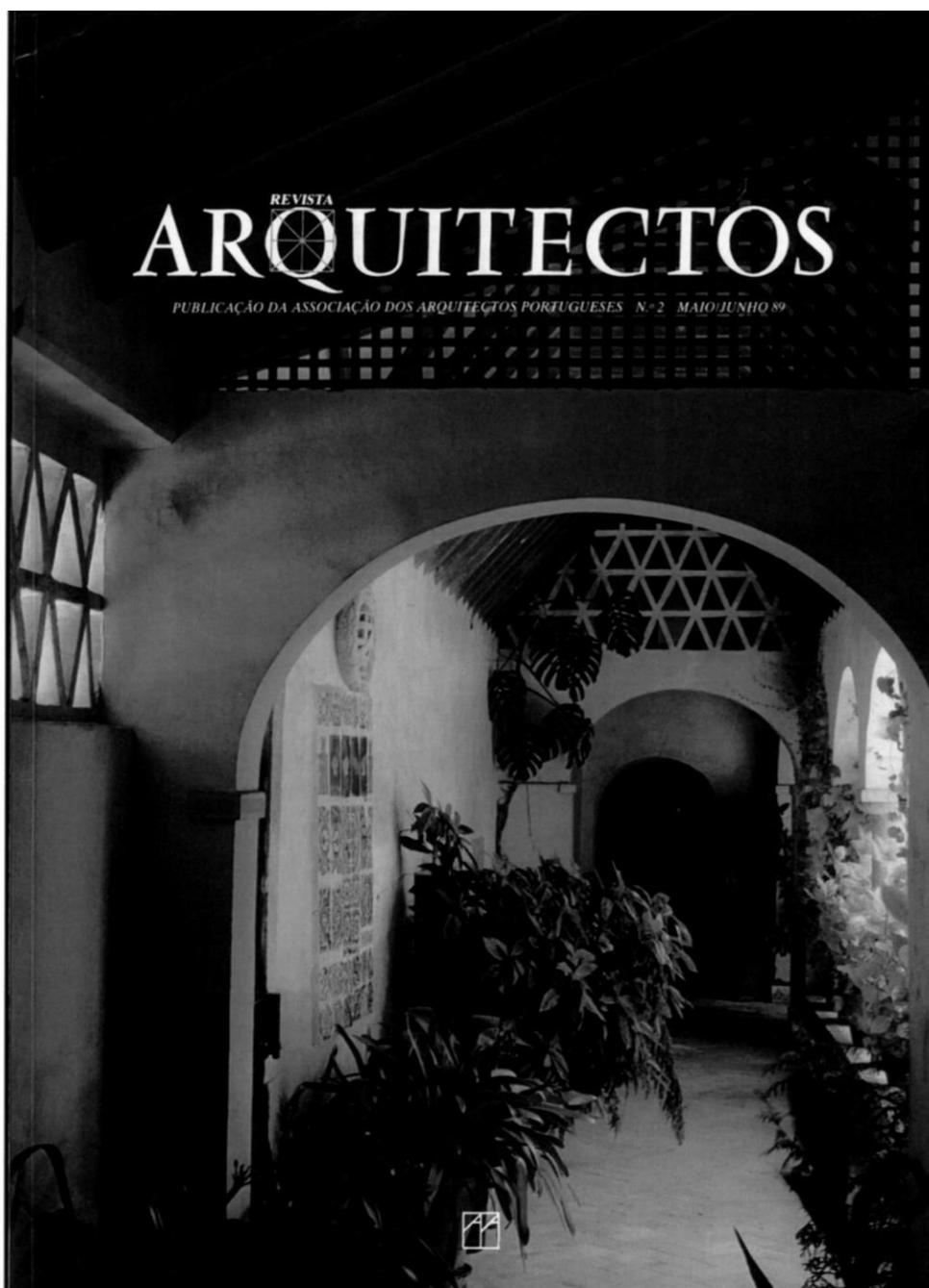
Local, Publicação, Editora: in Architectos, nº 2, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa

Data: 1989

Autoria: COSTA, Alexandre Alves

Suporte: Papel (Anexo Doc.96- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. Barroso Pires - Ponte da Barca



Em Torno das Primeiras Obras

Alexandre Alves da Costa

Muitos arquitectos ficaram de fora por preguiça, modéstia ou presunção. É, de facto, noutras idades que se passam as mais inovadoras experiências no campo da Arquitectura. Pode, no entanto, ser gratificante ler criticamente a abertura de percursos pessoais.

Não esperava uma lufada de ar fresco dos quarenta e oito trabalhos que se candidataram aos Prémios Nacionais – Primeiras Obras. Muitos arquitectos, quase todos, ficaram de fora por preguiça, modéstia ou presunção. É de facto noutras idades que se passam as mais inovadoras experiências no campo da Arquitectura. Sendo, por este lado irrelevante a consideração de uma Arquitectura jovem, pode ser, isso sim, gratificante ler criticamente a abertura de percursos pessoais, porque herdeiros de um saber disciplinar que, mais do que outros, preza a memória e faz da sua história matéria do projecto. Aqui, inevitável e conscientemente, se aceitam continuidades construtivas, formais e até de conteúdo, conforme as **histórias** que cada um inventa ou em cada um se inventa.

Perscrutar o Futuro

Por isso como não se trata hoje de desenhar aquilo que **já se sabe** com uma regra, uma técnica ou uma medida, é possível, com algum abuso, perscrutar o futuro através das *maneiras* como, em início de carreira, se vão entendendo as indeterminações ou ambiguidades dos que, diversamente, se opõem ao que chamam formalismo rígido do modernismo ou dos que, pelo contrário, se reclamam da sua complexidade e contradição para lhe darem um novo cumprimento.

Esta pareceu-me uma perspectiva de análise possível num curto comentário, embora não suficientemente estimulado pela qualidade e cuidadosa neutralidade média dos trabalhos.

Coisas de bom ou mau gosto conforme os gostos, tanto mais perturbante quanto, não distinguindo norte e sul, poderiam indiciar a identificação de um país bloqueado numa semiperiferia crescentemente medíocre – não fora a presença de alguns interessantes trabalhos a equilibrar um cepticismo ainda interrogativo, pelo benefício da dúvida que os ausentes sempre permitem.

Ou será que definitivamente não gosto de Arquitectura moderna? Trágica pergunta, idêntica à que timidamente balbuciei para mim próprio, à saída da Exposição Nacional de Arquitectura.

Many architects, were left out of the competition for sloth, modesty or presumptuousness. It is indeed at other ages that the most innovative experiences occur in Architecture. However, the critical reading of the opening of personal routes may be gratifying.



1. Pedro Maurício Borges
Secretariado Regional de Agricultura e Pescas

1. Pedro Maurício Borges
Agriculture and Fishing Regional Authority

Tradição e Transgressão

Assim, entre os reverentes à tradição moderna e os reverentes à sua transgressão, ponho de lado os que vão pelo seguro do que se vai fixando na normalidade da Arquitectura corrente, dita *de qualidade*, sem mistério, nem encanto, nem odor pestilento. A delícia das antigas Comissões de Estética municipais!... Do norte vêm alguns a provar que da Escola do Porto também sai quem saiba responder às exigências de uma nova clientela, mais pela eficácia do que pelo exibicionismo formal – o que lhes dá um ar (a que se costuma chamar, e que espero não seja), sólido, em contraposição ao que se costuma chamar (e espero seja), efémero dos seus pares lisboetas.

Entre estes, um pouco marginalmente, estão os que, mais ingenuamente, se pretendem construir, a partir da envolvente caricaturando-a, talvez para *passar no património*. Muitas vezes não resistem, por pura

afectividade, ao triângulo de que, como dizia Fialho, qualquer edifício é pretexto para. Fazem imensas saudades aos mais duros dogmáticos a-históricos da modernidade e são os mais comovescentes na sua ineficácia porque só provocam inimizades.

Expressões sem Expresso

Na continuidade ou no aprofundamento da tradição moderna, sem protecção das visões totalitárias, os trabalhos mais sérios e, tendencialmente, mais rigorosos. Um pouco friamente, buscam na própria obra as suas regras que, não correspondendo à aplicação de categorias conhecidas, implicam um prognóstico sobre a realidade e uma leitura crítica da história, o que lhes confere uma contemporaneidade potencialmente à margem de qualquer academismo.

No entanto, a procura de referências na tradição ou nas tradições do novo é incorporada em composições desfeitas, não por descomposição consciente, problematizando a ambiguidade, a complexidade, a dúvida ou até a fragilidade das convicções, mas por excesso ou descontrolo no seu manuseamento. E é, pelo menos, estranho que não seja tema a recuperação das divergências numa nova racionalidade feita de racionalidades ou na consideração clarificada da sua impossibilidade. A sua real ineficácia advém já não da ingenuidade mas, sobretudo, da neutralidade do compromisso com a vida, no melhor dos casos, da inabilidade para o exprimir. **Expressões sem expresso**, como diria Régio, ou desadequadas ao expresso, em compromisso mais formalista do que vital.

Noutro campo, apesar de tudo menos produtivo, a habilidade de vazios, espécie de virtuosismo bajulador, em trabalhos mais acabados e mais convictos nos seus revivalismos clássicos ou outros. Não se entende bem se revivem mais do que outras habilidades estafadas em que se comprazem os que acreditam que constroem a emergência da pós-modernidade.

O desejo de composição é evidente, a envolvente é **irrelevante, porque se trata da representação de um objecto que é exemplar porque vem dos exemplos**. A citação de Joaquim Vieira refere-se à condição neo-

clássica, falta àqueles o resto: uma técnica do rigor, a segurança do método, o rigor e o respeito **dos princípios**. É, pois, continuando com Régio, um **continente inútil por ausência do único conteúdo próprio**.

Nestes, à irrelevância da envolvente acrescentaria uma oposição real à sua leitura, bloqueando, por falta de desígnio, a sua transformação. Os outros respeitam, de facto, a envolvente com que se relacionam sempre, mesmo sem o exprimir de forma imediata. Têm a visão transformadora que, partindo da consideração do valor autónomo da obra, considera a sua capacidade de gerar uma releitura qualificadora do contexto, no qual intervém como agente de transformação.

Premiados

Entre premiados e não premiados, destaque para a casa unifamiliar em Ponte da Barca de Manuel Botelho, onde a composição é tema para a criação de regras que integram complexidades formais, visando a qualificação dos espaços vivenciais. É o espaço a matéria modelada, em síntese que, assim, não separa os valores que o conformam.

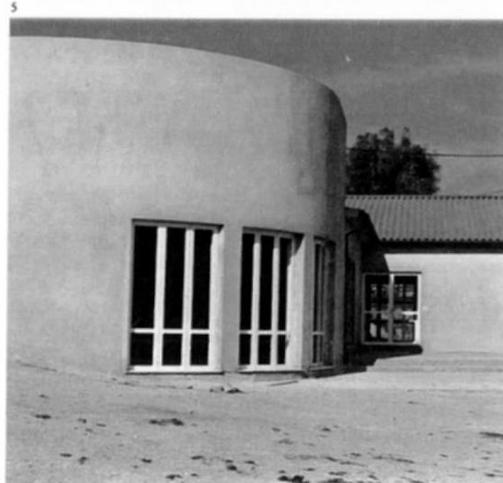
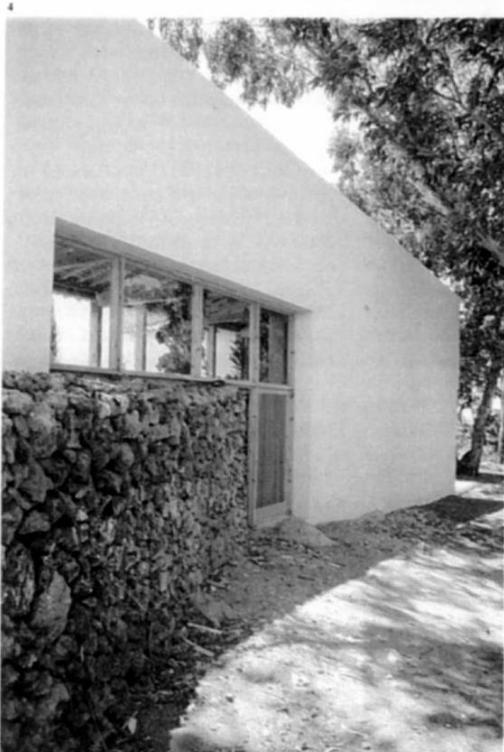
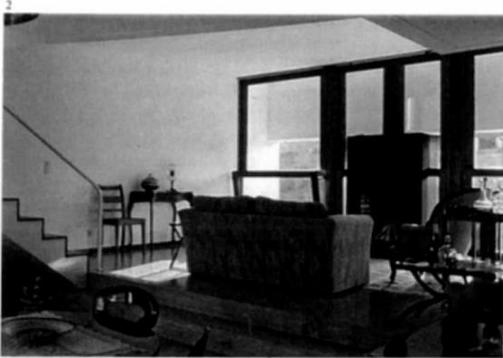
Dos que mais prezo, a Estação Central de Camionagem de Lamego de José Carlos Portugal e Carlos Prata, a casa em Vieira do Minho de Jorge Croft, a casa M. Lourenço, na Maia de J. Álvaro Rocha e M. Conceição Melo e, sem qualquer dúvida, o trabalho de Pedro Maurício Borges a proporcionar, no conjunto, a alegria de ser mais do que um esforço sério e empenhado em difíceis condições.

Sem nada de fácil ou atractivo, nem através do estranho ou pitoresco, nem do romântico ou antigo, de forma clara aqui se reconhece a responsabilidade do arquitecto que, como antes dizia, implica um prognóstico inteligente sobre factos observáveis, a leitura crítica da História e a organização de meios adequados – entenda-se todos – para um controlo eficiente da realidade.

O Júri concluiu por unanimidade, o que não significa que somou opinião de cada um dos seus membros, mas que soube construir, a partir disso um *consenso crítico* com que todos se solidarizaram.

2. Manuel Botelho
Vista interior da habitação de Ponte da Barca
3. José Carlos Portugal e Carlos Prata
Central de Camionagem de Lamego
4. Pedro Maurício Borges
Secretariado Regional de Agriculturas e Pescas

2. Manuel Botelho
Inside View of the House at Ponte da Barca
3. José Carlos Portugal and Carlos Prata
Bus Station of Lamego
4. Pedro Maurício Borges
Agriculture and Fishing Regional Authority



5. Jorge Croft
Habitação unifamiliar de Vieira do Minho
5. Jorge Croft
Self-Contained Villa at Vieira do Minho

T44

Título: O Simulacro do Risco

Local, Publicação, Editora: in *Arquitectos*, nº 2, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa

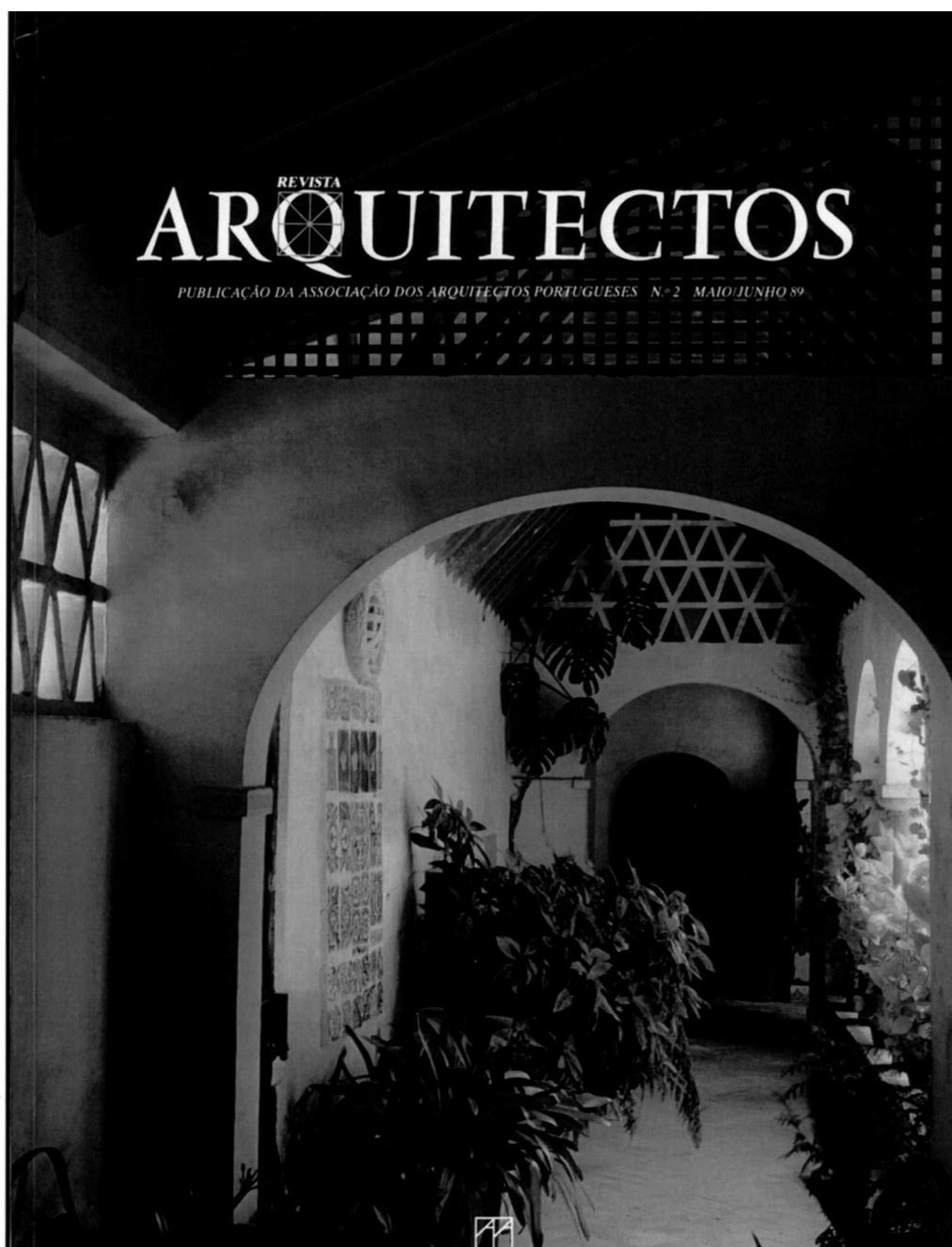
Data: 1989

Autoria: CABRAL DE MELO, Duarte

Estado do texto:

Suporte: Papel (Anexo Doc.97- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. Barroso Pires - Ponte da Barca



O Simulacro do Risco

Duarte Cabral de Melo

Omitindo deliberadamente qualquer justificação, aceito que a Arquitectura pode ser simulada, desenhada, retratada. Cada um desses simulacros regista intenções, mostras, valoriza ou esconde aspectos diferentes da obra construída.

Deliberately omitting any justification, I accept that Architecture can be simulated, drawn, portrayed. Each of these imitations registers intentions and displays, appraises or hides aspects different from the constructed work.

Imagine-se que os autores das primeiras obras de Arquitectura, os das últimas, as mulheres architectas, os homens, os do terceiro ou os do quarto sexo chamavam a si a iniciativa de juntar, expor e, eventualmente, premiar os melhores de entre si.

Se tal acontecesse, viveríamos num clima cultural onde se perfilariam inúmeras arquitecturas equivalentes, no lugar de umas quantas, dominantes. Não haveria donos das normas. A ninguém caberia o poder de segregar o que quer que fosse ou quem quer que fosse, em nome do conhecimento disciplinar, então irreversivelmente pulverizado pelas inúmeras e assumidas minorias architectas; se os sujeitos fossem múltiplos e os discursos relativamente autónomos.

Se, em alternativa, me fosse cometido – e eu aceitasse – a tarefa de dividir o universo dos architectos no número e na diversidade de grupos ou subgrupos que entendesse, serviria a instauração de um poder cultural discriminatório, ainda que a coberto de um simulacro de pluralismo, porventura indesejado ou temido.

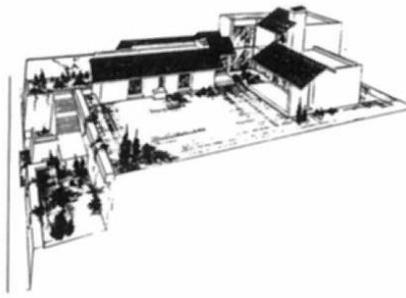
De uma forma então ainda bem menos clara, foi nisto que pensei, como suporte possível da minha vontade de recusar, liminarmente, o pedido da REVISTA ARQUITECTOS para que fizesse um comentário crítico sobre a exposição Prémios Nacionais de Arquitectura 1988, Primeiras Obras, Arquitecto praticante, o convívio com as obras de outros, qualquer que seja a sua ordem de produção, interessa-me sobretudo como pretexto para melhorar o meu próprio trabalho, à custa de uma prática discursiva relativamente marginal aos mecanismos de consumo que um discurso unilateral sobre elas incorpora, inevitavelmente. É por isso que não fará qualquer sentido começar por classificar ou dividir as arquitecturas disponíveis e os seus simulacros – os painéis da exposição e documentos de apoio, no caso vertente – em boas ou más, verdadeiras ou falsas, premiáveis. Quando as há, disso se encarregam os júris, soberanamente, como lhes compete. Posto isto, só a esperança de um diálogo sobre a Arquitectura, persistentemente adiado entre nós, suporta ou valida a emissão dos comentários que se seguem. Alinhavados a partir de visitas apressadas à exposição na Associação dos Architectos Portugueses, eles constituem apenas os

primeiros esforços para perceber os projectos expostos e vir a poder reflectir sobre eles, com o respeito e o tempo que cada um merece, por definição.

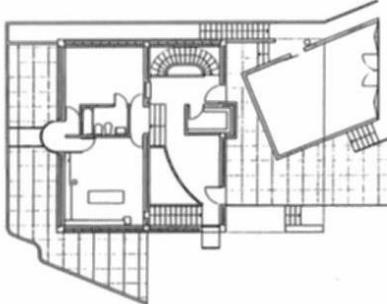
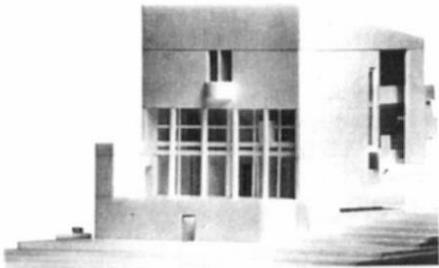
Simulação/Dissimulação

Omitindo deliberadamente qualquer justificação, aceito que a Arquitectura pode ser simulada, desenhada, retratada. Cada um desses simulacros regista intenções, mostra, valoriza ou esconde aspectos diferentes da obra construída. O seu conjunto – painéis, por exemplo – pode vir a constituir-se como um objecto em si, nalguns casos relativamente distante da obra que apresenta. Aqui tive as primeiras dificuldades de entendimento e as primeiras dúvidas soltas:

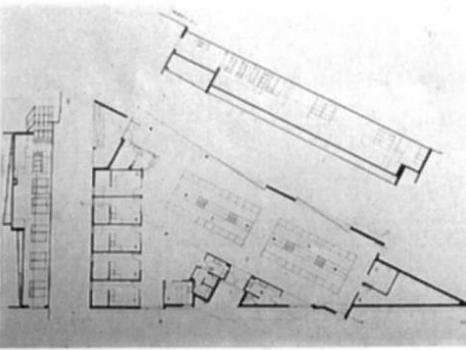
- Os desenhos, sobretudo a perspectiva de conjunto, da moradia de Linda-a-Pastora¹ pouco ou nada têm a ver com as fotografias da obra pronta, ficando ininteligível a discrepância e o seu sentido.
- O rigor gráfico do painel da casa de Ponte da Barca² e a sua poderosa imagem de cartaz quase me fizeram esquecer que a grande e bonita fotografia mostra pouca Arquitectura, mas tem a virtude de esconder, ou secundarizar a ingenuidade da que a planta regista.
- O descuido gráfico e a profusão de informação sobre o Mercado Municipal de Santo António da Areia³ parecem esconder – mais do que mostrar – um projecto sobre o qual, apesar ou por causa disso, me apeteceu poder vir a pensar vagarosamente.
- Agendei para um futuro próximo uma ida à Estação Central de Camionagem de Lamego⁴ porque, para me habilitar a pensar um pouco mais sobre ela, impõe-se verificar, lá mesmo, como é que convive com a sua envolvente próxima – o que a apresentação do projecto parece querer esquecer ou secundarizar.
- A grande fotografia da habitação na Moita⁵ parece fazer negaças ao entendimento do projecto, com cúpula.



1
 Casa em
 Linda a Pastora:
 - Vista exterior
 - Axonometria
 House at
 Linda a Pastora:
 - Outside view
 - Axonometric



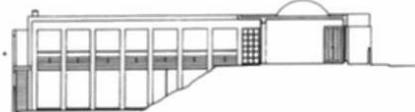
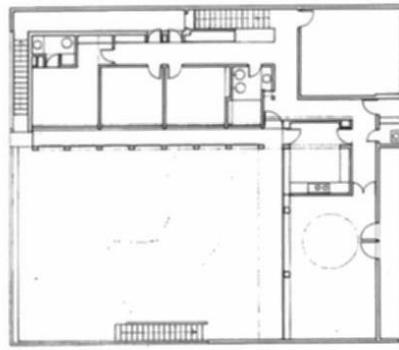
2
 Casa em
 Ponte da Barca:
 - Maquete
 - Planta
 House at
 Ponte da Barca:
 - Maquette
 - Plan



3
 Mercado
 Municipal
 de Sto. António
 da Areia:
 - Vista exterior
 - Planta e Cortes
 Municipal
 market
 at Sto. António
 da Areia:
 - Outside view
 - Plan and
 Sections



4
 Central
 de Camionagem
 de Lamego:
 - Vista de conjunto
 Lamego
 Bus Station:
 - General view



5
 Habitação
 na Moita:
 - Vista da Varanda
 - Planta.
 House
 at Moita:
 - View of the
 Balcony
 - Plan

T45

Título: Case in Portogallo: 1

Local, Publicação, Editora: in D'Architettura, nº 2, Aquila

Data: 1990

Autoria: FERNANDEZ, Sérgio

Suporte: Papel (Anexo Doc.98- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. Barroso Pires - Ponte da Barca





Rivista di Architettura
Trimestrale

Direttore
Pino Scaglione
Comitato redazionale
Vito Cappiello [Vice direttore]
Mosé Ricci
Livio Sacchi
Patrizia Leone [Coordinamento redazionale]
Maria Laura Micara [Relazioni e News]

Corrispondenti e collaboratori:

Michele Cannatà
Francesco Donato
Angelo Gaccione
Giuseppe Guerrera
Vincenzo Melluso
Lorenzo Netti
Marcello Panzarella
Francesco Polesello
Stefano Tessadori

Progetto Grafico
Piergiorgio Maoloni
Impaginazione
Pasquale Giofrè

Pubblicità:
Editoriale d'A
Via Carso, 2
67051 Avezzano (AQ)
Tel. 0863/34163

Direttore Responsabile
Pino Scaglione

d'Architettura
Settembre 1990
Autorizzazione Tribunale
di Avezzano
n° 200 del 18/6/90
Spedizione in abb. postale
a tariffa ridotta
Gruppo IV/70%

Editore: Editrice Futura s.r.l.
Sede sociale:
Viale Francesco Crispi, 43
L'Aquila - Tel. 0862/410760
Fax 0862/312603

Redazione: Via Carso, 2
67051 Avezzano
Tel. e Fax 0863/34163
Redazione romana:
P.zza Colosseo, 9
Tel. 06/7001445 - 7001533

Tutti i diritti riservati
Centro Progetto Nuovo

Fotolito: C.F.
Marina di Città S. Angelo
Fotocomposizione:
Laser Service - Sulmona
Stampa:
Arti Grafiche Aquilane - L'Aquila

Una copia Lit. 8.000
Copia arretrata Lit. 16.000
Abbonamento annuale
(4 numeri)
Lit. 35.000
Vaglia postale o assegno bancario
intestato a: Edizioni Futura

One copy Lit. 15.000
Annual Subscription abroad
(5 issues) Lit. 70.000
Payable by international money
order by postal account

SETTEMBRE
1 9 9 0

2

7 **Pino Scaglione**
L'Architettura assente

RIFLESSIONI

8 **Aldo Schiavone**
L'incubo abita in città

10 **La città nella pittura**
Conversazione
con **Federico Zeri**

GIOVANE GENERAZIONE

16 **Pasquale Culotta**
Due realizzazioni
del Gruppo Itaca

22 **Vittorio Gregotti**
Progetti e realizzazioni di
M. Reginaldi, C. Annoni,
I. Marrone, D. Saviola

MATERIALI

31 **Notes**

32 **Sergio Fernandes**
Casa a Ponte da Barca
di Manuel Botelho

40 **Ampliamento del Cimitero**
di Ciminna (PA)
di G. Guerrera e F. Grimaldi

36 **Edificio per uffici**
e negozi a Guimares
di Antonio Gradim

42 **Mosé Ricci**
I Piani per Sacile
di Umberto Trame

I CONTEMPORANEI

48 **Itinerario di un contemporaneo:**
Gianugo Polesello

I MAESTRI

62 **Marco Dezzi Bardeschi**
Il restauro della Stazione e della Palazzina Reale a Firenze
di **Giovanni Michelucci**

DESIGN

67 **Alfonso Acoella**
Il Terminal di Via Valfonda
a Firenze di Cristiano Toraldo
di Francia
e Andrea Noferi

74 **Renato Nicolini**
Il restauro del Palazzo
delle Esposizioni a Roma
di Costantino Dardi

79 **Piergiorgio Maoloni**
La grafica del Palazzo
delle Esposizioni

80 **Produzione:**
La poltrona Fauteuil
di **Le Corbusier**



IN COPERTINA:
Gianugo
Polesello
Prospettiva
del progetto
per il Centro
Direzionale
di Firenze
(1977)

M A T E R I A L I

CASE IN PORTOGALLO: 1



1. Spaccato assonometrico della casa di Ponte da Barca

- Alla pagina seguente
2. Fronte sud verso la campagna
3. L'edificio nel contesto
4. Pianta zona giorno
5. Pianta zona notte

SERGIO FERNANDEZ

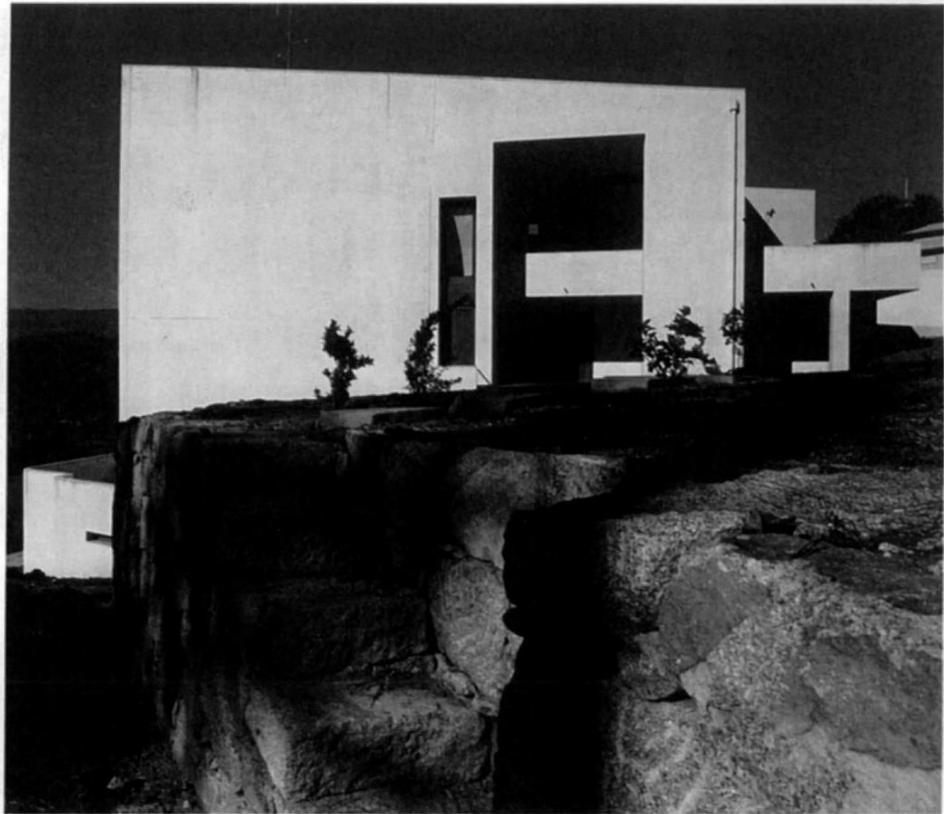
ENTRARE di esplicitare in un breve testo le considerazioni, molteplici ed eventualmente contraddittorie, che un'opera di architettura di qualità suscita, non è una questione che si risolve con facilità. Specialmente quando l'oggetto della critica ha come autore l'opera di una persona con la quale abbiamo rapporti quotidiani, e che ha della professione un concetto a me vicino. Può tornare molto parziale questa nostra osservazione, anche perché quando la conoscenza dell'opera si limita ad una breve permanenza nella casa costruita, si potrà poi parlare di apprezzamenti forse infondati. Coscienti di tale rischio e con molta spontaneità senza voler dire nulla di particolarmente importante trasmetteremo alcuni giudizi sul valore della casa a Ponte da Barca progettata da Manuel Botelho. L'opera a distanza appare poggiata su un terreno elevato, si stacca nel paesaggio affermandosi isolata e senza sotterfugi, grazie ad un forte volume dai contorni secchi e ben definiti e per l'uso di un colore unico sia nelle facciate verticali che nella copertura. Non diluire l'immagine creata sembra perciò una scelta obbligata. L'opzione è espressa nell'alto volume principale e nel piano di copertura inclinata con la pendenza contraria a quella del terreno. L'uso diffuso del colore ocra contribuisce molto affinché la casa sia un volume perfettamente individuabile nel paesaggio in cui predomina il verde intenso. Coerentemente, nelle facciate, non si fa ricorso a nessuna specie di mimetismo; il granito emergente tipico della regione, è appena usato con elementi che si legano inequivocabilmente a terra - muri dei terrazzi e di contenimento - sempre di ridotta presenza e di forma irregolare; inversamente le pareti che delimitano il volume realizzato sono costituite

MANUEL BOTHELO

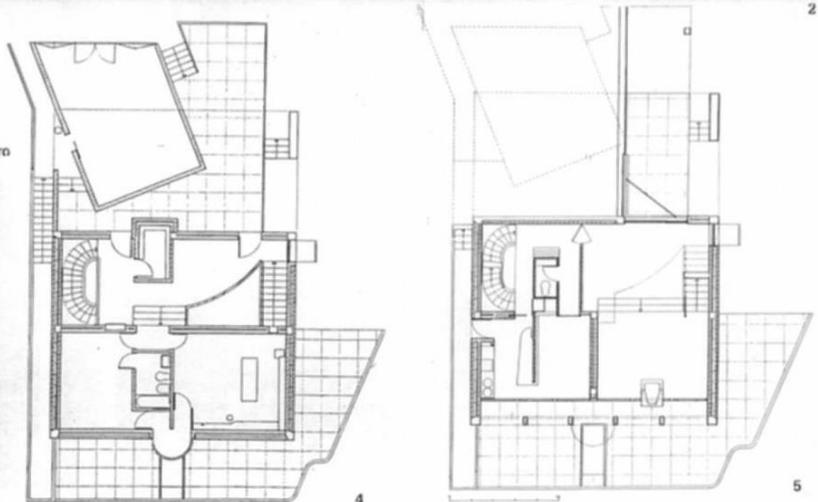
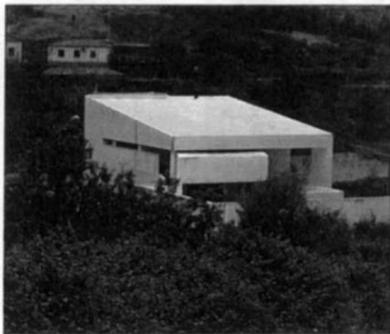
M A T E R I A L I

da estese superfici lisce ed intonacate. Avvicinandosi, sempre all'esterno, la casa rivela l'inizio di un gioco molto presente nella concezione dei differenti ambienti; esprime una permanente antinomia nella quale viene suggerita o che sembra realmente una costante sequenza di sorprese nel particolare "montaggio" degli spazi. La massa costruita, che appare monolitica, si apre decomposta in un numero differente di elementi. Particolare importanza ha il trattamento della luce che valorizza le parti inferiori dell'abitazione e gli spazi di accesso. Bisogna anche menzionare, perché si tratta di un esemplare esercizio di creazione e di rigore, tutta la elaborata sistemazione esterna, inevitabile prolungamento dello spirito che sovrintende alla concezione generale della casa. Il carattere affermativo dell'insieme, la delicatezza dei suoi dettagli, la relazione che la casa stabilisce con il contesto, la complessa e quasi insperata proposta funzionale, la chiarezza degli spazi e inoltre l'attenta lettura dei materiali e della loro forza plastica, rivelano una intensa lettura di Loos e una chiara vicinanza alla produzione di Siza Vieira. Opera della Scuola di Porto, per il depuramento del linguaggio che non rifiuta la poesia bensì proprio gli eccessi di "Scuola".

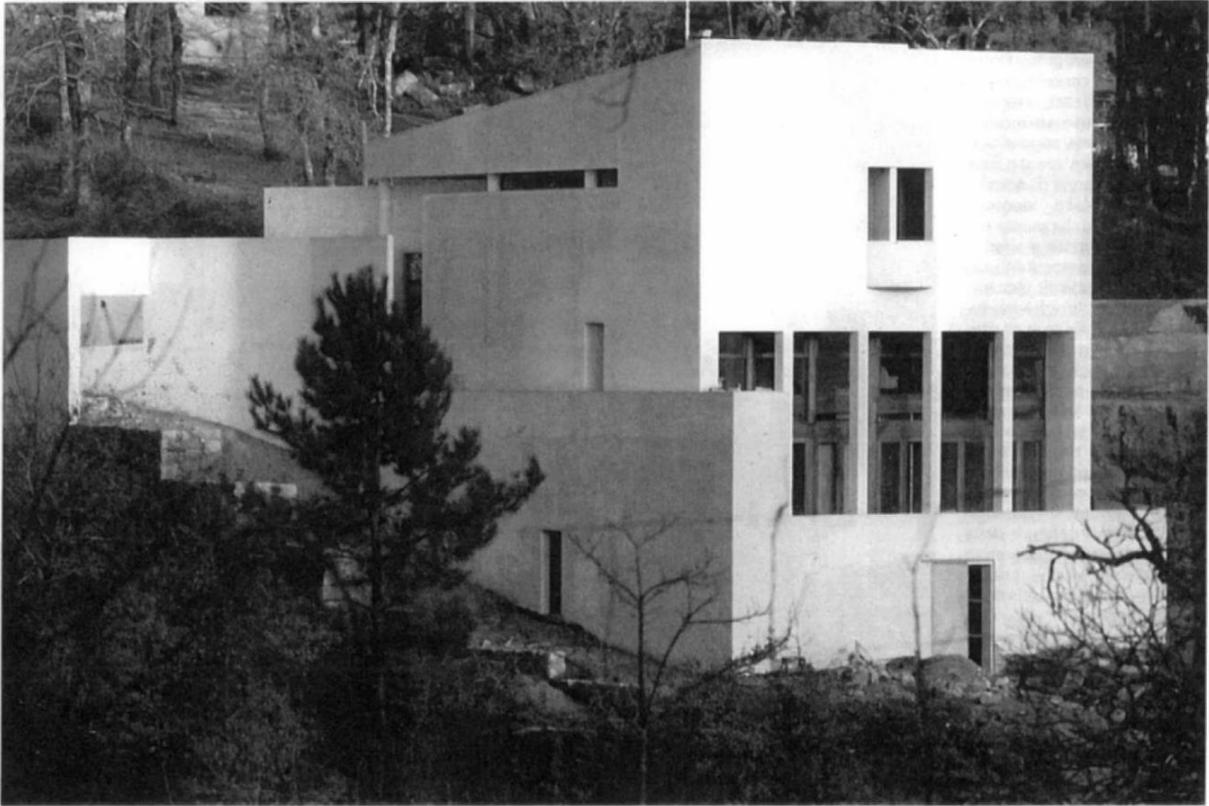
[Foto di Michele Cannata e Manuel Botelho]



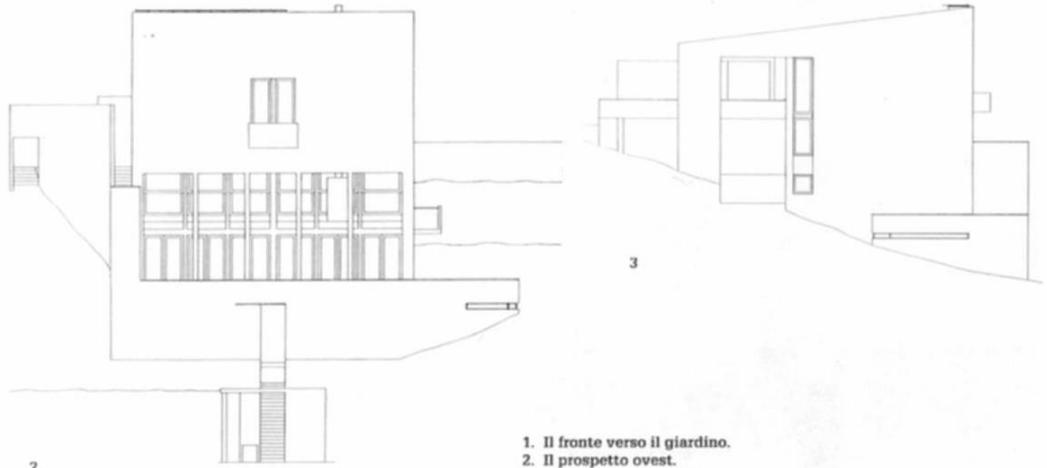
CASA A PONTE DA BARCA
[Portogallo]
1984/1987
Progetto di Manuel Botelho
Coll. Isabel Jenero



M A T E R I A L I



1

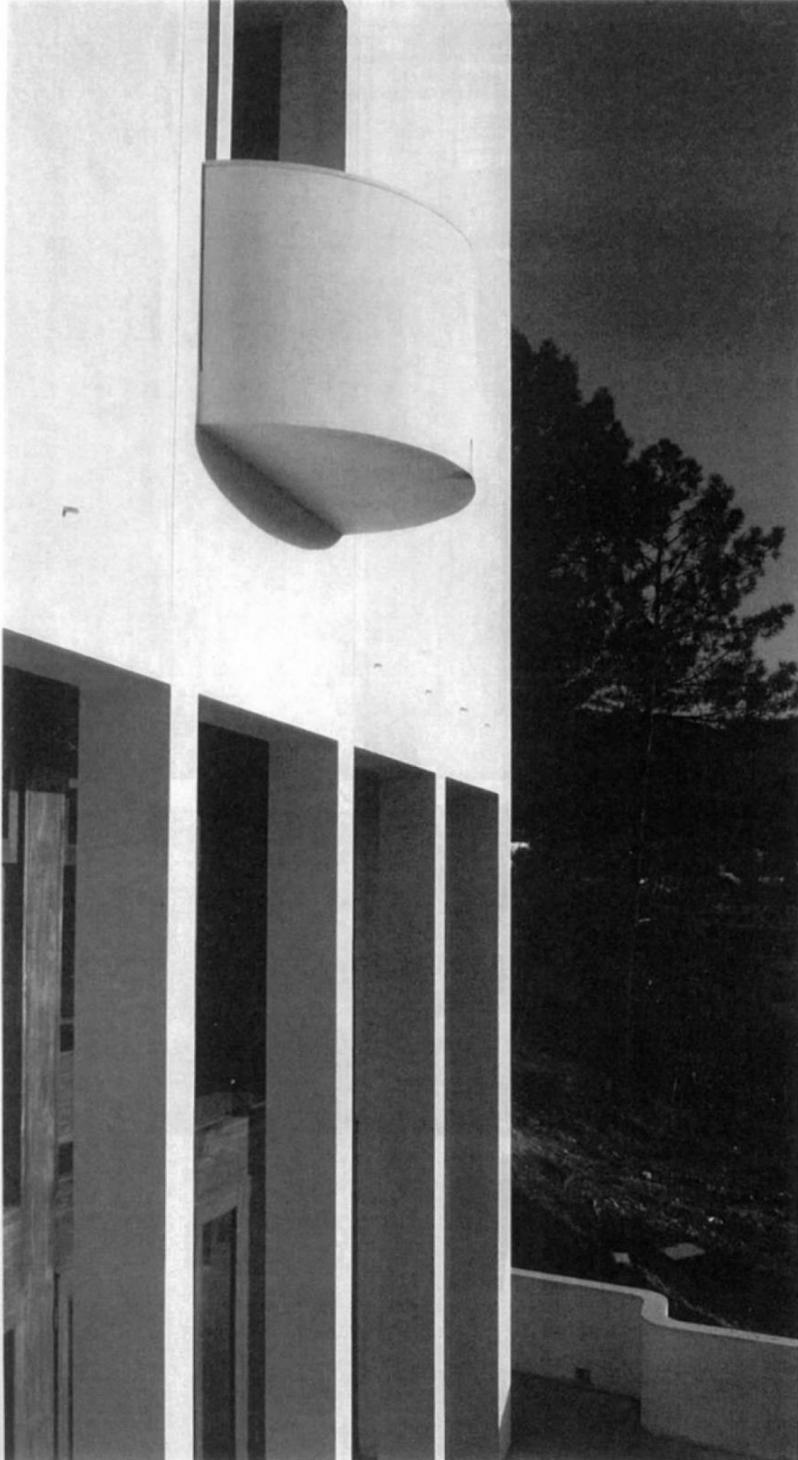


2

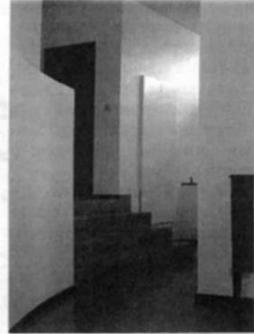
3

- 1. Il fronte verso il giardino.
- 2. Il prospetto ovest.
- 3. Il prospetto a sud.

M A T E R I A L I



1

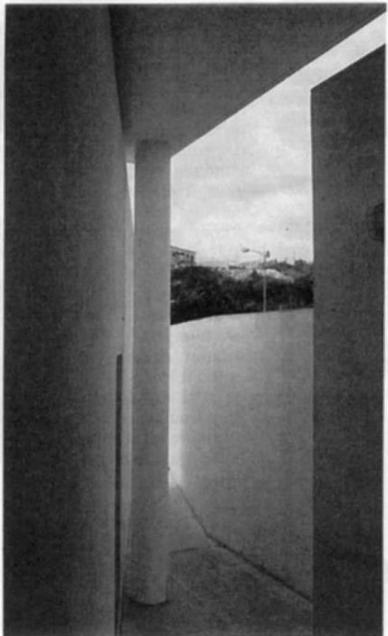


2

1. Dettaglio del balconcino, sulla facciata, verso il giardino.
2. La zona d'ingresso.
3. Il lavabo tra cucina e pranzo.
4. Veduta di un percorso della zona seminterrata.



3



4

T46

Título: Casas atlânticas, Galicia y norte de Portugal

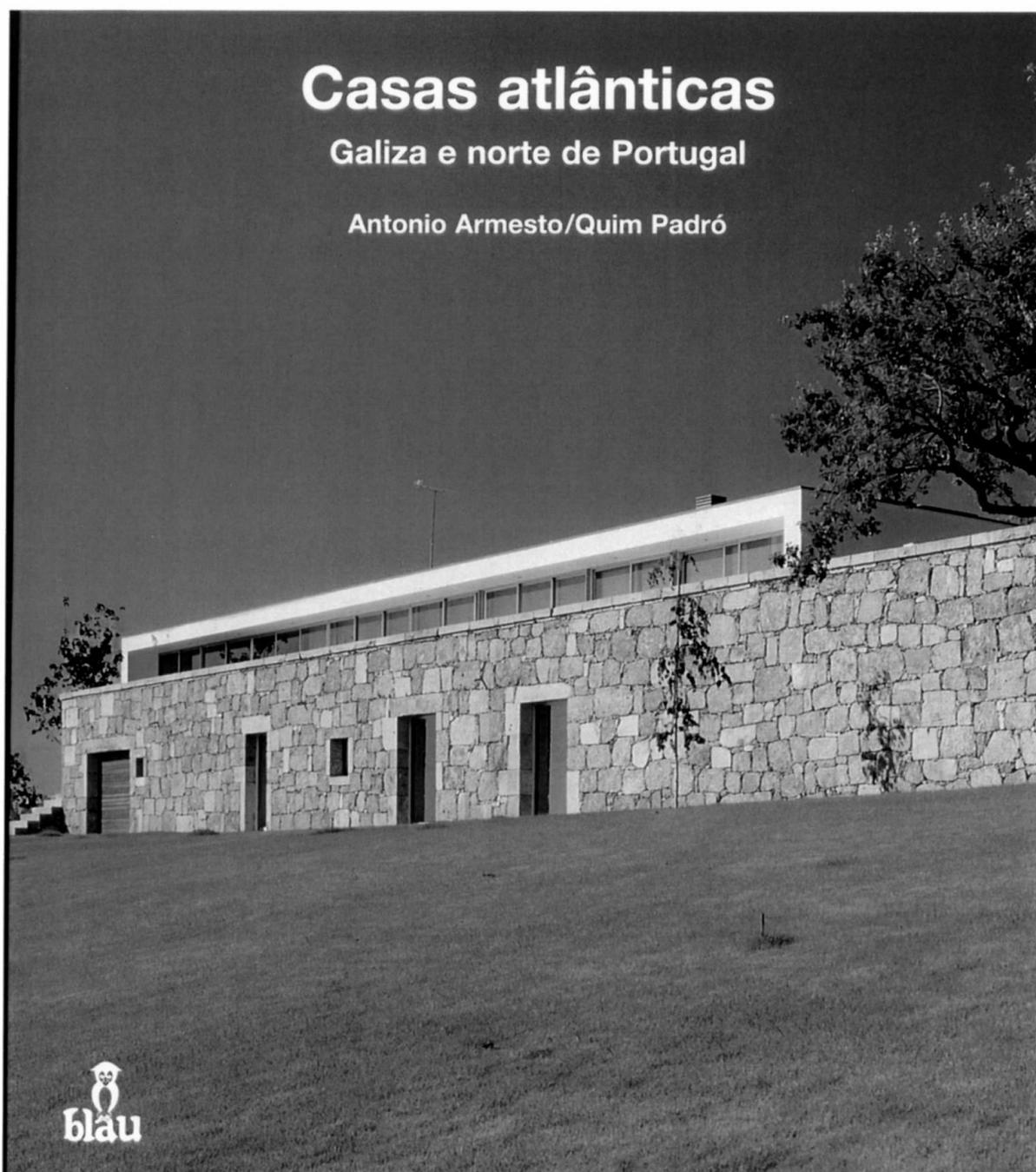
Local, Publicação, Editora: Gustavo Gili, Barcelona

Data: 1996

Autoria: ARMESTO, António; PADRÓ, Quim

Suporte: Papel (Anexo Doc.99- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. Barroso Pires - Ponte da Barca



Casas atlânticas

Galiza e norte de Portugal

Antonio Armesto/Quim Padró



EDITORIAL BLAU LDA, Av. Marquês de Tomar, 68, 4.º Esq., 1050 Lisboa — Portugal, Tel. (01) 797 99 12, Fax (01) 793 83 41

Casa Barroso Pires

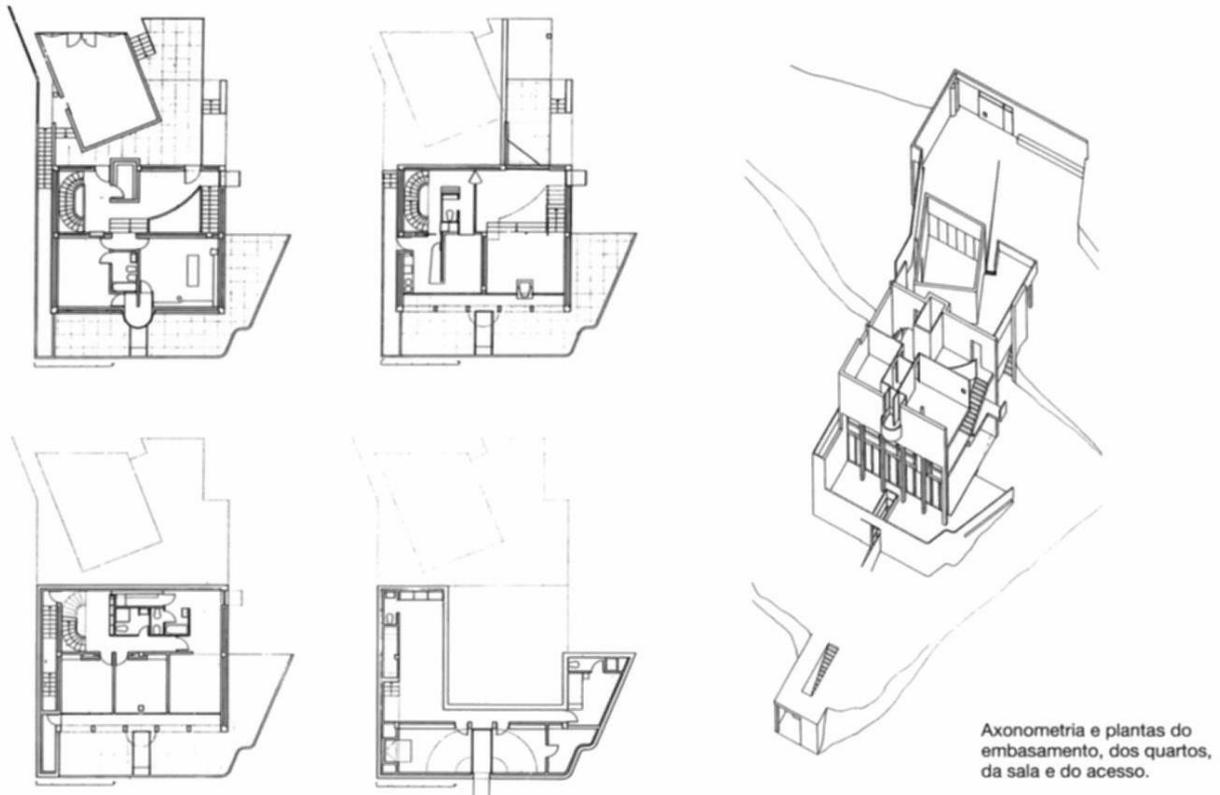
Ponte da Barca. 1984-1987

Manuel Botelho, arquitecto

Fotografias: Manuel Mendes e Luís Ferreira Alves

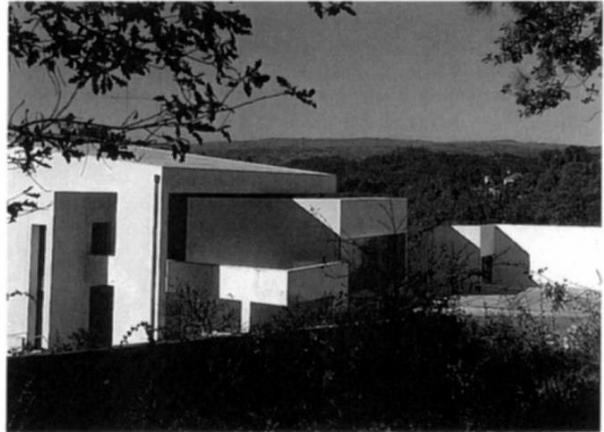
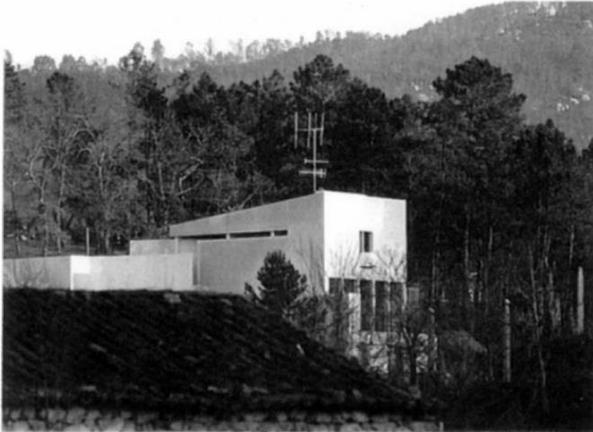
A casa, sobre um terreno em pendente para as margens do rio Vade, articula-se em quatro níveis. O andar inferior forma um terraço que lhe serve de embasamento e é atravessado por um itinerário que vem do espaço arborizado da ribeira. O acesso à casa é feito desde um pátio que a separa da estrada e que comunica com o quarto andar, o mais alto, destinado a recepção. O segundo, com os quartos, e o terceiro que contém a sala, a cozinha e a sala de jantar, constituem o núcleo da habitação. Uma caixa de escada interior une os andares todos, se bem que a sala de estar, em dois níveis, conta com uma escada própria que desce a partir do vestíbulo/recepção. Outra escada lateral permite a entrada à cozinha desde o exterior.

A casa apresenta três facetas: a fachada à paisagem que se alça sobre o estrado do andar inferior, com um pórtico ou *loggia*, de dois andares de altura, debaixo de um frontão; a traseira —com o pátio, a garagem e o terraço de acesso—, com pouco desenvolvimento vertical e muito articulada; e as visões do perfil seguindo a pendente. A imagem na paisagem remete poderosamente à de um pavilhão de tradição clássica.





Vista da casa assente na ladeira e do pátio de acesso desde o arruamento.





T47

Título: Pontos de referência: A exposição de Arquitectura na Europália

Local, Publicação, Editora: in Jornal dos Arquitectos, n.os 103-104,

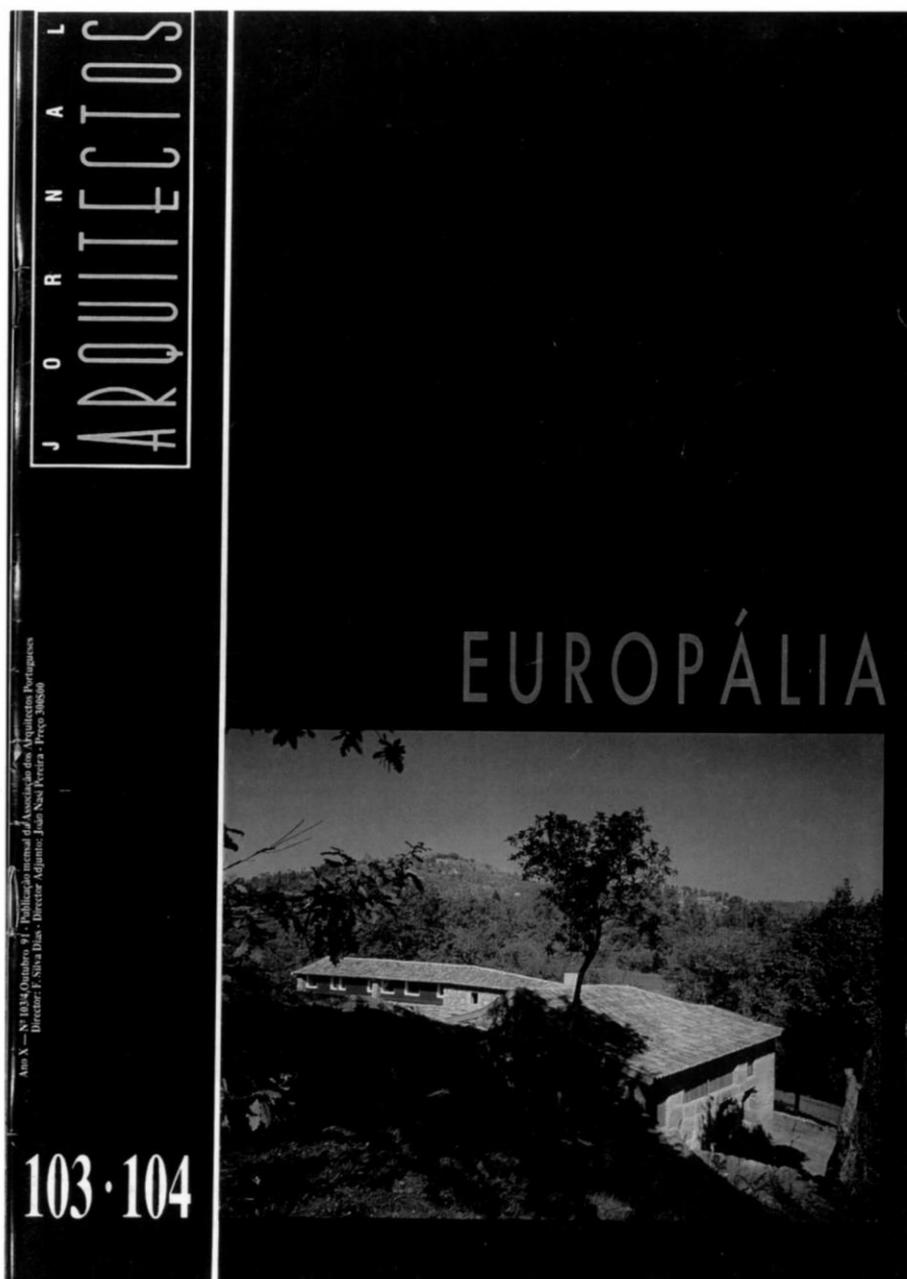
Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa

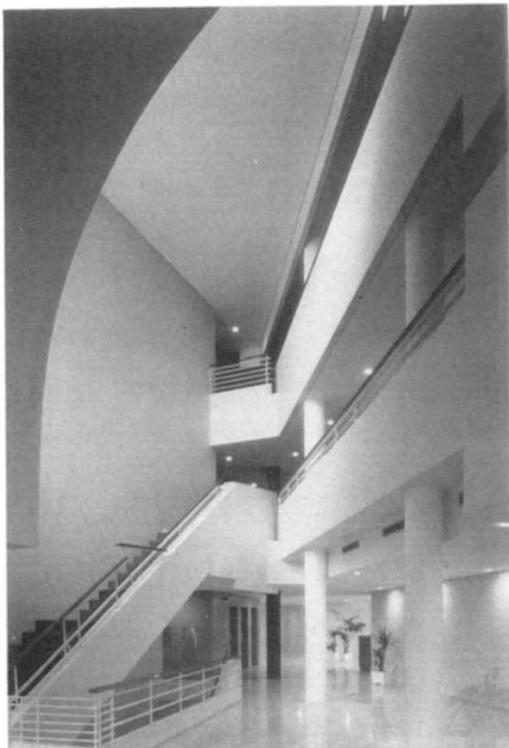
Data: 1991

Autoria: GOMES, Paulo Varela

Suporte: Papel (Anexo Doc.100- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. Barroso Pires - Ponte da Barca



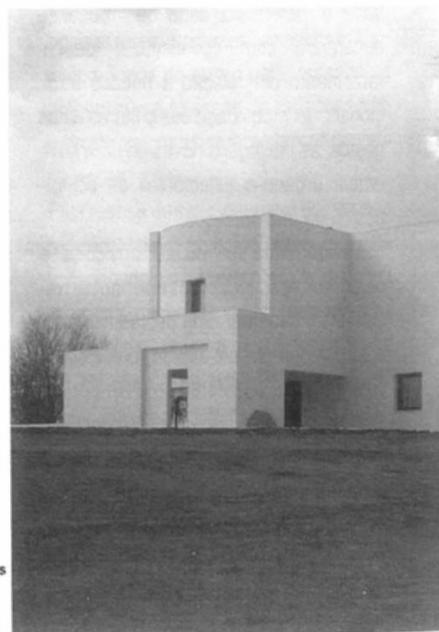


CRSS de Portalegre
J.L.Carrilho da Graça,
1982-91
(foto: Luis Pavão/ANF)



Casa Luís Barroso Pires
Ponte da Barca
Manuel Botelho, 1984-87
(foto: Carlos Cruz Monteiro/ANF)

seu Catálogo, muito empenhado em questões de teoria e história) foi colocar a questão da relação entre a arquitectura e os lugares (portugueses, por exemplo) sem lhe dar uma resposta programática ou "de manifesto" (que, qualquer que ela seja, nos parece errada). Mas partiu-se também do princípio que a questão de uma "arquitectura portuguesa" não é (nunca foi desde o final do século passado) uma questão encerrada. A sua manutenção em aberto (mais ou menos recalcada conforme os períodos) é interessante por uma razão apenas: porque é sintomática de um desconforto que a nossa cultura arquitectónica (como outras) tem de resolver: o desconforto da perda de raízes. Perante esse desconforto, a exposição e o catálogo procuraram assumir uma posição "fria"; criticando o substracto metafísico da nostalgia do enraizamento, procurou abrir-se a perspectiva de enraizamentos (plurais e transitórios) não escondendo os problemas que uma tal opção levanta e lançando ao debate a ideia de um fundamento antropológico para a arquitectura entendida como prática de consolidação - e também de mu-



Casa César Ferreira. Alcanena, Gonçalo



T48

Título: Algumas notas sobre o trabalho do Júri, Prémio Secil 1996

Local, Publicação, Editora: in Arquitectos, n° 165,

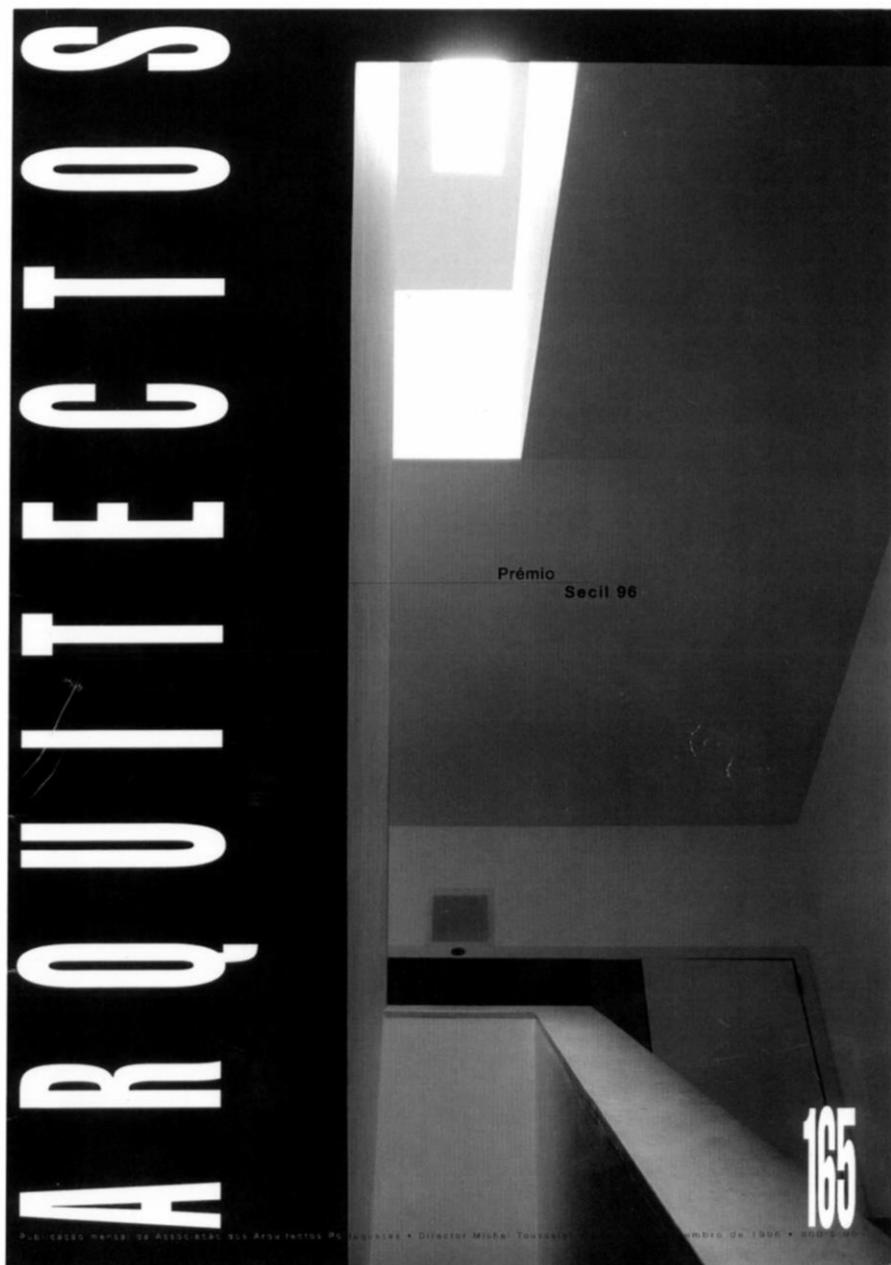
Associação dos arquitectos Portugueses, Lisboa

Data: 1995

Autoria: CUNHA, Vasco; MESTRE, Vítor

Suporte: Papel (Anexo Doc.101- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Eng.º Nunes de Sousa – Porto



	Edifício de Escritórios - Pórtico das Flores, Miraflores
Pedro Miguel Fernandes	
Axonométrica Lda	
	Unidade de Transformação de Carnes - Prior Velho, Sacavém
Sebastião José Aves Pres	
Planus 3	
	Clínica Psiquiátrica de S. José - Carnide, Lisboa
Fernão Simões de Carvalho	
Castina Fana Blanc	
	Recuperação do Jardim Teles de Vasconcelos - Guarda
António Carvalho	
	Estação Fluvial do Montijo - Montijo
Raul Coregero	
	Núcleo de Viana do Castelo, Associação Industrial do Minho - Viana do Castelo
José Soalheiro	
Teresa Castro	
Ana Paula Catheiros	
	Instituto Superior de Contabilidade e Administração - Coimbra
Alexandre Teixeira da Silva	
Miguel Ribeiro de Sousa	
Nuno Rodrigues Pereira	
Arquipois Lda	
	Edifício de Comércio e Habitação para Realojamento - Srª da Hora, Matosinhos
Paulo Lima Santos	
	Auditório para o Instituto Politécnico - Viana do Castelo
Fernando Távora	
José Bernardo Távora	
	Fundação Eça de Queirós - Baião
José Luis Carvalho Gomes	
	Edifício Sede da Associação dos Arquitectos Portugueses - Lisboa
Manuel Graça Dias	
Egas José Viera	
	Convento e Centro Cultural Dominicano, 1ª fase - Benfica, Lisboa
Jolo Paulo Providência	
José Fernando Gonçalves	
	Instituto Pedro Nunes - Coimbra
Carmilo Cordeiro	
	Herdade da Mitra - Valverde, Évora
Victor Figueiredo	
	Casa Engª Nunes de Sousa - Porto
Manuel Botelho	
	Wold Trade Center - Macau
Manuel Vicente	
	Instituto de Comunicações de Portugal - Bairro do Viso, Porto
José Gigante	
Jolo Álvaro Rocha	
	Biblioteca da Universidade de Aveiro - Aveiro
Ávaro Siza Viera	
	Escola Superior de Educação de Setúbal - Setúbal
Ávaro Siza Viera	
	Edifício B/9 Castro & Melo - Chiado, Lisboa
Ávaro Siza Viera	

1º Nomeação do Júri Prémio SECIL de Arquitectura 1996

Instituto Superior de Contabilidade e Administração - Coimbra

Alexandre Teixeira da Silva

Miguel Ribeiro de Sousa

Nuno Rodrigues Pereira

Arquitorto, Lda

Edifício de Comércio e Habitação para Realojamento - Srª da Hora, Matosinhos

Paulo Lima Santos

Auditório para o Instituto Politécnico - Viana do Castelo

Fernando Távora

João Bernardo Távora

Fundação Eça de Queirós - Baião

João Luís Carvalho Gomes

Edifício Sede da Associação dos Arquitectos Portugueses - Lisboa

Manuel Graça Dias

Egas José Vieira

Convento e Centro Cultural Dominicano, 1ª fase - Benfica, Lisboa

João Paulo Providência

João Fernando Gonçalves

Instituto Pedro Nunes - Coimbra

Carlo Cortesão

Mercês Vieira

Herdade da Mitra - Valverde, Évora

Victor Figueiredo

Casa Engº Nunes de Sousa - Porto

Manuel Botelho

World Trade Center - Macau

Manuel Vicente

Instituto de Comunicações de Portugal - Bairro do Viso, Porto

José Gigante

João Álvaro Rocha

Biblioteca da Universidade de Aveiro - Aveiro

Ávaro Siza Vieira

Escola Superior de Educação de Setúbal - Setúbal

Ávaro Siza Vieira

Edifício 8/9 Castro & Melo - Chiado, Lisboa

Ávaro Siza Vieira

2ª Nomeação do Júri Prémio SECIL de Arquitectura 1996

Instituto Pedro Nunes - Coimbra

Camilo Cortesão

Mercês Vieira

Herdade da Mitra - Valverde, Évora

Victor Figueredo

Casa Eng^o Nunes de Sousa - Porto

Manuel Botelho

World Trade Center - Macau

Manuel Vicente

Instituto de Comunicações de Portugal - Bairro do Viso, Porto

José Gigante

João Álvaro Rocha

Biblioteca da Universidade de Aveiro - Aveiro

Ávaro Siza Vieira

Escola Superior de Educação de Setúbal - Setúbal

Ávaro Siza Vieira

Edifício 8/9 Castro & Melo - Chiado, Lisboa

Ávaro Siza Vieira

Casa Eng^o Nunes de Sousa

Manuel Botelho

Colaboração

Isabel Sereno

Jane Considine

Arménio Teixeira

António Simões

Rui Jorge

Manuel Roque

Helena Beteiga

Cecília Delgado

David Hartigan

Projecto Estruturas

Paulo Pimenta

Projecto de Águas e Saneamento

Vasco Freitas

Projecto de Electricidade

Fernando Ramos

Construtor

Hernani Andrade

Tipo

Habitação Individual

Construção

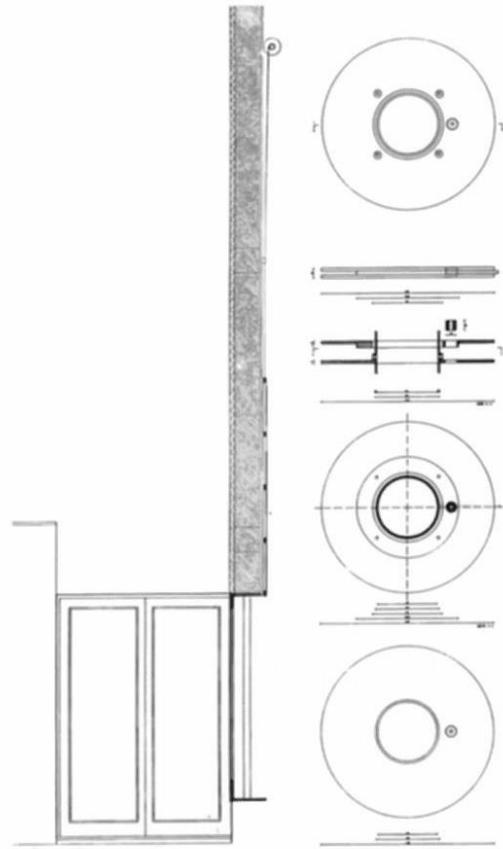
1992 - 1994

Localização

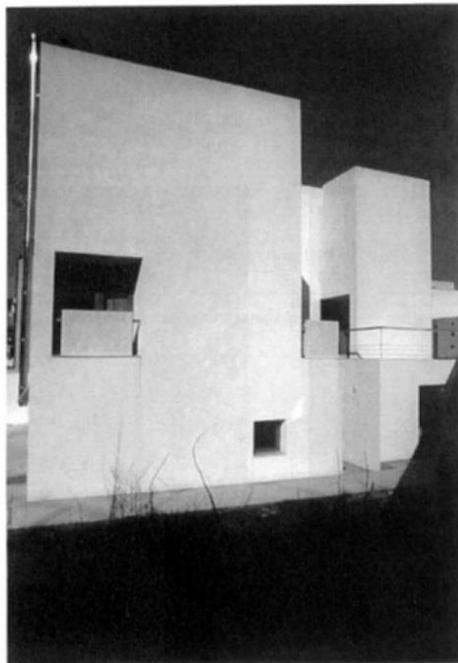
Rua do Escritor Nuno de Bragança - Boavista - Porto

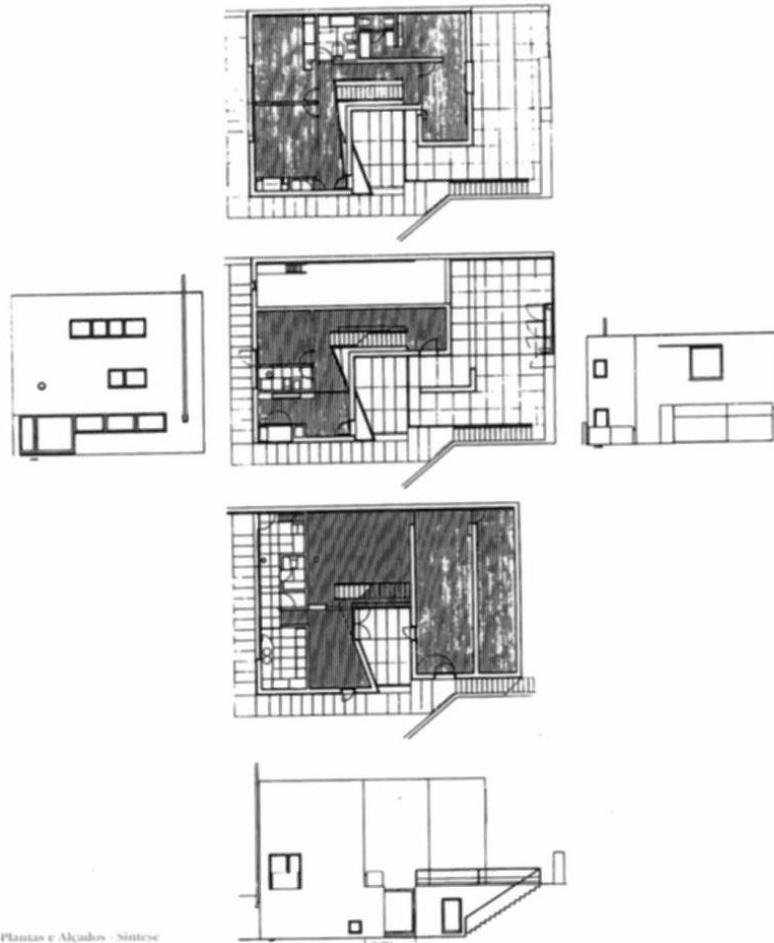
Dono da Obra

Luis Nunes de Sousa



Detalhe construtivo





Acta da última reunião do júri

Gonçalo Byrne
Alexandre Brás Mimoso
João Luis Carrilho da Graça
Manuel Mendes
Rui Sousa Cardim
Pedro Vieira de Almeida
Vasco Cunha
Victor Mestre

46

- 1 No dia 27 de Agosto de 1996, pelas 11.30 horas, reuniu na sede da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) o Júri presidido pelo arquitecto Gonçalo Byrne e composto pelos arquitectos Alexandre Brás Mimoso, João Luis Carrilho da Graça, Manuel Mendes, Pedro Vieira de Almeida, Vasco Cunha e Victor Mestre, registando-se a ausência do arquitecto Rui Sousa Cardim. A folha de presenças constitui o anexo 1 a esta acta.
- 2 Foi aprovada a acta da reunião anterior.
- 3 O Júri decidiu pela exclusão da candidatura voluntária número 13 atendendo ao deliberado na sua segunda reunião e aos esclarecimentos recebidos.
- 4 Iniciou-se o debate sobre a metodologia a ser seguida na votação. Uma primeira votação, que possibilitou até 6 (seis) votos a cada membro do Júri distinguiu 8 (oito) trabalhos, a saber: Casa Engenheiro Nunes de Sousa (Porto), da autoria do arquitecto Manuel Botelho; Biblioteca da Universidade de Aveiro, Escola Superior de Educação (Setúbal) e Edifício Castro e Melo na zona sinistrada do Chiado (Lisboa), da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira; World Trade Center (Macau), da autoria do arquitecto Manuel Vicente; Instituto Pedro Nunes (Coimbra) da autoria dos arquitectos Camilo Cortesão e Mercês Vieira; Instituto de Comunicações de Portugal, (Bairro do Viso, Porto), da autoria dos arquitectos José Gigante e João Álvaro Rocha e Pólo da Mitra da Universidade de Évora (Valverde, Évora), da autoria do arquitecto Vitor Figueiredo (anexo 2). A votação final recaiu sobre estas obras sobre as quais se promoveu uma discussão alargada. O Júri procedeu por votações sucessivas, concluindo o processo com uma votação por pontos, que estabeleceu uma ordenação.
- 5 O Júri deliberou atribuir o Prémio Secil de Arquitectura 1996 à obra que reuniu a pontuação mais elevada, o Edifício Castro e Melo na zona sinistrada do Chiado, em Lisboa, da autoria da equipa coordenada pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira.
- 6 O Júri deliberou recomendar aos organizadores do Prémio que a Exposição integre os 8 (oito) trabalhos sobre os quais recaiu a votação final. Deliberou ainda recomendar a revisão do Regulamento de modo a considerar o alargamento do conteúdo da Exposição.
- 7 À presente acta foi apensa uma declaração de voto do arquitecto Pedro Vieira de Almeida (anexo 3).
- 8 A reunião foi encerrada pelas 19.30 horas tendo o Júri decidido agendar uma reunião para dia 6 de Setembro de 1996, pelas 15 horas, no mesmo local, para fixação e assinatura da acta final. Nesta data são notificados a AAP, a Secil e todos os candidatos sobre a decisão final do Júri.

Lisboa, 6 de Setembro de 1996

empenhadamente considera.

E, necessariamente, que essas visitas sejam feitas pelo colectivo do júri, e não individualmente.

Trata-se de coisas construídas; e, por ironia, é o autor premiado que afirma que uma obra de arquitectura só se conhece visitando-a (cito de memória).

Acho que a responsabilidade de um prémio como o Secil a isso deve obrigar.

Merece.

Apesar disto tudo, sublinho que surgiram várias obras de excelente qualidade, e destaco o Instituto Superior de Contabilidade e Administração em Coimbra, a Biblioteca de Aveiro, a Escola Superior de Educação em Setúbal, o Instituto Pedro Nunes em Coimbra, o Instituto de Comunicações no Porto.

Não quero também deixar de salientar uma, que considero não estar ao nível de ganhadora, mas que serve como exemplo de uma acção projectual qualificada em si e na relação com o sítio. É o caso do Edifício para Realojamento em Matosinhos. Porque obras ímpares - objecto deste tipo de prémio - são situações singulares na cidade, que a vão enriquecendo; mas a cidade, no seu conjunto, só beneficia com a multiplicação de intervenções como esta.

Adolf Loos, Parteiro da Modernidade

João Luis Carrilho da Graça

Entre no edifício, comecei a subir as escadas. Ainda está em obra, em acabamento, na fase em que nós mais gostamos de os ver e mostrar: já tudo se pode adivinhar e ainda se percebe o processo de montagem e sobreposição.

O que é a baixa pombalina? Uma grelha em planta, uma geometria crua, o paradoxo de um sistema construtivo que combina a gaiola de madeira com alvenarias e cantarias de pedra. Espacialidades, desenhos de detalhe e séries - as guardas, as janelas, enfim um sistema global profundamente racional.

Entrava no edifício, dizia eu, e à ideia do Chiado que um arquitecto leva consigo - por comodidade sempre ligada às deambulações de Bernardo Soares - associa-se agora a galáxia de reflexões e descobertas de Adolf Loos, nascidas dum racionalismo neoclássico não muito diferente deste.

O que me interessa mais em Álvaro Siza é esta esgotante e saturada demonstração de que a construção da arquitectura é uma prática artística. A reinvenção do sistema construtivo agora com uma estrutura de betão em lâminas, a reconstrução de cada detalhe, a introdução da electricidade e segurança do nosso século, sustentam um intervalo de artificialidade que permite a cada um a possibilidade de aceitar e de se reflectir. Mesmo se quando entrou, ainda não estava preparado.

48

Prémio Secil de Arquitectura 1996

Vasco Cunha

De acordo com o regulamento, cada um dos sete membros do júri presentes tinha direito a nomear até três obras. Nem todos usaram desse seu direito, pelo que o total das nomeações ficou-se somente por quatorze, ressaltando desde logo o facto de Siza Vieira ter merecido três nomeações. Outro facto relevante, enquanto membro do júri representando a A.N.M.P., é o facto de se ter verificado que as nomeações, sem qualquer prévia intencionalidade, faziam uma cobertura razoável do território nacional ou sob sua administração, não se quedando pelas duas grandes zonas de fixação dos arquitectos portugueses, sinal inequívoco de que a arquitectura, enquanto fenómeno cultural, se vai espalhando pelo território, pese embora a quase ausência de citações quanto ao interior. O litoral continua a ser pólo determinante das actuações da classe, sinónimo da desigual distribuição dos investimentos.

Outro aspecto a notar é a predominância das obras de raiz pública em contraste com o diminuto número de obras de investimento privado.

À semelhança do tempo que vai deixando sucessivamente as suas marcas na natureza, Manuel Botelho vai gravando na nossa memória o seu percurso através das suas obras, cada vez mais identificadas com aquela natureza que está sempre presente nas suas concepções, produzidas com o rigor de quem ama profundamente o seu labor, como que artesão vivo que deseja manter o seu aperfeiçoamento contínuo sem nunca deixar de se afirmar na busca da optimização.

Esta sua obra (casa Eng^o Nunes de Sousa) faz parte de um trajecto diferenciado, merecendo por tal uma citação especial.

Siza Vieira habituou-nos, ao longo do seu trajecto, a propiciar-nos, através das suas obras, uma diversidade de abordagens, sempre ricas na valorização do espaço e subtis no encaminhamento da luz.

Siza Vieira teve três das suas obras (Biblioteca da Universidade de Aveiro, Escola Superior de Educação de Setúbal e Edifício Castro e Melo em Lisboa), de entre oito na votação final do júri, o que desde logo o colocava, em meros termos proporcionais, como aquele que mais probabilidades tinha de ser galardoado com o Prémio Secil de Arquitectura 96, tal como veio a acontecer com aquela última.

Esta sua obra premiada é exemplar, pois tratando-se de uma intervenção na zona sinistrada do Chiado é de uma grande contenção não deixando porém de patentear o domínio do todo, controlando com singular mestria as dificuldades várias que um projecto com estas características apresenta.

A aparente simplicidade da solução proposta, rica no domínio da luz, onde ressalta o grande pátio, baixando ao mais pequeno pormenor perfeitamente enquadrado e terminando no desenvolvimento tipológico.

Macau, com o sortilégio típico das culturas orientais, manifesta-se em todo o fenómeno cultural e obviamente também na arquitectura. É neste território que se cruzam as duas culturas oriental e ocidental, com predominância daquela, mesclando-se a política e a economia em aparentes contradições. A arquitectura, como reflexo do meio, quer geográfico, quer cultural, condiciona os seus agentes.

Este trabalho do Arquitecto Manuel Vicente é bem o exemplo desse cadinho cultural que é Macau. A força da sua economia, a ruptura urbana, a importação de clichés arquitectónicos como expressão do capitalismo, a cor local e o tratamento plástico fazem desta obra um «ex-libris».

Camilo Cortesão tem tido nestes últimos anos um labor intenso, em grande parte centralizado na cidade de Coimbra (Polo II da Universidade de Coimbra, Parque do Mondego, Ordenamento do Vale das Flores, Instituto Pedro Nunes). Esta última, concluída recentemente, contribuiu inequivocamente para o enriquecimento do panorama da arquitectura contemporânea, nesta cidade. Pelo seu rigor e qualidade mereceu, em nosso entender, na votação final do júri.

Esta obra dos Arq^{ts} José Gigante e João Álvaro Rocha, já ampla e justamente divulgada, foi, por mérito próprio, incluída desde logo no pequeno leque dos que recolhia a generalidade das atenções.

Obra singular pela sua pureza, de marcante personalidade, exaustivo estudo de meios tecnológicos adaptados quase à perfeição, com correspondência morfológica ao programa e ao sítio, é pois no nosso entender, uma das obras mais relevantes. Não sendo uma peça que se possa catalogar como sendo de influência *high tech*, é porém, tecnologicamente avançada. Quando referenciada ao nosso meio, despojada do acessório no tratamento das suas superfícies aparentemente frias, mas possuindo o toque poético que a identifica com o seu fim quando o nosso olhar poisa sobre a supra-estrutura.

Vitor Figueiredo tem nesta sua obra a síntese do seu percurso profissional. Peça arquitectónica marcante pelo contraste entre os cheios e os vazios que a luz alentejana mais acentua, fortemente marcada pelos seus volumes soberbos mas com algum desajuste na cobertura.

Da Manipulação

Pedro Vieira de Almeida

No mínimo é perturbador.

Durante 48 anos aguentámos todos uma censura policíesca e no pós 25 de Abril largamente dela falámos e dela demonstrámos os malefícios.

Totalmente de acordo.

Mas há vários aspectos altamente perturbadores nisto tudo, um dos quais, que agora quero referir, é que de tal maneira fomos educados com a sua existência e a ela nos habituámos, para não dizer nos afeiçoámos, que na sua falta nos comportamos exercendo agora em permanência a nossa censura particular, praticando alegremente a nossa pequena manipulaçozinha sempre que possível.

A consequência mais insidiosa da longa vigência do Estado Novo, terá sido a meu ver o aspecto perverso, de nos ter transformado as mentalidades, induzindo-nos a desvios de

Sem que possa ser motivo de indignada resposta, a notícia resulta pequenina, manipuladora, ou como se diz nas touradas, resulta a menos.

A maneira subtil como se dá relevo a uma corrente de opinião e se abafa outra, é habilidosíssima porque se eu, enquanto único representante da segunda, me limitasse a reivindicar o direito de ser publicitada a minha opinião, era fácil fazer ironia dizendo eu querer apenas publicidade própria à custa do jornal.

A esta manipulação, que nem sequer intelectualmente representará um exemplo de frontalidade, veio dar colaboração um jovem arquitecto, honesto, sincero, e que por pura ingenuidade se terá lamentavelmente deixado atolar na feiosa manobra.

Não é precisamente o facto em si, relativo a este prémio, o que me perturba.

O que me faz é reforçar, a ideia da total falta de credibilidade genérica, que hoje merecem os órgãos de informação.

E também o pensar o quanto certas pessoas estão de facto, acredito que sem que de tal se dêem conta, ainda dominadas por uma mentalidade Estado Novo.

Se hoje temos a imprensa que merecemos, feliz apesar de tudo, a minha geração que ainda mereceu um "Diário de Lisboa".

Algumas notas sobre os trabalhos do júri

Victor Figueira

As reuniões deste Júri constituíram para mim momentos de grande interesse do ponto de vista da discussão da Arquitectura. Teriam tido outro impacto se pudessem ter sido públicas pelo seu conteúdo pedagógico que por certo teriam contrariado este momento de (quase) vazio de cultura arquitectónica.

Na primeira reunião seleccionei o Auditório de Viana do Castelo do Arquitecto Fernando Távora, e solicitei que fosse entregue documentação sobre o Convento dos Dominicanos em Lisboa dos Arquitectos Paulo Providência e José Fernando Gonçalves e do Instituto de Comunicações de Portugal do Porto dos Arquitectos José Gigante e João Álvaro Rocha.

Retenho ainda dos oito trabalhos finais como nota de realce a Casa Engenheiro Nunes de Sousa projectada pelo Arquitecto Manuel Botelho na Boavista, Porto, o Instituto Pedro Nunes em Coimbra dos Arquitectos Camilo Cortesão e Mercês Vieira, a Biblioteca de Aveiro e a Escola Superior de Educação de Setúbal, ambas do Arquitecto Siza Vieira.

Após visita particular à quase totalidade dos edificios em apreciação pelo conjunto do Júri, sucessivas discussões e votações, a minha selecção final recaiu em primeiro lugar para o Pólo da Mitra de Évora do Arquitecto Victor Figueiredo, em segundo lugar para o Edifício Castro & Melo do Arquitecto Siza Vieira e em terceiro lugar para o Instituto de Comunicações de Portugal do Porto dos Arquitectos José Gigante e João Álvaro Rocha.

Pelas leituras da Arquitectura Regional (popular, vernácula [...]) e simultaneamente pela modernidade; pelo conforto espacial, tranquilidade, envolvimento, escala, harmonia, e pela beleza que o conjunto arquitectónico transmite, considero que o Pólo da Mitra é uma obra maior da nossa contemporaneidade.

Pelo rigor arquitectónico, pela inovação tecnológica, por um invulgar conceito de uma Arquitectura anti-formalista, abstracta e espartana; considero que o Instituto de Comunicações de Portugal se destaca no panorama da Arquitectura Portuguesa.

Para melhor exprimir o que penso do Prémio Secil 1996, transcrevo o meu depoimento ao *Jornal de Letras* de 11 de Setembro de 1996.

Depoimento

Considero que este prémio é, face às obras em presença, de grande qualidade. Revela uma apreciação com sentido pedagógico, "contornando" o "edifício emblemático", incidindo de forma criteriosa sobre modos de intervir na cidade e particularmente numa zona histórica de grande significado social, contrariando a ideia de que património é fachada, sendo os interiores indiferentes a um todo, ficando estes "a gosto de cada um".

Este edificio é a prova de como o espirito do Plano do Chiado é compatível com uma arquitectura maior e, em particular, com a requalificação das tipologias, interpretando a história, a sociologia local e ainda subtilmente atendendo ao pombalino, sem cair em pastiches ou em pseudomodernismos como chamariz comercial.

Esta intervenção revela o gesto e a inteligência de como se intervém superiormente no nosso património. É um prémio com um alcance maior que o próprio edificio em si. É um prémio a um conceito de cidade qualificada. Civilizada.

T49

Título: Casa Eng. Nunes de Sousa - Porto

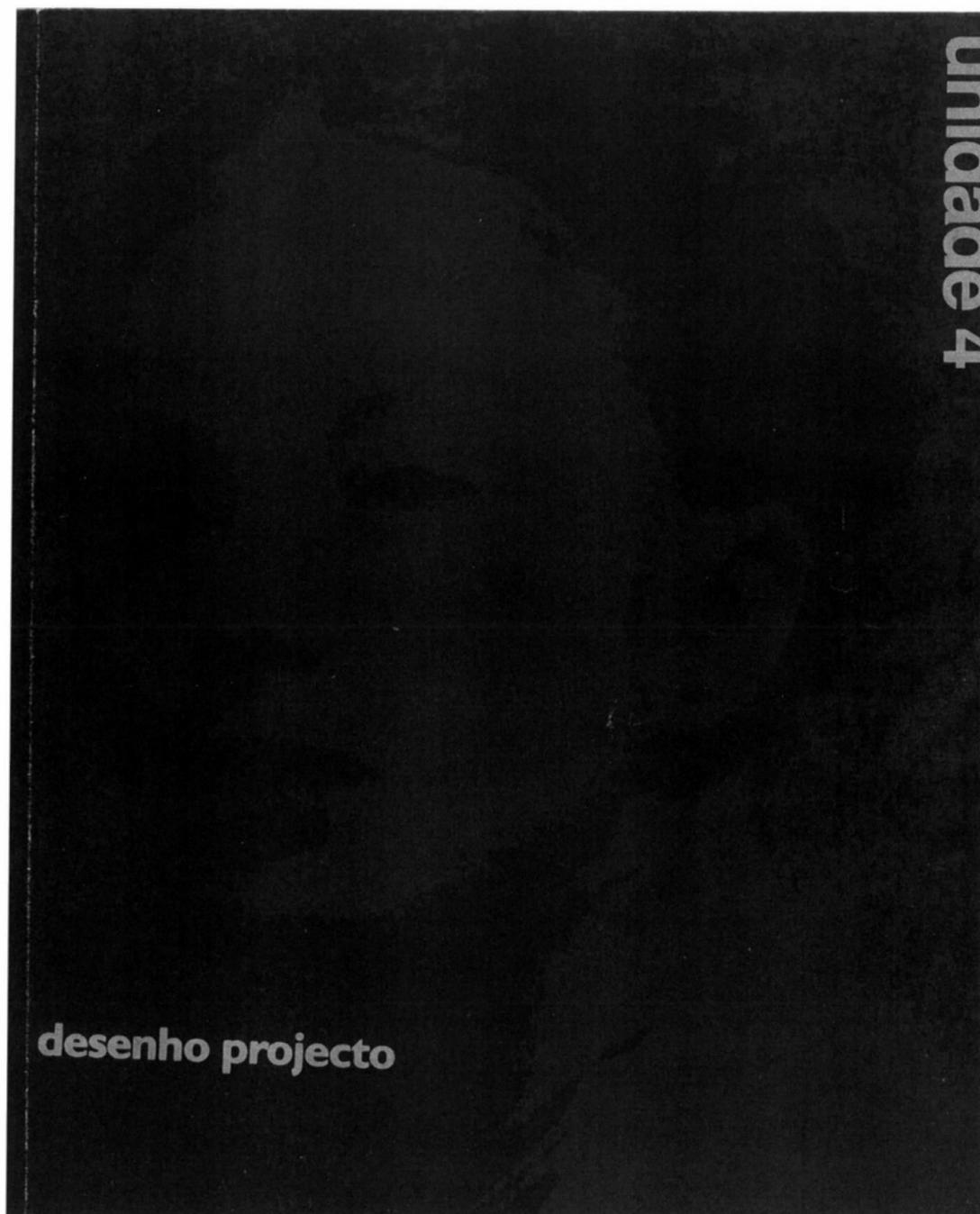
Local, Publicação, Editora: in Unidade 4, aefaup

Data: 1994

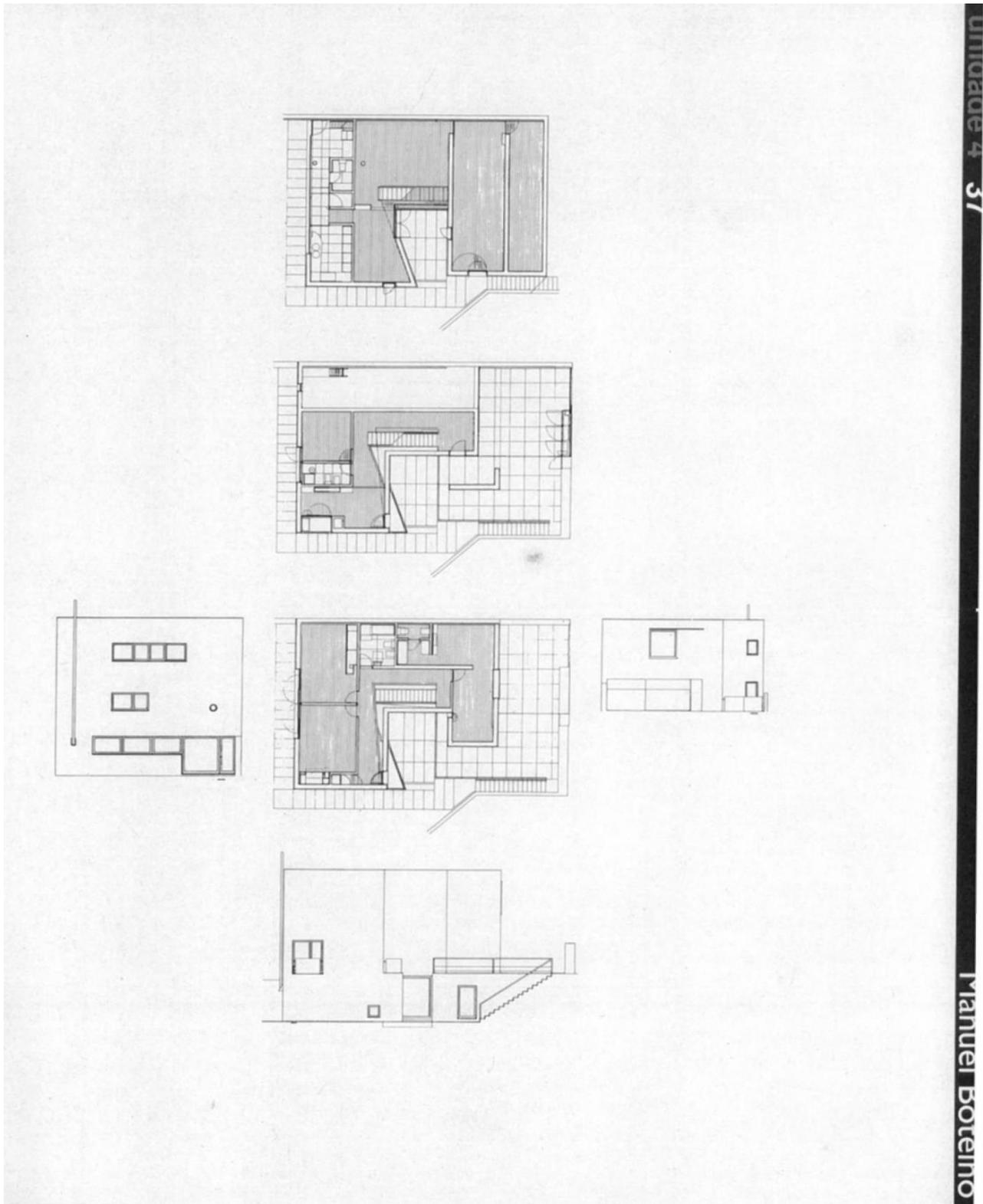
Autoria:

Suporte: Papel (Anexo Doc.102- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Eng.º Nunes de Sousa – Porto

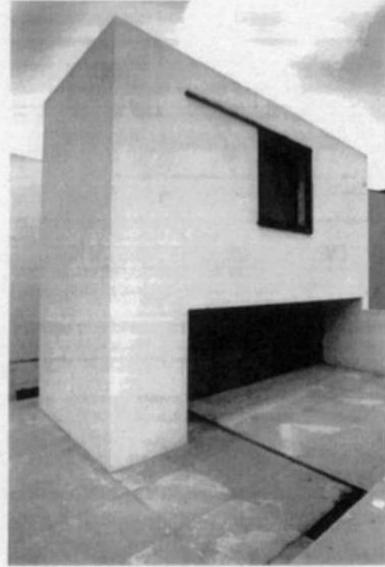


6	
8	Manlio Brusatin
14	Nuno Valentim
18	João Francisco Figueira
24	Carlo Nozza
26	Pedro Baganha
28	Manuel Mendes
36	Manuel Botelho
42	José Manuel Soares
48	Wilfred Wang
54	Jorge Figueira
59	João Goba, Carlos Henrique
64	
66	António Quadros
70	Teresa Siza
76	Fernando Lisboa
80	Mário Moura
82	Joaquim Vieira
88	Vitor da Silva
94	António Quadros
96	Alberto Carneiro



Manuel Botelho

Manuel Botelho casa Eng. Nunes de Sousa, Porto

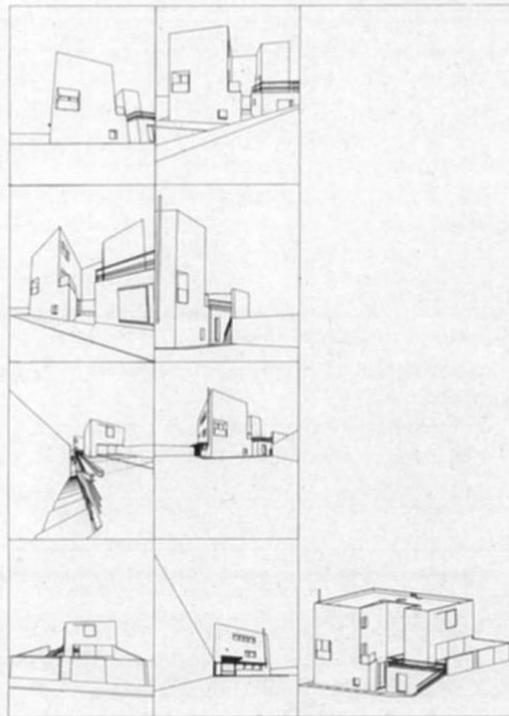


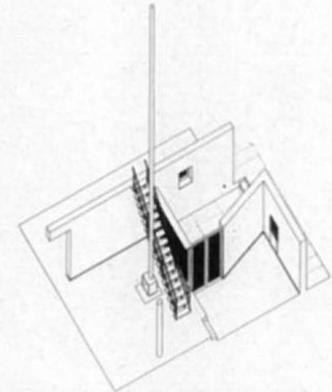
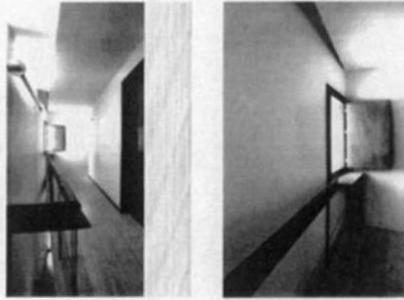
Se é com prazer que escrevo para a *Unidade*, sinto alguma dificuldade em falar sobre a casa Eng. Nunes de Sousa, nesta altura em que o cansaço dum longo percurso carregado de acidentes, uns de carácter mais burocrático, outros que têm a ver com o arrastar de trabalhos no tempo, me não permite o distanciamento total desta obra que ainda tenho entre mãos.

A casa Eng. Nunes de Sousa localiza-se num loteamento recente, problemático logo à partida por ocupar o interior dum quarteirão. O desenho urbano deste loteamento é quase inexistente, limitando-se a dar uma resposta funcionalista elementar de percursos de serventia e de infraestruturas aos lotes e a definir alinhamentos e cêrceas da mancha construída.

Os problemas da cidade não se esgotam em arruamentos, alinhamentos e cêrceas e a legislação vigente da aprovação dum loteamento está culturalmente distante da problemática da construção da cidade. Quando em 1989 iniciei os desenhos desta casa, fazendo a mim mesmo uma leitura crítica da situação, e reflectindo sobre o facto de estar no interior dum quarteirão inclinava-me para um projecto que pudesse traduzir um fragmento de saguão

Ao falar de saguão estou a pensar em massas - *res compacta* de Alberti, em articulação de





volumes, em escavados, em contraponto de luz e de sombra.

O andamento irregular do limite Sul do terreno, sugeria-me uma perturbação na volumetria do edifício, um dobrar de paredes, que vinha de encontro à articulação volumétrica, permitindo-me a visualização de um segundo plano a partir da rua e se veio a concretizar no pequeno pátio aberto a Sul. O lote apresentava-se a uma cota de três metros abaixo da Rua, pelo que se impunha a presença duma plataforma que desejava integrar como um todo no edifício para lhe acentuar a volumetria, transformando a tipologia do pequeno jardim na frente da casa em hall de recepção.

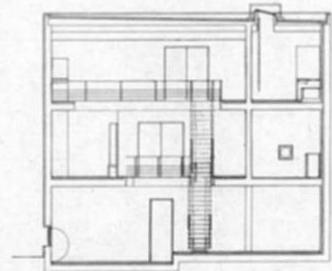
A Entrada na casa faz-se por uma porta lateral, e o Porto tem bons exemplos desta tipologia, a que se tem acesso, depois de atravessar a porta do muro de vedação do lote, por um vazado do volume, que permite, desde logo, a leitura do pátio e confere um sentido de profundidade ao edifício.

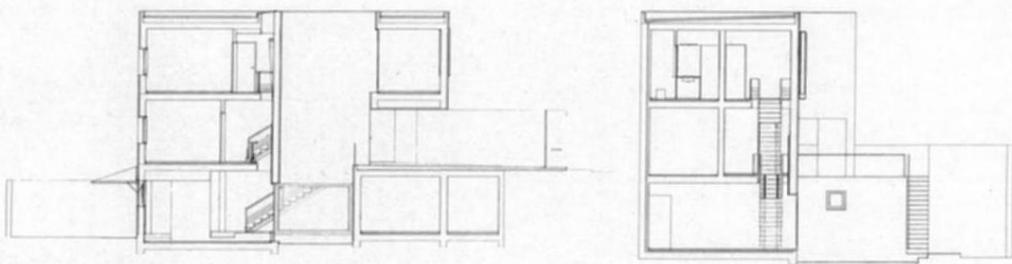
O muro de vedação em alvenaria dupla de tijolo, alinhado pela caixa metálica destinada ao quadro eléctrico, ao depósito de gás e caixa do correio, não traduz a vontade de voltar a construção para o interior, mas resulta desta vontade de conferir densidade ao edifício.

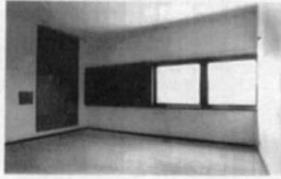
O pátio estabelece a relação do interior com o pequeno jardim controla a luz nos envidraçados da sala e, com o vão das escadas, forma um poço onde se misturam a luz do Sol e da terra.

O loteamento previa uma casa com cave, R/C e 1º Andar.

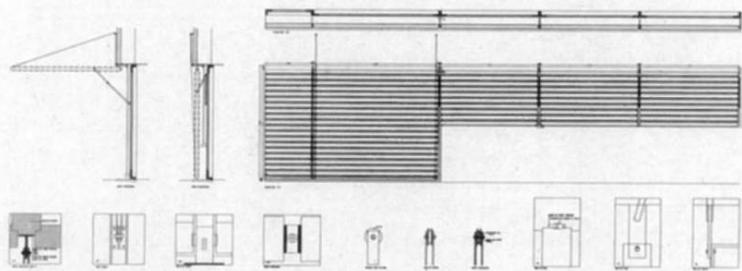
Com alguma dificuldade consegui localizar as sala e cozinha na "Cave". Destinei o piso da Rua, aos espaços de recepção e à garagem e o piso mais elevado aos quartos de dormir. Para evitar uma estratificação da casa em pisos, o vão de escadas, foi preenchido com elementos de ferro e madeira que funcionam ora como contenção ora como expansão do espaço.

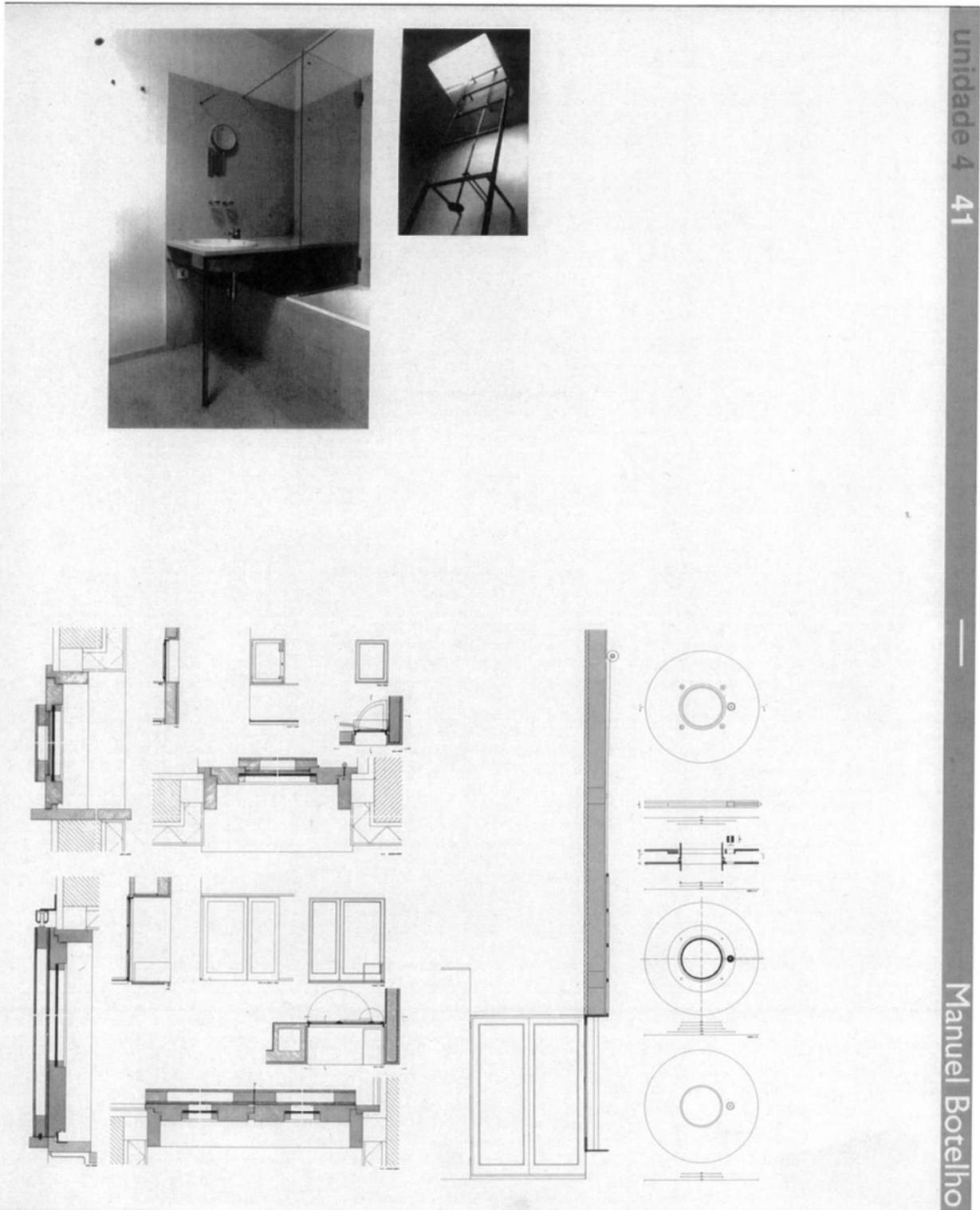






Alguns painéis móveis no plano vertical ou horizontal - painel do escritório e dos envidraçados da sala, permitem recriações de ambientes diferentes, tornando-se o utilizador partícipe do processo criativo do espaço. Os desenhos traduzem o trabalho oficial disponível, presente em toda a construção que adquire assim um carácter intimista. Neste sentido o desenho não traduz um busca de linguagens, até porque não acredito que esse seja um caminho do projecto em Arquitectura. O desenho responde a solicitações e ideias situadas muito a montante do mundo da formas. Não se pesquisam linguagens, como não se pesquisam formas, se quisermos ter uma "arquitetura culta", entendendo a cultura como capacidade de viver com os meios disponíveis.





T50

Título: Revista de los Colegios Oficiales de Castilla y Leon Este, Leon, Castilla la Mancha y Cantabria

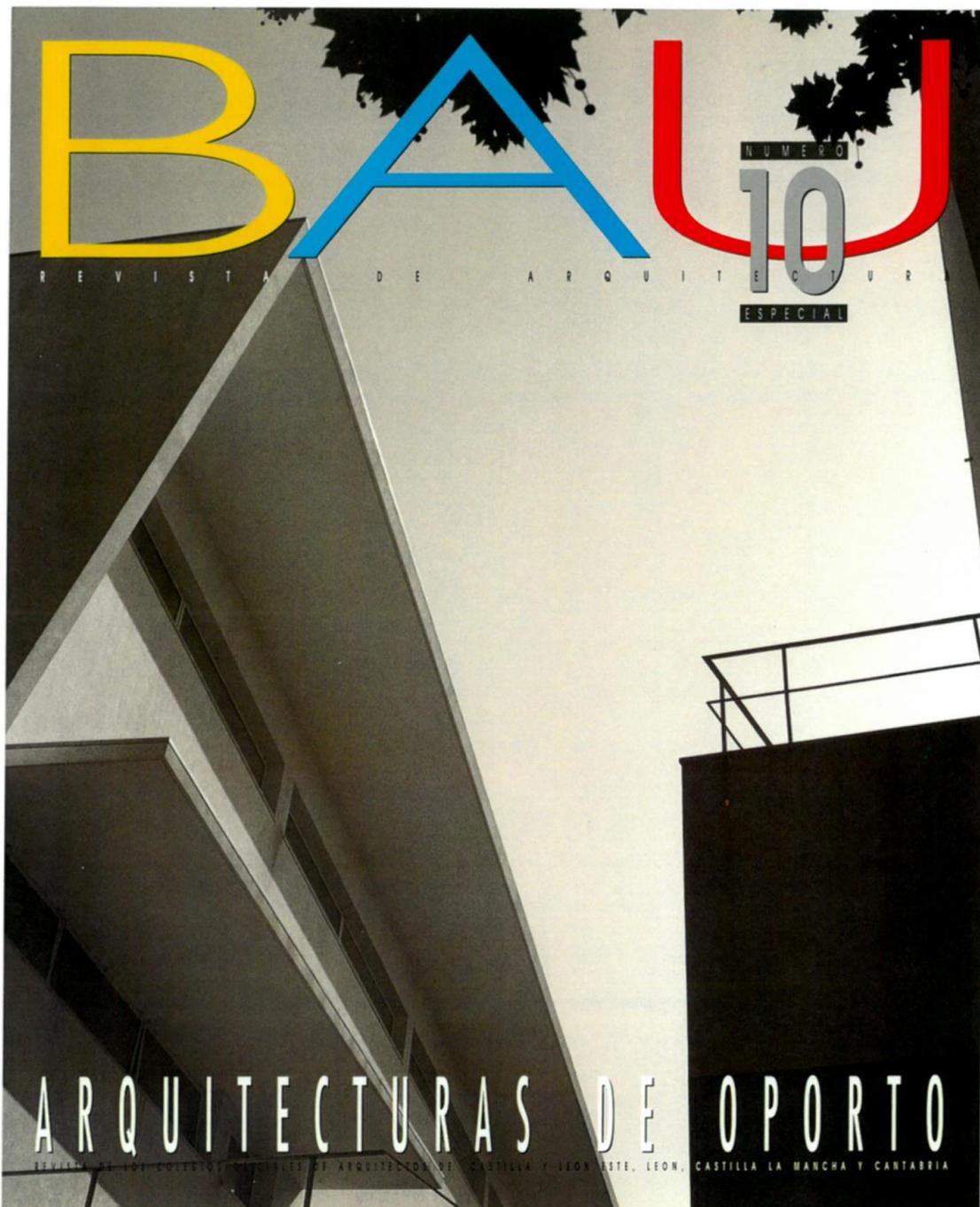
Local, Publicação, Editora: In Bau, nº 10

Data: 1994

Autoria:

Suporte: Papel (Anexo Doc.103- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Eng.º Nunes de Sousa – Porto



Proyecto

Manuel Tomás Botelho

Colaboradores

Isabel Sereno -Arq^{ta}, Jane Considine-Arq^{ta}, Arménio Teixeira, António Simões, Rui Jorge, Manuel Roque, Helena Beselga, Cecília Delgado, David Hartigan.

Estructuras

Paulo Pimenta -Ing^o

Instalaciones de Agua y Saneamiento

Vasco Freitas -Ing^o

Instalaciones Eléctricas

Fernando Ramos -Ing^o

Constructor

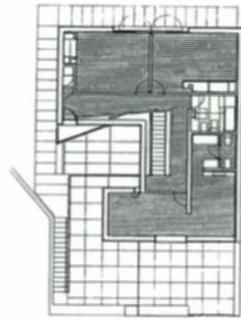
Hernani Andrade

Manuel Botelho

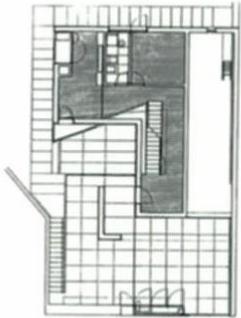
Nace en Matosinhos da Beira en 1939. Se licencio por la Universidad de Roma en 1980. Es asistente de proyectos en la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Oporto.

Los condicionantes de la parcela y las características físicas del lugar, condujeron a doblar los muros para obtener un vacío que atravesara la casa evitando la estratificación estática de las plantas. A ese vacío se asocia otro exterior que permite la fusión de luces del sol y de la tierra imprimiendo a los ambientes el carácter de espacios relacionados para vivencias de la cotidiano.

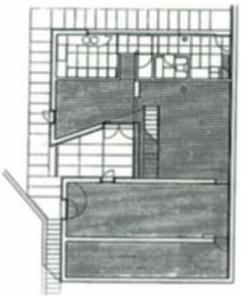
CASA INGENIERO NUNES DE SOUSA. OPORTO. 1989 -1993



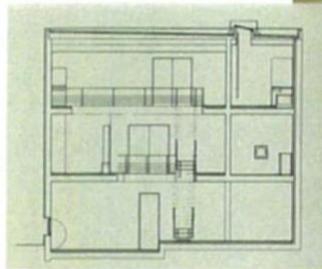
Planta 2



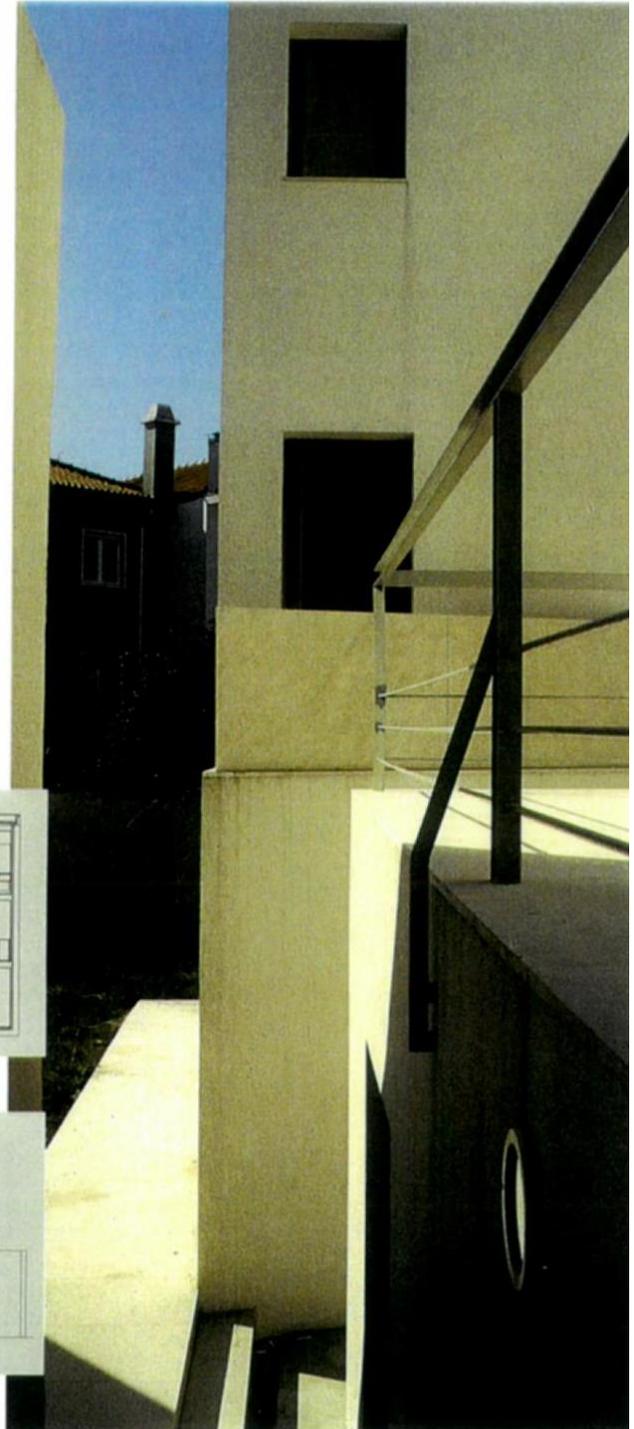
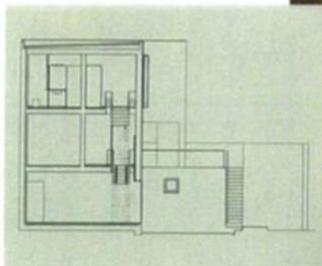
Planta 1



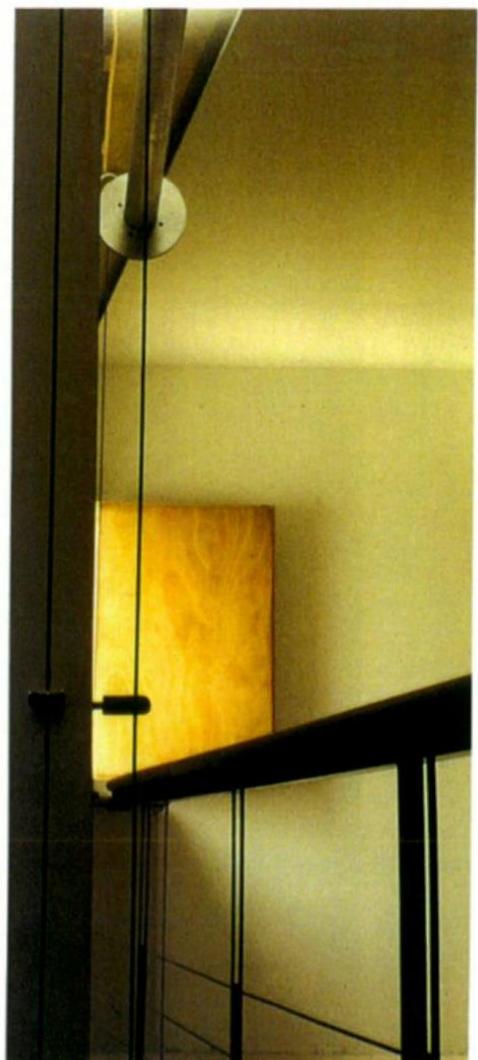
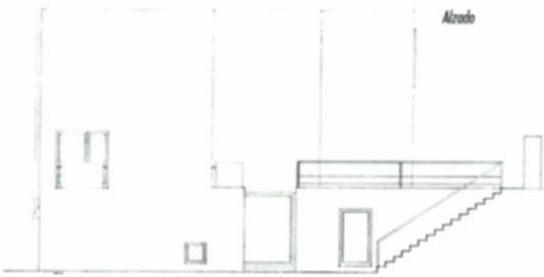
Planta bajo



Secciones



B A U I O • A R Q U I T E C U R A S D E O P O R T O



T51

Título: Habitações Contemporâneas

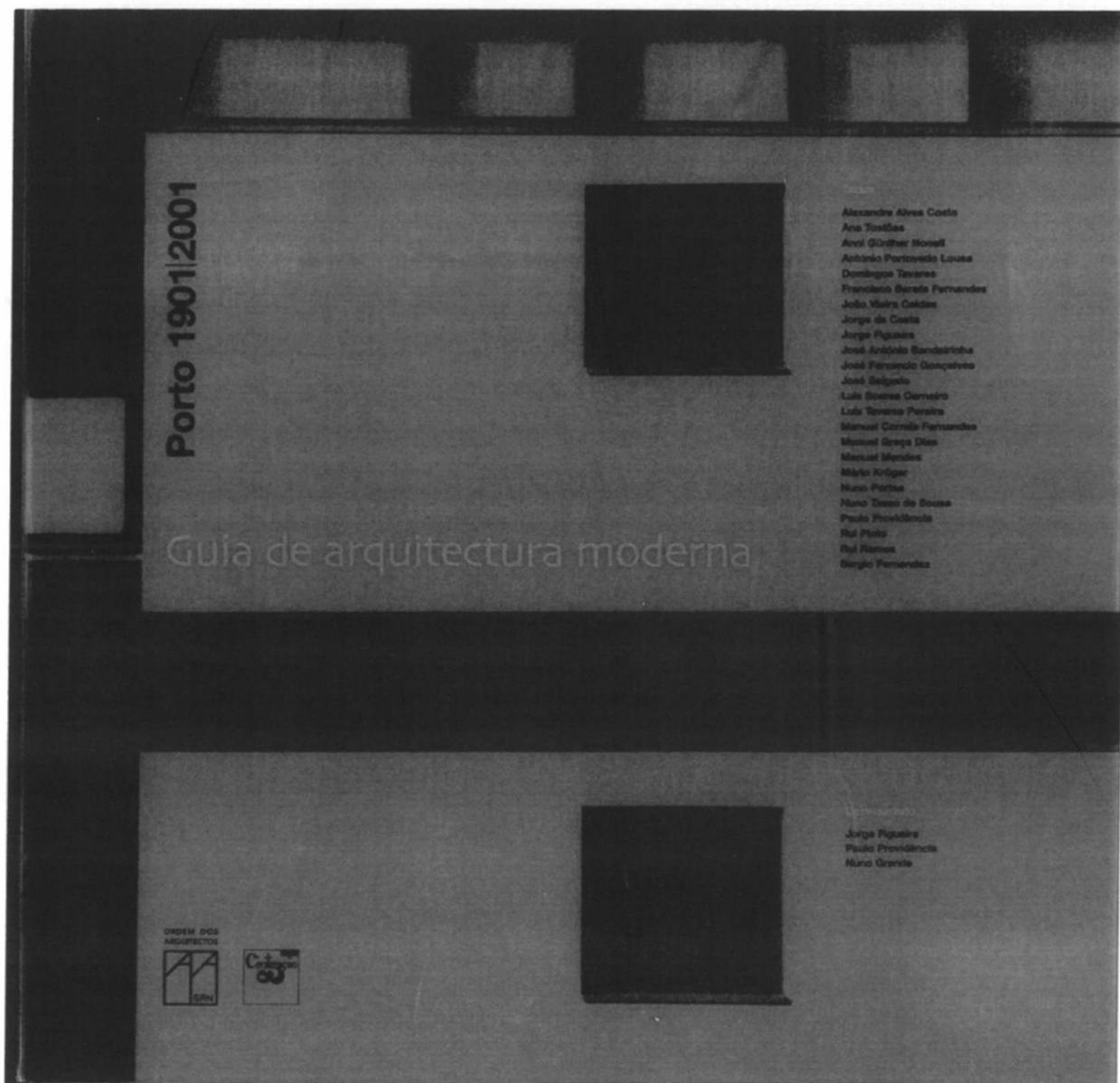
Local, Publicação, Editora: in Porto 1901 | 2001 Guia de Arquitectura Moderna,
Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, Porto

Data: 2001

Autoria: FIGUEIRA, Jorge

Suporte: Papel (Anexo Doc.104- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Eng.º Nunes de Sousa – Porto



1967/1998

Habitações Contemporâneas

26

Projectos **Álvaro Siza**
Eduardo Souto Moura
Manuel Botelho
J. C. Cruz/P. Alarcão

Texto **Jorge Figueira**



Fotografia: J. Eduardo Souto Moura

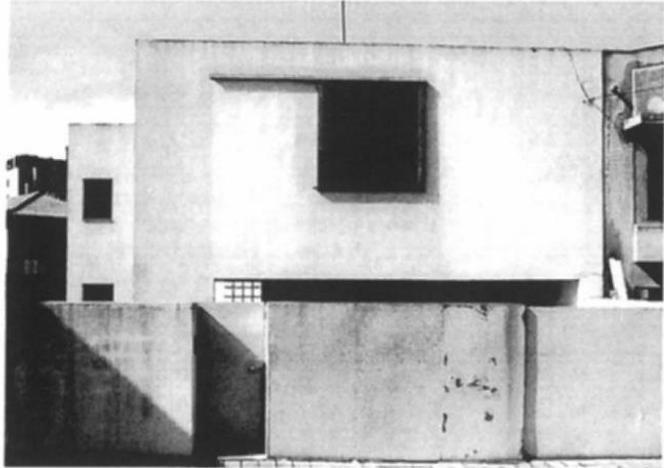
dual será recorrente na arquitectura de Souto Moura. O espelho é um artifício transversal a estes sistemas compositivos, um mecanismo de manipulação lúdica da percepção do espaço.

No plano construtivo, Souto Moura é obrigado a operações complexas para fazer as coisas parecerem simples e obter o efeito formal desejado. A execução de rodapés, por exemplo, obrigaria a desenhar portas, em vez de planos móveis que se querem dissimulados. A lógica construtiva é determinada por um efeito formal muito exigente, o que obriga, por vezes, à inclusão da mentira como jogo secular que gere a relação efeito visual / génese construtiva. Em Nevogilde 1 entra-se directamente na sala, que é um open space, confrontando-nos com um espelho que permite a continuidade de um plano que dissimula o acesso aos quartos. A casa joga-se aqui. Após o atravessamento do painel, o acesso aos quartos é realizado por um espaço de base quadrangular, com um lanterna, e um desenho dos pavimentos que propõe uma inesperada centralidade e simetria. Um plano com um espelho prolonga e hipnotiza um espaço camuflado de portas, e, naquele momento, a casa não é, trata-se de um exercício, um dilema abstracto. Do outro lado, na sala ousadamente *déjà vu*, dando acesso à área de serviços, sobra uma porta - uma porta mesmo - uma ruína de outros tempos.

Casa Nunes de Sousa (1989 - 1994)

Manuel Botelho

A casa Nunes de Sousa não se revela mas insinua-se na janela que surge perturbante na fachada para o interior do quarteirão. Trata-se de



4. Vista da fachada principal da casa Nunes de Sousa

uma janela que, de ser tanto a figura de uma janela, ganha contornos abstractos, transfigura-se em arquétipo, em *mentira* de janela.

A casa Nunes de Sousa começa por uma janela, autónoma e fulgurante, realizada num plano duplo, interior e exterior, mas não se sabe por onde continua e onde acaba.

Manuel Botelho entende o interior do quarteirão, onde se situa a casa, como o interior de um edifício, e imagina a sua fachada como pertencendo a um saguão que será construído colectivamente.

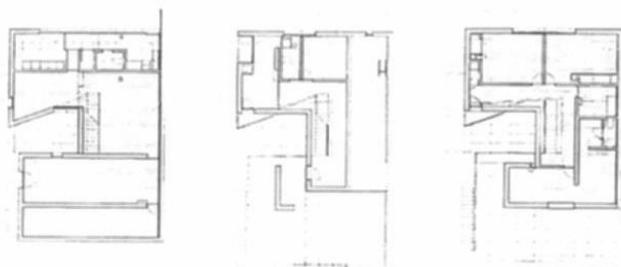
Estamos então ao contrário, a entrar na casa já dentro do edifício, por um fragmento do saguão, numa cidade cuja arquitectura será construída num tempo aventuroso.

A estes pressupostos, Manuel Botelho alia a sua reconhecida inventividade na criação de engenhos domésticos *low-tech*, criando

5. Implantação da casa Nunes de Sousa



6. Partes do Piso -1, 0, 1 da casa Nunes de Sousa



um plano de mediação entre a tecnologia e as necessidades de uso comum da casa.

Trata-se de artesanato tecnológico, ou de tecnologia artesanal.

Manuel Botelho experimenta as tensões dos materiais, as suas imperfeições e *performances*, no sentido da recriação de um humanismo tocado pelo apelo promissor, e ainda não contaminado, da Máquina. Sem receios, a descoberto.

Quer seja uma resultante autobiográfica, quer seja resultado da sua formação em Roma, Botelho ensaia uma intuição construtiva do quotidiano que o leva a parar no tempo da descoberta introspectiva das matérias, da gravidade.

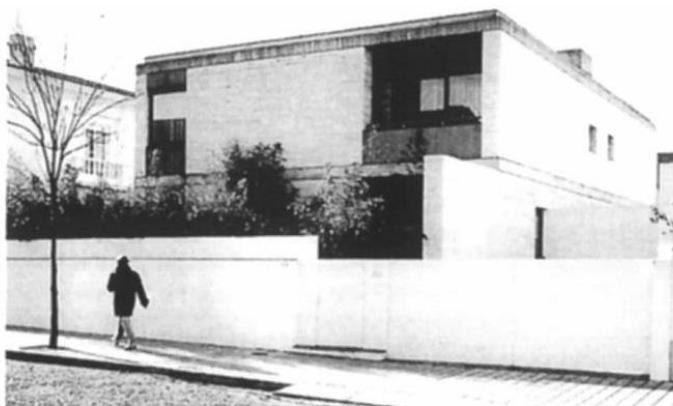
A casa Nunes de Sousa está impregnada deste convite à descoberta da sensualidade dos materiais, que implica também as imaterialidades preferidas da arquitectura: a luz e a sombra.

A casa Nunes de Sousa situa-se no Carvalhido, na Rua do Escritor Nuno de Bragança, num loteamento realizado num interior do quarteirão. A irregularidade do lote dá o pretexto para o desacerto da implantação daí decorrendo um pequeno pátio que cria uma acentuada profundidade vertical na casa.

Forçando a existência de três pisos qualificados e interligados, ao contrário da prevista cave, r/c, e 1.º andar, Botelho inverte, mais uma vez, a rotina da casa regulamentada colocando a sala e a cozinha na "cave". Dois lanços de escada, o primeiro no piso térreo, transparente, o segundo no piso de entrada, encerrado, remetem para os programas sociais ou privados da casa, que assim se verticaliza de modo insuspeito, tendo em conta a presença estática e severa da fachada para a rua.

O pátio, que decorre de uma subtracção volumétrica a uma massa original da casa, é subtilmente perturbado por alterações nas paredes que o conformam. A luz que organiza é tratada num duplo registo: a que é reflectida na terra, e a que vem do céu.

A luz da terra entra por um vão do pátio e é controlada pelos planos apertados da casa; a luz do céu entra por um lanternim sobre as lajes recortadas e angulosas dos pisos intermédios, numa obliquidade que contrasta serenamente com a austeridade formal da casa. Um sistema que permite mover um painel de contraplacado na vertical, assegura que a sala, situada ao nível do pátio, possa ser obscurecida, sobrando eternamente a luz zenital. Este como outros planos amovíveis contribuem para que a casa possa ser reinventada quotidianamente.



7. Vista da casa Marques de Oliveira

Por isso, a casa Nunes de Sousa não é categórica embora seja espartana. Mas transforma-se em mais do que seria suposto, manipula o olhar, agiganta-se subtilmente; como a janela da entrada, primeiro e último sinal de uma casa em imperceptível movimento.

Casa Marques de Oliveira (1995 - 1998)

José Carlos Cruz/ Pedro Alarcão

A casa Marques de Oliveira é compacta e densa, um volume com as arestas vincadas em desafio silencioso

Não gritando exageradamente que é uma casa, aparenta-se com uma casa, e tem o mistério das casas que se podem perscrutar da rua. Tem uma solenidade que intriga. É talvez uma caixa; mas é uma caixa que "comunica": lê-se o betão da laje, os vidros amplos das janelas e a madeira das caixilharias, as texturas diferenciadas dos materiais de revestimento, travertino, atzélia. É quase uma caixa; é quase uma casa; ainda é arquitectura.

Alguns aspectos compositivos, o cruzamento de materiais e o carácter sereno que a casa Marques de Oliveira transmite devem-se talvez à Casa de repouso para idosos, em Masans, Suíça, de Peter Zumthor (que alguma coisa deve a Louis Kahn). Mas, nesse caso, os materiais têm uma qualidade evocativa que se adapta ao programa e ao contexto rural em que o edifício se implanta.

Na casa Marques de Oliveira esse quadro de referências é trocado pela urbanidade burguesa do Porto, e o que determina as opções

T52

Título: Guia da Arquitectura Moderna- Casa Eng. Nunes de Sousa - Porto

Local, Publicação, Editora: in Guia de Arquitectura Moderna Porto 1925-2002,

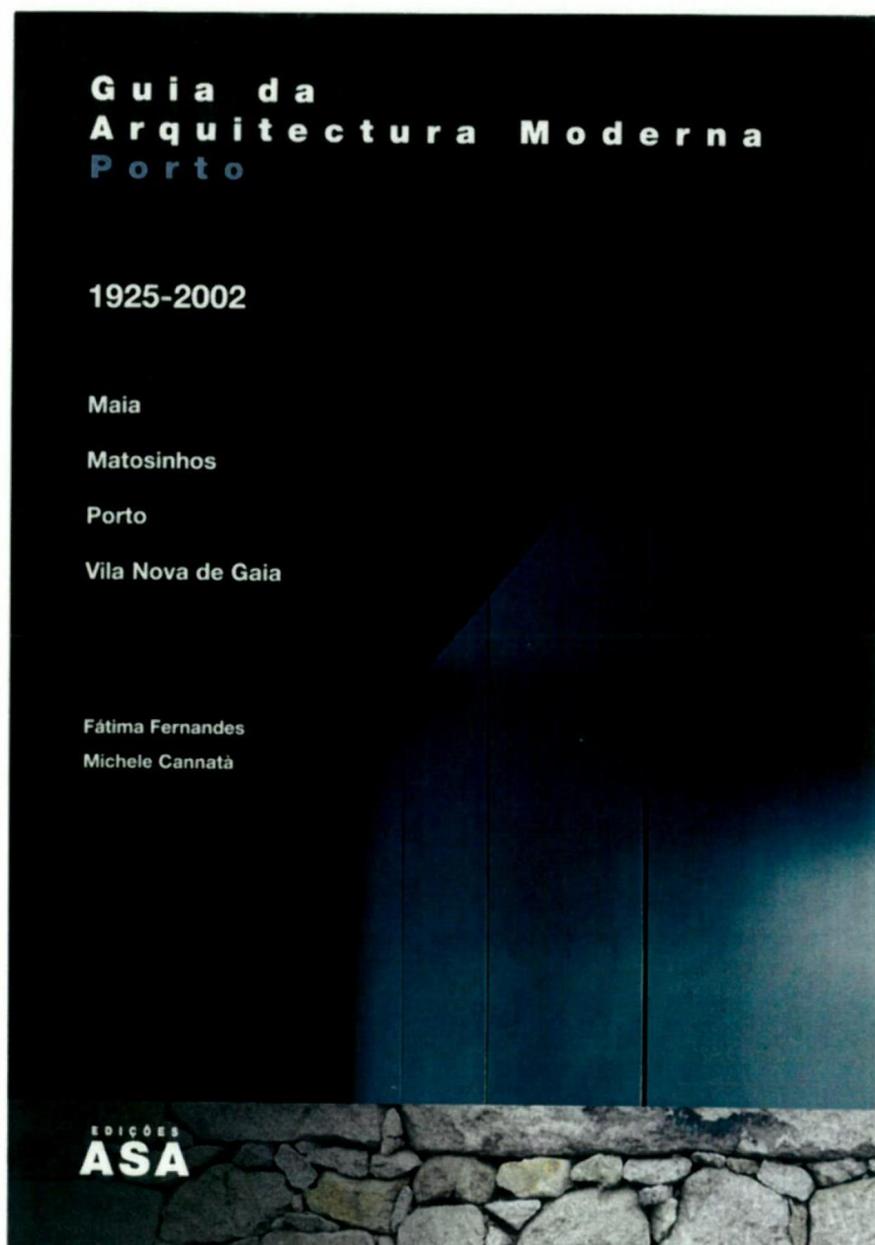
ASA Editores II, S.A. Porto

Data: 2002

Autoria: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele

Suporte: Papel (Anexo Doc.105- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Eng.º Nunes de Sousa – Porto



Ficha Técnica

Autoria e Coordenação Científica

© Fátima Fernandes e Michele Cannatà

Autores de textos

Ana Tostões
Duarte Morais Soares
Edson de Sá Cardoso
Fátima Sales
Fátima Fernandes
Hugo Dourado
Luís Aguiar Branco
Michele Cannatà
Pedro Gadanho
Sérgio Fernandez
Rogério Vieira de Almeida
Elisa Gomes
José Gigante
Luís Tavares Pereira

Os textos não assinados são da autoria dos projectistas.

Colaboradores

Célia Marques
Elisa Gomes
Filipe Afonso
Ingride Barroso
Miguel Barbosa
Javier F. Calo

Secretariado

Cristina de Almeida

Fotografias

Luís Ferreira Alves

As fotografias da época foram cedidas pelos autores.

Design Gráfico

João Machado

Produção

João Machado Design Lda

Editor

ASA Editores II, S.A.

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

GRAFIASA – Rio Tinto, Portugal

Apoio

Ordem dos Arquitectos SRN

Edição

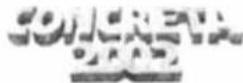
ASA Editores II, S.A.
Avenida da Boavista, 3265 – sala 4.1
4100-138 Porto – Portugal
telf. 22 6166030 – fax 22 6155346
e-mail edicoes@asa.pt • internet: www.asa.pt
Delegação em Lisboa
Horta dos Bacelos, Lote 1
telf. 21 9533800/09 – fax 21 9568051
2695-390 Santa Iria de Azóia – Portugal

Todos os direitos reservados

1ª Edição Outubro de 2002

Depósito Legal 185722/02

ISBN 972-41-3175-0



Manuel Botelho



93 Casa Eng. Nunes de Sousa [1989-1994]

"A casa Eng. Nunes de Sousa localiza-se num loteamento recente, problemático logo à partida por ocupar o interior de um quarteirão (...)

Quando, em 1989, iniciei os desenhos desta casa, fazendo a mim mesmo uma leitura crítica da situação e reflectindo sobre o facto de estar no interior de um quarteirão, inclinava-me para um projecto que pudesse traduzir um fragmento de saguão. Ao falar de saguão estou a pensar em massas – *res compacta* de Alberti, em articulação de volumes, em escavados, em contraponto de luz e sombra.

O andamento irregular do limite sul do terreno sugeria-me uma perturbação na volumetria do edifício, um dobrar de paredes, que vinha de encontro à articulação volumétrica, permitindo-me a visualização de um segundo plano a partir da rua e que se veio a concretizar no pequeno pátio aberto a sul (...)

A entrada na casa faz-se por uma porta lateral (...), a que se tem acesso, depois de se atravessar a porta do muro de vedação do lote, por um vazado do volume, que permite, desde logo, a leitura do pátio e confere um sentido de profundidade ao edifício (...)

O pátio estabelece a relação do interior com o pequeno jardim, controla a luz nos envidraçados da sala e, com o vão das escadas, forma um poço onde se misturam a luz do sol e da terra (...)."

Nome da Obra

Casa Eng. Nunes de Sousa

Localização

Rua Escritor Nuno de Bragança, 105
Porto

Data do Projecto

1989

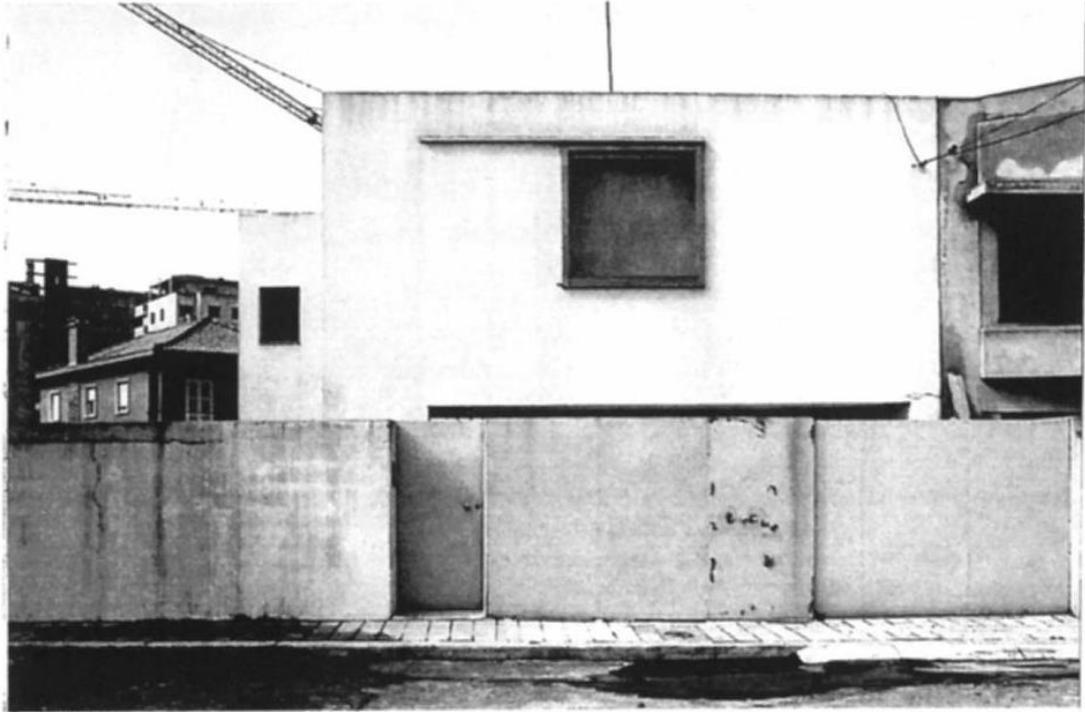
Data de Conclusão

1994

Autor

Manuel Botelho





T53

Título:

Local, Publicação, Editora: in Páginas Brancas, esbap / faup

Data: 1986

Autoria:

Suporte: Papel (Anexo Doc.107- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Capela de São José- Gondomar



PÁGINAS BRANCAS

PREFÁCIONUNOPORTASNOTAS
INTRODUTÓRIASALEXANDREALV
ESCOSTADOMINGOSTAVARESMA
NUELMENDESEDUARDOSOUTOMO
URAPROJECTOSFERNANDOTÁVOR
AJORGE GIGANTEALCINOSOUTINHO
NUNOPORTASCRISTIANOMOREIRA
ANTÓNIO MENÉRESALFREDOMAT
OSFERREIRAJOSÉPULIDOVALENT
ESÉRGIOFERNANDEZALVAROSIZ
AMANUELTELESALEXANDREALVES
COSTAMANUEL CORREIA FERNAND
ESMANUELFERNANDESDESÂPED
RORAMALHOJOSÉQUINTÃOANT
ÓNIO MADUREIRABERNARDOFER
RÃOFRANCISCOGUEDES RICARDO
FIGUEIREDONUNOGUEDESDEOLI
VEIRADOMINGOSTAVARESCAM
ILOCORTESÃO MANUELMENDES
CARLOS GUIMARÃES CARLOS PR
ATAFRANCISCOBARATAHENRIQ
UEDE CARVALHO JOSÉ GIGANTE E
DUARDOSOUTOMOURATERESAFO
NSECAJOSÉMANUEL SOARES MAN
UEL BOTELHO CARLOS PORTUGAL

FAUP
ARQUITECTURA / ESBAP

APOIO DE
ALIANÇA SEGURADORA

PROJECTOS

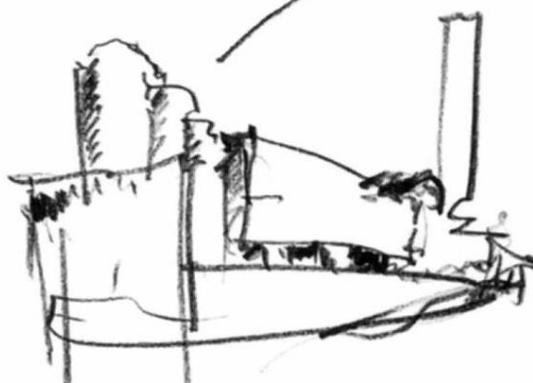
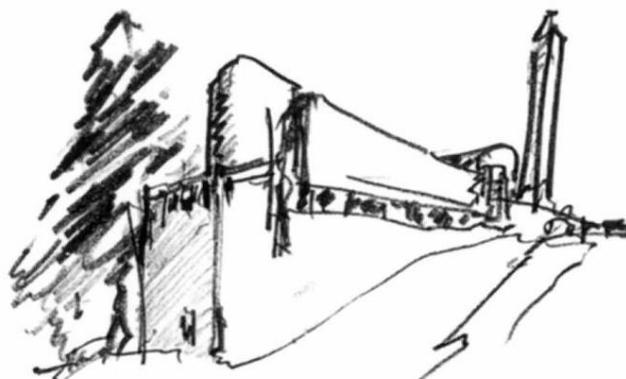
Fernando Távora (1941-50 [*] , ESBAP)	26
Jorge Gigante (1948-58 [*] , ESBAP)	30
Alcino Soutinho (1948-59 [*] , ESBAP)	34
Nuno Portas (1950-59 [*] , ESBAL/ESBAP)	36
Cristiano Moreira (1949-61 [*] , ESBAP)	38
António Meneses (1948-62 [*] , ESBAP)	42
Alfredo Matos Ferreira (1948-63 [*] , ESBAP)	44
José Pulido Valente (1955-64 [*] , ESBAP)	46
Sérgio Fernandez (1954-64 [*] , ESBAP)	48
Álvaro Siza (1949-65 [*] , ESBAP)	50
Manuel Teles (1956-65 [*] , ESBAP)	58
Alexandre Alves Costa (1957-64 ^{**} , ESBAP)	62
Manuel Correia Fernandes (1960-66 ^{**} , ESBAP)	64
Manuel Fernandes de Sá (1960-66 ^{**} , ESBAP)	66
Pedro Ramalho (1957-66 ^{**} , ESBAP)	72
José Quintão (1960-68 ^{**} , ESBAP)	74
António Madureira (1961-69 ^{**} , ESBAP)	78
Bernardo Ferrão (1962-69 ^{**} , ESBAP)	80
Francisco Guedes (1963-69 ^{**} , ESBAP)	84
Ricardo Figueiredo (1962-70 ^{**} , ESBAP)	86
Nuno Guedes de Oliveira (1964-71 ^{**} , ESBAP)	90
Domingos Tavares (1962-72 ^{**} , ESBAP)	92
Camilo Cortesão (1966-73 ^{**} , ESBAP)	94
Manuel Mendes (1968-74 ^{**} , ESBAP)	98
Carlos Guimarães (1969-75 ^{**} , ESBAP)	102
Carlos Prata (1969-75 ^{**} , ESBAP)	106
Francisco Barata (1969-75 ^{**} , ESBAP)	108
Henrique de Carvalho (1969-75 ^{**} , ESBAP)	114
José Gigante (1969-75 ^{**} , ESBAP)	120
Eduardo Souto Moura (1970-76 ^{**} , ESBAP)	126
Teresa Fonseca (1970-76 ^{**} , ESBAP)	130
José Manuel Soares (1971-77 ^{**} , ESBAP)	132
Manuel Botelho (1973-80 ^{***} , ROMA)	134
Carlos Portugal (1977-82 ^{**} , ESBAP)	138

* Ano de C.O.D.A.
 ** Ano de conclusão do Período Escolar
 *** Ano de "Laurea"

Manuel Botelho

Igreja de S. José, Gondomar, 1980

134



Manuel Botelho; col. José Maria Corte Real, Isabel Sereno

O que é uma Igreja?

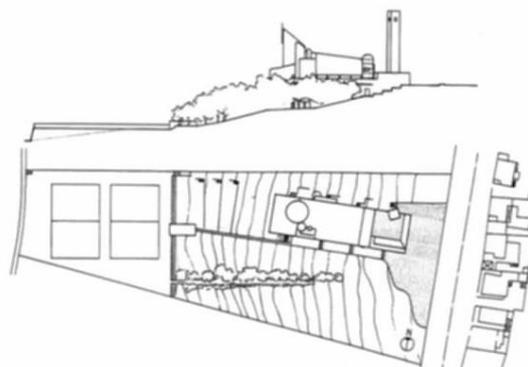
O que é o Sagrado?

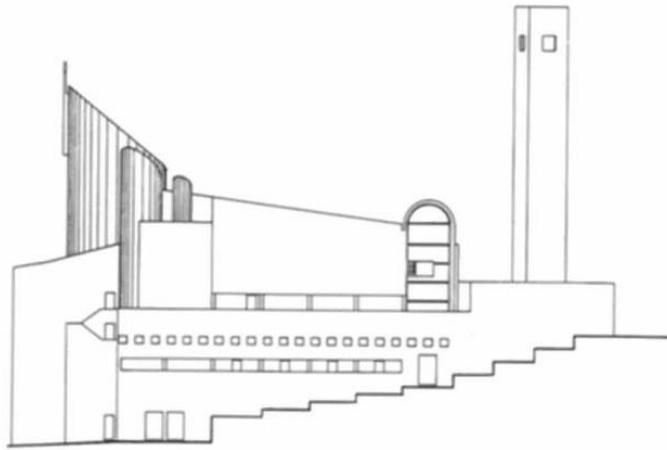
Não é fácil responder, mas suponho que a cultura secularizada do nosso tempo traz alguma luz, ao delimitar com mais rigor o campo do profano e do sagrado.

Para lá de uma definição funcionalista do espaço sagrado como "local de culto", não sei se existe o espaço sagrado como essência.

A "sala" iluminada das Igrejas paleocristãs, sublinhada na penumbra das naves laterais, ou a poética românica, onde a luz é desmaterializada na espessura dos muros, são apelos míticos de transcendente? A arte é urgência de mitos? O mito é essencial ao homem? "Quase em abstracto de névoa" – esta problemática absorveu-me no desenvolvimento do projecto.

O templo cristão não é a casa de Deus!... e não é menos importante o percurso marginal, que mostra, lá no fundo, entre os pinheiros e o mar, o perfil da cidade.

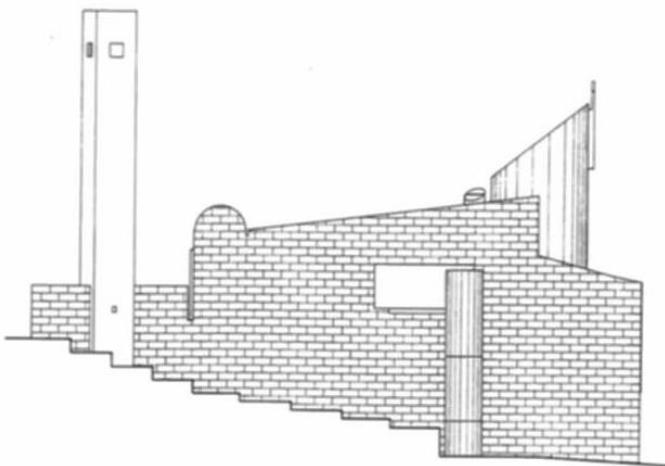




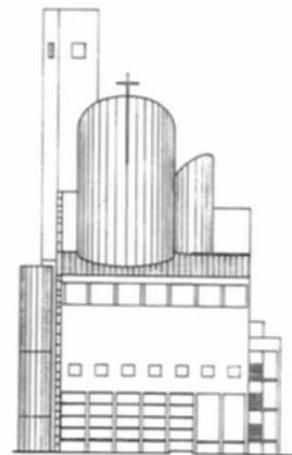
ALCADO SUL



ALCADO NASCENTE

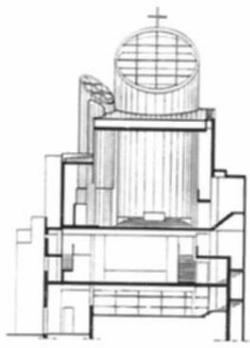


ALCADO NORTE

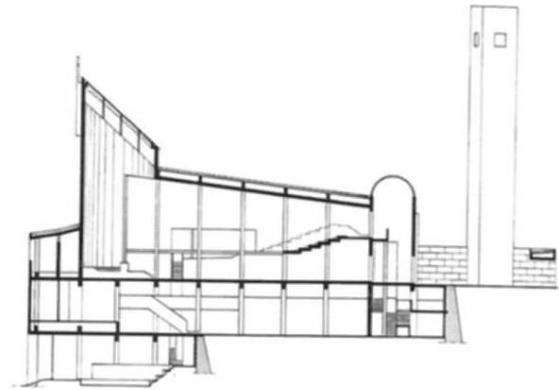


ALCADO POENTE

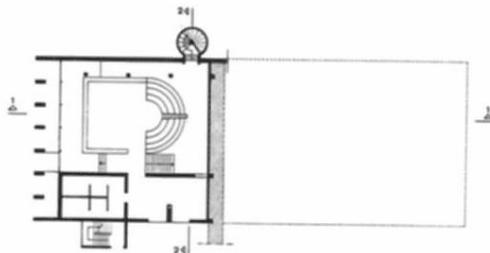
136



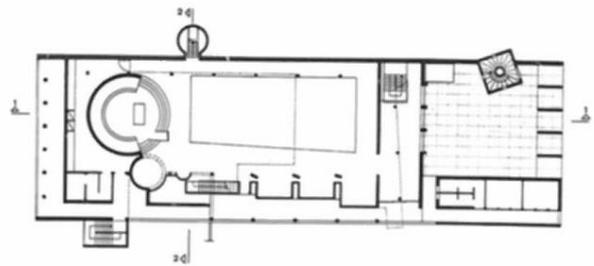
CORTE TRANSVERSAL



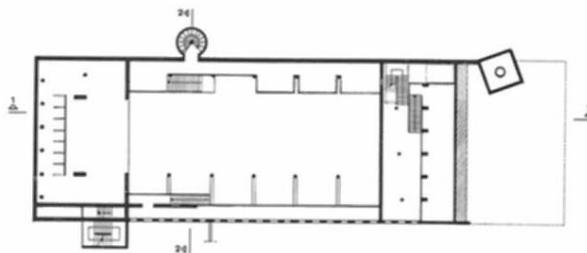
CORTE LONGITUDINAL



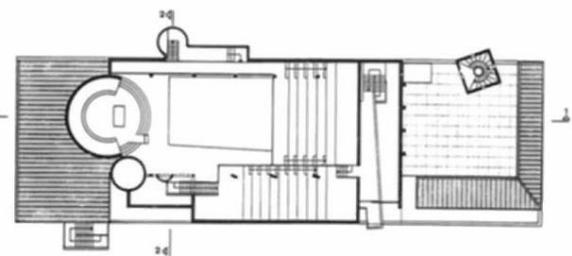
PLANTA DA SUB-CRIPTA



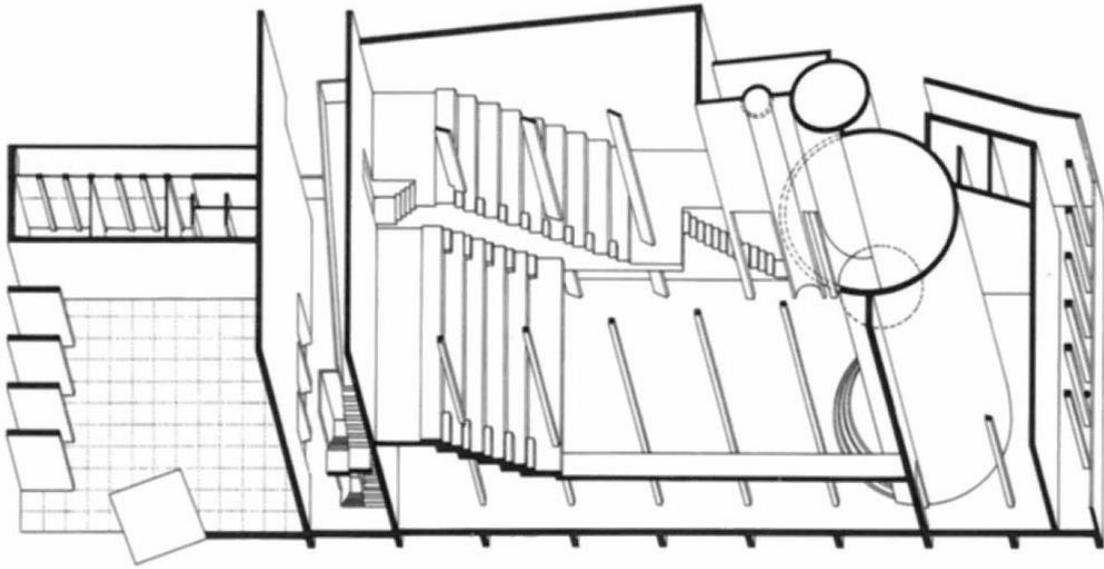
PLANTA DA NAVE



PLANTA DA CRIPTA



PLANTA ALTA DA NAVE



T54

Título:

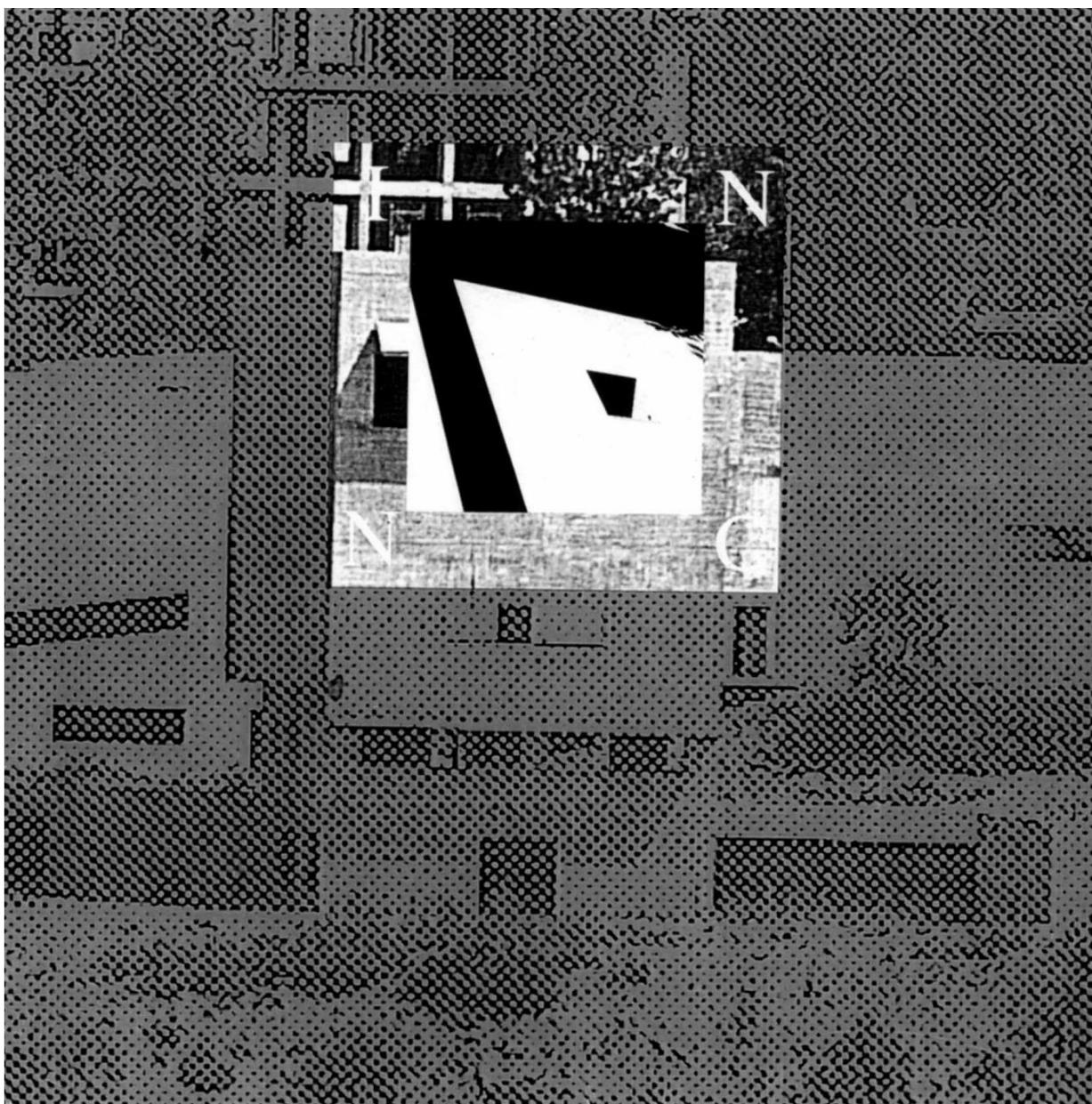
Local, Publicação, Editora: in Páginas Brancas II, aefaup

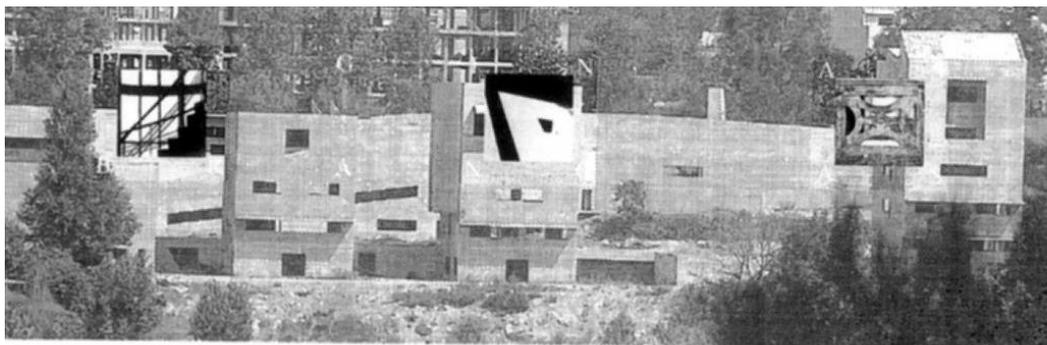
Data: 1992

Autoria:

Suporte: Papel (Anexo Doc.108- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Dr. João Machado- Amarante





PÁGINAS BRANCAS II

	Publicação não periódica Janeiro de 1992
COORDENAÇÃO	Jaime Eusébio
CONCEPÇÃO PLÁSTICA	Carlos Antunes Désirée Pedro Nuno Monteiro
ARRANJO GRÁFICO	Jaime Eusébio António Simões Miguel Palmeiro
REDACÇÃO E COLABORAÇÃO	António Simões José Miguelote
REDACÇÃO	Rua da Alegria, 537 4000 Porto
PROPRIEDADE	Departamento Páginas Brancas A.E.F.A.U.P. Rua do Gólgota, 215 4000 Porto
TRADUÇÕES	Cristina Pinto da Silva Manuela Veloso
ASSISTÊNCIA FOTOGRÁFICA	Lúcia Peixoto José Saigado Bernardo Távora
FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO	ROCHA/artes gráficas, lda.
DEPÓSITO LEGAL	52688/92
TIRAGEM	1.500 ex.
PREÇO DE CAPA	4.000\$00
PREÇO A SÓCIOS DA A.E.F.A.U.P.	3.000\$00

SUMÁRIO

EDITORIAL	ESCOLA EM MANOBRAS	7
PREFÁCIO		
Fernando Távora		9
DEPOIMENTOS		
Alexandre Alves Costa	MOSTRAR O ENSINO DA ARQUITECTURA NO PORTO. OUTUBRO 1991	10
Álvaro Siza Vieira	(FAUP) NO CONFORTO DO PRESTÍGIO CONQUISTADO	14
Ricardo Figueiredo	POR UMA OCASIÃO HISTÓRICA	15
Manuel Graça Dias	LUVAS BRANCAS	18
Paulo Varela Gomes	ACERCA DO PASSADO. ACERCA DO PRESENTE	20
PROJECTOS		
Fernando Távora	ANFITEATRO E INSTALAÇÕES ACESSÓRIAS - INSTITUTO POLITÉCNICO. VIANA DO CASTELO. 1989	23
Alcino Soutinho	PÁTIO DAS NAÇÕES - BOLSA DE VALORES. PORTO. 1990	24
Nuno Portas	CONJUNTO HABITACIONAL SOMENCOR. CASTRO VERDE. 1988	28
Cristiano Moreira	CENTRO DE BIOMASSA PARA A ENERGIA. MIRANDA DO CORVO. 1990	32
António Menéres	ENTREPOSTO FLUVIAL E MARÍTIMO - SECIL. PORTO. 1987	38
Augusto Amaral	AMPLIAÇÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL. S. JOÃO DA MADEIRA. 1991	40
Alfredo Matos Ferreira	DEPARTAMENTO DE FÍSICA DA U.A. - CAMPUS UNIVERSITÁRIO. AVEIRO. 1989	44
Sérgio Fernandez	CASA DR. EURICO DE FIGUEIREDO. MOLEDO DO MINHO. 1989	46
Álvaro Siza	CITÉ DE LA JEUNESSE - BOULEVARD BRUNE. PARIS. 1989	50
Manuel Teles	FRENTE FLUVIAL E MARÍTIMA. LAGOS. 1989	52
Alexandre Alves Costa	ESCOLA PRÉ-PRIMÁRIA. MOLEDO DO MINHO. 1988	56
Manuel Correia Fernandes	HABITAÇÃO ECONÓMICA COOPERATIVA - ALDOAR. PORTO 1988	60
Manuel Fernandes de Sá	CENTRO CULTURAL. VILA DAS AVES. 1989	64
Pedro Ramalho	NOVAS INSTALAÇÕES DA FACULDADE DE ENGENHARIA DA U.P. PORTO. 1990	70
José Quintão	FACULDADE DE MEDICINA DENTÁRIA DA U.P. PORTO. 1989	74
António Madureira	HABITAÇÃO ENG.º MÁRIO ALEXO. S. MAMEDE DE INFESTA 1990	80
Bernardo Ferrão	READAPTAÇÃO DO TEATRO - CLUB A AUDITÓRIO MUNICIPAL. ESPOSENDE. 1990	84
Francisco Guedes	HABITAÇÃO HORST J. GUERMANN - VAIRÃO. VILA DO CONDE. 1989	88
Anni Gunther	QUARTEL DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS. PÓVOA DE VARZIM. 1990	92
Nuno Guedes de Oliveira	PLANOS DIRECTOR MUNICIPAL E DE URBANIZAÇÃO. S. JOÃO DA MADEIRA. 1989	94
Domingos Tavares	ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA U.A. - CAMPUS UNIVERSITÁRIO. AVEIRO. 1989	98
Nuno Tasso de Sousa	PAVILHÃO E COZINHA - CASA DO ROSEIRAL. PORTO. 1990	102
Camilo Cortesão	PLANO DE FORMENOR DO POLO II DA U.C. COIMBRA. 1990	106
Carlos Guimarães	ADAPTAÇÃO DO CONVENTO DE S. BENTO DA VITÓRIA - INSTALAÇÕES DA REGIE SINFONIA. PORTO. 1989	110
Francisco Barata	CONJUNTO DE HABITAÇÃO ECONÓMICA - MASSARELOS. PORTO. 1987	116
Henrique de Carvalho	RECONVERSÃO DA CASA DA QUINTA NO LARGO DAS TÍLIAS. AFIFE. 1989	120
José Gigante	AMPLIAÇÃO DA CENTRAL TELEFÓNICA DA BOAVISTA. PORTO. 1987	126
Eduardo Souto de Moura	HOTEL. SALZBURG. 1987	130
Teresa Fonseca	HABITAÇÃO ANTÓNIO FILIPE - AREJA. APÚLIA. 1987	134
Adalberto Dias	RESIDÊNCIAS DE ESTUDANTES DA U.A. - CAMPUS UNIVERSITÁRIO. AVEIRO. 1988	142
José Manuel Soares	VALORIZAÇÃO DA CERCA DO CASTELO. ÓBIDOS. 1991	144
Manuel Botelho	HABITAÇÃO EM CEPELOS - BOAVISTA. AMARANTE. 1987	150
José Bernardo Távora	CASA EM COVAS. VILA NOVA DE CERVEIRA. 1988	156
João Álvaro Rocha	HABITAÇÃO EM VALPEDRE. PENAFIEL. 1987	160
Rui Mealha	MERCADO DE GADO - COOPERATIVA AGRÍCOLA. VILA DO CONDE. 1991	164
Nuno Lacerda Lopes	CAPELAS MORTUÁRIAS. ESPINHO. 1988	168
João Mendes Ribeiro	HABITAÇÃO ANTÓNIO ALBERTINO. COIMBRA. 1990	170
Rui Ramos	FÁBRICA DE ALCATIFAS - BRINTONS. VOUZELA. 1990	174
Rui Pinto	HABITAÇÃO EM S. SEBASTIÃO. BRAGA. 1987	176
Carlos Machado	ESCOLA DE TÊNIS. VILA DO BISPO. 1988	180
Luis Soares Carneiro	CENTRO ACADÉMICO DO INSTITUTO POLITÉCNICO. VIANA DO CASTELO. 1990	184
SINOPSE	OBRAS E PROJECTOS 1986 - 1991	188



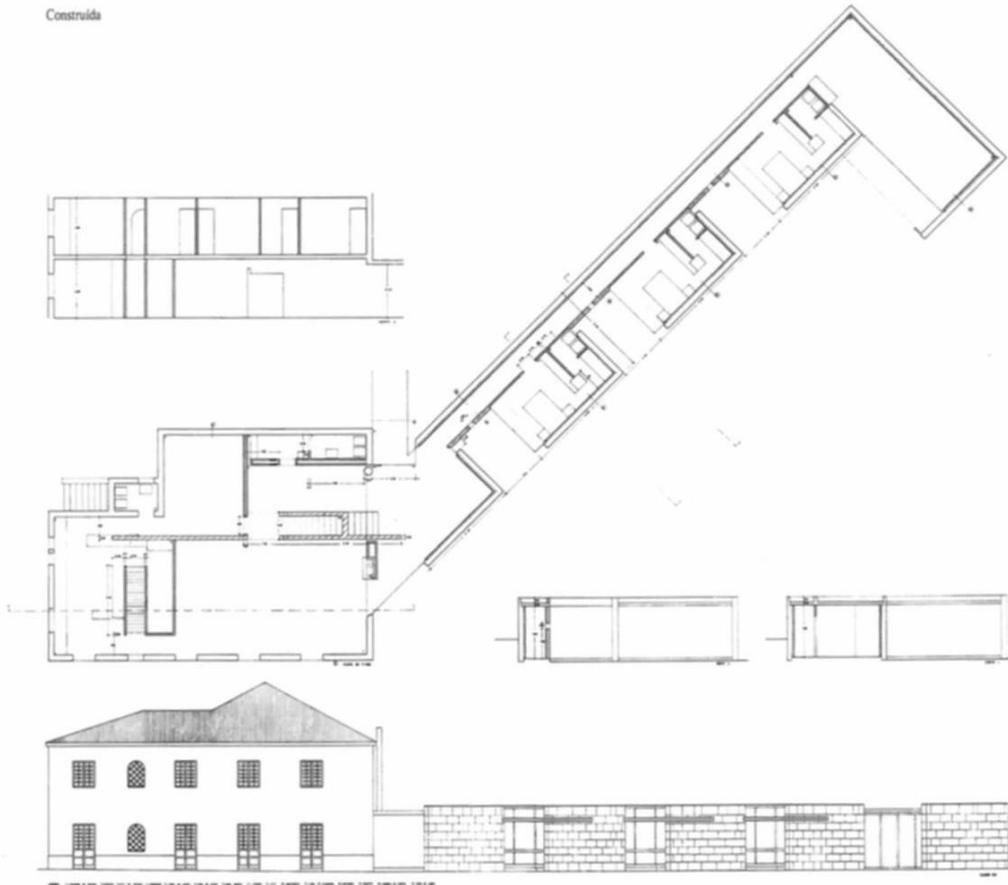
Manuel Botelho

Habitação em Cepelos – Boavista, Amarante, 1987

Manuel Botelho, arqto.
Col. Isabel Sereno, arqta.
J. D. Carreira, des.

Construída

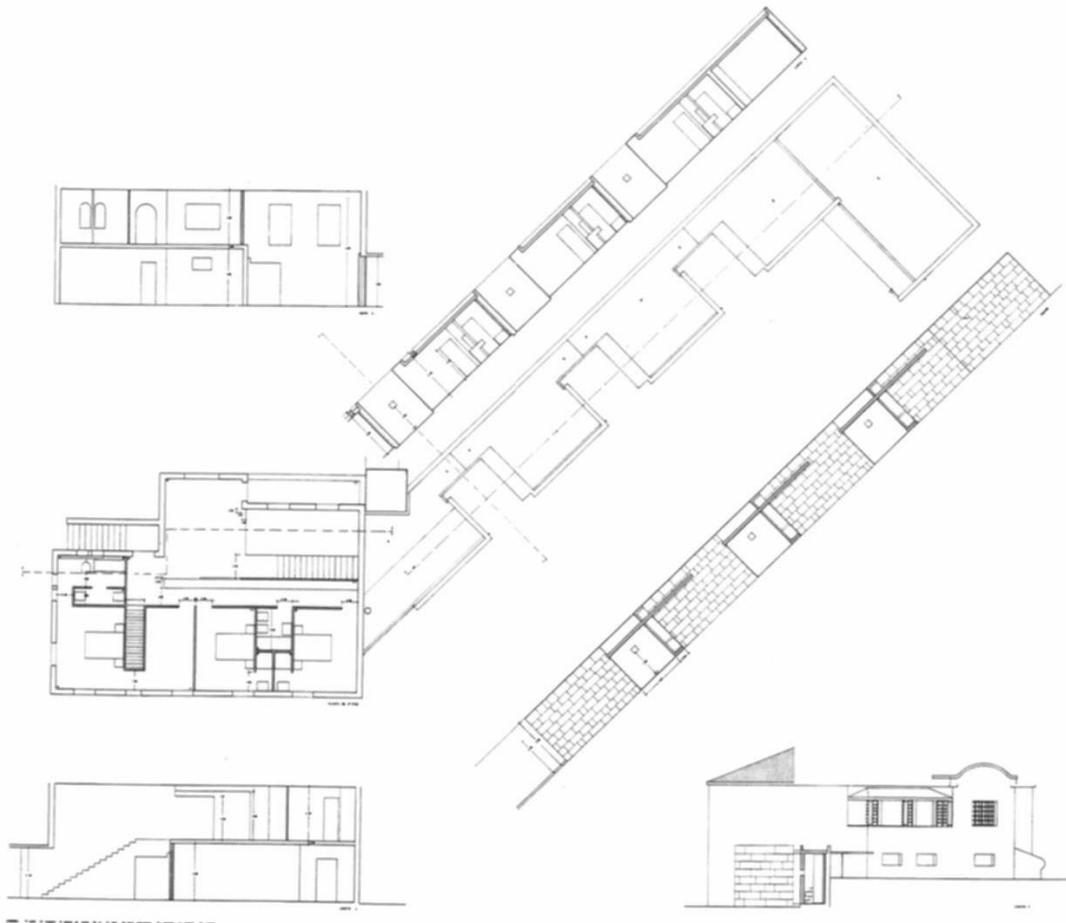
156



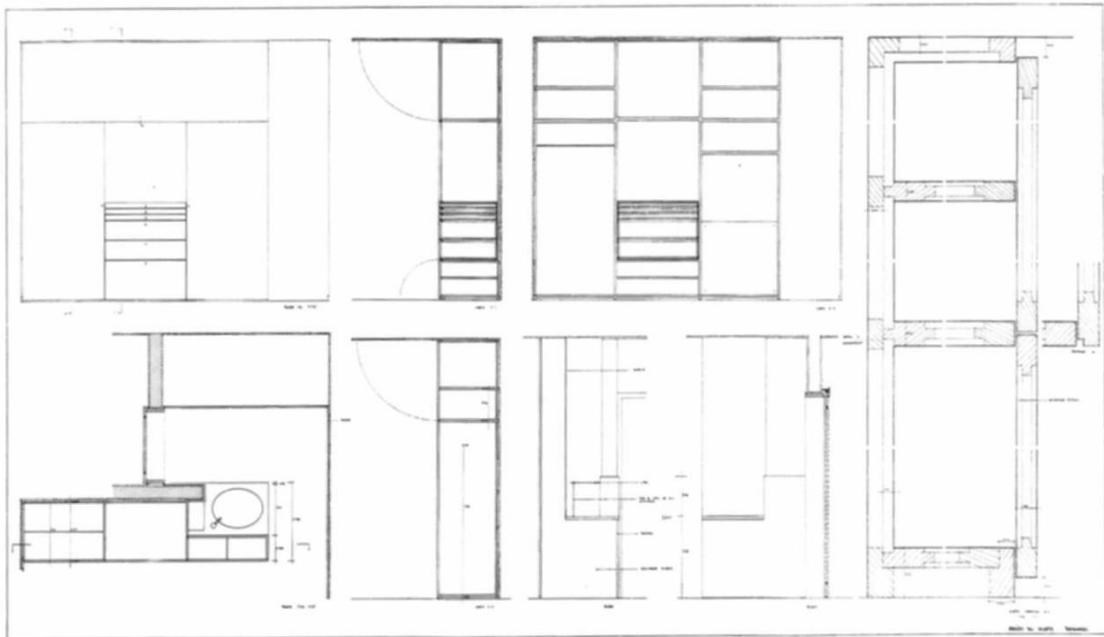
Quando cheguei ao cimo do monte, indo de Amarante senti o desconforto que envolvia a habitação implantada, de modo quase arbitrário, num terreno agrícola de configuração muito irregular...

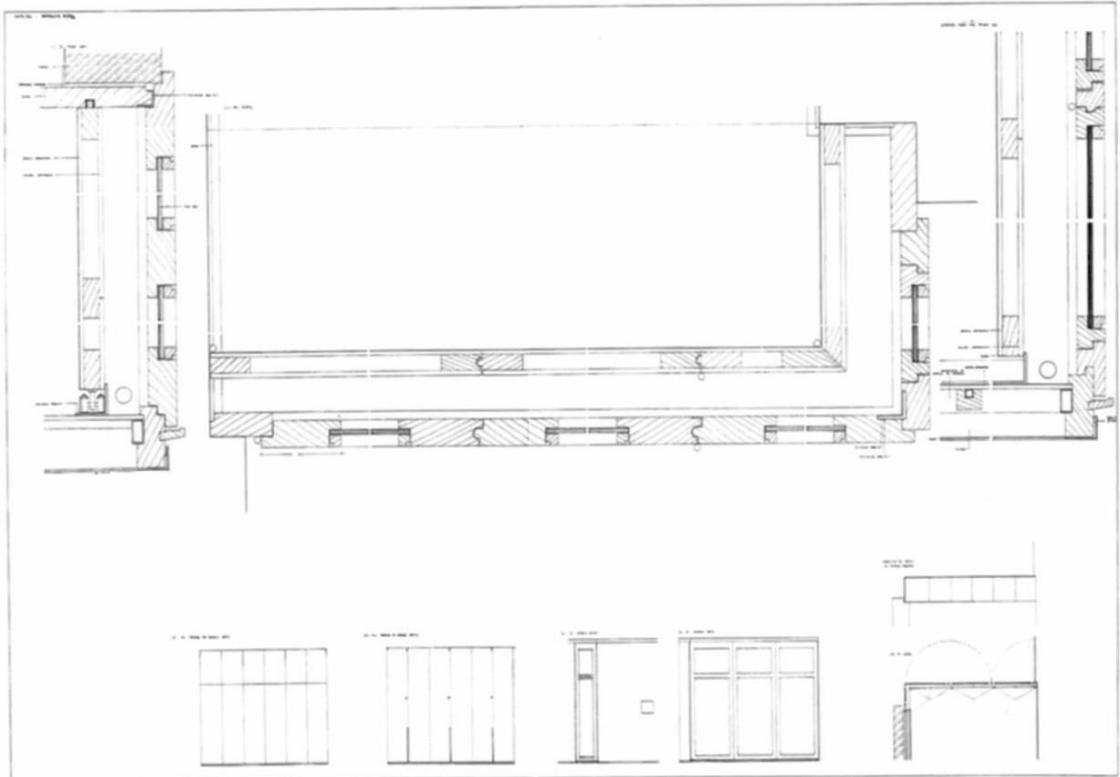
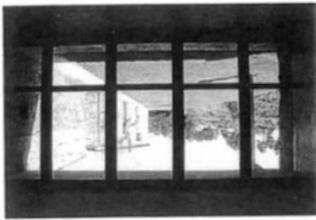
Na ampliação e remodelação desta casa de sóbrio "Português Suave" propus-me conquistar um território doméstico, no amplo horizonte até às cristas do Marão... e daí o longo muro de granito a que se adossa uma sequência de módulos em articulação de espaços exteriores e interiores.

A pedra cortada a guilho, com leitos e testas trabalhadas de modo a conseguir-se o assentamento de junta seca, imprime ao muro um carácter que também pelas suas proporções qualifica o espaço de essencialmente familiar.



158





159

T55

Título:

Local, Publicação, Editora: AA. VV., Prémio Sécil de Arquitectura 2002,

Ordem dos Arquitectos, Lisboa

Data: 2002

Autoria: BOTELHO, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.95- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Maia Ribeiro- Maia





Projecto Moradia unifamiliar	Data do projecto de 1994 a 2001	Colaboradores Arq.º João J. Carreira Arq.º Ana Cristina Roque	Projectos de Estruturas, de Águas e Saneamento e Comportamento Térmico Eng.º França Monteiro	Cliente Dr.º Ângela da Costa Maia e Dr. João Leite Ribeiro	Construtor Delfim da Costa Azevedo - DCA
Localização Rua Eng. Frederico Ulrich n.º 541, Castelo da Maia, Maia	Data da Construção de 1996 a 2001	Arq.º António Simões José Cunha M. Helena M. C. Beselga António L. P. da Silva Neves	Projecto de rede de electricidade e de gás Eng.º Damião Cosme França M. Monteiro	Área lote 2400 m2 Área implantação 460 m2 Área útil 520 m2	
Projecto de Arquitectura Manuel Botelho					

MANUEL BOTELHO

CASA MAIA RIBEIRO

A casa Maia Ribeiro, da Rua Frederico Ulrich, implantada num talhão de 2400 m2, com a forma de um quadrilátero irregular alongado na direcção Norte-Sul, destina-se a um casal de psicólogos com dois filhos.

A implantação da moradia constituída por dois corpos alongados paralelos entre si, perpendiculares à Rua Frederico Ulrich, ligados por uma ponte na extremidade Norte e articulados com um terceiro volume semi-enterrado destinado a estacionamento automóvel, traduz alinhamentos e geometrias de edificios vizinhos.

O espaço em U definido pela construção privilegia a privacidade favorecida pela morfologia do terreno, assumida como elemento definidor do espaço ex(in)terior (ao modo romano).

O mesmo espaço relaciona-se, mais ou menos intensamente de acordo com as diferentes situações, com os ambientes construídos na sua periferia para quotidianos familiares de trabalho, de lazer, de estudo, de descanso, etc.

A casa que alguns místicos apelidaram de "templo doméstico" e que certa tradição racionalista considera "máquina de habitar", permite proposições dialécticas onde o racional e o poético se encontram.

Julgo poder afirmar que a casa Maia Ribeiro evoca memórias da tradição conventual, memórias da nossa tradição arquitectónica vernacular e até memórias de edificios fabris.



No pressuposto de que a vida não se confina à sucessão cíclica do trabalho, do descanso e do lazer, e de que o espaço de habitar ultrapassa de longe a resposta ao imediato e pragmático, a caracterização espacial dos vários ambientes da casa e da sua relação com o exterior foi-se consolidando muito mais na descoberta de "essências espaciais" sem adjectivações, do que no "aturado trabalho de pormenorização".

O espaço construído reflecte sobretudo a opção sobre a valorização de conteúdos e problemáticas do habitar, tentando conciliar a redução da fadiga inevitável do viver com a de algum conforto, numa abertura a horizontes mais amplos que por vezes obrigaram a ultrapassar o eminentemente útil, o "esteticamente correcto" e qualquer cedência consciente a efeitos formais ou plásticos.

T56

Título: Casa no Castelo da Maia

Local, Publicação, Editora: in Guia de Arquitectura Moderna - Porto 1925-2002,

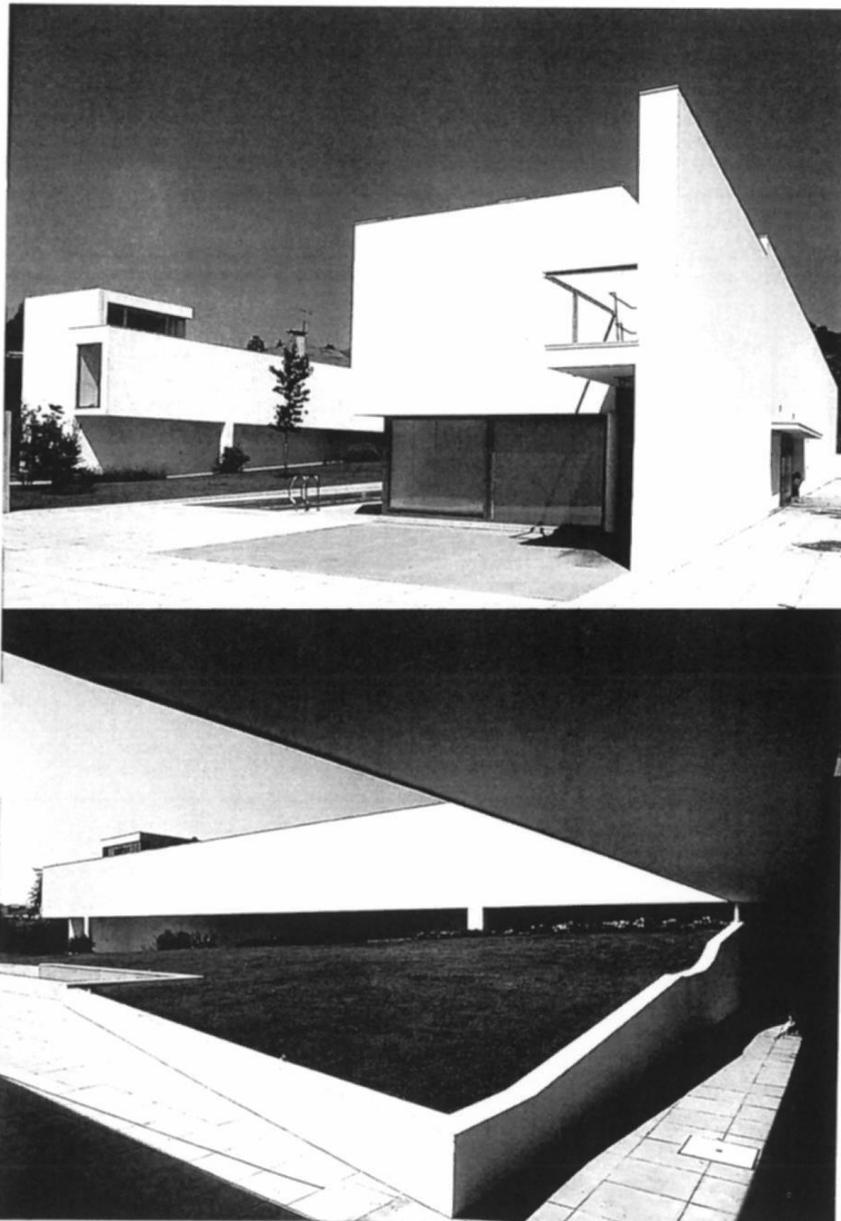
ASA Editores II, S.A. Porto

Data: 2002

Autoria: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele

Suporte: Papel (Anexo Doc.110- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Maia Ribeiro- Maia



Manuel Botelho



117 Casa no Castelo da Maia [1994-2001]

A casa localizada numa zona periférica da área metropolitana do Porto configura-se como um conjunto de espaços no qual coexistem uma série de funções. Uma casa especial, para clientes especiais, integrada pela presença no contexto periférico. Habitar, descansar e trabalhar constituem uma sequência arquitectónica sem interrupções, onde prevalece uma edificação e ocupação do espaço no sentido longitudinal. Dimensões monumentais caracterizam as várias partes da casa. Um grande pátio interior com piscina resulta da articulação das partes construídas. Um pátio morfológicamente moldado realiza condições diferentes na relação com as várias funções da casa. Os materiais utilizados, o escrupuloso cuidado nos desenhos dos pormenores, as numerosas "invenções" tecnológicas e espaciais nos sistemas de aberturas, no mobiliário e nas caixilharias fazem desta casa um caso excepcional de uma arquitectura que integra função, poesia e matéria.

Nome da Obra
Casa no Castelo da Maia

Localização
Rua Frederico Ulrich/
Castelo da Maia
Maia

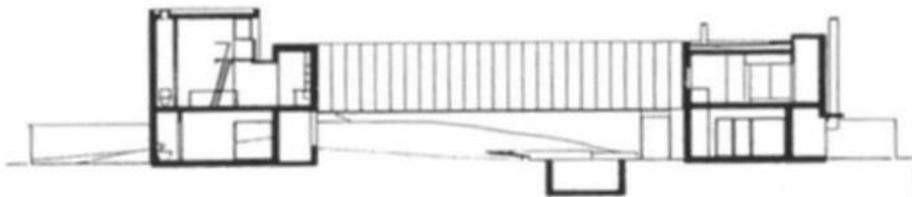
Data do Projecto
1994

Data de Conclusão
2001

Autor
Manuel Botelho



FF/MC



T57

Título: Casas + Interiores Norte

Local, Publicação, Editora: ASA Editores II, S.A. Porto

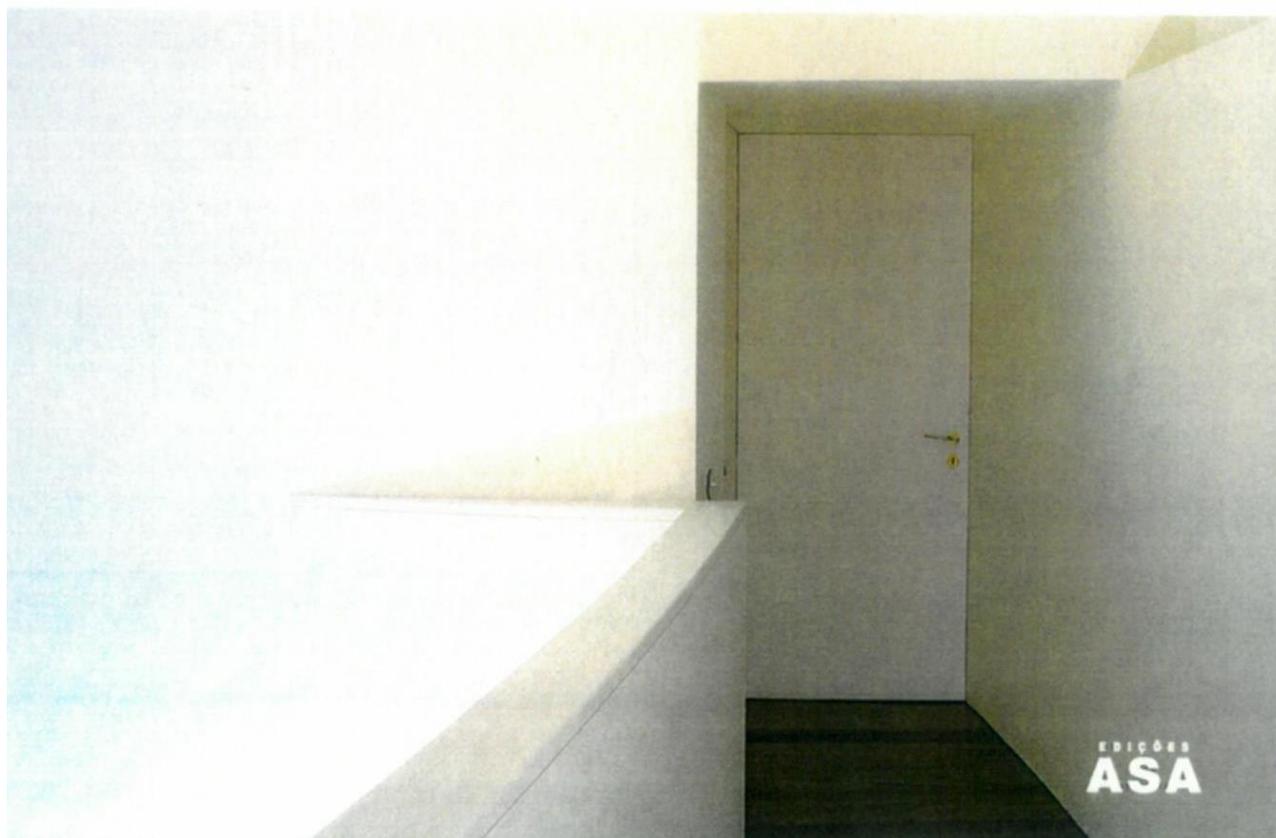
Data: 2002

Autoria:

Suporte: Papel (Anexo Doc.111- Curriculum Vitae)

Outras informações: Texto sobre a Casa Maia Ribeiro- Maia

CASAS+INTERIORES NORTE
HOUSES+INTERIORS NORTH



TÍTULO/TITLE **CASAS+INTERIORES NORTE HOUSES+INTERIORS NORTH** COLEÇÃO/COLLECTION **ARQUITECTURA TEMAS ARCHITECTURE THEMES**
PESQUISA, direcção e coordenação editorial **RESEARCH, EDITORIAL DIRECTION AND CO-ORDINATION JOSÉ MANUEL DAS NEVES**
ASSISTENTE EDITORIAL/EDITORIAL ASSISTANT **CRISTINA SANTOS COSTA** TRADUÇÃO/TRANSLATION **ROSEMARY BLANDY** CAPA FOTO/PHOTO
COVER **LUÍS FERREIRA ALVES** DESIGN **RICARDO TADEU BARROS** NEXTIMAGE@NETCABO.PT | PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO, ACABAMENTO
PHOTOLITHOGRAPHS, PRINTING AND BINDING **GRAFIASA** | DEPÓSITO LEGAL 170860/01 | ISBN 972-41-2709-5 | EDITOR/PUBLISHER **ASA**
EDITORES II, S.A. | SEDE/MAIN OFFICE AV. DA BOAVISTA, 3265-SALA 4.1 4100-138 PORTO T. 226166030 F. 226155346 EDICOES@ASA.PT
WWW.ASA.PT | DELEGAÇÃO EM LISBOA **ASA LISBON** HORTA DOS BACELOS, LOTE 1 2695-390 SANTA IRIA DE AZÓIA T. 219533800
F. 219568051 | 1ª EDIÇÃO/1ST EDITION OUTUBRO/OCTOBER 2002

EDIÇÕES
ASA

UM RETRATO DO HABITAR CONTEMPORÂNEO A PORTRAIT OF CONTEMPORARY WAYS OF LIVING **NUNO GRANDE** 4  **CASA PENHA LONGA** HOUSE
ADALBERTO DIAS 10  **CASA OFIR** HOUSE **ALCINO SOUTINHO** 18  **CASA PVC** HOUSE **ANTÓNIO BELÉM LIMA** 26  **CASA FOZ DO DOURO**
HOUSE **ALEXANDRE TEIXEIRA DA SILVA** **MIGUEL RIBEIRO DE SOUSA** **NUNO RODRIGUES PEREIRA [ARQUIPORTO]** 34  **CASA GRANJA** HOUSE **JOSÉ**
ANTÓNIO AFONSO BARBOSA **PEDRO LINO LOPES GUIMARÃES** 42  **CASA DOURO** HOUSE **JOSÉ BERNARDO TÁVORA** 52  **CASA QUINTA DO**
BURACO III HOUSE **CARLOS CASTANHEIRA** **CLARA BASTAI** 60  **CASA LINDOSO** HOUSE **CARLOS PRATA** **JOSÉ CARLOS PORTUGAL** 68  **APARTA-**
MENTO BRAGA APARTMENT **JOSÉ MANUEL CARVALHO ARAÚJO** 76  **CASA FOZ** HOUSE **EDUARDO SOUTO MOURA** 84  **CASA MILHUNDOS** HOUSE
FRANCISCO PORTUGAL E GOMES 92  **CASA ALDOAR** HOUSE **JOÃO ABRANTES LUCAS** **MARIA DA PAZ MENEZES** 100  **CASA SALOMÉ** HOUSE **JORGE**
DE CARVALHO **TERESA NOVAIS** 108  **CASA TREGOSA** HOUSE **MARIA HELENA RENTE** **JOSÉ CARLOS PORTUGAL** 118  **APARTAMENTO FOZ** APART-
MENT **JOSÉ FERNANDO DE CASTRO GONÇALVES** 126  **CASA ZÉ + SI** HOUSE **LUÍS FERREIRA RODRIGUES** 136  **CASA MAIA** HOUSE **MANUEL BOTELHO** 144
 **CASA QUINTA DO MOSTEIRO** HOUSE **EDUARDO A. RIBEIRO** **MANUEL RAMALHO ANTUNES** **FERNANDO GUIMARÃES MACHADO** 152  **CASA**
PALMEIRA HOUSE **MÁRIO LOURO** 160  **CASA VILA DO CONDE** HOUSE **PEDRO PIMENTEL** 168  **CASA AZURÉM** HOUSE **MANUEL VILHENA ROQUE**
FERNANDO SEARA DE SÁ **RAUL ROQUE FIGUEIREDO** **ALEXANDRE COELHO LIMA [PITÁGORAS]** 176  **CASA CHÃO DO MURO** HOUSE **RICARDO VIEIRA**
DE MELO 184  **CASA NEVOGILDE** HOUSE **SEBASTIÃO MOREIRA** 190  **CASA RIBEIRÃO** HOUSE **VÍTOR FILIPE DE CARVALHO** 198



CASA MAIA HOUSE

CASTÉLO DA MAIA 1994 | 2001

Arquitetura Architecture **MANUEL BOTELHO**

Colaboração Collaboration **JOÃO J. CARREIRA ANA CRISTINA ROQUE**

ANTÓNIO SIMÕES JOSÉ CUNHA

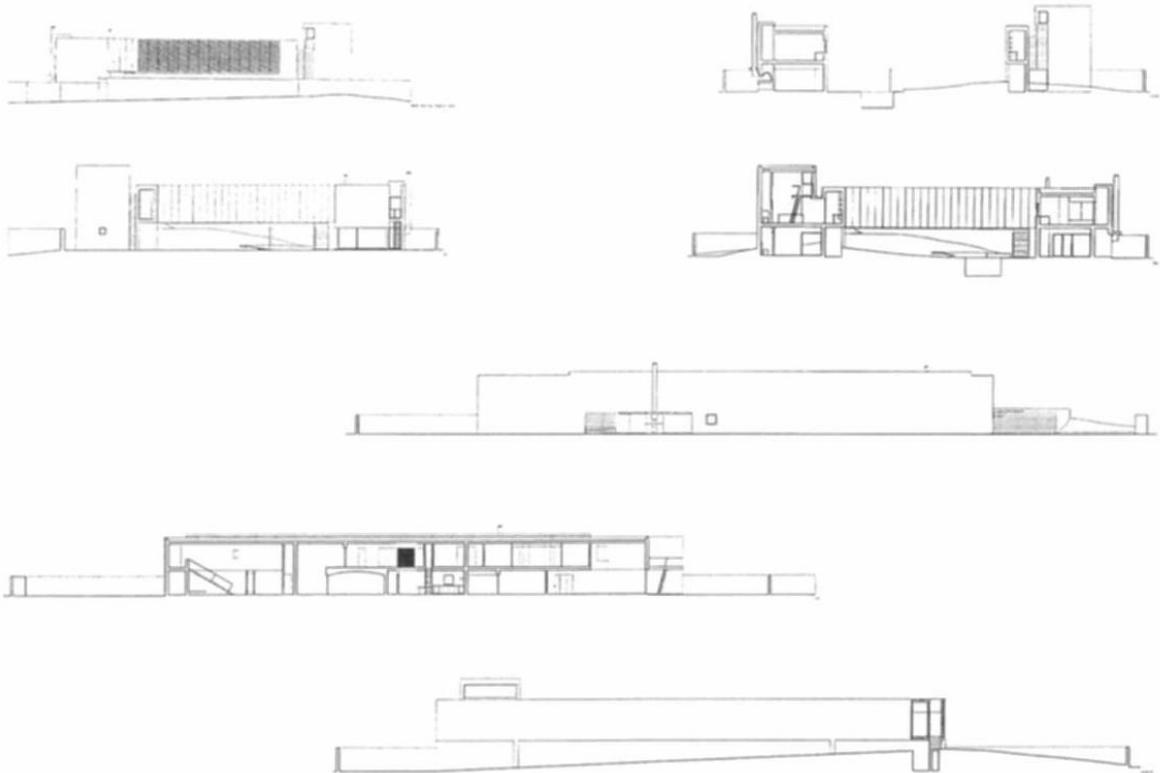
Fundações e Estruturas Structural Engineering **FRANÇA MONTEIRO**

Águas e Esgotos Water and Sewerage **FRANÇA MONTEIRO**

O talhão, situado num ambiente de periferia urbana, envolvido pela desordem que mistura residências com pequenas fábricas, edifícios de seis e mais pisos com vivendas, espaços de cariz marcadamente urbano com pequenas quintas rurais, sugere a necessidade de conquistar um espaço de privacidade. A organização da volumetria em "U", fechado para a rua através de um alçado de desenho discreto, e o ligeiro desnível do terreno limitam o horizonte próximo, garantindo a "intimidade familiar" aberta para um grande espaço interior onde cabem vivências diversificadas do quotidiano.

The land situated in a suburban environment, surrounded by a disorder which mixes residences with small factories, buildings of six and more floors with villas, areas with markedly urban traits with small rural properties, suggests the need to conquer a sphere of privacy... The volumetric organisation in the shape of a "U", closed to the street by means of an elevation with a discreet design and the slight slope of the land limit the immediate horizon, guaranteeing "family intimacy" and opening onto a large interior area where the diverse functions of everyday living can be carried out.

346



ALÇADO NORTE NORTH ELEVATION ALÇADO SUL SOUTH ELEVATION CORTES TRANSVERSAIS CROSS-SECTIONS ALÇADO NASCENTE EAST ELEVATION CORTES LONGITUDINAIS LONGITUDINAL SECTIONS

Dois edifícios e uma ponte (o da residência, a nascente, a estante-edifício, a poente, e a ponte entre os dois) sugerem as funções que ali se confrontam: as do habitar, do estudo e da profissão.

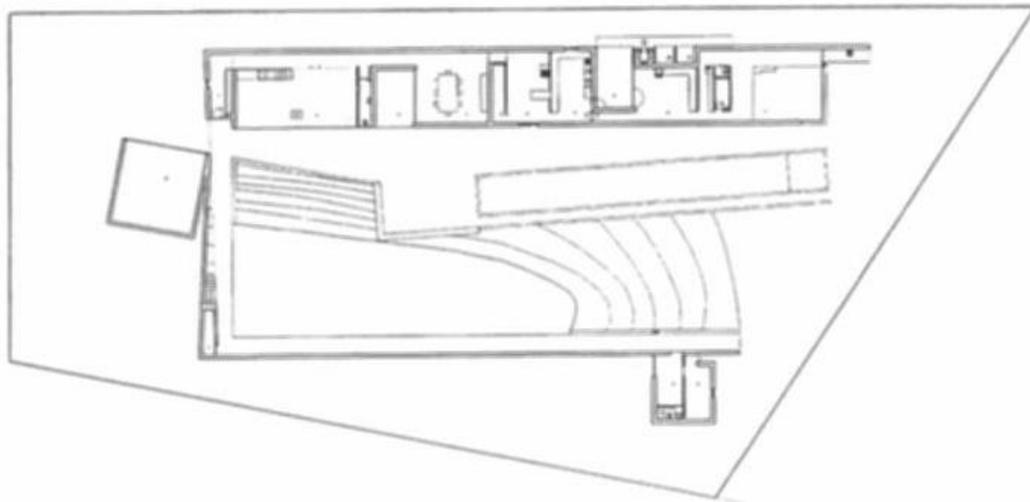
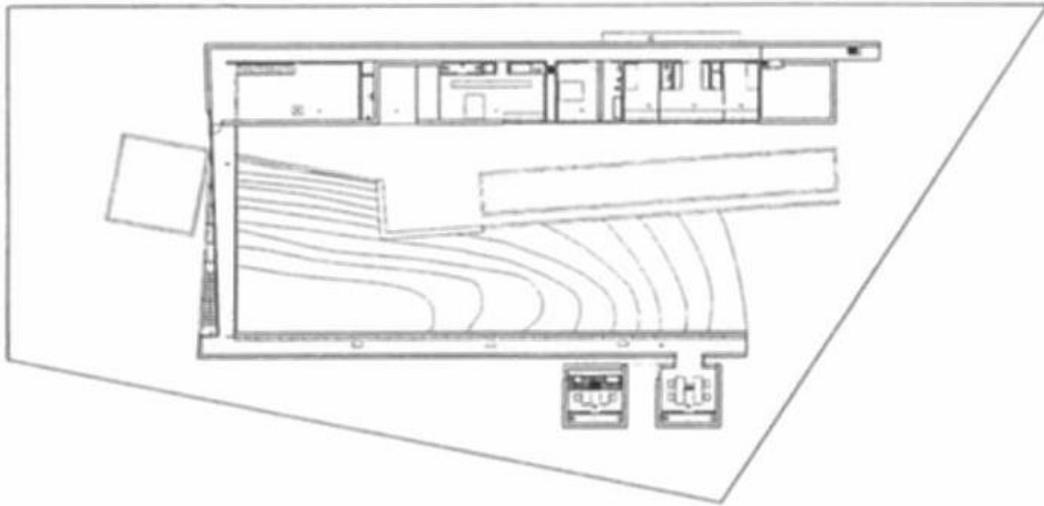
Como elemento marcante do projecto, deve assinalar-se o facto de o terreno ser assumidamente material construtivo do espaço arquitectónico.

Two buildings and a bridge (that of the residence to the east; the bookshelf-like building to the west and the bridge between the two) suggest the functions that are juxtaposed there: living, studying and working.

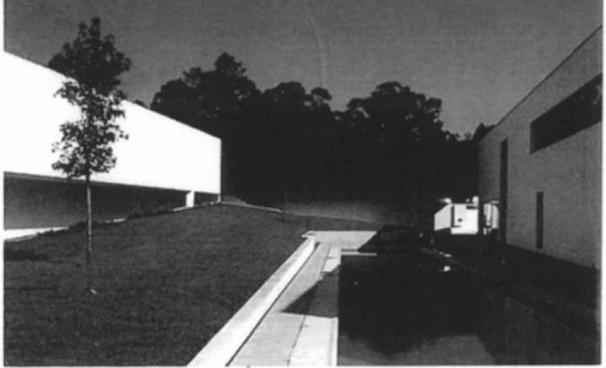
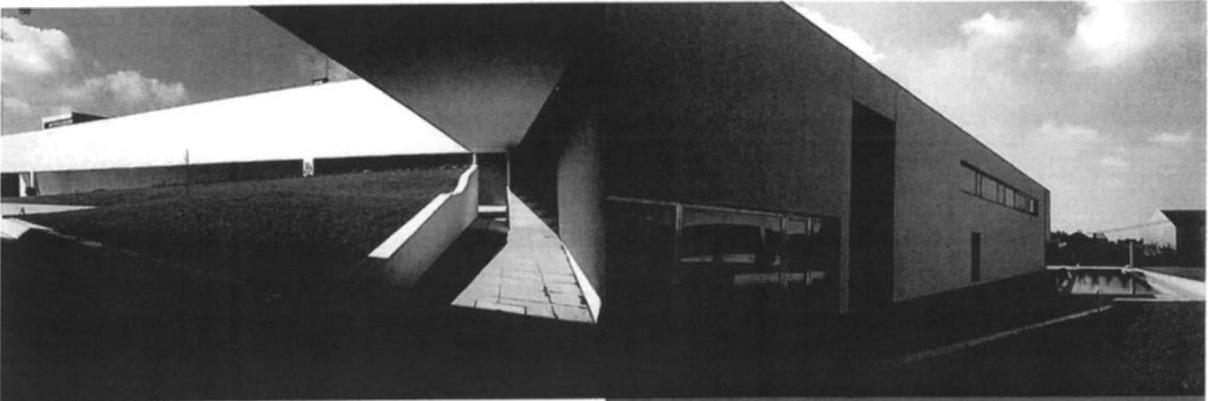
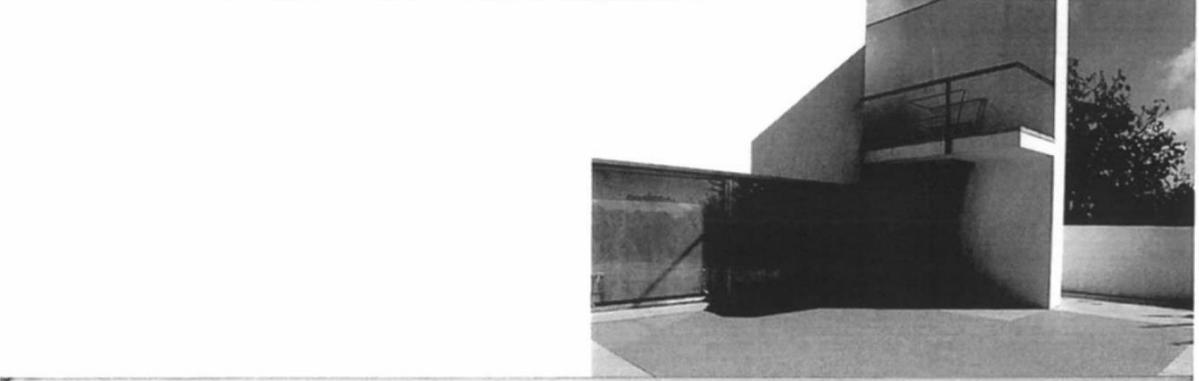
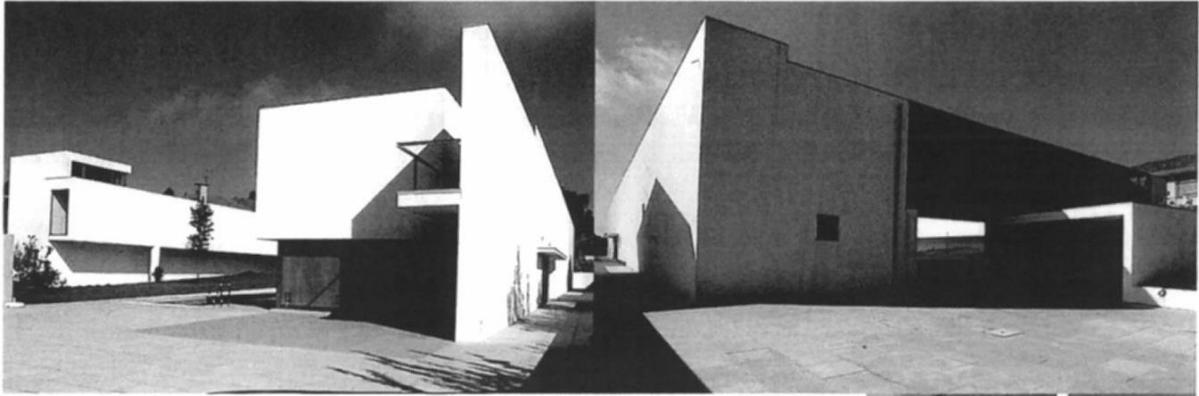
As a striking aspect of the project, mention must be made of the land being clearly assumed as construction material of the architectural sphere.

347





PLANTA PISO 0 GROUND LEVEL PLAN PLANTA PISO 1 LEVEL 1 PLAN



*DOIS EDIFÍCIOS E UMA PONTE SUGEREM AS FUNÇÕES QUE
ALI SE CONFRONTAM: AS DO HABITAR, DO ESTUDO E DA PROFISSÃO.*

*TWO BUILDINGS AND A BRIDGE SUGGEST THE FUNCTIONS
THAT ARE JUXTAPOSED THERE: LIVING, STUDYING AND WORKING.*



T58

Título: Architettura portoghese: la generazione recente

Local, Publicação, Editora: in Casabella n° 579, Milão

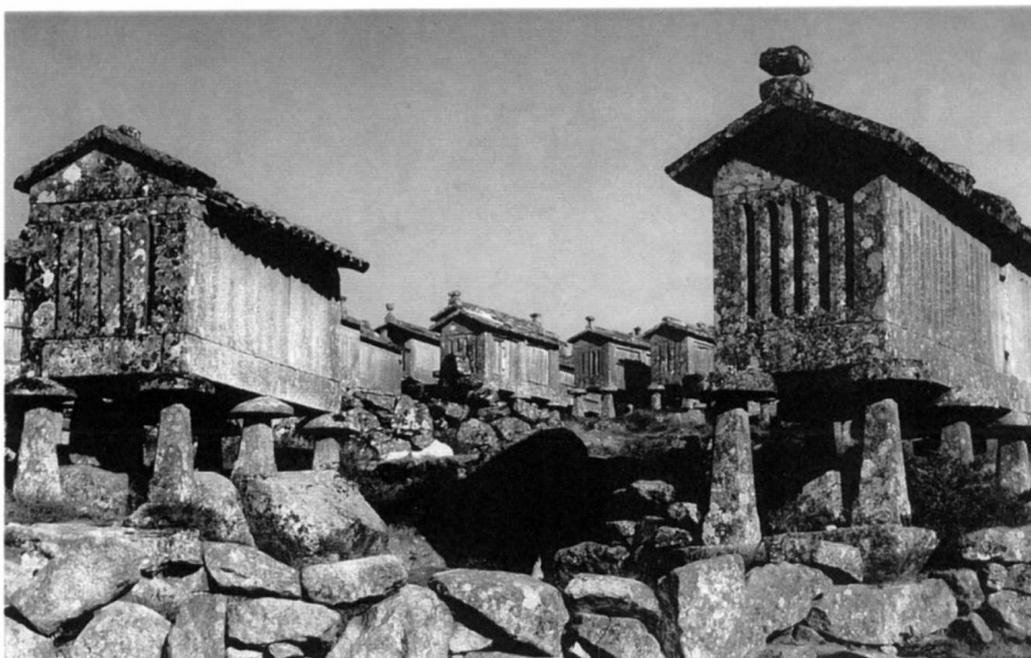
Data: 1991

Autoria: MENDES, Manuel

Suporte: Papel (Anexo Doc.112- Curriculum Vitae)

Outras informações:

CASABELLA⁵⁷⁹



Architettura contemporanea dal Portogallo: edifici e progetti per scuole e università di Alvaro Siza, e una selezione di opere significative della giovane generazione. Secchi sulla strategia dell'urbanistica. Benvenuto e Masiero sulla conservazione. Gregotti sulla verità in architettura. Libri e recensioni, tra gli altri, su Semper, Bottoni, Purini, il suprematismo.

Rivista internazionale di architettura International Architectural Review

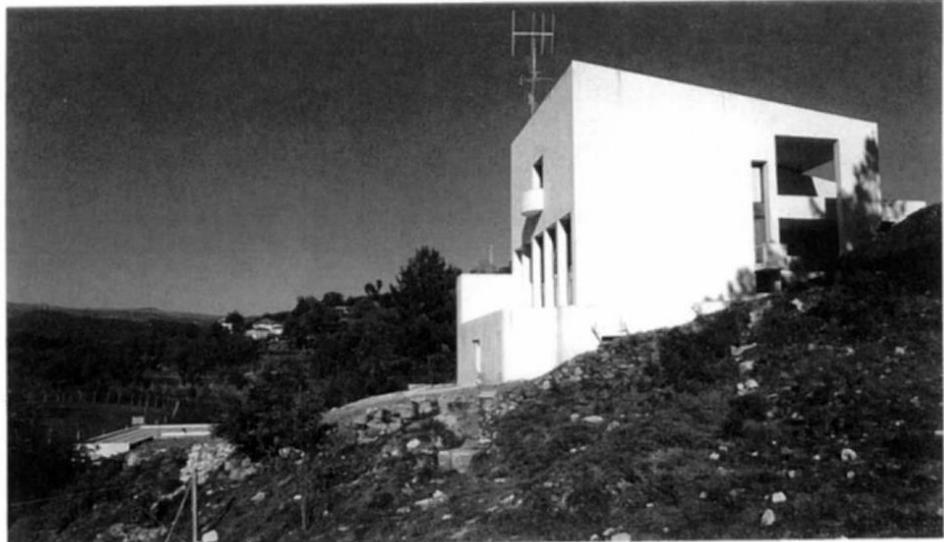
Manuel Botelho

Nato nel 1939. Laureato alla Facoltà di Architettura di Roma nel 1979. Esercita la professione a Porto.

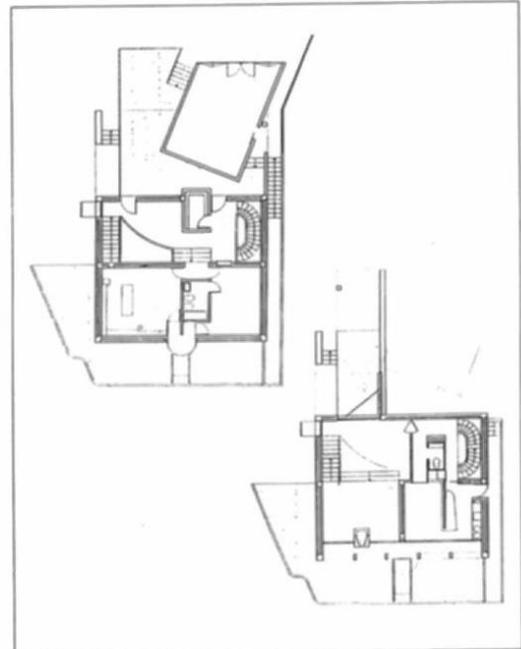
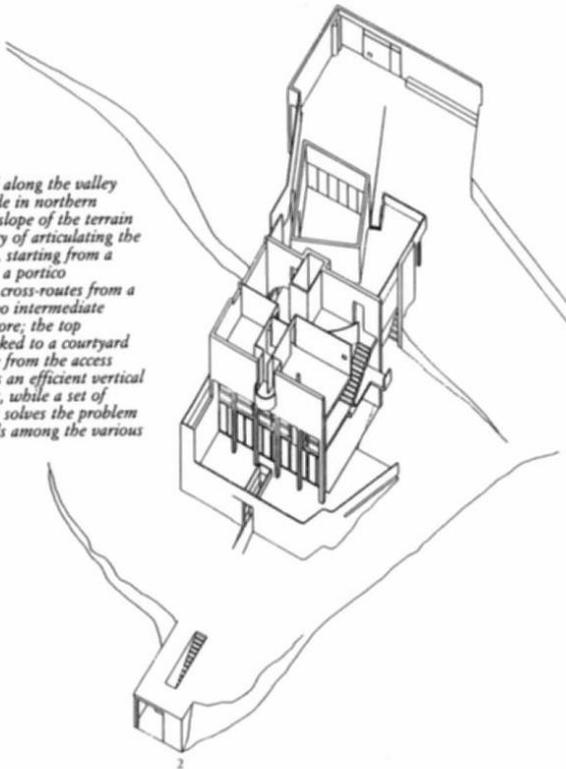
Casa Barroso Pires

Ponte da Barca
con Isabel Sereno
1984-87
(Premio nazionale di Architettura, opere prime, 1988)

La casa si situa ai margini della valle del Rio Vade nel nord del Portogallo. La forte pendenza del terreno offre la possibilità di articolare su quattro livelli la casa, partendo da un basamento/terrazzo con un portico che interagisce con i percorsi di attraversamento provenienti dal parco antistante. I due piani intermedi costituiscono il nucleo centrale dell'abitazione, mentre il piano alto, adibito a ricezione, comunica con un cortile che distanzia la costruzione dalla strada di accesso. Un blocco scala garantisce una rapida distribuzione verticale, mentre una serie di elementi di risalita risolvono la differenza di quota tra i diversi ambienti.



The house is located along the valley edges of the Rio Vade in northern Portugal. The steep slope of the terrain offered the possibility of articulating the house on four levels, starting from a podium-terrace with a portico interacting with the cross-routes from a nearby park. The two intermediate floors compose the core; the top reception floor is linked to a courtyard separating the house from the access street. A stair acts as an efficient vertical distribution element, while a set of internal connections solves the problem of the different levels among the various spaces.



1, 4 Vedute esterne della casa, dal parco e dalla strada. (Foto Manuel Mendes.)

2, 3 Spaccato assometrico e piante dei piani intermedi.

1, 4 External views of the house, from the park and from the street. (Photo Manuel Mendes.)

2, 3 Cut-away axonometric and plans of the intermediate floors.



5 Vitor Figueiredo (nato nel 1929, diplomato all'Esba nel 1959), Jorge Pinto (nato nel 1960, diplomato alla Fautl nel 1984), Cappella, Albergaria dos Fusos 1990.
 6 José Luís Carvalho Gomes (nato nel 1949, diplomato all'Esba nel 1973), Casa Pinto Nunes, Paredes 1987-1989.
 7 Manuel Aires Mateus (nato nel 1963, diplomato all'Esba nel 1986), Francisco Aires Mateus (nato nel 1964, diplomato all'Esba nel 1987), Discoteca "Sociedade Anónima", Foz do Lizandro 1988-90.

5 Vitor Figueiredo (born 1929, graduated at Esba 1959), Jorge Pinto (born 1960, graduated at Fautl 1984), Chapel, Albergaria dos Fusos 1990.
 6 José Luís Carvalho Gomes (born 1949, graduated at Esba 1973), Casa Pinto Nunes, Paredes 1987-1989.
 7 Manuel Aires Mateus (born 1963, graduated at Esba 1986), Francisco Aires Mateus (born 1964, graduated at Esba 1987), Disco "Sociedade Anónima", Foz do Lizandro 1988-90.

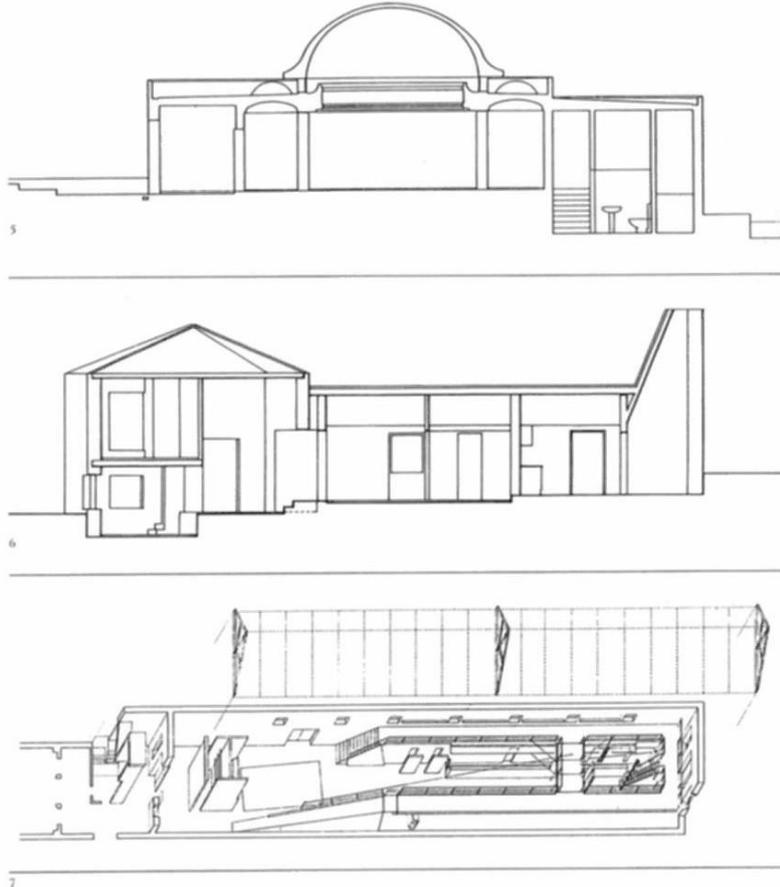
linguaggio e costruzione si sviluppano e si completano nella strutturazione e significazione dello spazio.

Nell'ambito della posizione eclettica, le architetture di António Gradim, Pedro Mendo, Ribeiro/Antunes, João Teles Rebolo si accettano come situazione specifica, intimamente relazionata con la loro condizione di piccoli studi professionali radicati nella provincia, scenario di clientelismi e sviluppo disordinato. Isolamento, banalizzazione dei modelli, materiali correnti, costruzione civile precaria, sono alcune delle variabili di un prodotto *promiscuo*, dove l'azione dell'architetto si manifesta provvisoria, passeggera. Nella assimilazione della contingenza, della periferia, per una ridefinizione dell'autonomia disciplinare, si radica il gioco del linguaggio nella pelle dell'edificio, qualche meccanismo di natura tipologica, l'adattamento conflittuale di riferimenti personali ai cicli costruttivi locali.

Al margine, le situazioni di Manuel Botelho e Cortesão/Vieira/Gomes.

Del primo è nota la sua formazione in Italia, dove si laureò, a Roma, nel corso di Quaroni. Nel suo gesto fluttuano segni di Terragni o Libera; altre architetture di accentuata longevità nella significazione collettiva. *Mestiere* di fondazione *etica*, nell'ipotesi progettuale riferita alla *cultura originaria* l'atto poetico si sedimenta come dialogo artigianale tra orizzonti e valori e le regole del fare artistico. L'architettura è mistero che si svela come tesoro nella coscienza profonda delle cose e degli uomini. Nel processo di essenzializzazione e intensificazione a cui sottomette le forme, la costruzione si offre come segno nel paesaggio che si avvolge in una rete densa di percorsi, soste, luci ed ombre, rete di abitudini ed usi interconnessi.

Nel secondo caso, si tratta di un gruppo dove l'associazione di autori di due generazioni del "processo portoghese" si mostra creativa nella fondazione del disegno come materiale e messaggio: senza nostalgie e illusioni, insistere propositivamente sulla durabilità delle *convenzioni*⁵, attribuendogli capacità operative per superare "disfunzionalità di programma, di uso, di relazione della edificazione come coerenza tra forma e materiali utilizzati"⁶. Nella celebrazione dell'immagine — parte dell'esistenza fisica e dell'esigenza razionale — si accetta lo sperimentato storicamente per la possibilità di nuova sintesi, indifferente all'interpretabilità infinita della fenomenologia del quotidiano.



Superare il trauma della *erranza dell'assenza*, dominare il *disegno* alla scala della sua realtà in una "territorializzazione" circolante, intercomunicante e pluralista, senza sogni di provinciale contemporaneità o di idolatria del *regionale*, saranno probabilmente la suggestione sufficiente per tragitti di trasformazione presenti in queste architetture, o in altre "opere di altri più vecchi, di altri della stessa età ed ancora altri, discepoli"⁷.

(English digest on page 60)

Note

- 1 Alvaro Siza, *Pós-Modernismo e Arquitectura*, in "Revista Crítica de Ciências Sociais", n.24, 1988.
- 2 Fernando Gonçalves, *Editorial*, in "Jornal dos Arquitectos", 1988.
- 3 Hal Foster, *Polémicas (pós)-modernas*, in "Revista crítica", Lisboa, n. 5, maggio 1989.
- 4 Alexandre Alves Costa, nella prefazione a *Percurso di Sergio Fernandez*, Porto 1988.
- 5 Josep Montaner, *Contemporaneidad, Contexto y Posiciones en la Arquitectura Española Reciente*, in "El Croquis" n.41, 1989.
- 6 Ignasi Solà-Morales, *La posibilidad de la Arquitectura Popular*, in "Periferia", n. 2, 1984.
- 7 Alvaro Siza, prefazione a *Eduardo Souto Moura*, Barcelona 1989.

T59

Título: CASA LUIS BARROSO PIRES, PONTE DA BARCA

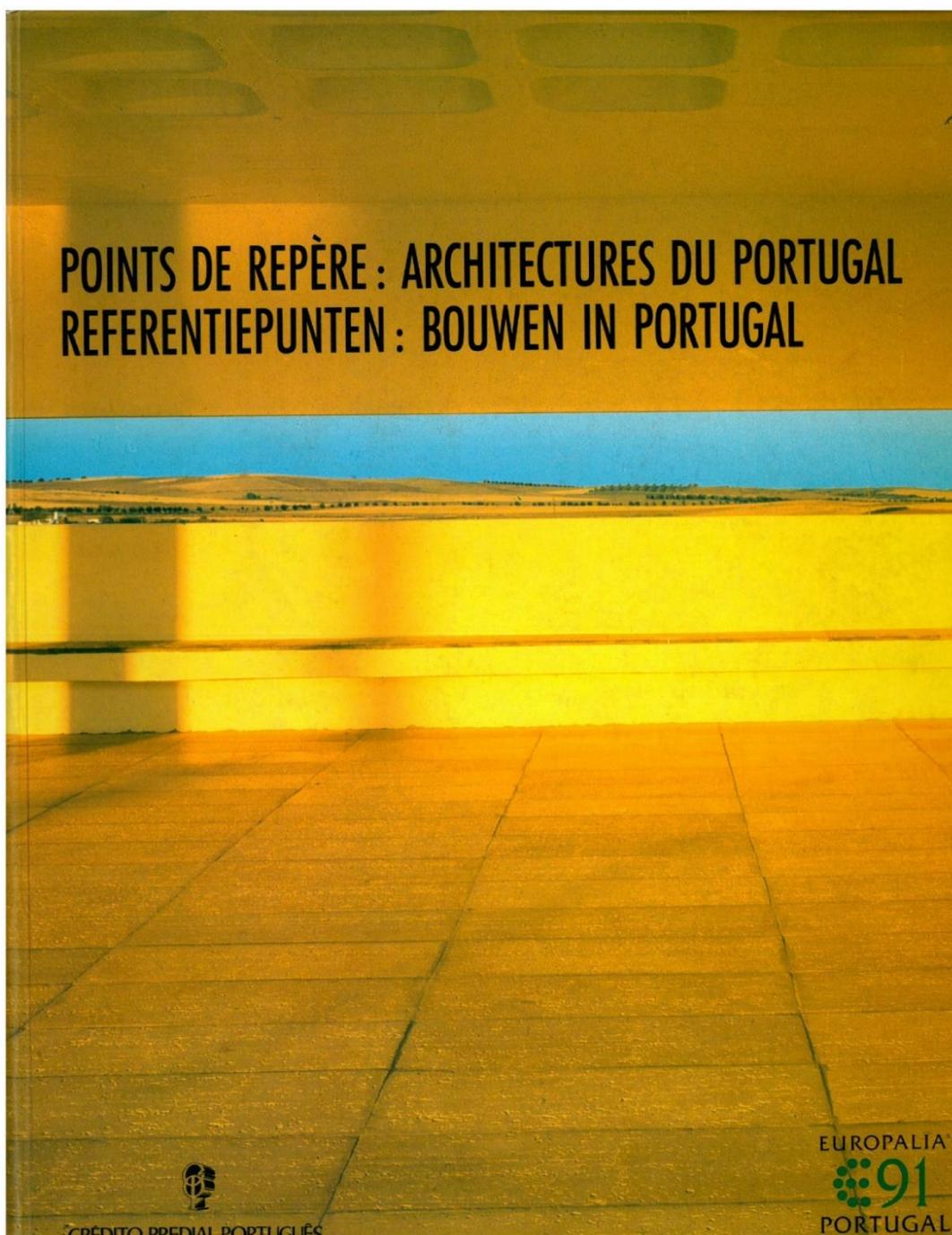
Local, Publicação, Editora: EUROPALIA 91 PORTUGAL- POINTS DE REPÈRE: ARCHITECTURES DU PORTUGAL/ REFERENTIEPUNTEN: BOUWEN IN PORTUGAL. Foundation pour l'Architecture. Bruxelles / Brussel

Data: 1991

Autoria:

Suporte: Papel

Outras informações:



POINTS DE REPERE
Architectures du Portugal

REFERENTIEPUNTEN
Bouwen in Portugal

Fondation pour l'Architecture
Bruxelles / Brussel

21/9 - 24/11/1991



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

EUROPALIA®

PORTUGAL

*Sous le haut patronage du
Président de la République portugaise
et de Leurs Majestés le Roi et la Reine des Belges.*

*Onder de hoge bescherming
van de President van de Republiek Portugal
en van Hunne Majesteiten de Koning en de Koningin
der Belgen.*

Para o arq. M. Botelho

Paulo Varela Jun

19700 Vieira Calh

Portugal

Comité d'Honneur/ Erecomitê

Anibal Cavaco Silva,
Primeiro Ministro

João de Deus Pinheiro,
Ministro dos Negócios Estrangeiros

Fernando Nogueira,
Ministro da Defesa Nacional

Luís Valente de Oliveira,
Ministro do Planeamento e da Administração do Território

Roberta da Luz Carneiro,
Ministro da Educação

Fernando Manuel Barbosa Faria de Oliveira,
Ministro do Comércio e Turismo

António Fernando Couto dos Santos,
Ministro Adjunto e da Juventude

Vasco Rocha Viera,
Governador de Macau

João Bosco da Mota Amaral,
Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores

Alberto João Jardim,
Presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira

Pedro Santana Lopes,
Secretario de Estado da Cultura

Digna-se integrar igualmente esta Comissão Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa Senhor Dom Antonio Ribeiro

Belgique / België

Conseil d'administration / Raad van Bestuur

Président / Voorzitter

Baron Godeaux,
Gouverneur Honoraire, Banque Nationale de Belgique

Président-Fondateur / Oprichter-Voorzitter

Baron de Voghel,
Vice Gouverneur Honoraire, Banque Nationale de Belgique

Administrateur-Secrétaire / Beheerder-Secretaris

John Pouillet,
Secretaris, Nationale Bank van België

Administrateurs / Beheerders

le Parlement Européen / het Europees Parlement

la Direction Générale Information et Culture de la Commission des Communautés Européennes / de Algemene Directie Informatie en Cultuur van de Commissie van de Europese Gemeenschap

le Conseil de l'Europe / de Raad van Europa l'Etat Belge, Ministère des Finances, Loterie Nationale / de Belgische Staat, Ministerie van Financiën, Nationale Loterij

la Banque Nationale de Belgique / de Nationale Bank van België

la Caisse Générale d'Epargne et de Retraite / de Algemene Spaar- en Lijfrentekas

la Société Nationale de Crédit à l'Industrie / de Nationale Maatschappij voor Krediet aan de Nijverheid

Sabena

l'Exécutif de la Communauté française de Belgique

de Vlaamse Executieve

l'Exécutif de la Région Bruxelles-Capitale / de Brusselse Hoofdstedelijke Executieve

Willy Claes,

Vice-Eerste Minister Minister van Economische Zaken en het Plan

Roger Dehaybe,

Commissaire Général, Commissariat Général aux Relations Internationales de la Communauté Française de Belgique

Baron Jacques De Staercke,

Commissaris Generaal van Europolia 91 Portugal, Ere-Afgevaardigde Beheerder van Fabrimetal

Cas Goossens,

Administrateur Generaal, Belgische Radio en Televisie (BRT)

Fernande Fazzi-De Clercq,
Advocaat

Baron Grootaert,
Voormalig Commissaris Generaal van Europolia, Voorzitter van de Raad van Bestuur van de Generale Bank

Comte Harmel,
Ministre d'Etat

Maurice Huisman,
Directeur Honoraire, Théâtre Royal de la Monnaie

Herman Liebaers
Voormalig Commissaris Generaal van Europolia, Ere-grootmaarschalk van het Hof

Gerard Mortier,
Directeur, Koninklijke Muntshouwborg

François Narmon,
Président du Comité de Direction, Crédit Communal de Belgique

Frans Roelants,
Secretaris Generaal, Ministerie van Buitenlandse Betrekkingen

Robert Stéphane,
Administrateur Général, Radio-Télévision belge de la Communauté culturelle française (RTBF)

Leo Tindemans,
Lid van het Europees Parlement, Voormalig Minister van Buitenlandse Betrekkingen

Paul Vandenbussche,
Voormalig Commissaris Generaal van Europolia, Ere-Administrateur Generaal, Belgische Radio en Televisie (BRT)

Diane Verstraeten,
Commissaris Generaal, Commissariaat-Generaal voor Internationale Samenwerking

Robert Wangermée,
Président du Conseil de la Musique de la Communauté française de Belgique, Administrateur Général Honoraire de la Radio Télévision de la Communauté culturelle française (RTBF)

Paul Willems,
Ere-Directeur Generaal, Paleis voor Schone Kunsten van Brussel

Portugal

Commissariat exécutif / Uitvoerend comité

Commissaire Général / Commissaris-Generaal

Emílio Rui Vilar

Vice commissaire / Vice-Commissaris

Fátima Ramos

Secrétariat / Secretariaat

Margarida Mota

Expositions / Tentoonstellingen

Directeur

Simonetta Luz Afonso

Adjoints / Assistentie

Inês Enes Dias

Maria Antonia Pinto de Matos

Maria de Jesus Monge

Isabel Cordeiro

Vicente Borges de Sousa

Secrétariat / Secretariaat

Margarida Almeida

Musique et Danse / Muziek en Dans

Directeur

José Ribeiro da Fonte

Adjoints / Assistentie

Maria José Artiaga

Maria José Rino

Gil Mendo

Littérature et Théâtre / Literatuur en Theater

Directeur

Eduardo Prado Coelho

Adjointe / Assistentie

Margarida Lages

Cinéma et Animation / Film en Animatie

Directeur

Miguel Lobo Antunes

Adjoint / Assistentie

António Sequeira Lopes

Secrétariat / Secretariaat

Maria Emilia Sacadura

Sponsoring

Directeur

Maria Adelaide Rocha

Adjointe / Assistentie

Paula Martins

Presse / Pers

Adelino Cardoso

Administration / Administratie

Salvador Duarte Silva

Renato Santos Madeira

Belgique / België

Comité Exécutif / Uitvoerend Comité

Commissaire Général / Commissaris-Generaal

Baron Jacques De Staercke

Directeur Général / Directeur-Generaal

Martine Baudin

Expositions / Tentoonstellingen

Robert De Smet

Anne Mommens

Vera De Boeck

Menno Meewis

Musique, Cinéma et Animation / Muziek, Film en Animatie

Hadelin Donnet

Anita Lampaert

Marleen De Baets

Littérature et Théâtre / Literatuur en Theater

Madou Moulart

Tanguy David

Sponsoring

Annette van Soest

Karine Mazé

Conseiller financier / Financieel Raadgever

Guy Lemaire

Promotion et Relations Publiques /

Promotie en Public Relations

Isabelle Peemans

Colette Delmotte

Protocole / Protocol

Gilbert Thibaut de Maisières

Presse / Pers

Philippe Delhasse

Michael Van der Valk

Sybille Pecsteen

Publications / Uitgaven

Frank Vanhaecke

John Verstraete

Brigitte Roisin

Hélène Godeaux

EXPOSITION / TENTOONSTELLING

Commissaire au Portugal / Commissaris in Portugal

Paulo Varela GOMES,
Historien en Architecture / Architectuurhistoricus

Adjoints / Assistentie

João Vieira CALDAS,
Architecte - Historien en Architecture / Architect - Architectuurhistoricus
Paulo PEREIRA,
Historien en Architecture / Architectuurhistoricus

Commissaires en Belgique / Commissarissen in België

Caroline MIEROP,
Fondation pour l'Architecture, Bruxelles
Marc DUBOIS,
Stichting Architectuurmuseum, Gent

Coordination au Portugal / Coördinatie in Portugal

Simonetta LUIZ AFONSO,
Directeur Expositions / Tentoonstellingen Europalia 91 Portugal

Adjointes / Assistentie

Inês Enes DIAS, Maria Antónia Pinto de MATOS, Maria de Jesus MONGE

Secrétariat / Secretariaat

Margarida ALMEIDA
Avec la collaboration de / Met de medewerking van
Isabel CORDEIRO, Vicente Borges de SOUSA

Coordination en Belgique / Coördinatie in België

Anne MOMMENS,
Fondation Europalia International / Stichting Europalia International
Menno MEEWIS,
Fondation Europalia International / Stichting Europalia International

Conception / Vormgeving

João Vieira CALDAS

Montage et réalisation technique / Opbouw en technische realisatie

Fondation pour l'Architecture:
Bernard BRUYNDONCKX, Bartomeu MARI, Barbara SZTERNFELD

Maquettes

Norigem, Portugal dos Pequeninos

CATALOGUE / CATALOGUS

Auteurs

Alexandre Alves COSTA, Marc DUBOIS, Paulo Varela GOMES, Paulo PEREIRA

Photographies / Foto's

Arquivo Nacional de Fotografia
Vitória MESQUITA,

Coordination / Coördinatie

Sérgio FERNANDES, Sofia Costa FERRAO, Ana Maria da Silva GOMES,
Luisa Maria Rodrigues de OLIVEIRA, José PESSOA, Maria Emília TAVARES

Photographes / Fotografen:

Giorgio BORDINO, Vítor BRANCO, Laura Castro CALDAS, Paulo CINTRA,
Pedro FERREIRA, Francisco MATIAS, Carlos Pombo da Cruz
MONTEIRO, Luís PAVAO, José RUBIO, Arnaldo SOARES

Illustrations des textes / Tekstillustraties:

Arquivo Fotográfico das Publicações ALpha, S.A.

Traducteurs / Vertalers

Yves LARSEN, Cathérine THUIS, Geneviève Tournon

Rédaction finale / Eindredactie

Hilde PAUWELS, Marianne PONCELET

Coordination en Belgique / Coördinatie in België

Hélène GODEAUX, Brigitte ROISIN, John VERSTRAETE

Editing

Frank VANHAECKE

Conception graphique / Grafische vormgeving

LABEL

ISBN Dépôt légal / Wettelijk depot: D/1991/1746/27

Editeur / Uitgever: Fondation Europalia International Stichting Europalia International

REMERCIEMENTS

Pedro BRANDAO
Gonçalo BYRNE
Helder CARITA
José Luís Carrilho de GRAÇA
António Belém LIMA
Eduardo Souto MOURA
Pedro RAMALHO
Miguel SANTA RITA
Alcino SANTINHO
Fernando TAVORA
Manuel VICENTE
Alvaro Siza VIEIRA

Les responsables de l'exposition et du catalogue remercient de tout cœur toutes les personnes et institutions qui ont rendu cette initiative possible. Nous remercions en particulier Manuel Mendes, Caroline Mierop, Marc Dubois, les architectes dont le travail est montré dans l'exposition et/ou traité dans le catalogue, les propriétaires des maisons photographiées, l'Institut Portugais du Patrimoine Culturel, la Direction Générale des Bâtiments et des Monuments Nationaux dans le Nord, l'Etat-Major de l'Armée et Alexandre Alves Costa, architecte et professeur à l'Université d'Architecture de Porto, pour sa collaboration à ce catalogue.

DANKBETUIGINGEN

Pedro BRANDAO
Gonçalo BYRNE
Helder CARITA
José Luís Carrilho de GRAÇA
António Belém LIMA
Eduardo Souto MOURA
Pedro RAMALHO
Miguel SANTA RITA
Alcino SANTINHO
Fernando TAVORA
Manuel VICENTE
Alvaro Siza VIEIRA

De verantwoordelijken voor de tentoonstelling en de catalogus danken van harte alle personen en instellingen die dit initiatief mogelijk maakten. Wij danken vooral Manuel Mendes, Caroline Mierop, Marc Dubois, de architecten wier werk wordt getoond in de tentoonstelling en/of behandeld wordt in de catalogus, de eigenaars van de gefotografeerde huizen, het Portugees Instituut van het Cultuur Patrimonium, de Algemene Directie van Gebouwen en Nationale Monumenten van het Noorden, de Generale Staf van het leger, en Alexandre Alves Costa, architect en professor aan de architectuurfaculteit van Porto, voor zijn bijdrage aan deze catalogus.

SOMMAIRE / INHOUD

INTRODUCTION INLEIDING

Paulo VARELA GOMES

17

QUATRE BATAILLES EN FAVEUR D'UNE ARCHITECTURE PORTUGAISE VIER VELDSLAGEN TER VERDEDIGING VAN EEN PORTUGESE ARCHITECTUUR

Paulo VARELA GOMES

21

RHETORIQUE. EMPIRISME RETORICA. EMPIRISME

Paulo PEREIRA

63

ARCHITECTURE PORTUGAISE PORTUGESE ARCHITECTUUR

Alexandre ALVES COSTA

95

LA SENSIBILITE POETIQUE DE L'ARCHITECTURE D'ALVARO SIZA DE POËTISCHE SENSIBILITEIT VAN DE ARCHITECTUUR VAN ALVARO SIZA

Marc DUBOIS

107

P R O J E T S — P R O J E C T E N

AVEC LE PASSE UIT HET VERLEDEN

125

A TRAVERS LA VILLE DE STAD

161

SUR LE PAYSAGE HET LANDSCHAP

209

HORIZONS DE L'HABITAT HET WONEN

241

LES BEAUX QUARTIERS DE RESIDENTIËLE WIJKEN

277

IMPURETES ONZUIVERHEDEN

323

BIBLIOGRAPHIE BIBLIOGRAFIE

345

CASA LUIS BARROSO PIRES, PONTE DA BARCA

MAISON LUIS BARROSO PIRES, PONTE DA BARCA

PROJET: 1984

CONSTRUCTION: 1984-87

AUTEUR: Manuel BOTELHO (Moimenta da Beira, 1940-)

Diplômé de la Faculté d'architecture de l'Université degli Studi, à Rome en 1979; assistant à l'ESBAP, et à la FAUP depuis 1980; bureau propre depuis 1984.

La maison se situe sur le versant sud d'une petite vallée qu'une rivière traverse au fond, à proximité du village de Ponte da Barca, dans l'intérieur du Minho. En face, à l'ouest, s'étendent les flancs des coteaux de vignes; la maison repose sur une plateforme creusée par un escalier qui descend vers la rivière. Elle est entièrement revêtue de crépi peint dans un ton clair, avec des châssis de bois foncé.

La maison ne se fonde nullement dans le paysage ni aux constructions traditionnelles du Minho. Elle s'en distingue par la forme, la pente de la toiture, contraire au versant, par le revêtement uniforme de crépi peint, par l'impression de grandeur qu'elle dégage, puisqu'elle domine complètement le versant.

Toutefois, le paysage constitue l'une des principales références du projet, car il détermine la position de la maison, ainsi que l'orientation des escaliers, des fenêtres, des balcons et des divisions. Il existe néanmoins, une sorte de contradiction entre la façon dont la maison s'impose au lieu, et l'utilisation des espaces intérieurs.

WONING, LOUIS BARROSO PIRES, PONTA DA BARCA

ONTWERP: 1984

BOUW: 1984-87

ARCHITECT: Manuel BOTELHO (Moimenta da Beira, 1940-)

Behaalde zijn diploma aan de Faculteit Architectuur van de Università degli Studi te Rome in 1979; sedert 1980 is hij assistent aan de ESBAP en aan de FAUP; sedert 1984 heeft hij een eigen ontwerpbureau.

Het huis bevindt zich op de zuidelijke helling van een kleine vallei waardoor een klein riviertje stroomt, nabij het dorpje Ponte da Barca, in het binnenland van de Minho. Tegenover het huis, op de westkant, strekken zich de wijngaarden uit; het huis staat op een uitgegraven platform, dat met de rivier is verbonden door een trap. De buitenmuren zijn volledig bezet met pleisterkalk, die in een lichte kleur geschilderd is; het raamwerk bestaat uit donker hout.

Het huis versmelt geenszins met het landschap, en lijkt ook niet op de traditionele gebouwen van de Minho. De vorm, de dakhelling (tegendraads met de berghelling), de bezetting met geschilderde pleisterkalk, de grootse uitstraling die ervan uitgaat en die de hele helling domineert, dat alles wijkt af van de traditionele stijl.

Nochtans vormt het landschap één van de voornaamste referentiepunten van het ontwerp, want het bepaalt de ligging van de woning, alsook de richting van de trappen, de vensters, balkons en de indelingen. Er bestaat niettemin een zekere contradictie

La maison est nettement plus grande de l'extérieur qu'à l'intérieur. Elle se dresse, grand bloc imposant, au-dessus de la rivière et de la vallée, 'striée' (sur les faces nord, est et ouest) par les nombreux passages entre l'intérieur et l'extérieur (qui cachent néanmoins les escaliers). Mais à l'intérieur, les divisions sont généralement de dimensions réduites (leurs dimensions quasi cellulaires sont dues en outre au système d'ouverture à l'extérieur) et la lumière est sagement dosée pour produire un effet de recueillement.

Ne pouvant être aperçu librement de la maison, le paysage ne rompt pas l'intimité des pièces et des chambres: les terrasses jouent le rôle de filtres, les ouvertures sont réduites. La grande salle au centre, se compose de plusieurs fenêtres basses, partiellement couvertes par le rideau de piliers et la hotte du foyer. Le paysage ne peut être aperçu qu'en partie et en position assise. De l'escalier venant du vestibule, seule la vallée est visible, et non l'autre côté du versant.

Plus que pour être parcourue du regard, ou pour servir de belvédère, cette maison fut construite pour y vivre.

Se dressant tel un bloc rationnel dont la conception humaine imposée au paysage est évidente, la maison fait par ailleurs office d'abri, rejoignant en cela les maisons anciennes. Dès lors, il n'est guère étonnant qu'elle donne l'impression d'avoir toujours existé.

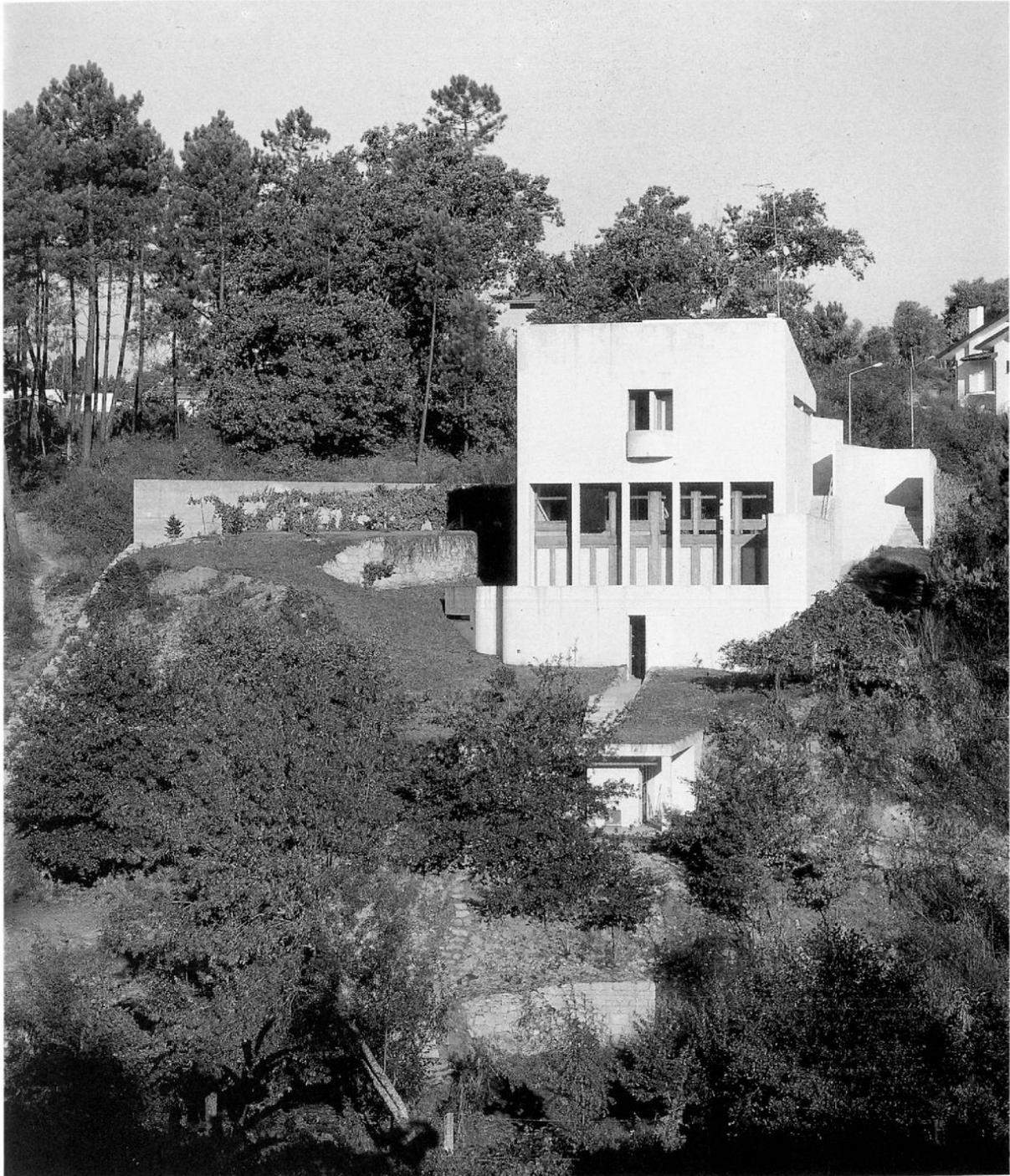
tussen de wijze waarop de woning zich aan de bouwplaats opdringt en het gebruik van de binnenruimtes.

De woning is duidelijk groter aan de buitenkant dan aan de binnenkant. Ze verheft zich als een imponerende massa boven de rivier en de vallei en wordt (aan de noord-, oost- en westkant) 'doorkliefd' door talloze doorgangen tussen de binnen- en buitenkant. De binnenruimtes zijn echter eerder klein (de nagenoeg cellulaire afmetingen zijn ook het gevolg van de eerder volumineuze constructie van de buitenkant) en het licht werd bedachtzaam gedoseerd om een meditatieve sfeer op te roepen.

Het landschap, dat vanuit het huis niet vrijelijk overschouwd kan worden, verbreekt de intimiteit van de leefruimtes en de kamers niet: de terrassen spelen een filterende rol, de openingen zijn klein. De grote centrale leefruimte heeft meerdere, lage vensters, gedeeltelijk afgeschermd door de pilaren en de rookkap van het haardvuur. Wanneer men zit kan met het landschap dus slechts gedeeltelijk zien.

Vanop de trap in de hal heeft men enkel uitzicht op de vallei en niet op de helling aan de overzijde. Dit huis woning werd gebouwd om er in te 'leven', en niet om bekeken te worden of dienst te doen als uitkijkpost.

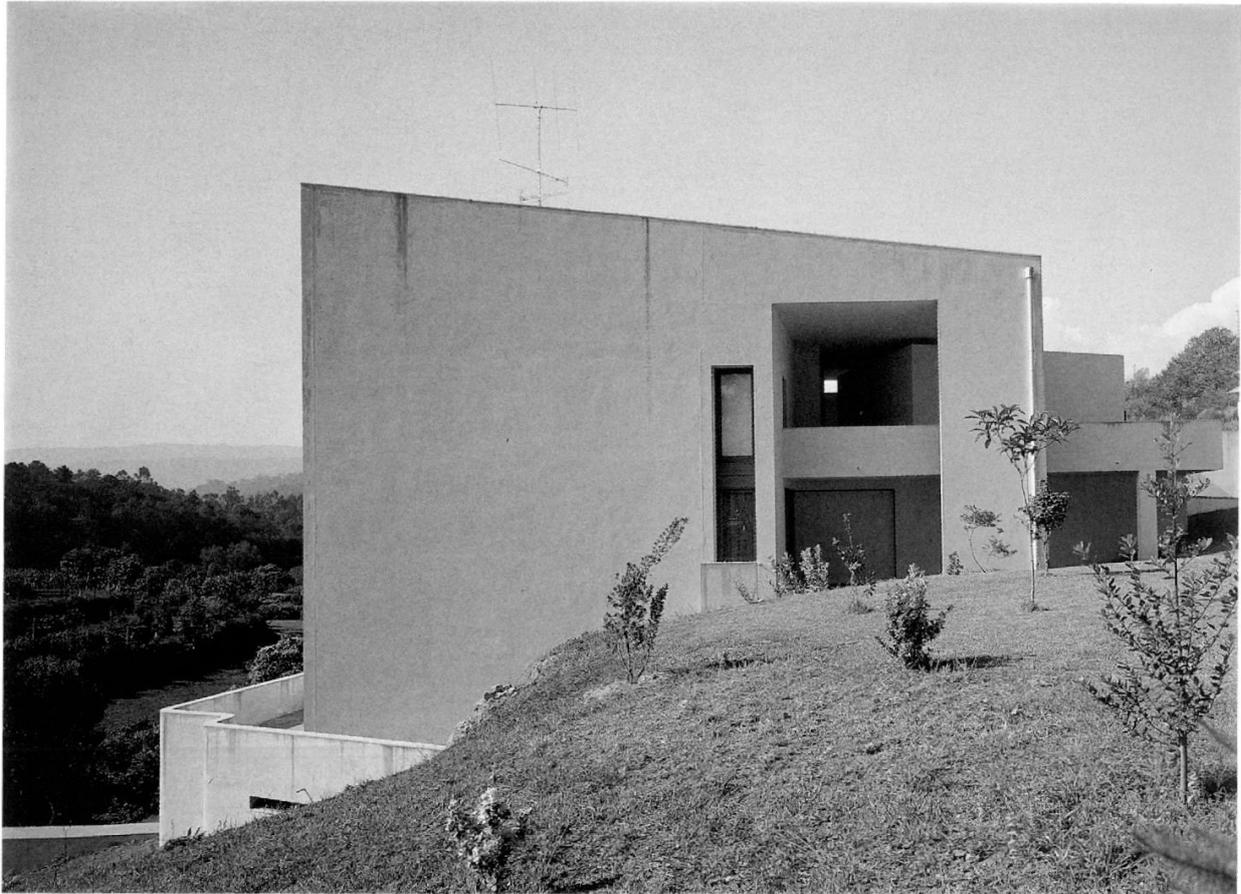
Het huis, dat oprijst als een rationele massa, en duidelijk een menselijke ingreep is in het landschap, is trouwens ook een schuilplaats. In dit opzicht sluit het aan bij de oude woningen. Het is dan ook nauwelijks verwonderlijk dat men de indruk krijgt dat het altijd heeft bestaan.



La maison sur la pente.

Het huis op de helling.

CASA, PONTE DA BARCA



Façade est.

Oostgevel.



Vue de l'entrée.

Ingang.

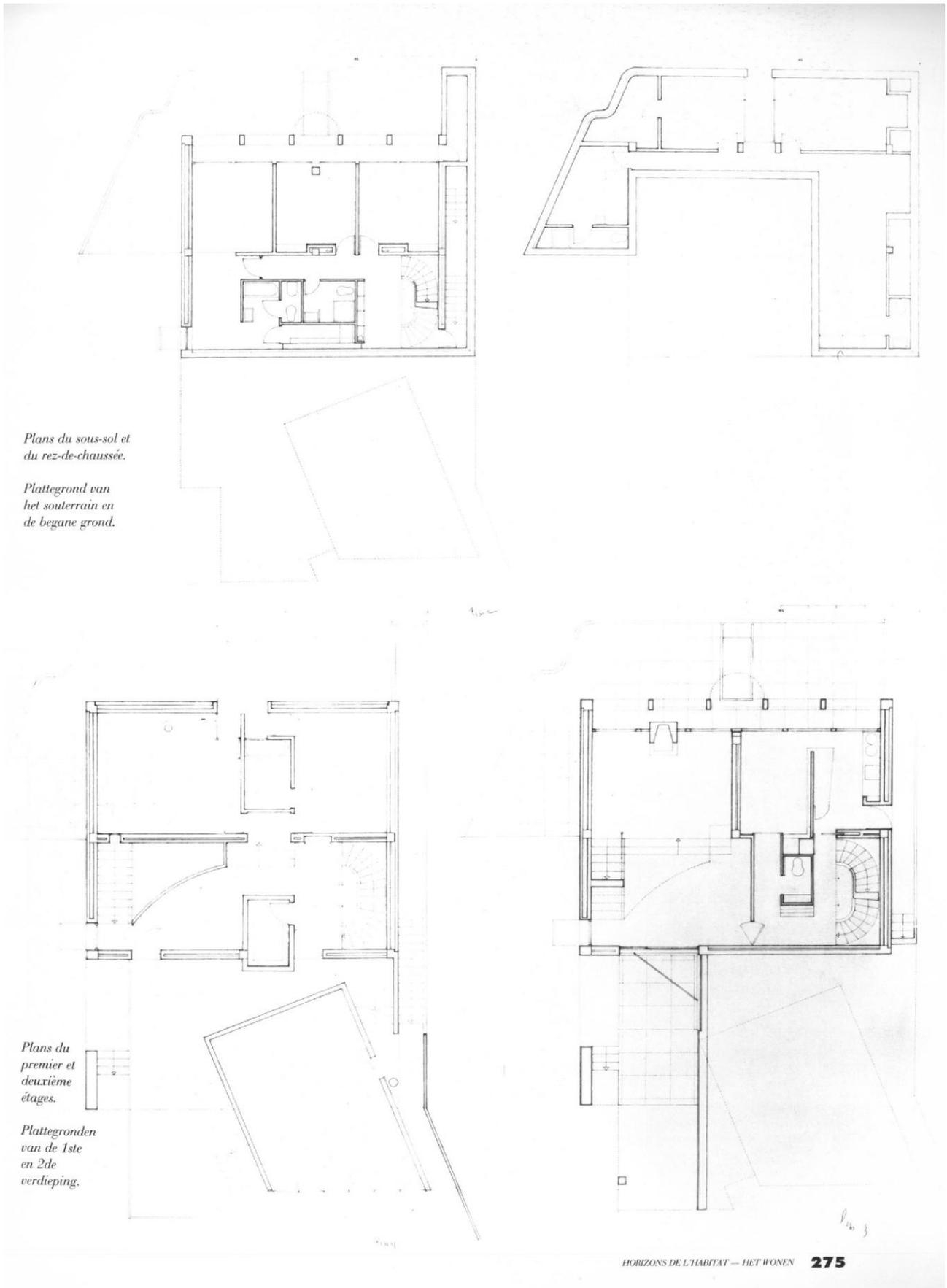


*Escalier et passerelle du jardin.
Trap en tuinpad.*

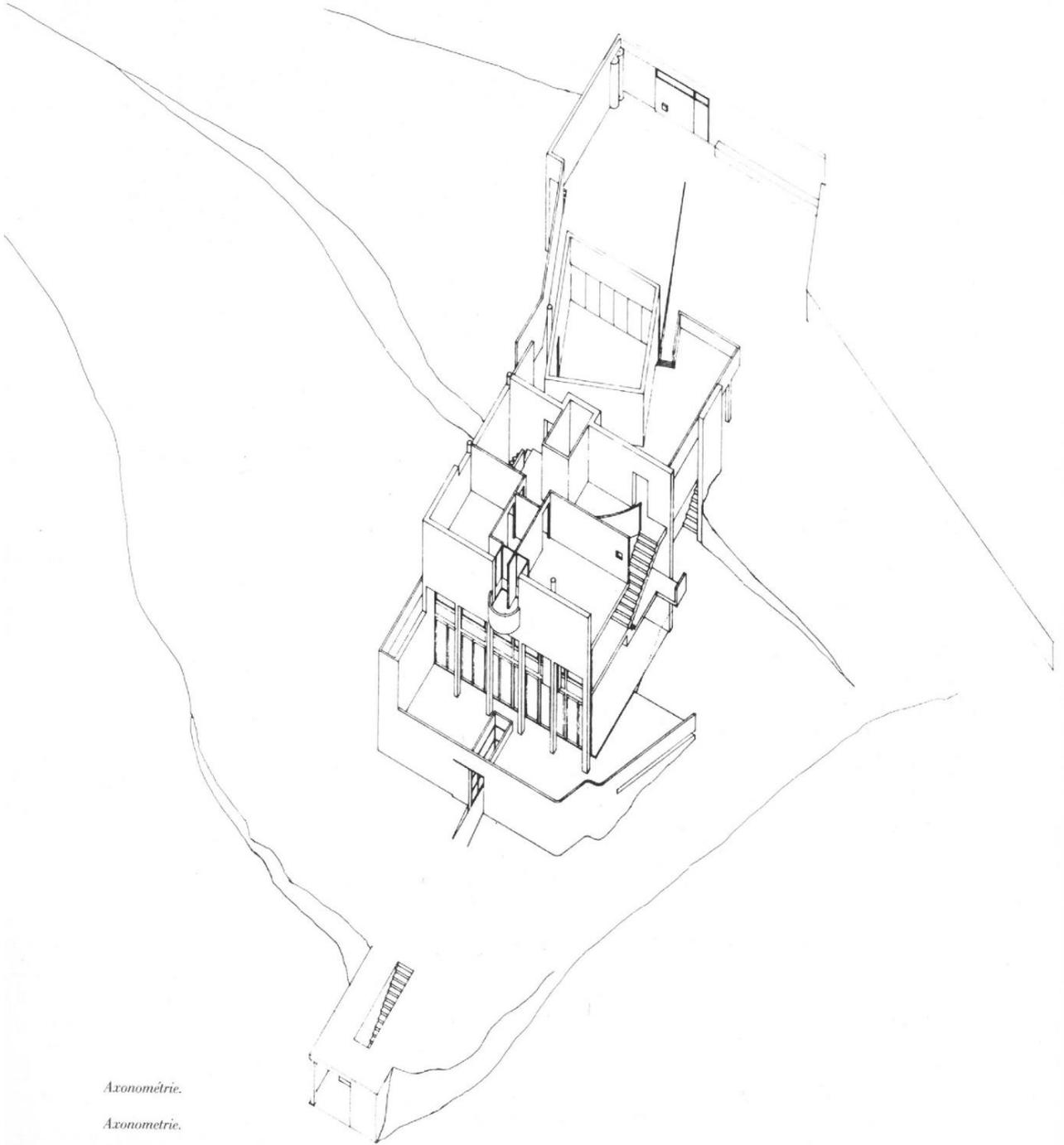
CASA, PONTE DA BARCA



*Intérieur (la salle et le feu de bois).
Intérieur (de zitkamer en de open haard).*



CASA, PONTE DA BARCA



Axonométrie.

Axonometrie.

276 POINTS DE REPERE-ARCHITECTURES DU PORTUGAL — REFERENTIEPUNTEN-BOUWEN IN PORTUGAL

T60

Título: Dois Báculos para Dois Bispos

Local, Publicação, Editora: Arte Sacra e Design

Data:

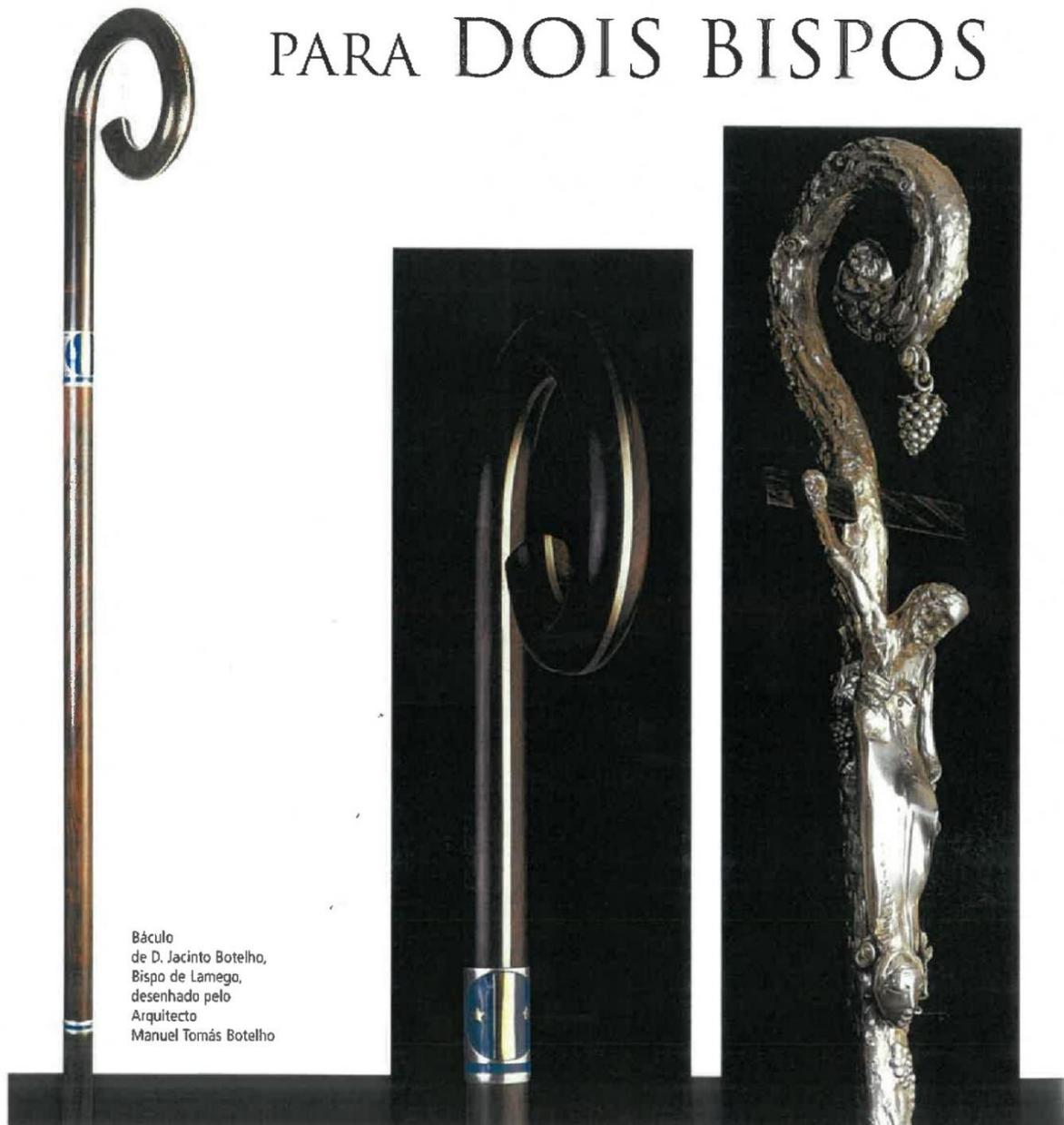
Autoria:

Suporte: Papel

Outras informações:

ARTE SACRA E DESIGN

DOIS BÁCULOS PARA DOIS BISPOS



Báculo
de D. Jacinto Botelho,
Bispo de Lamego,
desenhado pelo
Arquitecto
Manuel Tomás Botelho

T61

Título: Carta sobre o Báculo de Dom Jorge Ortiga

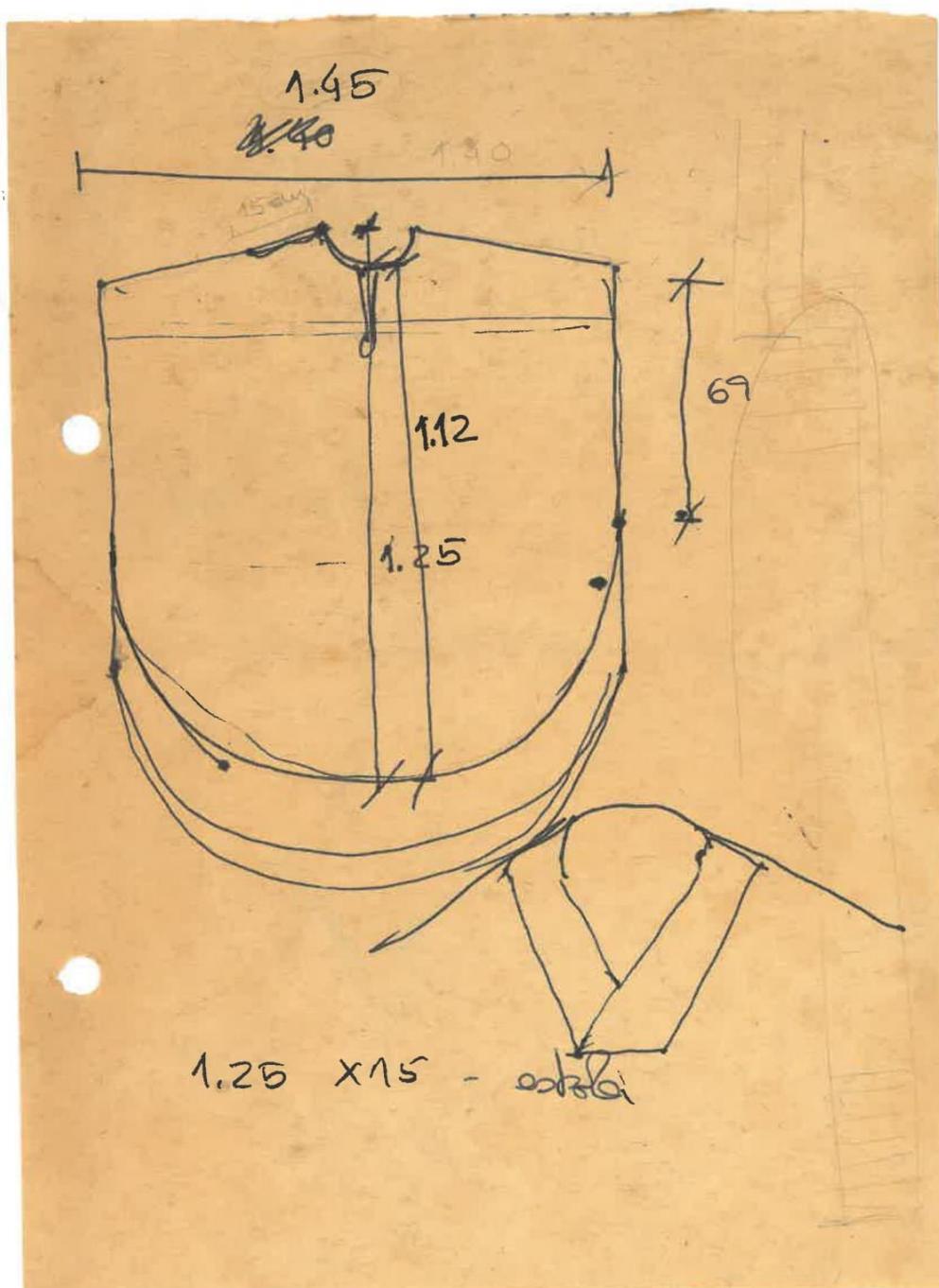
Local, Publicação, Editora:

Data: 1987

Autoria: Dom Jorge Ortiga

Suporte: Papel

Outras informações:





João Manuel
1948

Bragança, 27- XI- 87



Caríssimo Botelho,

Saudações amigas.

Junto envio toda uma série de coisas ainda não completas por causa da urgência.

1- Guia da Assembleia

a- a capa está a ser feita por uma pessoa amiga e que fez questão em a oferecer

b- falta a introdução que ainda não tive tempo de a escrever. Ocupará duas ou 3 páginas (quando sumo 4)

c- espera a elaboração das almas com a respectiva explicação. Também me parece urgente junto envio o base do Formalício. Pensei que poderia ficar na mesma.

d- O texto do guia deverá ser impresso nas seguintes retaguardas. Tudo foi feito a correr de um tempo depois.

2- Intira e Jaramento

Estão tentando encontrar quem faça o linho. Tenho outra lista.

3- Podículo

Como te disse não gosto muito do formato. Sedia-te que mudasses um pouco. Pensei que deverias regressar aos modelos um pouco tradicionais. O coloeu a minha lua e a corria era muito interessante. Le hanneru um modo de coloeu na extenuidade, acho que ficaria bem. Um outro por menor que gostaria de ver, era uma "lignica", em que a madeira e a prata feita com um pouco de

rebero. Há divurses motivos a caldear as e
algumas pedras pedemiam fraa bem. Jurito
envio-te uma jatacojia que encontrei, onde se
nota este rememore digno gesto.

Furo que i tudo. Vê se me consegue man-
dar para cá todo o material até durante
a péscina romana. Toda a gente caldea
muitas dificuldades em realizar pe caem
da igaa. Isto i algo que me peceza. Vê
se andas com tudo para a frente.

Obrigado e desculpa.

Jorge Altiço

Título: Aniversário do Douro Vinhateiro na Régua

Local, Publicação, Editora: Jornal Viva

Data: 2006

Autoria:

Suporte: Papel

Outras informações: Fotografia da casa Dr. Paulo Pires, Régua



domingo|10

Aniversário do Douro vinhateiro na Régua

Faz hoje precisamente 250 anos que foram lançadas as bases e constituída a Região Demarcada do Douro. Na altura, em 1756, instituiu-se um a regulação da produção e comércio dos seus vinhos, através de alvará régio (assinado por D. José I) de criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, no Peso da Régua, com Marquês de Pombal. Para celebrar, passeie pela Régua, sem perder de vista as paisagens classificadas como Património Mundial pela UNESCO.

Festejos centenários na capital do Douro

▶▶▶ Começam bem cedo na cidade da Régua os primeiros festejos dos 250 anos da Região Demarcada do Douro (RDD). A partir das 8 horas, bandas desfilam entre o Mercado e a Casa do Douro. A música assinala a efeméride: foi há 250 anos que, por alvará régio de D. José I, o Marquês do Pombal mandou delimitar as vinhas do Vale do Douro com marcos de granito – Marcos de Feitoria – determinando as áreas de produção dos melhores vinhos. Portugal era o primeiro país a criar no Douro a primeira Região Demarcada do Mundo.

Caminhada na marginal

▶▶▶ Aproveite para dar um passeio à beira-rio, apreciando os barcos rabelos e a silhueta do Sandeman no alto do monte. Tem vários cafés e restaurantes virados para o rio onde pode calmamente apreciar as vistas, enquanto toma um forte pequeno-almoço relaxado.

Passeio de barco até ao Pinhão

▶▶▶ São várias as sugestões que existem na Régua para

ficar a conhecer a Região Demarcada do Douro – a mais antiga zona vinhateira do mundo. Por 75 euros pode fazer um passeio de barco que vai da Régua até Barca D'Alva e regressa à Régua. Está incluído o almoço e lanche neste passeio que se realiza aos domingos. Outro passeio, que tem lugar todos os dias, leva os visitantes da Régua ao Pinhão, com almoço a bordo. Inclui visita à Academia de Vinho do Hotel Vintage House.

Almoçar petiscos com vistas para o rio

▶▶▶ Se preferir ficar por terra e não aproveitar o almoço que o passeio de barco oferece, pode escolher para o almoço o self-service do Hotel Régua Douro, muito central, frente à estação de comboios. Todos os dias tem dois pratos à escolha com diversas iguarias, como pataniscas, feijoada para além do serviço normal, como pregos em prato ou francesinhas. A garantia é de comer bem e não pagar muito (uma média de 8 euros por pessoa, ao fim-de-semana). Mas melhor que tudo isto é mesmo a vista magnífica sobre o Douro, que o local proporciona.

EXPLORAR PASSEAR

Passeios turísticos
Barco com passeio entre a Régua e o Pinhão – com almoço a bordo – custa 55 euros por pessoa.
Contactos: 96 88 233 66 ou 96 952 3773

Douro Verde Turismo
Avenida da Galiza
Peso da Régua
Tel.: 254 322 858 ou 964 112 432
www.douroverde.com

60|viva|sexta 8 set 2006

Título: Construções no Douro sob o Olhar do IPPAR

Local, Publicação, Editora: Jornal do Douro

Data: 2004

Autoria: José Manuel Cardoso

Suporte: Papel

Outras informações: Texto sobre a casa Dr. Paulo Pires, Régua

6

actualidade

jornal
do
DOURO

Licenças aprovadas antes de 2001 deixaram passar situações lesivas. Até um edifício em cimento em plena encosta vinhateira

Construções no Douro sob o olhar do IPPAR

Qualquer construção ou reconstrução de habitação a ser concretizada na área do Alto Douro Vinhateiro, Património Mundial da Humanidade, terá de ter a luz verde do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR). A exigência deriva da legislação em vigor, que considera qualquer espaço classificado pela Unesco como monumento nacional. “Desde que o Douro foi considerado património mundial, o IPPAR, em sintonia com outras entidades, tem estado atento e vigilante a qualquer interferência “agressiva” no seu conjunto paisagístico e ambiental”, garante Orlando Sousa, técnico daquele organismo. Os pareceres do IPPAR, Gabinete Técnico Intermunicipal do Alto Douro Vinhateiro (GTI-ADV) e das autarquias são, assim, indispensáveis em qualquer obra na área do Alto Douro Vinhateiro.

Mas essas entidades estão preocupadas. É que há alguns projectos de construção de imóveis, que agora começam a ser concretizados, aprovados antes da decisão da Unesco, precisamente para alguns locais integrados naquele es-



paço protegido. “Infelizmente, aí não podemos fazer nada, nos anteriores a 2001”, sublinha Orlando Sousa.

Também Isabel Freitas, responsável pelo GTI-ADV, reconhece “que podem existir algumas situações do género lesivas do espaço agrícola e natural”, mas “são anteriores à nova regulamentação em vigor”.

Nesta matéria, também Mário Mesquita, presidente da Associação dos Empresários Turísticos de Trás-os-Montes e Alto Douro, manifesta a sua “preocupação so-

bre situações que possam agredir a beleza natural do Douro classificado pela Unesco”.

“Os autarcas têm que ter uma atitude mais rigorosa e serem mais sensíveis a esta matéria” reforça o responsável pela candidatura do Alto Douro Vinhateiro, Bianchi de Aguiar.

Cimento na encosta

Um dos casos mais conhecidos passa-se no concelho de Lamego. A própria autarquia já foi confrontada sobre o

assunto.

Trata-se de um edifício em construção com uma estrutura em cimento, na freguesia de Cambres, localizado numa encosta vinhateira, na margem oposta ao cais fluvial da Régua. Uma fonte do município disse-nos, que “a licença de construção já tinha sido concedida pelo anterior Executivo”: Pelo seu lado, o IPPAR “desconhece a situação”, mas “julga que processo é anterior ao assumir das suas funções”.

JOSÉ MANUEL CARDOSO

T64

Título: Câmara Municipal do Porto. D.S.U.- Divisão da Carta da Cidade

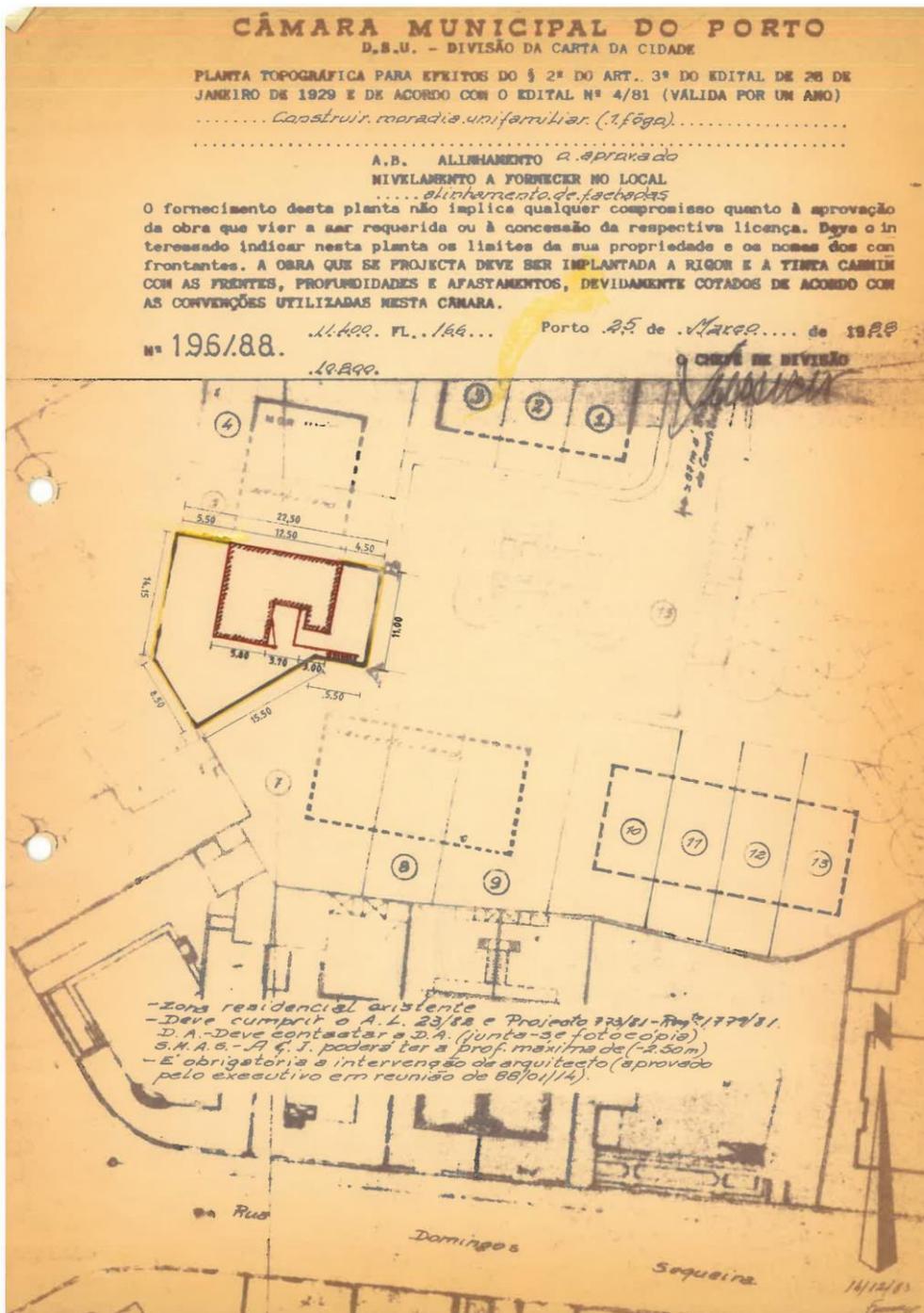
Local, Publicação, Editora:

Data: 1998

Autoria: Chefe da Divisão da Carta da Cidade do Porto

Suporte: Papel

Outras informações: Texto sobre a casa Eng. Nunes de Sousa, Porto



T65

Título: Arquitecto Manuel Botelho vence primeiras obras

Local, Publicação, Editora: Diário Popular

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca

biblioteca
Francisco Keil
do Amaral



"RECORTÉ"
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

DIÁRIO POPULAR Lisboa 17. FEV. 1989

Av. Almirante Reis, 19 - 2.º E.
1114 LISBOA CODEX

18

MIRANDA CASPER

TERESA PATRÍCIO GOUVEIA aponta o 1.º Prémio, cujo autor, o arquitecto Manuel Botelho, pode ser visto à esquerda.

A. A. P.
Biblioteca

Arquitecto Manuel Botelho vence primeiras obras

O arquitecto Manuel Botelho conquistou o Galardão Francisco Keil do Amaral, no valor de 500 contos, relativo aos Prémios Nacionais de Arquitectura — Primeiras Obras 1988, uma iniciativa da Associação dos Arquitectos Portugueses.

Com a presença da secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, Manuel Botelho e os outros distinguidos foram premiados no decorrer de uma cerimónia realizada, ontem, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, altura em que foi inaugurada uma exposição alusiva ao facto.

Para além de Manuel Botelho, com o seu projecto de Casa Unifamiliar em Ponte da Barca, foram premiados os seguintes arquitectos: Pedro Maurício Borges (com o Pavilhão da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas para a Feira/Açores) e a dupla José Carlos Portugal/Carlos Prata (com Estação Central de Camionagem de Lamego), que receberam, «exaequo», o Prémio Revelação, no valor de 125 contos; e Jorge Croft (com Casa de Habitação em Vieira do Minho), Cândido Chuva Gomes (com Habitação da eng.ª Estela Santos — Moita) e João Martins Lucas Dias (com Casa Mortuária em Alhos Vedros), todos distinguidos com menções honrosas.

A exposição destes trabalhos estará patente ao público até ao dia 26, a par de uma mostra itinerante do CLAEU — Comité de Ligação dos Arquitectos da Europa Unida — que integra arquitectos dos doze países da CEE, e que é subordinada ao tema «Reabilitação de Edifícios Existentes».

A propósito destes Prémios Nacionais de Arquitectura — Primeiras Obras/1989, será realizado no próximo dia 23, pelas 21 e 30, no Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, um debate em que serão moderadores os arquitectos João Luís Carrilho da Graça, José Manuel Fernandes e Michel Toussaint Alves Pereira.

T66

Título: Arquitetura

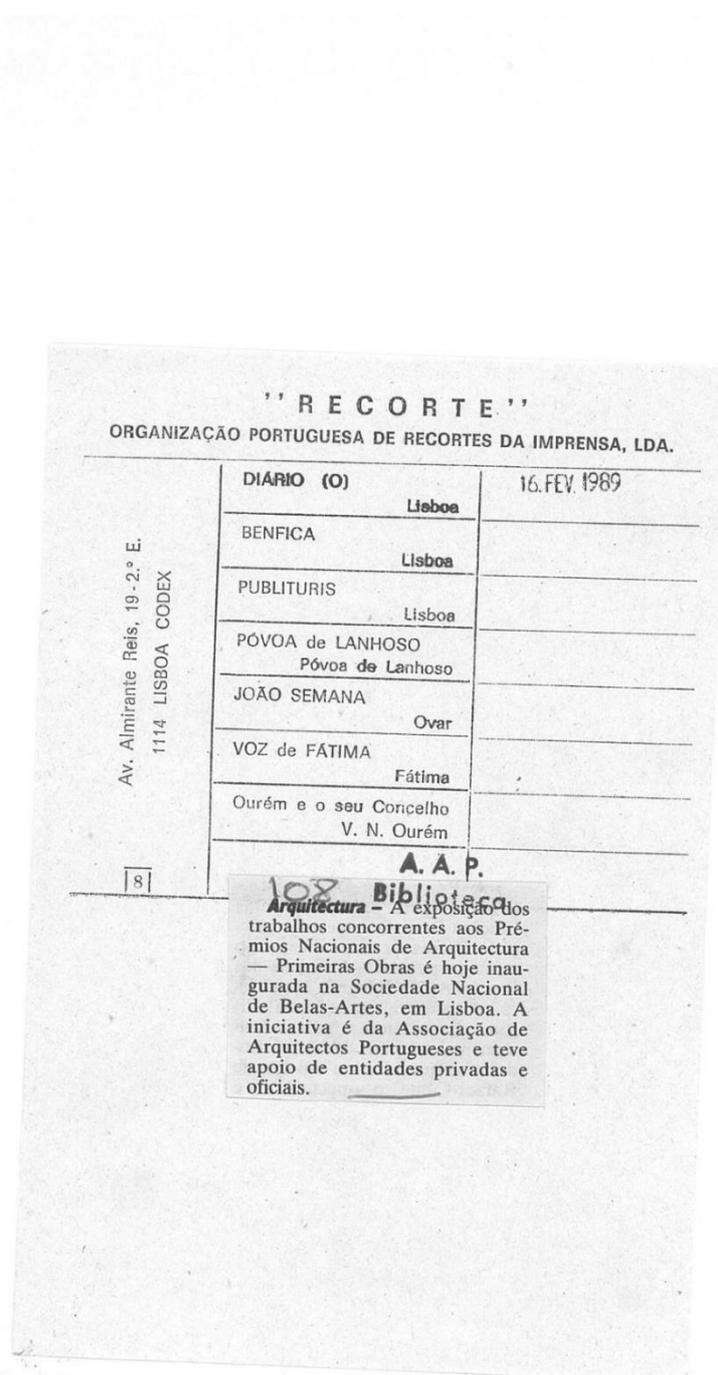
Local, Publicação, Editora:

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T67

Título: Vivenda premiada a nível nacional

Local, Publicação, Editora: Terras de Basto

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T68

Título: Alunos de Arquitectura embelezam estações CP

Local, Publicação, Editora: Jornal de Sesimbra

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' R E C O R T E ''

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

19-2.º E. CODEX	CORREIO DA MANHÃ Lisboa	17. FEV. 1989
	MARIA Lisboa	
	JORNAL de SESIMBRA Sesimbra	

108 A. A. P. Biblioteca

ALUNOS DE ARQUITECTURA EMBELEZAM ESTAÇÕES CP

Com a presença da secretária de Estado da Cultura, foi inaugurada ontem, pelas 18 e 30, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição dos trabalhos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura — Primeiras Obras 1988.

Promovido pela Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP), com o apoio de diversas entidades oficiais e privadas, destina-se a premiar obras de arquitectos em início de carreira.

Na ocasião, o presidente do Conselho Directivo Nacional da AAP entregou os prémios aos autores dos trabalhos distinguidos.

O "Prémio Francisco Keil do Amaral", no valor de 500 contos, foi atribuído a Manuel Botelho, pela Casa Unifamiliar em Ponte da Barca; o "Prémio Revelação", no valor de 125 contos, foi atribuído ex-aequo a Pedro Maurício Borges e a José Carlos Portugal — Carlos Prata, respectivamente pelo pavilhão da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas para a Feira dos Açores, e pela Estação Central de Camionagem de Lamego.

Foram ainda distinguidos com menções honrosas os projectos de uma casa de habitação em Vieira do Minho, de uma habitação na Moita e da Casa Mortuária de Alhos Vedros, da autoria, respectivamente, de Jorge Croft, Cândido Chuva Gomes e João M. Lucas Dias.

À cerimónia de entrega dos prémios seguiu-se ainda a inauguração de uma exposição itinerante do Comité de Ligação dos Arquitectos da Europa Unida, que integra obras de arquitectos dos doze países da Comunidade, e subordinada ao tema "Reabilitação de Edifícios Existentes".

Concurso de ideias CP — Arquitectura

A equipa constituída por Miguel Pires de Matos e Paulo M. Rodrigues, alunos do 4º ano da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, foram os vencedores de um concurso de ideias para a concepção de um pavilhão com funções múltiplas, a construir nas principais estações da CP.

Este concurso, que se integra num programa de colaboração com diversas faculdades que a CP tem vindo a desenvolver, visa uma melhoria da imagem das estações, e a oferta de actividades complementares aos passageiros.

De entre os treze trabalhos concorrentes, avaliados por um júri, constituído por dois docentes da Faculdade e dois representantes da CP, classificaram-se ainda, em 2º e 3º lugares, respectivamente, os realizados pelas equipas de Jorge P. da Silva e Maria Salomé M. Silvério, ambos do 4º ano, e de Maria João P. Cavaleiro (do 3º ano) e Ana Assis Pacheco (do 5º ano).

Os docentes responsáveis pelos trabalhos das três equipas classificadas foram, respectivamente, os arquitectos Carlos Macedo, Carlos Tamm e F. Silva Dias.

Maquete do trabalho vencedor

T69

Título: Prémio de Arquitectura

Local, Publicação, Editora: Mulheres

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca

biblioteca
Francisco Keil
do Amaral



T70

Título: Prémios de Arquitectura

Local, Publicação, Editora:

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' R E C O R T E ''
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19 - 2.º E. 1114 LISBOA CODEX	EUROPEU Lisboa	17. FEV. 1989
	DIÁRIO DO PORTO Porto	
	JORNAL DE OVAR Ovar	
	REGIÃO DAS CALDAS Caldas da Rainha	
	Not. Póvoa do Varzim Póvoa do Varzim	
	GAZETA DA NAZARÉ	

29

PRÉMIOS DE ARQUITECTURA

Associação Portuguesa de Arquitectos
Biblioteca

Lisboa-A exposição dos trabalhos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura - Primeiras Obras / 1988 foi ontem inaugurada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, com a presença da secretária de Estado da Cultura. A iniciativa é promovida pela Associação de Arquitectos Portugueses.

T71

Título: Arquitecto Manuel Botelho vence primeiras obras

Local, Publicação, Editora: Moda e Moda

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T72

Título: Primeiras obras SNBA

Local, Publicação, Editora: Noticias de Arronches

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' RECORTE ''
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19 - 2.º E. 1114 LISBOA CODEX	EXPRESSO (O) Lisboa	18.FEV.1989
	GAZETA das ALDEIAS Sacavém	
	Noticias de Arronches	
	ILH ● PRIMEIRAS OBRAS A. P. SNBA	Biblioteca
	Jornal Exp. dos trabalhos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitetura / Primeiras Obras / 1988, iniciativa da Associação dos Arquitectos Portugueses. Em simultâneo,	
Voz	uma exp. itinerante do Comité de Ligação dos Arquitectos da Europa Unida: «Reabilitação de edificios existentes». (14-20h excepto à 2.ª)	

40

T73

Título: Prémios para arquitectos

Local, Publicação, Editora: Jornal de Queluz

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



*Prémio nac. Arq.
- 1989*

'' R E C O R T E ''

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19 - 2.º E. BOA CODEX	O SÉCULO ILUSTRADO Lisboa	20.FEV 1989
	CRIME (O) Lisboa	
	AUTO SPORT Dafundo	
	JORNAL DE QUELUZ Queluz	

A. A. P.

Biblioteca

Prémios para 108 arquitectos

[12] A secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, inaugurou em Lisboa, a exposição dos projectos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura-Primeiras Obras/88, concurso lançado pela Associação de Arquitectos Portugueses.

Nesta inauguração, que contou também com a presença de Nuno Teotónio Pereira, presidente da Associação de Arquitectos Portugueses, foram anunciados os prémios atribuídos.

Ao Arquitecto Manuel Botelho, vencedor do concurso, foi atribuído o Prémio Francisco Keil do Amaral, pelo seu projecto de uma vivenda unifamiliar, construída em Ponte da Barca, e sobre a qual o autor, presente na sessão, teceu a seguinte consideração:

“Um projecto simples, que se confronta mas que também respeita a paisagem.” Manuel Botelho citou ainda, Alfredo Loos, um famoso arquitecto, segundo o qual “não se deve construir o pitoresco na montanha. O pitoresco deve ficar para as pedras, as árvores...”

Embora já tivesse executado vários projectos, esta vivenda foi a primeira obra deste arquitecto, de 48 anos, formado em Arquitectura em Roma.

O júri do concurso, decidiu ainda atribuir o Prémio Revelação, a dois projectos de jovens portugueses, Pedro Maurício Borges, com o projecto do Pavilhão da Secretaria da Agricultura e Pescas para a Feira/Açores e José Carlos Portugal mais Carlos Prata com o projecto da Estação Central de Camionagem de Lamego.

Foram ainda atribuídas menções honrosas a João Martins Dias com a Casa Mortuária de Alhos Vedros, e a uma casa de habitação em Vieira do Minho, desenhada por Jorge Croft, além de outra de habitação por Cândido Chuva Gomes.

T74

Título: Vivenda de Ponte da Barca conquista Prémio Nacional

Local, Publicação, Editora: Record

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T75

Título: Vivenda no Minho ganha Prémio Nacional de Arquitectura

Local, Publicação, Editora:

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



COMERCIO do PORTO Porto	22.FEV.1989
SÁBADO Lisboa	
MUNDO MOTORIZADO Lisboa	
PRIMO	

8. 19 - 2.º E.
CODEX

008

A. A. P.
Biblioteca

Concurso promovido pela classe

VIVENDA NO MINHO GANHA PRÉMIO NACIONAL DE ARQUITECTURA

A exposição dos projectos concorrentes aos prémios nacionais de arquitectura – Primeiras Obras/88 foi inaugurada pela secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, e pelo presidente da Associação de Arquitectos Portugueses, Nuno Teotónio Pereira.

O projecto de uma vivenda em Ponte da Barca, da autoria do arquitecto Manuel Botelho, foi o vencedor, tendo-lhe sido atribuído o prémio «Francisco Keil do Amaral».

Trata-se de uma vivenda unifamiliar, encomendada por um advogado de Ponte da Barca, construída em área loteada mas integrada numa zona verde.

«Um projecto simples que se confronta

mas que também respeita a paisagem», foi como o autor descreveu a obra.

Manuel Botelho, 48 anos, formado em arquitectura em Roma, citou um famoso arquitecto, Adolf Loos, segundo o qual «não se deve construir o pitoresco na montanha. O pitoresco deve ficar para as pedras, as árvores...».

A vivenda de Ponte da Barca é a sua primeira obra construída, embora tenha já executado vários projectos.

Prémios de revelação e menções honrosas

O júri do concurso, lançado pela Associação de Arquitectos Portugueses, decidiu

atribuir o «Premio revelação» a dois projectos de jovens arquitectos.

Os premiados foram os projectos do pavilhão da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas para a Feira/Açores, da autoria de Pedro Maurício Borges, e da Estação Central de Camionagem de Lamego, de José Carlos Portugal e Carlos Prata.

Foram, ainda, atribuídas menções honrosas à casa mortuária de Alhos Vedros, projectada por João Martins Lucas Dias, a uma casa de habitação em Vieira do Minho, desenhada por Jorge Croft, e outra habitação na Moita, de Cândido Chuva Gomes.

T76

Título: Exposições-Prémios de Arquitectura

Local, Publicação, Editora: Gazeta da Nazaré

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' R E C O R T E ''
ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19 - 2.º E. 1114 LISBOA CODEX	EUROPEU Lisboa	
	DIÁRIO DO PORTO Porto	
	JORNAL DE OVAR Ovar	
	REGIÃO DAS CALDAS Caldas da Rainha	23.FEV.1969
	Not. Póvoa do Varzim Póvoa do Varzim	
	GAZETA DA NAZARÉ Nazaré	

104 Exposições
 PRÉMIOS DE ARQUITECTURA
 Na Sociedade Nacional de Belas Artes, expõem-se trabalhos concorrentes aos Prémios Nacionais de Arquitectura - Primeiras Obras/88.
 Esta iniciativa teve o apoio de entidades oficiais e privadas e destina-se, como o seu nome indica, a premiar obras de arquitectos em início de actividade. Será igualmente inaugurada uma exposição itinerante do Comité de Ligação dos Arquitectos da Europa Unida, que integra obras de arquitectos dos doze países da Comunidade.

T77

Título: Prémio à primeira

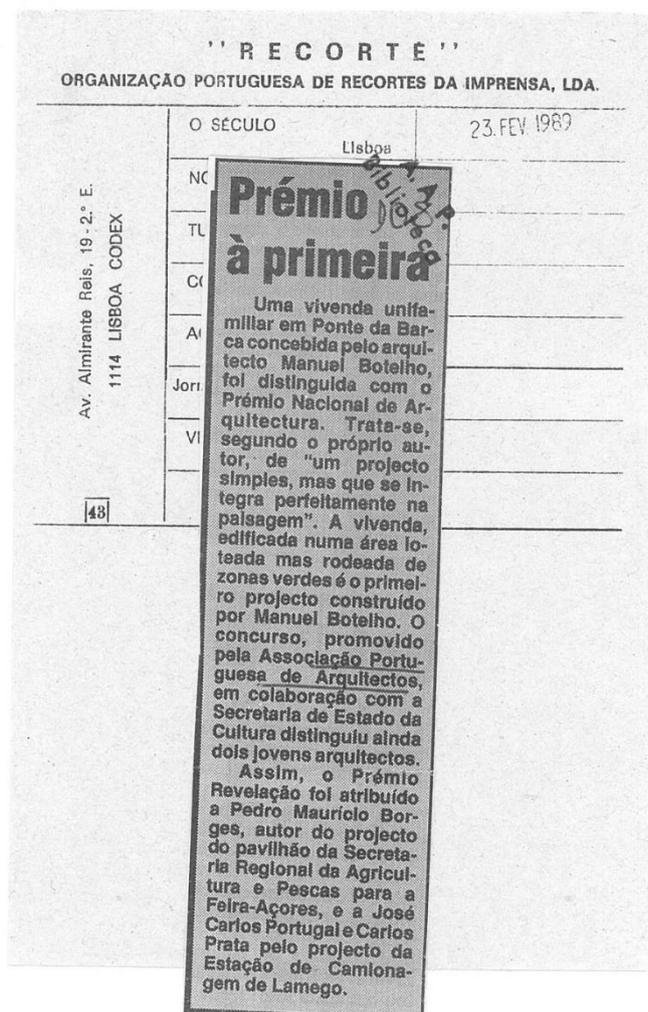
Local, Publicação, Editora: O Século

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T78

Título: Ponte da Barca- Vivenda ganha prémio nacional

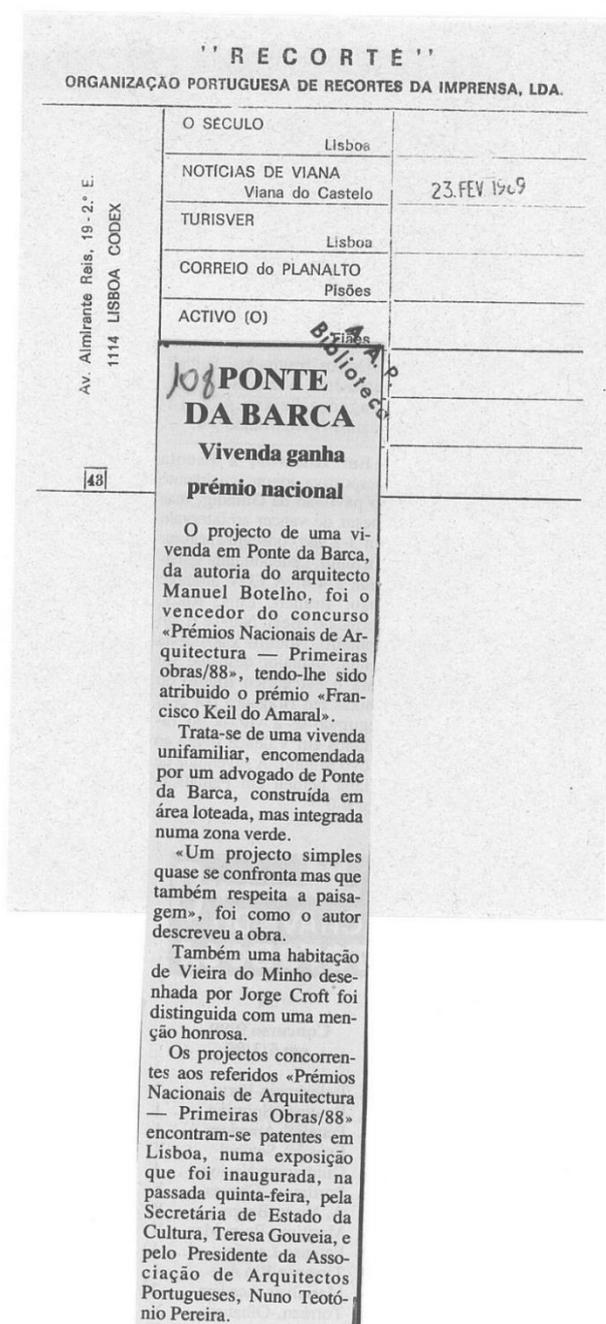
Local, Publicação, Editora: Activo

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



T79

Título: Prémio Nacional de Arquitectura para uma vivenda de Ponte da Barca

Local, Publicação, Editora: Noticias de Ourém

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' R E C O R T É ''

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

v. Almirante Reis, 19 - 2.º E. 1114 LISBOA CODEX	TAL & OUAL Lisboa	
	POLICIA PORTUGUESA Lisboa	
	NOTICIAS DE CHAVES Chaves	
	NOTICIAS DE VOUZELA Vouzela	
	POVO DA BARCA (O) Ponte da Barca	26 FEV. 1989
	NOTICIAS DE OUREM V. N. Ourém	

Prémio Nacional de Arquitectura para uma vivenda de Ponte da Barca

Na exposição de projectos concorrentes aos prémios nacionais de arquitectura e inaugurada pela Secretaria de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, e pelo presidente da Associação de Arquitectos Portugueses, Nuno Teotónio Pereira, foi premiado o projecto da autoria do arquitecto Manuel Botelho, tendo-lhe sido atribuído o prémio «Francisco Keil do Amaral».

O projecto em referência, refere-se à vivenda do nosso prezado amigo, sr. dr. Luís Barroso Pires, advogado e Conservador do Registo Civil e Predial, deste concelho, a quem apresentamos parabéns.

A. A. P.
Biblioteca

T80

Título: Arquitectura premiada em Ponte da Barca

Local, Publicação, Editora: Correio das Regiões

Data: 1989

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações: Prémio Francisco Keil do Amaral, com o projeto da Casa de Ponte da Barca



'' R E C O R T É ''

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19-2.º, E. 1114 LISBOA CODEX	NOTÍCIAS DA GUARDA Guarda	
	VOZ DE ARUNCA Pombal	
	VOZ DO SADO Alcácer do Sal	
	SPORTING OLHANENSE (O) Olhão	
	INTERVENÇÃO CEPANENSE Cepães	
	«FALCÃO DO MINHO»	
	CORREIO das REGIOES Lisboa	23. FEV. 1989

Arquitectura premiada
A. A. P. em Ponte da Barca
 Biblioteca

A exposição dos projectos concorrentes aos "Prémios Nacionais de Arquitectura-Primeiras Obras/88" foi inaugurada pela secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, e pelo Presidente da Associação de Arquitectos Portugueses, Nuno Teotónio Pereira.

O projecto de uma vivenda em Ponte da Barca, da autoria do Arquitecto Manuel Botelho, foi o vencedor, tendo-lhe sido atribuído o Prémio Francisco Keil do Amaral. Trata-se de uma vivenda unifamiliar, encomendada por um advogado de Ponte da Barca, construída em área loteada mas integrada numa zona verde.

"Um projecto simples que se confronta mas que também respeita a paisagem", foi como o autor descreveu a obra. Manuel Botelho, 48 anos, formado em arquitectura em Roma, citou um famoso arquitecto, Adolf Loos, segundo o qual "não se deve construir o pitoresco na montanha. O pitoresco deve ficar para as pedras, as árvores...".

A vivenda de Ponte da Barca é a sua primeira obra construída, embora tenha já executado vários projectos. O júri do concurso, lançado pela Associação de Arquitectos Portugueses, decidiu atribuir o "prémio revelação" a dois projectos de jovens arquitectos.

Os premiados foram os projectos do pavilhão da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas para a Feira/Açores, da autoria de Pedro Maurício Borges, e da Estação Central de Camionagem de Lamego, de José Carlos Portugal e Carlos Prata.

Foram, ainda, atribuídas menções honrosas à casa mortuária de Alhos Vedros, projectada por João Martins Lucas Dias, a uma casa de habitação em Vieira do Minho, desenhada por Jorge Croft, e outra habitação na Moita, de Cândido Chuva Gomes.

Título: Casa Paulo Pires

Local, Publicação, Editora: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Guimarães

Data: 2011

Autoria: Arquiteto Bruno Baldaia e Arquiteto Bruno Figueiredo

Suporte: Digital

Outras informações:

/ Casa Paulo Pires

21 de Março a 15 de Abril

ESCOLA DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO MINHO, GUIMARÃES

Um dos princípios do Ginásio é expor obras que possam reflectir os programas que na Escola sejam abordados em Unidades Curriculares de Projecto. O objecto isolado na paisagem, quer isto dizer, o objecto arquitectónico projectado sem contexto urbano, sem as regras urbanísticas que cartografam a possibilidade de um edifício na sua comunidade entre conjuntos ou, simplesmente, entre as linhas invisíveis que determinam o seu lugar e a sua possibilidade na paisagem, é hoje uma proposta rara. A sua presença nos programas de ensino é, no entanto, um desafio cheio de possibilidades no que se refere aos processos de aprendizagem de arquitectura e é, cada vez mais, um exercício raro na sua prática contemporânea. Ainda assim a história da disciplina está frequentada por exemplos em que essa singularidade serviu como espaço de experimentação ou de afirmação de posicionamentos relativos à arquitectura, normalmente utilizando o seu programa mais elementar ou fundacional, a habitação, como tema ou como pretexto. A casa na Régua, de Manuel Botelho é, entendemos, exemplar pela forma como articula o discurso de um arquitecto-autor com um programa e uma possibilidade de habitar, com um lugar que lhe é próximo, com uma paisagem com que, em vários graus de distância ou aproximação, se relaciona de forma crítica ou selectiva, com as escalas de um edifício na paisagem, e pelo difícil exercício que supõe articular um discurso que se sustente de forma coerente nos vários momentos de um projecto de arquitectura.

Construir no deserto foi um desejo em tempos formulado por Álvaro Siza, compor o silêncio foi uma obra (bastante perturbadora, por sinal) de John Cage, produzir uma ausência sobre uma tela, o verdadeiro minimal, foi um obstinado exercício de Ad Reinhardt, *Anchoring* foi o tema de um texto de Steven Holl sobre a relação de diferenciação de um objecto na paisagem e *Ecomonumentalidad* foi o tema de um outro de Iñaki Ábalos sobre a não diferenciação de um objecto com a sua paisagem. De tudo isto nos poderíamos servir para nos aproximarmos da Casa na Régua, quer isto dizer, com tudo isto lida a Casa da Régua. Não estamos a afirmar que seja a partir das referências acima citadas que se move o discurso arquitectónico de Manuel Botelho mas esta obra partilha das questões abordadas por todos aqueles autores e procura uma síntese autónoma, resultado da experiência e do percurso do seu autor. É este um percurso consistente, feito longe dos vórtices que vão mapeando o panorama arquitectónico português sem, por isso, se diminuir ou se sentir diminuído. A autonomia e a pertinência do discurso de um autor é a sua melhor aspiração e a essa aspiração não se tem furtado Manuel Botelho. A Casa da Régua, longe da simplicidade de formulações que boa parte da arquitectura que se tem feito em Portugal (deveríamos denominá-las estéticas de redução), procura na complexidade

de relações que se criam a partir das vivências que nela se podem estabelecer (cruzamentos de eixos visuais, de usos e de percursos, e as várias acepções do estar dentro e do estar fora) uma arquitectura que possibilite de forma madura e “realista” a vida que nela se poderá gerar, mais do que a sua representação de forma mais ou menos estilizada. Mesmo na maneira como o projecto vai aguentando os sobressaltos do processo da sua execução, que ainda vai sendo uma aventura sobretudo se longe dos grandes centros urbanos.

Manuel Botelho tem construído um percurso de qualidade singular que, acreditamos, se gera a partir da sua formação como indivíduo e como arquitecto – a presença que o estudo em Roma com Ludovico Quaroni terá uma continuidade na forma como a uma pesquisa oficial se somará uma preocupação com os temas fundacionais da disciplina, com a sua história e com as suas teorias. Uma sessão sobre o exercício da reflexão este mês no Ginásio, portanto.

Bruno Baldaia
Bruno Figueiredo

O autor estará presente numa sessão de apresentação e discussão da obra no dia 11 de Abril de 2011.

Manuel Tomás de Carvalho Botelho nasceu na freguesia da Rua, no distrito de Viseu em 29 de Dezembro de 1940, numa zona profundamente rural onde passou a sua infância.

Depois do ensino secundário, que fez em escolas portuguesas, frequentou, na Itália, a Universidade Pontifícia Gregoriana e a faculdade de Arquitectura da Università degli Studi di Roma onde se laureou em 1978.

A partir de 1980 leccionou na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) e depois na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto desde a sua criação, tendo-se reformado em 2010.

Exerce também a profissão liberal. Obteve o Prémio Nacional de Arquitectura Keil de Amaral (primeiras obras), uma das suas obras foi escolhida para a Exposição de Arquitectura Portuguesa em Bruxelas (Europalia), foi finalista do Prémio Sécil de Arquitectura por mais de uma vez e foi nomeado para o prémio europeu de Arquitectura Mies van der Rohe. Tem obras publicadas em livros e revistas de arquitectura, nacionais e estrangeiras. Escreveu e publicou alguns textos sobre Arquitectura.

T82

Título: 10 Anos Prémio Arquitetura do Douro

Local, Publicação, Editora: CCDR-N

Data: 2017

Autoria:

Suporte: Digital

Outras informações:



2006: MENÇÃO HONROSA

REMODELAÇÃO DA CASA DO POÇO

Arquiteto Manuel Botelho



10 ANOS PREMIO ARQUITETURA DO DOURO



3C. Dissertações de mestrado sobre a obra do Arquiteto Manuel Botelho

T83

Título: Manuel Botelho Casas

Universidade: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Data: 2018

Autoria: Jorge Manuel da Silva Reis

Orientador: Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro

Co-Orientação: Professora Doutora Ana Sousa Brandão Alves Costa

Link: <https://hdl.handle.net/10216/118518>

Outras informações:

Resumo: “A presente dissertação propõe uma reflexão sobre a vida e obra do professor e arquitecto Manuel Botelho.

Apesar do longo período de docência que inicia na Escola Superior de Belas Artes (1980-1985) e continua na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1985-2009), Manuel Botelho manteve sempre um percurso autónomo e distinto dos vórtices que caracterizam a Escola do Porto; resultado, acreditamos, da singularidade da sua formação. Natural de Rua, Viseu, Manuel Botelho cresce em ambiente profundamente rural e marcado por uma educação religiosa que culmina com a experiência do sacerdócio, ao qual acabará por renunciar. Entretanto, viaja para Itália onde cursa, num primeiro momento, Filosofia na Faculdade Gregoriana e só posteriormente (já com 32 anos) ingressa na Faculdade de Arquitectura na Universidade de Roma – La Sapienza. É neste ambiente, marcado pela presença de professores como Leonardo Benevolo, Bruno Zevi, Achille Bonito Oliva e, com particular importância, Ludovico Quaroni, que Manuel Botelho construirá a sua postura crítica sobre a prática arquitectónica. Após concluir o curso em 1978, o arquitecto regressa a Portugal onde inicia, em paralelo com a actividade pedagógica, o exercício de profissional liberal. Do conjunto da sua obra construída elegeu-se a tipologia habitacional - por ser a temática mais recorrente ao longo do seu percurso - e, particularmente, todas as casas unifamiliares construídas de raiz que tenhamos visitado: a casa Barroso Pires (Ponte da Barca, 1984-87), a casa Ricardo Teles (Cinfães, 1986-1991), a casa Eng. Nunes de Sousa (Porto, 1988-1997), a casa Maia Ribeiro (Maia, 1994-2001) e a casa Paulo Pires (Lamego, 2000-2011). A selecção efectuada estende-se no tempo por mais de 30 anos, o que nos permite entender as recorrências presentes no desenvolvimento dos projectos bem como a evolução da sua prática. A partir da análise das obras, procuram identificar-se alguns vínculos presentes entre a biografia, as referências estéticas/conceptuais e as obras do arquitecto com o objectivo de reconhecer a coerência da sua abordagem.”

2. Cinco Casas

CASA LUÍS BARROSO PIRES Ponte da Barca 1984-87

Projecto: 1984 **Construção:** 1984-87 **Arquitectura:** Manuel Botelho
Colaboração: Arq.ta Isabel Sereno, Arq.to João Duque Carreira.
Estruturas: Eng.o Telmo de Carvalho Ferreira **Águas e Esgotos:** Eng.o António Matos de Almeida. **Construtor** Baptista e Carpintaria, Lda.

A Casa Luís Barroso Pires, construída no ano de 1984, foi a primeira obra realizada por Manuel Botelho após a sua colaboração com a empresa de engenharia e construção Tecnopor. Construída para um casal conhecido da família - o advogado Luís Barroso Pires e a professora Aida Pires - esta obra é também a sua primeira experiência no âmbito da habitação e o carácter afirmativo do conjunto parece revelar o particular entusiasmo que caracterizou este momento fundacional do atelier. De acordo com Isabel Sereno, sua primeira colaboradora, o processo foi marcado pelo acompanhamento exaustivo e interessado dos clientes, permitindo que o projecto fosse concluído até ao pormenor e que a intervenção do arquitecto se estendesse ao aconselhamento de mobiliário adequado à caracterização da habitação. Com este primeiro projecto Manuel Botelho recebe o prémio Keil do Amaral para jovens arquitectos, em 1989.



01. Casa Luís Barroso Pires imediatamente após o período de construção. A fotografia evidencia o forte impacto do volume construído face ao contexto de carácter natural e ainda não explorado pelas construções do Bairro da Corisca.

02. Notícia relativa à vitória de Manuel Botelho do prémio Keil do Amaral - *Primeiras Obras 1988*, publicada no jornal *Diário Popular*, Lisboa, a 17 de Fevereiro de 1989. Na fotografia Manuel Botelho (à esquerda) faz-se acompanhar de Teresa Patrício Gouveia, Secretária de Estado da Cultura, e Nuno Teotónio Pereira, Presidente da Associação de Arquitectos Portugueses.

2. Cinco Casas - *Percurso I#*



30



31



32



33



35



34



36



37

30-31. Articulação dos volumes que compõem o espaço de entrada, nomeadamente o alpendre e o volume enviesado da garagem.

32. Pormenor da plataforma sobre a qual surge o alpendre da entrada.

33-35. Relação entre o volume construído e o terreno natural, salientando a pendente da cobertura contrária à do terreno, e os apontamento de granito em contraste com o reboco branco.

36-37. Pormenores da varanda que, a partir da sala de jantar, se debruça sobre a paisagem

MANUEL BOTELHO CASAS

SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO DA OFICINA

A par do desenho, também a construção de maquetes tem o seu peso particular no processo de Manuel Botelho. Estas seriam não só um meio de comprovar os estudos feitos a partir do desenho e obter uma mais clara noção da tridimensionalidade do espaço, mas também um instrumento autónomo de pesquisa espacial, objectual e material, e, por esse motivo, um complemento essencial ao desenho na experimentação levada a cabo no atelier. A importância dada a este instrumento de pesquisa é evidente desde logo pelo facto de sempre ter sido reservada uma parte do espaço de trabalho para a oficina de materiais, quer fosse a cozinha do antigo apartamento ou a *sala de maquetes* do actual escritório.

O recurso às maquetes de estudo acontece permanentemente no decorrer de todo o projecto, desde o estudo de implantação até ao pormenor. Manuel Botelho destaca a importância que as maquetes *rápidas e esquemáticas* desempenham na investigação e descoberta do espaço, permitindo não só avaliar a forma e as relações que se estabelecem entre espaços como também o estudo da luz; preferindo nestes casos os materiais completamente brancos para melhor avaliar estas características.

Numa fase mais avançada do projecto, a sua contribuição prende-se sobretudo com o estudo de materiais a utilizar em obra, quer seja na definição das caixilharias como do próprio revestimento de fachada. Normalmente em papel, cartão, esferovite, PVC, ou balsa, as maquetes poderiam contudo incorporar outros materiais que favorecessem o estudo do espaço e da forma: Manuel Mendes lembra que foi na construção de uma maquete para a Talassoterapia que aprendeu a *soldar perfis de latão com acetileno e solda de prata*²⁹, o que nos revela o carácter oficial que este processo pode alcançar. Estas maquetes eram ainda o principal meio de comunicação com o cliente, o modo mais fácil de fazer o ponto de situação da pesquisa e possibilitar uma melhor compreensão do projecto.



54



55



56

²⁹ Em entrevista a Manuel Mendes realizada em Fevereiro de 2017.

T84

Título: Contributos para o (re)conhecimento da obra de Manuel Botelho

Identificação, mapeamento e registo

Universidade: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Data: 2018

Autoria: Rodrigo Maria Ferreira da Fonseca

Orientador: Professor Doutor Rui Américo Branco da Silva Cardoso

Co-orientação: Professor Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

Link: <https://hdl.handle.net/10216/118342>

Outras informações:

Resumo:

“Fazer arquitetura é a capacidade de utilizar coisas, materiais, para que eles consigam ser outras coisas. E consigam ser não meras coisas, mas uma dimensão diferente de ser, que atinge o homem na sua dimensão total, sensitiva, emotiva, onde viver é agradável. Este é o espaço que tentamos construir como arquitetos”¹

Manuel Botelho, nasceu em 1940 em Moimenta da Beira. Fez toda a sua formação superior em Itália, primeiro em Ciências Humanas, pela Pontificia Università Gregoriana, e posteriormente em Arquitetura, pela Facoltà di Architettura dell'Università degli Studi di Roma - La Sapienza (Laurea em 1978). Desenvolve, depois, a sua carreira em Portugal, onde praticou ativamente arquitetura e foi docente na Escola Superior de Belas Artes do Porto, entre 1980 e 1985, e na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, entre 1985 e 2009.

Paralelamente à sua prática docente desenvolve uma obra vasta, diversificada e singular. Vasta na quantidade de projetos que desenvolve, paralelamente à sua prática docente; diversificada no programa, escala e tipo de intervenção; e singular, no modo como nos seus projetos procura uma arquitetura que “só poderá responder às realidades do mundo e da vida, na síntese de opostos, que concilia racionalidade com intuição, lógica com sentimento, disciplina com fantasia, na atmosfera de bom-senso que não renega, contudo, o lugar da poesia. (...) Uma arquitetura que responde às necessidades renovadas do homem e sente o pulsar de quotidianos.”²

A obra construída pelo arquiteto Manuel Botelho foi objecto de distinções e de nomeações para importantes prémios nacionais e internacionais.”

¹ BOTELHO, Manuel. “Sobre o Ser da Arquitectura” in Ciclo de Aulas Abertas ‘Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea’ (org. Viegas, L., Cardoso, R. A.), FAUP, 19 de abril de 2017

² Idem

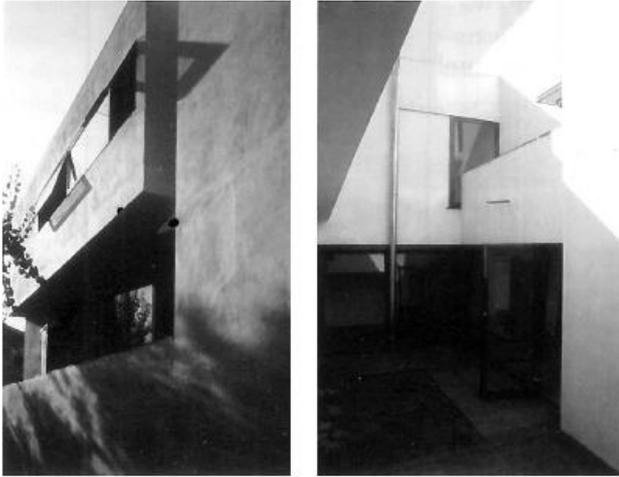


FIGURA 134. (à esquerda) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista do alçado Sul

FIGURA 135. (à direita) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista do pátio



FIGURA 136. Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista desde Noroeste

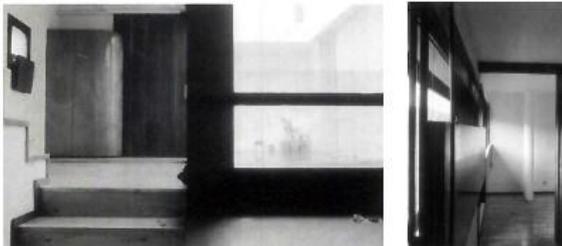


FIGURA 137. (à esquerda) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista interior da sala

FIGURA 138. (à direita) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista da ligação entre dois quartos no piso superior



FIGURA 139. (à esquerda) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista interior da sala

FIGURA 140. (à direita) Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista interior da suit do piso superior, no volume nascente



FIGURA 141. Casa Ricardo Noronha Lima Teles, Registo fotográfico, vista interior da sala

IDENTIFICAÇÃO	
LOCALIDADE:	Cinfães
PROJETO MORADA:	Rua do Comércio, Lugar de Feira, Nespereira
Nº PROCESSO:	91/85
Nº LICENÇA:	212/86
REQUERENTE:	Ricardo Noronha Lima Teles
PROJETO DE ARQUITETURA:	Anq. Manuel Botelho
COLABORAÇÃO:	
PROJETOS DE ESPECIALIDADES:	
CARACTERIZAÇÃO	
PROGRAMA:	Habitação
SISTEMA DE ACESSO:	Direto
Nº DE PISOS:	3 (-1, 1/chão, +1)
CAVE:	Arrumos
PISO TÉRREO:	Sala, Cozinha, Arrumos, Garagem
PISO TIPO:	Quartos
ÁGUAS FURTADAS:	-
CONSTRUÍDO:	Sim
ALTERAÇÕES:	Não
COMPLETO:	Sim
ESTADO DE CONSERVAÇÃO:	Razoável
TIPO DE INTERVENÇÃO:	Edifício Novo
PROPRIETÁRIOS:	1

A Casa Ricardo Noronha Lima Teles localiza-se no lugar de Feira, freguesia de Nespereira, no concelho de Cinfães, numa região predominantemente rural com reduzida densidade de construção. Está implantada num terreno de forma trapezoidal, que pende para sul. Este confronta a norte com Rua do Comércio (Estrada Nacional 225), por onde é feito o acesso principal; a nascente e ponte com duas parcelas construídas; e a sul com um caminho público.

A casa, “desenvolve-se à volta de um pequeno pátio em dois pisos”³², e resulta da articulação de dois “volumes: um, mais a nascente, com a planta em forma de trapézio; o outro com a planta em forma de U.”³³ Estes “conferem ao conjunto um dinamismo interior grande e ao mesmo tempo recordam certas formas de arquitectura popular.”³⁴

Por outro lado, é possível ler o edifício como um volume único, ao qual foram subtraídas partes, do mesmo modo que a casa Eng. Nunes de Sousa, estudada em seguida.

A habitação desenvolve-se em três pisos. No piso de entrada, ligeiramente abaixo da cota da rua, sucedem-se o hall, uma sala comum e a cozinha, servidos por um W.C., e ainda um lugar de garagem e espaços para lavandaria e arrumos. Encontra-se ainda um forno a lenha, no lado norte do volume trapezoidal, que se abre para o espaço de garagem. Sob os espaços de arrumos e garagem existe uma cave, para a qual se acede a partir de uma escada entre os dois volumes. A cave tem também acesso a partir do exterior, desde o caminho público que limita a parcela a sul.

No piso superior, o mais privado, encontram-se quatro quartos. Os três mais pequenos situam-se no volume em U, abrindo-se dois para sul e um para poente. O quarto maior ocupa parte significativa, deste piso, no volume trapezoidal, abrindo-se através uma grande janela quadrada a nascente. Todos quartos encontram-se servidos por instalações sanitárias.

“Trata-se de uma casa em que se privilegiou o seu aspeto de privacidade sem, contudo, esquecer a sua relação com o exterior nomeadamente através do acesso pelo caminho público.”³⁵

Concurso Co-autoria	IDENTIFICAÇÃO							PROJETO			Processo Camarário		OBRA			
	Nome	Ano	Localidade	C./N.C.	P.	T.I.	PD.	FM.	M.D.	Nº Proc.	Nº Lic.	R.F.	F.A.	Visita 1	Visita 2	
	Capela de S. José	1980	Gondomar	●	●	●	□		■			□	□			
	Centro Paroquial do Santíssimo Sacramento	1983	Porto	●	●	●	□		■	23669/83	309/84		□	■		
	Mercado Municipal de Moimenta da Beira	1983	Moimenta da Beira	●	●	●	□						□	■	■	
	Casa Dr. Barroso Pires	1984	Ponte da Barca	●	●	●	■	□	■	346/84			□	■		
	Centro Social de Vila de Rua	1985	Moimenta da Beira	○	●	●	□									
	Estudo da Capela Mor da Igreja de Penajóia	1985	Lamego	○	●	●	□									
	Casa José Pereira Lopes	1985	Moimenta da Beira	●	●	●	□		■	556/85	327/90		□	■		
	Casa Ricardo Noronha Lima Teles	1986	Cinfães	●	●	●	□		■	91/85	212/86		□	■	□	
	Renov. do Esp. Lit. da Igreja Paroquial de Castro Daire	1986	Castro Daire	●	●	●	□									
	Casa Dr. João Machado	1987	Amarante	●	●	●	□						□	■	□	
	Centro Paroquial de Nespereira	1987	Guimarães	●	●	●	□						□	■		
	Casa Eng. Nunes Sousa	1988	Porto	●	●	●	□		■	18059/88	105/91		□	■		
●	Conc. para as Novas Instalações da FEUP	1988	Porto	○	●	●	□									
●	Conc. para o Conv. dos Dominicanos de Lisboa	1989	Lisboa	○	●	●	□									
	Casa e Farmácia Silva Rocha	1990	Lousada	●	●	●	□		■	89/90	355/91		□	■		
	Quartel dos Bombeiros Voluntários de Nespereira	1990	Cinfães	●	●	●	□			288/93	165/01		□	■	□	
	Recuperação de Casa Própria	1990	Porto	●	●	●	□		■	28268/90	128/92					
▲	Quatro Casas em Valadares	1992	Vila Nova de Gaia	○	●	●	□	□								
	Lar de Idosos e Convento em A de Barros	1994	Sernacelhe	○	●	●	□									
●	Centro de Talassoterapia de Póvoa de Varzim	1993	Póvoa de Varzim	○	●	●	□									
	Casa Maia Ribeiro	1994	Maia	●	●	●	□	□	■	2265/94			□	■	■	
	Hipermercado Feira Nova de Póvoa de Varzim	1994	Póvoa de Varzim	●	●	●	□		■	296/94			□	■		
●	Conc. Ideias p/Conj. Habitacional em Leça da Palmeira	1994	Matosinhos	○	●	●	□	□								
	Arranjo da Praça de Touros da Póvoa de Varzim e Envolvimento	1995	Póvoa de Varzim	○	●	●	□									
	Casas Eng. Matos de Almeida e Eng. A. Pina	1995	Vila Nova de Gaia	○	●	●	□	□	■	273/95-274/95	2290/96-587/97		□	■		
●	Proj. de Arranjo Urbano do Bairro do Lagarteiro	1996	Porto	○	●	●	□									
●	Conc. para o Centro de Saúde de Cinfães	1997	Cinfães	○	●	●	□									
	Arranjo de um apart. na Av. Fernão Magalhães	1998	Porto	●	●	●	□									
	Arranjo de um apart. na Rua da Constituição	1998	Porto	●	●	●	□						□			
	Capela de Nossa Senhora da Conceição	1998	Porto	○	●	●	□									
	Casa Dr. João Sequeira	1998	Matosinhos	●	●	●				686/98	248/99		□	■		
●	Conc. de Ideias para o Centro Turístico e Comercial da Régua	1999	Peso da Régua	○	●	●										
●	Conc. Internacional do Centro de Ciência e Tecnologia do Mar	1999	Matosinhos	○	●	●										
	Casa Dr. Paulo Pires	2000	Lamego	●	●	●	□		■	339/00	380/02		□	■	■	
	Recuperação da Casa do Poço	2000	Lamego	○	●	●	□	□					□	■		
	Escola Profissional Agrícola de Lamego	2000	Lamego	○	●	●	□	□	■	242/02						
	Remodelação da Capela do Paço Episcopal de Lamego	2000	Lamego	●	●	●	■						□	■		
	Casa Carlos Amorim	2001	Arcos	●	●	●	■		■	175/01	380/02		□	■	□	
●	Conc. E. S. de Tecnologia e Gestão do I. P. de Beja	2002	Beja	○	●	●	□									
●	Conc. Proj. Fac. Psicologia e Ciências da Educação da U.C.	2002	Coimbra	○	●	●	□									
	Farmácia em Nespereira	2004	Cinfães	●	●	●							□	■	□	
	Remodelação da Capela Mor da Sé do Porto	2005	Porto	○	●	●										
	Remodelação e Ampliação da Casa Família Botelho	2007	Moimenta da Beira	○	●	●										
●	Conc. Proj. Centro Escolar de Gafanha da Boa Hora	2008	Vagos	○	●	●										

QUADRO 4. (à esquerda) - Legenda

P.C. - Processo Camarário
 C./N.C. - Construído/Não Construído
 P. - Programa
 T.I. - Tipo de Intervenção
 P.D. - Peças Desenhadas
 F.M. - Fotografias da Maquete
 M.D. - Memória Descritiva
 R.F. - Registos Fotográficos
 F.A. - Fotografias Atuais

Construído/Não Construído:
 - Construído ●
 - Não Construído ○

Programa:
 - Habitação ●
 - Equipamento ●
 - Comércio ●
 - Desenho Urbano ●

Tipo de Intervenção:
 - Desenho Urbano ●
 - Edifício Novo ●
 - Intervenção em Edifício Existente ●
 - Projeto de Interiores ●

NÍVEL DE QUALIDADE DA INFORMAÇÃO OBTIDA:

Peças Desenhadas/Fotografias da Maquete:
 - Bom ■
 - Razoável □
 - Insuficiente □
 - Precária □

Memória Descritiva:
 - Obtida ■

Registos Fotográficos/Fotografias Atuais:
 - Bom ■
 - Razoável □
 - Insuficiente □
 - Precária □

Visita:
 - Visita Completa à Obra ■
 - Visita apenas ao exterior da Obra □
 - Observ. da Obra a partir do esp. público □

T85

Título: Dos ‘Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea’.

Três registos autorais com Siza, Manuel Botelho e Souto Moura

Universidade: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Data: 2019

Autoria: Rute Flávia Castro Queirós

Orientador: Professor Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

Co-orientação: Professor Doutor Rui Américo Branco da Silva Cardoso

Link:

Outras informações:

Resumo:

” O exercício da Arquitetura traduz-se na transdisciplinaridade de um ‘fazer em rede’. O domínio desta disciplina passa pela constante hiperligação dos conhecimentos e pensamentos, e pela fragmentação da sua prática em especialidades. Considerando ainda o compromisso entre vontade e disciplina, o cenário arquitetónico contemporâneo adiciona ambiguidade à problemática do sentido autoral. Reconhecendo a subjetividade no contexto do exercício da arquitetura, a presente reflexão tem como ponto de partida a (re)visita ao Ciclo de aulas abertas “Mapas e Diálogos da Arquitetura Contemporânea (MDArC)”, organizado pelo Prof. Doutor Luís Viegas e pelo Prof. Doutor Rui Américo Cardoso, em 2017, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Da identificação à projeção, propõe-se compreender o papel do sujeito, quer na condição de autor, quer de leitor, a partir de três obras e de três aulas ‘em potência’. Assim, numa abordagem primeiramente teórica, e a partir do enredo estratégico entre três autores de pensamento, Roland Barthes, Michel Foucault e Giorgio Agamben, pretende-se refletir sobre o paradigma autoral: autor-obra-leitor, para em seguida, ser transposto para o cenário arquitetónico. Como tal, convocam-se três autores de arquitetura, Siza, Manuel Botelho e Souto de Moura, que estiveram presentes no Ciclo MDArC, com o objetivo de recriar uma rede de pensamento através das ‘constelações autorais’, consequentes da diversidade própria entre discurso e gesto. Do conhecimento ao reconhecimento, a presente dissertação procura refletir sobre o sentido autoral em Arquitetura, através de um processo próprio que se principia pela intersecção, manipulação, reorganização e recomposição de três registos autorais, Dos ‘Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea’. “

Do projetar por dimensões .

O *Ser* é um problema filosófico. Ao longo da história, da filosofia, desde Aristóteles, que os filósofos refletem sobre o *Ser* das coisas, (...) o que são as coisas. (...) Mas, curiosamente, quando nós pensamos tudo, fica sempre uma dúvida. Ainda há mais coisas para pensar, sem chegar lá. É nesta essência do pensamento que se insere uma outra dimensão, que é a dimensão que ultrapassa o racional, é muito mais emotiva, sentimental, é a dimensão poética, a dimensão da Arte.¹⁷⁵

A aula de Manuel Botelho introduz uma reflexão sobre os “agentes abstratos” do *fazer* criativo. Nesta perspetiva, da essência do pensamento emerge a dimensão que oferece à obra a sua verdadeira força, a dimensão poética, porque “a obra de arte começa com o autor da arte”¹⁷⁶. Portanto, a obra emerge da relação indissociável entre autor e objeto. Com base no discurso de Heidegger, Manuel Botelho afirma que o “fazer alguma coisa”¹⁷⁷, ou o *fazer* criativo, traduz a “capacidade de coisificar de novo alguma coisa”. Neste sentido, o autor, impulsionado pelos “agentes abstratos”, transforma os “agentes concretos” e a obra surge. Como tal, o processo do *fazer* criativo traduz-se neste sentido de “coisificação” como percurso para a “essência das coisas.”¹⁷⁸

Mas o que é a *essência* na Arte, na Arquitetura? Para Heidegger, a essência traduz-se na “constituição-fundamental do *Dasein*”¹⁷⁹, que significa o “ser-no-mundo”, na sua relação com o “Ser das coisas”. Neste sentido, e como anteriormente referido, essa essência passa pelo *receber*, *reconhecer* e *reproduzir* os estímulos sensoriais e intelectuais, que conformam o processo do *fazer* criativo. No fundo, do processo de “coisificação das coisas”¹⁸⁰ sobressai a “constante interrogação” do autor. Para Manuel Botelho, “o artista sofre”¹⁸¹, porque tem que transformar um pensamento numa ‘coisa’ concreta, uma espécie de síntese que visa ser um gesto capaz de comunicar.

¹⁷⁵ Manuel Botelho, aula n.6, op. cit., p. 2;

¹⁷⁶ Idem;

¹⁷⁷ Idem;

¹⁷⁸ Idem;

¹⁷⁹ Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, op. cit., p. 187;

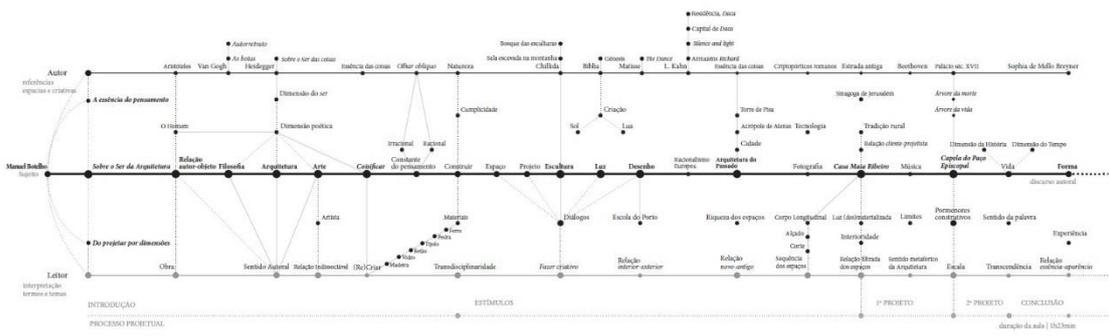
¹⁸⁰ Manuel Botelho, aula n.6, op. cit., p. 3;

¹⁸¹ Idem, p. 2.

III. Textos Manuel Botelho + Textos outros autores + Teses sobre a obra do arquiteto Manuel Botelho + Poemas pseudónimo Vergílio

"Sobre o Ser da Arquitetura"
Mapa de Aida Aberta n.º 6 - 19 Abril 2017

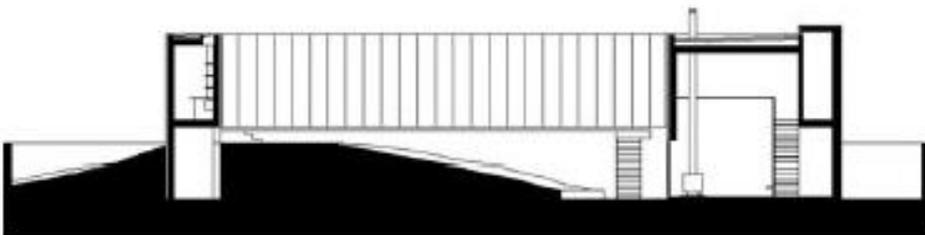
Des "Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea"
Ciclo MIDAC - FAUP



71.



72.



73.

3D. Poemas Pseudónimo Vergílio

T86

Título: Morro-me

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Morro-me

Vergílio

Morre-me a alma aos pedaços!

Perdi letras do sol e da lua...

perdi letras do azul e do mar...

da primavera...

da aurora.

Morre-me a alma aos pedaços

porque tu me morres.

T87

Título: Beijo

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

BEIJO

Vergílio

Sonhei-te beijo!

O bater do teu coração

baralhou o meu

em ritmos desalinhados...

A chuva do momento

não abafou o sussurrar

da respiração...

Senti-te.

Vivi nos teus seios

a imaginação dos sentidos...

Foste mar imenso

Senti na alma redopios do sol.

Experimentei o sentimento do tempo

onde o beijo

foi sombra suave a percorrer-te

e foi instante sem tempo

para sempre!

T88

Título: Saudade

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Saudade

Vergílio

Saudade

Doem-me até à alma os beijos que não dei,

Os gritos de amor das palavras caladas!

Partiste!

Sinto em mim o não do tu!

E são só névoa

Os cantos alegres das nossas madrugadas.

T89

Título: Riscar palavras

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Riscar palavras

Vergílio

Consome-me por dentro

a vontade de riscar palavras

com a frescura dos traços de criança

a riscar no chão a malha de jogar;

a vontade de contar segredos

escondidos em mim

a brincar à cabra-cega de pensamentos.

E encontro palavras que me fogem

como os sonhos fantásticos e lindos

que não sei recordar.

T90

Título: Palimpsesto

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Palimpsesto

Vergílio

Escrevi.

Reescrevi.

Apaguei para reinscrever.

Palimpsesto da vida.

O poema emergiu só em rosas.

E aconteceu mais um dia

em que antes festejávamos

o teu dia.

T91

Título: Os deuses

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Os deuses

Vergílio

Os deuses estão próximo

Sinto os ecos dos seus cantos

Nos trilhos que percorro.

Mas não os ouço.

T92

Título: Canto de Primavera

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Canto de Primavera

Vergílio

CANTO DE PRIMAVERA

Hoje senti o mundo a cantar primavera!

Fui ao Alto Douro!

Vi montes debruçados em jeito de colos protectores,

Vi outros mais sensuais espreguiçados ao sol

Amendoeiras vestidas de noiva!

O céu poente com vermelhos e amarelos lindos

E até a lua com auréola como nunca vi!

Mas porque é que neste canto universal

A humanidade tantas vezes desafina?!

T93

Título: Onde estás?

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Onde estás? (homenagem a Aquila)

Vergílio

Onde estás, Adele?

O telefone chama!...

Foste tão gentil a mostrar-me

Aquila e o Gran Sasso!

O telefone chama, chama, chama....

E não te ouço.

Vou olhar com mais carinho

as páginas do livro que me deste.

T94

Título: Viagem

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Viagem

Vergílio

Sentado no comboio
vi o mundo a correr vertiginosamente.
A viagem foi sonho!
Só acordei,
quando pisei outro chão,
vi outras cores do céu
ouvi outros cantos.

Na viagem da vida
não sei pisar o chão
não sei ver a policromia do momento
nem ouvir o canto do mundo sem tormento!

T95

Título: Beijo Triste

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

BEIJO TRISTE

Vergílio

Beijo Triste

Há sempre noite e dia
em todos os momentos.

Entro em mim
não me vejo todo
vejo-me noite.

Se me vejo do outro lado
nao me vejo todo.

A matemática está errada
porque metade mais metade não sou eu.

A Física está errada
a distância não se mede com o metro.

Posso beijar-te
na distância
e estar junto de ti.

Posso beijar-te,
sentir teus lábios
e estar longe
muito longe.

T96

Título: De olhos fechados

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

De olhos fechados

Vergílio

Fecho os olhos.

Eu sou mais eu,

vejo-te nítida,

de cabelos soltos a sorrir,

na justa luz dos contornos delicados.

Fecho os olhos

vejo-te linda,

não te vejo em sonho.

Eu sou mais tu.

Fechar os olhos e ver

é ver mais ainda.

T97

Título: Pesadelo

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Pesadelo

Vergílio

Sonhei-me:

algemado

com lábios gretados da sede

e uma fonte de água cristalina

ao lado.

Acordei.

Lembrei-me do suplício de Tântalo.

T98

Título: Ser livre

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio
Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"*

Data: 2009

Autoria: VERGÍLIO (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Ser livre

Vergílio

Quero libertar-me

saltar fronteiras

ser estrangeiro da pátria que eu faço em mim.

Sinto o pensamento perdido em labirintos

a percorrer caminhos estreitos

sem horizontes que descansam a alma

Quero descansar a alma

em horizontes amplos.

Sentir o mundo a acordar!

E nesse momento mágico

cantar o amor

perder-me para me encontrar

T99

Título: Ausência

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

AUSÊNCIA

Vergílio

Foste palavra que entendi...
e se desfez
no terrífico estado da ausência,
em distâncias de mim
ampliadas na curva do mundo.

Nasce o sol
o dia é noite
e a alma respira dolorosamente
dores maiores das que o corpo sente.

T100

Título: Sentir a luz

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

SENTIR A LUZ

Vergílio

Luz e sombra,
dimensões da existência,
quase vida.

A sombra dá densidade à luz.

No acontecimento banal
deste momento,
sentado em mim,
em silêncio
sinto-me sombra
sinto-me luz.

T101

Título: Deserto

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio"*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Deserto

Vergílio

Deserto

Já senti o desconforto

do vento no deserto.

Hoje senti mais perto

um desconforto maior.

T102

Título: Páscoa

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

Páscoa

Vergílio

PÁSCOA

Mistério do Cristo ensanguentado!

Mistério da Cruz!

Não são as cruzes de ouro e de prata enfeitadas,

cruzes de pedras preciosas e diamantes.

Não são as cruzes dos museus.

Mistério de outras cruzes:

Crianças sem lar, sem amor e sem pão,

Homens com fome a morrer!

Guerras!

Almas vestidas de solidão!

T103

Título: O teu perfume

Local, Publicação, Editora: Site/Blog: Luso Poemas. *"Poemas, frases e mensagens de Vergílio*

Seleção dos poemas, frases e mensagens mais populares de Vergílio"

Data: 2009

Autoria: Vergílio (BOTELHO, Manuel)

Suporte: Digital- Site: Luso Poemas

Outras informações:

O teu perfume

Vergílio

O teu Perfume

Vão passando outonos e invernos
e mais uma vez as rosas vermelhas do quintal
vieram trazer-me o teu perfume
e avivar-me a consciência do tempo
como um lume

“Mas a vontade de mudança que acompanha inevitavelmente a modernidade, confronta-se também, algumas vezes de modo inconsciente, com ânsias de preservação e de permanências, num equilíbrio que por vezes se tornar instável e até perigoso. (...) Ser moderno em arquitetura significa fundir e nunca confundir a contemporaneidade da obra com a tradição.” ⁵

5- Botelho, Manuel. Rotura, continuidade e memória na cidade em transformação



Fotografia Habitar Portugal 12-14

IV.

Apresentação de projeto

Nota capítulo IV

Nº da apresentação ----- **AP**

Nome da apresentação ----- **Título:**

Data da apresentação ----- **Data:**

Suporte utilizado para a transcrição da apresentação ----- **Suporte:**

Outras informações:



Cartaz da exposição

AP1

Título: Habitar Portugal 12-14- Apresentação do projeto da Capela do Paço Episcopal de Lamego

Data: 06/07/2016

Suporte: Vídeo

Outras informações: Duração gravação- 35 minutos



<p>Apresentação Habitar Portugal 12-14</p> <p>Conferências Apresentações Obras Norte II</p> <p>06 de Julho de 2016 Rua D. Duarte 60, Viseu</p>	<p>Oradores</p> <p>José Bernardo Távora Arquitecto</p> <p>Manuel Botelho Arquitecto</p> <p>Nuno Brandão Costa Brandão Costa Arquitectos</p> <p>Paula Ribas e Nuno Valentim + Gêmeo Luís Arquitectos+Designer</p> <p>Moderação</p> <p>Luís Tavares Pereira Bruno Baldaia Comissário HP 12-14</p>
--	---

[Transcrição da apresentação do Arquitecto Manuel Botelho, sobre o projeto para a Capela no Paço Episcopal de Lamego, acompanhada de imagens e desenhos utilizados na apresentação do Arquitecto.]

Luís Tavares Pereira: “Vamos agora dar a palavra ao Arquitecto Manuel Botelho, para nos apresentar o pequeno projeto que fez para uma Capela privada, no Paço Episcopal de Lamego. É uma obra que apesar da sua reduzida dimensão, suscitou-nos um interesse particular, dentro da seleção, e também lembrar que o Arquitecto Manuel Botelho, que é um arquitecto que nós presamos muitíssimo, é a primeira vez que está na seleção do Habitar Portugal. Temos muito prazer em tê-lo aqui connosco.”

Luís Tavares Pereira: “Passo a palavra ao Arquitecto Manuel Botelho...”

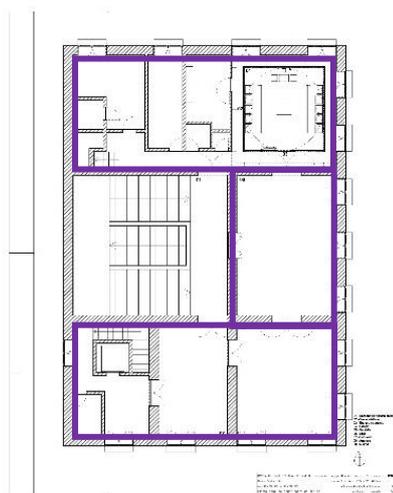
Arquitecto Manuel Botelho: “Obrigado pelas palavras...”

Arquitecto Manuel Botelho: “Eu estou aqui com muito gosto, com uma obra muito pequenina, muito simples, não com aquela riqueza da obra que o José Bernardo (Távora) nos mostrou anteriormente (refere-se ao projeto do Arquitecto Bernardo Távora, para a Casa da Granja em Amarante), orgânica, quase que a arquitetura que nós nos habituamos a ver antigamente, uma arquitetura que parece que tinha ossos, tinha articulações, uma arquitetura muito próxima das pessoas.

Ora bem, esta Capela, Capela do Paço Episcopal de Lamego, é um projeto muito simples. Deram-me uma sala lá no Paço Episcopal de Lamego, uma casa que tem história, uma história grande. Aquela casa chegou a ser a sede do Tribunal da Relação do Porto, e além disso, foi Tribunal de uma região grande ali no Douro e no Alto Douro, chegando a ser também uma cadeia. Acabou por ser comprada por uma família de Lamego, que vivia numa casa, que se chamava *Casa das Broilhas*. Acabou por ser propriedade de duas senhoras desta família, e, com a República, o Paço de Lamego foi ocupado pelo Estado, (é o atual Museu de Lamego), e estas duas senhoras doaram

a casa ao Paço Episcopal. Esse Paço Episcopal não tem muitos anos, com este serviço “Episcopal”, onde residia o Bispo da Diocese de Lamego. Neste edifício foi feita uma Capela no sótão, entretanto, fizeram umas obras, que eu direi assim – “desastrosas” - quem visita aquele palácio nem se apercebe bem, por exemplo os Comissários do Habitar Portugal foram lá visitar esta obra, eu até chamei à atenção para aquelas vigas, que de uma maneira quase “sacrífica”, se vão encontrar com uma padieira de pedra trabalhada, no Salão Nobre da Casa. Isto acontece porque baixaram todo aquele piso nobre. Era um Palácio com rés do chão e com o piso nobre em cima, com umas escadas com dois lanços no início individuais, que depois desdobravam e que se encontravam a meio, e que davam acesso ao piso nobre que se encontrava no 1º andar.

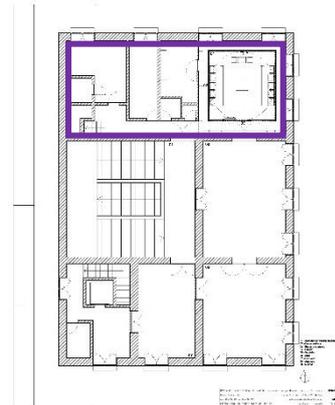
Este espaço do piso nobre, é um retângulo que percorre o edifício, como podem verificar na planta.



Por cima deste piso nobre, puseram um outro piso. Eu acho que nem ouve arquiteto, penso que terá havido engenheiro, porque vejo para lá umas vigas de betão à vista. Não sei quem é que fez estas obras, mas deixaram lá uma “salita” para uma capela, e para a capela vieram ter comigo e pediram que lhes arranjasse para lá um projeto de uma capela, mas com um altar que já lá existia. Este espaço encontrava-se no piso por cima do piso nobre, local onde se encontra atualmente a capela feita por mim. Na visita nós vimos lá o altar, e por cima do altar tinha um espaço enorme. Ora bem, o altar, estava: uma parte num marceneiro, outras partes, numas lojas, e outra lá encostada a uma parede. Comecei a ver como seria montado o altar, e vi que tinha cerca de 4 metros, e com esse tamanho nunca poderia ser colocado na “salita” que me deram para a capela. Disse então que não chegava o espaço.

Tive oportunidade de visitar o Paço e as salas todas, e esta ala toda era um salão de festas, tinha no fundo um varandim para a orquestra tocar, era também um local para fazer bailes, dar conferências, etc.

Este salão foi todo dividido, em “salinhas, umas casas de banho para ali esquisitas”, com uns quartos lá para o meio. Baixaram o teto todo neste piso nobre, com as tais vigas que vão dar àquela pedra trabalhada da porta central do Salão.



Este piso ficou alterado, mas aquela grande sala, em frente à escadaria central, ficou ligada ao outro salão que existia no piso. Eu percebi, que neste espaço não daria para fazer uma capela, muito menos para colocar o altar existente. Não se vai a um altar cujo pé direito é muito baixo, quando o “homem” é alto (não vamos cortar um bocado das pernas ao “homem” para ficar com um espaço a condizer com o tamanho do “homem” [em tom de ironia]). Também não vou cortar um bocado ao altar, não vou fazer isso, este altar é demasiado belo para ser “destruído”, e não temos aqui sala nenhuma que dê para responder às necessidades inicialmente pedidas.

É então que chegamos a um acordo para fazer a Capela nesta sala aqui, local onde se encontra atualmente. A sala que também tem uma viga a atravessar o espaço todo, as “tais vigas” que fizeram anteriormente. Nesta sala fizeram umas portas envidraçadas muito altas, e depois da porta tem uma bandeira. No sítio desta bandeira é que puseram a laje, por isso, os quartos que existem em cima, têm um vidro, mas não têm uma janela nem nada, que é a bandeira dessas portas do piso de baixo. Nas fotografias não se dá conta que foi feito “à martelada”, sobretudo a parte superior. É um edifício muito marcado por dotes de “malvadez”.

Também não ia fazer uma capela como esta, para confrontar este espaço pequenino com estas janelas e portas, não ia continuar a dar facadas na casa.

As portas ficaram as que eram de origem, com as portadas, e eu fiz a capela com um caixinha que não toca no teto nem nas paredes existentes, de forma a esconder a tal viga “desastrosa” que passa ali na sala.

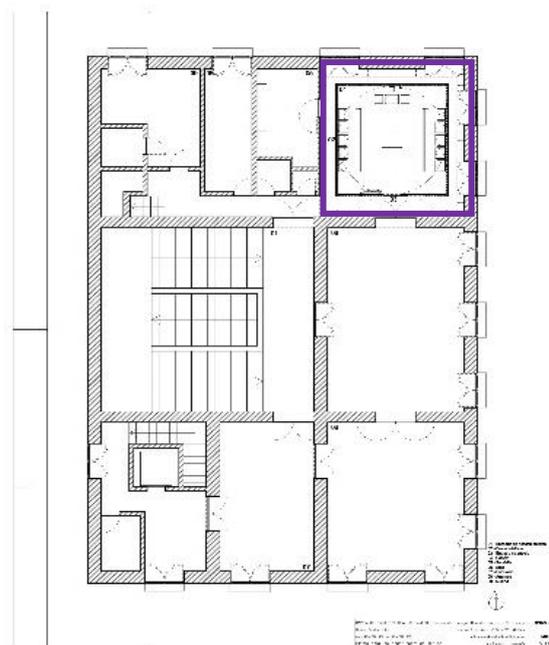
Com esta caixa, construí este espaço muito simples, mas a propósito deste espaço muito simples, há uma coisa com a qual me confronto, desde há muitos anos, e que tem a ver com um pensamento do *Heidegger* que é: Nós seres humanos, estamos na terra, e estamos debaixo do céu. Esta terra é marcada por uma quadratura, e, portanto, o homem vive numa quadratura. É na relação que o homem tem com estas coisas, que fazem a quadratura do homem, que o homem vive. Porque pensa, e pensar é interrogarmo-nos sobre o que as coisas são. Por outro lado, há sempre alguma coisa com a qual nos confrontamos.

Eu naquela casa que nos mostrou o José Bernardo, que vimos muitos espaços que nos falaram dos espíritos, eu vi pedras, senti as pedras do chão, mas senti alma, e a alma é dimensão espiritual. São espaços com alma.

Mas este sentido da Capela, que por sua vez, é uma coisa religiosa e tal, este sentido fez-me crer que ela não podia de facto confrontar-se, havia uma quadratura: chão, céu, (...), mas aqui, o que podia confrontar-se com a casa, misturar-se, era meter-se uns alfinetes, para ver se seguro esta caixa criada por mim. Na religião também se fazem aqueles andores com os panos e alfinetes, “enfeitam-se os paus de madeira”. Uma capela tem que ser algo muito mais intenso.

Há outra passagem que gostava de dar, é bastante curiosa e muitas vezes pensei nela. Quando na Bíblia se descreve a criação do mundo, diz lá que Deus no primeiro dia criou a luz, “faça-se a luz e a luz surgiu”. Mas só no quarto dia é que criou o Sol, e este sentido faz-me pensar muito, é que há uma luz que é anterior à luz do Sol. Há uma luz que nasce dentro de nós, e que nós temos que encontrar/descobrir.

Neste espaço, eu queria, de facto, separar-me desta sala que recebe a luz do Sol, e encontrar uma outra sala em que a luz fosse diferente, que fosse muito mais interior, quase que ela tivesse uma luz própria. Evidentemente que a luz que tem lá, alguma é elétrica, outra é do Sol. Mas sente-se alguma coisa de “Interioridade” naquela luz.



Fiz uma coisa que estivesse presa com alfinetes às paredes existentes. É uma construção seca, com gesso cartonado, é um espaço quadrado, concêntrico.

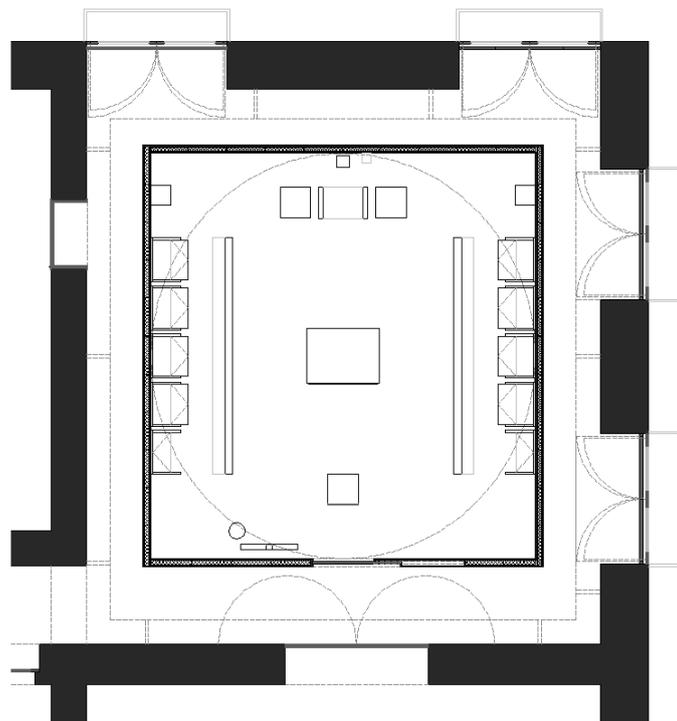
As igrejas, tradicionalmente, têm uma forma longitudinal, hoje há uma grande liberdade e há coisas muito variadas, algumas até muito complicadas, mas por um lado eu queria fazer uma coisa muito simples.

Isto era uma capela particular, muito simples, mas que ao mesmo tempo tivesse muita força, tivesse a força dessa luz interior, e que fosse ao encontro das normas que a Igreja dá, segundo o *Consílio Vaticano II*, onde o centro de todo o espaço é altar.

Na Doutrina da Igreja, as missas não se dizem para se ouvir, as missas participam-se, e até, algumas vezes dentro das cerimônias, existem coisas que são mais de outros espaços, com por exemplo as procissões. Grande parte das Celebrações Litúrgicas têm uns percursos, as pessoas caminham de um lado para o outro, vão ao altar, vão beijar o Menino Jesus no Natal, etc., existem procissões dentro da própria igreja, e portanto, este espaço tem algum movimento.

Vou começar a descrever esta Capela, com estes princípios: da *Quadratura*, da luz que está antes, ou melhor, é o pensamento que está antes. E o pensamento, este de fazer projetos em arquitetura, é uma sequência de pensamentos e interrogações, a que vamos dando respostas, resolvendo dúvidas, e deixando permanecer outras.

Existe este espaço, que está separado das paredes que existiam, e depois uma Igreja ou “Capelinha”, para um Bispo. Ele diz missa todos os dias, mas as pessoas que estão lá ao serviço dele também vão lá à missa. São umas 8 ou 10 pessoas, que têm estes lugares de um lado e de outro da Capela. É uma organização um bocado de Convento, dos espaços com bancos de um lado e outro. Tem o centro, e depois na Liturgia dirigem-se a outra mesa. Temos a mesa no centro, o Altar, e depois a outra mesa, a Mesa da Palavra, onde se lê. E, portanto, um eixo longitudinal deste quadrado, organiza o espaço. Este eixo tem a porta de entrada, o Ambão, o Altar, o mobiliário da Presidência e o Sacrário lá atrás, tudo muito linear, com as pessoas à volta.

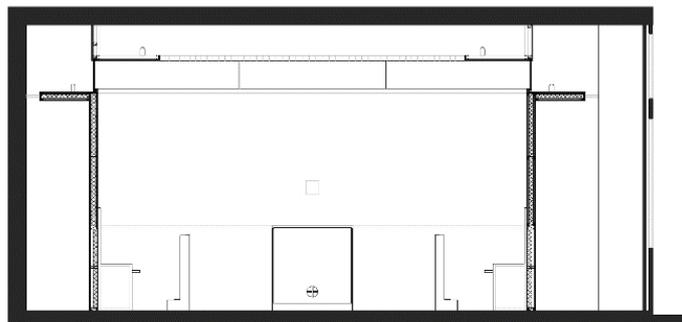


O teto não toca nas paredes, há uma faixa de vidro, que é translúcido, mas não é transparente, portanto não estamos a ver aquelas portas cá fora. É por ali que vem a luz natural, que é uma luz que eu até gosto mais do que a luz elétrica, que talvez até não tenha sido muito bem estudada, sobretudo na quantidade de luz, algumas vezes até um bocado agressiva. A luz, do dia normal, é

uma luz que chega lá, e a sentimos, mas é a luz de lá de dentro, a luz do princípio, a luz do primeiro dia (o Sol só foi ao quarto dia).

Vemos aqui como é organizado. Temos as tais portas envidraçadas, que dão para o exterior do edifício, existe para cima a porta, que não está aqui representada, mas continua lá só com um vidro. Há uma caixa mais alta, na parte superior da caixa, utilizada para os sistemas de ventilação, etc., e depois há umas palas ao lado, que controlam uma pouca aquela luz, que no sítio das janelas é muito intensa.

Vemos neste corte, os bancos laterais, e ao prestarmos atenção a coisas que acontecem nestes espaços, temos o tal espaço de forma a pudermos circular, sem se tropeçar nos assentos e nos genofletórios. Temos o altar, os genofletórios que têm uma situação mais cómoda, e dentro desses bancos há uma pequenina estante, porque estas pessoas que vão a estas celebrações, são maioritariamente freiras, têm uns livros, fazem as suas orações, e guardam os livros nessas prateleiras e não se vêm, não há confusão no espaço.



Este é um novo corte, muito semelhante ao anterior. Aquela “caixinha” que está ali é um sacrário de prata, é o local onde se guardam as hóstias no fim da celebração.

E normalmente como é que se faz?

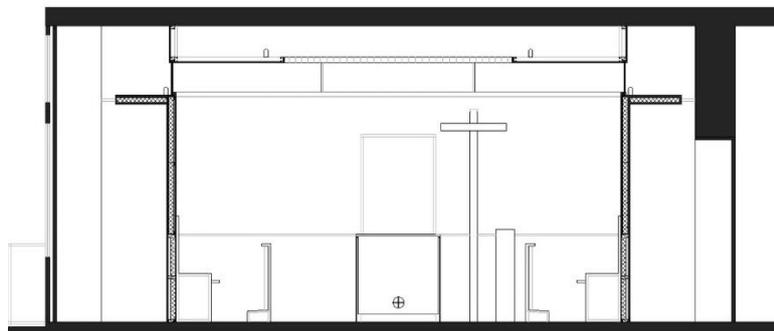
Abre-se uma porta, leva-se uma paxíde, é uma coisa complicada se não tivesse um apoio, e por isso, quase sempre junto do sacrário temos um altar. Aqui neste caso fiz um sacrário em que a porta abre e faz de mesa. Em frente estamos a ver os bancos, três neste caso, a cadeira da presidência um bocadinho mais alta. As paredes deste espaço são rebocadas em gesso cartonado, e depois em baixo existe um lambrim em madeira.



Este corte é voltado para a porta de entrada, aqui vou só salienta uma coisa.

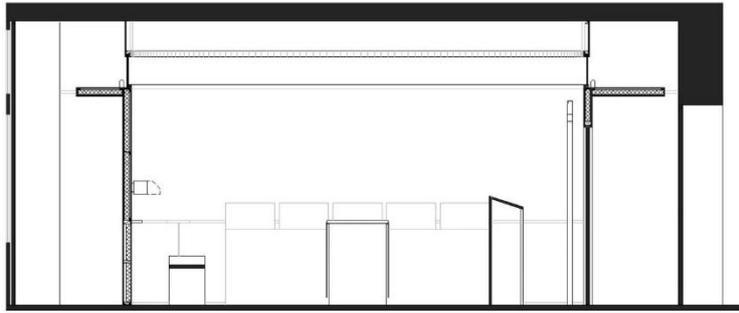
Normalmente. Os crucifixos têm uma base e colocam-se em cima de um móvel. Mas os chamados “Padres de Igreja”, escreveram muito sobre uma relação entre a árvore da vida e a árvore da morte. A árvore da vida seria a árvore do “Tombo de Cristo”, que deu uma vida nova a todas as comunidades, e a árvore da morte seria a árvore do “fruto proibido”.

Claro que todas estas imagens bíblicas, são imagens, até poéticas, da vida, mas representam intensamente este modo de sermos, de como nós somos. Este sentido de árvore, levou-me a pensar na Cruz que nasce ali do chão e que não é uma coisa pousada ali, é uma árvore, que é a árvore da vida.



Aqui estamos a ver um corte longitudinal.

Como podem ver na parede está o sacrário, uma caixa que abre e a tampa fica uma mesa. No outro lado do corte, temos a mesa de leitura. Neste corte longitudinal há uma situação de relações.



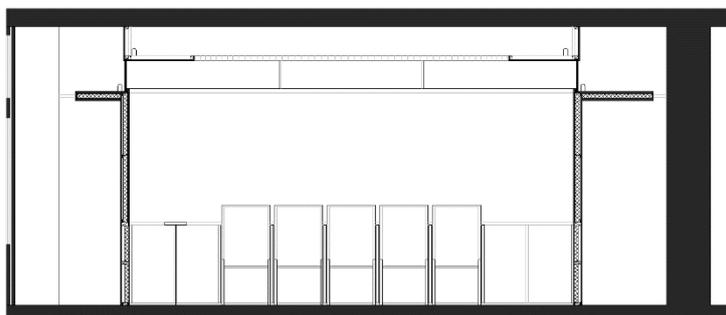
Esta sala não era centrada com a porta que dava para o salão, e eu entendi que esta “caixa”, que é a capela, devia ser centrada. Então fiz este truque de ter uma porta que aparentemente chega ali, mas que não é porta, e do lado de dentro não se vê a porta toda.

Não é que aconteça ali milagre nenhum, que ao atravessarmos a porta, por artes milagrosas, a porta encolhe [tom de ironia].

Mas isto aconteça para quê?

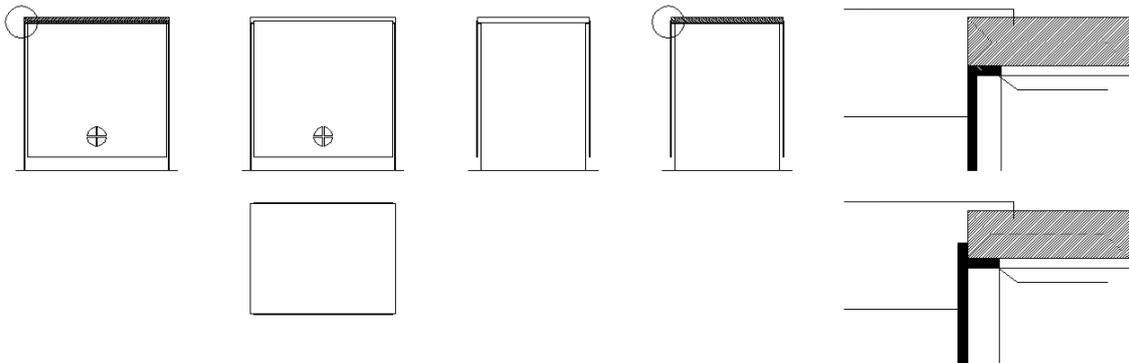
Para que haja relações entre isto que se faz novo, mesmo que esteja ligado por alfinetes, com o existente, para que as coisas tenham relações.

Neste corte, temos as cadeiras, os bancos onde as pessoas se sentam, que é uma coisa bastante tradicional nos conventos, etc. Este assento levanta, não temos aqui a parte do genofletório, porque essa parte também se levanta. Ao levantar-se, estes dois lados da cadeira, permitem que a pessoa fique ali direita, e a pessoa passe na sua frente, sem incomodar ninguém e sem tropeçar. Porque nestes espaços que são de alguma representação, e também existe representação nestes atos da liturgia, as coisas têm que estar estudadas, para que não se perca compostura, e se tropece, ou toque noutra pessoa. Este sentido de se estudarem os pormenores.

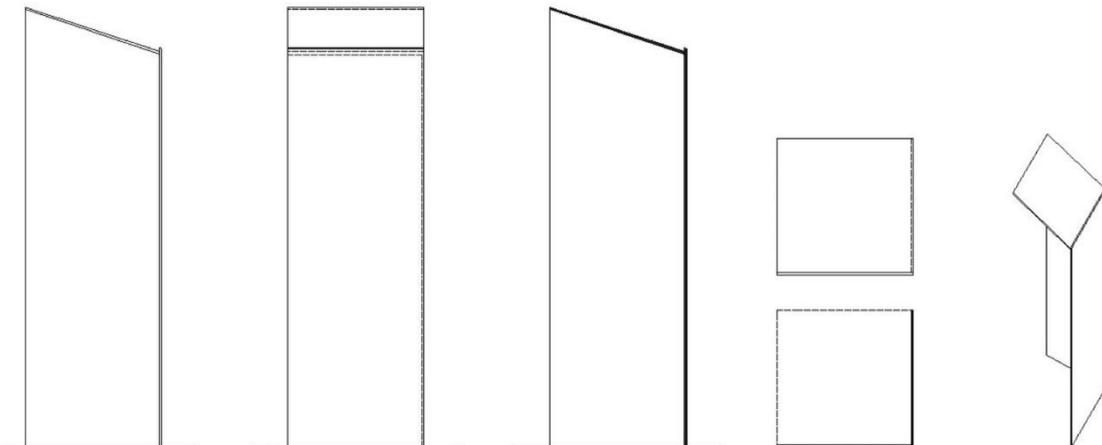


Aqui vemos o desenho do Altar. Tem um tampo de mármore, o mais simples possível (não sei se poderia ser mais simples).

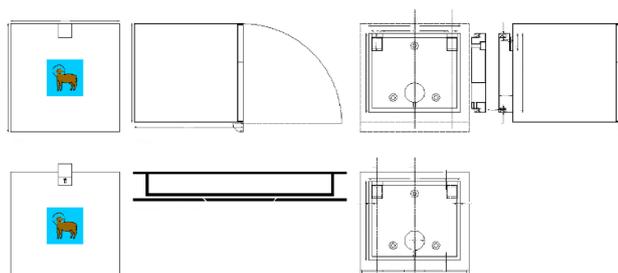
Faz lembrar as “aras dos pagãos”, não é com aço, é mármore. Por exemplo os Altares dos gregos, os templos Gregos do Paestum, que ficam na Itália, perto de Nápoles. No Templo não entravam as pessoas, entrava o sacerdote uma vez por ano, mas cá fora ofereciam-se os sacrifícios, existindo várias áreas ali no recinto exterior, natural, com árvores, etc.



Este é o Ambão, também no mesmo material do Altar.

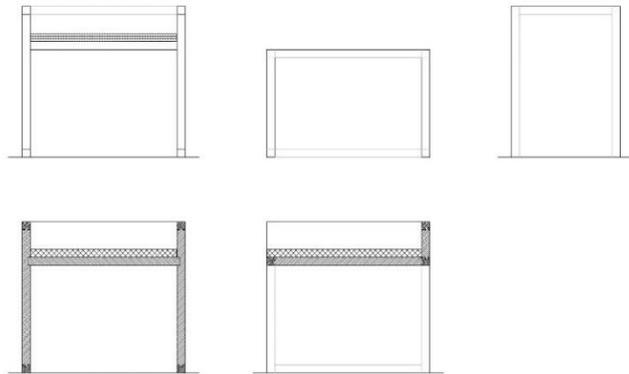


O Sacrário tem um símbolo, que é da iconografia cristã, que neste caso é um cordeiro pascal. É uma caixa de prata, com esmalte e com aquele “cordeirinho” de ouro. E para que isto seja mesmo com uma forma quadrada, eu fiz este “truque” de esconder a porta da fechadura.



(Podemos continuar).

O mobiliário não tem nada de especial. Toda a seriedade, simplicidade, é aquilo que possivelmente nos aproxima mais das coisas. Não é pelas coisas serem muito enfeitadas, que nós nos aproximamos mais da madeira.

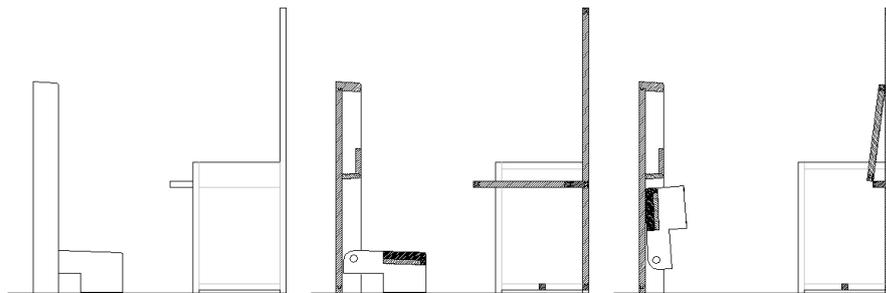


Aqui estamos a ver os bancos.

Arranjou-se aqui uma “engenhoca” para esta forma que levanta e segura aquela parte onde se ajoelha. Isto significa que a pessoa pode estar ali, e as pessoas passam e movimentam-se tranquilamente, sem andarem pelo espaço de uma maneira pouco deselegante.

Este é o sentido da Ordem, das coisas fluírem. Não é que este sentido de Ordem, seja o princípio da arquitetura. Muitas vezes as coisas tortas, têm uma Ordem fantástica.

A mesma coisa se sucede com a luz, a luz escondida, o pensamento, a dúvida e tal. Estes são os pensamentos que desde há muitos anos me fazem preocupar com este momento.



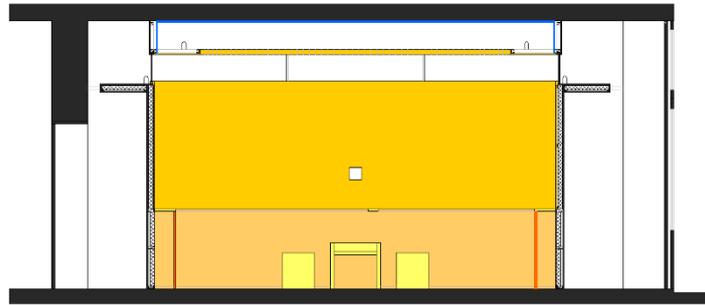
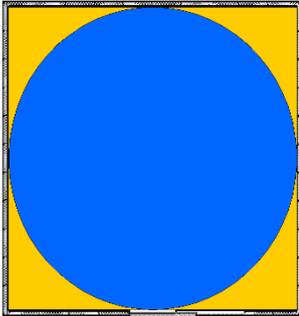
Em relação ao teto.

Isto está muito mal porque, eu pensei que aquela parte rebocada da parede e esta parte aqui do teto mais dourada, fosse um ouro velho, aquela folha de ouro como se encontra nas igrejas. E lá em cima, no outro teto mais acima, um azul muito claro, tradição dos tetos das igrejas.

Azul que fazem lembrar o céu. Embora, por falta de dinheiro, não se colocou o ouro.

Mas curiosamente a Arquiteta Magda, quando foi lá ver a Capela, disse assim: “*Ainda bem que ficou assim, porque é mais calma*”; e eu até fiquei contente com estas palavras, porque de facto,

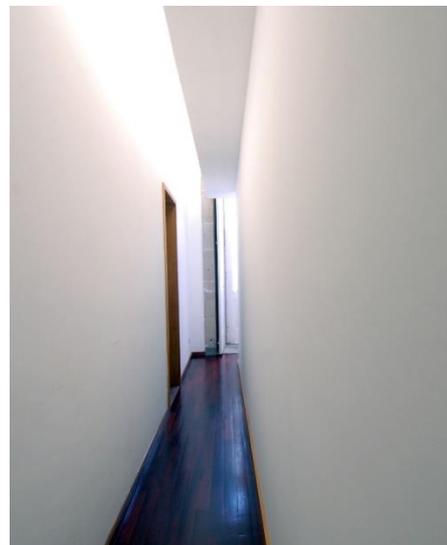
um espaço de calma é se calhar um espaço que nós precisamos neste tempo da velocidade e da corrida.



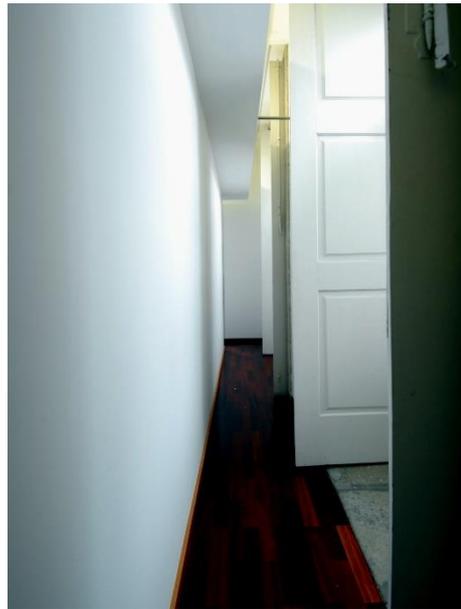
Em Nova Iorque há um espaço, que se chama *Capela*, são quatro paredes com a luz a entrar nas arestas, e não tem mais nada. Não tem altares, nem tem Santos. Mas tem a possibilidade de a pessoa encontrar a paz e encontrar a luz de Deus, que está dentro de nós.

Agora vamos ver algumas imagens da Capela.

Aqui vemos este percurso, que se fez para separar o que era existente e a parte nova, que é esta caixa branca.

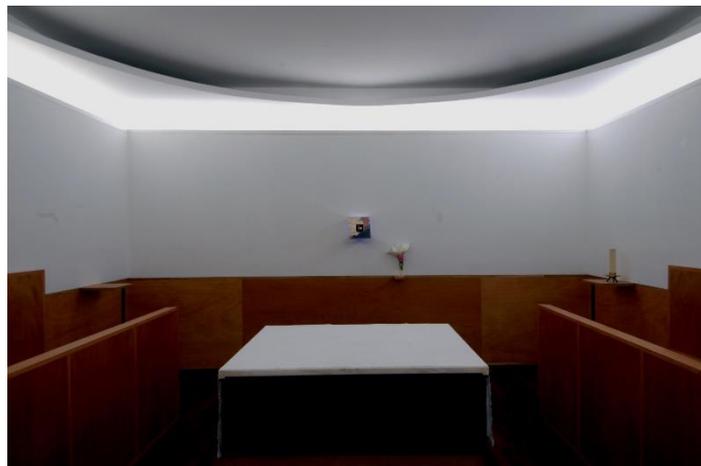


(As “tais” janelas para o exterior)



Quando entramos na Capela temos esta sensação. Os bancos. Umas credências de apoio, o Sacrário, o Altar.

O que pensava pôr em Ouro era esta mais baixa do teto, e em cima o azul claro. Este sentido do Ouro que muitas vezes nos atrai, e ao mesmo tempo existia um azul, um azul do céu. Este sentido poético, mas que era tradição da Igreja.

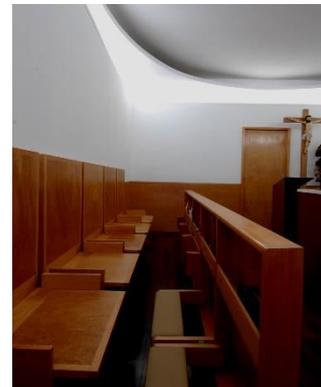


(Prosseguindo)

Aqui estamos a ver o Altar, com a porta da Capela lá no fundo, pequena para quem vê de dentro, mas muito maior do lado de fora. Por causa daquela história das portas e do centro.



Os bancos e os genofletórios.



O confronto entre a madeira e o branco.



Este é um cristo de marfim que já era da Casa. Por acaso tinha cruz toda a desfazer-se e a única coisa que fiz foi a cruz a vir do chão. Ao lado temos a “Imaculada Conceição”.

Aquela Cruz está colocada na entrada, mas todas a pessoas que estão na celebração, estão inseridas neste círculo onde também está a Cruz, a Imaculada Conceição e todos os restantes elementos religiosos. É criado assim um círculo em torno do centro



O círculo do teto, a Cruz, a Luz interior, etc.



Um momento do “funcionamento” da Capela.



E assim termino, e muito obrigado.”

“Pode afirmar-se que o projecto evolui no domínio da incerteza, com o progressivo entendimento da modulação do espaço, com o adquirir de uma metodologia projectual, com a formação duma linguagem significativa.”⁶

6- Texto descritivo do programa de Metodologias da Arquitectura Contemporânea escrito por Manuel Botelho



Cortesia Gustavo Fernandes

V.
Aulas

Nota capítulo VI

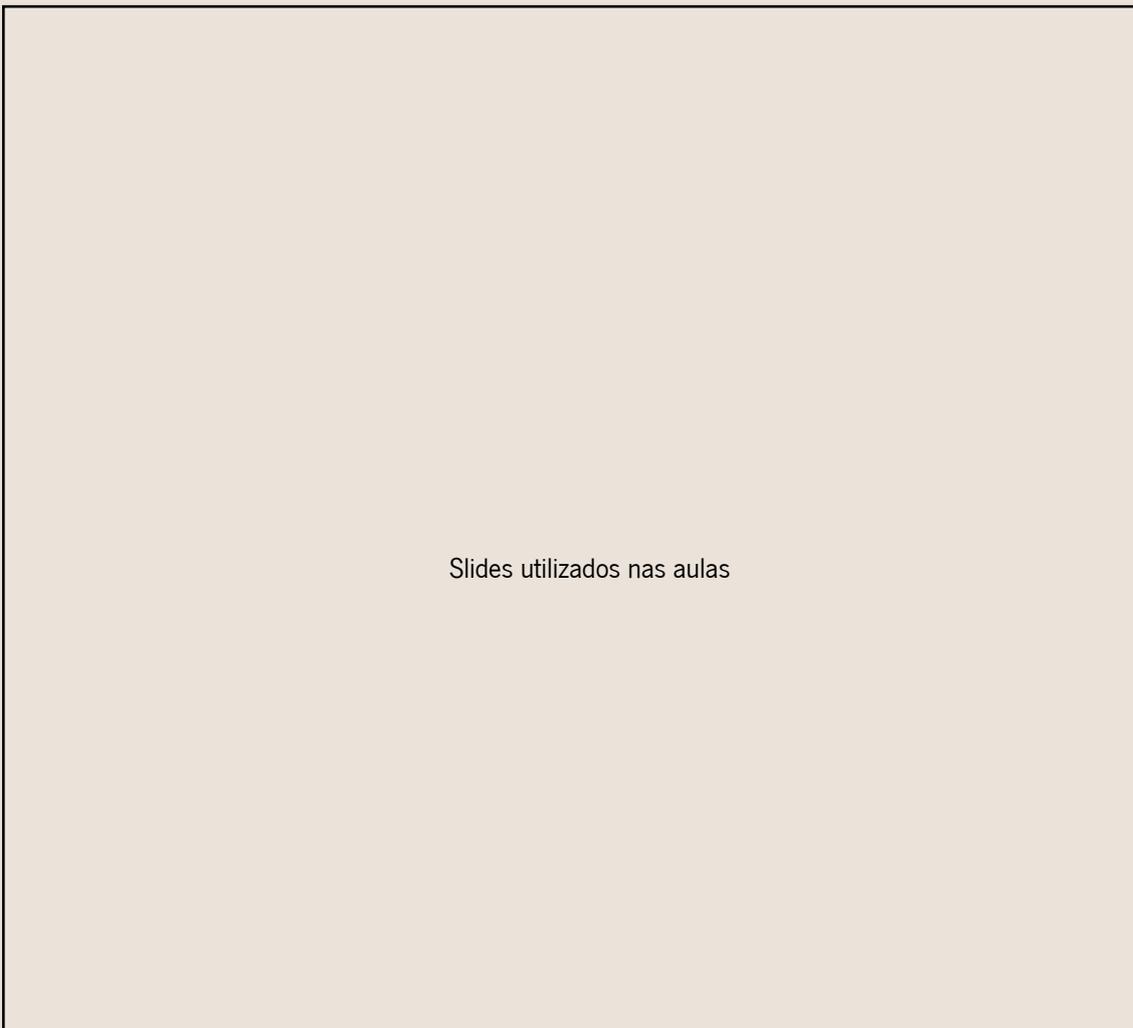
Nº da aula (organizadas segundo o Arquiteto) ----- **A**

Tema da aula ----- **Título:**

Data da aula ----- **Data:**

Formato da aula/apresentação ----- **Suporte:**

Outras informações:



Slides utilizados nas aulas

A1

Título:

Data: 14/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



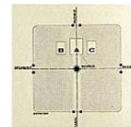
(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



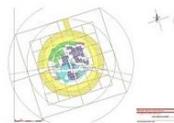
(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



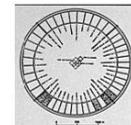
(26)



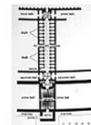
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



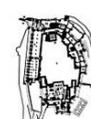
(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

Na rua do tempo
 Pouco te os pés!
 São-te a medida exata das arelas,
 a espessura gorda das lújas que te vestem,
 pele polida a flor da terra,
 como não usada delicadamente
 à flor do péle...
 Experimenta-te o sentimento do tempo,
 nas palmeiras de tantos pés que te beijaram,
 como quem encontra a fortuna da palavra vestigio!
 ...És milagre de sentir mundos.

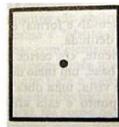
(45)



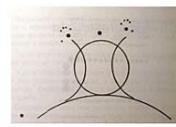
(46)



(47)



(48)



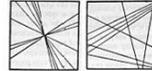
(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)

A2

Título: Estrutura-ordem-forma-ideia

Data: 21/10/2009

Suporte: Digital

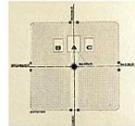
Outras informações:

ESTRUTURA - ORDEM

(1)



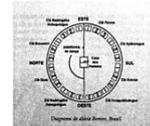
(2)



(3)



(4)



(5)



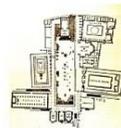
(6)



(7)



(8)

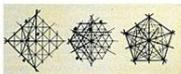


(9)

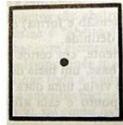
ESTRUTURA - GEOMETRIA

FORMA-----IDEIA

(10)



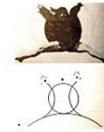
(11)



(12)



(13)



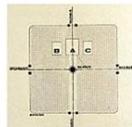
(14)



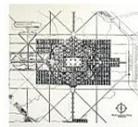
(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



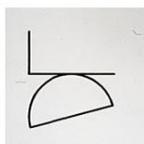
(28)



(29)



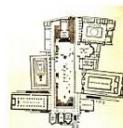
(30)



(31)



(32)



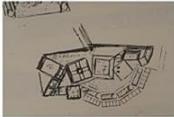
(33)



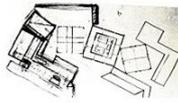
(34)



(35)



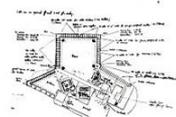
(36)



(37)



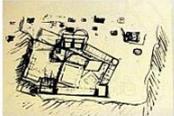
(38)



(39)



(40)



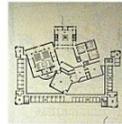
(41)



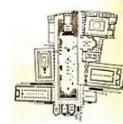
(42)



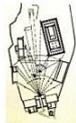
(43)



(44)



(45)



(46)



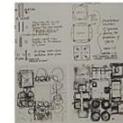
(47)



(48)



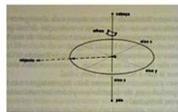
(49)



(50)



(51)



(52)

A3

Título:

Data: 25/11/2009

Suporte: Digital

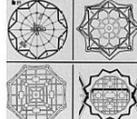
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)

A4

Título:

Data: 02/12/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



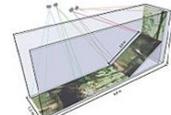
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



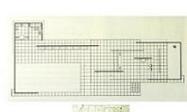
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)

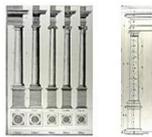
A5

Título:

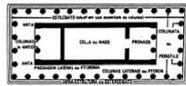
Data: 27/01/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



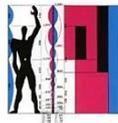
(4)



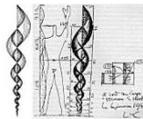
(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



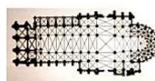
(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



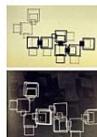
(30)



(31)



(32)



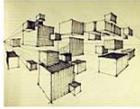
(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



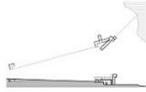
(38)



(39)



(40)



(41)

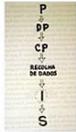
A6

Título:

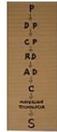
Data: 03/02/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



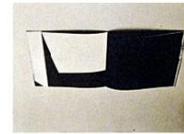
(6)



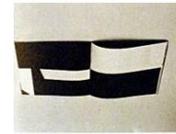
(7)



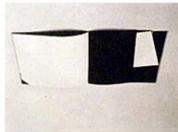
(8)



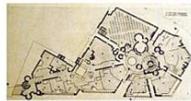
(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



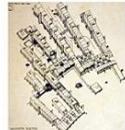
(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



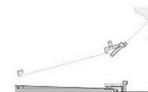
(22)



(23)



(24)



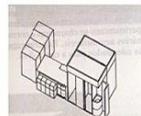
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



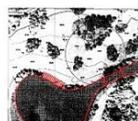
(30)



(31)



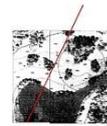
(32)



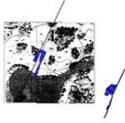
(33)



(34)



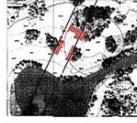
(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)

A7

Título:

Data: 21/04/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



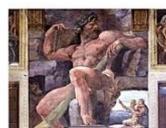
(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



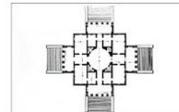
(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



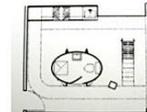
(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)

A8

Título:

Data: 19/05/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



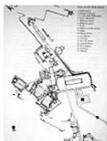
(8)



(9)



(10)



(11)



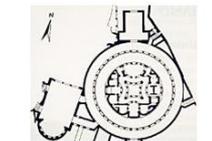
(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



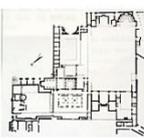
(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



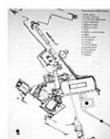
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



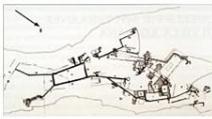
(43)



(44)



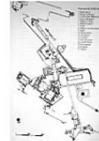
(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos.»
(Adriano)

(62)

A9

Título:

Data: 15/06/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



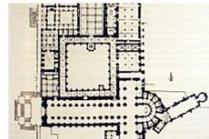
(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



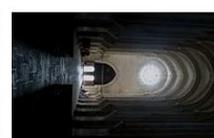
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)

A10

Título:

Data: 11/11/2019

Suporte: Digital e Áudio

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)

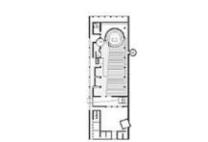
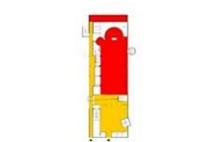
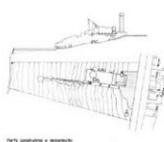
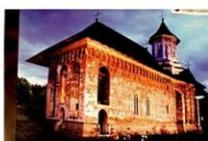
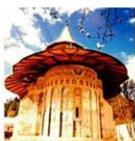
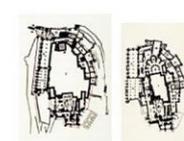
A11

Título: Arte Sacra (Capelas)

Data: 23/03/2011

Suporte: Digital

Outras informações:



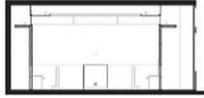




(71)



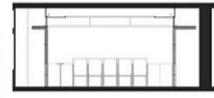
(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



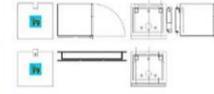
(77)



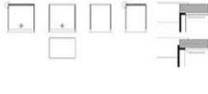
(78)



(79)



(80)



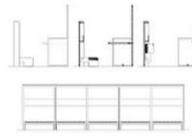
(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)



(90)



(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



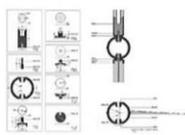
(98)



(99)



(100)



(101)



(102)



(103)

A12

Título: Casa da Régua

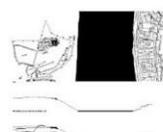
Data: 24/05/2013

Suporte: Digital

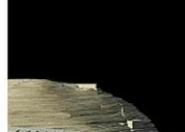
Outras informações:



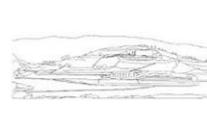
(1)



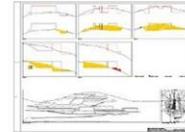
(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



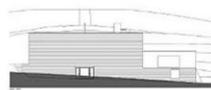
(14)



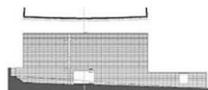
(15)



(16)



(17)



(18)



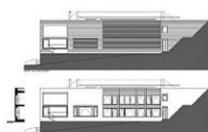
(19)



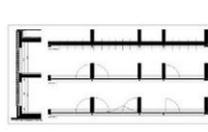
(20)



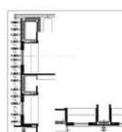
(21)



(22)



(23)



(24)



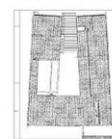
(25)



(26)



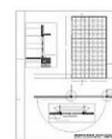
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



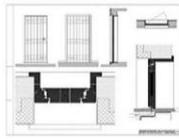
(33)



(34)



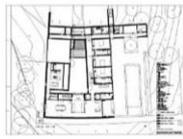
(35)



(36)



(37)



(38)



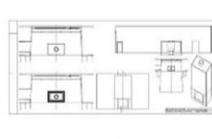
(39)



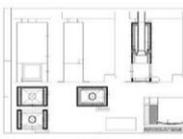
(40)



(41)



(42)



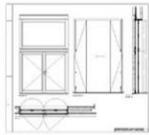
(43)



(44)



(45)



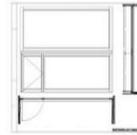
(46)



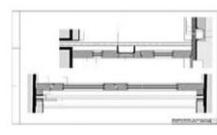
(47)



(48)



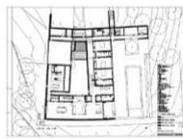
(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



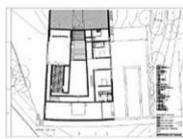
(60)



(61)



(62)



(63)



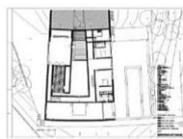
(64)



(65)



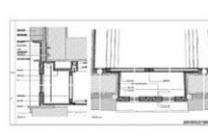
(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



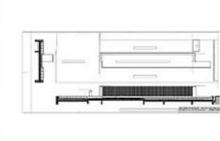
(77)



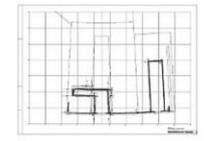
(78)



(79)



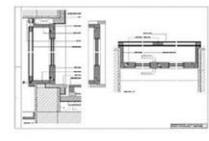
(80)



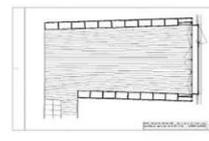
(81)



(82)



(83)



(84)

A13

Título: Casa da Régua

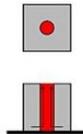
Data: 24/05/2013

Suporte: Digital

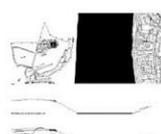
Outras informações:



(1)



(2)



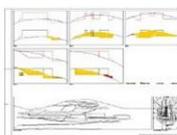
(3)



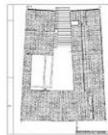
(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



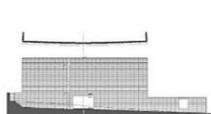
(18)



(19)



(20)



(21)



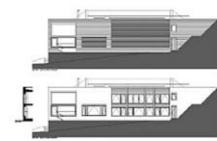
(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



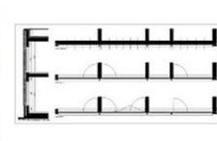
(27)



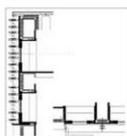
(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



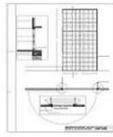
(39)



(40)



(41)



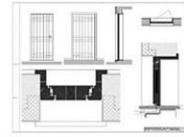
(42)



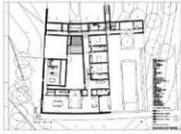
(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



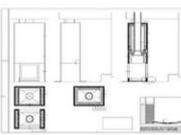
(48)



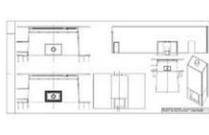
(49)



(50)



(51)



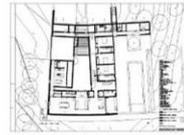
(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



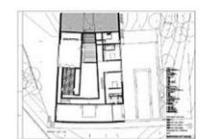
(65)



(66)



(67)



(68)



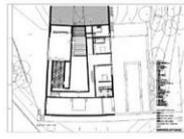
(69)



(70)



(71)



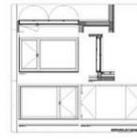
(72)



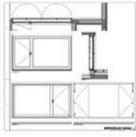
(73)



(74)



(75)



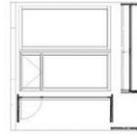
(76)



(77)



(78)



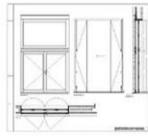
(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)

A14

Título: Casa da Régua

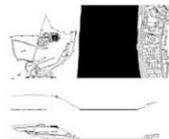
Data: 24/05/2013

Suporte: Digital

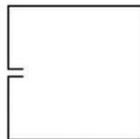
Outras informações:



(1)



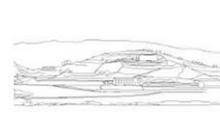
(2)



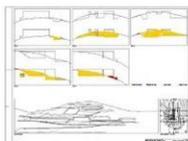
(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



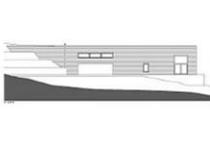
(13)



(14)



(15)



(16)



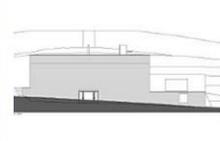
(17)



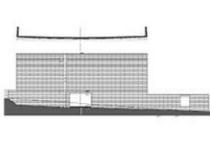
(18)



(19)



(20)



(21)



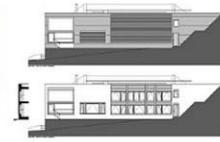
(22)



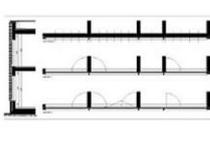
(23)



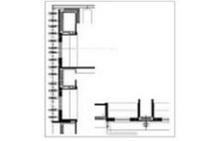
(24)



(25)



(26)



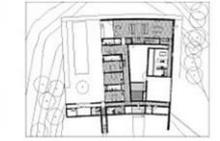
(27)



(28)



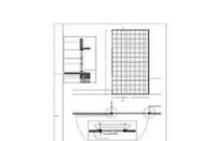
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



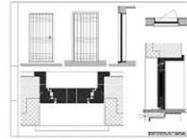
(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



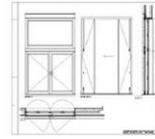
(41)



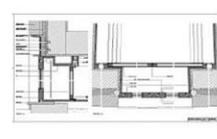
(42)



(43)



(44)



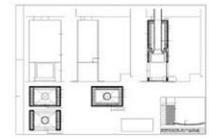
(45)



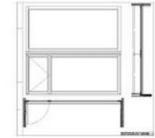
(46)



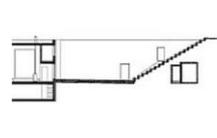
(47)



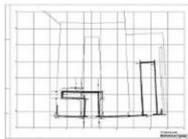
(48)



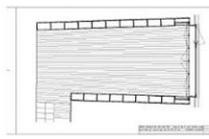
(49)



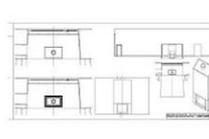
(50)



(51)



(52)



(53)



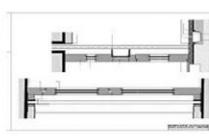
(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



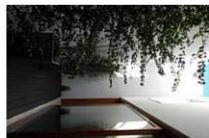
(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



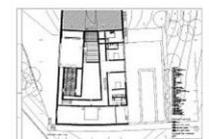
(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



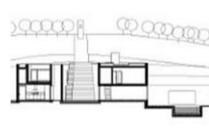
(71)



(72)



(73)



(74)



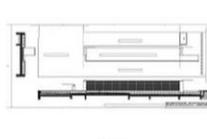
(75)



(76)



(77)



(78)



(79)

A15

Título: Casas da Régua, Maia e Lousada

Data: 24/05/2013

Suporte: Digital

Outras informações:



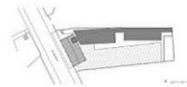
(1)



(2)



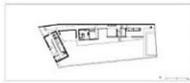
(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



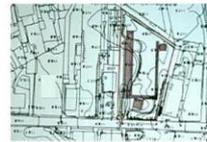
(16)



(17)



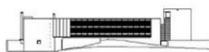
(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



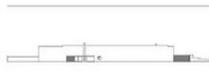
(39)



(40)



(41)



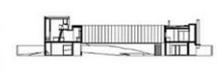
(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



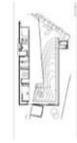
(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)



(90)



(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



(98)



(99)



(100)



(101)



(102)



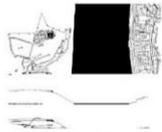
(103)



(104)



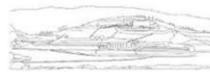
(105)



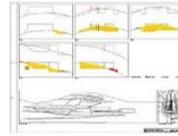
(106)



(107)



(108)



(109)



(110)



(111)



(112)



(113)



(114)



(115)



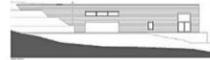
(116)



(117)



(118)



(119)



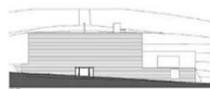
(120)



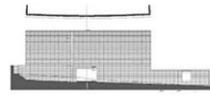
(121)



(122)



(123)



(124)



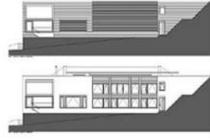
(125)



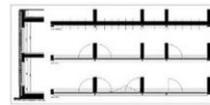
(126)



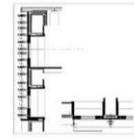
(127)



(128)



(129)



(130)



(131)



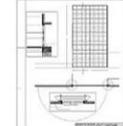
(132)



(133)



(134)



(135)



(136)



(137)



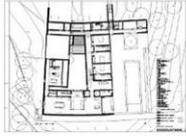
(138)



(139)



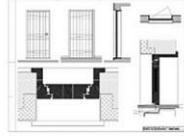
(140)



(141)



(142)



(143)



(144)



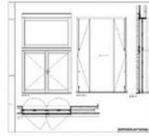
(145)



(146)



(147)



(148)



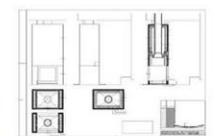
(149)



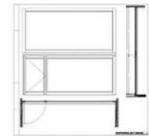
(150)



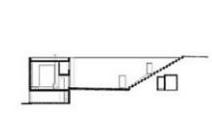
(151)



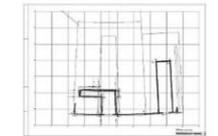
(152)



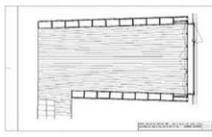
(153)



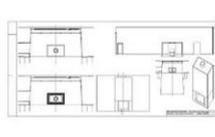
(154)



(155)



(156)



(157)



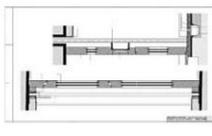
(158)



(159)



(160)



(161)



(162)



(163)



(164)



(165)



(166)



(167)



(168)



(169)



(170)



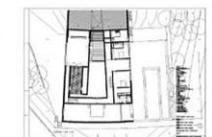
(171)



(172)



(173)



(174)



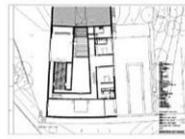
(175)



(176)



(177)



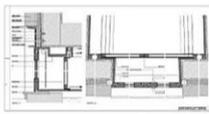
(178)



(179)



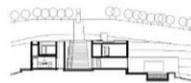
(180)



(181)



(182)



(183)



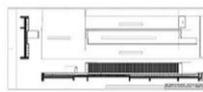
(184)



(185)



(186)



(187)



(188)

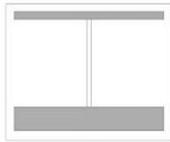
A16

Título:

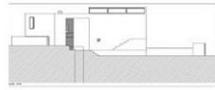
Data: 10/05/2011

Suporte: Digital

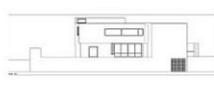
Outras informações:



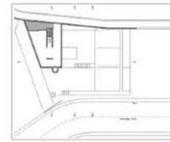
(1)



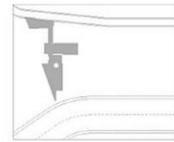
(2)



(3)



(4)



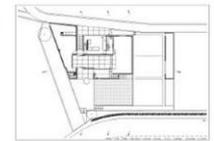
(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



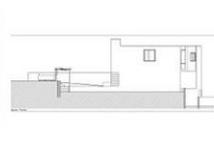
(12)



(13)



(14)



(15)



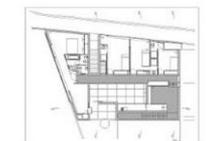
(16)



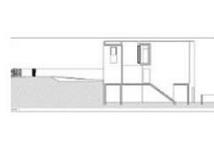
(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



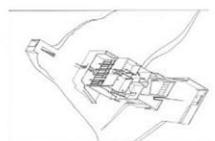
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)

A17

Título: Mantegna

Data: 05/06/2013

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



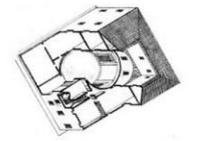
(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)

A18

Título: Mantegna

Data: 05/06/2013

Suporte: Digital

Outras informações:

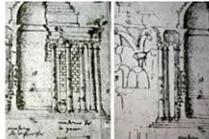


(1)

EQUILÍBRIO PROPORCIONAL E COMPOSITIVO

9 6 4 6 4 3
10 x 12 6 x 8 x 12
Mantegna em 1474 na decoração da capela.
"A proporção é a virtude principal da arquitectura e a fonte
exacta da beleza do edifício"

(2)



(3)



(4)



(5)



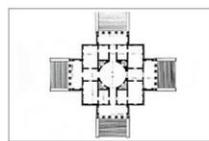
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)

(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)



(90)



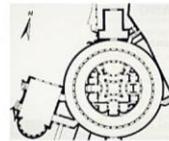
(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



(98)



(99)



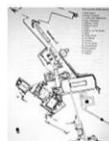
(100)



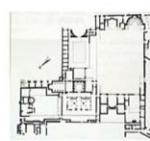
(101)



(102)



(103)



(104)



(105)



(106)



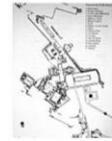
(107)



(108)



(109)



(110)



(111)



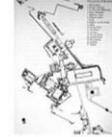
(112)



(113)



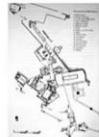
(114)



(115)



(116)



(117)



(118)



(119)



(120)



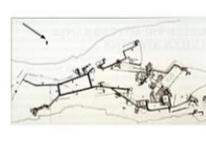
(121)



(122)



(123)



(124)



(125)



(126)



(127)



(128)



(129)



(130)



(131)



(132)



(133)



(134)



(135)



(136)



(137)



(138)



(139)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis locos.»
(Adriano)
(140)

A19

Título: Pavilhão de Barcelona

Data: 07/02/2014

Suporte: Digital

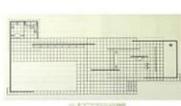
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)

A20

Título: 4 casas

Data: 28/02/2007

Suporte: Digital

Outras informações:



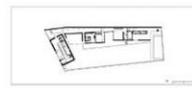
(1)



(2)



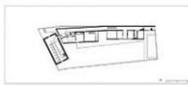
(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



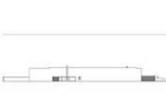
(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



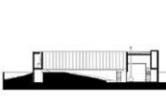
(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)



(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



(98)



(99)



(100)



(101)



(102)



(103)



(104)



(105)



(106)



(107)



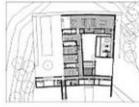
(108)



(109)



(110)



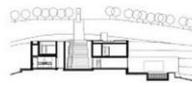
(111)



(112)



(113)



(114)



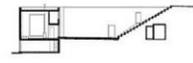
(115)



(116)



(117)



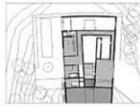
(118)



(119)



(120)



(121)



(122)



(123)



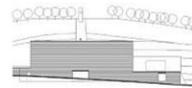
(124)



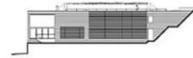
(125)



(126)



(127)



(128)



(129)



(130)



(131)

A21

Título: Villa Adriana

Data: 18/05/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



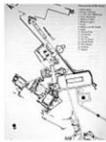
(8)



(9)



(10)



(11)



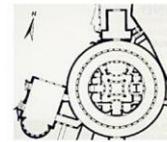
(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



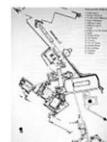
(21)



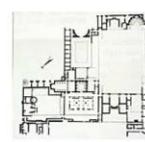
(22)



(23)



(24)



(26)



(27)



(28)



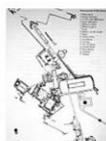
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



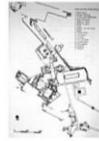
(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



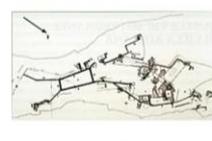
(43)



(44)



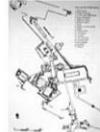
(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos.»
(Adriano)

(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)

A22

Título: Cidade

Data: 06/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



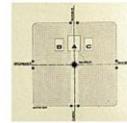
(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



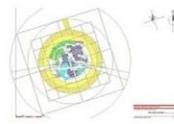
(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



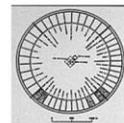
(26)



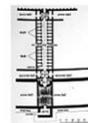
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



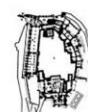
(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

Na rua do tempo
 Descalço,
 os pés sentem a medida dos tempos.
 Do mesmo modo que os pés sentem
 a espessura grãda das tijelas que vestem,
 de peso pedras à flor da terra,
 como mão usata delicadamente
 a flor da pele.
 Experimenta-te no sentimento do tempo,
 nas palavras de tantos pés que te beijam,
 como quem encontra a substância da palavra vestigial
 ...que foi milagre de fazer mundos.

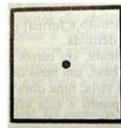
(45)



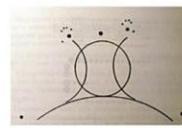
(46)



(47)



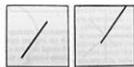
(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)

A23

Título: Cidade

Data: 13/10/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



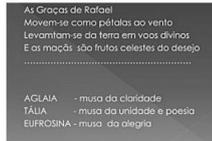
(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



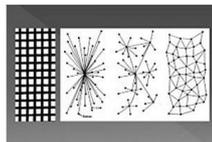
(6)



(7)



(8)



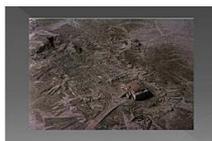
(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



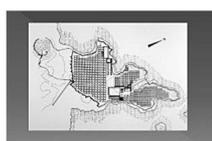
(21)



(22)



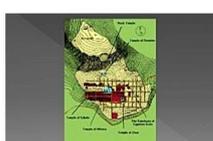
(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



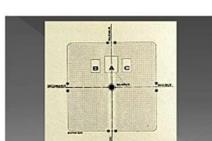
(29)



(30)



(31)



(32)



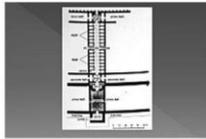
(33)



(34)



(35)



(36)



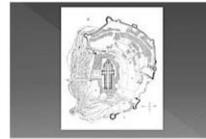
(37)



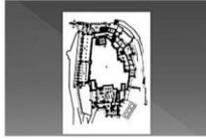
(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



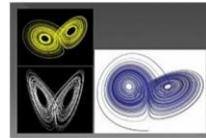
(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)

A24

Título: Cidade

Data: 14/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



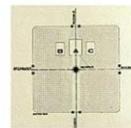
(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



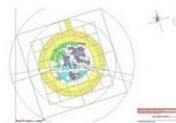
(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



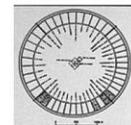
(26)



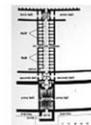
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



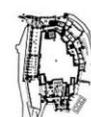
(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

Na rua do tempo
 Pousa-te os pés!
 Simbo-te a medida exacta das ancas,
 a espessura gorda dos ligam. que te vestem,
 pele polida à flor da terra,
 como mola usada delicadamente
 à flor da pele.
 Experimenta-te o sentimento do tempo,
 nas palavras do simbo pele que te balancem,
 como quem encontra a fortuna da palavra vestigial
 ...És milagre de sentir mundos.

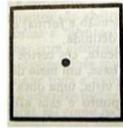
(45)



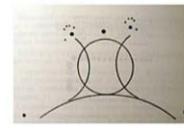
(46)



(47)



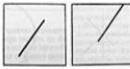
(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)

A25

Título: Cidade

Data: 20/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



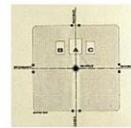
(11)



(12)



(13)



(14)



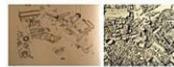
(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



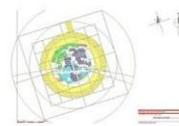
(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



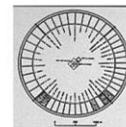
(26)



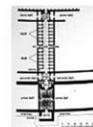
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



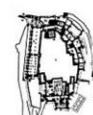
(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

Na rua do tempo
 Descalço,
 os pés sentem a medida das areias.
 Do mesmo modo que os pés sentem
 a espessura gorda das línguas que vestem,
 de péis polidos à for da terra,
 como não usada decaladamente
 à flor da pele.
 Experimenta-se no sentimento do tempo,
 nas palavras de tantos pés que se beijaram,
 como quem encontra a substância da palavra vestigial?
 ...que foi missão de fazer mundos.

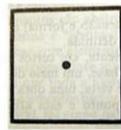
(45)



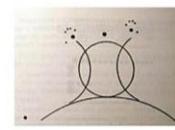
(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)

A26

Título: Cidade

Data: 20/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



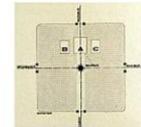
(2)



(3)



(4)



(5)



(6)

(7)



(8)



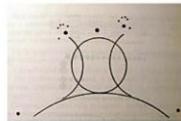
(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)

A27

Título: Cidade

Data: 20/10/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



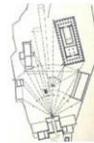
(5)



(6)



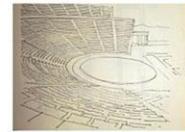
(7)



(8)



(9)



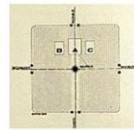
(10)



(11)



(12)



(13)



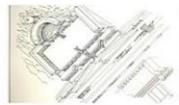
(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



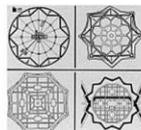
(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)

A28

Título: Cidade

Data: 25/11/2009

Suporte: Digital

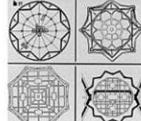
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)

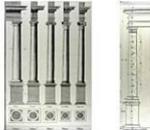
A29

Título: Módulo

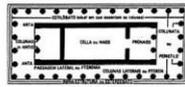
Data: 27/01/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



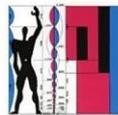
(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



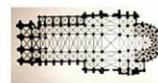
(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



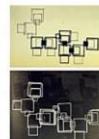
(31)



(32)



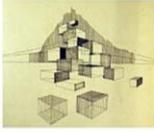
(33)



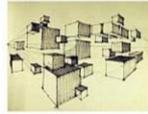
(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)

A30

Título: Módulo

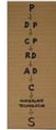
Data: 03/02/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



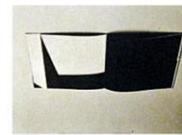
(6)



(7)



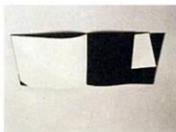
(8)



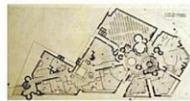
(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



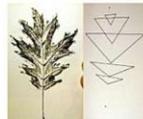
(20)



(21)



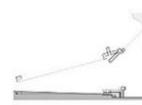
(22)



(23)



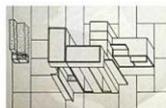
(24)



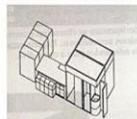
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



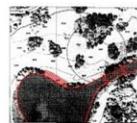
(30)



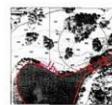
(31)



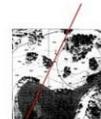
(32)



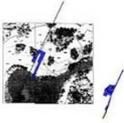
(33)



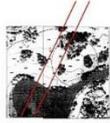
(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)

A31

Título: Módulo

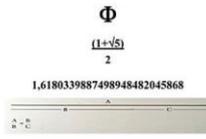
Data: 01/02/2012

Suporte: Digital

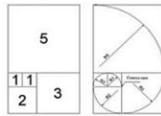
Outras informações:



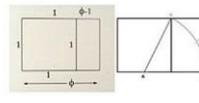
(1)



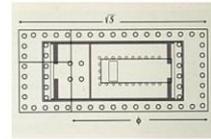
(2)



(3)



(4)



(5)



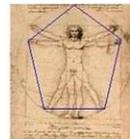
(6)



(7)



(8)



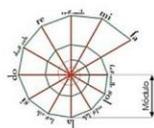
(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)

$$\lim_{n \rightarrow \infty} \left(1 + \frac{1}{n}\right)^n = e$$

(23)



CÁLCULO LOGARÍTIMO

(24)

A32

Título: Arquitetura e a água- Pavilhão de Barcelona

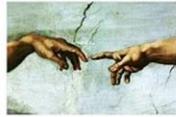
Data: 25/11/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



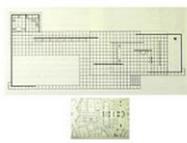
(23)



(24)



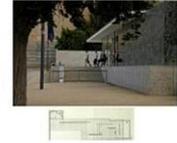
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

A33

Título: Arquitetura e a água- Pavilhão de Barcelona

Data: 02/12/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



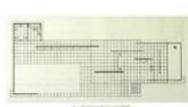
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)

A34

Título: Casa en una maleta - florets prats + bearth deplazes

Data: 21/04/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



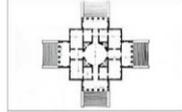
(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



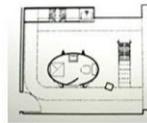
(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)

A35

Título: Mosteiro de Alcobaça

Data: 15/06/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



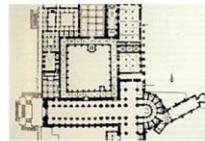
(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



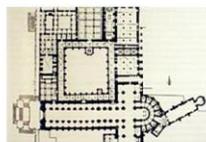
(14)



(15)



(16)



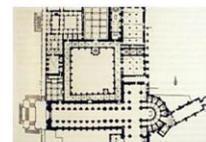
(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



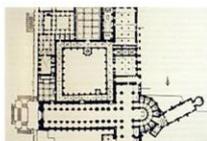
(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



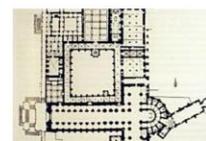
(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



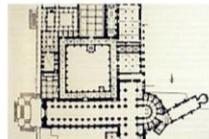
(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)

A36

Título: Relações-diálogo entre partes - Palladio - Mantegna - Villa Adriana

Data: 15/06/2011

Suporte: Digital

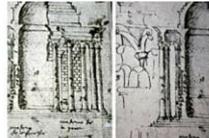
Outras informações:



(1)

EQUILÍBRIO PROPORCIONAL E COMPOSITIVO
9 6 4 6 4 3
100 x 60 640 x 420
"Una ballata in 3/4 si discorde in armonizzazione"
"a proporção é a unidade principal da arquitetura e a fonte
exata da balança do espaço"

(2)



(3)



(4)



(5)



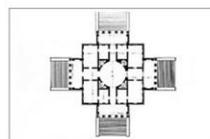
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



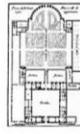
(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



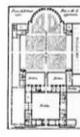
(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



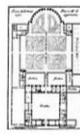
(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



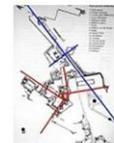
(87)



(88)



(89)



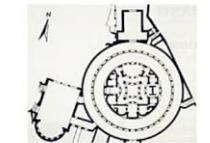
(90)



(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



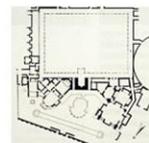
(97)



(98)



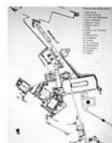
(99)



(100)



(101)



(102)



(103)



(104)



(105)



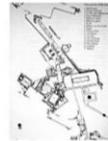
(106)



(107)



(108)



(109)



(110)



(111)



(112)



(113)



(114)



(115)



(116)



(117)



(118)



(119)



(120)



(121)



(122)



(123)



(124)



(125)



(126)



(127)



(128)



(129)



(130)



(131)



(132)



(133)



(134)



(135)



(136)



(137)



(138)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis locos.»
(Adriano)

(139)

Alma proposita forma e fronte
Miseranda e compunctura do corpo
Quae aggra vivens em lagrimas
Pallida, rida e desgracia
E rida te dá o plegrio como dantes.

(140)

A37

Título: Villa Adriana

Data: 19/05/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



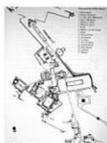
(8)



(9)



(10)



(11)



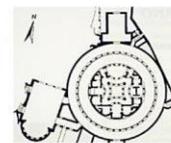
(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



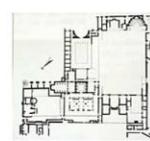
(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



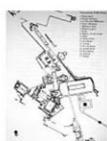
(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



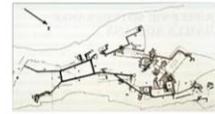
(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos.»

(Adriano)

(61)

A38

Título:

Data: 01/11/2011

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)

A39

Título:

Data: 01/11/2011

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



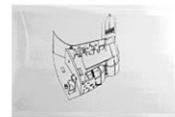
(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



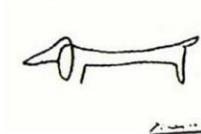
(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



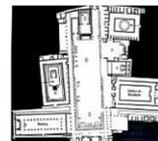
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)

A40

Título:

Data: 21/04/2010

Suporte: Digital

Outras informações



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



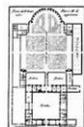
(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



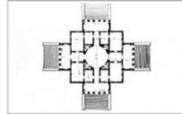
(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



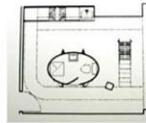
(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)

A41

Título: Sobre a cidade

Data: 19/10/2015

Suporte: Digital

Outras informações



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



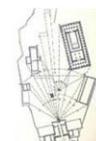
(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



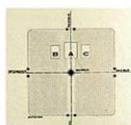
(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)

A42

Título:

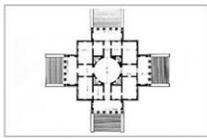
Data: 06/06/2012

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



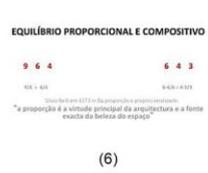
(3)



(4)



(5)



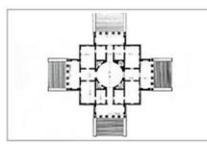
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



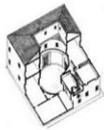
(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



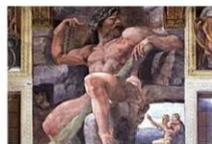
(59)



(60)



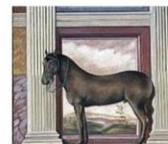
(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



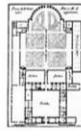
(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



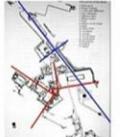
(77)



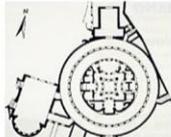
(78)



(79)



(80)



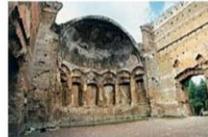
(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



(89)



(90)



(91)



(92)



(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



(98)



(99)



(100)



(101)

A43

Título:

Data: 14/01/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



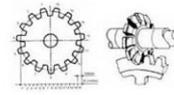
(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



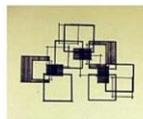
(14)



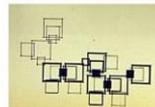
(15)



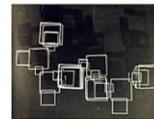
(16)



(17)



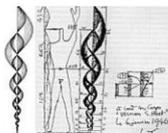
(18)



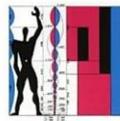
(19)



(20)



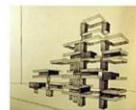
(21)



(22)



(23)



(24)



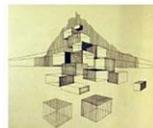
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

A44

Título:

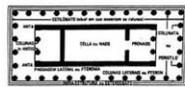
Data: 27/01/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



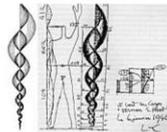
(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



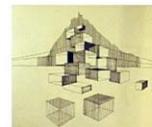
(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(27)

A45

Título: Composição- Relações- Diálogo

Data: 21/06/2015

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



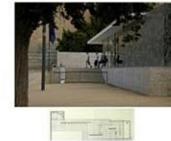
(12)



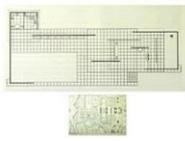
(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



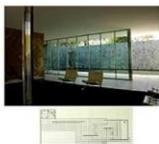
(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)

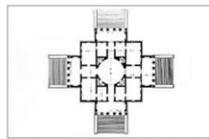
EQUILIBRIO PROPORCIONAL E COMPOSITIVO

9 6 4 6 4 3

96 x 63 63 x 43

Illegible text below the ratios.

(26)



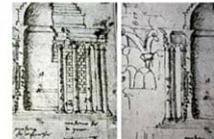
(27)



(28)



(29)



(30)



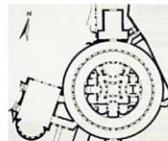
(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



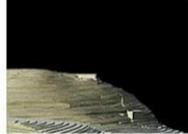
(39)



(40)



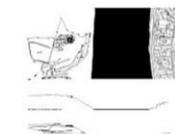
(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



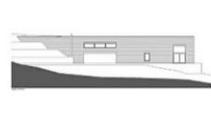
(48)



(49)



(50)



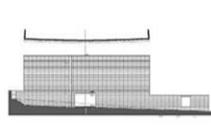
(51)



(52)



(53)



(54)



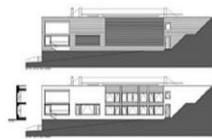
(55)



(56)



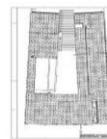
(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



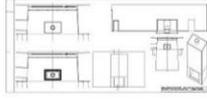
(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)



(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



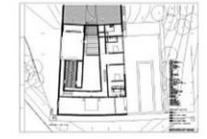
(86)



(87)



(88)



(89)



(90)



(91)



(92)



(93)



(94)

A46

Título:

Data: 02/12/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



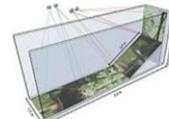
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



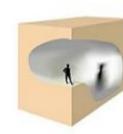
(17)



(18)



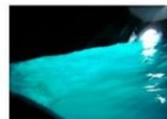
(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



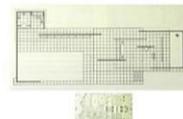
(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)

A47

Título:

Data: 14/01/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



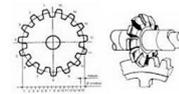
(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



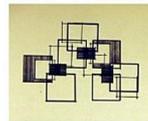
(14)



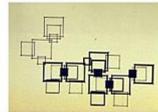
(15)



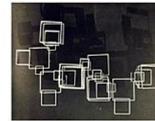
(16)



(17)



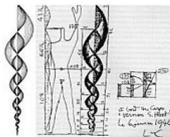
(18)



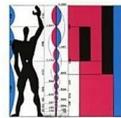
(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



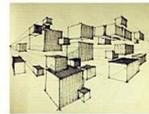
(24)



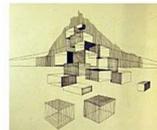
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



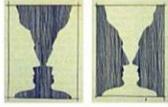
(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

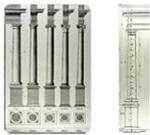
A48

Título:

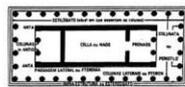
Data: 27/01/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



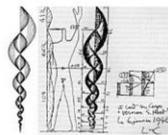
(4)



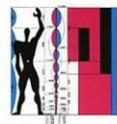
(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



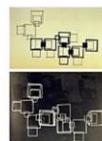
(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)

A49

Título:

Data: 30/01/2007

Suporte: Digital

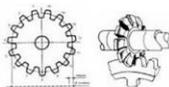
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



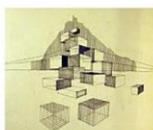
(9)



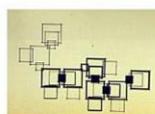
(10)



(11)



(12)



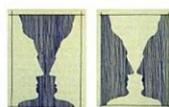
(13)



(14)



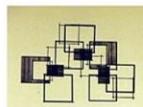
(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)

A50

Título:

Data: 25/11/2009

Suporte: Digital

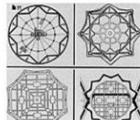
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)

A51

Título:

Data: 21/04/2010

Suporte: Digital

Outras informações:

A CASA DEVE SATISFAZER DUAS FUNÇÕES:
 ANTES DE TODO É UMA MÁQUINA PARA HABITAR, CAPAZ DE RESPONDER COM EFICIÊNCIA A NECESSIDADE E COMPROMISSO DO TRABALHADOR, UMA MÁQUINA DE DENTE E COTE, CAPAZ DE FAZER E TOMAR QUALQUER NECESSIDADE FÍSICA, CAPAZ DE GARANTIR O CONFORTO.
 MAS DEVE SER TAMBÉM UM LUGAR QUE FAVORIZE A INTROSPECÇÃO, SEJA UM LUGAR BELLO, OU SE POSSER ENCONTRE A TRANQUILIDADE PARA VIVER.

Le Corbusier



(1)

(2)

(3)

(4)

(5)



(6)

(7)

(8)

(9)

(10)



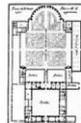
(11)

(12)

(13)

(14)

(15)



(16)

(17)

(18)

(19)

(20)



(21)

(22)

(23)

(24)

(25)



(26)

(27)

(28)

(29)

(30)



(31)

(32)

(33)

(34)

(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



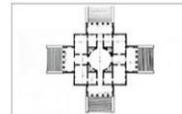
(66)



(67)



(68)



(69)



(70)

A52

Título:

Data: 25/11/2009

Suporte: Digital

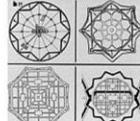
Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)

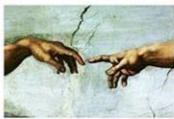
A53

Título:

Data: 02/12/2009

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



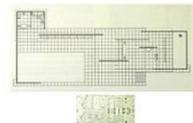
(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)

A54

Título: Villa Adriana

Data: 18/05/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



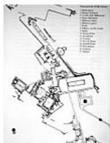
(8)



(9)



(10)



(11)



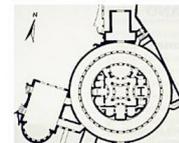
(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



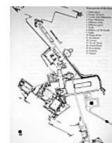
(21)



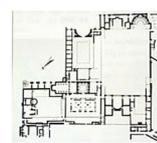
(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



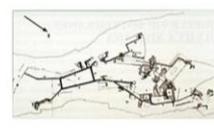
(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)



(60)

**«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos.»**

(Adriano)

(61)

A55

Título:

Data: 24/01/2008

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



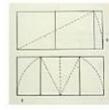
(5)



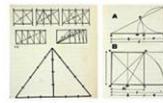
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



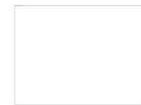
(17)



(18)



(19)



(20)

A56

Título:

Data: 06/10/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



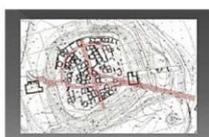
(13)



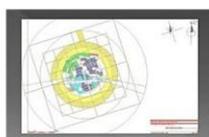
(14)



(15)



(16)



(17)



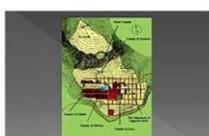
(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



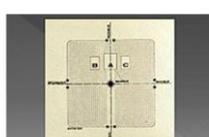
(25)



(26)



(27)



(28)



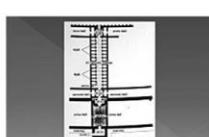
(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)

Ruas de Pompelo
 Foi descolado medonho até pouco de anos,
 do mesmo modo que antigamente,
 a rua de Vitoria de Pompelo,
 o mesmo grande espaço que nos vemos,
 de parte pública à rua de terra como muros,
 sendo exclusivamente à rua de terra.
 Equipamento em vida e pensamento do tempo,
 Os vestígios de terra que nos deixaram,
 Então quem encontra a submissão da guerra pública,
 É descolado a novo capacidade de fazer mundial.

A57

Título:

Data: 20/10/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



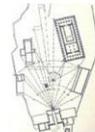
(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



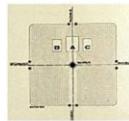
(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



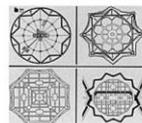
(24)



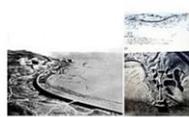
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)

A58

Título:

Data: 25/11/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



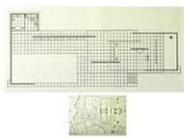
(23)



(24)



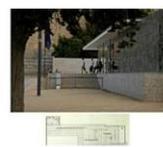
(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)

A59

Título:

Data: 15/06/2011

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)

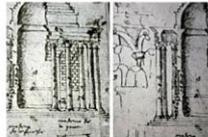
EQUILÍBRIO PROPORCIONAL E COMPOSITIVO

9 5 2 5 4 3

155 - 157 1640 - 1678

Qualidade em 1971 no decorrer do planejamento:
"a proporção é a virtude principal da arquitectura e a fonte exacta da beleza do espaço"

(2)



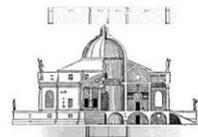
(3)



(4)



(5)



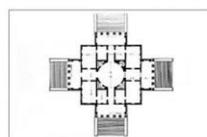
(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



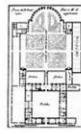
(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



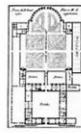
(56)



(57)



(58)



(59)



(60)



(61)



(62)



(63)



(64)



(65)



(66)



(67)



(68)



(69)



(70)



(71)



(72)



(73)



(74)



(75)



(76)



(77)



(78)



(79)



(80)

(81)



(82)



(83)



(84)



(85)



(86)



(87)



(88)



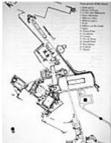
(89)



(90)



(91)



(92)



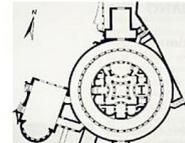
(93)



(94)



(95)



(96)



(97)



(98)



(99)



(100)



(101)



(102)



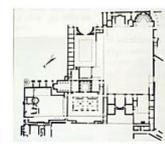
(103)



(104)



(105)



(106)



(107)



(108)



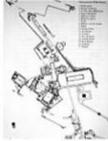
(109)



(110)



(111)



(112)



(113)



(114)



(115)



(116)



(117)



(118)



(119)



(120)



(121)



(122)



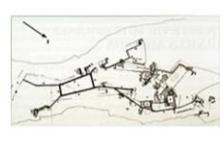
(123)



(124)



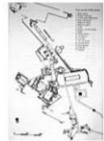
(125)



(126)



(127)



(128)



(129)



(130)



(131)



(132)



(133)



(134)



(135)



(136)



(137)



(138)



(139)



(140)



(141)

«Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc sibi in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis locos.»
(Adriano)

(142)

Altra propinqua tenax e arante
Mollis e corpore dila dila
Que agere sives con lugere
Pallida, rigida e nudula
E ille se sibi, la dabis locos dantes.
(Adriano)

(143)

A60

Título:

Data: 06/10/2010

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



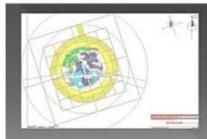
(14)



(15)



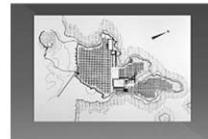
(16)



(17)



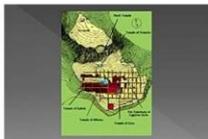
(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



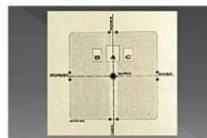
(25)



(26)



(27)



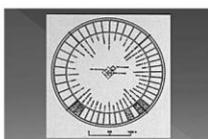
(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



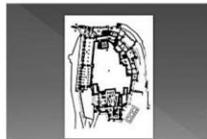
(34)



(35)



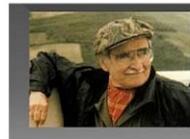
(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)



(54)



(55)



(56)



(57)



(58)



(59)

Rucas de Pompeia

No demostren maiori un ghibu de creier
 de la unu meiu de mileniu.
 A rucas de Pompeia,
 a rucas de Pompeia, a rucas de Pompeia,
 de pene ardele si nu de lae ca moze
 ardele mai caldamente si nu de lae.
 Raportamente lae unu a mileniu de lae,
 Cu verighe de lae pene, que nu se arde,
 pene, que nu se arde si a mileniu de lae.
 E oarecare a rucas de Pompeia.

A61

Título: Musac

Data: 02/12/2008

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)



(48)



(49)



(50)



(51)



(52)



(53)

A62

Título: Musac

Data: 02/12/2008

Suporte: Digital

Outras informações:



(1)



(2)



(3)



(4)



(5)



(6)



(7)



(8)



(9)



(10)



(11)



(12)



(13)



(14)



(15)



(16)



(17)



(18)



(19)



(20)



(21)



(22)



(23)



(24)



(25)



(26)



(27)



(28)



(29)



(30)



(31)



(32)



(33)



(34)



(35)



(36)



(37)



(38)



(39)



(40)



(41)



(42)



(43)



(44)



(45)



(46)



(47)

“Gostaria até de possuir a capacidade dos poetas para emprestar ao ar e ao vento, às pedras, ao mar e ao céu, palavras que explicassem melhor esta corporeidade que fala e grita e chora..., mas sinto e sei que a espacialidade do sítio, ou a sua corporeidade, que nos possui, é a condição absoluta da nossa consciência. (...) A identidade do homem constrói-se na inter-acção com o lugar.” 7



Cortesia Jorge Reis

Referências

Bibliográficas:

BOTELHO, Manuel - **O Corpo do Mundo**. Revista Dédalo nº3. Porto: AEFAUP, 2007.

BOTELHO, Manuel - **“Arquitectura Sacra” in Theologia, A Arte e a Igreja / Ruptura ou Comunhão?** / II série vol.XXX fasc.1, Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia, Braga, 1995.

BOTELHO, Manuel – **“Os Anos 40: A Estética da Ética e a Ética da Estética”**, rA: Revista de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Número 0. Porto: FAUP, 1987.

QUARONI, Ludovico - **Proyectar un edificio: ocho lecciones de arquitectura**: trad. Angel Sánchez Gijón, Xarait, Madrid, 1980.

Aulas e Conferências:

BOTELHO, Manuel. **“Sobre o Ser da Arquitectura”** in Ciclo de Aulas Abertas ‘Mapas e Diálogos na Arquitetura Contemporânea’ (org. Viegas, L, Cardoso, R. A.), FAUP, 19 de abril de 2017.

Sites:

https://sigarra.up.pt/faup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=69322

<https://arquivoatom.up.pt/index.php/fundacao-instituto-arquitecto-jose-marques-da-silva>

<https://www.lusitanum.org/>

https://www.arquitetura.uminho.pt/pt/_layouts/15/UMinho.PortaisUOEI.UI/Pages/EventsDetail.aspx?id=58837

Dissertações de mestrado:

REIS, Jorge Manuel – **Manuel Botelho: Casas** [texto polycopiado]. Porto [S.n.], 2018. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, realizada na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Trabalho efetuado sob a Orientação da Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro, e Co-orientadora: Professora Doutora Ana Sousa Brandão Alves Costa.

FONSECA, Rodrigo Maria Ferreira – **Contributos para o (re)conhecimento da obra de Manuel Botelho: Identificação, mapeamento e registo** [texto polycopiado]. Porto [S.n.], 2018. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, realizada na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Trabalho efetuado sob a Orientação do Professor Doutor Rui Américo Branco da Silva Cardoso, e Co-orientador: Professor Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas.

QUEIRÓS, Rute Flávia – **Dos ‘Mapas e Diálogo na Arquitetura Contemporânea’: Três Registos autoriais com Siza, Manuel Botelho e Souto Moura** [texto polycopiado]. Porto [S.n.], 2019. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, realizada na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Trabalho efetuado sob a Orientação do Professor Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas, e Co-orientador: Professor Doutor Rui Américo Branco da Silva Cardoso.

Lista e Créditos de imagens

- Figura 1** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 2/3/4/5/6/7/8/9** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figura 10** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 11/12** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 13/14** Cortesia de Luís Ferreira Alves, s/d
- Figuras 15/16/17/18** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figura 19** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 20/21** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 22/23** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figura 24** Fotografia do autor, 2021
- Figuras 25/26/27** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figura 28** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 29/30/31/32** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 33/34/35/36/37** Cortesia António Neves, s/d
- Figura 38** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 39** Cortesia de António Neves, 2021
- Figuras 40/41/42** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 43/44/45** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figura 46** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 47/48/49/50/51/52** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figuras 53/54** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 55/56/57/58/59/60/61/62/63/64** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 65** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 66/67/68/69/70/71/72/73** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 74** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 75/76/77/78/79/80/81/82** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 83** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 84/85/86/87/88/89/90/91/92/93** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 94** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 95/96/97/98/99/100/101/102** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 103** <https://www.google.pt/maps>
- Figuras 104/105** Cortesia Manuel de Botelho, s/d
- Figuras 106/107/108** Cortesia de Luís Ferreira Alves, s/d
- Figuras 109/110/111/112/113** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figuras 114/115/116/117/118** Cortesia de Duarte Belo, 2021
- Figuras 119/120** Cortesia de Manuel Botelho, s/d
- Figura 121** <https://www.google.pt/maps>

Figura 122 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 123 Cortesia de António Neves, s/d

Figura 124 Cortesia de Luís Ferreira Alves, s/d

Figuras 125/126/127/128/129 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 130 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 131/132 Cortesia Manuel Botelho, s/d

Figura 133 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 134/135/136/137/138/139/140 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 141 Cortesia de António Neves, s/d

Figuras 142/143 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 144 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 145/146 Fotografias do autor, 2021

Figura 147 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 148 Fotografia do autor, 2021

Figuras 149/150 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 151/152/153 Fotografias do autor, 2021

Figura 154 <https://www.google.pt/maps>

Figura 155 Cortesia de António Neves, 2021

Figuras 156/157/158/159/160/161/162/163/164/165/166/167/168/169 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 170/171/172/173/174/175/176/177/178 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 179 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 180/181/182/183/184/185/186 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 187/188/189/190/191 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 192 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 193/194 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 195/196/197/198/199/200 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 201 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 202/203 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 204/205/206/207/208/209 Fotografias do autor, 2021

Figura 210 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 211 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 212/213 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 214/215/216/217/218/219/220/221/222 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 223 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 224/225/226/227/228 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 229/230 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 231 Fotografia do autor, 2021

Figuras 232/233/234/235 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 236/237/238/239/240/241/242 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 243 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 244/245/246 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 247/248/249/250/251/252/253 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 254 Fotografia do autor, 2021

Figura 255 <https://www.google.pt/maps>

Figura 256 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 257 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 258 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 259/260/261/262/263/264/265/266 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 267/268/269/270/271/272 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 273 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figura 274 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 275 <https://www.google.pt/maps>

Figuras 276/277/278/279 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 280/281 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 282 Cortesia de António Neves, 2021

Figura 283 Cortesia de António Neves, 2021

Figura 284 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 285 Cortesia de António Neves, 2021

Figuras 286/287/288/289 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figura 290 Cortesia de Duarte Belo, 2021

Figuras 291/292/293/294/295/296/297/298/299 Cortesia de Manuel Botelho, s/d

Figuras 300/301/302/303/304/305/306/307/308/309/310/311/312/313/314/315/316/317/318/319/320/321/322/323/324/325/326/327/328/329/330/331/332/333/334/335/336/337 Cortesia de Duarte Belo, 2021